



Rodolfo Ward

ARTE E INOVAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

312

SENADO FEDERAL



EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

O projeto “Arte e Inovação em Tempos de Pandemia” iniciou-se como um projeto de *lives* em meio à pandemia da covid-19 e se expandiu para uma publicação com mais de quarenta autores de diversas áreas do conhecimento e das mais prestigiadas Instituições de Ensino Superior do mundo. Um espaço criado no ciberespaço, estruturalmente pensado de forma transdisciplinar e com caráter inclusivo. Tendo como objetivo agregar e gerar conhecimentos nas diversas áreas que compõem a heterogeneidade da nossa sociedade, principalmente a brasileira, eixo essencial e foco do trabalho. Todo processo é desvelado à luz de importantes conceitos teóricos nas esferas da Arte, do Direito, da Filosofia, da Cultura Tradicional, do Desenvolvimento Sustentável, da Cultura Digital, da Inovação e da Serendipidade.

EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

Publicada desde 2003, a série Edições do Senado Federal apresenta títulos de interesse público dos mais variados temas, tais como História, Literatura e Direito. Com mais de trezentos títulos, reúne autores de renome, a exemplo de Otto Maria Carpeaux, Luís Edmundo, Francisco Adolfo Varnhagen e Juscelino Kubitschek. As obras são editadas pelo Conselho Editorial do Senado Federal (CEDIT), órgão criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, com a finalidade de formular e implementar a política editorial do Senado Federal.

O Conselho Editorial recebe, para avaliação editorial e de mérito, propostas que estejam em consonância com as linhas editoriais de seu regimento interno.

O autor interessado em publicar por meio do Conselho Editorial deve encaminhar seu manuscrito acompanhado da proposta de publicação para: cedit@senado.leg.br.

Para mais informações, acesse: senado.leg.br/conselhoeditorial.asp

Arte e Inovação
em Tempos de
Pandemia

SENADO FEDERAL

Mesa

Biênio 2023/2024

Senador Rodrigo Pacheco

PRESIDENTE

Senador Veneziano Vital do Rêgo

1º VICE-PRESIDENTE

Senador Rodrigo Cunha

2º VICE-PRESIDENTE

Senador Rogério Carvalho

1º SECRETÁRIO

Senador Weverton

2º SECRETÁRIO

Senador Chico Rodrigues

3º SECRETÁRIO

Senador Styvenson Valentim

4º SECRETÁRIO

SUPLENTES DE SECRETÁRIO

Senadora Mara Gabrilli

Senador Dr. Hiran

Senadora Ivete da Silveira

Senador Mecias de Jesus

CONSELHO EDITORIAL

Senador Randolfe Rodrigues

PRESIDENTE

Esther Bemerguy de Albuquerque

VICE-PRESIDENTE

CONSELHEIROS

Alcinéa Cavalcante

Aldrin Moura de Figueiredo

Ana Luísa Escorel de Moraes

Ana Maria Martins Machado

Carlos Ricardo Cachiollo

Cid de Queiroz Benjamin

Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque

Eduardo Bueno

Elisa Lucinda dos Campos Gomes

Fabício Ferrão Araújo

Heloisa Starling

Ilana Feldman Marzochi

Ilana Trombka

João Batista Gomes Filho

Ladislau Dowbor

Márcia Abrahão Moura

Rita Gomes do Nascimento

Toni Carlos Pereira

Rodolfo Ward
Organizador

Arte e Inovação em Tempos de Pandemia

Edições do Senado Federal
vol. 312

Brasília, 2023

SENADO FEDERAL



EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL
VOL. 312

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país e também obras da história mundial.

Organização e Revisão: Cristiano Ferreira e SEGRAF

Editores eletrônicos: SEGRAF

Ilustração de capa: SEGRAF

Projeto gráfico: Eduardo Franco

© Senado Federal, 2023

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº

CEP 70165-900 — DF

cedit@senado.gov.br

<http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm>

Todos os direitos reservados

Ward, Rodolfo.

Arte e inovação em tempos de pandemia / Rodolfo Ward . — 1. ed.

— Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2023.

591 p. : il., fots., gravs. — (Edições do Senado Federal ; v. 312)

ISBN: 978-65-5676-379-8

1. Arte, inovação, coletânea. 2. Arte e educação, coletânea. 3. Arte e sociedade. 4. Música, ensino. 5. Teatro, ensino. 6. Arte indígena, Brasil. 7. Literatura e sociedade. 8. Covid-19, aspectos culturais. I. Título. II. Série.

CDD 700

Ficha catalográfica elaborada por Cláudia Coimbra Diniz - CRB-1 1179

In Memoriam

Das mais de 620 mil vítimas da COVID-19 no Brasil e dos seus familiares.

Da Professora do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares – Ceam/UnB e Professora Titular de Sociologia – SOL/UnB, Dra. Lourdes Bandeira, referência nos estudos sobre a mulher, que nos deixou seu último artigo nesta publicação (1949-2021).

Do brilhante Polímata e Artista Indígena Contemporâneo, Jaider Esbell. Referência na arte indígena e brasileira (1979-2021).

SUMÁRIO

PREFÁCIO	19
ARTE, CULTURA, CIÊNCIA E INOVAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: RECONHECER PARA RESISTIR	
<i>Viviane de Melo Resende</i>	
Referências	25
ARTE E INOVAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA	27
ART AND INNOVATION IN TIMES OF PANDEMIC	
<i>Rodolfo Ward</i>	
Referências	41
<hr/>	
SESSÃO 1 – ENTREVISTAS	43
O QUE HÁ DE REAL NO VIRTUAL?	45
<i>Ami Schiess e Romina Wainberg</i>	
ARTE, DIREITO E INOVAÇÃO EM MEIO A PANDEMIA	55
<i>José Geraldo</i>	
“ARTE COMPUTACIONAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA”	81
<i>Suzete Venturelli</i>	
“A IMPORTÂNCIA DA LIDERANÇA DA MULHER INDÍGENA EM MEIO À PANDEMIA”	91
<i>Avelin Buniacá Kambiá</i>	
OS DESAFIOS DO ENSINO DE ARTE NO CONTEXTO DA PANDEMIA	107
<i>Juliana Passos</i>	

FÓRUM DE EDUCAÇÃO MUSICAL E PANDEMIA <i>Maria Cristina de Carvalho Cascelli de Azevedo</i>	127
A CRISE COMO MOTIVADOR PARA AÇÕES CRIATIVAS NA EDUCAÇÃO MUSICAL <i>Antenor Ferreira Corrêa</i>	137
INOVAÇÃO E LIDERANÇA FEMININA: NOVOS DESAFIOS NA LUTA DOS POVOS INDÍGENAS <i>Célia Xakriabá</i>	143
IN MEMORIAM ARTE INDÍGENA: A ARTE CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA <i>Jaider Esbell</i>	163
O MOVIMENTO HIP HOP EM MEIO À PANDEMIA GOG	183
“A NOVA PROPOSTA DO ENSINO DO TEATRO” <i>Ingrid Koudela</i>	199
INCERTEZAS DA DEMOCRACIA: O ESPAÇO DA LIVRE EXPRESSÃO E DAS ARTES <i>Elimar Nascimento</i>	205
POESIA E ISOLAMENTO: NINGUÉM ESTÁ SÓ, QUANDO SE RECONHECE <i>Francisco Perna Filho</i>	227
<hr/> SESSÃO 2 – ENSAIOS VISUAIS	247
PREFÁCIO 2 TRISTES SONHOS, OU O INCONSCIENTE POLÍTICO DA PANDEMIA <i>Ian Erickson-Kery</i>	249

SOBRE UM MÓVEL DE CASA OU NATUREZA MORTA, TENDU, BONECAS E MÁSCARAS MÍDIA ÍNDIA	257
ARTE INDÍGENA CONTEMPORÂNEA <i>Jaider Esbell</i>	273
MITOS E LENDAS DO BRASIL EM CORDEL <i>Nireuda Logonbardi</i>	283
NARRATIVA VERBO-VISUAL PANDÊMICA <i>Luisa Gunther</i>	297
DIÁSPORA AFRICANA	309
O QUE O VENTO AINDA NÃO LEVOU <i>Susana Dobal</i>	315
FOTOGRAFIA, FANTASIA: IMAGINAÇÃO DOS EXTRAQUADROS <i>Duda Bentes</i>	323
NOVO MODERNISMO: COR E ESPIRITUALIDADE PÓS- HUMANA <i>Rodolfo Ward</i>	329
ARTE INDÍGENA CONTEMPORÂNEA <i>Daiara Tukano</i>	343
MÁSCARAS PARA RITUAIS DO MUNDO EM CRISE <i>Denilson Baniwa</i>	351
“DESGASTE” <i>Ester Cruz</i>	361

FOLCLORE AFROAMERINDIO E A VIDA COTIDIANA <i>Jackeline Romio</i>	367
LABFRONT	375
<hr/>	
SESSÃO 3 – ARTIGOS	381
PREFÁCIO 3 ARTIGOS <i>Walescka Pino-Ojeda, Universidade de Auckland, Nova Zelândia</i>	383
TRAJETÓRIAS CULTURAIS EM FLUXOS, LAÇOS E NÓS <i>Profa. Dra. Daniela Favaro Garrossini (Universidade de Brasília) e Prof. Dr. Gabriel Lyra Chaves (Universidade de Brasília)</i>	391
Reflexões sobre o contexto	392
Armazenamento, arquivo, acervo: a lógica de acúmulo e competição em contextos de escassez	393
A imagem tradicional: documental, estática, autoral	398
A e-Imagem: descentralizada, coletiva, conectada	400
Considerações prospectivas	403
Referências	405
PROSPECTIVA EM PERSPECTIVA: POR QUE PENSAR O FUTURO SE TORNOU AINDA MAIS URGENTE <i>Lidia Zuin</i>	407
Referências	419
IN MEMORIAM	421
CRIMES DE FEMINICÍDIO E A COVID-19: 2020 – UM ANO DE MÚLTIPLAS DORES <i>Dra. Lourdes M. Bandeira Profa. Titular do Depto. de Sociologia Universidade de Brasília-UnB</i>	
Resumo	421
Introdução	422

Por que as mulheres continuam sendo mortas com violência extrema?	427
Crimes de feminicídios: um continuum de violência com mortes anunciadas	434
Quando duas tragédias se encontram: desafios postos às políticas públicas	439
Referências	444
PANDEMIA E VINGANÇA	447
<i>Marco Antonio Valentim</i>	
Referências	455
INTERSECCIONALIDADE NAS AÇÕES DESCOLONIAIS DE MULHERES NEGRAS: NOTAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS	457
<i>Thânisia Marcella Alves Cruz e Renísia C. Garcia Filice</i>	
A interseccionalidade como metodologia de pesquisa para uma prática descolonial	460
1. Os encontros e reuniões de mulheres negras como pulsar científico	460
2. O ato de desconstruir a colonialidade e abandoná-la, na teoria e na prática	463
Algumas Considerações Finais...	467
Referências Bibliográficas	469
MEMES MACHISTAS EM TEMPOS DE COVID-19: SINTOMA DAS MASCULINIDADES ADOECIDAS*	473
<i>Valeska Zanello, Iara Flor Richwin e Felipe de Baére</i>	
Método	477
Resultados e discussão	478
Conclusões	483
Referências	485
ARTIGO 7	487
LEITURA CRÍTICA DO DISCURSO EM TEMPOS DE PANDEMIA	
<i>Viviane Vieira, Universidade de Brasília</i>	
Referências	493

CURADORIA E EXPOGRAFIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: A EXPOSIÇÃO “FACES DA PANDEMIA: MEMÓRIAS AFETIVAS”	495
<i>Denise Moraes Cavalcante (Professora Doutora em Comunicação Social pela FAC-UnB), Jéssica Mendes de Souza (Doutoranda em Biologia pelo IB-UnB), Arthur Cunha Muma (Graduando em Audiovisual pela FAC-UnB) e Rafael Cardim Bernardes (Graduado em Audiovisual pela FAC-UnB)</i>	
Referências	505
 A IMPORTÂNCIA DO NITCDT/UNB: CIÊNCIA, ÉTICA E INOVAÇÃO NA PANDEMIA DA COVID-19	507
<i>Autores: Tânia Cristina Cruz e Marileusa D. Chiarello</i>	
Ética, Ciência e Inovação	507
Da Ética	507
Ética nas organizações e na sociedade: a função social das universidades e da Ciência.	510
Ética, Tecnologia e Inovação	512
A importância do NITCDT/UnB: inovação com ética e desenvolvimento social	515
Considerações finais	521
Referências	523
 REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO PARA A INOVAÇÃO E O EMPREENDEDORISMO: CRIAÇÃO, FLEXIBILIDADE E AUTONOMIA COMO MOTORES DA TRANSFORMAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES CONTEMPORÂNEAS	527
<i>Autoras: Prof. Dra. Sônia Marise Salles Carvalho e Prof. Dra. Tânia Cristina Cruz</i>	
Palavras finais...	537
Referências	539
 PESQUISA E INOVAÇÃO NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA E OS PROJETOS DE COMBATE À PANDEMIA DE COVID-19	541
<i>Maria Emilia Machado Telles Walter (Decana do DPI), Cláudia Naves David Amorim (Diretora de Pesquisa/DPI e Presidente do Copei)</i>	

SESSÃO 4 – POESIA	549
NATALIA CASTRO PICÓN (PRINCETON UNIVERSITY)	551
Obras citadas	558
OSWALDO MONTENEGRO	559
“Se puder, envelheça”	559
Vento futuro	559
ELIANE POTIGUARA	561
Mulher	561
Ato de amor entre povos	562
ELIZANDRA SOUZA	567
Repouso do meu Ori	567
Renascimento	568
MÁRCIA KAMBEBÁ	569
Noites tristes	569
Ar para viver	570
ALINE ROCHEDO PACHAMAMA (CHURIAH PURI)	573
INHÃ UCHÔ	573
A terra dos Puri	573
Inhã Uchô	573
A MãeTiqueira	575
Tsatêh, o povo Puri é o guardião da floresta.	576
Povo Puri é tempo presente	576
<i>Aline Rochedo Pachamama (Churiah Puri)</i>	
<i>alinerochedopachamama@gmail.com</i>	
JULIE DORRICO	579
Covid-19	579

BENNY SCHVARBERG	581
O vírus da morte e o novo-velho normal da vida desigual: às vésperas da vacinação!	581
Avião ao lado da Carroça, diferentes lugares, na mesma metrópole, no mesmo tempo	582
KAKÁ WERÁ	585
O homem invisível	585
A Página	586
JULIE OLIVEIRA	587
Saudades	587
Baby	588
IZABEL CRISTINA SANTANA DO NASCIMENTO	589
Gênero/Categoria:	589
O ano dois mil e vinte mudou meu planejamento	589
Tema I – Depressão	591
CARLOS LIN	595
Carta-poema 1	595
Carta-poema 2	596
AUTORRETRATO PANDÊMICO	597
<i>Rodolfo Ward</i>	
Organizador:	599
Autores:	599
Apoio	616
Patrocínio	616



Department of Spanish and Portuguese
Languages and Cultures
353 East Pyne
Princeton, New Jersey 08544-5304
T 609.258.7180
F 609.258.7155

Parecer

Sinopse

A obra visa abarcar, como o próprio título indica, a arte e inovação em tempos de pandemia de uma perspectiva transdisciplinar e decolonial. Para tal, as vozes advêm de pesquisadoras e pesquisadores que, em muitos casos, representam distintos grupos identitários com formações e pesquisas em diversas áreas de conhecimentos. A obra foi pensada e está diretamente ligada a proposta do tempo em questão, de isolamento social, do livro virtual (e-book), por isso, sua forma lembra “os clássicos”, a “era dos polímatas”, que eram obras extensas, entretanto extremamente relevantes para seu tempo. A obra é composta por 4 seções, cada qual com um prefácio escrita por pesquisadores de prestigiosas universidades internacionais, separadas na seguinte ordem. A primeira sessão composta de 11 entrevistas (*lives*) mediada pelo proponente. A segunda seção é composta por 11 ensaios visuais. A terceira sessão é composta por 10 artigos, e, por fim a quarta sessão composta por 12 poetas.

Qualidade do Conteúdo

O projeto trata de Arte, Direito, Filosofia, Cultura Tradicional, Desenvolvimento Sustentável, Cultura Digital e Inovação. Recorre ao Decolonialismo e a transdisciplinaridade como eixos centrais para justificar os diversos formatos e enfoques que compõe a obra. Para tal são envolvidos(as), autores (as), pesquisadores(as), artistas e membros de comunidades tradicionais e da cultura popular. Percebe-se a relevância da Obra, a atualidade temática, a grande abrangência e seu vasto público alvo em potencial.

Atualidade do Tema

Vivemos a proposta. Ao abordar questões artísticas relacionadas aos indígenas, ao feminicídio, ao machismo, as tecnologias contemporâneas pode interagir com todas as pessoas.



Department of Spanish and Portuguese
Languages and Cultures
359 East Pyne
Princeton, New Jersey 08544-5204
T 609.258.7180
F 609.258.7155

Justificativa

"A liberdade humana vem do conhecimento dos afetos. Para isso é importante saber como produzir afetos. A partir dos entendimentos deleuziano e gattariano (1992) que uniu arte, ciência e filosofia em conjunto com outra vanguarda do conhecimento, à emergente implantação da cultura da inovação tem seu curso estabelecido com o surgimento da obra *Arte e Inovação em Tempos de Pandemia*. A inovação vem para solucionar os problemas complexos do mundo contemporâneo, criar ou recriar modelos de negócios para satisfazer uma necessidade humana que ainda não foi satisfeita. Segundo o Manual de Oslo, documento central e amplamente utilizado em políticas públicas de estímulo à inovação tecnológica, inovação é "a implementação de um produto (bem ou serviço) novo ou significativamente melhorado, ou um processo, ou um novo método de marketing, ou um novo método organizacional nas práticas de negócios, na organização do local de trabalho ou nas relações externas" (OCDE, 2005, p. 55)."

Atualmente, a sociedade não se interessa mais por produtos acadêmicos e tecnicistas que se limitam a um pequeno número de indivíduos visto como "elite do conhecimento". Esse distanciamento da academia com a sociedade é um dos fatores que contribui para a ascensão do obscurantismo da atualidade. Tal evento permeia a facilidade com que as fake news são absorvidas pela população brasileira. Vivemos, sim, tempos incertos e algo obscuro. Em tempos de avanço do negacionismo, este é um grande aprendizado para a sociedade brasileira: compreender a importância da Universidade, o lugar imprescindível da ciência, do conhecimento, do saber. A academia deve olhar para dentro e se inovar. Ser capaz de criar novos tipos de afeto. Vivemos a era da Cultura Digital em que o consumidor de informações é ao mesmo tempo produtor de conteúdo."

Muitas das línguas indígenas se perderam no tempo e foram extintas pois era uma cultura oral. Ou seja, aquele conhecimento não foi escrito. Era passada de geração para geração por meio da oralidade. Pela não publicação perdemos inúmeras culturas e línguas de povos indígenas. "O projeto "Arte e Inovação em Tempos de Pandemia" conversa com a



Department of Spanish and Portuguese
Languages and Cultures
353 East Pyne
Princeton, New Jersey 08544-3264
T 609.258.7180
F 609.258.7155

forma positiva proposta por Halbwachs (1986), que “reforçar a coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo”, denominada de “comunidade afetiva” e também com a vertente denominada “memória subterrânea” que, por meio da história oral¹, parte integrante das “culturas minoritárias e dominadas” se opõe à “memória oficial” e privilegia os excluídos, marginalizados e minorias.

Este projeto se originou em entrevistas audiovisuais que foram transcritas, ou seja, transpomos para a linguagem escrita uma memória transmitida pela oralidade. Há uma inversão sistêmica de memória subterrânea para “memória oficial”, “memória nacional”. Buscamos adentrar nas batalhas de narrativas, enquadramentos e reescritas da memória coletiva - tão em voga nas discussões contemporâneas - e contribuir para romper com signos e símbolos de uma memória elitista ligada à aristocracia que ainda oprime povos e raças.”

Abrangência

A abrangência é muito ampla. Esta se dá pela presença de vozes tão múltiplas somadas à temática que nos atravessa globalmente e ainda pelos formatos tão diversificados que são apresentados nas quatro sessões.

Tipo de público

Pessoas interessadas em artes, em docência, em “causas identitárias”, em tecnologias contemporâneas e em muitos outros temas.

¹ “A despeito da importante doutrinação ideológica, essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas.” (POLLACK, 1989, p. 6).



Department of Spanish and Portuguese
Languages and Cultures
359 East Pyne
Princeton, New Jersey 08544-5204
T 609.238.7180
F 609.238.7155

Conclusão

A Obra apresenta relevância, possui temática atual, grande abrangência e vasto público alvo em potencial. Foge dos padrões unicamente tecnicistas e academicistas que por vezes afastam a academia e a ciência da sociedade em geral e como é enfatizado pelo autor “é uma das consequências da ascensão do obscurantismo que vivemos atualmente”. Nosso parecer é favorável para a publicação.

A handwritten signature in black ink, appearing to read "Genman Labrador Mendez".

Genman Labrador Mendez,
Professor
labrador@princeton.edu

PREFÁCIO

ARTE, CULTURA, CIÊNCIA E INOVAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: RECONHECER PARA RESISTIR

Viviane de Melo Resende

Antes de dar o primeiro passo para a apresentação desta obra, quero expressar meu respeito à dor das famílias que sofreram perdas em decorrência da gestão desastrosa da pandemia da covid-19 no Brasil. Honro também as hoje mais de 560 mil pessoas vitimadas pela pandemia no país. Desejo que este livro seja entendido como um esforço de reconhecimento do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM/UnB) a esta dor.

O projeto “Arte e Inovação em Tempos de Pandemia” foi apresentado à Universidade de Brasília como projeto de extensão no âmbito do edital COPEI – “Comitê de Pesquisa, Inovação e Extensão de combate à Covid-19 da UnB”, em que foi aprovado. Passou assim a figurar no Portfólio de projetos da UnB voltados a temáticas vinculadas à pandemia nas diversas áreas do conhecimento, sob o título “Arte, design e tecnologia como antídoto nas questões de grave e cuidadoso interesse social como a pandemia”.

A ideia original do projeto e sua realização basearam-se na transdisciplinaridade própria ao Centro de Estudos Avançados Multidisciplina-

res, de onde parte para propor a produção de conteúdos audiovisuais por meio de lives com pesquisadoras, pesquisadores, artistas, lideranças de comunidades tradicionais e da cultura popular. Transcritas essas entrevistas, a que se somaram ensaios visuais, artigos e exercícios poéticos, o idealizador do projeto, o programador visual do CEAM Rodolfo Ward, entrega-nos o presente livro digital, por meio do qual busca disseminar o variado conhecimento produzido, realizando a tarefa primeira da Universidade de Brasília e do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, que é garantir a democratização do conhecimento no pilar ensino, pesquisa, extensão.

Neste volume, Ward nos fala de suas principais motivações para a proposição do projeto: integrar “arte, cultura, ciência, inovação” atentando para “a vanguarda do pensamento acadêmico”, incluindo o sopro descolonial que nos impulsiona a mudança de ares. Novamente expressão de vanguarda muito própria à história deste Centro que, cumprindo 35 anos de existência em 2021 – o primeiro centro interdisciplinar de estudos avançados do Brasil –, mantém seu fôlego e amplia seus horizontes. No contexto da pandemia da covid-19, somado às crises sanitária e política, mais que nunca precisamos tomar fôlego e sustentar o ar. Diante do negacionismo e da hipocrisia política que busca legitimar a necropolítica (MBEMBE, 2016), a universidade segue atuante e não esmorece. É necessária sua firmeza para seguir sendo resistência.

A história da formação do Estado brasileiro infelizmente inclui capítulos nefastos de genocídio, e não são capítulos curtos. De fato, o genocídio dos povos indígenas e o genocídio da escravização no país são continuados até os nossos dias, nas leis que dificultam ou impedem a demarcação de terras ancestrais dos povos originários e de comunidades quilombolas, no encarceramento em massa da juventude negra e nas chacinas em favelas. Nos jornais, notícias e mídias sociais no contexto da pandemia de covid-19 no Brasil, observamos as tentativas de silenciamento e negação da situação de incremento das disparidades sociais no país, com os efeitos mais perversos da pandemia sobre os grupos historicamente vulnerabilizados.

Já sabemos que a intrusão europeia no continente latino-americano se deu mediante genocídio. A terra que ficou chamada Brasil era habi-

tada por milhões de pessoas, e, segundo as historiadoras Lilia Schwarcz e Heloisa Starling (2015, p. 40), a falta de informação precisa deixar a estimativa do massacre sobre a população nativa na faixa ampla entre 25 e 95%. Estimativas da FUNAI e do IBGE apontam que a população indígena no território brasileiro em 1500, antes da invasão colonial portuguesa, era de aproximadamente três milhões de habitantes. No último censo do IBGE, em 2010, menos de 900 mil pessoas se autodeclararam indígenas no Brasil, em comunidades aldeadas ou em contextos urbanos. Segundo essa estimativa, até 2010, a população indígena havia sofrido uma redução de aproximadamente 70%.¹

O genocídio continuado da população indígena dá-se sob os auspícios das instituições, e se caracteriza como uma forma de racismo estrutural. O preconceito étnico, pautado na colonialidade, se ancora também no encontro entre os mitos de “democracia racial” e de superioridade europeia e branca, reafirmada pelas estruturas coloniais. Manifesta-se atualmente também na demora e recusa à demarcação de terras indígenas ancestrais, nos assassinatos frequentes em invasões por garimpo, exploração madeireira e grilagem, em processos de deslocamento e realocação. Agora, diante da pandemia de covid-19 e da política antiam biental do governo federal, o debate sobre o genocídio indígena amplia seu destaque internacional. Não nos orgulhamos dessa história ou do presente que lhe dá continuidade.

A história do Brasil também registra os longos séculos de escravização africana, sendo a escravização de seres humanos com motivações étnico-raciais característica das empreitadas colonialistas europeias. Foi na diáspora do Atlântico entre África e as Américas que esse processo se deu, com um vergonhoso destaque ao Brasil. Ancorado no racismo e na crença da superioridade europeia, guiado pela vontade de conquista e extermínio, justificado pela ciência moderna e pela igreja, e direcionado pela força de desumanização e violência, o longo período de escravização

1 Dados disponíveis em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9221-sintese-de-indicadores-sociais.html?edicao=30983&t=downloads>

nas Américas formou as bases do que seria o racismo estrutural que vivemos atualmente no Brasil (ALMEIDA, 2018).

Fanon, Gordon (2008, p. 15) explica que “racismo e colonialismo deveriam ser entendidos como modos socialmente gerados de ver o mundo e viver nele”. É claro que toda racialização dá-se em oposição, pois, no interior de um mesmo grupo, a ideia de raça não faz sentido. “Para entender como tais construções ocorrem, o caminho lógico é examinar a linguagem, na medida em que é por meio dela que criamos e vivenciamos os significados” (ibidem). O que é ser uma pessoa negra num determinado contexto depende das ideologias e atitudes vinculadas, e da oposição relacional a outra categoria racial – nesse caso, a raça branca, essa que não se expressa na linguagem como raça, pois é, desde o lugar da modernidade, tomada como universal. “A raça é uma atribuição de sentido sobre os corpos, ligada a um processo histórico de dominação, imposto pelo branco sobre outros grupos e resultando vantagens competitivas para o branco” (SCHUCMAN, 2020).

A população brasileira segue sofrendo as consequências dessa história de barbárie, que ecoa sua perversidade também no contexto pandêmico. Indicadores socioeconômicos apontam severas disparidades entre grupos raciais no país. As diversas faces e dimensões da desigualdade racial tornam a população negra no Brasil, sem dúvida, mais vulnerável à contaminação e menos capaz de acessar serviços médicos. Uma manifestação emblemática dessa desigualdade é o fato de a primeira morte por covid-19 registrada no país ter sido de uma trabalhadora doméstica negra (profissão que exercia desde os 13 anos), contaminada por seus empregadores, que voltavam de uma viagem à Europa.

No que diz respeito à pandemia da covid-19, as desigualdades no Brasil, especialmente de raça, classe e gênero, se interseccionam em diversas dimensões com a crise sanitária. Todos os aspectos e dimensões de vulnerabilidades sociais tornam a pandemia mais difícil, desde o acesso à saúde, aos leitos de hospital, aos remédios; passando pela possibilidade de trabalho remoto, pela questão de emprego (41,6% dos trabalhadores no Brasil são informais, sendo a maioria pessoas pouco escolarizadas, pretas e pardas), pela insegurança alimentar e a fome

(seis em cada 10 famílias brasileiras enfrentam hoje a insegurança alimentar)².

Isso leva à interseção mais pungente entre covid-19 e pobreza: o isolamento, a maneira mais efetiva de evitar a contaminação pelo vírus, é um privilégio. O confinamento por si só é um conceito burguês (ESMILI, 2020). Além disso, muitas pessoas que se encontram sem fonte de renda, por serem trabalhadoras informais ou estarem desempregadas, e que não têm reservas financeiras, não têm a possibilidade de ficarem isoladas, mesmo que tenham moradia. A relação entre mortalidade por covid-19, raça e classe foi estudada pelo Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde (NOIS), liderado pelo Departamento de Engenharia Industrial do Centro Técnico Científico da PUC-Rio, que apontou para a doença uma taxa de mortalidade maior entre pessoas negras e pobres; inversamente proporcional ao grau de escolaridade e diretamente impactada pelo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)³. Apesar disso, até março de 2021, o Brasil registrou duas vezes mais pessoas brancas vacinadas do que negras. Por isso, neste lugar que ocupamos na Academia, para falar de pandemia e vulnerabilizações, precisamos, em primeiro lugar, reconhecer os nossos muitos e sobrepostos privilégios. Somente esse reconhecimento pode nos colocar nas condições de engajamento necessárias para sermos vozes relevantes na resistência.

É preciso estar bem para resistir: a resistência não se faz sem alegria, sem poesia, sem arte. A resistência nesses nossos territórios foi sempre luta e dança, coro e riso, roda de samba e de capoeira.⁴ Por isso, apesar do presente que assombra, cantamos. Resistir com alegria é o contrário de curvar-se a um presente que assusta. Tampouco diante das ameaças às

2 Dados disponíveis em: https://www.lai.fu-berlin.de/pt/forschung/food-for-justice/publications1/Publikationsliste_Working-Paper-Series/Working-Paper-4/index.html

3 Dados disponíveis em: <https://www.ctc.puc-rio.br/diferencas-sociais-confirmam-que-pretos-e-pardos-morrem-mais-de-covid-19-do-que-brancos-segundo-nt11-do-nois/>

4 Dados disponíveis em: <https://apublica.org/2021/03/brasil-registra-duas-vezes-mais-pessoas-brancas-vacinadas-que-negras/>

universidades, às pesquisas e às pesquisadoras nos curvamos. Resistimos trabalhando, e, porque fazemos isso juntas, somos fortes.

É preciso então, apesar de tudo e por tudo, celebrar essa força, celebrar a nossa capacidade de ser e estar aqui. Por pesado que seja o presente, não nos engana o discurso do fim da história: sabemos que, por doloroso que seja o hoje, tem de ser no presente a construção de futuros. E nossa universidade sempre foi vanguarda em movimentos de resistência; agora não será diferente.

Desejo que a leitura deste volume seja inspiradora, que os diálogos vários que aqui se reúnem sejam, mais que nada, potências de futuro.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. *O que é racismo estrutural*. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ESMILI, Hamza. [Entrevista] Coronavírus: confinamento é um luxo inviável para os mais pobres, afirma sociólogo francês. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52270073>
- FANON, Frantz. *Pele negra máscaras brancas*. Salvador: UFBA, 2008.
- GORDON, Lewis. Prefácio a Frantz Fanon, em *Pele negra máscaras brancas*. Salvador: UFBA, 2008.
- MBEMBE, Achilles. (2016). Necropolítica. *Arte & Ensaios*. V. 32, pp. 123-51.
- SCHUCMAN, Lia Vainer. Participação no podcast de Fernanda Mena “Branquitude e o racismo estrutural”. São Paulo: Folha de S. Paulo e Instituto Conectas, 2020. <https://folha.com/jdi9cayv>
- SCHWARCZ, Lilian; STARLING, Heloisa. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Brasília, 7 de agosto de 2021.

Viviane de Melo Resende

Diretora do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares – CEAM/UnB. Doutora em Linguística (Linguagem e Sociedade) pela Universidade de Brasília (UnB), Viviane Resende é professora associada do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP/UnB). É pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UnB), orientando na área de Linguagem e Sociedade, especificamente em Estudos Críticos do Discurso. Coordenadora do Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade (NELiS/Ceam/UnB) e do Laboratório de Estudos Críticos do Discurso (LabEC/UnB).

ARTE E INOVAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

ART AND INNOVATION IN TIMES OF PANDEMIC

RESUMO

O projeto *Arte e Inovação em Tempos de Pandemia* iniciou-se como um projeto de lives em meio a pandemia da covid-19 e se expandiu para uma publicação com mais de quarenta autores de diversas áreas do conhecimento e das mais prestigiadas Instituições de Ensino Superior do mundo. Um espaço criado no ciberespaço, estruturalmente pensado de forma transdisciplinar e com caráter inclusivo. Tendo como objetivo agregar e gerar conhecimentos nas diversas áreas que compõem a heterogeneidade da nossa sociedade, principalmente a brasileira, eixo essencial e foco do trabalho. Todo processo é desvelado à luz de importantes conceitos teóricos nas esferas da Arte, do Direito, da Filosofia, da Cultura Tradicional, do Desenvolvimento Sustentável, da Cultura Digital, da Inovação e da Serendipidade.

ABSTRACT

The *Art and Innovation in Times of Pandemic* this project started as a life project in the midst of the covid-19 pandemic and has expanded to a publication with more than forty authors from different fields of

knowledge and from the most prestigious higher education institutions in the world. A space created in cyberspace, structurally designed in a transdisciplinary way and with an inclusive character. Aiming to aggregate and generate knowledge in the different areas that make up the heterogeneity of our society, mainly the Brazilian, essential axis and focus of the work. The whole process is unveiled in the light of important theoretical concepts in the spheres of Art, Law, Philosophy, Traditional Culture, Sustainable Development, Digital Culture, Innovation and Serendipity.

Este espaço de pesquisa só foi possível graças a mobilização colaborativa e afetiva da rede Media Lab/BR⁵, da Universidade de Brasília – UnB, e do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares – CEAM/UnB⁶. A Universidade assumiu seu papel histórico de vanguarda dentre as Instituições de Ensino Superior do Brasil, articulando se e agindo de forma célere em combate à pandemia. Foram lançados editais de fomento para que técnicos e professores pudessem desenvolver pesquisas e ações contra o avanço exponencial do vírus. Este foi um dos projetos contemplados no Edital COPEI – DPI/DEX/UnB – Apoio à execução de projetos de pesquisas científicas, tecnológicas, de inovação e de extensão de combate à covid-19. O projeto também foi aprovado em Edital da Lei Aldir Blanc Gran Circular, da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal (SECEC-DF) e Lei Aldir Blanc da Agência do Desenvolvimento do Turismo, Cultura e Economia Criativa do Tocantins (Adetuc). Após essa etapa de apro-

-
- 5 O Media Lab / BR é uma rede de laboratórios composta por - UnB, PUC-SP, Anhembi Morumbi, Instituto Mauá, UFG e UNIFESSPA. A rede Media Lab / BR se dedica à pesquisa, ao desenvolvimento e à inovação em mídias interativas, com forte atuação cultural, social e artística, gerando impacto de desenvolvimento humano e científico.
 - 6 São 34 Núcleos Temáticos que compõem cinco Eixos Estratégicos que transversalizam projetos e ações estruturados por meio de linhas de pesquisa e atividade de ensino e extensão. Eixo de estudos em Direitos Humanos, Eixo de estudos em Políticas Públicas, Eixo de estudos em Contextos Regionais e Internacionais, Eixo de estudos em Linguagem, Comunicação, Cultura e Arte.

vação, o projeto foi apresentado ao colegiado do CEAM e aprovado por unanimidade, assim como foi aprovado pelo Media Lab/BR para realização das lives nas suas plataformas de redes sociais, Instagram e YouTube.

Devido ao rápido avanço da covid-19 em solo brasileiro, as pessoas ficaram mais em casa. A partir dessa condição de isolamento social, foi pensado um produto cultural que chegasse aos lares das pessoas e amenizasse a dor do isolamento, trouxesse conforto, esperança, conhecimento, novas formas de pensar e reflexões acerca da nossa própria existência neste mundo, tendo como essência a cultura brasileira. Um produto que integrasse arte, cultura, ciência, inovação e estivesse ligado à vanguarda do pensamento acadêmico, o descolonialismo⁷, o qual vem ganhando força mundialmente. Dentro desse pensamento, na fase das lives, foram produzidos conteúdos audiovisuais por meio de transmissões ao vivo com pesquisadores, artistas, membros de comunidades tradicionais e da cultura popular. Este projeto priorizou a geração, disseminação e democratização de conteúdo e conhecimento transdisciplinar para a sociedade de modo geral, contribuindo também para a promoção integral desses saberes. Foram realizadas 12 lives nas plataformas de redes sociais, Instagram e Youtube do Media Lab/BR.

O projeto agora se transforma em livro e busca, além de tudo, servir de material de referência histórica para futuras pesquisas sobre essa época turbulenta que vivemos. A heterogeneidade das temáticas visa a

7 O descolonialismo que utilizamos nesta pesquisa é o descolonialismo antropofágico. Nós não renegamos os conhecimentos, saberes, arte, filosofia, ciência europeia e/ou norte americana. Entendemos que tanto o colonialismo quanto o descolonialismo são estruturas de poder que atuam diretamente nas normas, regras, leis, cultura, arte, filosofia direcionando sociedades por meio da criação de metanarrativas de vida e novas realidades que devem ser seguidas. Não nos interessamos em citar autores(as) que estão falando a mesma coisa que já foi dita apenas por que ele(a) é de país do “Sul”. Queremos criar o novo. Então, como analista, uni essas duas vertentes aos saberes e ciência dos povos tradicionais, colocando ambas no mesmo patamar, em pé de igualdade, criando convergência entre os múltiplos conhecimentos, saberes, cultura, arte, tecnologia e filosofia para se criar o novo. Nós devoramos ambas para contribuir com a construção da cultura brasileira, da nova escola sul-americana.

contribuir para um melhor entendimento conjuntural da nossa sociedade e do povo brasileiro no futuro. Este livro, este documento que se torna monumento, pretende contribuir para que no futuro possamos responder questões hoje impensadas. Para essa publicação, foram convidados(as) autores(as) de áreas diversas que somaram ao projeto inicial de lives qualidade artística e conhecimento transdisciplinar, modificando completamente o projeto inicial.

O projeto Arte e Inovação em Tempos de Pandemia conversa com a forma positiva proposta por Halbwachs (1986): “reforçar a coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo”, denominada de “comunidade afetiva” e também com a vertente denominada “memória subterrânea” que, por meio da história oral⁸, parte integrante das “culturas minoritárias e dominadas”⁹ se opõe à “memória oficial” e privilegia os excluídos, marginalizados e minorias.

Este projeto se originou de entrevistas audiovisuais que foram transcritas, ou seja, transpostas para a linguagem escrita, e que representam uma memória transmitida pela oralidade. Há uma inversão sistêmica, de memória subterrânea para “memória oficial”, “memória nacional”. Buscamos adentrar nas batalhas de narrativas, enquadramentos e reescritas da memória coletiva tão em voga nas discussões contemporâneas

8 “A despeito da importante doutrinação ideológica, essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não por meio de publicações, permanecem vivas.” (POLLACK, 1989, p. 6).

9 “Por volta da década de 1840, a Europa havia se lançado na política de ocupação colonial da África e da Ásia e, por conta da necessidade de conhecer e entender o “outro”, surgiram novos ramos das ciências sociais: a etnologia e a antropologia social” (...) “Durante muito tempo, a antropologia utilizou a fotografia para a vigilância e a estigmatização “do selvagem e do exótico enquanto Outro”. Para Bittencourt (1994, p. 226), esse meio de vigilância estabeleceu um regime de verdade específico e construiu estereótipos que posicionaram o “Outro em relação a uma noção de Nós de seus produtores” de imagens. Criaram-se imagens exóticas de pessoas e lugares até então desconhecidos para a sociedade que não eram somente imagens, mas também a criação mesma do imaginário daqueles povos e lugares.” (WARD, 2021, p. 112-113). Neste projeto buscamos conhecer a história e romper com a desigualdade colonial.

e contribuir para romper com signos e símbolos de uma memória elitista ligada a aristocracia que continuamente oprime povos e raças.

Como a obra coletiva cresceu bastante, ela foi subdividida em quatro seções. Então, convidei pessoas de universidades internacionais de diferentes países com um duplo intuito: dar visibilidade internacional para os autores e trazer mais pessoas para a obra e, assim, fazê-la entrar em círculos diversos. Nessa fase, convidamos prefaciadores estrangeiros que se interessassem pela cultura latino-americana, em específico, brasileira, para que os autores pudessem ter mobilidade internacional em suas obras e o livro ganhasse maior visibilidade e alcance.

A obra *Arte e Inovação em Tempos de Pandemia* é um bloco de sensações e sentimentos que, no primeiro momento, não pode ser dividido. A potência dela está aí. E por isso atraiu tantas pessoas interessantes. Estamos inovando, todo o projeto é fundamentado na cultura da inovação, na necessidade de se criar novas formas de pensar, novos produtos culturais e novas realidades. Está além do pensamento científico e adentra o artístico e filosófico.

Para Deleuze e Guattari (1992) a filosofia inventa conceitos para resolver problemas relativos a acontecimentos da vida. Por esse viés, entendemos que os conceitos são imanentes e devem ser criados para cada acontecimento específico. Os autores explicam que “a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos”, sendo necessário determinar “uma hora, uma ocasião, circunstâncias, paisagens e personagens, condições e incógnitas da questão” (p. 10) do acontecimento que pretendemos solucionar.

Para que os conceitos sejam formulados com potência e possam ser assimilados pelos “outros”, é necessário compor um cenário de formulação filosófica. Dentro desse cenário, deve-se criar diálogos com personagens conceituais que irão proporcionar a evolução e a consistência do conceito. A composição do cenário e os componentes do cenário são importantes, uma vez que cada corpo possui capacidade singular de afetar outro corpo em um determinado momento. O momento de pandemia é um momento único que traz reflexões únicas. Neste momento único, convidamos pessoas distintas de áreas diversas para nos ajudar a conceituar transdisciplinarmente neste período histórico.

Deleuze e Guattari (1992) dizem que é necessário criar uma espécie de teatralização sobre o acontecimento para a criação do conceito e não apenas aceitar passivamente conceitos milagrosos.

“os filósofos não devem mais contentar-se em aceitar os conceitos que lhes são dados, para somente limpá-los e fazê-los reluzir, mas é necessário que eles comecem por fabricá-los, ont-los, ontem-los, persuadindo Sobre a relação da amizade com a possibilidade de pensar, no mundo moderno, os homens a utilizá-los. Até o presente momento, tudo somado, cada um tinha confiança em seus conceitos, como num dote miraculoso vindo de algum mundo igualmente miraculoso” (NIETZSCHE apud DELEUZE, GUATTARI, 2010, p. 11-12)

Os personagens conceituais aos quais os autores se referem seriam criações imagéticas de “amigos”, no plano imaginário, aos quais confidenciáramos e confiaríamos nossas ideias e pensamentos, contudo, sempre desconfiando desse suposto amigo para mantermos nossa liberdade criativa, de pensamento e de análise. Outra possibilidade de formulação filosófica seria a confrontação de determinado problema com um suposto inimigo, como um desafio, que instigue a evolução ou mutação e potencialize a formulação filosófica de conceitos. Sob esse prisma, Deleuze e Guattari (1992) afirmam que o filósofo “é conceito em potência” (p. 13).

Se o filósofo é conceito em potência e o conceito é imanente ao ser, podemos chegar à conclusão de que cada indivíduo é capaz de criar seu próprio conceito. Por essa lógica, entendemos que não existe um conceito único, universal. Também podemos afirmar que os conceitos são formados por múltiplos componentes, sendo o momento um deles. Os múltiplos componentes se unem em um determinado momento para criar uma experiência que irá afetar cada corpo de uma forma diferente. Como resultado de cada uma dessas novas experiências, novas sensações, novos mundos são criados.

Por meio da análise do pensamento dos autores, chegamos à conclusão de que a realidade possui vários níveis e é múltipla e complexa, que, por sua vez, cria um mundo múltiplo e complexo. E a “ideia de

que o conceito é questão de articulação, corte e superposição” (p. 27) do emaranhado de conhecimentos e ideias que formam a realidade. Com esse pensamento complexo que se forma e movimenta rizomaticamente, Deleuze e Guattari (1992) rompem com a analogia da árvore do conhecimento do século XVII, de Descartes. A famosa imagem da árvore do conhecimento é composta por raízes que representam o pensamento metafísico, o tronco da filosofia e a partir dele as ramificações dos saberes em suas várias ciências.

Deleuze e Guattari (1992) distinguem de forma clara, ao mesmo tempo em que colocam no mesmo nível os três tipos de pensamentos: o artístico, o filosófico e o científico. Para os autores, o pensamento filosófico é diferente do pensamento artístico, que, por sua vez, é diferente do pensamento científico. Essa última forma de pensamento cria funções científicas. O pensamento filosófico cria conceitos existenciais para emancipar o indivíduo sobre os diversos problemas relacionados a vida e o pensamento artístico cria pensamento por meio de um bloco de sensações, um composto de “perceptos e afectos” que após criados passam a existir em si mesmos. Os afectos são precisamente devires não humanos do homem e os perceptos são paisagens não humanas da natureza. Torna o observador parte do composto de sensações.

Os perceptos e afectos após criados deixam de ser percepções ou sentimentos, pois evoluem e se tornam independentes dos componentes (artista, modelo, personagem, criador, espectador, auditor) e do momento em que foram criados. Para sua criação, é necessário o artista. Entretanto, sua sobrevivência não está mais ligada a este e sim à duração do seu suporte e materiais constitutivos. A única lei da criação é que o composto de afectos e perceptos deve ficar em pé sozinho para que se eternize.

É de toda a arte que seria preciso dizer: o artista é mostrador de afectos, inventor de afectos, criador de afectos, em relação com os perceptos ou as visões que nos dá. Não é somente em sua obra que ele os cria, ele os dá para nós e nos faz transformarmos com eles, ele nos apanha no composto. (p. 227)

O nosso corpo sofre modificações a partir de encontros com outros corpos que se tornam impressões ou imagens chamadas de afectos. Para os autores, a mente está unida ao corpo. Um grande erro que cometemos é associar a imagem da alegria à imagem do corpo que nos afetou. Pois, como vimos, cada momento e cada experiência são diferentes. Afeto é a variação da nossa potência de agir e pode ser mais potente, que seria a felicidade, e menos potente, que seria a tristeza. Um corpo pode afetar de forma mais potente em um determinado momento e menos potente em outro momento.

Afeto é o que afeta, é o que move o ser humano. O desejo, a alegria, a tristeza e suas várias ramificações como a inveja, a soberba, o amor, a paixão. Por meio da experimentação de corpos, podemos conhecer diferentes tipos de afetos. O pensamento artístico consegue transformar as percepções em *perceptos* que criam afectos e se eternizam. A arte libera a vida aprisionada, quebra o hábito, propõe novas composições de afetos para o corpo e para a mente que passam a se sentir de outro jeito, liberta uma vida entristecida ou pode entristecer uma vida alegre. O artista na contemporaneidade tem buscado novas formas, vertentes tecnológicas, para produzir diferentes afetos.

A criação artística possui a capacidade de criar um bloco de sensações e afetar o outro produzindo um momento que se conserva e passa a existir em si mesmo, de forma independente. É esse pensamento que nos interessa na criação da obra *Arte e Inovação em Tempos de Pandemia*. A arte é o que resiste à morte. Ao unir elementos artísticos com elementos filosóficos, Deleuze e Guattari (1992) propõem um novo olhar e novas possibilidades para criação de conceitos que fogem da passividade e mera repetição de teorias e conceitos já criados e estabelecidos como verdade.

A liberdade humana vem do conhecimento dos afetos. Para isso é importante saber como produzir afetos. A partir dos entendimentos *deleuziano* e *gattariano* (1992), que uniu arte, ciência e filosofia em conjunto com outra vanguarda do conhecimento, a emergente implantação da cultura da inovação tem seu curso estabelecido com o surgimento da obra *Arte e Inovação em Tempos de Pandemia*. A inovação vem para solucionar os problemas complexos do mundo contemporâneo, criar ou

recriar modelos de negócios para satisfazer uma necessidade humana que ainda não foi satisfeita. Segundo o Manual de Oslo, documento central e amplamente utilizado em políticas públicas de estímulo à inovação tecnológica, inovação é “a implementação de um produto (bem ou serviço) novo ou significativamente melhorado, ou um processo, ou um novo método de marketing, ou um novo método organizacional nas práticas de negócios, na organização do local de trabalho ou nas relações externas” (OCDE, 2005, p. 55).

Atualmente, a sociedade não se interessa mais por produtos acadêmicos e tecnicistas que se limitam a um pequeno número de indivíduos visto como “elite do conhecimento”. Povos tradicionais e ancestrais já criavam arte, ciência, tecnologia e filosofia há muitos séculos. A faca e o garfo, presente no nosso dia a dia, hoje, com novos designs, são ferramentas tecnológicas que tiveram grande importância na evolução humana. Desde contribuir para menos esforço na mastigação¹⁰ até a possibilidade de cortar e separar a carne, facilitando, assim, junto com a agricultura, que as pessoas se estabilizassem e formassem as primeiras comunidades. A cisterna é um outro exemplo de tecnologia social que salva milhões de vidas por ano em todo o mundo. Ciência e tecnologia ancestral. Não tem como dizer que essas tecnologias não foram testadas, experimentadas ou seguiram um método científico até chegar ao produto final, conhecido por nós. Dizer isso soa arrogante e prepotente. A sociedade indígena brasileira sempre repassou seu conhecimento pela oralidade e muito desse conhecimento científico foi apropriado por empresas que levaram para laboratórios. Esse assunto será melhor abordado no diálogo com a líder indígena, Célia Xakriabá, na seção 1.

Para o ativista indígena Ailton Krenak (2020) “os brancos precisam aprender a pisar mais suavemente na terra”.

10 “Katherine Zink e Daniel Lieberman (2013) afirmam que as novas tecnologias da época possibilitaram cortar os alimentos e cozinhá-los evitando o grande esforço da mastigação o que resultou ao longo do tempo na diminuição dos dentes e dos músculos da face proporcionando o crescimento e desenvolvimento do cérebro, um dos diferenciais no desenvolvimento das sociedades contempladas com bons fatores climáticos e de matéria prima.” (WARD, 2019).

Se os brancos aprendessem a pisar suavemente na Terra, a gente não estaria vivendo a crise que nós estamos vivendo agora. Eu acho que é a maneira mais simples de ajudar a compreender a diferença entre a vida dos índios e dos não indígenas. O povo indígena concebe a vida na terra como uma dádiva, como um dom, que a gente deve fruir esse dom da maneira mais respeitosa com todas as formas de vida que viajam junto com a gente. O não-indígena acha que pode incidir sobre a vida na terra e governar a terra. A gente está vendo que a gente não governa nada. (KRENAK, 2020, ON LINE¹¹).

O olhar de Ailton Krenak traz reflexões acerca das graves consequências geradas pelo capitalismo sobre o meio ambiente, incluindo a atual pandemia do coronavírus, e que reverberam nas formas de existir da humanidade. Essa reflexão pode ser estendida para o tradicional modelo academicista eurocêntrico. Temos que pisar mais suavemente no campo do saber. O mundo é um sistema complexo e interligado. Os saberes se complementam. A estética e a poética devem estar inseridas nesse contexto. A forma tecnicista como as universidades tratam o conhecimento deve ser revista. Os altos índices de doença mental¹² registrados nas universidades podem ser um alerta. Paulo Freire (1987, p. 68) nos disse: “Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes”.

11 Disponível em: <<https://yam.com.vc/sabedoria/775794/ailton-krenak-o-tempo-para-respeitar-a-terra-acabou>> Acesso em: 19/05/2021.

12 “Segundo pesquisa da Andifes (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior no Brasil), publicada em 2019, pelo menos 83% dos estudantes de universidades federais brasileiras já enfrentaram alguma questão de ordem emocional – aumento de 3% em relação ao mesmo estudo realizado em 2016. Ansiedade, depressão e sensação de desamparo são situações recorrentes nos relatos de alunos. A ideação suicida passou de 4% em 2016 para 11% na pesquisa mais recente. Adversidades que envolvem todo o histórico de vivências dos alunos, acrescidas de um sobrepeso devido ao modelo acadêmico competitivo e que suscita a busca pela excelência em detrimento de um aprendizado saudável”. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/humanista/2019/10/10/como-enfrentar-o-adoecimento-mental-na-universidade-conheca-iniciativas-de-professores-e-alunos/>>. Acesso: 12/11/2021.

O pensamento eurocêntrico academicista sobre a ciência, arte, tecnologia e filosofia, em partes, é errôneo e precisa ser descolonizado, aprimorado. Devemos sempre nos perguntar: Quem tem o poder de validar o que é ciência, o que é filosofia e o que é arte? Quais os interesses nesta validação? E outra, será que a vida acontece em um laboratório? Tudo isso demonstra uma incongruência de pensamentos dentro da própria academia, que, por sua vez, gera confusão e afasta a sociedade em geral deste lugar que é visto por parte da sociedade em geral como elitista, para privilegiados. Esse distanciamento da academia com a sociedade é um dos fatores que contribui para a ascensão do obscurantismo e negacionismo da atualidade, e que, no final, afeta a sociedade como um todo, inclusive, afeta até os próprios intelectuais que precisam de financiamento para realizarem suas pesquisas, pois se isolam da sociedade e, em uma democracia, dentro de um sistema estado-nação, em que o voto da maioria decide as prioridades para o país, fechar as portas para a sociedade não é muito inteligente. Dificultar o acesso ao conhecimento é dificultar a vida em sociedade, é dificultar as destinações de verbas à ciência, é dificultar o próprio progresso da ciência. A ascensão do obscurantismo na sociedade tem como uma de suas causas a falha sistêmica e estrutural do modelo academicista eurocêntrico. Quando a Universidade cria exclusão, ela deixa de ser universal. Esse distanciamento permeia a facilidade com que as fake news são absorvidas pela população brasileira. A Universidade precisa se inovar e adentrar na era digital. Tivemos avanços significativos no Brasil com Paulo Freire e Darcy Ribeiro. Minha proposta é continuar esses projetos em prol de uma educação acessível a toda a sociedade. A academia deve olhar para dentro e se inovar. Deixar o ego de lado. Ser capaz de criar novos tipos de afeto. De afetar as pessoas de forma positiva. Utilizar a tecnologia e as plataformas de mídias sociais em prol da cultura e da educação.

Vivemos a era da Cultura Digital em que o consumidor de informações é, ao mesmo tempo, produtor de conteúdo. Em 1979, Alvin Toffler cunhou o termo prosumer, que deriva da união de duas palavras que em um primeiro momento são antagônicas, produtor e consumidor (produtor – producer; consumidor – consumer). Esses consumidores, além de interferirem na forma de produção, também poderiam customizar

seus produtos. Hoje, caminhamos para que todos estejam conectados à internet, produzindo e compartilhando dados. Até pouco tempo, os dispositivos de telefone móvel serviam só para ligações (linguagem oral), depois veio a era das mensagens de textos (linguagem escrita), e hoje todos têm câmeras fotográficas (linguagem da imagem) e conectividade com a internet. A internet faz parte da vida cotidiana das pessoas, e a tendência é que cada vez mais nos conectemos a dispositivos ligados à rede e que conectemos dispositivos eletrônicos do nosso uso diário à internet, tornando a conectividade um espaço comum na construção social e na identidade do ser social, de forma a não mais existir distinção entre o “on-line” e “off-line”, “real” e “virtual”. “A internet deixa de ser apenas um instrumento e passa a fazer parte da ação política de uma ampla rede de atores sociais” (HINE, 2015).

Esta obra foi pensada para ser amplamente compartilhada como livro digital. Pensada para seguir o ritmo deste tempo. Um esquadrão brasileiro em um único lugar. Inovação do livro acadêmico ou retorno ao modelo dos grandes clássicos com um facelift para a estética da era digital. Se você é um pesquisador, um artista, um pensador, você é um criador de conteúdo e cabe a você definir qual é seu público-alvo e qual impacto você quer para o conteúdo que você produz. Quando fomos entrevistar o ex-reitor da UnB, Cristovam Buarque (2018), para o documentário de 30 anos do Ceam/UnB, ele disse algo que ficou gravado na minha memória: “Eu sou um fazedor de coisas”. Eu não sei bem o que eu sou, mas me identifiquei com essa frase. Como artista, eu sou um fazedor de coisas em confluência com a estética do meu tempo.

No início do século XX, o antropólogo francês, Leroy-Gourhan¹³ (2002), em seu livro “O Gesto e a Palavra - Memórias e Ritmos”, mais precisamente no capítulo XI, “Os fundamentos corporais dos valores e dos ritmos”, explica os diversos componentes dos equipamentos sen-

13 O antropólogo francês, André Leroy-Gourhan dá continuidade a famosa tríade epistemológica de “montagens psico-físio-sociológicas de séries de atos” de seu orientador, Marcel Mauss, “articulado de maneira original à dimensão estética, então inédita” se tornando o pai da “Antropologia Técnica ou Antropologia das Técnicas” (Garrabé, 2012, p. 67).

soriais dos mamíferos que juntos formam um “maravilhoso” aparelho de transformação de sensações em símbolos, e que, “tudo no homem é assimilável às diligências do pensamento esteticamente construtivo”. O autor afirma que a estética se baseia na consciência do homem, na sua capacidade de formar juízo de valor sobre as formas e sobre os movimentos, ou, sobre os valores e sobre os ritmos, sendo necessário entender as fontes de que ele irá beber para criar sua percepção do movimento e das formas. O homem, com exclusão da sua integração intelectual e mobilização da consciência, possui sua máquina animal idêntica aos outros mamíferos se sujeitando ao “movimento da digestão”, comendo a horas fixas, “acompanhando a multidão, e tal como um carneiro, o ritmo do passo coletivo” (LEROY-GOURHAN, 2002, p. 85).

Ainda para o autor, uma das características que difere o ser humano dos outros mamíferos é a conexão da sua vida mental a aparelhagem simbolizante que o permite viver a vida sensitiva em toda sua dimensão. Esse sistema humano de referências sensoriais que possibilita a análise estética comportam a ação como o retorno da reflexão. Contudo, o autor diz que é necessário refletir sobre uma segunda linha de pensamento que questiona se o pensamento estético não se interrompe precisamente onde começam os comportamentos “naturais”, e além disso, mesmo que o pensamento possa efetivamente assegurar uma certa consciência do vivido, o equipamento sensorial também atua a um nível infra-simbólico, como o caso do gosto, o qual não se consegue dar a imagem e só pode ser reconstituído por si só. Para o autor o comportamento estético não está confinado à criação da obra de arte, entretanto, “A criação figurativa é o principal elemento da libertação individual, enquanto o comportamento técnico ou social é vivido de acordo com normas coletivas que implicam uma execução uniforme” (LEROY-GOURHAN, 2002, p. 85).

Entender a temporalidade e os ritmos da cultura digital é de fundamental importância para entendermos o funcionamento do organismo social. A cultura moderna passou por um processo de racionalização que separou os domínios da religião dos domínios da estética, colocando o indivíduo numa “situação favorável ao bom funcionamento do dispositivo sociotécnico”. Sendo que, a sociedade domina os indivíduos por meio do condicionamento rítmico, uma espécie de “acertar o passo”, a

uniformização rítmica, a incorporação dos indivíduos numa multidão condicionada em busca de uma “uniformidade política”, criando o comportamento das multidões que avançam (como um só homem)”. Como analistas, artistas e pesquisadores, devemos entender essa estética e atuar como protagonistas.

Nas quatro seções que se seguem iremos fazer uma viagem densa por praticamente todos os campos dos saberes e da cultura brasileira. Os autores convidados são grandes nomes do nosso tempo. Pessoas de referência e influência em suas áreas de atuação. As quatro seções que compõem essa obra dialogam entre si e buscam de alguma forma romper com as estruturas e os discursos racistas, elitistas, misóginos que impregnam a história da evolução humana e da construção da sociedade contemporânea. É uma tentativa democrática de reconstrução histórica por diversos olhares, vozes, ações dessa nação. Como bem disse Mano Brown (2021), “Acho importante dar cor aos personagens” sobre o apagamento dos negros, dos indígenas, das mulheres nos livros de história e o embranquecimento destas. Nesta obra nós damos cor, voz, luz, ações e poder.

Para finalizar, não podemos deixar de citar outras duas grandes referências de extrema importância para a criação deste projeto. O polímata brasileiro, Darcy Ribeiro, com foco nas sociedades indígenas, defensor da educação no país, da comunidade acadêmica e um dos fundadores da Universidade de Brasília – UnB e o argentino, Jorge Luis Borges, detentor de uma cultura enciclopédica, que contribuiu para a renovação da linguagem de ficção se tornando um dos mais importantes autores da literatura universal por aliar sonhos, prosa imaginativa com mitos, reinvenção de lendas, labirintos, entre outras técnicas para criar seu próprio estilo. Dois sul-americanos que inovaram conceitos e se tornaram referências mundiais por acreditarem em seus sonhos, em mudanças, em seus potenciais, suas responsabilidades sociais, na ciência, no afeto e, principalmente, na criação de novas realidades. Não se prenderam ao ego acadêmico. Mesmo com inúmeros reveses não deixaram de sonhar. Ambos afirmaram, cada um à sua maneira, que a lógica totalizante é caótica. Que precisamos magiciar a vida. Precisamos de poesia na vida. Precisamos, mais do que nunca, de arte e inovação.

REFERÊNCIAS

- BROWN, Mano. Podcast Mano a Mano. *Mano Brown recebe o Prof. E Arqueólogo Rodrigo Silva*. 11 de novembro. 1h 15 min.. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/5hXNdvx8pYl4Ai3HCuaSnG>> Acesso em: 12/11/2021.
- CAMEIRA, Sandra Ribeiro. *História e conceitos da identidade visual nas décadas de 1960 e 1970*. In: BRAGA, Marcos da Costa; MOREIRA, Ricardo Santos (Org.). *Histórias do design no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2012.
- COSTA DOS SANTOS, Julia. *Como enfrentar o adoecimento mental na universidade: conheça iniciativas de professores e alunos*. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/humanista/2019/10/10/como-enfrentar-o-adoecimento-mental-na-universidade-conheca-iniciativas-de-professores-e-alunos/>> Acesso em: 12/11/2021.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- LEROI-GOURHAN, André. 2002 [1965]. *O Gesto e a Palavra –II –Memória e Ritmos*. Lisboa: Edições 70.
- GARRABÉ, Laure – *O Estudo das Práticas Performativas na Perspectiva de uma Antropologia da Estética*. R. bras. Est. Pres., Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 62-92, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/presenca>>.
- HINE, Christine. *Ethnography for the internet: Embedded, Embodied and Everyday*. London: Bloomsbury, 2015.
- KRENAK, Ailton. *O Tempo para Respeitar a Terra Acabou*. IN Keila Bis. Disponível em: <<https://yam.com.vc/sabedoria/775794/ailton-krenak-o-tempo-para-respeitar-a-terra-acabou>> Acesso em: 19/05/2021.
- POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.3-15, 1989.
- WARD, Rodolfo. *Estado moderno e contemporâneo: história, memória e identidade*. RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em

Cultura e Sociedade Revista Latino americana de Estudios veja Cultura y Sociedad | Latin American Journal of Studies in Culture and Society V. 05, ed. Especial, abr., 2019, artigo nº 1402 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870.

_____ *Da fotografia Documental à Artística*. ARS (São Paulo), [S. l.], v. 19, n. 41, p. 102-165, 2021. DOI: 10.11606/issn.2178-0447.ars.2021.169675. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/169675>. Acesso em: 23 set. 2021.

_____ *Antropoceno: a importância da implantação da cultura da inovação no contexto social contemporâneo*. O espanto e a dor diante da Covid-19. Revista Humanidades. N. 64. Editora da Universidade de Brasília–UnB. Dezembro 2020. ISSN 0102.9479.

The Measurement of Scientific and Technological Activities – Proposed Guidelines for Collecting and Interpreting Technological Innovation Data: Oslo Manual / La mesure des activités scientifiques et technologiques – Principes directeurs pour le recueil et l’interprétation des données sur l’innovation technologique: Manuel d’Oslo. OCDE. 2005. P. 55.

Brasília, 12 de novembro de 2021.

Rodolfo *The South American Sensation Ward*

Produtor cultural, curador, artista e pesquisador transdisciplinar. Doutorando em Artes Visuais e Mestre em Arte Contemporânea pela linha de pesquisa, Arte e Tecnologia, da Universidade de Brasília - UnB (2019). Pós-graduado em Relações Internacionais pelo Instituto de Relações Internacionais IREL/UnB (2020). Pós-graduado em Análise Política e Políticas Públicas pelo Instituto de Ciência Política - IPOL/UnB (2018). Programador visual da UnB. Idealizador e Coordenador do Projeto Arte e Inovação em Tempos de Pandemia. Autor da obra Wawekrurê: distintos olhares, editado pela editora do Senado Federal (1ª edição em 2015 e 2ª edição em 2019), do livro Narrativas e Representatividades: a interdisciplinaridade na comunicação editado pela Editora da Universidade Federal do Tocantins – EDUFT (2017) e Organizador dos Cadernos do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares - Ceam/UnB eds. 36, 37, 38 e 39 (2022).

SESSÃO 1 – ENTREVISTAS

O QUE HÁ DE REAL NO VIRTUAL?

Ami Schiess e Romina Wainberg

Stanford University

A série de lives que foi a base original do projeto “Arte em Tempos de Pandemia” nos oferece algumas respostas a essa questão. A constelação de entrevistas realizadas com artistas, pesquisadores, membros de coletivos indígenas e figuras da cultura popular teve a meta de reunir essas diversas perspectivas para aprofundar debates relacionados aos efeitos do isolamento social para a educação, a arte e as ações comunitárias coletivas. Desse conjunto de indagações surgiu uma visão panorâmica dos tempos inusitados em que agora vivemos.

O título deste prefácio foi retirado de uma declaração de Ingrid Koudella, professora de pedagogia teatral da Universidade de São Paulo: “Acho que tudo é muito real no virtual”. É uma afirmação muito própria ao momento, e que aponta para os temas principais que organizam a série. Entre as entrevistas, são visíveis três eixos principais, que se complementam e se sobrepõem:

1. Questões pedagógicas e éticas sobre como ensinar as artes na pandemia (entrevistas 4, 5 e 9).
2. Levantamentos de ativistas, dirigidos principalmente à interação entre populações marginalizadas (culturas indígenas ou a população urbana empobrecida), a esfera pública e a universidade no contexto da pandemia (entrevistas 3, 6 e 7).

3. Afirmações da importância de vias alternativas ao conhecimento e da transdisciplinariedade como resposta ao momento de crise atual (entrevistas 1, 2, 8, 10 e 11).

Se nos perguntarmos então o que, exatamente, podemos encontrar do real dentro da rede de interações virtuais que hoje compõem as interações tanto sociais quanto pessoais, temos que indagar o que queremos dizer quando falamos do real. O “real” tem várias dimensões filosóficas, mas na vida diária tendemos a associá-lo com a presença do mundo físico e a interação com ele. Na situação atual em que professores, estudantes, familiares e amigos agora se visitam como imagens na tela — objeto com sua própria dimensão física que separa os conversantes espacialmente ao mesmo tempo que os une — o envolvimento do corpo nos encontros humanos está cada vez mais aparente. Já sabemos que o tato humano, leves expressões faciais, o ritmo do vaivém conversacional e a balança delicada do riso compartilhado constroem o tecido das relações humanas. Quais são as implicações da ausência de toda uma linguagem sensorio-corporal para o ensino e a aprendizagem, para a ação política coletiva e para as artes cênicas, empreendimentos que historicamente dependeram (e talvez continuem dependendo) da presença dos seres humanos?

Essas são precisamente as interrogações que o projeto “Arte em Tempos de Pandemia” pretende abranger desde diferentes perspectivas disciplinares e epistemológicas. Incentivado e desenvolvido no âmbito do Media LAB/UnB que integra a rede Media LAB/BR, o projeto busca, nas palavras do seu organizador, Rodolfo Ward (UnB), “gerar conhecimento transdisciplinar e disseminá-lo pela sociedade geral e, assim, promover democratização do conhecimento”.

Essa democratização — tanto na produção de conteúdo quanto na sua disseminação — dialoga intencionalmente com um impulso descolonial, um movimento tanto epistêmico quanto político que busca desfazer as hierarquias do poder e do saber, que são os vestígios da colonialidade. Esse legado colonial, por sua parte, remete a outro elemento do que comumente se associa com o real: seu alinhamento com as ferramentas mais promovidas do pensamento europeu: a ciência e a lógica. Vemos os vestígios da colonialidade em ação quando instituições do poder (governos, universidades, escolas) e sentimentos coletivos como, por

exemplo, as identidades nacionais, deslegitimam as experiências e as formas de conhecimento que não se encaixam no paradigma do “real”, entendido como aquilo que é verificável mediante o método científico. As resultantes hierarquias do saber, que ainda se evidenciam em desigualdades de classe, gênero, etnia e raça, somente podem ser desfeitas por meio do acesso democrático da sociedade, no seu conjunto, ao conhecimento e à palavra.

Em sua forma mais extrema e até letal, esse processo resulta naquilo que o teorista português Boaventura de Sousa Santos chama de “epistemicídio”. O epistemicídio ocorre quando os conhecimentos excluídos, seja por deslegitimação ou pela mortalidade dos indivíduos que são os repositórios desse conhecimento, provêm de populações colonizadas. A tragédia da mortalidade indígena pela covid-19, então, é dupla: lamentada por familiares e comunidades, a perda desses indivíduos também representa a perda da “biblioteca” dos seus povos na forma do conhecimento tradicional que guardavam e transmitiam de forma oral.

O “novo normal” da pandemia expõe assim e da maneira mais terrível as tensões, os cismas e as desigualdades já presentes, mas muitas vezes normalizadas, na sociedade brasileira. A desvalorização epistemológica e o esquecimento social têm hoje como correlato milhares de mortes pelos efeitos da covid-19, não tão somente das comunidades indígenas mas também das urbanas e pobres. “Embora o contágio seja democrático”, nos lembra José Geraldo de Sousa, ex-reitor da UnB, “a letalidade é de classe”.

O impulso descolonial nos leva à pergunta de como podemos aprender com o momento de crise atual. O rapper GOG, em sua entrevista, insiste num começo: “nós temos que desuniversalizar a fala sobre a COVID também no século XXI”. Essa desuniversalização significa afirmar que as taxas de mortalidade incomensuráveis entre os setores sociais são o índice de uma falta geral de universalidade, de experiência, de (re)conhecimento, de oportunidade. Ele continua, “identidade cultural é abraçar todas as vivências”. Esse abraçar inclui, mas vai além da proteção social. Também significa aceitar as inovações que provêm de pensamentos outros, como a descrição de Célia Xakriabá, líder indígena e doutoranda em antropologia, da “educação da terra”: uma “aula pre-

sencial” superlativa e outra que pratica o povo Xakriabá. Começar por essas vias seria ir na contramão da tendência paternalista descrita pelo artista indígena Jaider Esbell, no contexto do âmbito da arte internacional frente aos artistas indígenas: “há uma prevalência de terem mais pena da gente que reconhecer a força da nossa natureza”.

Além de funcionar como eixos centrais do projeto “Arte em Tempos de Pandemia”, a transdisciplinaridade e a democratização do conhecimento são também temas centrais abordados nas conversas das lives. Na primeira vertente apontada, organizada ao redor de questões pedagógicas sobre o ensino da arte na pandemia, os entrevistados questionam de diversas maneiras a eficiência de um “Ensino a Distância” imposto ad hoc implementado sem preparação prevista para os instrutores, e, a despeito dos obstáculos ao livre acesso à internet, para toda a população estudantil.

Juliana Passos (“Os desafios do Ensino de Artes no Contexto da Pandemia”) contempla em detalhe estas questões pedagógicas em sua dimensão ética. A entrevistada é docente do curso de Licenciatura em Dança do Instituto Federal de Brasília e também membro da diretoria da primeira gestão da Associação Nacional de Professores de Arte dos Institutos Federais (ANPAIF). Além de uma abordagem generalizada, ela aponta para as dificuldades específicas no ensino da sua disciplina artística, cuja realização depende do contato e dos sinais corporais. Mesmo se todos os alunos tivessem acesso à internet ou a materiais didáticos impressos, ela pergunta: “como sugerir uma vivência prática por meio de um texto escrito?”.

Antenor Ferreira Corrêa e Maria Cristina de Carvalho Cascelli de Azevedo, que compartilharam a sessão intitulada “Educação Musical em Tempos de Pandemia”, são professores no programa de música da Universidade de Brasília. Maria Cristina acautela que, mesmo que haja vias mais amplas para a integração da música e a tecnologia do que as ora existentes, por exemplo, no caso da dança, devemos estar cientes do “mundo sedutor, mas mercantilista” na área da tecnologia musical. Ela insiste, portanto, na música como ato de aprendizagem humana, baseado na interação e no encontro com o outro. Por sua parte, o Antenor defende a função da arte como resposta a momentos históricos de crise,

notando vários exemplos do espírito inovador dos músicos em face da crise histórica, desde Igor Stravinsky em meio a Segunda Guerra Mundial até os músicos da Tropicália durante a ditadura militar brasileira.

Ingrid Koudella (“A Nova Proposta do Ensino do Teatro”) é professora da Universidade de São Paulo, onde iniciou as pesquisas na área de pedagogia do teatro e ofereceu as primeiras disciplinas universitárias nesse setor do Brasil. Concordando com Antenor Ferreira, ela afirma que a arte em si não só se adaptará, mas também florescerá neste momento; citando peças de teatro encenadas na Itália com atores atuando dos balcões e das janelas de prédios vizinhos. Ainda assim, permanece o desafio pós-pandemia: “teremos que reconquistar o plano sensorio-corporal, inerente ao aqui e agora”, tanto no teatro quanto nas relações humanas.

Não é de surpreender que a pioneira no desenvolvimento dos jogos indique a força da inovação no meio da incerteza da pandemia, juntando-se assim aos outros entrevistados ao delinear novas possibilidades na área da pedagogia das artes. Maria Cristina detalha uma proposta para um modelo *delivery* de lições musicais para que pais, professores de música e operadores de ONGs possam prover aulas presenciais, especialmente às crianças que não têm acesso à internet. Ingrid e Antenor encontram uma abertura possível na liberdade fora da sala de aula: a liberdade do movimento possibilitado pelos dispositivos, que permitem que as crianças em aulas teatrais joguem e brinquem, mantendo contato com o professor por meio do celular na mão; ou a maior autonomia de aprendizagem proporcionada aos estudantes pela necessidade de construir instrumentos musicais em casa com materiais comuns — lembrando-nos que a manufatura de música é uma das mais velhas tecnologias humanas.

A segunda vertente das *lives* se reúne em torno do imperativo ativista. As entrevistas 3, 6 e 7 abordam um ativismo de artistas e estudiosos indígenas, enquanto a entrevista 8 retrata outro, praticado em comunidades urbanas empobrecidas. Todos os entrevistados lamentam o avanço incomensurável da covid-19 em comunidades marginalizadas, carentes da intervenção do Estado: índice de uma negligência histórica ampliada pela pandemia. Porém, o teor desse ativismo não é tão somente sociopolítico, de reclamar direitos de cidadãos ou de demandar

uma resposta adequada à crise sanitária atual. Também é um ativismo epistemológico que, em consonância com as perspectivas apresentadas acima, argumenta em favor da visibilidade e viabilidade de vias alternativas de conhecimento que não se encaixam na cientificidade europeia.

Questões sobre a importância de experiências coletivas para a educação se juntam com indagações decoloniais na proposta de Célia Xakriabá (“Inovação e Liderança Feminina: novos desafios na luta dos povos Indígenas”). Essa é Líder Indígena de Minas Gerais, mestre pela UnB e doutoranda na UFMG. Se formos nos perguntar o que a pandemia pode nos ensinar sobre as grandes perdas pedagógicas e epistemológicas provenientes da falta da presença física, a proposta da entrevistada para uma “ciência do território” pode fornecer algumas possibilidades. A experiência espacial e os processos físicos — como a produção de cerâmica e esteiras — são produtores de conhecimento, e os produtos, tanto quanto seus produtores, são o repositório daquele conhecimento.

O artista Jaider Esbell (“Arte Indígena: a arte contemporânea brasileira”) é professor e artista multimídia indígena Macuxi, da Terra Indígena Raposa do Sol. Mantém a galeria Jaider Esbell de arte indígena contemporânea em Boa Vista. O entrevistado faz questão de distinguir entre a “arte contemporânea indígena” (que designaria “arte indígena” como uma subseção da Arte produzida no século XXI) e a “arte indígena contemporânea”, designação que percebe a produção atual como a manifestação corrente de todo um sistema e história próprios a um povo não ocidental. Ao promover um desenvolvimento artístico comunitário e coletivo, por exemplo, a galeria e seus eventos relacionados representam um espaço de fomentação artística alternativa ao modelo individualista de patrocínio estadual/municipal. A partir daquela inversão de sentido entre “indígena” e “contemporânea”, a inserção da arte indígena nos sistemas nacional e global e as relações de poder e patrocínio ganham novas dimensões.

Se as primeiras entrevistas se concentram na luta pela visibilidade da produção cultural indígena, na fala de Avelin Buniacá (“A importância da Liderança da Mulher Indígena em Meio à Pandemia”), socióloga especialista em gestão de políticas públicas em gênero e raça, vemos uma forte consciência da interseccionalidade de múltiplas lutas pelos

direitos humanos. A entrevistada é professora e líder indígena, fundadora do comitê mineiro de Apoio às Causas Indígenas e foi a primeira candidata declaradamente indígena em Belo Horizonte. Atualmente, ela atua como assessora parlamentar Gabinetona/BH. Após apontar para a (in)visibilidade da liderança feminina indígena (especialmente fora da aldeia) e para o papel da mulher na manutenção da comunidade em pandemia, ela ressalta o lugar das lideranças indígenas à linha de frente na promoção da igualdade racial, social e de gênero e sexualidade dentro do Brasil.

Genival Oliveira Gonçalves (“O Movimento Hip Hop em meio à Pandemia”) é um rapper do Distrito Federal, conhecido pelo pseudônimo GOG. Em sua entrevista, o músico faz uma crítica rigorosa à exclusão cultural e política de populações urbanas empobrecidas, muitas vezes negras: “você vê atos pró-democráticos falando assim, ‘Nós queremos um Estado democrático de direito’, só que, para nós, o Estado de direito que as pessoas querem é aquele que mata, machuca, não dá escola; é aquele que patrocinou o racismo estrutural, como é que se pode entender o racismo estrutural que está tão evidenciado com a COVID?” Um dos primeiros do rap nacional a cursar uma faculdade, ele recorre à sua experiência universitária para ressaltar a insularidade da academia: “a palavra universidade agrega universo, mas não agrega universos [...] [Dizia ter] uma universalidade da informação, mas que não me incluía”.

O terceiro eixo, tão fundamental para o projeto quanto os outros, levanta a importância de conhecimentos plurais, novos paradigmas da cientificidade e a transdisciplinariedade como vias para melhoria dos maiores desafios atuais. Se quisermos assegurar a legitimidade das artes visuais, literárias e performativas como condutoras de experiências e conhecimentos valiosos, nos adverte José Geraldo de Sousa Júnior (“Arte, Direito e Inovação em Tempos de Pandemia”), essas terão que ter pauta igual às ciências exatas e à tecnologia dentro da sociedade, especialmente em tempos de orçamento precário. A esse fim, o entrevistado, que é ex-reitor da UnB, destaca a importância de visões alternativas de “tecnologia” e de “cientificidade”. Como coordenador atual do projeto “O Direito Achado na Rua”, projeto dirigido ao fortalecimento dos processos democráticos e à proteção dos direitos humanos em países

pós-ditadura, ele louva a eficácia de modelos de organização comunitária e ação política participativa desenvolvidos no Sul e exportados para a Europa, atos imperativos para o impedimento dos impulsos autoritários no Brasil hoje.

Suzete Venturelli (“Arte Computacional em Tempos de Pandemia”) é professora, artista e pesquisadora da Universidade de Brasília no Instituto de Artes. Foi diretora do Instituto de Artes e iniciou o programa de pós-graduação em Arte em 1991, na área de Arte e Tecnologia da Imagem, e também inaugurou o primeiro laboratório brasileiro dedicado à Arte Computacional, precursor do Media Lab/UnB. Sua entrevista contempla o impulso duplo das redes sociais (a conexão e a alienação), lembrando-nos que há uma diferença entre a conectividade e a conexão — veja o quadro da família relaxando na sala, cada um com seu dispositivo. Mas além dessa ambivalência do lado humano da internet, ela aborda convergências do humano com o tecnológico. Interseções da arte com as tecnologias plásticas, eletrônicas e digitais têm implicações tanto para o transumanismo (a superação de limitações humanas por meio de novas tecnologias) quanto para o pós-humanismo (movimento filosófico que propõe uma mudança de viés, trocando o conceito da humanidade como o centro da vida/dono da terra por uma visão do humano como parte do mundo físico).

A questão do papel da tecnologia para futuros humanos também permeia a entrevista de Elimar Nascimento (“Incertezas da democracia: o espaço da livre expressão e das artes”). O sociólogo é ex-diretor do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília e também foi Secretário de Ciências e Tecnologia do Distrito Federal. Ele descreve o tripé “campo de luta” que caracteriza a área de sustentabilidade hoje: em uma linha, uma aposta neoliberal em favor da tecnologia e da inovação como via redentora das mudanças climáticas; em outra, a confiança no mercado para produzir um “desenvolvimento sustentável” que equilibre fins econômicos e ecológicos; na terceira, um “pós-desenvolvimento” que propõe reavaliar a viabilidade de um desenvolvimento eterno em face dos recursos finitos do planeta. O que fica claro é que a arte em si tem uma função importante na reavaliação de pressuposições fixas, seja da supremacia do conceito de “desenvolvimento,” da conectividade inces-

sante da internet, ou da inevitabilidade do conflito social: “Em situações de incertezas da democracia, a cultura e a arte vêm ocupar uma posição extraordinária como manifestações do espírito humano, democrático das pessoas, que é justamente demonstrar visões, manifestações, opiniões diferentes, porque a arte é uma das vertentes desse conhecimento”.

É justamente essa função disruptora da arte que é o foco principal da palestra de Chico Perna (“Poesia e Isolamento: ninguém está só quando se reconhece”), poeta e doutor pela Universidade Federal de Goiás. Compartilhando sua própria poesia e a alheia, ele reafirma a arte como resposta a temas diversos, da violência policial e estadual até a obsessão com a autorrepresentação impelida pelas redes sociais. Tomando um teor diverso das outras lives, o apresentador afirma a potência positiva do isolamento social, que pode promover uma maior autorreflexão e, assim, o autorreconhecimento. Num formato mais interativo, ele encoraja os participantes a tentarem se expressar por meio da poesia, mesmo que sejam iniciantes. Todos somos poetas, e podemos sê-lo se nos abstermos do caos da vida mercantilizada e virtualizada: “num filme que a gente vê, num poema que a gente declama, são nesses momentos que nos redescobrimos, quando ampliamos a voz do outro, na perspectiva de comunhão, de reunião, de usufruir, de fazer fluir todos os nossos sentimentos por meio da arte que se nos apresenta”. Em tempos de pandemia e em todos os tempos, ele nos lembra, “se não fabulássemos, a vida seria estagnante”.

Ami Schiess (Stanford/USA) - Doutora de Culturas Ibéricas e Latino-Americanas da Universidade de Stanford (setembro de 2020) e mestre de Literaturas e Linguística Hispânicas da Universidade de Massachusetts-Amherst. Sua especialização é na literatura, crítica e teoria brasileira moderna e contemporânea, com concentração teórica nos âmbitos dos novos materialismos, a tradução, e a antropologia comparada. Seu projeto atual é uma tradução crítica do poema modernista *Cobra Norato* (1931) de Raul Bopp.

Romina Wainberg (Stanford/USA) - doutoranda em Culturas Ibéricas e Latino-Americanas na Universidade de Stanford. Tem uma Especialização

em Escrita Narrativa pela Casa de Letras, uma Licenciatura em Letras pela Universidade de Buenos Aires e um Mestrado em Estudos Hispânicos pela Universidade de Glasgow. Seus interesses de pesquisa incluem a interseção da literatura latino-americana com outros âmbitos do saber, como os estudos de mídia, a filosofia da tecnologia, a estética, a teoria musical, a antropologia comparada e os estudos LGBTQ+.

ARTE, DIREITO E INOVAÇÃO EM MEIO A PANDEMIA

José Geraldo

Rodolfo Ward: Hoje é a segunda edição do projeto “Arte e Inovação em Tempo de Pandemia”. É um projeto de extensão aprovado em edital na Universidade de Brasília, e, devido ao rápido avanço da covid-19 em solo brasileiro, as pessoas ficaram mais em casa, e a partir disso, propomos a utilização da transdisciplinaridade do conhecimento para a produção de conteúdo audiovisual por meio de lives com pesquisadores, artistas, membros da comunidade tradicional e da cultura popular. Esse projeto busca gerar conhecimento transdisciplinar e disseminá-lo pela sociedade geral e, assim, promover a democratização do conhecimento. Esse pensamento plural é incentivado e desenvolvido no âmbito do Media Lab/UnB que integra a rede Media Lab/BR. Nessa edição, nós temos a participação do professor José Geraldo que é ex-reitor da UnB e que é coordenador do projeto “O Direito Achado na Rua”. O professor acabou de chegar da Bahia também, né (risos). Então, para iniciar, eu vou fazer uma breve apresentação e o senhor continua. Então, assim, para Alfredo Pena-Vega, vivemos mais um momento que revela que o modelo hegemônico que vivemos, baseado no sistema econômico está esgotado, a sociedade se mostra inábil em lidar com a crise ambiental. Nossos antepassados legaram às gerações presentes um grande ônus ambiental, cientes que nós, com nossa tecnologia e evolução, pudéssemos acabar com a fome, a apertação social e a finitude dos recursos naturais, e agora passamos por novas crises sanitárias em que é preciso pensar em novas

tecnologias sociais. Flusser argumenta que não devemos ser operários da máquina e que devemos clarificar a câmara escura, devemos clarificar o aparelho estatal chamado de universidade, subvertendo dogmas, normas e regras que oprimem a classe artística; e a metodologia científica também é uma dessa. Não “tô” dizendo que não deva ter metodologia científica, eu acho que nós devemos pensar novas formas de se pensar isso. Cada vez mais, as relações de poder resultam em relações de opressão, no meu entendimento, a filosofia do Direito achado na rua. Nós “diz” que o Direito emerge, ele surge em todos os espaços sociais, eles criam as leis, e um colega seu que eu vi num vídeo, se não me engano, no primeiro do Direito achado na rua, Marcio Oliveira Puggina, fala algo bem interessante: ele diz que o Direito nasceu com uma única forma, que é dar a cada um o que é seu, ou defender isso, né, mas se vivemos em uma sociedade onde cada vez mais poucos detêm muito e muitos não detêm nada, significa dar aos ricos a sua riqueza e aos pobres a sua miséria. Então, assim, eu faço dois questionamentos para passar a bola para você, para você me corrigir ou dar continuidade ao pensamento: a arte é uma saída pré-dogmática do direito nas universidades? E a outra é: a arte aliada ao Direito pode construir, em conjunto, novas realidades, novas tecnologias sociais e novas formas de sociedade?

José Geraldo: Então, eu agradeço o convite. Eu vejo que esse projeto se insere na proposta Universidade de Brasília de apoiar iniciativas que se insiram nas ações universitárias nesse contexto de distanciamento que a pandemia provoca e, já de saída, colocando um duplo enfrentamento: o primeiro é lidar e vencer com o apoio da própria universidade essa política ou necropolítica que tem estrangulado a instituição, que tem submetido a instituição a uma propaganda de desqualificação. Dois exemplos: o primeiro é o fato de que, recentemente, se anunciou por meio das agências de fomento que não haveria mais financiamento das atividades de ciências humanas, sociais, quer dizer, se nós agora, nessa iniciativa, dependêssemos dessas agências estaríamos frustrados. Felizmente, temos uma universidade autônoma, que pode fazer a gestão do seu orçamento e a nossa UnB e, imagino, a própria Universidade Federal de Goiás pode orientar seus recursos, e ela foi capaz de criar e manter financiamentos próprios para manter os estudos em humanidades

e artes como referências igualmente prioritárias no ambiente universitário. Aliás, a nossa universidade é a mais mencionada ao ser hostilizada na linguagem das autoridades da área governamental da mais alta posição do Ministério da Educação e soube reagir, e aí eu queria dizer que isso se deve à nossa reitora, a professora Márcia Abrahão, e ao colegiado que a apoia. Nesse contexto de diferenças, ainda mantemos um espaço que é plural, mas que sabe se colocar, convergentemente, em defesa da instituição. Então, esse é o primeiro dado importante que eu louvo, de se manter iniciativas como essa e de poder contar com uma universidade ativa, que é ciosa de sua vocação e de seu mandato social e de poder contar com o que as universidades recebem legado, a autonomia, que as singularizam ao longo de quase mil anos só em contexto ocidental, porque as universidades orientais ainda são mais antigas. A outra questão é que, nessa condição atual que a gente vivencia, em que o pensamento, a construção de uma crítica universitária é posta na linha de enfrentamento, basta pensar uma reunião ministerial de poucos dias, um descalabro, mas ali também se falava antes da pandemia em poder passar à sorrelfa pela sombra desse processo, e presenciar um ministro dizer exatamente isso, “em passar a boiada”, enquanto a ameaça distrai a atenção, não é isso? Por trás das atenções que, no social estão dirigidas ao bem-estar da população, à saúde do povo, naquele ambiente compurscado no qual a malícia anti-povo se insinua. Há poucos meses, o Ministério da Educação encaminhou o projeto de lei do “Future-se” e muitos de nós o temos chamado “Fature-se”, e eu próprio participei de um grande debate que o Instituto Humanitas (Universidade Unisinos) organizou para discutir esse projeto. Li, ao lado de Roberto Romano, Boaventura de Sousa Santos, Renato Janine Ribeiro e muitos outros, eu também escrevi um texto em que mostro que, nesse espaço, o enfrentamento é salvar uma universidade pública, bem social, bem público, como define a Constituição, e não jogá-la numa bacia de negócios para servir à privatização própria do neoliberalismo, que é o projeto da atual governança de tirar a condição social do ensino superior, privatizar a universidade e mercadorizar a educação. Então, eu queria dizer que esses dois balizadores relevam ainda mais a importância de uma iniciativa como essa, que não só salvaguarda o espaço das humanidades

dentro das universidades, mas coloca a arte como uma condição valiosa dentro desse contexto. O segundo ponto que eu queria dizer, e que até mencionei na chamada da nossa UnB (Secom) dirigida nesta live, é que duas motivações são importantes destacar nesse contexto: a primeira é pensar a arte no ambiente universitário como uma estratégia de conhecimento, um processo de racionalidade que foi fundamental na história civilizatória, porque, embora na universidade tenhamos uma atenção muito forte para o modo científico de conhecer, para o paradigma da cientificidade, essa consideração é claramente moderna, porque, em toda experiência histórica pré-moderna, a ciência não estava estabelecida e o conhecimento se fazia por outras mediações, uma delas, a arte. Se se recupera a fundamentação do conhecimento na pré-modernidade, o fundamento do conhecimento é a arte. Por exemplo, no meu campo, o Direito, hoje se diz “pós-modernamente”, que “o Direito é a ciência das normas”. A cientificidade, paradigma que se constitui a partir da Idade Moderna, um período bastante recente na nossa história e que coincide com o começo da industrialização e o processo tecnológico de organizar o social, que são as navegações e os rudimentos do que veio a se chamar de ciência, mas, então, a partir daí, a gente, ao se referir ao Direito, dizemos que o Direito é a ciência das normas. Com efeito, se se perguntar a qualquer estudante de Direito o que é o Direito, ele vai dizer que é a ciência que estuda os sistemas normativos, que organiza a vida social. Mas, se se perguntasse a qualquer estudante de Direito de um contexto pré-moderno, quer dizer, antes do século XV, ele iria dizer que o Direito é a arte do justo e do bom. Veja que, na condição pré-moderna, a arte era o medidor do processo do conhecimento. Aristóteles, ao conceituar Lógica, alude ao modo de conhecer e à arte de aplicar o conhecimento para demonstrar a verdade. A arte! Então, a arte, claro, se expressa por várias mediações ou intervenções, mas ela é, necessariamente, um modo, uma forma de conhecer, algo que foi a base da racionalidade pré-moderna, e que na pós-modernidade, se a ciência ganhou relevo e com muita luta e sacrifícios – Galileu, Giordano Bruno –, todos os que sofreram a crítica da inovação, vamos ver que o fato desse paradigma, pensando em Thomas Kuhn, ter tornado um referencial de validação a partir da comunidade de sentido, não

retirou a arte de seu lugar de racionalidade, porque ela é também um modo de conhecer. Então, eu queria introduzir a minha perspectiva da relação do Direito com a arte, sustentando que não há conhecimento completo sem que todos os modos de conhecer se integrem, sem que se deixem levar por uma espécie de colonialismo de um modo de conhecer sobre os outros e sem negar reconhecimento ao paradigma da ciência; não perder de vista essa noção de reconhecimento da arte como paradigma. Por isso a importância da universidade apoiar iniciativas como essa, sobretudo a nossa universidade, que nasceu com um projeto complexo. Você citava há pouco Alfredo Pena-Vega com o seu trabalho eloquente de cooperação com Edgar Morin no Observatório das Reformas das Universidades (ORUS) no mundo – dizer que um dos grandes horizontes epistemológicos é reestabelecer esse diálogo entre saberes. Depois eu queria balizar o que tem importância no que eu acabei de dizer, isto é, retomar essas questões do ponto de vista específico do Direito e, em seguida, trabalhar um pouco o que você já antecipou de que nós estamos falando em inovação, mas, evidentemente, retirando essa categoria inicial da tecnologia, das invenções, do empreendedorismo, do industrialismo para usar a expressão que você usou, no sentido de tecnologia social, que é a condição de tornar a nossa vida mais digna, decente, feliz. E ainda sobre esse aspecto, para retomar, poder pensar que o processo de inovação da vida, o processo de construção de sentido para a nossa ação orientada no mundo requer levar em conta que todos nós partilhamos de uma dupla natureza, tal como indicava o filósofo Ortega y Gasset. Dizia ele que nós nos constituíamos de uma dupla natureza: a primeira condição é a nossa vinculação a uma natureza enquanto parte da estrutura física do mundo. Física e natureza são palavras equivalentes conforme o latim e o grego; mas ele dizia também que nós participamos de uma segunda natureza, que é uma natureza artificial, uma vida construída, uma vida que tem um grau natural no sentido de que faz parte do nosso modo de ser, mas é uma invenção da nossa consciência, a natureza como “vida inventada” que, ainda que possa ter um grau artificial de engajamento e seus artefatos, todavia nos constituem porque esse modo de ser vai se inserir na nossa condição de interação social pela cultura. E a cultura, diferente da na-

tureza, é essa invenção da nossa vida. Assim, eu queria deixar esses primeiros aspectos para depois situar nessas considerações, o Direito e, mais especificamente, O Direito Achado na Rua.

Rodolfo Ward: Então, assim, o que nós vemos e é interessante falar da Universidade de Brasília (UnB), porque ela tem essa concepção de Darcy Ribeiro de criar essa universidade transdisciplinar, a Universidade de Brasília não tem muros, ela é aberta para a cidade e para a sociedade. Nós temos também o Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, que tenta agregar, juntar todos os conhecimentos de uma forma interdisciplinar. E o que eu acho que é muito interessante também e eu queria ouvir da sua fala é explicar essa questão da tecnologia social. Acho que a grande maioria das pessoas liga a tecnologia a determinado dispositivo eletrônico ou a outra coisa nesse sentido, e o termo tecnologia é muito anterior, então, assim, se nós formos pensar o que seria a tecnologia social e como que nós podemos pensar a tecnologia social nesse momento pós-pandemia? Porque, como o senhor acabou de falar, você foi até a Bahia e já está aqui de novo em outro evento, mas isso tudo foi por meio digital, então, assim, como que a gente pode pensar essa cultura digital, essa questão tecnológica de uma forma mais social, para criarmos também uma nova sociedade? E aí eu passo a bola de novo para você, professor.

José Geraldo: A matéria, em seu sentido cósmico, não tem limites, não tem muros, não tem barreiras. Pensar a liberdade, do átomo ou da consciência, é nossa principal mobilização. É importante pensar assim, por exemplo, sobre a UnB. Uma universidade sem muros, no duplo sentido, ela não tem barreiras físicas, nem cancelas, nem correntes para interromper o circuito, há quem penetra no seu espaço e nele transita. Ela também não separa o conhecimento que se produz como conhecimento paradigmático dos conhecimentos em geral, por exemplo, ela dialoga com os outros conhecimentos e a extensão foi um dos modos de se construir esse trânsito, que não tem barreiras físicas. Você se referiu ao fato e ao citar o Centro de Estudo Multidisciplinares, você aludiu também ao fato de que ela não tem cancelas no trânsito do conhecimento, do diálogo entre os saberes, por conseguinte, a história do paradigma moderno, do positivismo científico, filosófico, caminha para o conhecimento inter,

multi e transdisciplinar, enquanto movimento para também superar limites epistemológicos. O CEAM, na UnB, foi esse experimento que se deparou com um contexto de crise de paradigmas e que levou a que se discutisse no espaço do social e da universidade o esgotamento ou, pelo menos, a limitação de um modelo que era muito vigilante do positivismo como paradigma de conhecimento para pensar a complexidade como uma exigência de cooperação, de diálogo, de trocas, não só de saber científico, do senso comum, mas dos saberes organizados entre si de modo a não haver sobreposição de um sobre o outro. Então, por exemplo, quando eu chegar a esse ponto, O Direito Achado na Rua, vai se indispor com uma modelagem do jurídico que estava inscrito nessa visão disciplinada do positivismo, e só por isso, de influir na Universidade de Brasília, foi o CEAM que abriu esse espaço multidisciplinar, ainda muito limitado na Faculdade de Direito, para poder construir um paradigma que não fosse só legal, mas social, que não fosse um Direito morto, mumificado na legislação, mas que fosse um Direito vivo, transitante, interpelante, transeunte, que pensasse o futuro e não só o passado. O CEAM foi esse espaço e, ao longo desses anos, ele não só consolidou essa posição, mas, sobretudo, na gestão da professora Maria Lucia Leal, a capacidade de intensificar essa interlocução. No planejamento estratégico recente por ela conduzido, o CEAM foi capaz de configurar algumas linhas atuais propositivas que permitissem trânsito para esse diálogo. Esse forte diálogo, então, esse ponto a que você se refere e que requer de nós pensar as formas de se expandir para além dos limites físicos e cognitivos que disciplinam, que compartimentalizam, que departamentalizam, que coisificam o conhecimento para romper não só filosoficamente, mas epistemologicamente, abrindo a possibilidade de interpelações racionais que não sejam amarradas ao paradigma que nos condiciona, por exemplo, esse absurdo de dizer que o financiamento público é só para as áreas tecnológicas, para as áreas que respondem aos requisitos burocráticos que modernizam pelo funcional, pelo aparato, pelo chão da fábrica, pela planta laboratorial, vinculado a um determinante mais que positivista, mas que responde a um modo de produção. Por isso, na estrutura de significação dessas cabeças compartimentalizadas, se vai transitando do fordismo para o taylorismo, para a peugeotização, para a uberização da produção em geral e da produção do

conhecimento. Você disse, isso é um limite, é a subordinação do campo do conhecimento que tentou nos colocar no limiar do “infraparadigmático” e que tem valor tanto social quanto epistemológico do social, que requer tecnologia. Em 1750, Rousseau ganhou um prêmio da academia de Dijon ao escrever um ensaio em que ele discutia qual o valor das ciências e das artes para a felicidade humana. Então, a tecnologia social é um atributo de inovação, de articulação de meios, de modos que pensam o valor felicidade, que pensam o valor fraternidade, e não estou falando de fraternidade no sentido redutor teológico, estou falando de fraternidade no sentido expansivo, enquanto categoria política, como aparece na Declaração de Direitos de 1793, que a construção do social para organizar a vida política tinha que responder a três fatores: liberdade, igualdade e fraternidade. Eu estou falando de uma categoria da política esquecida ou ocultada, a fraternidade, e a tríade que nós não trabalhamos, aí no campo no qual devem se instalar as tecnologias sociais, construir paradigmas para a felicidade do humano, para a fraternidade do humano, para a vida decente do humano, para o bem viver. Algo, por exemplo, que agora nos confunde, que, na busca de soluções, tal como você disse, nessa crise sanitária, vemos que as inovações, as exigências de investimentos, de ações políticas, colocam a falsa dicotomia entre economia e vida humana, para estabelecer prioridades? Uma assessora do ministro da economia festejou a pandemia dizendo que ela vai aniquilar os velhos e a tecnologia vai servir, por exemplo, para financiar a previdência. Ela disse isso quando o próprio ministro, naquela reunião, disse mais: falou da liberdade, mas para falar da liberdade ele usou um verbo que eu não ousou repetir a sua expressão aqui, mas só se presta para designar o modo de reprodução da vida, e, o pior, com o modo de uma ministra dizendo que tudo bem, que a liberdade fosse essa desse verbo, verbo terrível e que não serve apenas para desorganizar as famílias, mas a vida social e que isso estaria bem desde que não houvesse financiamento de tráfico e de outras formas de uso indevido do dinheiro. Então, a tecnologia social pensada funcionalmente, com as mesmas categorias da tecnologia industrial, formula referências de inovação, mas pensa o desenvolvimento integral da vida humana não só para realizar, não só a sua felicidade mas a sua solidariedade, que é o desafio que agora a condição pandêmica nos coloca e nós vamos ter que

decidir se vamos apoiar as tecnologias que nos dão condições de vida digna, decente, de viver bem, ou se vamos continuar a transformar a natureza em recursos naturais, insumos, extrativismo para a acumulação do capital em detrimento da qualidade da vida humana, qual tecnologia nós vamos usar. Leiamos Rousseau: em seu discurso de 1750, curiosamente, dois anos depois ele perdeu o mesmo concurso que apresentou o livro *Do Contrato Social*, naquela altura, quando o conceito de conhecimento era a arte, a felicidade era um objeto a realizar, enquanto hoje, o conhecimento é balizado em tecnologias industriais, o que está em causa é a mercadorização como meta, em detrimento da vida humana. Está em causa a precarização do trabalho, a precarização dos direitos na CLT; o custeio da Previdência; está em causa a PEC-95, a redução de gastos servindo para o apoio a interesses privados da banca, em detrimento de míseros 600 reais (o governo queria estabelecer o valor de 200 reais), para garantir um colchão de dignidade do humano. Como percebe, respondo a sua questão com outras questões.

Rodolfo Ward: Sim, sim. A gente está aqui para isso, é bem interessante o que você está falando, essa objetificação e materialização em que tudo passa a ter um valor agregado, eu tirei até um trecho do Theodor Adorno que acho que tem tudo a ver com o que você está falando, onde ele fala assim, “o traço característico dessa época é que nenhum ser humano, sem exceção, é capaz de determinar a sua vida num sentido até certo ponto transparente, tal como se dava antigamente nas relações de avaliação pelo mercado. Em princípio, todos são objetos, mesmo os mais poderosos.” Ou seja, os indivíduos passam a se comportar como mercadorias, e aí as pessoas fazem o máximo para aumentar o valor do produto de mercado que estão vendendo, como eu disse, a partir do Bauman e os produtos que são encorajados a colocar no mercado, promover e vender são elas mesmas. Isso é muito nítido nas plataformas de redes sociais. As fotografias que as pessoas postam são uma espécie de marketing pessoal. Byung-Chul Han diz que as imagens não são apenas “reproduções, mas também modelos onde nos refugiamos para sermos melhores, mais bonitos e mais vivos”. E aí se nós formos pegar um pouco da sociedade de espetáculo, de Guy Debord, ele também traz isso, acho que “está” muito em alta essa questão da objetificação, essa

produção imagética de si mesmo e essa venda que tem muito a ver com essa questão não só da necropolítica mas do “psicocapitalismo” e do que a gente está passando hoje em dia.

José Geraldo: Sim, sim, você tem razão e, de algum modo, isso se articula com o fio condutor da crítica que nós nunca devíamos perder de vista, no sentido de que nós sempre, epistemologicamente, devemos desconfiar das aparências que a propaganda quer nos formular exatamente para nos alienar da realidade que exige de nós um protagonismo transformador na sociedade. Por isso, se pensou, dadas as contradições fortes que o social traz para a vida, ao produzir e ao reproduzir a existência, que o pensamento não fosse só contemplativo, diletante, mas na linha de Adorno e de seus colegas de escola, se pudesse olhar esse processo de maneira autocrítica e reflexiva, examinar a história a contrapelo, examinar as situações que nos põem em risco no sentido dos riscos e perigos dessa existência, da dimensão humanística dessa existência para não nos reduzirmos ao que o patrono deles todos, que é Marx, lembrava sobre o capitalismo mostrando o que de coisificação da vida ele promove enquanto humaniza as coisas. Então, esse processo faz com que a condição da subjetividade valorizada o seja pelo ter, consumir, adestrar, mas não pela realização do humano, e, nesse caso, o capitalismo gerou entre nós, aqui, a sua face mais perversa porque se constituiu e se renovou com o colonialismo e, nessa dimensão, levou a coisificação a tal ponto que retirou a condição de humanidade dos sujeitos sociais, os autóctones, os que aqui se encontravam quando os empreendedores/conquistadores/exploradores chegaram. Lembre-se que a expedição de Colombo foi financiada pelos banqueiros, pelas joias da rainha Isabel, foi financiada pelos empreendedores, não havia um Estado homogêneo, forte e sequer nacional ainda, para sustentar isso, mas ao chegar aqui para poder se apropriar do território e de suas riquezas, teve que desapropriar os autóctones, os ameríndios, desinstalados do humano, para bestializados, serem escravizados. Foi preciso uma Bula do Papa Paulo III, em 1537, a *sublimis deus*, a propósito dos grandes debates de Valladolid, na Espanha, sobre decidir se os índios eram gente ou não e confrontar os argumentos universitários que ali se colocaram, sobretudo de Ginès de Sepúlveda que dizia que eles eram

selvagens, monstros, não tinham alma e, portanto, não podiam ter o reconhecimento de sua subjetividade escravizáveis e baldos de subjetividade titulável. Felizmente, de *las Casas*, o bispo de Chiapas (não dos zapatistas agora), para dizer que, sim, eles tinham almas desde que se cristianizassem. E, ainda assim, em nosso tempo, não chegou eco dessa constatação, quando se assiste ao representante do Brasil na Assembleia da ONU, se referir à condição sub-humana, sub-civilizada dos indígenas; ou, se se pensa nas políticas de terra e território dos povos originários, onde a questão é dramática, grave mesmo, na pandemia, sendo caracterizada por um libelo levado aos tribunais internacionais, por seu caráter genocida. Que o pensamento crítico nos ajude a desvendar, tal qual o fez a Escola de Frankfurt, à luz do marxismo, mesmo sem a adesão implícita da filosofia da práxis, esse mundo de espetáculos, essa ideologização e a perceber como Shakespeare percebeu, que, no contexto das contradições, que o que parece sólido de fato se “desmancha no ar”, o que levou Marx a consignar como a frase síntese do “Manifesto”, para metaforizar um novo fantasma que assusta, com tudo esvanecendo, tudo que é sagrado se dessacralizando. Veja a arte (Shakespeare, *A Tempestade*) antecipando a apreensão da realidade, declamando o que parecia indizível, a vislumbrar o que parecia invisível, a discernir no opaco, a constatar as ausências assim produzidas e a contribuir para fazer surgir o novo em gestação (“a crise existe porque o velho não morreu de todo e o novo não nasceu inteiramente, e se co-implicam”). Pois o ausente não existe, por exemplo, porque não existe existencial e cognitivamente. Os índios não viram as caravelas de Colombo, fundeadas nas águas em que se banhavam, porque as suas percepções não elaboraram elementos de significação. Eles precisaram de mediações aproximativas, sinais e movimentos indiretos para ver o que a sua razão não discernia. A arte nos ajuda a perceber essas coisas. Sutherland escreveu uma tese de criminologia para falar do crime de privilégio, injurioso, mas não tipificado. Chico Buarque nos mostra isso numa canção, “dormia a nossa partir mãe tão distraída sem perceber que era subtraída em tenebrosas transações”. A música vem revelar, não precisa explicar, é direta, insere nossa percepção no real e faz com que nossas sensibilidades aflorem e possamos discernir sobre

um real que está em processo e que se faz desvendável no que parece oculto, mas que o é porque foi produzido para parecer incógnito. É assim que estamos vendo hoje em dia nas manifestações políticas nas ruas: as pessoas pedindo para se contaminar com o coronavírus, para se identificarem com o seu mito, onde elas só são permitidas quando se anulam, quando perdem a sua identidade social, quando se demitem da vida política, da sua capacidade de transformar a realidade e construir a sociedade.

Rodolfo Ward: Professor, só retomando quando você falou da colonização e da desumanização das pessoas, de uma certa forma, transformando-as em bichos, porque fica mais fácil de escravizar e não ter remorsos. Teve um episódio na história, com a invenção da fotografia, que surgiu quase no mesmo ano da sociologia, no final do século XIX, quando a Europa se lançou na sua expansão colonial sobre a África etc., eles fizeram isso, a própria antropologia e a sociologia utilizaram a fotografia para desumanizar aquelas pessoas que eram exóticas, de culturas diferentes, “os outros”. Hoje, nós vemos uma nova filosofia surgindo, o descolonialismo dentro das instituições. Eu estou tentando me integrar a essa vertente, principalmente como fotógrafo e produtor cultural, de ir nesse contraponto. Criaram imagens para desumanizar alguns povos e eu estou tentando ir numa vertente contrária. De tentar resgatar algumas culturas tradicionais, que em grande parte são culturas orais, passadas de forma oral e, por essa característica, acabam se perdendo. O atual governo brasileiro trata os indígenas como se fossem bichos, desumaniza, cria imagens pejorativas para que a sociedade fique contra eles com um único motivo: retirar as terras deles para explorar seja pela agropecuária, pelo extrativismo mineral e por outras formas de explorar o meio ambiente de forma predatória. Como artista eu estou tentando esse contraponto e eu gostaria que você falasse um pouco dessa vertente do descolonialismo e como isso pode ser agregado com arte e direito.

José Geraldo: Eu mencionei o debate de Valladolid e esse debate durou dois anos, e o rei Carlos V mandou suspender o empreendimento da conquista enquanto não se resolvesse essa questão de se os índios eram gente ou não. Dois anos de debate. Em todo caso, nesse período, a dúvida existia como ingênua à contraposição entre autoimagem e o

outro, que era um pouco difusa, confusa, assustadora do contato, no encontro. Nessa época, os navegadores, quando traziam os seus registros, tinham dois documentos importantes das suas expedições: um era o diário, onde vinha a crônica da viagem, a carta de Pero Vaz de Caminha é um exemplo disso. Outro era os Bestiários, um gênero de registro iconográfico das viagens. Bestiários, porque alusivos à designação do estranho, extravagante, monstruoso, feras, bestas, então todo não europeu era registrado nos Bestiários. Consulte o Bestiário de Plínio, o Velho (Século I), com o registro das extravagâncias acostadas à sua História Natural. Sempre pelo modo da conquista, da colonização. Por isso que Enrique Dussel, no livro 1492, O Encobrimento da América, fala desse encontro que é construção da ideia da modernidade pelo colonialismo, quando o capitalismo dá seu salto de modo de produção pela sua capacidade de expropriação colonial. O colonialismo produziu os seus elementos mais alienantes, pelo racismo negou a humanidade ao que era escravizado, pelo patriarcalismo negou dignidade ao caráter emancipatório da mulher, e pela espoliação acentuou a sobreposição da classe dominante às demais na estrutura social de produção, gerando uma diferenciação radical entre capitalista e trabalhador, entre senhor e escravo, entre homem e mulher. Esse processo não se resolveu com descolonização, as lutas pela independência das colônias, África, Ásia, América, continuam depois das independências na medida em que o processo colonizador tornou-se algo da visão de mundo, onde se constrói esses argumentos que você chamou de estudos descoloniais, que não são aqueles ligados às dependências políticas das antigas metrópoles, mas da sobrevivência inculturada do social, da visão capitalista no espaço das novas formações sociais mediadas pelo racismo, pelo patriarcalismo e pela luta de classe. Esses são os estudos descoloniais que têm muita força no pensamento autônomo da autorreflexão dos intelectuais no sentido amplo, intelectuais, inclusive orgânicos. Acabei de mencionar Enrique Dussel na filosofia da libertação, mas que têm estudos importantes, hoje formando um acervo formidável da filosofia e da teologia da libertação, e entre nós, com forte referência do Brasil e na UnB, relevo para os modelos de análise, notadamente, de Ruy Mauro Marini, que foi a primeira vítima da ditadura pós-64 na UnB, porque foi preso

antes do 31 de março de 1964 e submetido a julgamento com base nos atos institucionais e depois anistiado. Então, esses estudos descoloniais que se colocam no campo das espoliações, no campo econômico, do extrativismo, o modo que não desapareceu, só se renovou de alienação das nossas riquezas, no interesse do capital global, estamos entregando tudo ainda hoje, né, na política em que os analistas, por exemplo, tanto no campo mais literário, Martí, Mariátegui, Galeano, Manoel Bomfim, Darcy Ribeiro, Octavio Paz, os grandes escritores latino-americanos que sempre trabalharam e que fomentaram entre nós, se a gente pensar a percepção que muitos autores tiveram no campo da política ao pensar esses processos de distribuição do poder entre seus donos, que são no pensamento descolonial os homens brancos, cristãos e proprietários, nos estudos de Victor Nunes Leal que foi fundador da UnB, a primeira aula pública foi dele, dele e do Hermes Lima, ele no curso de Direito e Hermes Lima aberta. Victor Nunes é o autor de “Coronelismo, Enxada e Voto”, e na senda de seu pensamento de interpretação do Brasil, vale o destaque para Raymundo Faoro, “Os Donos do Poder”, José Murilo de Carvalho “Os Bestializados”, Darcy Ribeiro “O Povo Brasileiro”; estudos que mostram o quanto, no período colonial, foram geradas essas formas de espoliação nas categorias por eles trabalhadas; coronelismo, nepotismo que são as referências que saem do campo da designação da vida social, mas empregam o mundo do Direito. Veja que, no Brasil, com a descolonização, o país se torna independente, mas as estruturas de subordinação permanecem. Mesmo quando, com a independência, se fez a primeira Constituição do Brasil, em 1824, ela permanece patriarcal, porque hierarquiza o núcleo doméstico, o exercício da política plena, ela é cristã no sentido de que só tinha dignidade de cidadania quem se afirmasse como católico, ela é racista porque 1824 antecede a abolição em 1888, portanto, é uma Constituição escravocrata, ainda que faça homenagens à Declaração de Direitos (todo homem nasce livre na constituição de direitos), porém, num contexto escravocrata, o escravo não é livre nem igual, logo nem o é o homem que, do ponto de vista jurídico, acaba por se caracterizar como coisa, é comprado, vendido, sofre abuso. A nossa democracia racial é resultado do estupro generalizado e é patrimonialista porque a dignidade não é no simbólico do

que a gente chama hoje de homens de bem, é na semântica da condição do proprietário, é de quem tem bens, a constituição é censitária, por isso, os historiadores que chamam a constituição atual de Constituição Cidadã, porque traduz a luta por afirmação de direitos, chamavam essa primeira Constituição de Constituição da Mandioca, porque era a medida da produção de mandioca que devia a condição dos homens de bem, dos proprietários, conforme a renda, do seu capital. Esse é o alcance do descolonial que está na base dos estudos notáveis do momento, na arte que você mencionou para desvendar essa realidade, nos estudos de gênero, sobretudo feministas, que são muitos e importantes e no estudo do Direito, não para legar a subordinação – acabei de dar o exemplo da constituição de 1824 – mas que represente a emergência de subjetividades emancipadas, que construam novas formas de viver e de participar do poder político.

Rodolfo Ward: Professor, nessa vertente descolonialista, que vai de encontro principalmente à visão eurocêntrica, segundo a qual nós fomos colonizados, anulando as várias culturas locais, das diversas etnias que viviam nesse território, será que a gente não consegue resgatar algumas dessas formas de se viver dos povos tradicionais? Uma religião entre homem, natureza e espírito? O bem viver que até o próprio Edgar Morin cita, e ele fala muito dos povos do Sul. Como que a gente conseguiria resgatar tendo um governo não só neoliberal no Brasil, mas o que parece é que é uma coisa global, governos neoliberais por todo globo. Nós estamos falando de descolonialismo e, por outro lado, a gente vê um extremismo político nessas questões que o descolonialismo tenta combater. Por volta da década de 1960, 1970, lá nos EUA, surgiu um movimento chamado de estudos culturais, dentro dele houve a potencialização dos estudos da cultura Queer, da ascensão do feminismo, dentre outros, como os estudos em cultura visual. Então, me pergunto, com a ascensão de todos esses estudos e novas teorias que contribuíram para fratura do pensamento da cultura moderna, já estabelecido há séculos, nos trazendo para o pensamento da cultura pós-moderna e que hoje se transmuta para cultura digital, a reação extremista do modelo neoliberalista não estaria ligada a esses fatores?

José Geraldo: Vamos começar por Morin e a necessidade de se pensar uma epistemologia desde o Sul, o Sul do Sul e o Sul do Norte, porque

no Sul há também um Norte, não é isso? Seis brasileiros tem o controle da riqueza de 99% da população, não é isso? E, mesmo agora com a pandemia, os dados são de que, apesar da crise econômica, os mais ricos ampliaram a sua riqueza, então ao Sul do Sul e ao Sul do Norte, nesse caso claro que, em termos globais, o Sul do Norte é o Sul hemisférico, onde estão os povos que mais sofreram as injunções coloniais? E são esses povos que têm, portanto, a capacidade de retirar, de se desamarrar das correntes que os mantêm subalternizados, que são as lutas históricas por emancipação a que a gente assiste, na África, na Ásia e aqui na América. O domínio ideológico é forte, mas não é absoluto, e as contradições acentuam as diferenças e as desigualdades, que são duas coisas distintas. Pode-se distinguir, até resolver questões das desigualdades, mas manter a diferença. Por exemplo, na cultura Queer, e as muitas identidades sociais que, mesmo que economicamente, se não forem resolvidas do ponto da identidade elas permanecem e até se acentuam. Nas experiências do Sul, mesmo sob a força dominante – e Marx dizia que onde você tem uma cultura de classe dominante as ideias dominantes são as da classe dominante –, o processo da contradição existe e as sublevações ocorrem. Muito recentemente, ainda que sob a força do liberalismo, do neoliberalismo, nós tivemos as emergências na América do Sul, por exemplo, das formas autônomas de sociedades que construíram maiores agendas da constituição de direito e da construção dos paradigmas da sobrevivência, até se chegou a falar no renascer das democracias nos nossos processos que não fossem as democracias do Norte e representativas, mas que fossem as democracias de participação comunitária do modelo, por exemplo, que está na base das constituições da Venezuela, do Equador, da Bolívia e do Brasil. A tal ponto que se falou aqui em um novo constitucionalismo americano, e nós até desenvolvemos estudos do que nós chamamos aqui de um Constitucionalismo Achado na Rua, a ideia do bem viver está aí, em decorrência da capacidade de pensar a verdade instituinte de direitos dos povos tradicionais originários que se organizaram pela lógica do bem viver, mesmo que não sejam indígenas, como as comunidades camponesas. Essas experiências são notáveis e, como no Brasil, nós fomos capazes de construir um desenho de sociedade participativa, comunitária, com controle so-

cial forte, ampliação da capacidade de participação, seja por meio do sufrágio, seja pela forma do exercício participativo nas políticas públicas e do controle dessas políticas. Um exemplo disso é o Sistema Único de Saúde que, graças a essa construção, está salvando agora o Brasil do ponto de vista do descalabro que tem sido a gestão governamental, salvo a dos governadores em consórcio, atribuindo racionalidade científica e administrativa para a gestão das políticas sanitárias. Vivemos essa realidade na luta contra a ditadura, e, assim, a possibilidade de construir esse desenho de sociedade contra a ditadura, então, a gente tem esses movimentos cíclicos, e o fato de em algum momento haver refluxo, não quer dizer que a nossa consciência não esteja armada desse desenho de emancipação, da nossa capacidade de recuperar esse processo, até mesmo aqueles agentes atuais que voltam à forma autoritária tem que prestar o discurso de reconhecimento da democracia, tem que prestar homenagem às instituições que foram construídas com essas características. Veja, nesse instante, o embate entre o Legislativo, o Executivo e o Judiciário, sem falar das emergências do social organizadas na rua. Então, eu diria que o Sul documentou, construiu, modelou o orçamento participativo replicado na Europa. A minha esposa, professora Nair Bicalho, que é socióloga, fez a análise do modelo do orçamento participativo do Distrito Federal e o apresentou à municipalidade da cidade de Coimbra, numa sessão organizada pelo professor Boaventura de Sousa Santos. Em um debate em praça pública, a professora Nair fez uma exposição do modelo participativo no seu experimento para efeito de demonstração na sociedade europeia, onde as questões talvez não sejam questões de distribuição de riquezas, porque estão mais ou menos assentas num paradigma de bem-estar, e mesmo a austeridade não rompeu, sobretudo em Portugal, e é claro que lá a preocupação deles era como controlar os usos dos recursos públicos, sobretudo aqueles vindos da comunidade europeia, para coibir um fenômeno que é generalizado, que é o da corrupção. Em Sevilha, o professor Herrera Flores e o professor David Sánchez Rubio, que tem sido um frequente colaborador nosso, sobretudo no CEAM, vindo várias vezes para dialogar conosco na pós-graduação, sobretudo de Direitos Humanos e Cidadania, sobre as estratégias de valorização da democracia em contexto europeu ins-

piradas nas formas de como nós, aqui no Sul, construímos essas mediações. Então esse Sul interpela política e epistemologicamente e que agora, apesar da crise sanitária, não conseguem realizar de forma tranquila. E percebe que nós ainda estamos sob o efeito das grandes mobilizações do Chile, Equador, Peru. No Chile, curiosamente, o símbolo foi a bandeira Mapuche, mostrando que é o modo de organizar, o comunitário-participativo, que os indígenas chilenos trouxeram para ativar a forma mais geral da sociedade chilena pelos seus estratos médios que trabalhavam mais as questões de reivindicação de satisfação das suas exigências, de reduzir as diferenças. Já no Peru, a questão indígena e camponesa, ou seja, aquelas que se associam à modelagem do colonizador inculturado na mentalidade do crioulo, que é o colonizador no burguês local, no castelhano que herdou da cultura do latifúndio, são as “rondas campesinas” que criam suas formas autônomas de justiça e de autogoverno, instituindo territórios políticos e conseguindo fazer o distanciamento que limita o exercício da autoridade local, para aplicar as políticas de saúde nos seus espaços, mantendo, ao contrário do restante do seu estado, as taxas baixíssimas de contaminação e de letalidade de covid. Então, eu acho que os exemplos estão aí e não nos esqueçamos do que Paulo Freire nos lembrou, retirando de Luciano Goldman, a ideia da consciência possível, que não é a consciência real, essa que está encarnada no acumulado de uma experiência, que, para usar uma metáfora, é aquela que faz com que aquele povo que no dia anterior beijava o chão que o Czar pisava, no dia seguinte cuspiisse na tumba dele. Essa consciência está aí latente. Por exemplo, o ex-ministro Moro deixou o grupo que o acolheu naquela forma patética, mais patética ainda quando a gente vê um ex-ministro, um juiz cabisbaixo numa reunião que envergonha e ofende o sistema judiciário e não faz uma objeção, convidado para palestrar na Universidade de Buenos Aires na semana que vem, mas que, por reação da consciência crítica dos juristas, teve o convite cancelado. Quer dizer, não dormem em paz, não podem sequer, na ilusão golpista, sentar nas baionetas que os apoiam. A violência não preserva a hegemonia, e sentar em baionetas é um empalhamento terrível, aliás, quem lembrava isso era Antônio Gramsci (“pode-se fazer muita coisa com elas, mas não se assentar nelas”). Ao discutir

hegemonia e dominação, eu diria que os exemplos estão aí entre nós agora: essa desorientação do governo central, se não fossem os governadores e as comunidades, se não fosse esse esforço condominial, sobretudo no Nordeste, para estabelecer um parâmetro de governança com base na cientificidade e a recuperação da ideia federalista de fazer uma gestão consorciada para enfrentar os desafios que nós estamos tendo agora, a lição das comunidades, em Paraisópolis, que há poucos dias a polícia entrava para confrontar grupos de rappers, funkeiros, levando à morte, a comunidade se organizou sem Estado para fazer a gestão política do seu espaço, elegeu presidentes de rua, criou um SAMU próprio, construiu mediações com doações de equipamentos de saúde para garantir o máximo de vigilância sanitária para garantir o enfrentamento do coronavírus, porque, embora o contágio seja democrático, a letalidade é de classe, todo mundo se contagia, mas morrem os pobres, os negros levados pelo modo como, por exemplo, os empresários vão às ruas pedir a volta do seu trabalho para que os seus trabalhadores se sacrifiquem na acumulação e pressionem os governadores, como vimos agora no Pará, os empresários agroindustriais apoiando aquela coisa da boiada passando no silêncio da empresa e das ações do governo, ou, como no nosso caso, o encaminhamento do “Future-se”, que eu chamo de “Fature-se”, no processo de reforma da universidade. Então eu diria, assim, que o resgate de uma consciência possível está presente e emerge porque no processo contemporâneo há uma espécie de nuvem onde a gente arquiva tudo o que o gênio humano realiza e os modelos estão ali a nossa disposição como efeito, demonstração para a retomada logo que seja possível, e é isso que está adiando no Brasil, ainda, o avanço dessa vocação autoritária e golpista, né, que nos cerca, mas que graças a essa consciência, os impede de continuar.

Rodolfo Ward: Professor qual o seu ponto de vista sobre o procurador da República e o procurador-geral e o que “está” acontecendo hoje no governo?

José Geraldo: Eu até falei hoje numa entrevista que a TVT fez comigo que a pergunta era essa, e a minha resposta foi a seguinte: “Em 88, na Constituição, o social criou uma modelagem para o Ministério Público, que pensava uma mediação de cidadania, um Ministério Público com

autonomia, com capacidade de construir processos de ação participativa, deu a ele poder de maior fiscalização das leis e da iniciativa da declaração de inconstitucionalidade, da declaração de preceito fundamental, de possibilitar audiências públicas, de operar o orçamento. Na UnB como reitor, com o apoio da professora Márcia, decana gestora do REUNI, hoje reitora, tivemos, na gestão desse grande investimento, a possibilidade de construir toda uma edificação de pesquisa, que é o edifício onde está instalado o Centro de Estudo de Resíduos Sólidos com a aplicação de multas que o Ministério Público aplicou aos transgressores das normas de proteção ao ambiente numa gestão compartilhada com o Ministério Público para concretizar os fins da Constituição. Esse é o desenho da Constituição. É o desenho que o social quis acompanhar por meio de um Conselho Nacional do Ministério Público com participação da sociedade civil, do Legislativo, das Ordem dos Advogados, da sociedade civil para que ele não fosse repetir aquele modelo anterior vassalo do rei. Esse é o desenho, mas ainda estamos numa sociedade hierarquizada, que a cultura letrada salvaguarda para que a abertura para os cargos privilegie o bacharel em Direito, o titulado e certificado em ensino superior, com qualificação especial para vencer as etapas de concurso, e acaba-se gerando um filtro de classe na composição desse corpo, muitos entram e ficam felizes porque sua vocação se confirmou na base do belo contracheque que vão receber, e perdem de vista a Constituição Social que foi instalada em 1988. Então, esse é um ponto a enfrentar no balizamento da revisão jurídica, do controle social e do processo político que vamos dizer, que conduz essa vocação. A outra é a situação atual. Eu até conheço o procurador-geral. Porque ele é nosso colega na Faculdade de Direito, eu não tenho uma ideia formada sobre a sua visão de sociedade, porque as nossas linhas de pesquisa são distintas e nem sempre nós dialogamos, mas me espantam as manchetes dessa última semana, que são assim: o procurador recua de sua posição anterior e agora se posiciona de forma diferente para atuar em face de fato atribuído ao presidente da República. O procurador requer do ministro relator que estude a questão das fake news e diz que, como titular da ação penal, pode pleitear suspensão do inquérito; outra: o procurador se posiciona diferentemente sobre o caso em comparação com a atitude

anterior quando se cuidou da ação sobre requisitar elementos de prova como escuta telefônica... Inclusive, de presidente e ex-presidente da República sob salvaguarda de jurisdição especial e agora diz que não é cabível. Então, essa oscilação, essa forma inusitada do procurador se mostrar feliz da vida porque o presidente pede que ele vá até o seu gabinete para uma conversa, e a última que eu vi, depois de experiências de procurador de passado recente cognominado “engavetador-geral da República”. Sim, assusta porque não explica esse vai e vem, mas gera inúmeras possibilidades imagináveis de como se deve repensar as formas de composição, de institucionalização, designação e nomeação de uma figura com essa responsabilidade social, não só ao procurador-geral da República, mas os ministros do Supremo Tribunal. Há grandes demandas em que é preciso retirar do pequeno gabinete onde você não controla as audiências nas antessalas dos escritórios, esse jogo complicado de variação de lealdade, quando a grande lealdade deveria ser à Constituição. Então, essas coisas me preocupam e requerem maior exame de verificação dos requisitos de autonomia e de insuspeição.

Rodolfo Ward: Professor, tem uma pergunta do Alisson Souza. Ele pergunta: como mobilizar as massas em tempos da demonização da política?

José Geraldo: Olha, quando se diz assim, “a política foi demonizada”, na verdade, o que acontece é que a demonização se politizou, ou seja, isso que se chama demonização é uma forma de politizar que está sendo exercitada em espaços que a gente imaginava que fossem espaços destituídos de atividade política: os templos, as igrejas... Então ali está se demonizando a política dos outros enquanto se está teologizando a política das sacristias e dos púlpitos explicitamente. Fala-se em bancada da Bíblia. Fala-se de uma inserção das confissões nos meios de comunicação. Por exemplo, o domínio das confissões religiosas nos meios de comunicação e os templos têm um papel de politização, então, eu acho, assim: a política é uma disputa sobre como mobilizar as massas? Mobilizando nos nossos espaços, nos partidos, nos movimentos sociais, nas organizações de sociedade civil, não há lugar com maior expectativa de neutralidade do que as forças armadas, entretanto, nesse meio tempo, são as que mais dão notas que fazem

declarações nos seus clubes, portanto há uma politização intensa. Eu acho que a gente tem que disputar a política de forma ética. Em exortação pastoral, o Papa Francisco, num dos itens, se referiu à exigência que se tem de recuperar a versão sublime da política, para fazê-la à luz dos fundamentos da ética, da fraternidade, pela forma que ele se expressa como líder no mundo, então, ele se dirigiu aos cristãos, pediu a eles que fossem cristãos e fizessem política com fraternidade e, com isso, resgatando a versão política e sublime da caridade. Acho que a gente tem que exercitar a política nesses espaços de mediação social. Eu, por exemplo, faço a realização da teoria aplicada à representação no jurídico, das expectativas de novos direitos inscritas nas práticas dos movimentos sociais, formando assessorias jurídicas que sejam capazes de discernir a legitimidade dessas expectativas e construindo com O Direito Achado na Rua. Não há relação mais simples entre Direito e Arte do que a expressão Direito Achado na Rua. A rua é uma referência a um poema de Marx, que, entre nós, o professor Roberto Lyra Filho, ao traduzir o poema, quis aplicar ao campo jurídico de seu propósito de pensar o Direito como liberdade: “Kant e Fichte buscavam o país distante pelo gosto de andar lá no mundo da lua; eu por mim, tento só ver, sem viés deformante, o que pude encontrar bem no meio da rua”. Então O Direito na Rua nasce por inspiração da Arte que é, no caso, a poesia como expressão do alcance da sua pretensão teórica e política. Pensar a rua como extensão do que é público. Marshall Berman, no livro “Tudo que é Solido Desmancha no Ar”, confere esse significado. Analisando a rua na literatura, ele dizia que a rua é a representação de um espaço social no qual a multidão, nos seus encontros e desencontros, ao reivindicar liberdade, cidadania e direito, se transforma em povo. Então, juntando as concepções, eu penso que O Direito Achado na Rua enquanto concepção teórica e política quer fazer isso, quer estudar como esse espaço se estrutura, como ele é uma manifestação legítima do social, pois na rua vai tudo: o crime, a transgressão; mas vai a reivindicação social. Outro poema, de Cassiano Ricardo, fala da rua da procissão, do comício, da manifestação, da reivindicação social. A poesia de Castro Alves, é a rua libertária, abolicionista, do poder popular: “antro onde a liberdade cria águias em seu calor. Quereis,

pois, a praça, desgraçada a população, só tem a rua de seu”. Configurar, pois, esse espaço, e o sujeito que se mobiliza para construir uma agenda na qual inscreve uma pauta de emancipação social, de demanda por direitos e depois tecnicamente elaborar as categorias que emergem daí, direito de morar, de ser feliz, por exemplo, nas normas de educação popular do SUS, para as políticas públicas de atenção à saúde. É interessante observar que a portaria que estabelece essas normas arrola um conjunto de princípios, desdobrados daqueles que estão na Constituição, acrescentando novas categorias que a política do SUS deve obedecer: a troca de saberes, os saberes populares, o diálogo e a amorosidade. Quando poderíamos imaginar que o jurídico trouxesse a afetividade a conteúdo normativo e não apenas a punição, restrição, mas a amorosidade? Acho que isso fecha.

Rodolfo Ward: O Marconi pergunta se você tem esperança no impeachment do Bolsonaro ou da queda da chapa junto ao TCE. E aí tem uma outra pergunta que é: como vamos derrubar o Bolsonaro se não podemos ir para a rua?

José Geraldo: Podemos. Aliás, penso que o bolsonarismo de rua está sendo contido pela emancipação de rua. As enfermeiras na frente do palácio seguindo as regras sanitárias, confrontando e mandando a sua imagem para o mundo estética e politicamente. A torcida do Corinthians, que é politizada, lutou contra a ditadura, projetou atletas comprometidos com o social, mobilizou e foi para a rua contra a ditadura, contra as instituições antidemocráticas. Podemos e temos meios, mas também temos a rua crítica, virtual. Esse congresso virtual da Bahia onde eu participei hoje, o reitor até veio me cumprimentar. Ele disse que tinham 38 mil inscritos e a preocupação dele era com aqueles que, por conta de restrições sociais, não puderam se inscrever, porque não têm acesso livre de internet. Então, a abertura da política de dados para todos que precisarem participar do processo, como ficou descoberto no ENEM, o adiamento dele, então temos esses meios recriando esse espaço, que é um espaço que não precisa ser aquilo que Boaventura de Sousa Santos indicou, de formação de um espaço de solidão, mas que pode ser, se não substituirmos o social e o afetivo, uma comunidade de solidários. Precisamos construir essa dimensão crítica desses espaços

e falo em dimensão crítica no sentido de Paul Virilio que escreveu um livro chamado “O Espaço Crítico”, para falar da recuperação dessas formas de participação e as redes que podem fazer, sem fake news, mas por formas verdadeiras, a reinstalação da verdade na política e não o que a gente tem aí na política.

Rodolfo Ward: Professor, onde que a gente encontra aquele livro que você mostrou no começo, do “Future-se”?

José Geraldo: Esse livro faz parte do acervo do Instituto Humanitas da universidade UNISINOS (Vale do Rio dos Sinos), e ele tem tanto nesse formato quanto on-line, chama “IHU online”. Lá você encontra essa revista que é a número 589, de 19 de agosto de 2019. A publicação tem a forma de entrevistas. Esse site é uma forma de luta, o que tem ali de discussões a contrapelo de disputas que os meios oficiais querem fazer prevalecer, mostra bem que nós podemos construir outras narrativas.

Rodolfo Ward: E o pessoal “está” querendo saber se você acha que o impeachment vai acontecer.

José Geraldo: Então, o futuro é futuro porque é incerto. Tudo vai depender de como se encaminham as condições de forças nesse processo e de legitimação dessas forças, como oscilam as aprovações e rejeições que os institutos medem e como se administra aquilo que é essencial na vida política. Por exemplo, na Argentina, a ditadura caiu pelo fracasso na guerra da ilha das Malvinas; a guerra atual aqui é contra o coronavírus. Como é que se administrará isso? Já há um acúmulo dramático de fracassos, inclusive com a militarização dessa política, que também está revelando uma competência de jogos de guerra bastante limitada, porque não são esses os meios que se prestem ao convencimento do controle das políticas públicas mundiais que testaram as formas de confrontar a pandemia. Esta semana, o ministro da justiça que era a “cereja do bolo” desse projeto, para usar a linguagem deles, é uma defecção, não é? O empresário cuja residência foi o quartel general do gabinete pré-governo sai denunciando, dizendo que tem provas da corrupção do processo eleitoral. Estamos vendo a excitação dos atores políticos, mas estamos vendo também a armação do quebra-cabeça, são dezenas de pedidos de impeachment. Um deles eu assinei, com 150 juristas, 400 entidades, no caso da presidenta Dilma, eram números

parecidos, e um foi agendado, teve adesão do “centrão” na câmara. Um dos pedidos está assinado pelo partido que elegeu o presidente, então... E estrutura interna está se descentralizando. Quando a gente divide o poder, o tiroteio começa. Quem já viu filme de bang bang, vê que o tiroteio começa nessa hora. O presidente do Tribunal Eleitoral eleito ontem disse que vai pautar a ação de impugnação da eleição, então o quebra-cabeça está armado agora. Como ele se resolverá? O “centrão” foi pautado essa semana como investigável, o alcance da investigação vai a 2018 no tocante à mobilização para a produção das fake news. Como que isso tudo vai se comportar? Voltando à arte, qualquer desatenção pode ser a gota d’água (risos). Como Chico Buarque falou das mágoas, aqui também... ressentimentos e preocupações: “será que todo esse caldo vai me atingir, não é melhor eu sair já antes que isso ao contornar, me contamine também?”. Como fez o Moro, achando que isso ia diminuir o que ele fez. Eu também assinei com outros para demonstrar a ocorrência das improbidades e das ilegalidades de natureza administrativa e até criminal, crime de responsabilidade, representação no “Conselho de Ética”, que já recebeu e vai lhe intimar. Como vai decidir, não sei. Qualquer desatenção pode ser a gota d’água, qualquer movimentação... Hoje, por exemplo, o filho número dois propôs e já vai ser submetido ao Conselho de Ética da Câmara, a ruptura institucional, que ele diz: a questão não é se, é quando. Mas já vai ser submetido, quer dizer... ontem o Superior Tribunal de Justiça não acolheu a proposta de federalização do inquérito que apura a responsabilidade pela morte, e o mandante pela morte, no assassinato da vereadora Marielle, permanecera na polícia do Rio... Qual polícia? A Federal do supremo, do Moro, do presidente, da milícia? Qual? Espero que entre esses entrechoques surja uma polícia da República, uma polícia da Constituição, aí qualquer movimento no processo pode desencadear uma correlação que faça o impeachment andar, o inquérito ser concluído, que faça as manifestações de rua queimarem como um gatilho, como em Mineápolis hoje que se queimam delegacias, carros de polícia por causa do espetáculo de um negro assassinato por um policial branco, transmitido para o mundo, pode ser o paroxismo dessas relações de opressão, então qualquer desatenção pode ser a gota d’água.

Rodolfo Ward: Professor, eu só quero tirar uma dúvida, o SUS tem relação direta com a UnB? Essa política pública foi formulada lá dentro, ou como é essa relação?

José Geraldo: A política foi formulada no Congresso e na Constituinte. O SUS é o enunciado da Constituição. Seu modelo que é o modelo de participação deliberativa e de controle social, de competência universal e pública que é o principal modelo. Veja que o carro de força dos EUA colapsou porque não tem um sistema público e ele foi gerado assim, mas ele foi formulado pelo sanitarista brasileiro que envolve esses quadros da área de direito sanitário que estão presentes nas conferências de saúde, notadamente na oitava conferência da Constituinte que praticamente desenhou o seu formato e o modelo normativo da Constituição e, nesse movimento sanitarista, vem a grande estirpe dos principais sanitaristas brasileiros Sergio Arouca, que foi parlamentar, mas que criou também o suporte institucional como a FIOCRUZ. Mas na UnB se debateu muito essa política, notadamente no Núcleo de Estudos de Saúde Pública do CEAM e interlocutores importantes do Movimento Sanitarista que lhe traçou o desenho conceitual, atuavam e atuam ainda no espaço de ensino, pesquisa e extensão em saúde coletiva da UnB.

José Geraldo (Direito/UnB) - Professor titular da Faculdade de Direito e ex-reitor da Universidade de Brasília (UnB). Possui graduação em Ciências Jurídicas e Sociais pela Associação de Ensino Unificado do Distrito Federal (1973), mestrado em Direito pela Universidade de Brasília (1981) e doutorado em Direito (Direito, Estado e Constituição) pela Faculdade de Direito da UnB (2008). Atualmente, é professor titular da Universidade de Brasília, atuando na Faculdade de Direito (graduação e pós-graduação) e no CEAM- Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (Pós-Graduação - mestrado e doutorado - em Direitos Humanos e Cidadania). Ensina, faz extensão e pesquisa na área de Direito, com ênfase em Teoria do Direito, principalmente nos seguintes temas: direito achado na rua, direito, cidadania, direitos humanos e justiça.

“ARTE COMPUTACIONAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA”

Suzete Venturelli

Rodolfo Ward: Você está em São Paulo?

Suzete Venturelli: Sim, mas neste momento está bem difícil ficar aqui sozinha.

Rodolfo Ward: Não há aula presencial na Universidade Anhembi Morumbi e na Universidade de Brasília?

Suzete Venturelli: Não, talvez tenhamos uma flexibilização a partir de segunda feira, mas está tudo muito confuso em São Paulo e no Brasil. Por exemplo, a irmã de uma aluna minha faleceu em decorrência de um aneurisma cerebral, pois não conseguiu atendimento em nenhum hospital público. O SUS é o nosso único caminho para tentarmos salvar as pessoas contaminadas pela covid-19 mas, infelizmente, outros atendimentos ficaram prejudicados.

Rodolfo Ward: O SUS faz a diferença, não é?

Suzete Venturelli: Faz, muita diferença. Entretanto, o SUS e a educação, além de outras atividades, estão caminhando para um futuro obscuro com o governo de direita, neoliberal.

Rodolfo Ward: São tempos difíceis. Aqui em Brasília, a previsão é de que este mês de junho seja o pico. Eu tenho um amigo que é médico em São Paulo e ele me ligou dizendo que estava querendo passar um tempo fora, porque em São Paulo a contaminação cresceu muito. Respondi que em Brasília começou também a crescer.

Suzete Venturelli: Eu vou para Brasília dia 20 de junho, mas já comrei máscara protetora etc. Vou para a casa da minha filha de férias e para ficar um pouco em família. O isolamento aqui em São Paulo me fez refletir sobre a importância de participar das redes criativas de arte.

Rodolfo Ward: E é bem interessante, porque esta questão da arte agora está aflorando, e o pessoal está sentindo o quanto a arte é necessária.

Suzete Venturelli: Sim! Concordo, pois a arte sempre foi necessária.

Rodolfo Ward: É. Só que a galera não via assim.

Suzete Venturelli: As redes criativas artísticas são fundamentais para aproximar pessoas com a mesma afinidade profissional, possibilitando mais troca de conhecimento e ideias. Entretanto, o autor Byung-Chul Han alerta no seu livro, “No Enxame: perspectivas do digital”, que nas redes sociais interativas os remetentes e receptores vivem num enxame digital, como indivíduos isolados e incapazes de formar um “nós”. Para Han, nessas redes somos incapazes de questionar as relações de poder dominantes, ou de formular um futuro por causa da obsessão com o presente. O autor descreve uma sociedade cuja informação ultrapassou o pensamento, na qual os mesmos algoritmos são empregados tanto pelo Facebook quanto pelo mercado de ações e pelos serviços de inteligência. A democracia está ameaçada porque a comunicação digital tornou a liberdade e o controle indistinguíveis. O Big Brother foi substituído pelo Big Data. A questão da distância é de fato seu ponto de partida. Não a distância geográfica, mas o que ele entende por distância do tipo cognitivo ou mesmo moral, ou seja, a distância implícita em uma lacuna entre as esferas pública e privada, entre questões potencialmente significativas para todos e coisas que não são da conta de ninguém. Por exemplo, muitos de nós considerariam que a avaliação de um candidato político nas redes pode nos manter distância dele. Isso ocorre, mas, ao mesmo tempo, nos isola somente com indivíduos que pensam de forma semelhante. Por outro lado, as redes criativas, neste isolamento, como as redes github e open processing, se tornaram fundamentais para que a criatividade pudesse ser divulgada. Eu também tenho revisto a importância da teoria Ator Rede, de Bruno Latour, para se compreender esse momento, pois a teoria aborda, exatamente, a relação humano/não humano. Conversando com alguns alunos de design, ficou mais claro

entender a teoria em função do próprio desenvolvimento dos projetos envolvendo a criação de interfaces não convencionais, como as que possibilitam a interação por meio da voz, que pode colaborar, em conjunto com a Inteligência Artificial, na aproximação entre as pessoas por meio da máquina. Passamos por um momento de reflexão importante, em relação também à própria prática, pois, de certa maneira, no contexto da arte e do design computacional, temos o controle do código. Então, nos aproximamos do pensamento de Vilém Flusser quando avalia o poder desse conhecimento.

Rodolfo Ward: Introduzindo a nossa entrevista, hoje teremos a terceira edição do programa: Arte e Inovação em Tempos de Pandemia, que é um projeto de extensão aprovado em edital na Universidade de Brasília. Devido ao rápido avanço da covid-19 em solo brasileiro, as pessoas ficaram mais em casa, e a partir disso propomos a utilização da transdisciplinaridade do conhecimento para a produção de conteúdo audiovisual por meio de lives com pesquisadores, artistas, membros da comunidade tradicional e da cultura popular. Esse projeto busca gerar conhecimento transdisciplinar e disseminá-lo para a sociedade geral e assim promover democratização do conhecimento. Esse pensamento plural é incentivado e desenvolvido pelo âmbito do Media Lab/UnB que integra a rede Media Lab/UnB. Nessa edição, temos a honra da participação da nossa querida professora Suzete Venturelli, direto de São Paulo, e foi também minha orientadora no mestrado em Artes Visuais na UnB. Um breve histórico para quem não conhece: desde 1986 ela atua como professora, artista e pesquisadora da Universidade de Brasília no Instituto de Artes, e foi coordenadora dos cursos de graduação e pós-graduação em Artes da Universidade de Brasília. Foi diretora do Instituto de Artes e iniciou o programa de pós-graduação em Arte em 1991, na área de Arte e Tecnologia da Imagem. Nesse mesmo ano, inaugurou o primeiro laboratório dedicado à Arte computacional que passa a ser laboratório de pesquisa em Arte computacional, que é o Media Lab/UnB, do qual nós fazemos parte e que integra o Mídia Lab/BR, que é coordenado hoje pelo Cleomar Rocha, que foi o nosso primeiro entrevistado e que é meu orientador no doutorado. Então, esse espaço funciona como um ateliê para a área, reunindo artistas e pesquisadores

de Arte computacional. A professora Suzete já ganhou diversos prêmios na área de Artes e expôs em várias galerias, as maiores aqui do Brasil e algumas no exterior, e é autora referência na área de Arte e Tecnologia. Ela coordena o encontro internacional de arte, atualmente é professora titular da Universidade de Brasília, professora titular da Universidade Anhembi Morumbi e bolsista CNPq. Então, assim, professora, eu vou retomar até o que eu coloquei na minha dissertação de mestrado, uma frase sua que eu peguei do seu primeiro livro de 2004 e depois uma complementação que você colocou no livro de 2016. “Venturelli (2004), entende que os avanços tecnológicos proporcionaram novas formas de fazer a Arte, e as vanguardas dos movimentos artísticos buscaram incorporar novas práticas e ferramentas as suas criações. Explicita que os movimentos artísticos do século XX de modo geral, introduziram na Arte o desejo pelo novo e rejeitavam cânones de uma tradição determinada pela classe burguesa. Por novas tecnologias entende-se a fotografia, cinema e o vídeo e por tecnologias contemporâneas, as computacionais, Venturelli, — e ali já um apanhado de 2016 — complementa que umas das principais características da Arte do século XXI é a liberdade a todo o controle autoritário e prescrever normas racionais pela estética, e tem como objetivo desenvolver a estética, a força da reflexão e a assim como romper com as alienações das massas — que era bem o que você “tava” falando agora pouco —.” Bom, não querendo puxar sardinha para esse projeto, mas esse projeto, ele traz esses elementos. Então, assim, eu queria que você falasse um pouco mais retomando sobre o que você estava falando e que eu acabei interrompendo para fazer essa apresentação, mas eu queria que você falasse um pouco sobre esses avanços tecnológicos por meio das suas experiências junto ao Media Lab/UnB, na verdade iniciando sobre o que é a Arte computacional. Como você vê essas questões?

Suzete Venturelli: Agradeço o convite, Rodolfo. Eu tive muita honra de orientar você também, você fez um trabalho artístico muito poético. A partir do que você colocou, considerando o meu livro publicado em 2004, posso acrescentar que ocorreu uma mudança do pensamento criativo na passagem da mídia eletrônica para a mídia digital. No contexto social, os artistas questionavam a arte inserida em um tipo de sistema burguês,

no qual o meio artístico escolhia o que apresentar e o que não expor. Nesse sentido, fica claro que o artista, que subverte também, discute sua posição no contexto social, assim como avalia os meios pelos quais a obra é realizada. Discute-se a sociedade, e a Arte se aproxima de questões sociais, que proporcionaram também o desenvolvimento das tecnologias de comunicação. Os artistas se apropriaram das novas tecnologias para dar continuidade a algumas ideias: como discutir o controle da produção cultural por pequenos grupos do mercado da arte. Tentavam novos caminhos alternativos nos anos de 1970, 1980 como as intervenções urbanas, os grafites, os stickers, que compunham as ações e provocavam uma maior participação do público no contexto das exposições. Por exemplo, cito o artista Fred Forest, que fez parte do movimento da Arte Sociológica, na França. Naquele momento, as mídias foram importantes porque, de uma certa maneira, elas possibilitaram as transmissões em tempo real.

Rodolfo Ward: E como que surgiu a ideia de montar o Media Lab na UnB. Por que você fez a sua formação na França? Como que surgiu essa ideia? Seu mestrado foi em História da Arte?

Suzete Venturelli: Então, eu fiz a graduação na Universidade Mackenzie, em São Paulo, curso de licenciatura em Desenho e Plástica, e, depois um mestrado sobre Cândido Portinari, em História da Arte e Arqueologia em Montpellier, na França. O outro mestrado na Universidade Sorbonne Paris 1. A tese de doutorado eu intitulei de Intervenção do Artista Plástico em Contexto Urbano. Em 1986, retornei ao Brasil e prestei o primeiro concurso público para provimento de professor de arte de nível superior da Universidade de Brasília. O meu portfólio era composto por trabalhos impressos em serigrafia, offset, fotografias e vídeo. O vídeo ainda era um dispositivo custoso e, portanto, difícil de se obter para trabalhos artísticos. No contexto da teoria e de um pensamento mais crítico, minhas referências foram Mikel Dufrenne, Bernard Teyssède (meu orientador), Gilles Deleuze. Além deles, apreciava as análises de Achille Bonito Oliva, e sua proposta da Transvanguarda. Minha intenção foi de atuar na UnB como professora, artista e pesquisadora. Por essa razão, o espaço do laboratório se tornou essencial, como espaço multi e transdisciplinar. Encontrei pesquisadores muito dedicados e com desejo de mudar o Brasil, e fazer parte da mudança que

estava chegando. Essa vida se inseria no âmbito da teoria dos sistemas, na qual não há oposição entre a arte e a natureza.

Rodolfo Ward: Então... quando você propôs a criação do laboratório, você já estava trabalhando com o que você ama. Porque você tem uma formação nas Artes plásticas, como você falou. E como é que foi essa transição para esse meio mais digital, da arte computacional?

Suzete Venturelli: Então, o campo das artes plásticas também envolvia os meios eletrônicos e outros, como os computacionais, que estavam chegando. Na Universidade Sobornne eu tive a sorte de ter encontrado François Molnar, esposo da Vera Molnar, que foi uma das pioneiras na Arte computacional. Já na Universidade Paris 8, assistia às aulas de Frank Popper, que escreveu o livro *Arte, Ação Participação*. Este livro faz uma síntese da produção artística dos anos 1960 até 1980, discutindo, entre outros assuntos, a importância do surgimento de tecnologias computacionais. Nesse momento, desde o final de 1970, trabalhava com performance, intervenção urbana e me envolvi com essas questões da relação da Arte e sociedade. As técnicas computacionais de interação, por exemplo, ajudaram bastante nas poéticas que estava propondo. Comecei então a construir novas realidades com mundos virtuais 3D. Foi um caminho interessante de experimentação, no qual algumas ideias eu não consegui realizar, e outras continuaram por meio de novos encontros e com a formação de equipes de pesquisadores que fazem parte do Media Lab/UnB.

Rodolfo Ward: Ele fica aberto vinte e quatro horas por dia. E isso é interessante no contexto universitário, pois a pesquisa não para. Professora, só retomando, sobre as ideias de Vilém Flusser, que disse que a linguagem digital, por exemplo, é composta por códigos, e que, por esta razão, a grande maioria das pessoas, por não terem acesso ao código, são dominadas facilmente. Você poderia retomar um pouco sobre isso?

Suzete Venturelli: Eu vou discorrer sobre a construção de uma linguagem, tomando como exemplo o *design* de interfaces de mídias interativas. As interfaces, como nós percebemos hoje, surgiram a partir de uma linguagem visual, mas está estruturada em códigos computacionais. A interação humano-computador passou a ser um campo de pesquisa para artistas, designers e desenvolvedores. As pesquisas provocaram mudanças

importantes no modo de aproximação e de interação com os dispositivos, com o nosso modo de pensar. Por exemplo, com a máquina de escrever analógica, o modo de interação prejudica enormemente o fluxo de pensamento. Hoje, por meio das interfaces dos editores de textos digitais, nosso fluxo de pensamento é bem menos interrompido. Sobre a questão do acesso ao código, gostaria de citar o projeto de Nicholas Negroponte, que foi diretor do MIT. Ele e sua equipe propuseram, nos anos 1990, o projeto One Laptop per Child (OLPC), que foi uma iniciativa sem fins lucrativos criada com o objetivo de transformar a educação de crianças em todo o mundo; essa meta deveria ser alcançada criando e distribuindo dispositivos educacionais para o mundo em desenvolvimento e criando software e conteúdo para esses dispositivos. Ele levou essa experiência para vários lugares, inclusive para África, onde as crianças que viviam no meio do nada, no deserto, sem escola formal, começaram a estudar com os computadores sem nunca terem visto alguma instrução de como funcionava. Ele conta que, sozinhas, descobriram onde ligava a máquina e, em uma semana, já estavam mexendo em várias coisas e, em um mês, aprenderam inglês. Eu considero a experiência e a proposta incríveis, pois apresentam o lado positivo da tecnologia em educação.

Rodolfo Ward: Isso pode estar contido na conceituação sobre o pós-humano?

Suzete Venturelli: O pós-humanismo representa uma nova condição do ser, que resulta numa maior vontade de colocar o ser humano como um elemento da natureza. Não há uma separação entre cultura e natureza, portanto, considera natural que a máquina faça parte da nossa evolução no sentido darwinista. Enquanto o transhumanismo é um momento de desenvolvimento da ciência e aplicação massiva para a melhoria das capacidades humanas.

Rodolfo Ward: Então a tecnologia evoluiu em conjunto com o homem ou num sentido diferente?

Suzete Venturelli: Nasce com o ser humano, então ela é natural. Muitas coisas têm sido desenvolvidas para a sobrevivência da espécie e da natureza. Por exemplo, o desenvolvimento da robótica e a aplicação da Inteligência Artificial em todos os campos do conhecimento e industrial. Segundo Ray Kurzweil, pós-humanista, e que o momento da singula-

ridade, quando a máquina vai adquirir consciência está bem próximo. Será aproximadamente em 2055 que a máquina adquirirá consciência. Mas ninguém sabe muito bem como ela será.

Rodolfo Ward: Agora podemos seguir para uma parte um pouco mais filosófica, destacando a obra *Orquídea_natural_artificial*, elaborada em equipe com os estudantes do Media Lab/UnB.

Suzete Venturelli: A ideia surgiu em função da relação Arte, tecnologia, natureza, e como pode haver uma colaboração, onde a natureza possa também controlar a máquina por meio de seus sinais. Numa recente publicação, escrevemos que a relação da arte e natureza não é recente, mas a relação artificial natural deu origem a um tipo de arte que ficou conhecida como bioarte ou arte e vida artificial. No Laboratório desenvolvemos o projeto artístico, no qual uma linda Orquídea controla uma impressora de chocolate 3D, ou seja, simbolicamente controla a natureza artificial – denominada atualmente como tecnologia, para entrar em comunicação com os humanos.

Rodolfo Ward: Essa questão que trouxeram para Arte pode ser considerada de cunho social e afetivo?

Suzete Venturelli: As duas coisas. A Orquídea imprime suas informações afrodisíacas em chocolate, como forma artística. Os alimentos afrodisíacos como chocolate, pimenta ou canela são alimentos que possuem nutrientes com propriedades estimulantes e que, por isso, aumentam a produção de hormônios sexuais e ativam a libido. No contexto artístico, pensamos sua origem na primitiva geométrica cubo como morfogênese do projeto, que, ao ser subdividida por parâmetros aleatórios, gera um padrão complexo, ao se repetir dentro da forma. Buscamos despertar por meio da obra sensações por meio dos sentidos do tato e do olfato, também.

Rodolfo Ward: O nosso tempo está acabando, você quer falar mais alguma coisa?

Suzete Venturelli: Eu queria agradecer muito a oportunidade, e parabenizar você pela proposta. Aproveito para gritar: FORA, BOLSONARO!

Suzete Venturelli (UnB/Anhembi Morumbi) - Pesquisadora artista e professora titular do Instituto de Artes da Universidade de Brasília (UnB). Realizou

pós-doutorado na Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes (2014); doutorado em Artes e Ciências da Arte, na Universidade Sorbonne Paris I (1988), orientação Bernard Teyssède; mestrado em Esthétique et Science de l'Art DEA. Université Paris 1 Pantheon Sorbonne, PARIS 1, França (1982) e mestrado (DEA) em Histoire et Civilisations - Université Montpellier III - Paul Valery, França, intitulada Candido Portinari: 1903-1962 (1981). Graduada em licenciatura em desenho e plástica, Universidade Mackenzie em São Paulo (1978). Desde 1986 atua como professora, artista e pesquisadora da Universidade de Brasília, Instituto de Artes, departamento de Artes Visuais. Atualmente leciona na Universidade Anhembi Morumbi, localizada no estado de São Paulo.

“A IMPORTÂNCIA DA LIDERANÇA DA MULHER INDÍGENA EM MEIO À PANDEMIA”

Avelin Buniacá Kambiwá

Rodolfo Ward: Olá, boa noite.

Avelin Buniacá: Olá, boa noite. Bom a gente ter essa conversa, esse momento é muito urgente para a gente falar da nossa luta, das nossas dores, o nosso povo está morrendo aí sem dó, a gente teve mais uma tragédia hoje, uma criança que caiu do prédio de (inaudível) andares, essa coisa da colônia, o caso é grave, essa colônia do Brasil não acabou, então a gente falar dos povos indígenas, de resistência, das mulheres que trazem essa luta... tô muito feliz com essa oportunidade, é bom falar das nossas lutas e é bem providencial, principalmente agora nesse momento que a gente está enfrentando a pandemia e até a peste e o peste, a peste e a praga, né, então é um momento bem difícil e eu agradeço ao Media Lab pela oportunidade da gente fazer essa reflexão e essa luta.

Rodolfo Ward: Então, inicialmente eu agradeço em nome da Media Lab/BR, inclusive, essa Media Lab engloba o Media Lab/UFG e o Media Lab/UnB. Então, a gente vai começar. Vou iniciar fazendo uma apresentação e depois eu passo a bola para você. Hoje teremos a quarta edição do projeto Arte e Inovação em Tempo de Pandemia. É um projeto de extensão aprovado em edital na Universidade de Brasília, e, devido ao rápido avanço da covid-19 em solo brasileiro, as pessoas ficaram mais

em casa, e a partir disso propomos a utilização da transdisciplinaridade do conhecimento para a produção de conteúdo audiovisual por meio de lives com pesquisadores, artistas, membros da comunidade tradicional e da cultura popular. Esse projeto busca gerar conhecimento transdisciplinar e disseminá-lo pela sociedade geral e assim promover democratização do conhecimento. Esse pensamento plural é incentivado e desenvolvido pelo âmbito da Media Lab/UnB que integra a rede Media Lab/BR. Nesta edição, nós temos a participação da professora, da guerreira Avelin Buniacá Kambiwá, que é uma líder, ativista indígena. Ela é professora especialista em gestão de políticas públicas em gênero e raça, foi a primeira candidata declaradamente indígena em BH e é fundadora do comitê das causas indígenas além de ser assessora no Gabinete. Então, professora Avelin, podemos notar um forte e crescente protagonismo feminino nas ações dos povos indígenas, vemos essa luta que vocês têm travado em defesa dos seus povos tanto em relação aos direitos humanos quanto contra a exploração inconsequente da mãe terra, essa luta tem repercutido internacionalmente. Você poderia falar um pouco sobre esse protagonismo ascendente da liderança feminina indígena?

Avelin Buniacá: Primeiro saldar os nossos ancestrais que vieram antes da gente, essas guerreiras de luta, elas vieram abrindo caminhos, né, como nós estamos aqui abrindo caminhos para... nós seremos ancestrais de alguém, abrindo caminho para nossas filhas... então saldar aquelas que vieram antes de nós. Então, o protagonismo da luta indígena, da mulher indígena é muito ligado mesmo a mãe terra, de quem nós somos, então quando a gente começa, a gente está vendo isso muito claro nessa época de pandemia, então as grandes cabeças a frente desse enfrentamento à pandemia são as mulheres, elas estão ali, ou fazendo uma máscara, ou apoiando no caso das aldeias os parentes que estão fazendo barreiras sanitárias, enfim... essa luta de proteção que é da mãe terra as mulheres estão aí fazendo esse protagonismo, de proteger os seus, cuidar dos seus mais velhos, evitar qualquer tipo de exposição. Então, nesse protagonismo a gente vê que ela está em toda as mulheres indígenas, porque às vezes a gente pensa... a gente teve lideranças indígenas como a Marinalva Kaiwoá, que foi assassinada em 2014, a gente pensa no povo guarani Kaiwoá, mas não só os povos que não têm

aquele fenótipo para inglês ver, essas mulheres estão morrendo todos os dias, elas estão lutando pela vida delas dentro e fora da cidade. A gente tem um problema gravíssimo que é um grande número da população indígena na cidade em que a FUNAI se exime porque eles estão na cidade e as prefeituras se eximem porque acham que eles são indígenas porque é uma questão federal, então ninguém trata, então são mulheres que são vulnerabilizadas, são mulheres que precisam estar em lugares em que elas tem que dar o recado, que tem que proteger não só a si mesma, porque como eu tô falando da maternagem, mas não tem a ver com a maternagem que imbeciliza, incapacita, é uma questão de gestar mesmo, de gestar dentro de uma casaca, de proteger, essa é a função da mãe indígena, como a mãe terra, e em cada comunidade indígena tem dezenas de mulheres que são lideranças indígenas e a maioria delas não tem espaço para poder falar, para poder dizer das necessidades do seu povo, não tem acesso às redes sociais, às mídias e essas mulheres estão todos os dias fazendo as mulheres existirem, as comunidades indígenas se baseiam nesse cuidado, nessa raiz firme que são as mulheres. Então, desde fazer aquele mingau para criança e ir para frente de batalha, até ir enfrentar exposições mesmo, de ir para luta, de enfrentar, como a gente tem por exemplo, Joana Epichanea, a nossa primeira deputada federal indígena, isso a partir de... a gente teve nos anos 80, né, o parente xavante e, depois disso, a gente não teve mais nenhuma expressão indígena, a gente teve Sonia Guajajara como primeira mulher indígena como candidata a vice-presidente, isso é um marco, não dizendo que ela representa todos os indígenas porque nós somos uma diversidade muito grande, né, mas foi um marco para o movimento de forma geral, isso foi marcado. Então, a gente tem (inaudível) foi candidata a vereadora em Manaus, uma guerreira do povo Kokama que está enfrentando o coronavírus aí com muita luta, com as rezas tradicionais, então isso é maravilhoso, os povos Banila também estão fazendo isso, então se fortalece com os remédios tradicionais indígenas e se protege e cuida, e “tamo” cuidando, “tamo” fazendo esse enfrentamento. Então, vem esse enfrentamento dessa época específica da covid e eu acho que começa outro enfrentamento também que é essa luta antirracista, e eu quero falar dessas mulheres indígenas que não têm o Media Lab para falar,

que não têm acesso às mídias, porque o Brasil exclui tanto os povos indígenas que até do ponto de vista de percepção do que é o indígena há uma exceção, aí já entra na luta antirracista, a gente está aí (inaudível) e isso é muito importante no Brasil que tem mais de cinquenta por cento da sua população entre negros e pardos, e pardos, normalmente, “é” muito direcionado que é um afrodescendente e não é, a gente tem casos, principalmente lá em Manaus, da mortandade de parentes indígenas e para diminuir os casos e também isso já foi feito em outros (inadiável) e a gente sabe que se não tiver número, estatística, até falando como socióloga mesmo, se não tiver números, não tem política pública, então estão enterrando os parentes indígenas como pardos, as famílias insistindo para colocar indígena e não põe e você vai, hoje em dia não se usa mais raça, cor nas certidões de nascimento, mas as certidões de nascimento indígena vinha pardo para diminuir, e quanto menos verbas destinadas, menos políticas públicas, então eles sempre quiseram nos apagar, nos aniquilar. A gente está passando por um momento de despertar que começou nos EUA, ótimo, eu também sinto muito usando as palavras do outro guerreiro, o Emicida, que o pessoal só vai acordar quando reflete dos EUA para cá, porque, realmente, no caso da menina Ágata já era para estar pegando fogo e eu concordo com essas expressões, sabe? A luta dos povos negros em todo mundo, até porque os povos indígenas são chamados de negros da terra, não existem brancos no Brasil, os brancos aqui no Brasil são vistos lá fora como latinos, por mais pele clara... você, por exemplo, não é branco... ledo engano... então quando eu falo de uma luta antirracista, eu tô falando dos povos indígenas, negros originários do mundo inteiro, então não existe uma anterioridade ou uma preeminência de quem vem primeiro, o ovo ou a galinha, não vai haver racismo, é fogo nos racistas sim, povo indígena não é aquele bichinho, não, selvagem, que não se exalta, que não vai para luta, o povo indígena não é um bom selvagem, olha a gente não é o indiozinho bom, olha que legal está usando o celular, tem indígena blogueirinha do Twitter, nós somos pessoas com potencial pro bem e pro mal, nós somos povos de luta, então quando pensam... uma vez eu fui numa universidade, acho que foi em Juiz de Fora, e o professor falou: “olha eu acho engraçado que os povos negros querem ser gerentes

de bancos, doutores e você não vê isso com os indígenas, os indígenas só querem cuidar da natureza, ter um lugar de paz.” E eu: “não é não, de onde o senhor tirou isso?!” Ele, o reitor da faculdade, depois foram falar comigo: “você xingou o homem?” “mas é claro”. Quer dizer que a gente quer ficar só ali na sombra, na rede com os bichos para as pessoas irem lá cada vez menores terras indígenas demarcadas e ver o zoológico humano como aquele bozo genocida falou, de jeito nenhum! Nós queremos espaço, como eu estava te agradecendo esse espaço de fala aqui, a gente está num momento de genocídio provocado pela pandemia, provocado por séculos de enfraquecimento dos povos indígenas, da saúde indígena, não tinha estrutura indígena para receber essa pandemia, só que não começou agora, é um processo da colonização, ele só explodiu agora e quem está fazendo esse enfrentamento? São principalmente as mulheres indígenas que vêm com essa coisa que eu te falei no começo, essa questão de fechar mesmo, fazer uma concha em cima dos nossos.

Rodolfo Ward: O que você trouxe aí são vários dados importantes e o que a gente percebe é, principalmente nas redes sociais, a articulação das lideranças indígenas é muito forte. Vocês desenvolveram um modo próprio de articulação por meio das plataformas de redes sociais, no meu ponto de vista, único. Na atualidade, a liderança feminina, essa ascensão da liderança feminina em todos os âmbitos, neste caso específico, a indígena, assumiu a responsabilidade pela luta, pelas causas, pelas pautas, e está levando, inclusive, para fora do Brasil, buscando articulações internacionais para ajudar a resolver problemas internos. E você é um dos principais nomes hoje em dia. Por isso a gente te trouxe, para escutar a sua fala. Eu não quero falar muito, não, eu quero deixar esse espaço de fala para você.

Avelin Buniacá: Eu acho que houve um enfraquecimento da liderança masculina, eu acho que os homens estavam sempre migrando, às vezes não voltavam, tinham muitos casos de homens que saíam da aldeia para trabalhar e não voltavam, até mesmo para vender artesanato e não voltavam, então a mulher tinha que cuidar dos filhos e da comunidade, então, muitas vezes, o empobrecimento e a exploração desses homens principalmente para canaviais, o empobrecimento, o enfraquecimento moral desses homens com a cachaça, então, assim, as mulheres dentro

das comunidades sempre responsáveis pela vida continuar, tanto que, quando as pessoas vêm para a cidade em busca de trabalho, normalmente são as mulheres que estão trazendo a renda para casa e as mulheres, quando migram, vão fazer principalmente serviços domésticos. Hoje a gente teve aquele crime bárbaro na colônia, aquela mãe que não podia “está” cuidando do filho porque tava levando cachorro para fazer cocô, essa reprodução da colônia que a gente precisa sair desse inferno já, então quando a gente pensa o enfraquecimento do homem indígena e o endurecimento das mulheres na luta quase que historicamente forçado é por essa luta, por essa ligação espiritual que a gente tem com a mãe terra, e também pelas circunstâncias sociais, as mulheres indígenas começaram a ser comercializadas, os homens começaram a ser comercializados, enfraquecidos, tanto que você vê que o maior número de estudantes indígenas nas universidades são mulheres, então você vê essa letargia é um processo que parte de uma cura, também de cura do homem indígena e do homem geral do mundo, não é um caso específico nosso, mas isso, de um modo geral, é um processo de enfraquecimento. O estupro, por exemplo, como arma, as suas mulheres sendo estupradas e essa coisa da gente ter dado a volta para cima, a gente cuida, a gente protege a gente cuida dos nossos homens, dos “nosso” meninos a gente cuida, ensina, tenta “trazer” que sejam meninos homens que tenham uma visão mais amorosa, mais cuidadosa da vida, que não sejam homens que só tem que quebrar pedra, que tem que ser irresponsável com a esposa, companheiros, com aqueles que dependem dele, homens que podem ser seguros, homens... agora, eu vejo os brancos falando muito nessa tal de masculinidade tóxica, mas essa masculinidade tóxica foi colocada sobre os ombros dos homens indígenas também pela dominação colonialista, era importante que os nossos homens enfraquecessem, mas eles não contavam que a gente nunca ficou atrás do cocar dos homens, a gente tava sempre ali atentas, então, é nesse momento que ficou interessante, por isso a gente pode até pensar em feminismo branco, negro, eu não sei se existe feminismo indígena, porque eu não sei se para nós, enquanto comunidade, é interessante que a mulher fique acima dos homens, a gente não tá pensando, não é necessário isso, a gente quer que eles voltem a ficar sadios de novo para que a gente possa lutar juntos, mas, nesse momento,

somos nós mulheres, é essa força feminina que tem funcionado, que tem protegido a comunidade de diversos ataques, é ataque por meio de MP, PL é ataque atrás de ataque que a gente já sabia que esse desgoverno estava armando para nós, mas, como eu falei, isso é só um reflexo de desmonte de políticas públicas para os indígenas e de negação de acesso às políticas públicas para os povos indígenas e o que é pior é a gente não poder fazer as nossas próprias políticas públicas enquanto cidadão de direito, sempre alguém está ali resolvendo as coisas por nós, é como uma tutela eterna. A gente sabe que teve aí muito recurso, saiu recursos por exemplo da FUNAI para os povos indígenas, mas a gente não vê a aplicação desses recursos, a gente vê parente fazendo vaquinha online, inclusive eu quero falar para vocês acharem o Instagram do pontes de cultura que a gente está fazendo live e divulgando vaquinhas do Brasil inteiro porque o poder público não faz, mas isso não quer dizer que a gente vai eximir eles, mas quer dizer que enquanto ele não faz a gente não vai morrer de fome, a gente vai sobreviver, a gente vai continuar lutando, então a gente quer atrair para que os povos indígenas continuem fazendo as barreiras, para que quem não pode vender artesanato continue a pagar o seu aluguel, porque quem mora de aluguel tem isso aí, né, o horror do aluguel, então a gente tá trabalhando para que os indígenas do Brasil inteiro, na aldeia, dentro ou fora do território tradicional, tenha condição de passar por esse momento de pandemia. Pensar que os povos que sofrem esse racismo estrutural, porque no Brasil existe um modelo de indígena que é o Xingu, eles acham que aquele é o indígena, o índio Tainá, que é um personagem, e os indígenas do Nordeste, principalmente que não tem aquele fenótipo indígena, até para conseguir apoio é mais difícil, porque o estrangeiro quer aquele para ele fazer as suas... porque quanto mais exótico melhor, então o branco tem essa coisa de querer o exotismo e tal, e ele não sabe que por baixo do cocar tem um ser humano e a gente não é assim para inglês ver, não, a gente sabe do sagrado do cocar, a gente sabe, e eu me sinto muito bem quando eu estou com meus trajes, quando eu estou e quando eu não estou, mas eu gosto de estar, não tenho vergonha, ando na cidade, pego ônibus e ouço um monte de bobagens, mas que não me afeta, mas quando a gente vive esse dia a dia de ser indígena não tem como desvincular do resto da comunidade, então a gente vai tá sempre fazendo

luta, cuidando uns dos outros. Então, eu quero chamar atenção para que, nesse momento de pandemia, eu tô falando aqui de Belo Horizonte, mas tem povo em vulnerabilidade muito maior, o povo Kokoma, por exemplo, do Amazonas, Manaus, tem muito parente Kokoma que tá em contexto urbano também, tem também o povo Munduruku que está em vulnerabilidade grande, já perderam vários parentes. O Norte precisando de muita ajuda, na Bahia também tem casos de covid entre parentes indígenas, a subnotificação é imensa, a gente já não tinha estrutura de saúde indígena para aguentar nada, então, o projeto de extermínio dos povos indígenas está em andamento a gente está tentando sair desses quinhentos e vinte anos de colônia nesse momento de crise porque a gente entende que crise é para transformação né, porque depois de uma grande crise um grande povo que tava em uma em situação de opressão normalmente se levanta, e eu acredito que vai ser os povos indígenas. A gente tem, depois da Segunda Guerra Mundial, a luta das mulheres criando maior protagonismo porque foram as mulheres que “seguraram a onda” na Segunda Guerra Mundial, enquanto os homens estavam morrendo lá por causa de capricho de rico, branco, barbudo, macho, que a gente nem tinha nada a ver com isso, mas depois da Segunda Guerra Mundial eu acredito que é nesse momento que os indígenas estão com mais “sangue no olho” e nós mulheres “sangue no ventre” também, e atentas que vai ser nesse pós-pandemia que os povos indígenas não vão recuar, vai continuar arequete, avante!

Rodolfo Ward: É interessante, você trouxe uma linha histórica da segunda guerra e esse levante feminino, e você também trouxe uma explicação sobre porque hoje em dia as mulheres indígenas estão mais à frente das lutas e você deu, inclusive, vários elementos para o enfraquecimento dos homens, questões de poder e dominação. Vocês criaram movimentos nacionais, fomentam e incentivam várias etnias a criarem seus movimentos, assumirem os locais de poder. Eu participei do Acampamento Terra Livre, onde nos conhecemos e fiz aquela fotografia sua. Vocês têm participado ativamente da vida política do Brasil e têm promovido várias mobilizações, como que você vê o futuro? Pode realmente haver uma igualdade, isso já trazendo pro seu contexto de professora de Sociologia, porque existe o poder e a dominação e essa questão é uma questão histórica, como que a gente poderia pensar para ficar uma

coisa mais igualitária? Hoje temos duas vias e é necessário que a gente tenha pelo menos mais uma terceira via para que as coisas sejam mais igualitárias e se mantenha uma estrutura social sustentável que não entre em colapso. Com a tecnologia do armamento militar, o número de guerras entre povos e nações diminuiu. Como que você pensa isso?

Avelin Buniacá: É necessário centenas de vias, o universo é infinito. Só quero ler um recado da parente Maria Cipriano, ela fala assim: que nós mulheres indígenas não sejamos e não fiquemos acima dos homens, mas que possamos andar juntos e que possamos ser tratados de igual para igual. Exatamente, a parente está falando disso mesmo, dessa masculinidade ter sido atacada para enfraquecer os povos indígenas, então tem muita violência contra mulher, houve um adoecimento mesmo, e nós queremos ser tratados com igualdade e que eles fiquem bem mesmo. E você falou da TL, que é um encontro muito importante, tem muitos problemas porque é uma grande diversidade de povos e acaba sendo sub-representações e tem muitos problemas de estrutura em relação aos banheiros e nós precisamos muito mais, mas é muito importante, independente dessa parte ruim de às vezes virar palanque de gente nada a ver, como, por exemplo, Gleisi Hoffmann, eu sou de esquerda, eu não sou petista, e independente se ela fosse até do PSOL, que é da onde eu faço parte, se ela fosse, sei lá o que, mas ela fosse fazendeira como ela é, ela deveria ser cortada, não deveria nem estar ali falando, então, às vezes tem um troço nada a ver, tem essa falta de estrutura sanitária, alimentícia, é bem difícil, mas é um encontro. Tem, por exemplo, os parentes Kambiwá, como eu vou ver esse parente? Eu não vou sempre a Pernambuco, eu fui o ano passado, então eu vou aonde? No terra livre que é mais perto para eu chegar aqui em Brasília, Em Belo Horizonte, várias etnias que estão fora do território tradicional vão se encontrar em Brasília; vão encontrar com parentes de outra etnias, vão se encontrar em Brasília, eu vou trocar artesanato eu vou, eu uso a TL para outras coisas (risos) então tem muitos encontros bons, por exemplo, no ano passado a marcha das mulheres indígenas junto com a marcha das Margaridas, foi excelente o encontro, porque tem que estar presente, mas nós podemos melhorar, nós podemos marcar presença, mas de uma forma mais saudável para nós indígenas e entendendo também que a

diversidade de povos indígenas são mais de trezentas línguas e a gente consegue ver que a TL faz o encontro de maior diversidade e isso é muito bom para promover, mas não fala por todos então tem que promover essas organizações municipais, estaduais, as organizações de menor porte porque senão fica muito show business e muito distante da base que está ali carregando uma cesta básica nas costas, fazendo vaquinha para poder chegar a um lugar e você não tem nem condições de fazer coco, então mais cuidado com os povos indígenas, conosco. E aqui, em Belo Horizonte, a gente tem o comitê de apoio às causas indígenas e eu vou sugerir para vocês seguirem lá também porque é uma organização indígena e não indígena na cidade de BH e região metropolitana que trabalha com essa promoção dos direitos dos povos indígenas, então a gente nunca foi visto pela cidade como moradores da cidade, é sempre os índios, os índios estão aí. Como os índios estão aí? Nós estamos construindo essa cidade, quando os índios migram, eu não vou migrar ali para Belo Horizonte e vou ficar ali na praça sete levando esporro de polícia, sofrendo humilhação... “ah eu acho que eu vou botar um cocar, eu vou ser a chacota do bloco do índio”, aqui em BH a gente teve esse caso no carnaval e essa luta antirracismo nosso é engraçada, né, em pleno 2020 a gente tendo que falar para as pessoas: “o velho não usa o cocar no carnaval”, aí depois a gente pensa, quem será que está com o problema de comunicação aí, né? Onde é que você não entendeu? Enfim, essas lutas regionais, nesse período de pandemia, é que “está segurando a onda” porque quando você faz um ofício para a FUNAI ela diz que, se está em contexto urbano, quem tem que cuidar é a prefeitura, e, em contrapartida, a prefeitura vai dizer o mesmo, é a FUNAI, só que não é de ninguém a prefeitura a gente tem mobilizado para que a demanda aos povos indígenas chegue, então a gente consegue pelo menos acessar um banco de alimentos, estão rolando as vaquinhas para comprar fralda, cobertores, mas a resposta deles é nesse sentido, “que não é nossa responsabilidade”, então a responsabilidade é de quem? É da sociedade civil, de contribuir com a vaquinha? Contribuí se quiser, a responsabilidade não é da sociedade civil, nós já contribuimos para formação desse país e do Estado, se as pessoas querem contribuir é excelente, a gente quer que a sociedade contribua sim, mas pensar que

isso exonera o Estado, isso é um equívoco, uma mentira. O Estado tem que arcar com uma reparação para os povos indígenas e também aos povos negros transatlânticos, porque essa população, lógico que a população indígena foi e é escravizada até hoje, mas essa dívida histórica ela não é paga e nem será paga enquanto a gente achar que o Estado está nos fazendo favores, quando não é nada mais que obrigação. Então, a gente vai fazer sempre esse enfrentamento das duas vias, então a gente vai mobilizar a opinião pública de chamar parceiros, chamar na chinha, vem para a luta, nós somos 550 anos de resistência pura, nunca houve um governo nem de direita nem de esquerda que dissesse: “vivam em paz, povos indígenas, essa terra é de vocês! Podem cultivar da forma que quiserem, podem se trajar da forma que quiserem, podem mostrar a arte de vocês, vocês são livres na terra de vocês.” Nunca! Desde a invasão, nunca nos deram sossego, a gente sempre soube como agir e como lutar, para falar para nós ou vem para luta ou vai ficar para trás, porque os povos indígenas serão essa luta pós-pandemia, essa que foi tida como minoria, infantilizada, escravizada, essa coisa que é mitificada ou o bom selvagem que não querem ser gerentes de bancos, só querem ficar na rede mastigando matinho, ou aquele selvagem comedor de criancinha, então, nunca nos entendem como seres humanos portadores de direito e, mais do que isso, nós temos uma ancestralidade que não cabe em livro de História, não cabe em enciclopédia nenhuma, são gerações e gerações de antepassados em todas as américas com toda essa força, a gente tem os aborígenes da Austrália, os povos indígenas da China, do Japão, os povos originários, nós que estávamos aqui primeiro, no sentido não de protagonismo, mas de respeito a essa ancestralidade, a essas formas de ver o mundo que o mundo nem sabia o que era. Para você ter uma ideia, eu fumo, e a cultura indígena tem várias referências: à fumaça, ao cachimbo, ao tabaco, eu não tô fazendo propaganda de cigarro não, eu tô falando do ritualístico da fumaça em si, para você ter ideia, existem registros de tabaco de nove mil anos, isso no Peru, sociedades totalmente organizadas, sociedades pré-colombianas, das quais nós somos herança, somos herança e construtores dessas sociedades e dando sequência, como diz a minha madrinha lá do território Kambioá, Maria Justa: “o seguinte é o que segue”, nós somos a

sequência dos povos pré-colombianos e eu acredito, com muita tranquilidade, que os portugueses não foram os primeiros a chegar aqui, já tinham chegado naquele mar da Bahia vários outros povos, tinha havido várias trocas ali, mas os portugueses acham que eles descobriram, eles que tem aquela pompa do descobrimento do Brasil, mas não houve uma grande descoberta, eles chegaram aqui doentes, esfarrapados e os indígenas os acolheram ali no litoral, tem-se notícia na carta de Caminha que eles foram atravessados por uma tempestade, os homens estavam arregaçados, não foi uma grande descoberta do Brasil, isso é mentira, o povo indígena do litoral acolheu porque isso é muito nosso de acolher as pessoas, ajudar, fazer com que as pessoas fiquem vivas e o que eles fizeram com nós? Matar! Roubar, matar, destruir, igual o capeta, como está escrito na bíblia. Um dia desses, eu fui à Serra Negra e tive que carregar um balde de água na cabeça e na hora de descer eu travei nas quatro pernas (risos) e as crianças me ajudaram, e esse balde de água é simbólico, é o cuidado, aquele banho que a água era para banhar, aquele banho era para descanso, vigor, então, o que essas mulheres carregam dia a dia no seu território é todo esse sentimento do balde na cabeça, eu não tive força física porque eu moro na cidade, por causa do condicionamento físico mesmo, e nas comunidades a gente tem vózinhas cuidando de netos, então é esse elo que mantém a comunidade firme, que é feminino, então essas mulheres indígenas carregam esse protagonismo até no TL, porque, mesmo na TL, que é o lugar do indígena se encontrar, mesmo assim, existe um padrão que é para inglês ver, o TL às vezes tinha mais fotógrafo gringo que você não podia nem chegar perto dos parentes, às vezes o parente tava fazendo uma reza, um auê e aí tinha um monte de fotógrafo gringo que às vezes entrava até no meio da roda mesmo, então o TL é um lugar de encontro, mas é um lugar cheio de problemas, não atende às necessidades das mulheres indígenas, não atende à diversidade dos povos indígenas, existem dificuldades? Existem, então, que se melhore o que tem, a gente não pode falar mal sem propor que se melhore o que tem... mas essas mulheres indígenas, que elas estão dentro do seu território, seja na aldeia ou na cidade, elas não deixaram jamais que essas avós, essas bisas, no caso dona Socorro, minha Mãe, vó Nair, essa minha raiz... a gente a cada dia

entende que não é possível a gente estar bem. A minha vó, ela morou numa cidade chamada Jeritacó e ela não morou lá porque quis, não; ela foi dada de criação católica lá muito brava chamada Florzinha, católica, branca, muito difícil, eu cheguei a conhecer, então ela tinha muitos toneis de água da chuva e aquilo era muito precioso e era preciso de dois toneis para dar conta de lavar, cozinhar, lavar um pouco as vasilhas de comer e banhar. Isso por meses, ali na cidadezinha de Jeritacó, e isso me assustava muito, me assustava a solidão da minha vó, porque aquilo não era filha daquela senhora ali, aquela senhora numa vida muito difícil, mas dentro daquela comunidade ali ela era uma liderança, ela exercia esse papel, então as mulheres sertanejas estão sempre segurando a vida da comunidade, como eu falei, também, muitos casos de parentes que foram trabalhar e não voltaram e isso é muito grave, meu tio, Zé Carlos, que desencantou já, que trabalhava em obra, foi para uma obra – não sei onde – e nunca mais voltou e depois separou, enfim, essas histórias. Então, as mulheres são esse seguimento mesmo, elas mantêm a comunidade viva, porque, mesmo que haja maior número de mulheres nas universidades, nas lideranças, professoras, enfermeiras, nesse momento de pandemia, maior número de mulheres fazendo máscara, cuidando da alimentação dos homens na barreira, fazendo campanha, fazendo live e denunciando tudo, nós também estamos cuidando dos nossos, ao mesmo tempo que a gente briga a gente ama, esse amor de onça, a gente briga, as mulheres indígenas, de todas as maneiras, são onças e eu quero saudar essas onças de todas as maneiras, comunidades sobretudo da Serra Leoa. Então, existem dificuldades? Muitas. Existem limitações? Muitas. Mas a gente precisa melhorar, a gente precisa dar suporte para que as organizações indígenas se tornem referências em luta contra racismos, desigualdade de gênero, homofobia, que a gente seja povos indígenas que luta pelos direitos humanos, porque são seres humanos, então a gente ainda tem muitas limitações porque ainda se pensa que o povo indígena só está lutando pela demarcação de terra, não é não, tem muita luta aí, luta pela educação, pelo acesso às universidades, à bolsa permanência “pros” parentes que não moram nas cidades, então, o acesso para os parentes que moram na cidade terem acesso se for ao posto de saúde da prefeitura com atendimento diferenciado

sim, então a gente está tentando estar nas políticas públicas porque a gente quer que o Brasil volte a ser um lugar minimamente respeitoso com os povos indígenas. Então, a gente soma na luta com o povo negro, LGBTQ+, a gente entra na luta por vida e os povos indígenas não estão limitados à luta por território e o resto que “se lasque”! Nós não somos assim, nós pensamos o todo, o cuidado geral, nós somos filhos da mãe terra, indígenas nascidos da terra, então por isso a gente quer cuidar. Todo mundo que se diz da luta indígena, mas esquece um viés de justiça não é da luta indígena, pode ser qualquer coisa menos a verdadeira luta indígena. A verdadeira luta indígena não vai fechar os olhos pro racismo, porque tem racismo nos povos indígenas, pessoas de pele mais escura sofrem racismo, indígenas da parte da África, já houveram encontros no Brasil que indígenas da África ficaram meio de lado por causa da cor da pele, existem comunidades indígenas em que as pessoas também sofrem, existem cobrança por um purismo, essa questão das igrejas evangélicas condenarem a fé do povo indígena, o povo indígena pode ser evangélico se ele quiser, mas se ele quiser continuar tocando seu maracá, seu toante ou indo para a igreja católica ele tem esse direito também (inaudível). Nós, como filhos da natureza, da mãe terra, “é” o que nós queremos trazer “pro” mundo, liberdade e quando a gente se desvia desse caminho de liberdade e passa a colher interesses muito micro, né, nós estamos preocupados com o feminicídio, com a questão da terra também, do adoecimento mental fora do território tradicional, com a pandemia, ela não é apenas por demarcação, é para manter o meio ambiente? Também! Para manter o cerrado, a caatinga, para conter o aquecimento global, para que a boiada não passe, a gente luta por várias lutas, nós estamos em diversos lugares. Tem uma PL da grilagem aí querendo facilitar que as pessoas possam acessar terras indígenas, terras da união e que são terras indígenas também, até por cartório online. É um absurdo o genocídio contra os indígenas, então a gente pensa essas questões de canetada de LP, nós estamos atacando também outras áreas porque o povo indígena não divide, esse povo indígena que mantém essa tradição de saber que o mundo gira, é redondo, como esse manacá aqui, que é redondo porque representa o mundo, tudo que está de um lado vai estar do outro e nós mulheres sabemos que temos uma

representação sagrada, em cuidar dessa manutenção da vida, tanto no território quanto fora do território tradicional e nós temos a função agora, nesse momento pós-pandemia, de nos guiar para um momento melhor, de novas construções, saberes, de poder compreender o que os povos tradicionais vêm trazer nesse novo sentido de nação e, pensando no ponto de vista político, esse homem que está aí no governo, nós sabemos quais os planos dele para os indígenas, e nós queremos ter certeza mais do quê? Eles nos odeiam, querem nos ver mortos, esse foi o projeto de governo que foi colocado desde a candidatura, então, não é uma novidade o que nós estamos vendo aí, o que é uma novidade é que povos indígenas de diversas etnias [estão] aldeados e fora do seu território tradicional, eu “tô” vendo parentes mais isolados fazendo campanhas, parentes se mobilizando nas redes, a gente está lutando, está dando uma resposta de vida para esse projeto de morte, e isso vai ser no pós-pandemia. Um recado dos povos originários.

Rodolfo Ward: Eu só queria trazer uma consideração e você pode me corrigir. Na Austrália os povos indígenas têm um incentivo, e também no Canadá tem-se um incentivo do governo tanto para a produção artística quanto para a sociedade. Vocês se espelham nisso?

Avelin Buniacá: São processos muito diferentes da colonização, de como foi abordado os povos indígenas do Norte, da América do Sul e da Austrália, por exemplo. Na Austrália, você vê sequestro de crianças para serem educadas, nos EUA houve um total genocídio em massa, então os parentes ficavam presos mesmo, se saíssem do forte tomavam tiro, no Brasil houve e há em curso um massacre que vem em ciclos, escravização o ciclo da borracha, mortandade por peste, varíola, ditadura militar, no Brasil foi um processo muito diferente, esse território chamado Brasil que foi até Pindorama, ele abriga a maior diversidade e o maior número de povos indígenas isolados do mundo também, então o nosso contexto social, histórico, antropológico, do que o universo daqueles parente de cima, houve uma reparação ali mínima, é uma reparação, mas muito pouca e nós povo indígena brasileiro, eu acho que não é necessário a gente se espelhar, é necessário se reconstruir, se fortalecer nessa nossa diversidade, nessa multiplicidade de caras, cores, fenótipos, forma de lidar, espiritualidade diversas, e a gente achar o que nos une, e o que

nos une é o quê? Nós somos indígenas, filhos da terra, e sobre nós está essa responsabilidade de recriação, de reconstrução, inclusive no nosso movimento indígena mesmo.

Avelin Buniacá (Líder Indígena Minas Gerais) – Indígena, socióloga e especialista em gênero, raça e ensinos religiosos.

OS DESAFIOS DO ENSINO DE ARTE NO CONTEXTO DA PANDEMIA

ENTREVISTA REALIZADA EM 06 DE JUNHO DE 2020,
NA PLATAFORMA INSTAGRAM

Juliana Passos

Rodolfo Ward: Boa noite a todos. Hoje teremos a quinta edição do projeto “Arte e inovação em tempos de pandemia”, um projeto de extensão aprovado em edital da Universidade de Brasília. Devido ao rápido avanço da covid-19 em solo brasileiro, as pessoas passaram a ficar mais em casa e, a partir disso, propomos a utilização da transdisciplinaridade do conhecimento para a produção de conteúdo audiovisual por meio de lives com pesquisadores, artistas, membros das comunidades tradicionais e da cultura popular. Esse projeto visa gerar conhecimento transdisciplinar e disseminá-lo para a sociedade em geral, e assim promover a democratização do conhecimento. Esse pensamento plural é incentivado no âmbito do Media Lab/UnB que integra a rede Media Lab/BR. Nesta edição, nós temos a honra da participação da professora Juliana Passos.

A professora Juliana é docente e coordenadora do curso de Licenciatura em Dança do Instituto Federal de Brasília (2019/2020), membro da diretoria da primeira gestão da Associação Nacional de Professores

de Arte dos Institutos Federais (ANPAIF). A professora é doutora e mestre em Artes da Cena pelo Instituto de Artes da Universidade de Campinas (Unicamp) onde também cursou bacharelado e licenciatura em dança. Foi bolsista de pós-graduação da FAPESP e bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq. É também formada em *ballet* clássico e *jazz dance*. Tem experiência na área de Arte com ênfase em dança (interpretação, ensino, criação, produção e pesquisa). Desenvolve, há 14 anos, pesquisas relacionadas à improvisação e processos de criação em dança contemporânea e atua há 20 anos no ensino de Dança/Arte em diversos contextos educacionais. A professora publicou em 2015 o livro “Rolf Gelewski e a improvisação na criação em dança: formas, espaço e tempo” e em 2020 lançou o livro “Rolf Gelewski: Vida & Obra”, em organização conjunta com Elizabeth Zimmermann, reunindo textos e depoimentos de diversos autores.

Professora Juliana, você participa ativamente da Associação Nacional dos Professores de Arte dos Institutos Federais, com professores de Arte das quatro linguagens (dança, música, teatro e Artes visuais). Você poderia compartilhar um pouco da experiência que vocês têm trocado nesses fóruns com os professores de todo o Brasil, sobre os desafios do ensino da Arte no contexto da pandemia? E agora passo a palavra para você e obrigado por estar aqui conosco.

Juliana Passos: Primeiro gostaria de agradecer o convite, me sinto honrada de estar aqui participando do seu projeto. Tenho acompanhado as outras lives que você fez, com convidados excelentes. Assim, primeiramente, gostaria de agradecer a oportunidade. Em relação à Associação, eu sou relativamente nova dentro dos Institutos Federais. Eu estou no IFB apenas há dois anos e meio, mas, logo no meu primeiro ano, me envolvi com o grupo nacional dos professores de Arte dos Institutos Federais, que realizam encontros nacionais desde 2016. Em 2018, eu conheci a professora Rita Mendonça, professora de música do curso de licenciatura em dança, que está envolvida com esse grupo desde o primeiro encontro. Em agosto de 2018, sediamos no IFB o III Encontro Nacional de Professores de Arte dos Institutos Federais, no qual atuei como coordenadora-geral juntamente com a professora Rita. Foi devido à organização desse evento que comecei a participar mais ativamente e a me envolver mais com esse

grupo de docentes, em grupos de Whatsapp e Facebook. No Encontro Nacional de 2019, ocorrido em Curitiba, no IFPR, a Associação foi criada, com votação em assembleia geral. Eu faço parte dessa primeira diretoria, nessa primeira gestão. Agora, no período de *quarentena*, a Associação está bastante ativa, estamos fazendo reuniões semanais e desenvolvendo diversas atividades online. Começamos a fazer encontros virtuais (rodas de conversa e mesa de discussão) semanais e estamos propondo várias ações nesse período da quarentena, como entrevistas online, justamente para debater com os docentes, com os professores da rede federal, para verificar como está a situação do ensino da Arte nos Institutos Federais, no período de quarentena, devido à pandemia.

Ressalto que esse tema da live é um grande guarda-chuva, em uma hora apenas não seria possível abordar toda a temática sobre ensino de Arte no contexto da pandemia. Ensino de Arte já é um tema muito grande, pois engloba várias linguagens artísticas e é necessário também especificar os contextos educacionais. O Ensino de Arte pode acontecer em diversos contextos educacionais, por exemplo, quando você apresentou minha experiência de 20 anos ministrando aulas de dança, eu já trabalhei em diversos contextos educacionais completamente diferentes e, para cada contexto, poderia fazer uma live específica. Já atuei muitos anos em escola de dança, em academia de dança particular (privada), que tem um determinado contexto. E eu já trabalhei em ONGs, em projetos sociais de prefeitura, com outro contexto, com cursos gratuitos. Já trabalhei com educação básica, dentro de escola com educação infantil e ensino fundamental, o que também já é outro contexto. E agora, no IFB, estou trabalhando com curso superior em dança e trabalhei por dois anos no ensino médio também, no curso técnico integrado ao ensino médio. São vários contextos educacionais e não daria para abordar todos aqui nessa live, pois o tema é um grande guarda-chuva. E tem vários outros que eu nem citei, tem as escolas técnicas de formação profissional, de dança, de música, de teatro, além de outros contextos educacionais. Escolhi abordar um pouco da questão das escolas de dança particulares, que eu tenho muita experiência, que pode se estender para outras questões, por exemplo, as escolas de música. Não precisamos restringir apenas ao ensino da dança, nas escolas privadas onde as pessoas fazem

formação, mas não necessariamente de nível técnico, o que é chamado de cursos livres. Eu frequentei aulas, por 10 anos, em uma escola de dança particular, mas não era um curso técnico, eram cursos livres. Abordarei também a questão do ensino superior porque é algo que precisamos levar em consideração devido às suas diferenças: a formação de cursos livres dentro de escolas, de música, de dança, de teatro e a formação em curso superior. O objetivo é diferente, o objetivo no ensino superior é a formação profissional, assim como o curso técnico, mas os cursos livres não têm esse objetivo necessariamente.

Ultimamente tenho assistido a muitas atividades on-line, mesas virtuais de debate, além de inúmeras lives. Nos discursos de outros professores, inclusive de curso superior de dança e de teatro, e, nas conversas com os professores da rede federal, há algumas questões que são recorrentes, que aparecem sempre nesses debates, que irei pontuar para apresentar esse tema. Em primeiro lugar, ressalto que esse momento da pandemia é um momento novo, algo não esperado, não previsto. Assim, o que eu percebo é que nós, artistas e professores, temos que realmente repensar todos os processos. Não é simplesmente gravar uma videoaula e enviar para o estudante, é necessário repensar todos os meios e metodologias de ensino. Uma outra questão é o próprio ensino a distância, que é a grande polêmica agora. Os cursos a distância já existem há muito tempo, já possuem uma trajetória, apesar de não serem tão significativos em número no país. Porém, há uma diferença: é necessário separar os cursos que foram pensados, planejados com professores capacitados, com formação específica para EaD, cujos estudantes matriculados estão cientes de que o curso será a distância e que possuem as condições mínimas para estar naquele curso. Ressalto também que estes cursos EaD, que já existiam antes da pandemia, não são 100% a distância. Eles têm espaços onde os estudantes podem ir presencialmente, com computador, internet, biblioteca e às vezes há encontros presenciais também. Esse é um formato de ensino EaD que já existia, inclusive temos cursos de graduação em Arte neste formato. Há cursos de graduação, por exemplo, de Artes Visuais que é completamente a distância, dentro desse formato apresentado. Há até curso de dança, mais recentemente, da Universidade Federal da Bahia (UFBA),

que foi o primeiro curso superior de dança do país nos anos 60. Eles estão oferecendo, desde 2016, um curso completamente a distância de graduação em dança, de licenciatura. Mas esse curso não é o mesmo curso que eles oferecem de forma presencial. Eles tiveram que repensar, reescrever todo o PPC, o plano de curso, e pensar metodologias de ensino e de aprendizagem voltadas para o EaD. Outra coisa é a realidade que nós temos hoje, de uma pandemia e os cursos que são presenciais, com as aulas suspensas ou não, dependendo do caso, em que estudantes não se inscreveram em um curso semipresencial ou a distância. Assim, há esta questão, de que a pessoa não escolheu este formato de curso e o fato de o curso não ter sido planejado para esse formato, para esse modelo de ensino. O curso de dança da licenciatura do IFB não foi planejado para ser a distância ou semipresencial, ele é 100% presencial. Assim, não é possível simplesmente gravar uma videoaula e encaminhar para os estudantes. Há a necessidade de se repensar a metodologia de ensino, pensar em infraestrutura e outras questões, independente desse ensino ser de Arte ou não. Sendo de Arte, há algumas especificidades e dificuldades maiores ainda.

Outra coisa que gostaria de ressaltar é que os estudantes da licenciatura em dança, por exemplo, se inscreveram no curso presencial e as aulas estão suspensas¹⁴ desde março. Já as escolas particulares do Distrito Federal, de educação básica, aderiram ao ensino a distância. Há vários relatos de que as escolas estão enviando atividades online para os estudantes, mas é necessário entender que é um público diferente, um público de escola particular que paga uma mensalidade. Então, é mais provável que essa pessoa tenha computador em casa, com internet, pelo fato de ser uma escola particular, e isso ocorre nos cursos superiores também. Nas instituições públicas, nas universidades e nos Institutos Federais, essa questão do acesso às tecnologias digitais se apresenta

14 O Instituto Federal de Brasília esteve com as aulas suspensas de março a julho de 2020. Em agosto, as aulas retornaram de forma remota até o final do ano letivo (previsto para final de março de 2021). Para o ano letivo de 2021, há possibilidades de ensino semipresencial ou híbrido, com revezamento das turmas, até que toda a comunidade interna esteja vacinada, viabilizando o retorno 100% presencial.

de uma outra forma. Essa questão é mais forte para quem trabalha em instituição de ensino pública porque há muitos estudantes que não têm as condições de acesso, que não possuem computador e/ou internet. Muitos estudantes só conseguem acessar a internet quando estão no campus porque tem o wi-fi disponível ou o laboratório de informática. Então, como lidar com essa situação em um momento de pandemia e suspensão das atividades presenciais nas instituições de ensino? E isso ocorre no Brasil inteiro e, quanto mais no interior, pior a situação, principalmente no caso dos Institutos Federais que têm esta característica de ter campi espalhados no interior e nas cidades menores. Geralmente as universidades estão nas capitais ou em cidades maiores, nos Institutos Federais isto se torna muito mais agravante, pois há campi em cidades muito pequenas e com população de zona rural. Como é que essas pessoas terão acesso às tecnologias digitais, sendo que não possuem acesso à internet? Às vezes há locais em que a internet não chega ou só chega via rádio. Assim, esta discussão está mais forte nos Institutos Federais do que, talvez, nas universidades, tendo em vista a sua localização estar geralmente nas capitais ou em cidades com maior infraestrutura, porém possuem também muitos estudantes que não têm acesso à internet. Por este motivo, as aulas nas instituições públicas de ensino ainda não retornaram de forma remota, porque as universidades e institutos federais estão discutindo essa questão, esta dificuldade de acesso dos estudantes.

Tivemos relatos de alguns Institutos Federais que tentaram, pelo menos no primeiro momento, realizar ensino a distância, inclusive de curso de teatro. Entramos em uma outra questão: como é dar aula de teatro a distância? Abordei anteriormente as dificuldades do ensino a distância de uma forma geral, porém o ensino de Arte tem suas especificidades, principalmente em dança e em teatro, “onde” a questão da presença, da relação com o outro é muito forte e as experimentações e vivências, não serem tão individualizadas, ocorrendo quase sempre de forma coletiva. Não que nas outras linguagens artísticas, na música e nas Artes Visuais, não tenha essa relação, mas na dança e no teatro, pela própria característica da linguagem, há uma tradição maior do trabalho coletivo. Assim, há a necessidade de repensar as metodologias,

os conteúdos, as estratégias de ensino, tendo em vista que a tradição de ensino de dança e teatro, em todos os contextos educacionais, ocorre por meio da presença, do estar junto, do estar com os estudantes em grupos. Então, isso é um desafio: repensar o ensino de dança e teatro de forma remota.

Não estou dizendo que não é possível ter ensino de dança a distância, até porque a UFBA já está fazendo, porém é preciso repensar tudo que já sabemos fazer (ou que estamos acostumados a fazer). É preciso reaprender e repensar o ensino, o que não é algo que se faz em pouco tempo. Estamos com pouco mais de dois meses com suspensão de aulas, porém é pouco tempo para reestruturar o ensino. Para construir um PPC de um curso a distância, por exemplo, é necessário um, dois ou três anos, às vezes até mais de pesquisa, de formação de professor, de aprofundamento. Assim, além da questão da acessibilidade dos estudantes à internet, há a questão pedagógica: como construir estratégias, metodologias novas, em tão pouco tempo? Pode até parecer que eu sou contra EaD, porém eu não sou contra, é necessário ter cautela ao transformar cursos presenciais para um formato remoto.

Sobre a questão da exclusão, podemos também ampliar essa discussão. A academia, a universidade, já não é acessível para todos, sendo naturalmente um campo de exclusão, pois não há vagas para todos. O fato da maior parte dos cursos superiores no país, principalmente das instituições públicas, ser totalmente presencial, é também um caráter de exclusão. As pessoas que não moram próximas a locais onde tem universidade pública ou Instituto Federal às vezes não poderão fazer aquele curso superior porque não têm como acessar o local, ou viajar quilômetros de distância, ou mesmo se mudar para aquele lugar. Assim, a questão da exclusão já permeia os cursos superiores, independente da questão do acesso às tecnologias digitais. Há também a questão do vestibular e a dificuldade de acesso ao ensino de qualidade na educação básica. Os cursos 100% presencial excluem também muitas pessoas, e mesmo os estudantes do IFB, por exemplo, há muitos que conseguem passar na prova, são aprovados pelo Enem, conseguindo romper um pouco com a exclusão de acesso, entram no curso, porém não conseguem concluir porque moram muito longe e gastam duas horas todos

os dias no trajeto para a instituição, o que é inviável quando precisam também trabalhar. Assim, há uma exclusão de acesso e uma exclusão de permanência nas instituições públicas de ensino. Então, tem toda essa questão de exclusão dos cursos presenciais, porém considerando que um curso é presencial, como vamos resolver o retorno das aulas dentro da pandemia? Se o curso fosse a distância desde o início, talvez muitos estudantes que não podem estar presencialmente, poderiam estar cursando, mas como podemos mensurar se a exclusão é maior de um curso a distância, pois não contempla quem não tem acesso às tecnologias, ou de um curso que é presencial, pelos motivos já expostos?

Gostaria também de apresentar outras questões, por exemplo, sobre as dificuldades desse momento agora, que temos que recriar, reinventar, recomençar, repensar tudo. Porém existe uma urgência, não tanto nas instituições públicas de ensino, porque as reitorias e a gestão entendem essa dificuldade de acesso às tecnologias, das mídias digitais, pelos estudantes. Por enquanto não tem tanta pressão, mas daqui a pouco o MEC pode exigir que todas as aulas retornem, de forma remota, por exemplo. Por enquanto essa autonomia das universidades e dos Institutos Federais está sendo respeitada, pelo menos em partes, porém nas instituições particulares, a relação é outra. Quem ministra aulas em escolas particulares sofre com a pressão para retornar as aulas porque os estudantes pagam uma mensalidade. Muitos estudantes nossos, por exemplo, são professores de escola de dança no DF e estão tendo que dar aulas a distância desde o início da pandemia. Então, independentemente se têm ou não acesso à internet, se tiveram tempo ou não de repensar as metodologias, se tiveram ou não tempo de reaprender, os professores tiveram que começar a dar aulas de dança a distância. Isso gerou uma certa angústia e tensão nos professores. Se eu receber uma ordem das instâncias superiores, exigindo o retorno imediato das aulas em formato remoto, entrarei em desespero porque ainda não tive tempo de estudar e reformular as aulas¹⁵. Todo esse momento aqui de live, não

15 As aulas no IFB retornaram de forma remota, a partir de agosto de 2020. Nos cinco meses de suspensão, os professores participaram de cursos de formação e puderam

vivemos antes, pelo menos eu não vivi antes da pandemia. Participar de lives, utilizar programas como Google Meet ou Zoom para fazer videoconferências é novidade para mim, não sabia da existência destes programas e ferramentas até o momento. É uma mudança de paradigma muito grande, em questão de dois meses, tivemos que reaprender ou aprender coisas novas, refazer sinapses, porque é uma nova realidade. E isso causa muita angústia, pois foi uma mudança muito repentina, das tradições, da tradição do ensino e das relações de trabalho. E não só isso, também uma ruptura da tradição da comunicação.

O ser humano tem uma forma de se comunicar com as pessoas, de fazer reuniões, de realizar encontros, utilizar as mídias digitais e agora está tendo que reaprender tudo, aprender a participar de lives e reuniões online. Os professores de dança da licenciatura têm feito reuniões online semanais com os estudantes, em um projeto chamado “Jornadas do corpo”, iniciado no mês de maio com previsão de término no início de julho. Está sendo uma experiência, de encontrar semanalmente os estudantes de forma online, porém não são todos que conseguem acessar, que têm internet ou que possuem disponibilidade do horário. Tivemos que aprender como fazer estas reuniões, nesse novo formato, com os nossos estudantes. Como é que se faz uma reunião no Google Meet com os estudantes? Quem fala, quem não fala, quem media a conversa, quem propõe tema? É tudo diferente, e nessas conversas foram levantados e debatidos temas muito relevantes. Por exemplo, teve uma aluna que afirmou que a questão maior, nesse momento, é o excesso de exposição. Ficamos muito expostos porque estamos fazendo lives, participando de reuniões online o tempo todo, um excesso de exposição, dessa relação mediada pelas tecnologias. Realmente, depois de dois meses, também sinto esse excesso de exposição e um cansaço das relações mediadas por “telas”. No começo da pandemia, foi um alívio começar as reuniões

planejar suas aulas para esse novo formato. Nas disciplinas práticas de dança, principalmente, muitas estratégias de ensino tiveram que ser reformuladas. Algumas atividades que eram realizadas de forma presencial não puderam ser adaptadas ao novo formato, porém outras possibilidades puderam surgir.

online, para manter o contato com as pessoas, e quebrar um pouco o isolamento social. Porém, agora foi para um patamar que virou o oposto, o excesso de reuniões online. Às vezes, tenho quatro reuniões online no dia e tenho que entrar e sair de uma reunião para outra. É realmente um excesso de exposição porque você está o tempo todo aparecendo e sendo visto, dentro da sua casa, seu espaço “privado”. Inclusive muitas pessoas agora estão entrando nas reuniões online apenas com câmera fechada, porque não aguentam mais se expor tanto no seu espaço privado. Às vezes aparece na imagem filhos passando, ou animais domésticos, barulhos da casa ou da rua, o que pode ser constrangedor.

Eu tenho pensado muito sobre isso, como que estamos reaprendendo a nos comunicar com as pessoas, não só no contexto da educação, com os estudantes, mas no contexto geral. No contexto de trabalho também, quem está em *home office*, está tendo que reaprender a trabalhar nesse novo contexto. Quando estamos conversando com pessoas ao vivo, ou fazendo uma reunião, as pessoas geralmente ficam em roda, para que todos possam visualizar os rostos de todos os presentes. Assim, o discurso de quem está falando, vai sendo moldado pelas expressões e reações dos ouvintes. A comunicação não é só a palavra, envolve muitas outras coisas, não é só o texto, não é só o que a pessoa está dizendo. A comunicação envolve expressão do corpo, expressão facial, entonação e outros fatores. Por exemplo, agora eu estou vendo só o seu rosto e tem mais de vinte pessoas nos assistindo, eu estou bastante exposta e não estou vendo os rostos das pessoas. Eu não sei o que que elas estão pensando, quando conseguimos ver os rostos conseguimos ter uma noção do que a pessoa está pensando, se gostou, se concordou, se não gostou. Geralmente, quando estamos ao vivo, presencialmente, moldamos o nosso discurso a partir das reações do público, e como hoje estamos realizando essa comunicação virtual, e na maior parte das conversas online, não vemos os rostos dos participantes, surge essa dificuldade de não conseguirmos dosar o discurso. Tanto para quem fala quanto para quem escuta, então é um problema de comunicação porque ainda não aprendemos a nos comunicar dessa forma. Os profissionais da rádio e TV, do jornalismo em geral, estão acostumados a se comunicar sem ver o público, apesar de não utili-

zarem um formato de comunicação que se espera um retorno, uma resposta, não sendo uma conversa. Já em reuniões online ou em aulas online é importante ver a reação dos participantes para estabelecer uma comunicação mais eficiente.

Rodolfo Ward: Mas você está se comunicando muito bem. Está recebendo muitos corações, curtidas na live.

Juliana Passos: Às vezes, fico numa angústia de saber se as pessoas estão entendendo o que estou falando, se estou agradando ou não, pois não estou vendo as reações das pessoas. É uma angústia da comunicação pelas mídias digitais, o que antes da pandemia não ocorria tanto. Por outro lado, parece que este novo formato aproximou mais as pessoas. Por exemplo, eu moro em Brasília e não tenho família aqui perto. Temos um grupo no Whatsapp da família, com meus tios e primos, e cada um mora em cidades/estados distintos. Nunca tínhamos feito uma reunião online com a família, por exemplo, e já poderíamos ter feito, antes da pandemia. Com a pandemia e com a divulgação de ferramentas de videoconferências nas escolas e no trabalho, grupos de família e amigos também passaram a utilizá-las com mais frequência. Então isso é uma coisa boa, é um ganho. Com os meus amigos que moram longe, afastados, também estamos fazendo reuniões sociais online. E nunca tínhamos feito antes, nos encontrávamos só uma vez por ano, presencialmente, quando todos estavam na mesma cidade. Então eu vejo ganhos nessa questão das novas mídias digitais, mas por outro lado temos que reaprender a fazer essa comunicação porque não é igual à comunicação presencial. Tem pessoas enviando perguntas no chat.

Rodolfo Ward: Posso ler para você: o Thiago Lima pergunta se seria possível ministrar aulas presenciais, uma vez que a dança pode ser realizada sem encostar em ninguém, tomadas as precauções sanitárias necessárias?

Juliana Passos: No início da live eu ressaltai que, na dança e nas artes cênicas, essa questão está bem mais aflorada. Nós, os professores de dança do IFB, temos discutido isso porque as aulas de dança têm essa questão do estar próximo, do contato físico. Uma coisa é você estar em uma aula teórica e ter que fazer o espaçamento de 2 metros, colocando menos estudantes em cada sala ou colocando uma barreira lateral em

volta da carteira. Quando a aula é teórica, você consegue ter esse espaçamento entre as pessoas, ampliando os espaços. Em uma aula prática, especificamente de dança, quais poderiam ser as estratégias? Diminuir o número de estudantes, por exemplo; ao invés de dar aula para 20 estudantes, dar aula para 10, assim conseguindo ter um espaço maior entre as pessoas, fazendo um rodízio de estudantes. Estamos pensando em possibilidades, como, metade da turma fazendo aula presencial e a outra metade fazendo EaD e na outra semana invertendo, quando possível. Outras propostas: não realizar as aulas em espaços fechados, dentro da sala de aula, usar os espaços livres, os gramados, os pátios. Sair do lugar fechado porque, pelo menos, tem mais circulação de ar, é uma outra possibilidade. A outra possibilidade é realmente experimentar o ensino totalmente a distância. Porém há várias questões que precisamos refletir; por exemplo, os estudantes que não possuem acesso à internet. É necessário verificar o que a instituição conseguirá¹⁶ fornecer aos estudantes porque aqui no Distrito Federal, por exemplo, a secretaria da educação fez recentemente uma live afirmando que as aulas vão voltar no final do mês de forma remota e o GDF vai dar acesso gratuito para os estudantes acessarem a plataforma de ensino. Apenas para a plataforma de ensino, os estudantes terão acesso gratuito à internet e terão aulas também pela TV em 4 canais distintos. Desconheço se as universidades públicas e os Institutos Federais terão condição de fornecer acesso gratuito aos estudantes porque depende do governo federal e do repasse de verbas. Aqui no DF o governador também ofereceu a opção de retirar o conteúdo impresso na escola, quando o estudante não possuir TV, computador ou celular para ter acesso à internet. Qual é o conteúdo de dança que pode ser impresso? Qual o conteúdo do teatro ou da música,

16 O Instituto Federal de Brasília, no segundo semestre de 2020, com o retorno das aulas de forma remota, lançou editais de apoio ao acesso às tecnologias e sistemas de informação e de comunicação, contemplando centenas de estudantes com chips com acesso à Internet, além de doações e empréstimos de equipamentos e liberação de acesso dos estudantes aos laboratórios de informática dos campi, mediante agendamento.

das artes em geral? Como sugerir uma vivência prática por meio de um texto escrito? Questões que precisam ser discutidas.

Tem uma outra questão também, se tivermos que fazer um rodízio das turmas, para diminuir o número de estudantes em sala. Muitas vezes para o estudante chegar à instituição, demora duas horas no trajeto de ônibus. E o medo e o risco de ser contaminado no trajeto? Então, não é necessário somente pensar em como preparar e ministrar as aulas, como pensar as aulas nesse novo formato, mas também refletir sobre as consequências e os desafios de cada escolha. Se esse estudante tem condição de ir presencialmente à instituição, se esse estudante é de grupo de risco, se o professor é de grupo de risco e se esse estudante tem pais ou familiares de grupo de risco. Ele pode se contaminar dentro do ônibus, não necessariamente na aula de dança, pode se contaminar no trajeto e depois contaminar familiares. Então, a solução é fazer tudo a distância para evitar o risco de contaminação? E como garantir o acesso à internet para todos? Tem também a questão da metodologia de ensinar a dança a distância. Quais são os desafios e as dificuldades? Eu tenho visto nas academias e escolas particulares de dança onde nossos estudantes trabalham, aulas de dança a distância desde o início da pandemia, porque os professores precisam receber pagamento e as escolas não pagam se não ministram as aulas. Diferentemente de uma instituição pública, que consegue manter os pagamentos porque não depende de pagamento de mensalidades, na instituição privada, se você não ministra as aulas, os estudantes não pagam e o professor não recebe. Tenho visto muitas escolas de dança com aulas a distância, é uma estratégia de sobrevivência do mercado, e os estudantes também querem continuar fazendo as aulas, sem romper o isolamento social. Porém tem que partir de um desejo do estudante, de querer continuar nesse novo formato. Obviamente que há muitos relatos de professores que perderam estudantes, não porque não têm acesso à internet, pois em geral quem paga aula de dança também tem condições de pagar internet. Porém muitos se desestimularam por ser aula a distância, pois não há a presença física, as trocas, a animação, a interação social. Obviamente que outras pessoas também pararam de pagar aulas de dança porque, nesse período de pandemia, perderam emprego ou diminuíram seus rendimentos. É compreensível que pagamento

de aula de dança não seja item prioritário nas famílias, pois há outras necessidades mais prioritárias. Assim, há vários motivos que levaram as pessoas a desistirem das aulas de dança, nesse formato a distância. Não é só o fato de ser a distância, tem várias questões envolvidas, mas a falta de estímulo do estudante para aulas remotas é um fator relevante. Às vezes, devido à queda de número de estudantes, as aulas passaram a ser individuais ou com grupos reduzidos, e alguns estudantes relataram que se sentem um pouco constrangidos de estar sozinho ou em evidência para o professor. Em geral, as aulas de dança presencial costumam ser coletivas, com grupos maiores de estudantes. Assim, reforçando o desconforto pelo excesso de exposição relatado no início da *live*.

Por outro lado, há uma certa preocupação com aulas de dança a distância divulgadas na internet, tendo em vista que muitas vezes o lugar que o estudante está fazendo a aula não é propício para aquele tipo de movimento ou atividade. Às vezes, causa um certo incômodo, assistir a trechos de aulas online, principalmente com crianças, realizando atividades em um chão duro. Isso é preocupante, não é questão de ser a distância ou não ser a distância, mas quais são as condições em que aquela aula está acontecendo. Tenho visto vídeos de pessoas realizando aulas de sapatilha de ponta em chão duro, o que não deve ser feito porque pode gerar uma lesão, prejudicar a coluna. Isso me incomoda mais do que discutir se a aula de dança a distância é ou não possível ou relevante. As condições em que as aulas estão ocorrendo são mais preocupantes; às vezes, estão ocorrendo em um chão de piso frio, duro, sem o mínimo de condição. Aulas de dança clássica devem ocorrer em chão de madeira, devido aos saltos e a necessidade de amortecer os impactos. Não é em qualquer chão que se pode fazer uma aula de dança clássica, um chão de piso frio não é recomendável para saltos ou uso de sapatilha de ponta. Ao assistir a aulas de dança online nessas condições, parece que está machucando aquela pessoa ou vai ocorrer alguma lesão, vai prejudicar a constituição daquele corpo. Tem uma outra questão no chat?

Rodolfo Ward: Tem uma questão da Tati Olivai: “Penso que depende muito do contexto de cada um. Eu dou aula para ensino médio técnico, acho complexo. Considerando a energia dos estudantes, como dominar esse movimento? Teremos de repensar as ferramentas do ensino além

de começar obras para ampliação dos espaços, janelas etc.” eles estão falando muito sobre o ambiente mesmo, pois nem sempre o ambiente é adequado. Tati Olivai continua: “Fico pensando em soluções. Se aprendermos a olhar melhor para as tradições afro-brasileiras, onde são feitas, como são feitas e se bebêssemos mais dessa fonte.” Ela dá o exemplo das tradições afro-brasileiras.

Juliana Passos: Ela está falando dos espaços abertos, das vivências, das experiências em espaços abertos. Eu já havia citado isso, de repensar os espaços para as aulas presenciais, mas, por outro lado, nem sempre há espaços abertos disponíveis. Nas universidades e Institutos Federais, há bastante espaço aberto. Dentro do IFB, por exemplo, há o térreo dos blocos de salas de aula, o gramado (área verde), há o ginásio de esporte que tem um espaço grande, porém as academias de dança particular possuem as salas de aula e não têm espaços abertos. Espaços abertos disponíveis são praças, parques, calçadas. Porém é viável organizar aulas nesses espaços, sendo que estamos num momento em que as pessoas nem devem estar nas ruas, evitando aglomerações. Eu penso nessa dificuldade desse retorno presencial, mas, ao mesmo tempo, penso que colocar as pessoas dentro de uma sala de aula fechada significa correr muitos riscos. Enquanto não tivermos uma vacina ou um tratamento realmente eficaz para controlar esse vírus, é muito perigoso. Então, talvez a solução seja realmente reduzir as turmas (para até 5 pessoas ou 10 pessoas, dependendo do tamanho da sala de aula), manter as aulas presenciais apenas para as pessoas que realmente fazem questão da presença. E quem aceitar ou precisar fazer aquela mesma aula a distância, que se crie essa possibilidade (turmas híbridas). Acho que pode ser uma estratégia para as escolas: quem aceitar continuar com aulas a distância ou quem realmente não pode ir presencialmente porque é grupo de risco e, por outro lado, algumas pessoas voltando presencialmente (as que podem e/ou preferem). É necessário fazer um levantamento dos interesses e das necessidades dos estudantes e professores, tanto nas escolas privadas quanto nas escolas públicas. Se o professor é do grupo de risco, também não poderá dar aula presencialmente, terá que manter a aula a distância. Talvez a solução seja o hibridismo, algumas pessoas voltando presencialmen-

te, outras tendo ou ministrando as aulas a distância e verificando as possibilidades.

Uma outra questão que gostaria de comentar, para além dessa questão do ensino, é que a relação entre dança e tecnologia, entre a Arte e a tecnologia não é atual. Os artistas têm produzido há muitos anos, em algumas décadas, inclusive, experimentações com a tecnologia. Então, isso não é novidade na parte de criação artística e de processos de criação. Há espetáculos de dança interativos, videodança, videoarte, video-performance. A questão da tecnologia na Arte, dentro de processos de criação e de espetáculos, mesmo de música, de dança e artes visuais não é algo recente, já é uma área reconhecida. Porém na área de ensino, há uma tradição de ensino presencial, não só de Arte, mas do ensino em geral. É uma tradição que não se rompe rapidamente. Apesar de que não tínhamos como prever essa pandemia, mas daqui há um tempo poderá ocorrer outra situação que impedirá a presença das pessoas, e o que faremos com a tradição do ensino presencial? Não sei se tem mais alguma questão no chat, pois estou vendo que temos só 10 minutos de *live*.

Rodolfo Ward: Sim, estamos entrando nos 50 minutos da *live*. Tem uma questão do Renato Rirodi: “No caso do ensino da dança no contexto escolar, ainda esbarra no lugar da adesão e mediação familiar, atravessado pelas condições de acesso e armadilha de um ensino meramente conteudista, muitas vezes mais em atendimento a determinações externas de uma rede de ensino.” Ele está trazendo uma crítica, não uma questão.

Juliana Passos: Sim, mas não somente as escolas de dança, as escolas de educação básica particulares entraram logo no início com essa questão do ensino a distância. E também não sei como esse ensino a distância está acontecendo. Escuto relato de várias pessoas, até piadas na internet, de pais reclamando. Como é que está acontecendo esse ensino, como é que está sendo esse ensino a distância e em quais condições? Às vezes chega uma videoaula para o estudante, a aula não é “ao vivo”, no mesmo momento, o professor envia o material para o estudante realizar as atividades. E quem é que está fazendo esse papel da mediação entre o conteúdo e o estudante? Os pais estão tendo que fazer, e tem havido muita reclamação, principalmente de pais que tem criança pequena na

escola, por ter que fazer essa mediação e não ter a formação pedagógica. Os professores possuem a formação, os pedagogos e licenciados têm a formação de como ensinar e conhecem os conteúdos. Mas ao mesmo tempo tem essa pressão das escolas particulares, tanto das escolas de educação básica quanto das escolas de dança e Arte, devido ao pagamento das mensalidades. Os professores também precisam receber pagamento, então realmente é uma escolha difícil. Como é que pesa isso na balança? O professor precisa dar aula para receber e precisa do pagamento para se alimentar, mas, ao mesmo tempo, como dar essa aula a distância? No Instituto Federal de Tocantins, na licenciatura em teatro, os professores foram obrigados a retornarem às aulas de modo remoto, logo no início da pandemia. Os docentes relataram que no início tentaram enviar atividades para os estudantes, porém, após um período, perceberam que os estudantes não estavam conseguindo, o índice de estudantes que conseguiu realmente realizar as atividades era muito baixo. E o que fazer nessa situação? Reprovar todos os estudantes na disciplina ou no curso? Qual é a eficiência desse ensino que não se importa se o estudante consegue ou não realizar as atividades e aprender? Vale a pena esse tipo de ensino a distância, só para cumprir calendário e prazos? No contexto do ensino privado, é necessário levar em consideração também a questão dos pagamentos, tendo em vista que sem aulas as pessoas não pagam a mensalidade. Não estou aqui sendo a favor ou contra o ensino a distância, porém é necessário levar em consideração os contextos diferentes e os objetivos diferentes. É necessário verificar quais são as necessidades e, se optar por fazer o ensino a distância, refletir como fazer, em quais condições. Se a opção for por um ensino semipresencial ou híbrido, com uma parte da turma estando presencial com máscaras o tempo todo, refletir para sua viabilização. Para aulas de dança ou que envolvam atividades físicas, será viável? Eu tenho usado máscara, por exemplo, quando vou ao supermercado, por duas horas e já sinto falta de ar, sem estar movimentando muito. Não posso imaginar como seria fazer uma aula de dança clássica com uma máscara no rosto, ou praticar um esporte com a máscara. Isso me preocupa também, será que é viável voltar presencialmente, dentro dessas condições?

Rodolfo Ward: E ainda tem a questão do produto final, a apresentação artística. Como é que vai ser essa apresentação? A pessoa está ensaiando tanto e onde ela vai se apresentar? Tem este contexto ainda que não está resolvido. Eu acho que o futuro é os Media Labs, todos tem que entrar nos Media Labs. Agora temos 4 minutos para encerrar a live.

Juliana Passos: Nesse final você já começou a falar sobre a questão dos processos de criação e das apresentações. Temos visto muita coisa acontecendo, muito festival online onde as pessoas enviam seus trabalhos em vídeos. Então, estamos entrando num outro momento, porque anteriormente já havia festivais de videodança ou videoperformance, mas não eram tantos e agora teve um boom por uma questão de necessidade. No meio acadêmico, sempre há muitos congressos e eventos, mas raramente são a distância, virtualmente. Agora, muitos eventos online estão surgindo, houve um congresso da UFBA recentemente, de duas semanas, com muitas mesas virtuais e palestras online, com visualizações de milhares de pessoas. É um outro mundo surgindo, temos que repensar tudo, os congressos, as reuniões, as aulas, as apresentações de espetáculo, os eventos sociais e profissionais. E, na verdade, uma coisa não precisa excluir a outra, podemos repensar os meios de ensino, os processos de criação, a criação artística e ter as duas coisas. Isso é muito rico, poder ter as duas coisas: uma produção artística pensada de uma forma virtual e de forma presencial. É um ganho, pois eu tenho dois produtos para públicos distintos. Não estou descartando a questão do virtual no ensino, apenas salientando a necessidade do planejamento, do estudo. Nos processos de criação artística, a ruptura com a tradição já vem ocorrendo com o entrelaçamento entre Arte e tecnologia. Já no ensino, ainda estamos presos à tradição da presença por várias questões e dificuldades já pontuadas anteriormente. Para terminar minha fala, antes que acabe a *live*, gostaria de ler um trecho de um texto do Rubem Alves que recebi hoje de Cristiane Castro, aluna da licenciatura em dança, do 8º semestre. O texto foi publicado na Folha de São Paulo no dia 26/10/2004. Vou ler um trecho do texto para encerrar minha fala:

“Ver é muito complicado. Isso é estranho porque os olhos, de todos os órgãos dos sentidos, são os de mais fácil compreensão científica. A sua física é idêntica à física óptica de uma máquina fotográfica. O objeto

do lado de fora aparece refletido do lado de dentro, mas existe algo na visão que não pertence à física. Há muitas pessoas de visão perfeita que nada veem. Não é bastante não ser cego para ver as árvores e as flores. Não basta abrir a janela para ver os campos e os rios, escreveu Alberto Caeiro, heterónimo de Fernando Pessoa. O ato de ver não é coisa natural, precisa ser aprendido. Nietzsche sabia disso e afirmou que a primeira tarefa da educação é ensinar a ver. A diferença se encontra no lugar onde os olhos são guardados. Se os olhos estão na caixa de ferramentas, eles são apenas ferramentas que usamos por sua função prática. Com eles vemos objetos, sinais luminosos, nomes de ruas e ajustamos a nossa ação. O ver se subordina ao fazer. Isso é necessário, mas é pobre, muito pobre. Os olhos que moram na caixa de ferramentas são os olhos dos adultos. Os olhos que moram na caixa dos brinquedos são das crianças. Para ter olhos brincalhões é preciso ter as crianças por nossos mestres. Por isso, porque eu acho que a primeira função da educação é ensinar a ver, eu gostaria de sugerir que se criasse um novo tipo de professor, o professor que nada teria a ensinar, mas que se dedicaria a contar os assuntos que crescem nos desvãos da banalidade cotidiana. ”

Eu queria terminar a live reforçando esse pensamento: a primeira função da educação, de qualquer tipo de ensino, presencial ou remoto, deveria ser esse “abrir os olhos” das pessoas para o mundo. Encerro minha fala com esta reflexão. Obrigado pelo convite e pela oportunidade.

Rodolfo Ward: Eu que agradeço por você ter aceitado o convite e acredito que todos tenham gostado bastante. Inclusive teve muitas curtidas e interações do público, são os novos aplausos, as novas formas de interação. Não conseguimos ver as pessoas, mas teve um momento que subiram vários corações na sua fala. Teve muita interação, as pessoas gostaram bastante e foi muito bom. Obrigado, professora Juliana, pela sua aula, por ter compartilhado o que você tem vivido e esperamos você novamente.

Juliana Passos: Obrigada e parabéns pelo projeto. Qual será a próxima live?

Rodolfo Ward: As próximas lives: na semana que vem, teremos o professor Antenor Ferreira, coordenador do Media Lab/UnB e em conjunto com mais três professores da música. Será uma live voltada para educa-

ção musical e migraremos para o YouTube. E logo em seguida teremos a Célia Xakriabá, outra líder indígena, ativista e guerreira. Obrigado por você ter participado dessa conversa hoje, agradecimentos em nome do Media Lab BR. Até a próxima!

Juliana Passos (Dança/IFB) - Docente do Curso de Licenciatura em Dança do Instituto Federal de Brasília desde fev/2018 e Coordenadora do Curso desde dez/2018. Doutora em Artes da Cena do Instituto de Artes da Unicamp em 2016 (bolsa FAPESP 2012/2016). Mestre em Artes da Cena pelo Instituto de Artes da Unicamp em 2012 (bolsa Fapesp 2010/2012). Graduada no Curso de Licenciatura em Dança (2010) e Bacharelado em Dança (2008) pela Unicamp.

FÓRUM DE EDUCAÇÃO MUSICAL E PANDEMIA

Maria Cristina de Carvalho Cascelli de Azevedo

Boa noite, gostaria, primeiramente, de agradecer ao prof. Antenor e ao Rodolfo; o convite para estar aqui hoje e a oportunidade de compartilhar algumas ideias e reflexões sobre a educação musical na situação atual de pandemia — algo um tanto quanto inusitado, mas necessário, no momento crítico que vivemos em que predomina a incerteza, o medo e a tristeza, mas também a solidariedade, a criatividade e a esperança. Nessa oportunidade, gostaria de manifestar meus sentimentos pelas vidas que perdemos nessa pandemia e por todos os que estão doentes e seus familiares.

A minha fala aqui tem três momentos que entendo que são complementares: 1) A ação pedagógico-musical como uma ação humana COM seres humanos, SOBRE seres humanos e PARA seres humanos; 2) Ensinar música em tempo de isolamento social: O quê? Como? Quando? Onde? Quem? Por quê? O mesmo em garrafa nova? O que mudou? 3) O professor de música e as salas de aula: o que aprendemos e como podemos continuar.

1) A ação pedagógico-musical como uma ação humana COM seres humanos, SOBRE seres humanos e PARA seres humanos;

Parto do princípio de que toda ação educativa-musical, pelo fato mesmo de ser educativa, é uma ação humana, ou seja, é uma ação que, entre outras características, apresenta um caráter interativo e inten-

cional. Destaco essas duas características porque, como afirma Tardif (2002), “ensinar é entrar numa sala de aula e colocar-se diante de um grupo de alunos, esforçando-se para estabelecer relações e desencadear com eles um processo de formação mediado por uma grande variedade de interações”. Portanto, significa estar ENTRE seres humanos, estabelecer contato visual e corporal, ouvir, tocar, experimentar, criar, cooperar...

No caso da educação musical, a interação constitui uma de suas contribuições para a formação humana na educação escolar: ela abre o olhar para si e para o outro, ela revela a beleza da diferença, ela ensina o respeito à diversidade, ela aflora outras dimensões da autoestima, ela propicia uma outra forma de estar junto, de sermos parte de uma comunidade. Aprender música é mais do que compreender como a racionalidade humana organiza os sons; aprender música é admirar-se com a diversidade: é abrir-se para o desconhecido ou, parafraseando Lucy Green, é viver a CELEBRAÇÃO: o encontro entre o musical e o humano. Musical porque envolve o domínio de conhecimentos musicais sistematizados, percebidos e identificáveis em diversas músicas – um conteúdo musical; um saber e um saber fazer que é ensinado e aprendido: tocar, cantar, criar, ler, ouvir. Humano porque o conhecimento musical é social, é cultural, é histórico, integra diferentes culturas e grupos sociais; está na mídia e fora dela. Nesse sentido, aprender música é importante e relevante por si mesmo, pelo simples fato de ser uma “invenção humana” com diferentes funções na nossa sociedade. A educação musical é essencialmente uma ação humana com fins cognitivos, éticos e morais que visam à formação integral dos seres humanos.

Assim, na situação de isolamento em que vivemos, é fundamental lembrarmos disso: a música é necessária à formação humana. Fazer música nos torna mais humanos. Lembro que fazer música envolve OUVIR, TOCAR OU CANTAR, CRIAR E SABER SOBRE MÚSICA.

Dito isso, passo para o segundo ponto da minha fala:

2) Ensinar música em tempo de isolamento social: Por quê? O quê? Como? Quando? Onde? Quem? O mesmo em garrafa nova? O que mudou?

Nessa situação inesperada e atípica: *Por que ensinar música? O que ensinar? Quem ensina e para quem? Como? Quando? Onde? Quanto?* Esses questionamentos não têm nada de novo, faz parte do ofício de ensinar, são questões pedagógicas que estão no âmago da atividade docente e caracterizam a profissão professor. Mas o que há de novo? O que muda?

Meu objetivo não é responder a esses questionamentos, porque ele são contínuos e não têm uma única resposta. As respostas mudam diante das situações pedagógicas. Agora vivemos uma bem inusitada. Essas interrogações são motores do ato de ensinar e orientam nossa reflexão como professoras e professores. Na situação de pandemia que vivemos, a sala de aula se deslocou do mundo real para o virtual. Ouso aqui apresentar para debate minhas reflexões. Assim, gostaria de focar no *QUEM*, sem excluir as demais, porque elas se implicam: estão na cabeça da professora ou do professor.

O *porquê ensinar música e o que ensinar* foram, de certa forma, respondidas no primeiro momento da minha fala: a música é produto da racionalidade humana e seu ensino e aprendizagem se justifica por si mesma. O que ensinar envolve as práticas musicais humanas e sua diversidade: *OUVIR, TOCAR OU CANTAR, CRIAR E SABER SOBRE MÚSICA*.

Onde? Quando? Quanto? São questionamentos que se complementam e que, no momento, estamos descobrindo e experimentando de acordo com as nossas novas demandas e possibilidades. No isolamento social, os locais de aprendizagem não totalmente conhecidos estão na intimidade do lar e são flexíveis, assim como o tempo e a duração. O tempo e o espaço escolar se dilataram e invadiram nosso tempo pessoal, muitas vezes de descanso e de atividades pessoais e domésticas, tanto para o professor quanto para o aluno. Se para melhor ou pior, ainda não sabemos. O fato de estar isolado socialmente significa mais disponibilidade para aprender? Qual o impacto dessa flexibilidade na nossa saúde mental e física? Aprender e ensinar música é diferente? A música pode dar outra dimensão ao tempo e espaço de aprendizagem como muitas vezes o faz no contexto escolar? Estas são questões pedagógicas importantes para se ensinar música em tempo de pandemia.

Outro questionamento envolve a qualidade do espaço e tempo de aprendizagem. Algo que não é novo: o espaço e o tempo da escola tam-

bém têm sido problematizados. Mas, aqui faço mais uma reflexão: **TO-DOS TÊM A MESMA QUALIDADE DE TEMPO E ESPAÇO?**

Abro aqui um parêntesis para lembrar uma situação curiosa: a inversão de papéis que a pandemia nos impõe: Há alguns anos, o governo do Distrito Federal tem gradativamente implementado a educação integral nas escolas, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio. Em algumas situações, crianças e jovens do sistema público de ensino ficam 10h na escola, desenvolvendo atividades curriculares e extracurriculares (Mais Educação, Educação em Tempo Integral...). Nas escolas parques do Plano Piloto, por exemplo, os professores e as professoras acompanhavam as crianças no horário do almoço, na higiene bucal e no horário do descanso (soneca) antes de iniciarem as aulas de música. Hoje, os pais estão desenvolvendo o papel de tutores e mediadores da aprendizagem escolar (e a música?). O espaço escolar deixou de ser uma extensão da vida doméstica para se tornar *tarefa* da vida doméstica. O LAR é escola, como sugere o programa do governo de Goiás: Programa EscoLAR. Sabemos que a família é parte da comunidade escolar e a interação escola-família é fundamental para o sucesso da educação, mas vivemos uma outra dimensão dessa interação. **QUAIS AS CONDIÇÕES DESSE ENSINO E APRENDIZAGEM? QUEM ENSINA? QUEM APRENDE? COMO? QUEM É EXCLUÍDO? OU QUE CONHECIMENTO É EXCLUÍDO? QUAIS AS CONSEQUÊNCIAS PARA A FORMAÇÃO HUMANA? ESTA É A PRINCIPAL PREOCUPAÇÃO QUE COMPARTILHO.**

Diante dos argumentos apresentados, responder às indagações **QUEM ENSINA, QUEM APRENDE E COMO** envolve um caleidoscópio de possibilidades. Há várias possibilidades de OLHAR. O meu olhar tem como foco o ensinar música e defendo que essa é uma competência de professores de música, com saberes pedagógico-musicais específicos, fundamentados numa tradição de ensino e aprendizagem musical e numa formação consiste que envolve, basicamente, saberes musicais e pedagógicos. Em tempos de pandemia, o professor de música se reinventa e enfrenta novos desafios. Um deles é a mediação da aprendizagem pela tecnologia, o que exige o seu domínio. **QUEM ESTÁ PREPARADO? E O ALUNO? QUEM É EXCLUÍDO?**

Na área musical, a tecnologia é um universo sedutor, mas “mercantilista”: softwares que reproduzem estúdios de gravação (GarageBand); aplicativos que armazenam e compartilham músicas e vídeos, como SoundCloud, YouTube, games e programas que estimulam a aprendizagem como (...) Sem contar os aparelhos celulares, tablets, computadores e mídias sociais que facilitam gravar, editar e compartilhar áudios e vídeos. Um mundo mágico, maravilhoso. Mas QUEM têm acesso? Como? QUEM está sendo deixado para trás? parafraseando o slogan educacional norte americano.

Segundo os dados do Censo 2018, o DF tem o maior índice de acesso à internet no país, 95% da população. Contudo, a pesquisa não analisa a qualidade desse acesso: Quanto tempo? Onde? Qual a velocidade? A maioria do acesso é realizado via celular e, principalmente, para mensagens telefônicas. Não sabemos a capacidade dos acessos para baixar material didático, videoaulas ou para assistir à videoconferências. Para que todos possam ter as mesmas chances de aprender, as escolas distribuem material didático impresso. Contudo, a pergunta central retumba: **TODOS ESTÃO TENDO OPORTUNIDADE?**

O professor, pesquisador e escritor António Nóvoa ao refletir sobre o triângulo pedagógico de Houssaye, o compara com o jogo de bridge em que um vértice representa o “morto”, dependendo do olhar na interação pedagógica. Nessa analogia, vou considerar o morto, o excluído.

O triângulo pedagógico apresenta três pontas: o professor, o aluno e o conteúdo. Na interação centrada exclusivamente no professor com o conteúdo, o aluno é excluído; do mesmo modo, a interação centrada no aluno e no conteúdo, o professor é excluído. Há ainda a possibilidade da interação centrada no professor e no aluno em que o conteúdo é excluído. O ideal é o equilíbrio dos três vértices desse triângulo. Nesse momento de pandemia, estamos vivenciando momentos de exclusão: ora do professor, ora do aluno, ora do conteúdo. Percebo um grande investimento das escolas na relação do aluno com o conteúdo: são muitas videoaulas, material didático para leitura e exercícios, mas o professor fica ausente da mediação pedagógica, ele não acompanha no processo. O tempo flexível e descontínuo gera exclusão do professor. O acompanhamento pedagógico dos familiares também é comprometido, pois

falta saberes e experiência pedagógica, domínio de conteúdos e um conflito de identidade: ser pai/mãe e ser professor. Contudo, o aluno nessa relação com o conteúdo também, no meu ponto de vista, se exclui aos poucos, porque sem mediação o conteúdo pode perder significado. Além disso, o aluno perde a interação com os colegas, momentos de troca e aprendizagem. Mais do que nunca, as diferenças sociais se agravam, as oportunidades de aprendizagem são muito distintas: espaço, tempo, disponibilidade de instrumentos musicais e acompanhamento da aprendizagem. Quanto à exclusão de conteúdo, vivemos um momento diferente de seleção dos objetos de aprendizagem: o que se pode ou não se pode ensinar. Nessa situação, a própria música pode ser excluída, portanto, pensar que conteúdo musical ensinar e como é crucial para a educação musical. Soma-se a essa reflexão considerar diferentes possibilidades de se levar esses conteúdos até os alunos: se não há internet, temos que nos reinventar e encontrar outras formas de transmissão e interação.

Entro agora no terceiro momento da minha fala.

O professor de música e as salas de aula: o que aprendemos e como podemos continuar.

Na aula de música, temos muitas situações de aprendizagem: aulas de ensino de instrumento face a face (aulas individuais ou de estúdio); aulas de ensino de instrumento coletivo; prática de conjuntos musicais (coros, bandas, grupo musicais, música corporal, orquestras); aulas teórico-práticas; oficinas de música; aulas de música para o PAS. Nesses formatos de aula, muitos professores exploram as tecnologias musicais. Elas têm sido ferramentas importantes para gravações de acompanhamentos e bases musicais (play along); videoaulas que complementam as aulas presenciais; compartilhamento de músicas e vídeos; aulas em PowerPoint e material impresso com ou sem material audiovisual. As próprias videoaulas são uma realidade antiga, mas hoje são mais acessíveis via aplicativos como YouTube e WhatsApp. Temos muitas opções para aulas presenciais inteligentes, lúdicas e motivadoras. O desafio é explorar todas essas ferramentas na situação pedagógica atual em que a educação é remota, mas não necessariamente uma educação a distância. Digo isso porque o EaD apresenta particularidades e características que também não são possíveis no momento, como,



Cildo Meireles: Quem Matou Herzog? (1975)
 Fonte: <http://cildomeireles.blogspot.com/>

por exemplo, a oferta de acesso à internet e mediação de tutoria nos polos de EaD.

Diante das diversidades deste momento, algumas propostas para ensinar música estão em “gestação”. São ideias ainda não concluídas para dar continuidade, de acordo com protocolos apropriados ao acesso à aula de música, para aqueles que estão sendo EXCLUÍDOS do processo de aprendizagem, principalmente, crianças e jovens que não têm acesso a uma conexão de qualidade de internet, cujos familiares não têm instrução ou conhecimento musical para mediar a aprendizagem.

Basicamente, estamos pensando em mais uma oferta do MESMO em uma nova roupagem.

Nesse MESMO, estão programas educativos para televisão, considerando que eles podem ser acessados tanto *por canais livres de TV quando pelo YouTube*. Da mesma forma, programas educativos de rádio e podcasts poderão ser disponibilizados. Nesse formato, o professor se exclui do triângulo interativo, mas uma interação pode ser viabilizada por telefone, WhatsApp, ou mesmo por webconferência ou lives. Esse

tipo de interação mantém a necessidade de um acesso à tecnologia, mas amplia as possibilidades de acesso.

Mas tenho me dedicado a uma outra possibilidade: *a aula de música delivery* com direito a um esquema de escolha *iMusicClass*, similar ao *iFood*. Tenho pensado muito em como podemos chegar aos EXCLUÍDOS. A ideia nasceu da necessidade de se pensar na prática de estágio dos licenciandos em música da UnB. Enfatizo que é apenas uma ideia, que não é de todo original, pois muitos professores de música vão às casas de seus alunos para ministrar aulas. O que é o MESMO em nova roupagem é como fazemos a aula presencial no ambiente habitacional dos alunos e de forma segura de acordo com protocolo sanitário a ser discutido e definido.

A ideia consiste em utilizar material didático já produzido e que envolve aulas de flauta doce, aulas de percussão, aulas de violão e de viola caipira, aulas de música voltadas para o repertório do PAS e outras aulas conforme nossa disponibilidade. Essas aulas serão ofertadas de forma isolada ou em pacotes para escolas, ONGs, condomínios residenciais e famílias interessadas. Os grupos deverão ter em torno de 4 a 5 alunos por professor. No caso dos alunos do Ensino Médio podemos considerar no máximo de 8 a 10 alunos por professor. A ideia é realizar as aulas em espaços abertos ou grandes que possibilitam o distanciamento de 1 metro e meio a 2 metros. Cada aluno terá uma cabine para se proteger e proteger o colega e o professor. Este, dependendo do tipo de aula, deverá utilizar uma máscara de acetato para interagir com os alunos. Os pacotes de aula poderão ser formados para duração de quatro a seis semanas e as aulas presenciais poderão ocorrer semanalmente ou quinzenalmente, dependendo do protocolo a ser discutido.

Como disse, essa é uma ideia em construção e em diálogo com os parceiros do Departamento de Música, escolas e ONGs. Para nós, a MÚSICA NÃO PODE PARAR. Apesar da limitação desta nossa proposta, queremos SALVAR OS EXCLUÍDOS, uma vez que para a Educação o lema NINGUÉM SEJA DEIXADO PARA TRÁS possa ser menos utopia e mais realidade.

Maria Cristina (MUS/UnB) – doutora em Música (2007), área de concentração Educação Musical, pelo Programa de Pós-graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Em 2017/2 realizou estágio pós-doutoral na Suécia pelo programa de cooperação CAPES/STINT – Programa Cooperação CAPES/*Swedish Foundation for International Cooperation in Research and Higher Education* com apoio financeiro da CAPES. É professora adjunta no Departamento de Música da Universidade de Brasília (MUS/IdA/UnB), onde atua na área de Educação Musical e Formação de Professores de Música. Na pós-graduação, atua no Programa Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES, UnB, sendo vice-coordenadora do programa.

A CRISE COMO MOTIVADOR PARA AÇÕES CRIATIVAS NA EDUCAÇÃO MUSICAL

Antenor Ferreira Corrêa

Boa noite, Rodolfo, muito obrigado pelo convite, boa noite a todos que estão participando dessa *live*. Fico muito contente em participar, pois esse evento converteu-se em um evento importante, dado a qualidade dos convidados que até agora participaram, como, por exemplo, o Dr. José Geraldo, querido ex-reitor da UnB, que fez uma *live* interessantíssima falando sobre o direito em tempos de pandemia. Houve a participação da líder indígena Célia Xakriabá avaliando as questões indígenas durante esse período inusitado que estamos enfrentando por conta da epidemia do coronavírus. E isso é a realidade pela qual estamos passando, momento que as pessoas têm chamado de novo normal, ou seja, essa interação virtual, pela internet, para quase todas as tarefas cotidianas.

Eu gostaria de falar com vocês em um momento melhor, mas infelizmente estamos passando por uma crise. E o que é uma crise? É um rompimento abrupto com alguma coisa, e quando se fala em crise, se pensa em algo muito grave, urgente e que demanda uma solução urgente, rápida. Toda crise impõe restrições, e a crise que nós estamos vivendo impõe restrições financeiras, biológicas etc., e também nos impõe essa restrição da nossa rotina social, restrição do contato físico que acabou afetando os processos habituais de educação.

Esses períodos de crise normalmente provocam ansiedade, tristeza, depressão. Contudo, eu gostaria de pensar por outro viés: a possibilidade

de pensar que a crise é também um momento em que se pode promover a criatividade, impulsionando a criação de situações inovadoras para os problemas que se nos apresentam.

Ao falar de criatividade, eu gostaria de pontuar dois momentos históricos de crise para servirem de espécie de baliza para pensarmos esse nosso momento atual. Pode ser que vocês se lembrem, ao menos de ouvirem mencionar, de uma obra muito bacana do compositor russo Igor Stravinsky intitulada *História do Soldado*. Essa obra foi composta exatamente em 1918, que foi considerado o ano final da Segunda Guerra Mundial. Stravinsky estava acostumado a trabalhar com um efetivo artístico muito grande, contendo uma orquestra sinfônica ampliada, mais bailarinos e atores, entre outros. A peça *O Pássaro de Fogo*, por exemplo, demandava um efetivo de mais de cem artistas. Foi nessa obra a primeira vez que um compositor escreveu para três harpas integrando a orquestra. Além do efetivo musical normal, havia ainda o balé e o coral. Ou seja, um número muito grande de artistas. Porém, com a recessão econômica do período pós-guerra, com as nações tentando se reestabelecer, houve uma severa restrição econômica. Por conta disso, aquele efetivo instrumental com o qual Stravinsky estava acostumado a trabalhar não era mais possível, em razão justamente da restrição orçamentaria. Então, como o Stravinsky agiu para contornar essas dificuldades? Para conseguir trabalhar, ele compôs *A História do Soldado*, diminuindo radicalmente o número de artistas para nove instrumentos, dois bailarinos e um narrador. Essa obra foi tão inovadora que àquela época não era possível encaixá-la em uma forma tradicional. Não é opera, não é teatro, não é balé, não era nada parecido com as formas artísticas do período. Isso, de fato, foi uma inovação. A ação criativa produzindo algo novo para driblar uma circunstância crítica.

Mais perto da gente, no tempo e no espaço geográfico, houve um outro momento de crise do qual ninguém tem saudade, que foi a ditadura militar, que trouxe consigo a censura imposta a grupos musicais, artistas, jornalistas, educadores, intelectuais, entre outros. Essa história nós conhecemos muito bem e esperamos que não volte. Militarismo nunca mais! Foram vinte e um anos de restrições das liberdades civis, e fizeram com que a liberdade de expressão artística e ideológica fosse

quase que inexistente. Então, alguns partidos políticos daquela época, agremiações, grêmios estudantis e outras associações representativas da sociedade foram reprimidas pela censura ou sofreram represálias do governo. Foi justamente nessa época que alguns artistas começaram a desenvolver estratégias criativas para burlar a censura. Os Centros Populares de Culturas, os famosos CPC, que eram geridos pela união dos estudantes (inclusive o último presidente foi o poeta Ferreira Gullar), quando promoviam um espetáculo que era censurado, os atores iam apresentar na porta de fábrica, no sindicato, visando a continuar a resistência aos órgãos de censura.

Outro exemplo que eu me lembro muito bem é dos compositores fazendo uso de estratégias retóricas em suas letras, tais como metáforas e ironias, também para driblar a ignorância dos repressores. Só para citar um exemplo, vocês sabem da canção *Apesar de Você* do compositor Chico Buarque, que foi composta durante o governo Médici e que não foi censurada porque foi disfarçada como uma briga de casais, mas que trata de uma referência a esse presidente ditador que coibia a liberdade durante a ditadura. Na literatura também temos vários exemplos de autores, por exemplo, Jorge Amado que colocava um título, por exemplo, *Tereza Batista, Gabriela, Tieta*, fazendo entender que se tratava de um romance sobre essas personagens, mas ao ler o texto se percebia que, na verdade, a história era outra, por exemplo, uma crítica ao coronelismo que imperava no Nordeste brasileiro. Me lembrei agora de Milan Kundera que também disfarça a narrativa de seu livro *A Insustentável Leveza do Ser*, fazendo parecer que é uma temática de amor, de erotismo, mas que está ambientada, ou tem como uma espécie de pano de fundo, a Primavera de Praga, onde a Tchecoslováquia lutava para se rebelar contra a dominação russa naquele país.

Nas artes visuais, a censura não foi menos intensa. Só para citar um exemplo: a obra *Quem Matou Herzog?* do artista Cildo Meireles, que efetivamente carimbou as notas de um cruzeiro (na época a moeda brasileira era o cruzeiro). Ele carimbou as notas com a frase “quem matou Herzog?”, questionando incisivamente o governo militar que se recusava a admitir o assassinado do jornalista Vladimir Herzog. Com essa estratégia criativa, Meireles fez seu trabalho e conseqüentemente sua

mensagem circular para um grande número de pessoas, pois essa era a cédula de menor valor à época e, portanto, com a possibilidade de passar pelas mãos de muitas pessoas das mais variadas camadas sociais

Existem muitos países que a ditadura ainda está em vigor. Muito recentemente, em 2018, músicos se reuniram com jornalistas de cinco países, China, Vietnã, Egito, Tailândia e Uzbequistão, e promoveram o projeto *Uncensored Playlist* (lista de canções não censuradas). Nesse projeto, eles transformaram em música as matérias jornalísticas censuradas nesses países onde a imprensa não é livre. Depois, os músicos disponibilizaram essas canções nas plataformas de música, como Spotify, SoundCloud, YouTube, entre outras. Essa foi uma maneira muito criativa pela qual os artistas conseguiram vencer as restrições impostas às liberdades civis.

Eu espero que esse momento de pandemia também sirva para ser transformador. Esses exemplos que eu mencionei, de gestos criativos impulsionados por circunstâncias de crise, podem nos ajudar a repensar as nossas atitudes e as nossas pretensões, como educadores, não somente no ensino em geral, mas também em nosso caso particular do ensino da música.

É necessário repensar o conteúdo dos cursos, dos currículos, mas é fundamental repensar os modelos de ensino e modelos de aula.

Com um acesso mais abrangente à internet, onde se é possível encontrar programas gratuitos para gravação e edição de música e vídeo, as opções para ensino a distância foram facilitadas. O que se torna mais premente é que a conexão com a internet esteja disponível a todos, ou seja, conectividade tem que ser considerada como infraestrutura básica, assim como água e luz, e tem que ser fornecida pelo governo, com o dinheiro que pagamos de impostos e taxas. Os governos, não importa se federal, estadual ou municipal, tem que disponibilizar isso para toda população, pois a internet não é mais artigo de luxo, é necessidade básica.

Nesse novo contexto, o professor acostumado a um formato convencional de aula vai ter de se adaptar a esses outros modelos. Em algumas palestras a que tenho assistido e também em conversas sobre esse “novo normal”, sobre esse tempo de pandemia, alguns estudiosos já dizem que esse é o último prego no caixão do modelo de ensino conservatorial, ou

seja, o modelo baseado no conservatório na música. Trata-se, este, de um tipo de aula baseado em um instrumento específico, fundamentado em um repertório específico, naquele período histórico particular, com o objetivo exclusivo de criar instrumentistas para suprir as orquestras. Esse modelo conservador ideal vai ter que ser revisto com certeza. Então é uma obrigação nossa estarmos preparados para essas novas formas de ensino.

A educação a distância, que a UnB já começou há tempos, é uma realidade agora, não se pode nem questionar se é boa, se é válida. Assim, os professores com ou sem familiaridade com o ensino a distância vão ter que aprender, e quem já possui familiaridade irá se aprimorar para fazer um uso melhor dessa tecnologia. Estamos de fato falando agora na *alfabetização digital*.

A possibilidade que estamos tendo nesse momento, no qual o ensino a distância se apresenta como a melhor opção para continuar o processo educativo dos alunos, nos força também a pensar sobre a própria relevância de certas disciplinas e, conseqüentemente, sobre as disciplinas que podem ou não serem ensinadas a distância. Na área da música, por exemplo, existem disciplinas que exigem o trabalho coletivo, tais como música de câmara, prática em conjunto, canto coral, entre outras. Então, temos que discutir a própria existência e a manutenção dessas disciplinas, pois colocar essas disciplinas num ambiente individualizado talvez não faça muito sentido, uma vez que essas matérias têm, sobretudo, o objetivo de socializar os participantes. Talvez os professores que foram contratados para ministrar essas disciplinas vão ter que ser realocados e ajudar os colegas nas outras disciplinas.

No caso particular do ensino de instrumento musical, há aspectos peculiares que devem ser considerados. Vamos pensar no caso especial do meu instrumento musical, que é a percussão. Na U eu trabalho em um semestre mais de doze, ou quinze, instrumentos de percussão. Porém, se você é guitarrista, tecladista ou contrabaixista, você, com um instrumento, e resolveu. Mas, no caso da percussão, não é assim. Surge assim o problema, porque há alunos que não têm dinheiro nem para comprar um único instrumento, quem dirá comprar dez ou quinze. Assim, talvez seja o caso de se considerar quais instrumentos são

ou não essenciais, pois não são todos os instrumentos que podem ser fabricados em casa, que podem ser construídos com material reciclável ou alternativo. Eu, por exemplo, trabalho nas minhas aulas ensinando os alunos a fazerem o instrumento. Esse aqui é um ganzá feito com materiais alternativos, um instrumento simples de se fazer, mas com excelentes possibilidades para o aprendizado, pois permite o desenvolvimento das relações rítmicas, de modo geral, mas também ajuda a aprimorar a independência e a coordenação motora. Há outros instrumentos simples, como esse, mas que demandam outros materiais não tão facilmente disponíveis para a fabricação caseira. No entanto, se eu for dar uma aula de pandeiro, eu posso fazer um processo muito básico de pegar um livro preferencialmente de capa dura e conduzir os alunos a aprenderem a movimentação básica para se tocar, e depois quando o aluno conseguir comprar seu próprio instrumento, ele transfere esses movimentos. No entanto, isso funciona até um certo nível, e chega um ponto que ter o instrumento em mãos é necessário. Assim, a gente tem que conversar e ver o que vai fazer.

Bem, com as formas atuais de aulas síncronas e a assíncronas, são também estabelecidos novos tipos de relacionamento entre professor e aluno. O conteúdo está disponibilizado na plataforma e o aluno pode acessar a qualquer hora. Porém, ainda se faz necessário o contato humano. Por conta disso, penso que a melhor forma seria a gente caminhar para esse modelo misto, ou seja, alternando entre aulas síncronas e assíncronas.

Finalizando, eu espero que essa pandemia funcione como motivador para sairmos dessa crise que se nos apresentou encontrando soluções criativas não somente para contornarmos os problemas, mas também para repensarmos e reciclarmos nossos hábitos no âmbito da educação.

Antenor Ferreira (MUS/UnB) – Músico, compositor, percussionista, pesquisador, produtor cultural e professor associado da Universidade de Brasília (UnB). Coordenador do Media Lab/UnB.

INOVAÇÃO E LIDERANÇA FEMININA: NOVOS DESAFIOS NA LUTA DOS POVOS INDÍGENAS

Célia Xakriabá

RESUMO

A presente edição acontece com a participação da professora Célia Xakriabá, mestra em Desenvolvimento Sustentável pela UnB e doutoranda em Antropologia pela UFMG e ativista indígena do povo Xakriabá. Em Minas Gerais, a sua luta está centrada na reestruturação do sistema educacional, no apoio às mulheres e à juventude dentro do Xakriabá e nas mudanças das fronteiras geográficas para manter o seu território.

ABSTRACT

In this issue we have the honor of the participation of professor Célia Xakriabá, who holds a master's degree in Sustainable Development from UnB, doctorate student in Anthropology from UFMG and indigenous activist of the Xakriabá people. In Minas Gerais, her struggle is focused on restructuring the educational system, supporting women and youth within Xakriabá and changing geographical boundaries to maintain its territory.

Rodolfo Ward: Nessa Publicação nós temos o privilégio em contar com a professora Célia Xakriabá, mestra em Desenvolvimento Sustentável

pela UnB, doutoranda em Antropologia pela UFMG e ativista indígena do povo Xakriabá. Em Minas Gerais, a sua luta está centrada na reestruturação do sistema educacional, no apoio às mulheres e à juventude dentro do Xakriabá e nas mudanças das fronteiras geográficas para manter o seu território. Como primeiro assunto, a UnB acabou de aprovar, por unanimidade e humanidade, cotas para a criação de uma política de formação para negros, indígenas e quilombolas na pós-graduação, ou seja, uma continuidade para formação acadêmica. Essa é uma luta histórica da universidade idealizada por Darcy Ribeiro e com certeza está dentro das perspectivas e dos novos desafios para a liderança dos povos indígenas brasileiros, que hoje tem um protagonismo das lideranças femininas. Gostaria de iniciar a nossa conversa para essa decisão que é uma política pública e que você falasse um pouco da sua experiência em um curso de excelência como CDS/UnB, da sua pesquisa, tanto do mestrado quanto no doutorado, agora, na UFMG. Então, podemos começar por aqui a nossa conversa?

Célia Xakriabá: Vamos, sim. Eu sou Célia Xakriabá, obrigada pelo espaço Media Lab/UnB, estou me sentindo na UnB novamente, Rodolfo, e quero reafirmar a importância desse espaço; acabei de sair do online, de uma conversa com nossa grande companheira de muitas lutas, Preta Ferreira, que também está ocupando o espaço nas redes sociais, e com o ator Fábio Assunção. Essa iniciativa é muito importante para anunciar, mas, sobretudo, denunciar usando nossas vozes. Agradecer às meninas que estão participando. Estou vendo Negra Arte, que também é e foi companheira de muitas lutas na UnB no CDS, vendo aqui também Rubinho, que é um dos meus professores na UFMG. Agradecer por esse espaço é muito importante, pois, curiosamente, eu aprendi a gostar de Brasília exatamente pelo espaço da UnB. Antes eu conhecia a cidade a partir da luta, é como nós vemos Brasília pela primeira vez, a partir do Congresso Nacional, do lugar dos nossos inimigos, foi quando iniciei esse caminho. E chegar a Brasília para além da esplanada foi possível exatamente quando estudei na UnB, porque percebi a presença de vários corpos indígenas no lugar que não foi exatamente dado, mas no lugar que foi conquistado. E, recentemente, Brasília é pioneira na questão das cotas para garantir a presença indígena, ter uma representatividade de

corpos na universidade é muito significativo e não somente simbólico. E, na UnB, ocupar um lugar vai para além do direito de fazer parte da medicina, da antropologia, do desenvolvimento sustentável. Nós ocupamos sobretudo o lugar da luta porque é fundamental trazer a presença do movimento que, a meu ver, é também uma luta epistêmica porque não existe processo de embate que não possa gerar conhecimento. E nós destacamos a importância da universidade como ferramenta de luta e falamos dos pilares do poder, o Executivo, o Legislativo, o Judiciário como importante lugar onde se constrói o poder. Eu reafirmo, o momento que estamos vivenciando é de luta, representando um quarto poder. É muito importante valorizar esse lugar de luta porque existe a universidade da vida e uma vida na universidade, é muito interessante considerar esses outros lugares, onde se produz também o conhecimento.

Rodolfo Ward: É bem interessante esse processo, assisti o final da sua *live* com uma pessoa bastante instruída sobre o assunto, abordando um pouco mais sobre essa questão. Você estava falando sobre o não descolonialismo. Explique um pouco mais.

Célia Xakriabá: Agradeço aos meninos que estão aqui, igualmente ao Daniel Xakriabá, que é Xakriabá também, e que agora está ocupando espaço na universidade, é estudante do curso de medicina na região sul do Brasil. São vários indígenas ocupando vários lugares, é fundamental discutir sobre esse processo da violência porque nós falamos muito do genocídio no Brasil, e eu falo que o genocídio é legislado porque as pessoas falam onde está acontecendo genocídio, me refiro somente ao ano passado; foram assassinadas 130 lideranças indígenas. Se isso não é genocídio, o que que é então? – Eu digo que nós, povos indígenas, estamos morrendo não somente pelo vírus da covid-19, mas também como um vírus sistemático que, como um câncer, vem se espalhando desde o processo colonial, herança de como se deu a invasão do Brasil. Nós falamos de genocídio, mas é muito importante discutir sobre a matança da identidade de um povo que é o *etnocídio*, no *ecocídio* que a biodiversidade corre grave risco de ser morta. Porém o *epistemicídio* acontece quando ocorre a negação ou anulação e até mesmo a tentativa de matar o processo do conhecimento indígena. É muito importante esse reconhecimento, porque o primeiro livro que li foi do meu avô, então o

conhecimento que passa a partir da ciência do território vem de outra dimensão. Também não podemos perder de vista esse conhecimento porque certamente a caneta é uma arma importante e ferramenta de luta. Mas a ciência que nasce do território também nos ensina muito; antes de aprender a fazer literatura, nós sempre fazemos “lulalitura”. Quando fui professora aqui no território xakiabá, aprendi a fazer esteira no processo da área de retomada, só lembrei que sabia fazer esteira quando havia passado um mês. Porque muito mais importante do que o produto, do que o objeto, na verdade, é o processo pelo qual aprendi a tecê-la; também assimilei outros conhecimentos sobre a área do Direito. Porque, na minha concepção, não é só o produto que importa e sim o processo e a construção desse conhecimento. Nesse sentido, é fundamental pensar em outros lugares onde pode ser tecido o conhecimento; meu avô também está aqui, dentro de casa, e ele fala para nós indígenas que é importante adquirir a inteligência, mas não perder de vista a sabedoria. No mestrado, discutir sobre o barro jenipapo e o giz significava exatamente entender que o barro era o agente protagonista da educação escolar indígena e que já existia a educação ciência indígena e como nós aprendíamos a utilizar esse barro. Porque no processo violento da história, nós do povo Xakriabá fomos impedidos de usar pintura corporal, as mulheres guardaram as pinturas corporais nas cerâmicas e depois, mais tarde, quando se pensou que essas pinturas corporais tinham sido perdidas, nós reativamos toda essa memória porque certamente o barro também escreve de outra forma. Quando nós pintamos nossos corpos, nós estamos não apenas pintando, estamos escrevendo em nosso corpo e inscrevendo conhecimento do nosso povo. Então, antes de aprender a fazer o x da letra do alfabeto eu aprendi foi o x do Xakriabá com o significado das setinhas, a união do povo caminhando para um só lugar que era o x da pintura corporal. Quando se discutia sobre o barro, eu estava discutindo que aqui nós aprendemos antes da presença da escola, nós aprendemos antes da presença da caneta e depois do jenipapo. Antes de escrever na folha, eu aprendi escrever no corpo e é muito importante essa forma de aprender a escrever no corpo porque também fazemos outras leituras do pensamento por meio das pinturas que estavam na caverna, seja no desenho das peças de

cerâmica e a transferência deles para o corpo. Por tudo isso, hoje, ao invés de usar o termo da antropologia, que é a palavra *reapropriação* da educação, eu dizia que não queria usar essa palavra, quero usar *amansamento* porque a escola chega no território como uma arma violenta para nós povos indígenas tentando nos colonizar e eu falo que nós, os xakriabás, povos indígenas de Minas Gerais, amansamos essa escola a nosso favor. Antes eu não entendia muito quando as lideranças falavam que a escola ajudava a demarcar território, eu pensava, “mas como assim a escola ajuda demarcar território?” Somente mais tarde entendi que eles se referiam a essa educação *territorializada*. Assim, a discussão sobre o barro jenipapo e o giz, no fazer epistemológico de uma por uma educação territorializada, se fazia presente, porque eu não acredito em descolonização do pensamento de uma educação territorializada que não seja no deslocamento dos corpos para o outro lugar da educação conectada ao território, não acredito em uma educação descolonial que sai capturando os conhecimentos para dentro da escola; é como fotógrafo, é como a comunicação, a grande estratégia do fotógrafo e da comunicação não é sair capturando as imagens e sim captar o sentimento, sem entender, sem congelar, exatamente na tela. Dessa forma, se configura a educação territorializada, imbuída por esse sentimento, a escola ocupa outros lugares também, outros espaços de aprendizagem, na verdade, antes de existir escola em nosso território sempre existiu comunidade, sempre existe um saber e, nesse momento da pandemia frente à covid-19, temos mais condição de pensar esse outro lugar, de saber em outro tempo que muitas vezes a própria escola que sequestrou nosso tempo, e permanece tentando monitorar o tempo inteiro por carga horária e dias letivos, dizendo que nós somos controlados e isso constitui na verdade a educação, existe uma imensidade, uma janela muito mais ampla em pensar a educação, então. Nesse momento, não “é” apenas os pulmões que estão adoecidos, a ciência por muito tempo também ficou adoecida e tem apenas um jeito para retomarmos essa cura; como diz meu irmão, não podemos perder o jeito e o olhar de caçador, pois, ao mesmo tempo que é importante ler e escrever, está na tela. Nós não podemos perder a sensibilidade do mundo e perder de vista o que vem de lá ou que vem dali, isso é reati-

var nosso princípio, nossa capacidade de conhecimento em elaborar a ciência na humanidade.

Rodolfo Ward: Estou vendo aqui se tem alguns comentários. O pessoal elogiando bastante e, realmente, entendemos por que você é uma grande liderança. Fala e articula o pensamento muito bem. Vou passar agora para minha segunda pergunta. Como assessora parlamentar, gostaria que você apresentasse um pouco mais a cultura do seu corpo. Sobre ele se chatear você já falou um pouco, também do seu projeto de mestrado e da sua pesquisa. E sobre as alegações dos doutores, a continuação da pesquisa e os programas referentes a uma limpeza na UFMG. Assim, gostaríamos que você falasse um pouco mais sobre como contribuir a respeito do que conversamos, ter um novo pensamento e não apenas se basear numa nova figura. Como se apropriar do que é essencial, assim como a cultura que tem proporcionado vantagens na luta e no aprendizado. Vamos falar um pouco a respeito disso.

Célia Xakriabá: Agradeço à Juvana, que também é Xakriabá, aluna do curso de Direito na UFMG, igualmente muito importante porque temos que ter esse outro olhar da luta em várias áreas do pensamento, seja na medicina, seja no judiciário, pois nós acreditamos muito nesse lugar como ferramenta de luta a favor dos povos indígenas, assim também como a comunicação da mídia à índia. Meu projeto de doutorado passa por um processo de aprofundamento, mas não é exatamente uma continuidade do projeto do mestrado, tanto é que falo muito que, desde a experiência do mestrado, essa ficção das pessoas imaginarem é o sofrimento da construção e elaboração do pensamento, é algo individual, e isso é muito diferente para nós povos indígenas, porque o conhecimento é coletivo, não tem razão para eu enunciar e anunciá-lo de forma individual. Assim, quando as pessoas falavam que estavam sofrendo para escrever, um processo mais difícil e dolorido, percebi que esse gelo poderia ser quebrado, essa forma de dor, no exato momento que passamos a compreendê-la como uma construção coletiva. Por isso trabalhei muito! Não exatamente com entrevistas, falo que trabalhei entre as vistas daquilo que se pode rever e visitar. O trabalho que desenvolvi com a reativação da memória por meio de oficinas foi bem importante, vários professores xakriabás escutavam os mais velhos fa-

lando sobre uma prática da nossa gente que não era lembrada até o momento, o enlutar das mulheres xakriabás que tingiam as roupas com barro preto, nas décadas de sessenta e setenta, razão pela qual minha aldeia foi chamada de xakriabás. Os mais jovens nunca tinham ouvido falar sobre isso, no entanto, uma outra pessoa falou que já tinha visto. Na verdade, estava aqui guardado do lado de dentro, então percebemos que a maioria dos conhecimentos não se esquece, eles ficam adormecidos e por isso é muito importante “re-ativa-ação” da memória. E pensando mais sobre essa produção do conhecimento coletivo, estou trabalhando agora para fortalecer as epistemologias nativas por meio das vozes indígenas na universidade. E a principal pergunta que me leva para esse caminho, que não é exatamente de investigação, mas de convivência e de questionamento, é: no momento que nossos povos entram nas universidades, nossas ideias têm sido consideradas? Porque muitas vezes as pessoas falam da ausência dos povos indígenas, sobretudo no mundo da escrita e não consideram, na verdade, quando tem autores indígenas. Então, nas próprias ementas do curso, vemos nossos professores falando a respeito da questão indígena e apresentando alguns autores que falam dos povos indígenas, principalmente fazendo um recorte da região norte do Brasil, e fazendo referências sobre a ausência de autores indígenas. Trazemos, então, alguns autores e perguntam novamente se continua faltando alguma coisa? E sim! Faltam autoras, mulheres indígenas da Região Sudeste, Nordeste, porque foram as primeiras regiões a sentirem os impactos do processo de invasão do Brasil. Consequentemente, temos uma tarefa muito grande e exaustiva com relação ao questionamento contínuo das pessoas: se nós, povos indígenas, somos de verdade e eu falo que as pessoas que perguntam muito se nós somos de verdade e de onde viemos. Eles têm carência de saber de onde vêm. Por isso temos um grande respeito na ciência do território, na ciência dos mais velhos; porque um povo, uma sociedade sem a presença dos mais velhos podem saber o endereço, mas não sua origem. Por isso, nesse momento da covid- 19, estamos muito centrados em cuidar dos mais velhos porque eles são os nossos primeiros livros e certamente é isso que sustenta a nossa tradição e oralidade. É como uma ferramenta de luta. Há pessoas que pensam mais na oralidade como a possibilidade de um caminho

que aparenta um conhecimento menor. Quando estava na graduação, fui entrevistar um pajé, que dizia que se eu estivesse preparada para aprender, deveria parar de gravar e de escrever e, se estivesse preparada para aprender, teria que apreender pela oralidade, e naquele momento me senti desarmada e armada, porque eu percebi que a capacidade da nossa oralidade e a capacidade da nossa memória é muito potente, porque se fogo que queima o cerrado continuar queimando a Amazônia, queimarão todos os papéis e seus escritórios, mas não queimarão nossas memórias. Por esse motivo que as pessoas temem, sobretudo no ano de 2018 e 2019, nos quais intensificamos muito o movimento em defesa da educação nesse governo que declarou ataque à ciência. Foi a educação e a cultura e nós povos indígenas. Dizemos que nenhum governo vai conseguir acabar com a ciência porque a ciência está dentro de nossas escolas, nas universidades e nos territórios. A ciência está em muitos lugares porque a escola e a universidade são o nosso próprio corpo, e a nossa própria vida. Nós escrevemos porque vivemos e assim elaboramos os conhecimentos.

Rodolfo Ward: Muito bom! Muito bom escutar você. Como é que vocês têm utilizado esses espaços da cultura digital? Por que eu estou vendo e você até falou que entrou com um irmão na mídia índia? Eu tenho visto, assim, uma ascensão muito grande e vocês ocupando bem o ciberespaço. O Media Lab é um laboratório voltado tanto para a arte como para a tecnologia. Quem sabe não podemos costurar uma parceria ou algo nesse sentido?

Célia Xakriabá: Meu irmão Edgar Xakriabá está aqui assistindo, é cineasta indígena. Está participando também Erisvan Guajajara que está à frente da rede de comunicação indígena da mídia índia. Meu irmão Edgar Xakriabá trabalhou muito com essa noção, pensando antropologia e a fotografia sob um olhar que atravessa a lente. É muito importante ocupar esse espaço como uma ferramenta de luta porque, além de ocupar a terra, foi necessário e urgente ocupar as telas, mas nós ocupamos de um jeito diferente porque é interessante observar que a tela é um enquadramento, parece que só me cabe aqui, nós desafiamos isso também. Por exemplo, no acampamento terra livre online, idealizado para trazer presenças coletivas, o povo estava dançando e cantando. E

não era possível falar, só uma pessoa conseguia, e o pessoal afirmou a intenção de cantar junto. Nós também estamos ocupando e trazendo o corpo da coletividade, para nós o lugar pensado na tela é diferente. Esse mundo digital que eu falo tem que ser pensado de forma diferente, como se fosse nosso dedo e a digital do polegar é como se fosse a cabeça e as mãos fossem a coletividade do território. Eu falo que nós vivemos numa era digital, mas também na era corporal, porque o corpo que está na tela e, sobretudo neste momento, que é necessário e urgente também retomar a conexão espiritual. É por isso que eu acredito que as pessoas vivem um momento de muita enfermidade, por conta dessa ausência, as pessoas também, sobretudo os pensadores indígenas, a comunicação indígena e cineastas indígenas têm um outro jeito de sustentar a câmera. Porque eu falo que pensar uma descolonização do pensamento não é apenas descolonizar a cabeça, é descolonizar o olhar, é trazer a presença, porque se existe a ausência dos povos indígenas exatamente no lugar que não foi concebido como nosso, entendemos por que todas as vezes que estamos com o celular e na presença da tela ouvimos que indígena com o celular deixa de ser indígena. E, ao mesmo tempo, ninguém fala que a pessoa se tornou indígena porque foi ao território indígena. Então, esse questionamento o tempo inteiro, como se o acesso à cultura do outro nos fizesse deixar de ser quem somos, como se a cultura do outro fosse mais forte do que a nossa própria tradição e nesse sentido é que nós estamos tentando transformar, ou seja, “indigenizar” as telas é “indigenizar” o pensamento, e isso é diferente do processo de colonização, porque nós não queremos que o outro seja igual a nós. Na verdade, nós queremos ser respeitados e talvez poder colocar um pouco desse sentimento do ser indígena. É nesse sentido que, para os cineastas indígenas, a câmera não representa apenas um objeto, a câmera também representa o subjetivo, porque assim como quando fazemos uma peça de barro e as pessoas não entendem a nossa fala, quando vocês estão levando uma peça de cerâmica do xakriabá, o pote é uma panela feita pelos artesãos xakriabás, vocês não estão levando somente objetos, estão levando um pedaço do território. Então, quando estamos trabalhando com comunicação, com documentário feitos por cineastas indígenas, quando estão trazendo as narrativas dos mais velhos, não estão levando apenas a imagem, estão

levando parte da história, parte da memória e sobretudo parte do corpo. Ainda que aquela liderança morra, a fala dela, a palavra dela é como se tivesse sido digitalizada para nós. Não apenas a mão, mas sobretudo essa memória que não é só digital; é corporal e espiritual.

Rodolfo Ward: Bom, show de bola! Aprendi muitas coisas! A gente podia falar um pouco mais dessa questão espiritual? Porque eu tive um pensamento colonizado, como todo mundo aqui. Assim, grande parte das minhas pesquisas têm referências estrangeiras. Temos realmente uma falta desse conhecimento. Eu acho que é interessante para que as pessoas tenham acesso a esse conhecimento. Eu estou na academia e não tenho acesso a esse conhecimento, acredito que grande parte da população também sente falta de falar um pouco mais sobre essa questão espiritual e corporal, apesar não saber se vai fugir muito do nosso tema.

Célia Xakriabá: Não sei se foge do tema, mas acho interessante falar sobre isso, porque, na graduação, minha pesquisa era sobre o processo de fortalecimento da língua xakriabá, e meu orientador falou que era muito difícil, eu poderia não dar conta, não ter um resultado. Essa cobrança sobre termos um resultado final é complicado. Sendo que, no processo da graduação, descobri que nós somos como cerâmica, uns vão aguentar o fogo mais lento ou vão aguentar um fogo com maior velocidade, outros vão quebrar no meio do caminho, mas não importa, o essencial é que cada um saiba ser uma cerâmica diferente do outro, é isso que faz a diversidade. Mas depois fiquei muito frustrada, acabei fazendo sobre pintura corporal e isso foi muito motivador porque tinha um pajé Guarani que sempre ia à UFMG e falava que eu tinha um jeito diferente de colocar a pintura no corpo e eu pensava que o pajé devia estar viajando; depois de muito tempo eu compreendi e quando falo sobre pintura corporal, espiritualidade, trabalho, na verdade, com três pessoas mais velhas aqui do território xakriabá, e foi um momento muito importante porque, quando fui apresentar meu trabalho, a professora me pedia para explicar melhor o que que é espiritualidade e eu falava que é o conjunto de toda ciência, então ela me pedia para explicar o que é conjunto de toda ciência e eu afirmava que é a relação com o segredo e o segredo é sagrado, assim como sagrado é segredo, então, quando me perguntou, na UnB, qual era o maior desafio enquanto estudante

indígena, eu disse que, na verdade, é ser ética sem perder nossa étnica, ou seja, étnica sem perder nossa ética porque, quando a gente está trabalhando com nossos anciões, estamos trabalhando com essa relação; ao mesmo tempo, enquanto pesquisador indígena, temos que ter limite e ter limite com a ética e com a étnica, também porque certas coisas do conhecimento não podem ser passadas, não é para serem escritas, não é para “ser” transcritas e muito menos “ser” mencionadas em certo momento. Então, tem uma ética no nosso mundo indígena que é muito mais do que as normas da ABNT, é muito mais rigoroso, porque certamente isso tem impacto também com a nossa relação de sabedoria e aí lembro de uma liderança, aqui da nossa aldeia, que já morreu, ele falava que muita gente quer aprender, mas para aprender do jeito certo tem que ter esse respeito pela ética, essa relação com a espiritualidade passa, sobretudo, pela relação do segredo com sagrado e que nós temos limitações enquanto pesquisadores indígenas, nós temos que manter essa ética sem perder a étnica.

Rodolfo Ward: O pessoal está falando aqui no *chat* que está muito interessante o diálogo. Então, Célia, eu vou fazer uma outra pergunta. As lideranças indígenas femininas brasileiras têm tido uma ascensão, temos notado. Você poderia falar um pouco sobre isso? Como houve essa união nacional. Acredito que os meios de comunicação têm contribuído bastante, principalmente os meios digitais, e vocês têm tido uma repercussão muito grande fora do Brasil. Você poderia falar um pouco sobre essas repercussões que tem tido fora do Brasil e como a liderança indígena feminina está sendo vista nesses tempos?

Célia Xakriabá: Muito importante, parece que é como se tivesse surgido de 2018 para cá, e não é, porque quando falo e me pergunto o que achava sobre ser mulher cientista, porque, para nós que fomos à universidade, e eu que estudei na área das Ciências Sociais chamada assim pelo povo, me perguntava: será que sou isso? Porque cientista social é como se fosse um nome demais para nós, eu nunca me coloquei muito nesse lugar, exatamente na universidade, nesse lugar que se constrói muitas vaidades. Para nós, povo indígena, estar na universidade é como ferramenta de luta, mas é muito importante dizer que muitas vezes as universidades tentam matar o que a gente é, e depois falam: Mas então

você está no doutorado em antropologia; como se sente sendo mulher cientista? Sempre essa pergunta em questão, e eu falo que as primeiras mulheres cientistas são as parteiras, benzedeiros xakriabá são as primeiras, e quando eu perguntava a elas quais foram as suas contribuições no processo de luta, elas falavam assim: “Eu não contribuí muito” e, na verdade, as mulheres xakriabá, na luta de 87, plantavam grandes braçadas de roça porque tínhamos que sustentar nossos filhos. Quando perguntava para outra, ela continuava respondendo a mesma coisa, mas, na verdade, quando elas falavam que abriam grande braçada de roça e que pilavam comida para dar de comer aos seus filhos. O pilão era exatamente o mesmo pilão que fazia delas mulheres importantes, pilares da nossa cultura. Então, nós, mulheres indígenas, as primeiras a terem oportunidades de ocupar um lugar nas universidades, como Juvana Xakriabá, que está estudando Direito na UFMG. E para nós existe uma importância à contribuição para a luta, mas não somos mais importantes porque seguramos na mão uma caneta, as mulheres que sustentam a mão no maracá continuam sendo muito importantes para o pilar da cultura, essas mulheres que continuam sustentando a roça são igualmente importantes para o pilar da cultura, as mulheres parteiras continuam sendo muito importantes para a nossa cultura. Nossa luta não começa agora; é importante dizer que 2019 foi um ano de muita evidência porque falamos que o século 21 é de muitas outras coisas, é da luta das mulheres, mas é, sobretudo, das mulheres indígenas, e em 2018 isso veio com muita força porque eu tenho dito que a primeira pessoa que o governo Bolsonaro atacou foi uma mulher, e as pessoas perguntam quem foi essa pessoa, essa mulher. Eu respondo que foi a terra e, quando se ataca a terra, todos os úteros das mulheres indígenas são atingidos, e é por isso que levantamos com força, porque eu falo que, quem tem território, tem lugar para onde voltar, quem tem lugar para onde voltar, tem colo, tem mãe e tem cura. Então, todas as vezes as pessoas que vão e falam sobre onde está localizado o território xakriabá, e eu falo que está no Sudeste do Brasil e no extremo norte de Minas Gerais. É no bioma do cerrado que hoje vivem em torno de 70 povos indígenas, na margem do Rio São Francisco, e, na verdade, é importante dizer que foi demarcado apenas um terço do

território xakriabá original e quando fazem a pergunta se sei nadar, principalmente a juventude, sobretudo as mulheres que não sabem nadar, “mas não são indígenas? Não são os xakriabá?” Eu comparo a ausência do rio, assim como um filho que é retirado, arrancado do direito de se amamentar no peito da mãe. Uma criança que é privada desse direito pode crescer assim como nós podemos viver, mas nós vivemos com traumas, assim também é a população xakriabá, porque só não nos afogamos nesse rio porque foi a ausência daquilo que nós não vivemos. Então, nós temos muitas ausências e por isso a luta das mulheres indígenas se torna muito mais evidente. Neste momento nós estávamos com projeto já construído porque, no ano passado, nós realizamos a primeira marcha das mulheres indígenas no Brasil, foi em torno de 110 mulheres dos povos indígenas, muitas nunca tinham ido a Brasília que chegaram lá até a sua primeira cidade, algumas de carro, outras de canoa e de caminhão. Mulheres que falavam línguas diferentes, mulheres que também se conectavam numa luta diferente, mas era como se nos conhecêssemos porque nós estávamos ali num só sentido que era a defesa do nosso território, que era a defesa da saúde indígena. Foi muito forte e potente naquele momento acontecer a primeira marcha das mulheres indígenas, que tinha como tema “Território, nosso corpo e nosso espírito”. Este ano nós estamos com projeto pronto para percorrer os 27 estados do Brasil. Nos territórios indígenas, o trabalho com as mulheres é discutir a contribuição feminina indígena no processo para reduzir e combater as mudanças climáticas e discutir uma outra economia, mulheres indígenas e a comunicação e, sobretudo, nós tínhamos uma intenção muito grande em discutir o fortalecimento da presença das mulheres indígenas na política, como vereadoras e prefeitas porque é muito importante que as mulheres ocupem outros lugares para além do chão da aldeia, mas sem perder a conexão com as lideranças, com coletivo e com território. E por isso essa luta também tem o apoio internacional que é “Tecendo rede”, que tem sido muito importante, mas as pessoas falam que é contraditório a busca desse apoio internacional, porque foi exatamente esse “internacional” responsável pelo processo de colonização, quando aconteceu a jornada sangue indígena na Europa, falamos que, se

eles são grande parte do problema, eles têm também que somar agora como uma grande parte da solução, porque, muito maior do que pensar dívida externa com o Brasil, é [pensar] a dívida histórica, e nessa dívida histórica tem uma dívida imensa com os povos indígenas. Por isso, não dá para pensar no Brasil sem pensar exatamente nessa dívida, nesse saldo que é com a questão territorial dos povos indígenas e com a presença das mulheres indígenas também.

Rodolfo Ward: Muito bom! Interessante esse pensamento, essa reflexão histórica. Gostaria de retornar um pouco mais a sua pesquisa de mestrado sobre a questão da pintura corporal, [do] território e [da] pintura. Consegue falar um pouco mais para gente sobre isso?

Célia Xakriabá: Foi na graduação que pesquisei sobre pintura corporal e espiritualidade, falo que não existem pinturas sem ritual e nem ritual sem pinturas, e no doutorado eu fiz um pouco um capítulo dedicado à trajetória indígena, foi muito instigado pela minha orientadora, que também é da área de história e da UnB, e no CDs. Ela falava para trazer um pouco da minha trajetória, e nós, indígenas, temos muita dificuldade de falar da nossa trajetória porque não sou apenas eu, é o coletivo e, toda vez que eu começava a contar a história, falava da história dos outros e não a minha. É muito importante esse sentimento que não separa do coletivo para pensar exatamente esse lugar do individual; para nós, as coisas não acontecem separadas. Foi quando eu falei para ela que eu queria falar não exatamente sobre trajetória, eu queria falar sobre *trajes história* porque, sempre que o indígena é visto, é pensando a imagem pré-concebida de uma vestimenta como se o indígena tivesse que se vestir e se pintar assim e, na verdade, não é considerado o processo histórico de violência de uma vestimenta que também foi imposta; existe também um processo de extermínio linguístico, ninguém fala sobre isso, há um processo também de supremacia branca e ninguém fala. Para eu pensar *trajes história*, é importante pensar nessas trágicas histórias que tornou a nossa história ultrajante. Então, falo a partir das pinturas corporais porque muitas pessoas se sentem mais bonitas, bem vestidas quando estão com a melhor roupa, mas nós sentimos que estamos mais bonitos quando estamos conectados às nossas pinturas corporais, e as pinturas corporais também são códigos de comunicação porque, quando a gente vê um povo indígena, é possível

identificar se a gente falar é pataxó aquele ou kayapó, existe um código de comunicação também nas pinturas corporais e uma intenção porque, quando demarcam território, assim também as pinturas em potes, painéis, urnas enterradas com algumas pinturas. No processo dos objetos, há também uma presença muito forte da subjetividade, na verdade, existe uma intencionalidade dos nossos antepassados, a memória ancestral é tão rica, essa forma de escrever possibilita a identificação do território como parte de um direito exatamente por conta dessas marcas. Também as marcas e pinturas guardadas nas cerâmicas, nas pinturas corporais, nos potes. Por este motivo, falo o tempo inteiro que muito mais importante do que a gente construir uma peça de barro como uma panela para durar a vida inteira, é entender que se a panela quebrar, coloca a transmissão do conhecimento em risco, uma coisa que é feita para durar a vida inteira certamente coloca a transmissão do conhecimento em risco caso quebre, por isso que as casas duram a vida inteira.

Rodolfo Ward: Acho que houve um delay, você quer concluir de novo a questão do pensamento?

Célia Xakriabá: Não. Foi concluído exatamente quando deu.

Rodolfo Ward: Então, vou prosseguir. Tem várias pessoas perguntando como que podem contribuir na luta indígena. Acredito que são várias formas de contribuição. Não só financeira, mas com trabalho ou outras ações. Você poderia responder essa questão? São várias pessoas perguntando: como contribuir com a causa?

Célia Xakriabá: Agradecer aqui à Mídia Ninja, que tem conectado para vocalizar nossas vozes em todas as lives e fazem a retransmissão. É importante vocalizar esse momento de denúncia e de ataque e genocídio dos povos indígenas, nesse momento é muito importante que as pessoas entendam que quando falarem sobre demarcação do território, não é um favor aos povos indígenas, a luta que fazemos não beneficia somente os povos indígenas, demarcar os territórios indígenas hoje comprovadamente representa a solução para reduzir e barrar as mudanças climáticas, então, pensar em demarcação dos nossos territórios indígenas é estabelecer a garantia exatamente da vida para a humanidade, tenho repetido muitas vezes em todos os espaços que falo, porque as pessoas que conseguem sobreviver a esse momento da covid-19 vai ter que enfrentar um segundo momento

de guerra respiratória, uma sociedade sem os povos indígenas vai sentir todos os efeitos das mudanças climáticas, mas já vai ter matado o seu principal princípio ativo que somos nós, os povos indígenas, porque hoje representamos 5% da população da humanidade, mas nós protegemos, somos responsáveis por proteger em torno de 82% da biodiversidade do mundo. Então, você é muito essa responsabilidade que é grande, por isso que quando nos perguntavam lá na jornada, na Europa, se nós estamos cansados respondíamos que estamos cansados de ser 5% da população do mundo e proteger em torno de 82% da biodiversidade. Isso é um fardo muito grande, então é muito importante que as pessoas que pensam na luta dos povos indígenas e querem agregar na luta dos povos indígenas, tenham essa consciência que hoje demarcar os territórios indígenas é salvar a respiração, é salvar a alimentação porque, antes de pensarmos na alimentação sem veneno, antes de pensarmos na autonomia alimentar, na soberania alimentar, temos que pensar sobre paladar, soberania alimentar sem veneno. Se as pessoas não se sentem sensibilizadas pela luta do território dos povos indígenas porque não estão sujeitas a morrer pelos conflitos territoriais como todos nós estamos sujeitos a morrer, pois todos os territórios indígenas no Brasil só foram demarcados depois da morte de alguma liderança indígena, então, se elas não têm se sensibilizado vendo essa situação, vamos morrer de outro mal em comum, seja por falta de ar, seja também pelo veneno que chega nas nossa mesas, e, nesse sentido, é importante que, nesse momento da covid-19, ajudem colaborando nas vaquinhas na nossa bio, também podem colaborar com a associação xakriabá, tem uma dos povos maxakali e tem outros povos indígenas da Região Nordeste que precisam de apoio. Existe, ainda, a campanha dos parentes da Região Norte que estão morrendo, principalmente porque, nesse momento, nós, povos indígenas, não representamos nem 1% da população brasileira, mas, durante esse período de covid-19, a letalidade do vírus nos territórios indígenas já atinge em torno de 9,7%, isso significa que estamos ameaçados de extermínio na totalidade de nossos povos. Então, é muito importante que as pessoas pensem na organização da solidariedade coletiva por conta desse genocídio que está em curso no Brasil, que não pode ser justificada pela letalidade da covid-19, o Estado brasileiro atua de forma leviana, sendo assim, é importante que

vocês contribuam e, sobretudo, não dá para dizer que votar em deputados ruralistas é uma ação realizada a favor dos povos indígenas.

Rodolfo Ward: Muito bom! É interessante que os povos indígenas que têm um conhecimento ancestral, um conhecimento sobre a biodiversidade, porque as indústrias farmacêuticas, na verdade, usurparam esse conhecimento para lucrar, ganhando dinheiro em cima dessa tecnologia ancestral, sob a forma de medicamentos industrializados. Então, é uma ciência que já era tradicional dos povos indígenas. Acho que as pessoas não sabem disso. Após séculos de exploração e vilipêndio dos conhecimentos dos povos tradicionais, no ano de 1992, durante a Convenção sobre Diversidade Biológica¹⁷, foi discutida a prática que normatizava os recursos genéticos e naturais como patrimônio comum de toda a humanidade. Essa discussão se torna de extrema importância não apenas para os povos tradicionais, mas também para a soberania dos países de terceiro mundo, que viviam sob um sistema predatório de utilização de seus recursos genéticos e naturais por países mais poderosos. A partir do debate gerado pelos direitos autorais dos conhecimentos científicos indígenas sobre os recursos naturais, a Organização das Nações Unidas abriu espaço para essas discussões negligenciadas pelos governos dos países.

Os debates giraram em torno dos direitos dos povos tradicionais, principalmente da coletivização dos conhecimentos tradicionais que seria direito privado de um grupo e estavam disseminados e sendo utilizados

17 A Convenção Sobre Diversidade Biológica (CDB) aconteceu no Rio de Janeiro em consonância com a ECO-92; também conhecida como Convenção da Biodiversidade. É um tratado internacional multilateral que, como seu nome sugere, trata da proteção e do uso da diversidade biológica em cada país signatário. A Convenção possui três objetivos principais: a conservação da diversidade biológica (ou biodiversidade), o seu uso sustentável e a distribuição justa e equitativa dos benefícios advindos do uso econômico dos recursos genéticos, respeitada a soberania de cada nação sobre o patrimônio existente em seu território. Em outras palavras, seu objetivo é o desenvolvimento de estratégias nacionais para a conservação e o uso sustentado da biodiversidade, e, dentre diversos instrumentos e mecanismos que prevê, destacam-se iniciativas de melhoria da gestão e de criação de áreas protegidas. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Conven%C3%A7%C3%A3o_sobre_Diversidade_Biol%C3%B3gica>

por grupos diversos sem nenhum retorno para as comunidades tradicionais. Então, o grande marco dessas discussões foi que os conhecimentos que estavam difusos passam a ser concisos. Infelizmente, estamos vendo uma ofensiva por parte do sistema neoliberalista internacional que está tentando reverter isso, no Brasil estamos passando por um momento extremamente delicado de reversão das demarcações de reservas indígenas, reservas de recursos naturais e o que é mais sério nessa questão é que houve uma estratégia muito bem elaborada para conseguir o apoio da opinião pública e o respaldo coletivo para atos contra a humanidade. Temos essa outra questão, patentearam vários medicamentos. Interessante também que a população tenha um pouco mais essa noção, de que a ciência e a tecnologia não são construídas apenas no âmbito acadêmico. De acordo com o site do Ministério do Meio Ambiente – MMA:

A Organização das Nações Unidas – ONU realizou, no Rio de Janeiro, em 1992, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CNUMAD). A CNUMAD é mais conhecida como Rio 92, referência à cidade que a abrigou, e também como “Cúpula da Terra” por ter mediado acordos entre os Chefes de Estado presentes. 179 países participantes da Rio 92 acordaram e assinaram a Agenda 21 Global, um programa de ação baseado num documento de 40 capítulos, que constitui a mais abrangente tentativa já realizada de promover, em escala planetária, um novo padrão de desenvolvimento, denominado “desenvolvimento sustentável”. O termo “Agenda 21” foi usado no sentido de intenções, desejo de mudança para esse novo modelo de desenvolvimento para o século XXI. A Agenda 21 pode ser definida como um instrumento de planejamento para a construção de sociedades sustentáveis, em diferentes bases geográficas, que concilia métodos de proteção ambiental, justiça social e eficiência econômica.

Mas é isso, Célia, estamos entrando nos dez minutos finais, vou deixar agora para você concluir. Passo a palavra para você.

Célia Xakriabá: É como diz uma de nossas companheiras: “defender os territórios indígenas é defender a própria existência da humanidade”. É muito importante pensar o conhecimento tradicional como um caminho também para pensar na cura da humanidade, porque eu tenho falado

que nesse momento da covid-19 não é apenas o princípio ativo que vai ser pesquisado e testado pela ciência no laboratório que certamente vai trazer a cura da humanidade, está no reativar do princípio de humanidade, as pessoas têm perguntado se nós estamos com medo de morrer e falo: “Quem disse que nós não estamos morrendo a cada dia, que esse nosso direito é arrancado, é amputado e é sobretudo sequestrado porque tentam sequestrar nosso conhecimento para dizer depois que ele é menor, tentam, na verdade, pegar nosso princípio ativo para depois dizer que o conhecimento indígena não é exatamente tão potente como a ciência feita no laboratório.” É por isso que afirmo que o nosso sustento também está na cultura, falo que nenhum governo vai conseguir acabar com o ministério da cultura porque na verdade o mistério da cultura está dentro de nós, a ciência está dentro de nós, precisamos reativar essa nossa capacidade de fazer ciência, porque, certamente, não existe uma bula pronta, não existe receita pronta, está exatamente na nossa capacidade de construir outras cheganças, mas a cura para a humanidade não está somente no futuro, as pessoas sempre ficam com ansiedade de viver o futuro e sempre repetindo essa palavra negativa que é a do retrocesso e eu falo que, nesse momento, nós precisamos recuperar outros “re” positivos que são o “re” da retomada que é o “re” de ressignificar que é o de reinventar que é o “re” de ressentimento, esse sentimento do coração, é porque certamente nós não entendemos porque as pessoas aprendem desenhar uma cidade inteira, mas escondem a terra para depois perder essa conexão com ela como parente. Então, estamos vivendo um momento que a terra pede socorro e é muito importante que a humanidade escute porque aquele que não conseguir fazer a escuta do chamado da terra, já não vai ouvir a mais ninguém porque uma sociedade sem os povos indígenas é como uma casa sem alicerce, uma sociedade sem os povos indígenas, sabe apenas o endereço, mas perde a conexão de onde vem. Sem os povos indígenas haverá sede, mas a água estará suja, numa sociedade sem os povos indígenas não pode existir o céu sem a sustentação da terra, uma sociedade sem os povos indígenas e sem nossos anciões vai até poder pegar a caneta na mão, mas perderá parte da memória. Por isso que esse fogo continua queimando nosso cerrado e a medicina do mundo que sustenta ancestralidade e nós, povos indígenas, não morreremos. É pela força da ancestralidade que uma

sociedade sem os povos indígenas já não vai conseguir mais respirar, é muito importante que todos retomem esse sentido de humanidade, pois um Brasil sem pensar os povos indígenas é um Brasil pela metade, a universidade sem pensar na sabedoria é uma ciência, sem a presença indígena, vai ser uma ciência adoecida. Então, obrigada pelo espaço, vamos seguir ocupando, demarcando e conectando as nossas telas porque, em tempo de isolamento social, nós continuamos sendo conexão de alma. Obrigada pelos comentários do ao vivo, uma professora diz: “uma aula fantástica”, aqui todos gostaram e elogiaram bastante, temos aqui um pessoal, uma antropóloga que falou que eles estão se reunindo lá também.

Rodolfo Ward: Então, assim, agradeço saber o nome que está lá no “br” a integrar a rede, que tem como integrante o Biel, veja lá! E já largou, este é o momento que ela fica aí, já morou em São Paulo ou em Campinas e na UNIFESSPA do Pará. Assim, agradecemos em nome do Media Lab. Foi uma aula fantástica! Muito obrigado!

Célia Xakriabá: Obrigada. Agora, depois de ocupar para além das telas, a juventude também está fazendo um trabalho muito importante aqui no monitoramento do território, é importante porque, na verdade, estamos na universidade, mas nós não perdemos a conexão com o território que é o lugar mais importante e eu falo que muito mais importante do que calçarmos o primeiro sapato para percorrer o chão do mundo, é quando a gente retorna e aprende descalçar porque certamente a ciência do lado de fora só tem sentido se não matarmos a ciência do lado de dentro e dizer que a pandemia ou vírus também mata. Mas o racismo mata, o ódio também mata e a falta de alimento também. A colonização mata, nós somos a resistência que a colonização não conseguiu matar, por isso nós vamos seguir descolonizando o pensamento, como o de Juvana nos comentários: “descolonize-se”, eu digo que sem descolonização do pensamento as almas vão continuar aprisionadas.

Célia Xakriabá (Líder Indígena Minas Gerais/UFMG) – Professora ativista indígena do povo Xakriabá em Minas Gerais, Brasil. A luta dela centra-se na reestruturação do sistema educacional, no apoio às mulheres e à juventude dentro dos Xakriabá; e na mudança das fronteiras geográficas para manter seu território.

IN MEMORIAM

ARTE INDÍGENA: A ARTE CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA

Jaider Esbell

Rodolfo Ward: Na sessão de hoje, nós temos a honra da participação do professor Jaider Esbell, que é o professor e um artista multimídia indígena Macuxi, da Terra Indígena Raposa do Sol. Sua carreira profissional iniciou em 2009 com a bolsa Funarte de Criação Literária, tendo como produto a obra literária “Reino de Macunaíma; Mitos e Lendas e Histórias e Vivências” e, pelo conjunto da obra, foi indicado ao Prêmio Pipa em 2016, onde venceu na categoria on-line. Mantém a galeria Jaider Esbell de arte indígena contemporânea em Boa Vista. Seu portfólio mostra, ainda, que é produtor, curador e livre-pesquisador do sistema de arte indígena contemporânea e ele vai explicar um pouco mais sobre esse sistema de arte indígena contemporânea para a gente durante a conversa. Ele escreve e publica na modalidade ensaio. Jaider Esbell é reconhecido como um dos pensadores indígenas mais ativos da atualidade. Professor Jaider, você podia nos falar um pouco da sua trajetória como artista e como você tem inserido arte indígena nesse sistema global, que é uma grande parte dominado por um sistema eurocêntrico de arte. A gente percebe que essa situação de inserir a cultura indígena aí, de tentar criar uma cultura autêntica nacional, conversa

com Mário de Andrade, que eu acho que é uma das suas inspirações. Começa a falar para gente aí.

Jaidier Esbell: Oi, boa tarde a todes. Queria agradecer o convite e o esforço que todos nós temos feito para manter a comunicação fluindo mesmo nessa força contrária que tenta nos colocar em silêncio, né, então, eu especialmente estou passando por um momento bem delicado, que a “vó” Bernal, que é minha grande parceira de artes nos últimos anos, também minha mãe adotiva, que me adotou nesse propósito exatamente de fazer essa parceria, essa dobradinha para tentar buscar conectar o nosso povo cada vez mais com o mundão, o mundo branco mesmo. Lembrando aqui, nessas parcerias com a vó Bernal, a gente chegou em 2019 até a ter um pequeno diálogo com o Papa Francisco no filme que está sendo preparado para ser exposto no Festival Internacional de São Paulo. A gente também chegou, por um curto período de tempo, umas duas semanas, três semanas atrás, a disponibilizar o filme também no Facebook, na internet, como uma forma também de enfrentamento a essa dinâmica que ainda é muito forte dessa manipulação das imagens que a gente produz, né? Então, o filme está há um bom tempo tentando encontrar alguma vitrine boa para ser projetado e isso inviabiliza que a gente mostre o filme para as pessoas do jeito que a gente gostaria, né? Então, a gente fez uma pequena ousadia, uma pequena contravenção: só liberamos o filme por 2 semanas. Muita gente viu, depois a gente precisou retirar o filme porque senão inviabiliza a sua participação nos festivais, né? Ah, mas foi uma atitude fundamental porque a gente conseguiu por poucos dias quebrar um pouco essa estrutura de manipulação, de monopólio de imagens que acaba sendo, mas é uma questão também para ser tratada, discutida, né? Nesse meio tempo em que os assuntos são urgentes, mas mesmo assim a gente tem que esperar o tempo das estruturas genéricas para poder as coisas acontecerem. É nesse ambiente mais aberto que Bernaldina, hoje, se encontra internada aqui no HGR (Hospital Geral de Roraima), em um dos piores hospitais do Brasil, como está sendo noticiado todos os dias e na rede nacional, o menor estado de Roraima está começando a despontar como um dos piores em termos de cuidados, de contágio e em relação até à própria Manaus, que está aqui do nosso lado, que já foi muito noticiado. Agora é Boa Vista,

Roraima que está entrando aí para essa zona de estados mais críticos. Aqui, as comunidades indígenas não ficaram alheias a esse avassalador ataque do coronavírus, perdemos já vários professores, lideranças importantíssimas de base do nosso movimento, deixando aí um vazio muito grande e o mar de incerteza é muito grande, muito desafiador para dizer aos atuais, para os jovens líderes que estão aí no comando das organizações, mas de modo que a gente tem que realmente aprender, e muito rápido, como lidar com mais autonomia e com mais liberdade nesses casos em que a nossa geração ainda não tinha, quem sabe, esse outro tipo de guerra que já perdemos. Hoje também uma referência da nossa vida, que é o Paulinho Paiakan, me solidarizo também com o luto dos parentes. “Pedir desculpa” por não poder ficar recluso também, embora, como eu falei, a lógica seria que nós nos recusássemos, mas a urgência também é por essas falas e por essa prestação de solidariedade também, enfim, agradecer essas correntes que sempre acontecem unindo as lutas com as estruturas das universidades, né, o aparato que têm, que ainda é possível ser colocado à disposição, estão um pouco o que a gente acredita que esteja fazendo, né.

Rodolfo Ward: Eu não sabia do Paulinho Paiakan, fiquei sabendo agora, que coisa. Bom, Jaider, você podia falar um pouco, assim, do início da sua trajetória e como que foi essa questão que você meio que iniciou e já iniciou numa carreira assim fantástica, né, como você podia falar um pouco disso?

Jaider Esbell: Bom, então, a minha trajetória está diretamente relacionada com a minha origem, com a trajetória dos meus pais, da minha própria família que já vem desse contato direto com essas pessoas, essas instituições, as estruturas que se estabeleceram na nossa região com a chegada dos primeiros aventureiros, das marcações dos limites, dos militares, garimpeiros, extrativistas e pesquisadores. Assim, esse povo todo que já vem fazendo essas abordagens aqui com o povo Macuxi, também mexendo na nossa forma de se organizar, fazendo novos aldeamentos, levando os indígenas para o Nordeste, trazendo gente de lá para cá também para essas coisas da época da coroa ainda, então, tem muito disso que não consegue ser devidamente explanado ou documentado e levado para as salas de aulas de história. Então, a gente vem dessa mis-

tura, dessa complexidade, e isso é o povo aqui, além da grande floresta, já nesse fluxo das grandes montanhas ou a grande floresta da gente que recebe influência também da Venezuela, do Caribe, desse outro sentido da colonização, chegando aos nossos dias atuais. Então, eu sou dessa região que hoje é chamada de Raposa Serra do Sol, um território que está aí, e cadê? Demarcado, homologado por meio de uma luta grande que soma aí mais de 40 anos de violência, de todas as formas, de todos os tipos de injustiça que se possa imaginar. Ainda que o território esteja demarcado e homologado desde 2009, continua ainda ameaçado e, depois de um pequeno alívio, continua sendo o alvo de mais de 10 ações concretas de ataques de garimpeiros, novos grileiros e todos os tipos de outros ataques que se possa imaginar, que acabam passando despercebidos diante da grande dinâmica social dominante. Enfim, marreteiros e pessoas que levam e trazem problemas nessas idas e vindas, além de ataques diretos, como eu falei, é a doença, pessoas que acabam afetando diretamente o nosso corpo como uma influência negativa de várias formas também, inclusive, com a tecnologia também. Eu não posso deixar de citar a influência do sistema de educação como um componente negativo junto com as igrejas, e é muito sutil essa relação, porque a gente tem que trabalhar, estudar, porque muitas das vezes a igreja e a escola são as nossas únicas parceiras, mas a gente não pode deixar de dizer que isso também é complexo e isso é colonial, isso é genocida e é desconhecido também. Então, eu busco trabalhar um pouco na miríade dessa relação delicada, então, eu venho dessa situação de ter de viver o fluxo das comunidades, das vilas das sedes dos municípios. Eu nasci em 79, era o finalzinho da ditadura militar, embora as pessoas nem tenham ideia, nem referência dessa palavra: ditadura militar. E mais: tenho sentido na prática os seus efeitos negativos, violências e imposições e a nova ordem social política, administrativa e territorial, então eu venho... É uma infância marcada muito por uma violência de assistir, perceber, ver a violência que foi empregada diretamente no povo, nos meus parentes, vizinhos. A minha região, a minha casa e eu junto com a minha mãe, especialmente, nós dois visitávamos os parentes que estavam diretamente em confronto com os fazendeiros, a gente usava as serras para poder desviar dos jagunços, levando algum manti-

mento para os parentes do outro lado das montanhas. Isso me marcou muito e eu era apenas uma criança. Enquanto todos estavam com medo e não queriam tocar no assunto, fazer vistas grossas, eu e minha mãe, a gente sempre teve essa consciência de que havia um sofrimento. Os parentes estavam precisando dessa solidariedade, nós fizemos isso. Então, eu cresci nesse meio tempo, diante de toda essa violência. Não foi exatamente junto da comunidade, até porque, por estrutura, a minha família teve que se direcionar mais para o mundo dos brancos mesmo. Tive que abrir mão muito cedo do convívio com os meus parentes que são falantes da nossa língua para poder me dedicar a estudar o português e me dedicar à língua nacional para poder ser, de fato, um cidadão brasileiro e tudo mais. Essas memórias nunca, nunca me deixaram esquecer esse compromisso com o meu povo de origem, então eu fui alfabetizado em casa pela minha própria família, minha mãe foi letrada até a 4ª série e, a partir disso, ela começou a educar os próprios filhos em casa. Ela, mais ela exatamente do que o meu pai. Meu pai sempre foi mais de cuidar das estruturas. Minha mãe não ficou exatamente para trás, além de tudo, conseguiu ir mais longe e ensinar os filhos a ler e escrever e enviar para escola já alfabetizados, com as noções de matemática, tudo já encaminhado. Então, quando fui para a escola eu tinha 6 para 7 anos, já tinha sido alfabetizado e já tinha uma pequena base de leitura, de literatura e interpretação de texto. Então, quando os meus colegas estavam buscando ser alfabetizados pelas nossas professoras, eu já estava manuseando o meu tempo da criação, produzindo textos, porque eu também, nesse meio tempo, tive a sorte de receber os pequenos fragmentos das grandes lendas, das nossas grandes cosmologias que são as histórias de vovó Macunaimi, soube da grande árvore Wazaká, a fonte de todos os frutos, isso já me deu exatamente a base que eu queria e precisava para despontar nesse mundo da curiosidade, da criatividade também, sem exatamente saber o que estava fazendo. A base para a militância é a minha origem, é isso. Nasci numa família que já era cristã, católica praticante, a educação também foi uma educação cristã, passei por todos esses processos e, junto à igreja, eu pude andar mais no próprio território, conhecer várias comunidades, várias realidades e aí fui entrando, pondo na minha cabeça elementos plurais para

que eu mesmo constituísse a minha visão de mundo, tendo a própria escola como um lugar onde eu poderia passar quatro horas exatamente sentado, pensando nessas coisas, e os meus colegas estavam ali “batendo cabeça” para tentar se alfabetizar, então, essa foi a minha vantagem inicial, digamos. A partir daí, eu comecei a trabalhar muito a lógica do meu pensamento nesses ambientes, de ficar de olho no que estava acontecendo na sala de aula, escutando as coisas que mais me interessavam, que eu achava interessante e, ao mesmo tempo, fugindo para esses outros mundos, os próprios que estão marcados fortemente por essa memória da violência. O fato é que tive de me deslocar até lá e buscar estar junto, partilhando daquela dor e buscando ver esperança onde parecia impossível. Ah, também indo buscar elementos de vazão, de conforto também no mundo da pensamento amplo, né, no campo mitológico, digamos assim, no campo mais expandido, eu venho dessa composição, assim, de ter uma infância marcada por muito trabalho, e isso, por ser uma criança muito ocupada com essas questões, eu não tive assim uma adolescência difícil no sentido de ter sentido para as coisas, valores, essas questões, e sempre me empenhei muito a trabalhar, nunca me roguei, nunca nem me liguei para essa questão dos trabalhos mais pesados que você faz, isso que hoje é impensável para uma criança de 10, 11 ou 18 anos. Naquela época, eu fazia de tudo e isso foi me moldando para a vida, a vida que a gente tem hoje. Então eu venho dessa conjuntura e, aí, produzir textos, escrever narrativas, contar a história sempre foi o meu prazer, as minhas melhores bases. Foi onde busquei me encontrar, enfim, e aí fui seguindo na escola, produzindo textos, fazendo desenhos e compartilhando com os colegas naquela época. Muito cedo eu já tinha noção do que era uma poesia, o que era ser um escritor, porque ele é livre, queria ser um contador de histórias, então criava as histórias e os desenhos, mostrava para alguns colegas e pedia a avaliação deles. Eles diziam que estava bom, que era bom e tal e depois eu destruía tudo isso, rasgava, jogava fora e começava toda essa brincadeira de novo. Então, eu fiz isso todo tempo que eu me lembro e aí busquei prestar bastante atenção nas aulas de português para escrever minimamente bem e foi indo, né, fiz o 2º grau, ensino médio, depois teve a época de ir “pro” exército, cheguei a me encantar com a possibilidade

de ser um militar, porque tive um irmão mais velho que foi militar, foi sargento, achava o máximo aquilo, ele acabou meio que passando aquela ideia para gente. Por sorte do destino, o exército não me aceitou e hoje eu agradeço muito não ter sido um militar. Na época, também fiquei muito envolvido ainda na questão da igreja, fui buscar essa coisa do cristianismo, entrei para o movimento da renovação carismática, uma ala mais espiritualizada e cheguei a anunciar que queria ser padre, mas logo abri mão desses planos de juventude. Eu recebi uma visita de alguém do além, do outro mundo, que talvez tenha sido o próprio espírito santo, algum outro pajé antigo que desceu, falou comigo e disse para eu não ficar lá, que não precisava ficar naquela igreja, porque meu caminho era andar fazendo meu trabalho livremente andando pelo mundo, né? Então foram essas conjunturas do mundo material, político, metafísico, enfim, fantástico. Foi muita gente que foi me alertando e, assim, eu fui migrando para os caminhos da arte.

Foi aí que mudei para a cidade, aos 18 anos, quando já não tinha mais expectativa de buscar o que eu pretendia alcançar na pequena sede do município, está um pouco nossas comunidades, eu mudo para a capital para buscar essa luta, né? Chego na capital, eu consigo um trabalho, vou morar com a minha irmã e, logo em seguida, faço o concurso público, sou aprovado e vou viajar o Brasil para fazer a minha formação técnica no sistema elétrico, então, eu consegui ter outra dimensão do mundo, das coisas. Pelas viagens de avião, eu pude ver o tamanho da grandiosidade do Brasil, as cidades, a geografia, enfim, a potência, a grande floresta mesmo e entender de sistemas e estruturas, né? Trabalhei numa grande estatal, a Eletronorte, e isso me deu uma dimensão maior de como funciona o mecanismo das estruturas de tudo, foi uma boa escola e em 2009 já não estava mais conseguindo não dar vazão à essa potência da criatividade.

Nessa época, já tinha acesso à internet mesmo muito incipiente, mas consegui acessar a internet procurando por editais de incentivo à arte, encontrei um para literatura e eram cinco bolsas para a região norte, para novos escritores. Resolvi me inscrever e fui aprovado e isso me deu uma certificação, me deu um encorajamento, talvez eu precisasse para levar ainda mais a sério o meu talento, as minhas potências e começar,

de fato, a chegar no caminho que eu queria. Depois desse super meio, desses caminhos todos e até da própria faculdade que fiz. É, mano, eu fiz uma graduação de geografia, cheguei no ambiente onde seria o caminho das canoas, das artes, foi por meio, oficialmente, da literatura antes da parte plástica, da pictórica, a criação de poéticas, de narrativas também já “tava” muito bem, já estava muito bem argumentada, já estava muito bem ancorada. Então, foi por meio desse edital da literatura que veio essa segunda etapa que faltava, talvez, que é uma ideia de certificação e dizer realmente que talento precisa ser levado a sério e foi aí que a gente desmancha, de 2009 para 2010-2011, faço as primeiras exposições já com a produção também de audiovisual e essa entrada que eu gosto muito do cinema para enfrentar a questão da imagem, essa mistura de artes no início e fim. Nunca deixei de ser, de fazer essa questão da militância. Acompanhei esse processo aí, mesmo que de longe, para poder analisar melhor todas essas movimentações da demarcação da terra indígena Raposa Serra do Sol, a luta dos indígenas, por outro lado, analisando a luta dos fazendeiros, das pessoas que estavam em envolvidas, os invasores. Me interessei por ler a mente dos invasores e, também, busquei analisar, do ponto de vista de cada um, a questão do direito e da justiça, e isso eu acho que é fundamental para tratar dessas questões com uma dimensão mais, ah, mais, sei lá, bilateral, de estar por trás, e dentro dessas questões, avaliando todos esses quesitos que envolvem uma grande batalha jurídica, uma batalha histórica, especialmente. Sempre fiquei, obviamente, do lado dos povos indígenas, que são, incontestavelmente, o povo que tem legitimidade para ocupar essa parte da região onde quer que eles queiram, viver da forma que eles decidirem, da forma que eles conseguirem. Então, essa é a minha história, minha trajetória, um pouco assim, esses minutos que a gente tem bem resumido.

Rodolfo Ward: As lives têm realmente um tempo bem curto, mas, mesmo assim, é bem interessante, bem legal, mostrar como que funciona o seu processo de criação artística, né, no meio artístico, na verdade, já iniciando quando você é criança, na infância, mas, assim, o que você tem que você está produzindo mais hoje? Você é um artista que tem trabalhado também integrando diversas mídias, multimídias, mas você é oriundo da pintura e do desenho. O que é que está sendo hoje a sua

principal produção? Você podia falar um pouco também desse processo criativo?

Jaidar Esbell: Bom, então, eu, de fato, tenho fugido cada vez mais das nomenclaturas, né, muita gente me chama de artista plástico, isso é meio complicado porque remete muito à quantidade de plástico existente na natureza e o quanto a gente não se importa com isso, então acho que não querer falar de plástico no meio da minha atividade artística já é uma forma de chamar a atenção das pessoas rapidinho. É porque você está um pouco fora do quadro, tem como gerar no celular um pouquinho e é porque eu não gosto de ficar enquadrado, só a minha investida no mundo das artes por essa via mais livre, aí fica melhor.

Bom, então, hoje perguntam o que eu estou produzindo, até mesmo a minha família. Talvez seja o artigo principal, nem saberia te dizer. Venho trabalhando muito no campo das palestras e no campo da escrita, na produção de texto, na produção de conteúdo, acompanhado muito a pesquisa acadêmica de vários pesquisadores. Me interessa muito por isso, tenho real interesse em acompanhar o que essa turma anda pensando, escrevendo sobre o próprio movimento indígena, educação escolar indígena e tudo. Tenho buscado acompanhar isso sempre da perspectiva do lugar que eu alcancei, né, de análise, você ficar pensando criticamente sobre essas questões. No momento, eu estou produzindo material para a Bienal de São Paulo, que eu vou estar lá na Bienal de São Paulo. Se acontecer, nós vamos estar lá e, se cancelar, nós vamos estar juntos sendo cancelados e isso também é um trunfo muito bom no nosso trabalho, e eu tenho conseguido dar sequência à minha vida de indígena. Tenho mantido as roças, não tem mentiras. Essa proximidade com a roça não consigo separar isso da minha vida de artista. É fundamental que eu tenha esse passeio pela roça, não exatamente passeio, mas continuar plantando, cuidando, acompanhando e assim também com os animais da nossa vida toda, né, criação de pequenos animais, enfim, o cuidado com a terra, cuidando da terra, cuidando diretamente da minha família, da minha mãe, de meus irmãos, dando essa assistência direta. Tenho produzido material de base de escultura, reaproveitamento de materiais, enfim, são várias superfícies que tenho trabalhado e tenho conseguido integrar elas em todas essas dinâmicas, por exemplo, a roça que eu fiz,

aparentemente, não está ligada com as atividades artísticas, mas eu fiz um vídeo, por exemplo, para o Instituto PIPA de Arte Contemporânea, aquele prêmio que eu ganhei em 2016. Fiz a roça no terreno da minha galeria, lá em Boa Vista-RR. Isso é uma arte e acabou virando base para esse material de vídeo que entra para o campo da comunicação. Assim vou tentando fazer, pulando essas caixinhas e tal, tentando brincar com coisas aparentemente distintas, sem conexão, né? Estou buscando levar isso para a comunicação, com essa dialética para fazer as coisas se interligarem. Bom, então, eu tenho trabalhado nessa multilinguagem mesmo.

Rodolfo Ward: É, a sua biografia tem forte ligação com o que você fala, com o sistema de arte indígena, de arte contemporânea. Como funciona o movimento de arte indígena contemporânea? Eu fiquei interessado em conhecer um pouco mais. Está certa essa questão? É realmente um sistema indígena de arte contemporânea? Você tem uma galeria, né? Poderia falar um pouco da sua galeria também, como é que ela funciona, quem quiser participar, fazer cursos ou ter acesso. Como que funciona essa galeria?

Jaidier Esbell: Então, a galeria é o meu ateliê, o meu estúdio, né, o meu laboratório e ela vem se consolidar a partir de 2013. Eu fiz no campo da produção e da curadoria. É um dos resultados de uma realização que provoqueei, chamada “Encontro de todos os povos”. Foi uma parceria com a Universidade Federal de Roraima na área de cultura e com a própria Funai nas primeiras edições. Alguns amigos empresários, à época, me conseguiram algum apoio financeiro para fazer essa reunião, para mostrar essa potência. Era nisso que eu estava trabalhando, com os artistas propriamente ditos, que pintam, enfim, basicamente pintura escultura e juntos também com boa parcela de artesãos e mestres de alguns saberes, como músicas, danças e tal. Fizemos essas três edições do Encontro de todos os povos, que era um laboratório também de pesquisa e de análise para a gente “se” conhecer melhor entre nós e mostrar para nós mesmos o tamanho da nossa potência enquanto povos distintos de riqueza cultural e possibilidades cruzadas. Esse encontro, ele teve três edições em que a gente trabalhava basicamente com um tema, um eixo temático, digamos assim. Eu propunha aos artistas da coletividade e a gente trabalhava no campo da liberdade, na produção

de artes aplicadas, desenvolvendo esses temas. Então, a gente fez esse recorte curatorial para poder desenhar um pouco melhor essa coisa, que estava muito no espaço amplo, um artista pintando para cá, outro para lá, tudo muito solitário, muito solto, muito avulso e, ao mesmo tempo, quando eu entro na cena propriamente dita, sinto essa falta, de ter um diálogo mais próximo com essas pessoas, aproximar, e aí, por nunca ter acreditado mesmo nesse sistema da cultura dos estados, do município, decidi fazer uma função de sistema, que é exatamente isso: promover o que eu não estava vendo acontecer. Que nós, exatamente, podemos catalogar, identificar, convidar, unir alguns, apontar alguns horizontes de caminhos para poder fazer as coisas fluírem e, aí, ao mesmo tempo, é um tempo em que eu começo analisar mais criticamente essa relação nossa direta com nossa grande entidade, o Macunaímî que nunca esteve morta. Pelo contrário, ele talvez pudesse nos dar uma visão maior, então eu consigo fazer esse link dessa voz, essa voz viva e ativa dos netos de Macunaímî, com a grande ajuda de ele já estar bem situado na capa do livro do Mário de Andrade. Eu pude também fazer a incorporação disso no campo da performance e da reivindicação política, enfim, buscando me aproximar de nosso avô expandido, que montaram e puseram distante de nós, né?

Quando eu me denominei artisticamente como o neto de Macunaíma, mostro, ao mesmo tempo, outras visões e profundidades do grande mito até chegar no marco, no imã, que é mais próximo da ideia de originalidade. Em artes, invento um outro caminho para que a gente possa alcançar novamente os fios soltos que há nessa relação que ainda existe e que é muito forte, embora fragmentada. Achamos viva a chama do grande demiurgo, do deus do nosso povo, o nosso avô ancestral e imortal. Demos novas palavras e trabalhamos a diluição da ideia brasileira concreta, né? Então, a gente acaba por entender, a partir daí, que há um sistema propriamente muito bem formulado. Pontuamos uma ideia de origem das coisas, uns porquês, uns poréns, e aí eu começo a usar essa ideia do sistema da arte indígena contemporânea também para contrapor, para chamar atenção dos pesquisadores. Já vejo alguns despontando nessa pesquisa da arte entre os índios chamado de arte contemporânea indígena e aí eu fui me dedicar a analisar o sentido dessa forma de falar, né, arte contemporânea

indígena. Senti que havia fragilidade, inconsistência e intenções outras. Então, eu troquei os sentidos e propus, para nós seria, arte indígena contemporânea, e não o contrário. Foi muito intrigante puxar essas conversas, duas formas de escrever, de colocar no papel e projetar isso, então eu comecei a provocar, por meio de ensaios, publicações, dizendo que não é arte contemporânea indígena, é arte indígena contemporânea. Essa arte indígena contemporânea, aqui, ó, altera a ordem dessas letras-poderes, elas também têm um efeito na ordem de avaliação da coisa que é o homem branco escrevendo sobre o indígena e colocando-o na posição que eles acham que devemos estar. Então, se um pensador indígena se posiciona diante da ciência acadêmica, isso é um fato desafiador para o sistema dominante das epistemologias. Inverter acaba por ser uma espécie de remédio, de movimento, de paralelo, não exatamente paralelo, mas movimento autônomo, que seja um indígena escrevendo, pensando teoricamente e, de uma certa forma, colocando as coisas em outro ritmo, né? E aí eu tenho buscado amparo em vocês, da validade, desenvolver mais e mais esse pensamento, junto com pesquisadores não indígenas que estão aí dentro do sistema oficial de pesquisa como a própria Universidade de São Paulo, por exemplo. Penso que podemos ajudar a pensar essa possibilidade, de ser considerado esse sentido do termo, e são várias questões que são “linkadas” que eu não conseguiria levar isso adiante se não fosse me jogando mesmo nesse campo midiático, né?

Dar vazões, pistas para a nossa autonomia de pensamento também e estou com muita vontade de acertar, porque eu não venho de uma escola de belas artes, eu não fui educado pelo sistema europeu. Eu estudei a escola das artes do meu povo, estudei os fundamentos da nossa criação e depois eu fiz um curso de graduação em geografia. Sou bacharel e licenciado, fiz uma pequena especialização, tentei fazer mestrado, mas aí eu não fui aceito por outras questões também, não por não reunir exatamente as qualidades, é que eu constrangia os professores orientadores que me achavam rebelde, portanto, eu não servia. Ao mesmo tempo, também não deixei isso me abalar e criei meu próprio sistema de relação com a grande academia e a gente está caminhando bem, evoluindo bastante nesse sentido, né. Por fim, a ciência está em mim, precisa de mim, assim como preciso dela. Viram como se faz para se

situar em um mundo excludente? A gente não promove a guerra, mostra que a guerra é exatamente por uma carência não admitida.

Rodolfo Ward: Eu acho que aqui tem um espaço para você, viu. Não só no curso de Artes, mas no curso de Antropologia, que é um curso muito forte, um curso de excelência, né, inclusive, quando eu falei que a gente ia fazer a nossa *live*, o pessoal do laboratório de imagem do curso de Antropologia Iris/DAN, recomendou, divulgaram no canal deles, então, assim, acho que pode fazer uma parceria forte aí com ele. Bem, vamos ver. Eu acho esse tema bem interessante. Eu tenho pensado no meu lugar na academia, assim, a grande maioria das bibliografias e os teóricos são europeus, né, anglo-saxões, norte-americanos. Temos vários teóricos na América Latina, mas a grande massa que domina as universidades são principalmente a França, Inglaterra, e quando você vai escrever as principais referências, a gente acaba pegando desse pessoal. Eu “tô” tentando trazer mais autores brasileiros e buscar também autores indígenas. O movimento descolonial traz essas questões. A nossa produção e construção de conhecimento precisa ser conjunto. Você está trabalhando principalmente com o pessoal da USP, da UFRR, né, você falou das federais, então, assim, eu acho que a gente pode também fazer esse questionamento, porque eu às vezes me sinto meio deslocado. Minha pesquisa tem a cultura indígena como foco, mas eu sou não indígena, sou acadêmico, e eu fico um pouco deslocado, mas isso a gente pode discutir mais para frente, até porque agora a gente tem pouco tempo. Quer falar a respeito disso ou eu posso fazer uma outra questão?

Jaidier Esbell: Não, eu acho bom, eu tenho uma questão que eu chamo sempre, que é a questão da justiça das coisas, né, a justiça das coisas no campo da aplicação, da atuação dos movimentos. Existe um movimento indígena no Brasil, existem vários movimentos dentro do próprio Brasil, mas o próprio movimento indígena eu vejo, sinto que ele ainda é muito incipiente nessa vazão. Ele é muito bom entre ele mesmo, assim, sistema interno, sistema que dialoga até internacionalmente para levar e trazer, mas falta a gente ganhar dimensão dentro do próprio Brasil no campo epistemológico, no campo político mesmo, porque já fiz as análises e até parei em ambientes abertos. Estive em fóruns, reuniões e eventos que se propunham a tratar dessa questão,

a descolonialidade. Tem a questão do movimento negro, seus desafios e conquistas, mas e como está o nosso movimento indígena? Como estamos como os primeiros habitantes e primeiros impactados pela colonização? Ambos têm conquistas significativas dos campos das lutas. Mas tem vários campos em que os indígenas ainda não conseguiram exatamente chegar. Nesse tempo da voz mesmo, então, nesse tempo do amor, o que é que há? Há uma prevalência de terem mais pena da gente do que reconhecer a força da nossa natureza. Sempre digo que não é exatamente justo que o movimento negro esteja um passo além de nós, porque uma ideia de justiça das coisas a gente precisa dizer coisas que a gente ainda não disse, então é bonito, é glorificante que o movimento negro esteja mais avançado, mas a gente precisa ainda alcançar coisas que são necessárias para nós, como deixar claro que nosso território é parte integral do nosso ser maior. Quando digo nós, os artistas indígenas, vemos as coisas, estamos tentando dizer que as pessoas admiram mais os corpos das mulheres que as próprias lutas das mulheres indígenas, ou seja, exotiza-se muito, sexualize-se muito e pouco se reconhece o componente político que é contar suas próprias histórias, suas versões de movimento, que tem muitos.

Também o movimento indígena é ainda muito machista, é uma reprodução do grande movimento mundial do patriarcado e “blá, blá, blá”, então tem todas essas questões e, aí, o peso dessas conquistas muitas das vezes aparece, aparentemente, que é uma conquista pessoal, mas o fato é que não há uma conquista se o povo continua morrendo nas bases. Aqui é o lugar de colocar as coisas muito bem pensadas. Tratar de questões de contracolonialidade requer que os indígenas estejam em primeira pauta, pois, como disse: fomos felizes primeiro, pois chegamos primeiro e fomos atingidos primeiro e não seria justo que sejamos assistidos primeiro? É muito complexo e até perigoso esse pensamento. Artistas devem saber a hora de sair de cena e deixar o palco aberto para que ela, a grande pluralidade, se manifeste por si própria nessa pluralidade, que precisa ser manifestada. É exatamente isso, volto a dizer, a voz das mulheres, suas memórias, suas versões das histórias é que vão contar, nós só viemos avisar que elas vão conseguir falar, verbalizar e internalizar essas coisas que nunca puderam ser colocadas. Muda muita

coisa ainda mais do que a gente acha que já alcançou quando aceitamos que temos limites, digo, nós, enquanto homens. Então, é essa uma das dimensões mais para dentro do meu trabalho, pelo menos da minha intenção de trabalhar, essa questão aí, o sistema da arte europeia é muito cruel, porque ele só quer saber da arte do artista, mas seu pensamento profundo, não. Então eu consigo, de uma certa forma, acreditar que posso inferir um pouco nessa dinâmica. Por exemplo, quando eu fui convidado para Bienal de São Paulo e tive a primeira reunião presencial, lá no prédio da Bienal de São Paulo, eu estava com a Bernaldina junto me acompanhando. Eu explicava para ela o que estava acontecendo e dizendo para os curadores de São Paulo que quem precisava falar era exatamente elas e não exatamente eu.

Hoje, Bernaldina, minha mãe e mestra, está com covid no hospital, mas, antes disso, a gente conseguiu levá-la para cantar, para ele abençoar, pedir a bênção também. Quando a direção do filme que estávamos fazendo com os suíços, me pediu que eu indicasse um cacique, eu falei: “não, vamos levar uma mulher, uma anciã, essa que ninguém mais quer, porque já está enrugada, que não sabe falar português direito, mas é ela que vai”, briguei com o movimento e consegui encaixar a Bernaldina para fazer a grande cena do filme em detrimento de um cacique macho, né? Então, são essas questões que eu também gostaria que fossem consideradas como uma parte do meu trabalho, essa doação para esse trabalho de bastidores que muitas das vezes não é visto, mas, enfim, a dinâmica da visibilidade desse sistema é pesado. Ele é sempre prevalecente, mas aí a gente vai trabalhando nesses momentos que a gente tem de poder verbalizar isso, como essa live aqui, que tem 25 pessoas e com certeza estão atentas. Essas pessoas certamente são pesquisadores, são influentes em seus campos, vão escutar isso e pelo menos ficar pensando sobre essas questões. Que possam ir além do método de apagamento, de achar que é só mais uma pessoa que está buscando fama e querendo se dar bem na própria cultura como eu já escutei; quem ascende acaba escutando esse tipo de coisa, né?

Rodolfo Ward: Mas, assim, que bom que você expressou isso para gente, né. Fica registrado, inclusive, não sei se você sabe, mas esse vídeo será postado no YouTube. Eu queria te perguntar sobre um... acho que é o seu projeto, é itinerante em Roraima, “Arte vida: uma jornada ao Brasil

de casa em casa” a falar um pouco sobre isso? Esse é um projeto que você está tocando agora ou um projeto já de longa data, como que é isso?

Jaidier Esbell: Então, isso é uma ação, né, que eu tentei desenhar ela mais no formato de projeto, mas não é exatamente um projeto. É um continuar das coisas que acontecem depois de 2009, 2010. Entre 2013 e 2014 eu fiquei oito meses nos Estados Unidos e, para isso, eu pedi uma licença sem remuneração do meu trabalho, do meu empregado aqui do Brasil, não consegui conciliar as coisas, embora a universidade que me convidou tentou sensibilizar a minha empresa, propôs uma parceria, mas não foi possível, obviamente, então eu tive que me desvincular, me desliguei realmente em 2013 por meio de uma licença sem remuneração. Saí, fui fazer esse ato, dar esse curso nos Estados Unidos com a Leda Martins, que é a antropóloga roraimense e ela trabalhava no *Pitzer College*, na Califórnia. Então eu fiquei oito meses, quando eu voltei para o Brasil e eu não tive mais condição, nem quis voltar para minha empresa. Continuei postergando a minha licença e vivendo o momento da minha arte. Então, em 2016 eu já estava recebendo vários convites para fazer palestras, enfim, várias instituições e eu não podia receber diárias e nem passagens, porque eu era funcionário público federal. Então, além de eu não estar recebendo nada do meu emprego federal, ele ainda estava me atrapalhando a ter a liberdade de trabalhar nas artes. Então eu decidi simplesmente me demitir para poder abrir os caminhos para poder trabalhar com autonomia. Então eu pedi as minhas contas, em 2016. Nessa época, eu tinha produzido a coleção *It was Amazon*, uma exposição, uma série de desenhos preto e branco. Foi bem na época que eu comecei a trabalhar também com mais intensidade a dimensão do fundo preto como um vazio absoluto. Queria tratar das ameaças e a possibilidade de recomeçar do caos um novo mundo. Fiz uma exposição aqui em Roraima, uma exposição muito forte, muito densa. Isso mexeu bastante comigo, espiritualmente falando, e aí eu percebi que eu não podia ficar com essa exposição dentro de casa, dentro da galeria, e então eu me lancei pelo próprio Facebook fazendo essa campanha, né? Eu tinha um recurso ainda, já fruto do meu trabalho, então comprei uma passagem e fiz uma articulação, sabe? Encontrei um parceiro em São Luís e comecei essa jornada por São Luís do Ma-

ranhão, com a ideia de passar 2 anos fora de casa, circulando o Brasil todinho de ponta a ponta.

Bom, então viajei em julho para São Luís e lá fiz a primeira exposição da grande itinerância. Fui seguindo o mapa pelo litoral basicamente, fazendo algumas imersões para dentro do continente ali pela região de Pernambuco, Rio Grande do Norte, Piauí, Paraíba, Bahia. Consegui ficar seis meses viajando, encerrei o ano chegando na Bienal de São Paulo, onde tinha um trabalho do Ailton Krenak com o Bené Fonteles. Fiz uma participação lá também, onde eu a convidei para o espaço que tinham me disponibilizado o pajé, o curandeiro, o bruxo e artista Bu'ú Kennedy, que é do povo Yepa Masã (tukano).

É um jovem mestre, um estudioso da espiritualidade do seu povo que está bem hoje, muito evoluído nessa questão. Ele se leva a sério nesse trabalho, pratica a espiritualidade com seriedade e a gente fez essa dobradinha falando que a arte e xamanismo andam juntas. Então, a partir dali, encerrou o meu ano, eu voltei para casa e em janeiro eu já não consegui mais seguir o mapa, né? Eu recebi muitas outras convocações, recebi os convites para viajar para outros lugares do Brasil e do mundo. Entrei no projeto do cinema e aí não consegui fazer todo o passeio pelo mapa. Então eu fiz a exposição caminhando um pouco sozinho porque as pessoas a adotaram. Ela andou por conta própria, mas eu preciso visitar ainda alguns estados da Amazônia com essa exposição e alguns estados do Centro-Oeste. Então a exposição cresceu, hoje ela está aos cuidados de alguns parceiros lá pela Europa. Se você é projetado com destaque numa exposição grande, as coisas crescem muito e você precisa dar conta. Em outubro também terá uma exposição grande entre artistas indígenas da Amazônia e do Ártico, foi adiado por conta da pandemia para o ano que vem, mas eles querem essa coleção lá. Então as obras acabam ganhando vida própria e a ideia era exatamente essa, né, que as pessoas se responsabilizassem por isso. Então é todo um exercício, toda uma questão para depois, mas é urgente, isso de abrir aí um horizonte para muitas pessoas e, assim, ainda trazendo um assunto urgente, da hora, que é a questão Amazônica mais uma vez. Mas, dessa vez, não exatamente projetada por mais um típico artista branco do Rio de Janeiro ou de São Paulo que se proponha a pintar a

crise Amazônica. Dessa vez era um artista amazônico, um indígena, uma pessoa da Amazônia falando para si mesmo, por si mesmo e pelos outros. Então eu acho que essa exposição fez um papel educativo muito grande, faz até hoje ainda porque foi gerado muito material educativo, material de mídia, então é um trabalho de uma fase muito boa da minha carreira, esse ano de 2016.

A revista *Select* deu destaque ao nosso trabalho. Ampliamos nosso espaço na cena. Já em 2019 também escrevi um texto com a revista *Illuminuras*, um periódico importante da Federal do Rio Grande do Sul. Foram publicações importantes e esses escritos reverberam ainda hoje, cada um na sua dimensão. Agradeço publicamente a professora Ana Elisa de Freitas, que foi uma pessoa que me convidou socialmente para integrar esse dossiê. Eu li este artigo na rádio, foi um exercício de autoidentidade enquanto neto de Macunaímî, no campo performático, político. E o que isso poderia significar? Então, é um texto de 30 laudas onde a gente consegue com um pouco mais de leveza e até poética, falar um pouco dessa dimensão do que significa essa coisa toda que é muito além de uma coisa sua, de uma coisa de benefício próprio, essa coisa de dizer que os netos de Macunaimî se conscientizam dessa condição é muito importante por vários aspectos, né? Então, esse texto influenciou muito a pesquisa de montes de doutorandos, mestrandos e graduandos e ainda influencia, e isso também é interessante porque o texto foi escrito num determinado momento dessa performance identitária e as coisas têm evoluído, e os discursos têm se aprimorado, as pessoas vão e voltam nessa dinâmica de analisar o texto. As minhas falas estão ecoando, sinto, e as atuações mais recentes estão em um fio de continuidade. Uma publicação como essa é importante e isso me marcou muito também, essa possibilidade de mostrar os créditos de Macunaimî. É toda uma pluralidade que existe entre os povos Makuxi, Wapixana, Taurepang, Ingarikó, dentre outros. Estão todos aí e isso vai vibrar, vai abrir esse leque de identidades que temos aqui como referência. O Monte Roraima, tronco maior de nossa origem comum, tem que entrar na floresta, fruto de sua própria criação, conectando com essas culturas todas que estão para muito além da ideia de Brasil, das Américas. Hoje estamos nos posicionando melhor coletivamente,

temos mais capacidades de cobrar um direito de resposta quando somos destratados nesses mesmos espaços de mídia. Não dá mais para aceitar que escrevam sobre nós absurdos, mesmo que com a melhor das intenções. Veja que não há, de fato, um limite ao alcance do nosso trabalho. O Denilson Baniwa tem feito muitas provocações, assim como Daiara Tukano, Naíne Terena e nada mais são que uma reformulação dos que cobram os mais velhos aos colonizadores. Digo, vocês “pisaram na bola feio”, e nós queremos um espaço nessa ou naquela revista para a gente escrever algumas coisas. É tão básico e isso cura tanto essas feridas seculares. A nossa visibilidade deve representar uma abertura para diálogos, nunca uma ameaça ou distanciamento. É estar juntos, que queremos e sabemos que isso é uma forma de praticarmos a justiça das coisas. Nada chega de “mão beijada”, o radar está passando e ele deve enxergar a gente. Talvez não se trate de talento, de fazer desenhos bonitinhos, porque o talento não é o desenho, mas saber contar uma história de dor, com a alegria dos que nunca morrem, né? A disputa é acirrada e a gente, exatamente, não está querendo entrar na primeira fila, não se trata mesmo de filas, mas de tempos comuns. É que nosso assunto é urgente e a gente tem a dimensão disso, que o indígena não luta para si, mas para o universo. A gente não está querendo furar as bolhas de ninguém, a gente quer seguir, a gente está dizendo que a gente tem outras paragens para andar e não queremos estar nessa feira do mundo cru. Isso não quer dizer que a gente queira privilégio, o tempo da gente é para buscar ajudar nas amplas visões, a gente está aqui, nesse pedaço de terra, há muito mais tempo e nós temos direito garantido de falar, sim, e não é em detrimento de ninguém. A gente tem exatamente que falar, só isso: hahaha. Achei bem legal isso tudo, assim tudo que você falou e esse final foi fantástico, assim, parabéns aí, moleque, parabéns, você é um guerreiro. Um livro ninguém escreve só é um fio de pensamento que vai fazendo as coisas acontecerem, né, isso é bem legal.

Rodolfo Ward: Nosso tempo está acabando, acho que a gente tem dois minutos. Eu concordo com tudo que você falou, eu acho que tem que ser dado mesmo, tem que se falar, porque as pessoas têm que conhecer a cultura brasileira, o que acontece aqui no Brasil, as pessoas não conhe-

cem a cultura indígena. Se conhece muito mais, hoje, talvez, a cultura de outros povos, gregos, egípcios, romanos, o zen budista, essa busca do corpo espiritual no Oriente, né, como se não existisse isso aqui, com os xamãs. E tem vários tipos de curas aqui e ninguém conhece. Então, assim, obrigado por ter participado, você tem mais um minuto aí eu só queria agradecer antes de acabar o nome do..., aí já deu um minuto para mandar ver.

Jaider Esbell: Ah, está certo, um abraço a todo mundo. Sim, muita energia positiva, então estamos de luto, mas na luta. Quero mandar um abraço para 4 pessoas, não é? Para o Marcelo Camacho que chegou aqui e hoje é meu fotógrafo oficial voluntário. Abraços para Mistha e Manatit que são dois amigos também que me ajudaram. Aventura grande, né? Um abraço a todos que apoiaram, estão apoiando aí a vaquinha da vó Bernal, avó continua resistindo, guerreira lá no hospital e com certeza vai sair dessa muito mais forte. Uma gratidão especial à minha mãe biológica, a Zenilda, que me doou ao mundo.

Obrigado, obrigado a todos, obrigado você, valeu, obrigadão e quando precisar de colar aqui em Brasília, tem um lugar para ficar tranqüilão, aqui, um abraço.

Jaider Esbell (Artista Indígena) – Foi um escritor, artista, arte-educador, geógrafo, produtor cultural e curador brasileiro e um ativista dos direitos indígenas. Foi um dos destaques da 34ª Bienal de São Paulo e um dos artistas macuxis mais renomados de Roraima, trabalhando com a arte a vivência indígena. Nasceu em Normandia, estado de Roraima, e viveu, até aos 18 anos, onde hoje é a Terra Indígena Raposa – Serra do Sol (TI Raposa – Serra do Sol).

O MOVIMENTO HIP HOP EM MEIO À PANDEMIA

GOG

GOG: Boa noite, time, satisfação por ter todos vocês. Hoje eu vou trocar uma ideia aqui no meu canal e eu queria que vocês chegassem e já chamassem mais gente para cá para a gente trocar uma ideia firmeza. É muito bom estar com vocês aqui trocando ideias. GOG vai trocar uma ideia aqui sobre os impactos da pandemia na periferia, eu queria que vocês fizessem suas perguntas, o que vocês quiserem para gente discutir aqui. Eu vou passar o comando para você, fala aí da nossa ideia de fazer essa entrevista aqui no canal, fala um pouco do projeto para elas entenderem.

Rodolfo Ward: Boa noite a todos, para mim é uma honra estar aqui, agradeço ao GOG pela oportunidade não só de estar participando aqui do canal, mas de estar participando desse projeto, que é um projeto que busca a criação de conhecimento para que a gente tenha uma nova cultura brasileira integrando comunidades e trazendo também o conhecimento científico, então eu vou fazer uma breve apresentação do projeto e esse é um número interessante, é a décima edição do projeto, *Arte em Tempos de Pandemia*, que é um projeto de extensão aprovado em edital na Universidade de Brasília, e, devido ao rápido avanço da covid-19 em solo brasileiro, as pessoas ficaram mais em casa e, a partir disso, propomos a utilização da transdisciplinariedade do conhecimento para a produção de conteúdo audiovisual por meio de *lives* com pesquisadores, artistas, membros da comunidade tradicional e da cultura popular. Esse

projeto busca gerar conhecimento transdisciplinar e disseminá-lo pela sociedade geral e, assim, promover democratização do conhecimento. Esse pensamento plural é incentivado e desenvolvido no âmbito do Media LAB/UnB que integra a rede Media LAB/BR. Então, o projeto também conversa com o movimento descolonial, e, assim, nós já tivemos outras edições com pessoas de muito gabarito, como a Suzette Ventureli, dentre outros, então, assim, a gente está trazendo pessoas para agregar conhecimento e pessoas com conhecimento da cultura brasileira, para formar a cultura brasileira, e nessa edição nós temos a honra de estar com esse poeta, o transdisciplinar da cultura brasileira, Genival Oliveira Gonçalves ou GOG. Eu vou, então, iniciar com uma pergunta porque está todo mundo aqui para te ouvir, inclusive eu. Esse projeto, ele trata de Arte e Inovação em tempos de pandemia, mas antes de iniciarmos sobre a atualidade, você poderia falar um pouco sobre o início da sua carreira, mais ou menos ali na década de 80, 90, quando você juntou o Rap e o Rock, tribos diferentes, de onde veio essa inspiração e como você inovou dessa forma?

GOG: Boa noite a todos e a todas que estão aí, é muito bom isso aí, são dois territórios: a periferia e a universidade no diálogo, e nós temos que expandir o nosso território para que a gente possa discutir conhecimento, né? E isso é o que a gente quer trazer, é objetivo dessa troca de ideais e eu gostaria de falar com vocês nesse momento. Então, a gente tem que perceber que durante muito tempo, viu, irmão, nas décadas de 80 e 90, a universidade era algo praticamente impossível. Eu sou um dos primeiros do Rap Nacional a cursar uma faculdade e eu entrei bem antes da política de cotas e eu não terminei o meu curso universitário porque o *Hip Hop* bateu à porta tão forte que eu não conseguia viver naquele abissal, naquele abismo de contradições, eu já dançava *break*, eu já cantava rap e aquela realidade que “está” ali não era a minha. Eu fiz um curso de Ciências Econômicas e foi muito, muito impactante na minha vida, que, faltando dois semestres para terminar a minha faculdade de economia, eu saí da faculdade, eu fui embora, jubilado mesmo, eu nem tranquei matrícula, eu falei: “Não era o que eu queria para mim, naquele momento”. Mas o que leva, mano, um jovem a falar, mano, a universidade... porque a palavra universidade agrega universo,

mas não agrega universos, e é essa a cena! A universidade tem que se desuniversalizar, porque senão ela só vai falar de um território. Eu já queria logo “falá” um pouco, tudo bem, da minha carreira... mas esse assunto da pandemia é muito recorrente, então é um link que eu vejo, o coronavírus é uma doença que veio de fora, ela começa com as classes A e B e aconteceu a mesma coisa comigo lá, uma universalidade da informação, mas que não me incluía, o que eu quero dizer, nós temos que desuniversalizar a fala sobre a covid também no século XXI. Então, pensa bem, quando você fala “fique em casa” parece certo, mas como é que você fica em casa com problemas familiares, se o agressor muitas vezes está em casa, como você vai ficar em casa se você tem que segurar (alimentar, bancar) os “muleque”? É assim, mano: – eu tinha cinquenta conto de manhã, vendi uns “bagulhozinho”, eu quase dobrei o dinheiro, então os cinquenta eu vou comprar mais mercadoria e os outros trinta e cinco é para comprar a mistura, mano. Então no outro dia ele tem que ir, porque senão ele não vai comer, saca? Por outro lado, também, a violência, a falta de diálogo, o espaço, você fica abarrotado de gente dentro de casa, o castelo de madeira fala assim: “Sou o príncipe do gueto, só quem é sobe e desce a ladeira, sou o príncipe do gueto e meu castelo é de madeira”, e no final sabe o que ele fala? “E é treta todo dia o dia inteiro, só falta construir um banheiro”, então essa é a realidade, não é nem das paredes rebocadas, é das madeiras mal pregadas, sabe? E o Estado, ele não tem essa sensibilidade, não tem essa capilaridade, então quem é o Estado nesse momento que não entende a materialidade das coisas? Então, assim, o meu início no Rap veio de um abismo mesmo, o Rap é urbano, ele é fruto do caos urbano, porque é o que sobrou para nós, é o lixo urbano, é o “trash” urbano que está, e aí, hoje, os impactos do coronavírus na comunidade, eles, na verdade, são para nós impactos históricos, é a mesma coisa quando você vê atos pró-democráticos falando assim: “Nós queremos um Estado democrático de direito”, só que, para nós, o Estado de direito que as pessoas querem é aquele que mata, machuca, não dá escola, é aquele que patrocinou o racismo estrutural, como é que se pode entender o racismo estrutural que está tão evidenciado com a covid? É como se você pegar uma carreta vazia chamada racismo estrutural, você vai jogar dentro o racismo institucional, cul-

tural, vai colocar um monte de extrato de coisa ruim nessa carreta e vai chamar de racismo estrutural, e aí, quando você fala do Rap Nacional, grande parte dele, a minha geração fala que não dá para discutir uma estratégia, uma política antirracista, porque o racismo e a desigualdade social é que patrocinaram tudo que está aí nessa covid. Morrem os pretos e dentro dos pretos que morrem, morrem os mais periféricos, pessoa negras, firmeza. Então, mano, a minha carreira muita gente conhece e quem não conhece vai correr, dá um “google”, corre, mas a covid é mais emergente. Na situação que a gente está, a gente tinha dado uma estabilizada no número de óbitos e as pessoas começaram a sair para rua, começaram a sair mais se sentir mais libertas e várias estruturas estão voltando e fechando, então a coisa está muito séria.

Rodolfo Ward: Então, vamos mais para esse papo da covid, então. A sua geração, a gente percebe que tinha umas letras mais de protesto, arte e política junto, hoje em dia, o Rap Nacional, pelo menos a grande maioria, eu não sei se a indústria cultural conseguiu se apropriar também, está vendendo letras um pouco mais simples para estar vendendo mais, você também vê isso? E pode me corrigir também, e esse caos da pandemia vai trazer de volta aquela coisa do Rap Nacional, aquela coisa da letra, de protesto... fala um pouco para gente, por favor, GOG.

GOG: Tem uma palavra dentro da filosofia chamada “paradigma”, que é a forma, a posição de onde você vê e faz a sua leitura, então quem está vendo o rap superficial, aquele de sopinha de letra, o Rap do “Mucilon”, do “Nutella”, como as pessoas dizem, eu “tô” dizendo o que as pessoas falam, e se elas estão dizendo é porque elas estão focadas nisso. O que quero dizer é que se eu descrever o GOG de frente e olhar agora o GOG de lado, são duas visões que você tem do GOG, então as percepções do Rap depende do lugar que você está olhando. Então, nós vivemos numa sociedade aristocrata, onde as pessoas só olham aquele rap do que quer destruir, aquele mais comentado, mas e a estrutura? Quem montou a estrutura, o ferro, a argamassa, o tijolo, quem levantou as paredes? E a gente tem um trabalho muito importante nas comunidades, que somos nós o Rap Nacional das comunidades de base, que são movimentos Rap na quebrada que estão pegando e traduzindo dia a dia a epidemia da covid. Eu não vi até agora nenhuma manifestação de

algum cantor dessa nova geração falando, se preocupando com a covid, eu vi aí briga, um falando do outro, o outro falando do outro, conversa fiada no momento que a gente tinha que estar com a conversa afiada, saca? Então, eu sou um dos que mais apoiam a nova geração, eu vejo consanguinidade nisso, eu acho que a minha geração também errou em alguns pontos sabe? Olha, ganhar dinheiro não é ruim, mano, mas de que forma você quer ganhar? Queiroz está aí, mas onde ele está? E não é nem só por onde ele está, mas a gente tem que perceber que se a cena não for coletiva, não vai virar, se tiver o movimento de um GOG só, não vira, não existe revolução de um só, uma andorinha só não faz verão, é o momento de se aquilombar e quem está disperso nessa caminhada é porque não entendeu o que é o *Hip Hop*, porque são quatro elementos: o break, grafite, o Rap e o DJ. Só que o Rap, por ser sonoro, por estar sendo ouvido na minha casa, você na sua casa, amplificou mais, como um vírus, e as pessoas passaram a não perceber que o Rap só, sem os outros elementos do *Hip Hop*, não é *Hip Hop*, é Movimento Rap. Para você falar “Eu sou do *Hip Hop*”, por exemplo, tem o Hungria Hip Hop, eu acho que, para ser coerente, o Hungria tem que ter o break, o grafite, o DJ e ele cantando Rap, aí sim. Então, o nome *Hip Hop* foi um nome, inclusive um nome utilizado, porque o Rap dos anos 90 era o nacional, olha como a indústria trabalha. Ela tirou esse nome Rap Nacional, estava ligado ao crime, racismo, a falar da polícia, mas, como a gente, eles têm que aproveitar a demanda, se tem tanta gente que gosta, se é uma música que nos EUA está tocando, se tem muito fã, o que a gente pode fazer? Vamos mudar o nome, vamos trazer cantor de *Hip Hop*, mas você não é do *Hip Hop* você canta Rap, mas aí o mercado mudou a fachada, mas “daí” veio um público que já era mais de cantar Hip Hop enquanto eu faço *Hip Hop* e isso tem uma diferença enorme, sabe? É muito grande a diferença e isso, esse Movimento Rap, esse cantar *Hip Hop*, cresceu porque o Brasil é um país racista, preconceituoso e sem identidade cultural, porque identidade cultural é abraçar todas as vivências. Nós temos um mito da democracia racial e que as pessoas não sabem, mas lá atrás teve um plano para esse país ser branco e, nesse processo, eles não esbranquiçam só a pele da gente, mas também a mente de muitos. Dentro do conceito do *Hip Hop* é estelionato, pois tem que ter os quatro

elementos. Eu comecei pelo *break*, o Mano Brown dançava *break*, Thaíde dançava *break*, Japão dançava *break*, saca? Porque o *break* é o primeiro elemento que surge do *Hip Hop* no Brasil, depois que a gente conhece o *Hip Hop* no conjunto da obra, e, mano, eu “tô” sendo assim muito objetivo, porque não dá para ficar contando historinha, não dá para ficar contando... falando que não tem atenção, descontentamento, tem muita coisa boa, mas tem coisa que já encheu o saco, não “tô” falando que o meu trabalho é solo, até porque o meu trabalho é um grão dentro do *Hip Hop*, mas tem muita gente trabalhando e tem muita desconstrução nisso.

Rodolfo Ward: “Tá” bom. Assim, o que eu tenho percebido, eu acompanho há bastante tempo o Rap Nacional, mas o que eu tenho percebido é essa galera que quer grana e que eu não questiono, mas até o próprio Racionais MCs, no último CD, também foram um pouco mais para esse lado mercadológico, mas eu não quero te colocar nessa discussão. Eu trouxe essa fala porque escuto muito as pessoas falando sobre a diferença das letras da sua geração para a da geração atual, mais em termos de conteúdo e de qualidade. Na verdade, não tem como viver sem dinheiro na nossa sociedade. Todos temos contas para pagar e nossa família para ajudar. O que estou falando aqui é que o Rap Nacional, na atualidade, algumas vezes, tem se confundido com uma espécie de *Hip Hop* gringo de ostentação. Fala um pouco mais sobre qual é a pegada, por exemplo, tem uma diferença do Rap brasileiro pro Rap de São Paulo, qual a grande diferença, ou você não vê diferença nessa construção?

GOG: Com uma frase você vai entender: periferia é periferia em qualquer lugar, mas cada uma com sua cara. E eu fico muito à vontade para falar dos Racionais até porque o trabalho deles dentro do *Hip Hop*, a história deles permite falar que vão descansar um pouco, e vocês trabalhem aí, o trabalho deles é homérico dentro do *Hip Hop*, é um trabalho de *Ilíada* e *Odisseia*, e eles têm a sua forma de pensar, só que eles não são o *Hip Hop*. Talvez eles sejam um grão de areia maior que eu, saca? Então isso tem que deixar o *Hip Hop*. O Rap não pode ter locomotiva, ele tem que ter vagão, porque a locomotiva quer puxar sempre, e se ela errar, ela joga todo mundo no precipício, tanto que nunca vi o Racionais, o Brown, O Edí Rock, eles nunca falam como locomotiva do Rap, as pessoas que colocam eles como locomotiva do Rap, outros colocam

o GOG, mas nós nunca falamos e, você sabe, com a caminhada, a história vai ficando tão grande e você também quer caminhar no universo musical e é um direito de cada um, mano, então você tem que tomar as suas decisões, mas eu acredito que todas as decisões que o Racionais tomou dentro do *Hip Hop* até aqui foram decisões equilibradas, ninguém é perfeito mas eu acho que o somatório é muito mais positivo, é muito mais agregador do que separador. O único divisor que o Racionais é, se trata de um divisor na música nacional brasileira.

Rodolfo Ward: Eu compreendo e eu acho que todo mundo tem essa liberdade, você mesmo trouxe o Rap e o Rock e as tribos antes eram bem mais definidas, então, assim, olha que fantástico que foi a inserção desses estilos e o que a gente percebe é que você tem uma letra bem trabalhada, uma poesia mesmo e você ainda conseguiu agregar esses estilos e outra, de ser reconhecido dentro do Rap, porque às vezes quem mistura muito é excluído, você pode falar um pouco disso. É interessante como funciona essa questão da contemporaneidade em todos os círculos sociais. Eu sou um cara que mistura as disciplinas. Algumas pessoas não gostam, porque acham que assim vai perder a pureza da disciplina, e eu já vejo a criação de algo novo, a inovação.

GOG: Na verdade, a minha história, os discos de mamãe e pai era Gerson, Tim Maia, Lady Zu e por isso eu cresci e comecei a comprar os meus, “Michael Jackson, James Brown” e tudo isso foi agregando, então, mano, eu estava me agregando conscientemente ao universo gueto, os anos 70, 80 foi muito rico: Toni Tornado, você pega as letras de Caetano Veloso, Chico Buarque, Luiz Melodia e vários outros aí, mas tudo isso só apareceu para mim porque tem um detalhe: morador de periferia, do Piauí, mas filho de professora, eu fui alfabetizado muito cedo, o senso crítico do GOG nasce muito cedo, a percepção, mamãe me ensinou... olha, vai nesse vagão aqui... e aí isso, o que ela fez, tudo isso foi lúdico por meio de brincar, pegar caneta, com seis anos eu escrevia a palavra “necessário”, “necessidade”, só que mamãe me alfabetizou naquela cena assim, ela era “Paulofreiriana”, usava outra didática, ela pegava, por exemplo, “Ivo viu a uva”, e dizia assim: “Ivo viu a vala”, saca? Trazendo a realidade, e eu só via a uva desenhada, velho, eu nem sabia o que era uva, então são essas violências que a gente não percebe, só sente a

dor, porque com nove anos de idade eu me olhava no espelho e falava: “Cara, que cara é essa que eu vou pro colégio, por que me arrumaram essa cara, mano?” Eu não estreei no mundo, eu nasci, então é louco, né, mano, é uma preocupação que você não tem, você não tem nada a ver comigo, mas você nunca teve esse tipo de problema, você, o formato do seu rosto, a cor da sua pele, você não vê pessoas bem-sucedidas com a sua forma, e, principalmente nos anos 70, o máximo era jogador de futebol, outro máximo era o lutador de boxe, mais nada. É por isso que o Rap é um divisor de águas, é por isso que a contribuição dos Racionais já foi, porque é quatro preto da zona sul de São Paulo, do fundão, onde naquele tempo, “tá ligado”, o que trabalhava era grupo de extermínio, e o primeiro grito deles foi “pânico na zona sul”! Saca? E isso foi uma convocação, esse não foi um edital, foi um “editodos”, um chamamento público, então o Racionais, o Rap Nacional dos anos 90 fez um papel de universidade brasileira, de universalizar mesmo falando que periferia é periferia em qualquer lugar, tinham gritos dissonantes, mas aconteciam em cada quebrada, nós não tínhamos justiceiros em Brasília, mas nós tínhamos, até hoje nós temos uma polícia militar violenta na quebrada e você sabe que a evolução de tudo é essas milícias que “tão” aí, a milícia e tudo isso aí amontado, é um amontado de tragédia, que é comum para muita gente, e, infelizmente, muita gente que vai ser vítima disso, é a favor disso, ele só chora quando o filho vai, mas se o vizinho vai, ele fala que estava merecendo mesmo, é lucro.

Rodolfo Ward: E nessa temática aí, como é que você vê, GOG, porque assim, todos nós somos brasileiros, mas existe essa divisão do negro, indígena, eu não acho que sou branco, sou sul-americano, tenho cabelos cacheados, lábio grosso. Nos EUA e na Europa eu sou latino, na América Latina eu sou brasileiro, falo português, mas talvez eu me encaixe no estereótipo branco aqui, eu queria ser brasileiro, não só eu, todos nós. Como que a gente poderia transformar esse pensamento em uma nova cultura brasileira? Uma cultura agregadora e inclusiva...

GOG: Para você ter certeza da sua cor, não pergunta pro IBGE, não, pergunta para a polícia militar, ela vai te responder exatamente o que você representa. Saca? E você não tem culpa nenhuma disso, você sabe que no Brasil nós temos o genótipo, que é o que você é dentro, e o fenó-

tipo é o que você aparenta. Infelizmente, a cor da pele, o que aparenta é, se você for para fora, não, é uma gota de sangue, então não adianta você ter uma cor de pele, mas ser misturado, ser um latino-americano, mas no Brasil o retrato falado, a universidade você deve ter estudado Nina Rodrigues, Cesare Lombroso, o Direito estuda, eles criam o retrato falado do inimigo, os cursos de Direito têm um retrato falado que é dado por meio do cientificismo, da ciência, utilizada e trabalhada para manter um status cor, o que acontece, infelizmente, para mim também, mas eu tenho que dizer, o retrato é a minha cara, é a cara do meu filho que está ali na rua, é a cara do João Pedro que morreu, não é uma coincidência e o louco disse é que, se na madrugada você “tiver” armado na má intenção e eu “tiver” indo para casa levar uma coisa que eu comprei com aqueles trinta e cinco reais, se eu venho no meio fio e você vem do outro lado, se vem uma senhora ou um outro morador da periferia, um próprio negro, ele vai passar pelo seu lado porque vai ser o mais seguro na mente deles, ou seja, esse é o racismo cultural, é o que está na mente e a gente nem percebe, que a gente passa por cima e pisa, pensa que é um pano de chão. Se você pega o capitalismo, o primeiro estágio dele é o colonialismo, então a evolução do colonialismo levou ao capitalismo, teve uma evolução, uma caminhada. Agora o racismo, ele é colonial até hoje, ele não evoluiu com a sociedade, ficou nos primórdios da relação humana, por isso que a gente fala que não basta no Brasil e no mundo não ser racista, você tem que ser antirracista, você tem que se indignar. “Bora” todo mundo, cadê os pele clara?! Mas sabe o que as pessoas de pele branca fazem? Elas são democráticas, querem o Estado social de direito, mas não veem a questão racial como importante na transformação brasileira, eles veem a melhoria econômica, social, e aí eles não olham no espelho da História do Brasil, porque eles não podem ver que... Ah, eu trabalhei errado, eu tenho privilégio... como é que eu posso viver no privilégio só por acaso eu ter nascido numa família de pele clara, ou ter a pele clara, eu tenho mais vantagem que o outro, mais possibilidade, menos chance de morrer de uma bala perdida. Só para você ter uma ideia, tem dados, as mulheres negras tomam menos anestesia no parto, os médicos dão menos anestesia porque, simbolicamente, eles acham que elas são mais fortes, resistentes, porque a mulher branca é mais

fácil de sentir dor e, olha, nesse momento ninguém fala em igualdade racial, então igualdade é utopia, o mundo tem que entender que a diferença é que faz a beleza do mundo, a diferença é que faz a unicidade da contribuição de cada um: o que o outro não falaria, você não falaria o que eu “tô” falando mesmo que você morasse na quebrada e nem eu falaria o que você tem para falar se eu morasse na cidade, no centro, então quando você mata o GOG, você não está matando só um corpo, está matando uma cultura, unicidade, e o Brasil mata 70 mil sendo que 85% desses aí são jovens pretos de periferia.

Rodolfo Ward: É, a diferença é anterior à semelhança. Vivemos uma ascensão do descolonialismo pelo mundo. A reconstrução e reescrita da realidade e da história. A queda do Trump foi uma grande vitória. E como que você acha que a gente pode construir essa nova cultura? Por exemplo, por meio da arte, eu sou artista visual, audiovisual, e você um poeta, cantor e audiovisual também. Então como que a gente poderia trabalhar a arte para essa mudança?

GOG: Eu acredito que só os pretos, os negros, [as] negras, nós não vamos conseguir virar o jogo, nós não temos força política, embora tenhamos força numérica, mas não temos força de conscientização, uma opinião pública formada para isso, ou seja, a gente tem que lembrar que, além do extrato ali na periferia dos negros, negras, nós temos os peles brancas, os claros, os miscigenados, que não são vistos como negros pela sociedade, pela polícia, pela estrutura e nem por si mesmos, mas que são negros se for fazer a matemática, na prática, essas pessoas, elas fazem o seguinte: por exemplo, o branco pobre da quebrada, eu não “tô” falando que são todos, mas muitos, ele não tem nada e consegue uma coisa ali no “corre”, aí ele fala: “porra, está ruim para mim”. E aí, sabe o que ele faz? Ele olha para traz e fala “tem gente mais arrebetado que eu” ao invés de ele falar “vamos ajudar os arrebetados”, ele fala, “mano, eu não ‘tô’ tão ruim, não posso nem reclamar”, isso é do ser humano em parte. Por isso, a gente tem que trabalhar isso. Então, a luta do racismo só vai agregar quando, por exemplo, você for um parceiro que se enquadra nisso aí ou até em outra classe social, a gente tem que olhar, criar pontes, por exemplo, “pro” branco e vou falar, que a gente tem uma questão racial no Brasil que é universal, durante todo o nosso

tempo ela esteve presente e depois, na evolução do colonialismo “pro” capitalismo e por outros problemas, desigualdades sociais, vocês ficaram pobres, mas vocês são brancos, mas vocês podiam ser ricos também, então nós “vai” ter que se juntar, porque nós que “move” a locomotiva deles. E aí é o seguinte, como que eu posso contribuir? Como meu, mano. E você faz uma arte? Faço. Aí eu tenho que dizer uma coisa que é muito importante, o equipamento que você usa, a forma como você manuseia ele é muito importante, mas a forma de você olhar não consegue atingir as pessoas da quebrada da forma que tem que atingir, é como se o Estado manda um texto para quebrada, todo mundo lê e tem que apertar a tecla sap, então nós “tem” que ser um pouco direto, “GOG, ‘bora’ fazer um clip... ‘vamo’ filmar a Catedral? Mano, isso é a Brasília que já foi mostrada, ‘vamo’ mostrar outro lugar? Pô, GOG, vai ficar louco! E eu vou te mostrar o lugar e você vai ter a sua técnica, a sua forma de captar a imagem, aí você usa, mas eu ‘tô’ te colocando no meu universo, saca?” As propostas que eu tenho aí, tem o Fantástico, você vai ser repórter por um dia, vai entrevistar, eu não vou, não, porque a linguagem não é a minha, dessa forma não dá, nós temos que criar o nosso canal de TV, por isso a gente tem a discussão do Black Money, a gente comprar mais de nós, a gente valorizar as nossas coisas, o arroz no tiozinho ali “é” quinze conto e no atacadista “é” doze, mas eu pergunto, para onde vai os seus doze conto, você está financiando o quê? O seu Zezinho, que vende a quinze, que você paga três reais a mais, mas ele está educando aquele filho dele lá de quebrada que andava estava meio desandando, mas ele está conseguindo dar um qualquer “pro” muleque, sabe? Ele está conseguindo manter a quebrada, aquele espaço que era boca de fumo, ele conseguiu melhorar, conseguiu botar uma cerâmica e falou que a gente pode dançar um break na sexta à noite, toda sexta, sábado à noite, sendo que a gente só tem que limpar o espaço para no outro dia ele abrir a quitanda dele e está tudo limpinho, você pagaria três reais por isso? Não. Então, esses diálogos são mais importantes, eu não quero só falar de música e ficar falando mal dos caras, eu tenho que olhar, falar, no país da bola, o que decide é a bolinha do “zóio”, mano, eu tenho uma facilidade para trocar ideia, aqui no meu Instagram vem cada ideia: parceiro, que quer brigar com outro, que quer matar o pai, caso de

suicídio, outro quer sair de casa, a mina que está grávida, todo mundo vem, e, diante da possibilidade que eu dou de trocar uma ideia mesmo por meio do Rap, o cara vem aqui e se abre, e quando você responde aquele texto sabe o que ele fala? “Caralho mano, GOG eu escrevi ‘para todo mundo’ e ninguém me deu uma palavra, uma ideia”, saca? Então tem muita gente do Rap, tem muita gente cantando Hip Hop, mas tem pouca gente fazendo, é essa a conclusão que eu tenho. E é um trabalho cansativo, mas é um trabalho essencial porque ele é de sobrevivência.

Rodolfo Ward: E é por isso que você é, o GOG, e o pessoal te respeita tanto. E tudo que você está falando tem tudo a ver com [o que] a gente “está” vivendo, hoje em dia a gente tem a extrema-direita tentando reescrever a história, a gente vê pelo que está acontecendo com a Fundação Palmares, do outro lado a gente tem o pessoal tentando sobreviver com essa pandemia, do outro os neoliberais tentando lucrar com o caos e em meio a tudo, a academia que é um lugar elitista, como você colocou. A Universidade de Brasília, em teoria, é um pouco diferenciada, é um lugar que nem muros tem, ela tenta agregar um pouco mais, é aquela questão do Darcy Ribeiro, é um pouco complicado porque os acadêmicos, quem está lá em cima não quer dividir tanto esse poder, porque o conhecimento é poder. Tem outra questão que é referente ao acesso. A seleção realmente privilegia quem está mais preparado para um exaustivo teste, que, na minha opinião, deveria ser revisto, e geralmente quem está mais preparado é quem tem mais recursos financeiros. Já dentro da pós-graduação algumas vezes nem sempre é o melhor e mais preparado que passa e sim alguém que vai dar continuidade à pesquisa do orientador. Um dos grandes problemas é que quando a ciência, a universidade surge para contrapor às explicações divinas, à igreja, alguns acadêmicos acabam se empolgando e absorvendo um pouco dessa aura de divindade, absorvendo o poder dos cardeais. Como Nietzsche fala: “Quando se olha muito tempo para um abismo, o abismo olha para você”. O sistema tem inúmeras falhas, mas ainda é melhor ter a universidade do que não ter. Então, assim, em meio a tudo isso, como que a gente pode, como artista, inovadores, criativos, como que a gente trabalha todas essas questões aí?

GOG: Eu acho que o mercado é o caminho da queda, o caminho da derrota, porque revolução, transformação tem uma palavra que é

mudança, e para você mudar dentro de uma realidade sistêmica, você só consegue mudança se ela for muda, muda de silêncio, de você trabalhar na base sem os sensores do status quo perceberem que você está trabalhando, o Rap foi tão forte numa realidade que ninguém sabia o que era o Rap, ninguém conhecia, a gente teve grupos cantando as suas letras, a sua realidade de forma mais visceral e mais contributiva para sociedade brasileira no momento que ninguém acreditava na gente, no momento que você não tinha estrutura de palco, aí vieram as ribaltas, veio estrutura e veio o que o superficialismo do tema, aí a gente começou a viver outro território sem estar preparado, é mais ou menos como portugueses e indígenas a relação, sabe? “Nos deram espelhos e vimos o mundo doente”, “tá ligado”? Eu acredito muito em estar na comunidade, na quebrada, fazendo aquele trabalho de corpo a corpo, você pode chegar de direita, de extrema-direita, extrema-esquerda, mas, mano, aqui nós “é” fechado numa ideia e é coletiva, mas não é você que vai montar um palanque aqui, olha, universidade, você tem mais para aprender com nós do que para nos falar porque a universidade chega, as ONGs “chega” na quebrada: “vocês “tão” errado”, não, assim não. Mas a gente sempre fez assim. Por exemplo, o consumo de gordura saturada, o óleo vegetal, o óleo vegetal é uma criação que vem ali por volta de 1920 da primeira para a segunda década do século 20, então vem como uma boa nova, a gordura de porco que também é saturada, só que é vegetal, tem uma porcentagem de mais ou menos 40% e de monossaturado de 45%, ela foi substituída e vinha como uma modernidade para a quebrada, então todo mundo queria comprar óleo, fazer batata frita, fazer tudo bacana, os relatos são de que até 1920 nós não tínhamos relatos de infarto, sabe? Eles eram... não faziam parte do cotidiano médico, da estrutura; dez anos depois, explodiram os casos de problemas cardiovasculares no mundo. O que o Estado fez? O Estado calou, a medicina cala e as pessoas não têm informação, era nessa hora que a gente tinha que falar, se a gente tem intelectuais do gueto, da quebrada, se a gente ouvisse aquela senhorinha desacreditada, porque ninguém quer ouvir ela, quer ouvir o novinho, o netinho, o bisneto, mas não quer ouvir, mas é a senhora que traz ancestralidade, a vivência, e o *Hip Hop* meio que ocultou isso, a música *Hip Hop* é a que cobre o Rap às vezes, ela tirou

essa discussão para dizer, sabe... Eu não sou um cara careta mesmo, mas todo mundo sabe que o narguilé causa problemas respiratórios, sucos de cajá, umbu e graviola faliram a poderosa Coca Cola, eu sou um cara que não consome carne vermelha, saca? Então, já é dentro dessa cena, do princípio revolucionário de viver mais, ajudar mais, contribuir mais. E tem outro ponto: se eu falo que falta terra para as pessoas morarem no mundo, eu tenho que contar para as pessoas que grandes pessoas não moram no seu barraco porque grande parte das terras brasileiras é para agropecuária, é para criar defunto para você colocar no prato, então tudo isso me move, e tudo isso tem que ser discutido na quebrada, mas não tem... Dizem que o veganismo é coisa de fresco, puro preconceito. O homem mais forte do mundo é um vegano, mano, é o cara que mais levanta peso, ele levanta e anda dez metros com 600 quilos, e isso não é contado.

Rodolfo Ward: O Nicolau está perguntando: quando veio o seu start que mudou o seu paradigma no sistema?

GOG: Olha, mano, o sistema é uma grande engrenagem, então você está dentro do sistema de qualquer forma, eu não “tô” fora do sistema, mas eu tenho consciência de como ele age e a gente vai aprendendo com as pancadas, África é isso, vivência é matriarcal, as mulheres, a mulher negra que é a que mais sofre com tudo isso, é a base da estrutura que sustenta toda essa maldade, é a mulher negra, a mãe negra, então o start se dá porque você vai escrevendo, ouvindo as pessoas, você canta Rap Nacional, mas você vive com a responsabilidade de trazer uma coisa verdadeira, se bem que a verdade é relativa, mas você vai juntando com a realidade das pessoas e fala, mano, isso não serve para nós. Aí você vai juntando o fio da meada, aí quando você descobre... Durante muito tempo, eu me considerava um descendente de escravo africano, mas só depois que caiu... Os cara mentiram para nós, velho, eu sou africano descendente de escravos africanizados, olha só como muda, então, olha só como muda, eu sou primeiro africano para depois ser escravizado, eu não sou escravo, eu não nasci para ser escravo eu fui escravizado e eu luto até hoje, só que o sistema, a engrenagem montou de uma forma que você não consegue se desvencilhar disso e só com a união, com o trabalho coletivo, com a troca de ideias, respeitando os outros territórios,

mas sendo embaixada da sua quebrada nos outros territórios. Por que eu não vou chamar policial de doutor? Por que quem é doutor? Quem é professor? Saca? Então, tudo isso, mano, discutir o que é educação. A educação é um processo de domesticação, a universidade tem que passar para as pessoas que a educação forma iguais, que é a cultura que forma diferentes. Qual a capital do Brasil? Brasília. Todo mundo vai falar essa resposta. Agora, eu posso falar assim, qual a capital do Brasil? Eu posso falar assim, a capital do Brasil é... hoje é Brasília, mas amanhã pode ser Piauí, Teresina. Por que? Porque deveria rodar, cada estado deveria experimentar ser a capital nem que fosse simbolicamente, então você está vendo, quando você vai para cultura, a resposta é relativa, um mais um é dois na matemática, mas é uma caminhada para contar muito mais na cultura, você com a sua câmera, eu com a minha letra, não é um mais um é dois, são milhares de ouvintes, são milhares de espectadores.

Rodolfo Ward: Tem uma pergunta aqui. Eu “tô” ouvindo as ideias e penso o seguinte: enquanto o ser humano tratar o branco, preto como raça, o racismo não acaba, enquanto seres humanos e não animais, enquanto seres humanos, enquanto a gente olhar para trás... está um pouco cortado, vamos continuar com a ideia, aí, GOG...

GOG: Existe a ideia de raça humana, que é a ideal, raça humana é utopia e foi o homem que quebrou isso no meio, o meio para dizer o ser social, a geopolítica e vários interesses, eles tiveram que dividir o ser humano em castas, branco, preto, amarelo, para quê? Para dizer que eles são diferentes, porque, a partir do momento que você fala que eles são diferentes, um é melhor que o outro, se você tem três carros, um motor é melhor que o outro, então é assim que surge a diferença, ela é boa na sua identidade, mas nós temos que ser iguais em relação às oportunidades, então quando você não quer dar a mesma oportunidade para todo mundo você cria... eles são diferentes, mano. Então a palavra que a gente precisa no Brasil não é igualdade, é equidade, é diferença “pros” diferentes, se eu sou diferente de você, vai ter diferença, e aí quando a gente discute cotas raciais é superimportante, então as pessoas que são contra, é porque elas não têm noção ou são mal-intencionadas. A história do Brasil como se deu em relação aos dias atuais, eu não vou dar aula aqui, mas para ter uma noção.

Rodolfo Ward: E isso tem muito a ver, GOG, com o que você trouxe da deficiência do ensino, a escola é a que ensina, e hoje em dia a gente está vendo um grande movimento de pessoas derrubando estátuas de colonizadores a nível mundial, global, então, assim, querendo ou não a gente está tendo uma certa reviravolta, não é o que a gente precisa, não é o ideal porque deveria estar muito mais avançado, mas a gente está vendo um certo movimento. Só que, infelizmente, nas escolas, e a minha geração e a geração passada, nós aprendemos que esses caras eram os heróis, então é necessária uma reestruturação do ensino e do que se ensina. Eu já vi você falando disso, você poderia falar um pouco mais aí para a gente?

GOG: Então, eu acho que um primeiro passo pode ser até derrubar, mas a gente tem que derrubar sabendo e percebendo a necessidade de erguer outras estruturas, saca? E é preciso muito mais. Duque de Caxias foi o maior genocida da história brasileira, e quem é ele? Patrono do exército brasileiro. Rodovia Anhanguera. Anhanguera vem do tupi-guarani, demônio loiro, todas as rodovias, as estradas que cruzam São Paulo, são nomes de bandeirantes, a gente tem que derrubar isso também, irmão. Temos que criar ruas Dandara, Zumbi dos Palmares, ruas Marielle, ruas João Pedro, para que a gente possa realmente trabalhar essa cena.

GOG (Rapper do Distrito Federal/DF) – Rapper, cantor e escritor brasileiro. É considerado um dos pioneiros do *Hip Hop* brasiliense. Desde o início da carreira, ganhou a alcunha de Poeta.

“A NOVA PROPOSTA DO ENSINO DO TEATRO”

Ingrid Koudela

Rodolfo Ward: Essa é uma outra edição na plataforma Zoom. Hoje teremos a décima primeira edição do projeto, Arte e Inovação em Tempo de Pandemia. É um projeto de extensão aprovado em edital na Universidade de Brasília, e, devido ao rápido avanço da covid-19 em solo brasileiro, as pessoas ficaram mais em casa, e, a partir disso, propomos a utilização da transdisciplinaridade do conhecimento para a produção de conteúdo audiovisual por meio de lives com pesquisadores, artistas, membros da comunidade tradicional e da cultura popular. Esse projeto busca gerar conhecimento transdisciplinar e disseminá-lo pela sociedade geral e, assim, promover democratização do conhecimento. Esse pensamento plural é incentivado e desenvolvido pelo âmbito do Media LAB/UnB que integra a rede Media LAB/BR. Nessa edição nós teremos a participação da professora doutora artista e pesquisadora Ingrid Koudela, ela é uma das professoras pioneiras em pedagogia do teatro, sendo iniciadora de pesquisas nesse enfoque na Universidade de São Paulo, que foi a primeira instituição brasileira a oferecer disciplinas nesse setor.

Suas publicações incluem JOGOS TEATRAIS (Ed. Perspectiva,), uma abordagem teórico-prática realizada a partir das propostas de Viola Spolin.

Em BRECHT: JOGO DE APRENDIZAGEM (SP: Ed. Perspectiva), desenvolve a teoria de Brecht sobre a peça didática.

TEXTO E JOGO (SP: Ed. Perspectiva), vai além de relato e análise de experiências e suas respectivas influências.

Professora, boa noite. A partir de agora eu vou passar a palavra para você, vou desligar meu áudio e meu vídeo e vou estar por aqui assistindo, então está com você a palavra, boa apresentação, boa aula, a gente tem muito o que aprender hoje.

Ingrid Koudela: Boa noite a todos, eu queria começar agradecendo ao Rodolfo Ward, que me desafiou a participar dessa aventura. Saio do meu quarto, do meu dormitório e venho pro meu escritório que é numa outra sala e, de repente, de um ambiente estou num outro ambiente, e um monte de gente falando comigo, eu falando com o Ward, me preparando para o que eu ia falar. Estranho esse momento da pandemia no qual a gente se coloca fisicamente, espacialmente, virtualmente. Acho que tudo é muito real no virtual. Trabalho com teatro e com educação, o que chamamos de Pedagogia do Teatro. Não é uma pedagogia em abstrato, mas uma pedagogia em que a gente aprende o que é possível aprender por meio do teatro. É uma aprendizagem que só por meio do teatro é possível aprender. Como é hoje o teatro, como é possível aprender? Como vai ser essa volta pós-pandemia? Vai haver uma volta? Qual a relação desse virtual com a aprendizagem? É possível ensinar por meio do virtual, trabalhando com teatro, deixando que o teatro nos conduza? O teatro é o aqui e agora! Para quem faz teatro isso aqui é estranho, assim como é estranho para um professor em sala de aula saber que seus alunos não estão lá de verdade, estão lá virtualmente, o que modifica a sua atitude ao se relacionar com os seus alunos. Recentemente dei uma entrevista para o Suplemento Literário da Folha de São Paulo que tinha como título: *Poder e Estranhamento de Brecht vão se transformar em teatro da pandemia*, quer dizer, a influência desse autor é tão grande que ele é capaz de transformar o teatro na pandemia. Nessa publicação há uma foto de uma plateia do Berliner Ensemble que mostra como será o teatro pós-pandemia. Estou citando essa imagem porque acredito que muitas pessoas a viram no Facebook – ela viralizou. Mais de dois terços das poltronas foram retiradas, fazendo o isolamento social dos espectadores. O que eu gostei nessa publicação foi um comentário da entrevistadora que escreveu o seguinte:

“As poltronas que sobraram foram agrupadas dois a dois, resultando em fileiras que mais pareciam o sorriso de uma criança que perdeu os dentes de leite.”

É estranho ver hoje nos teatros o largo espaço deixado entre as pessoas. No ano passado houve várias apresentações em São Paulo com adaptações das peças de Brecht, entre elas, Mãe Coragem, O Que Mantém O Homem Vivo, Terror e Miséria do Terceiro Milênio e Black Brecht (este último com direito a rap). Hoje as lives estão em alta, o grupo OS SATIROS traz essa uma nova linguagem que é o teatro, mas é também algo inusitado. Em A ARTE DE TER MEDO atores e plateia comungam o tempo presente, o aqui e agora do gesto no teatro.

O teatro renasce assim, no período de quarenta que assolou o mundo. Vimos manifestações e lives iniciadas nas janelas e [nos] terraços dos prédios nas cidades italianas, que se tornam grandiosas quando trazem a música como hinos a memória coletiva. Multiplicam-se as possibilidades dessa forma de teatro virtual, que veio para iluminar o teatro do futuro. Mas permanece a pergunta para a Pedagogia do Teatro: como será o futuro do teatro nas escolas? Quando voltaremos a ter liberdade para superar o isolamento social nos muitos coletivos de teatro, nas salas de aula e periferias das cidades?

O primeiro obstáculo a ser vencido é o isolamento físico. A liberdade que conquistamos virtualmente há de ser reconquistada no plano da fisicalidade, da corporeidade. Amanhã, ou quando for permitido o contato físico (que é mais do que o social), teremos que reconquistar o plano sensorio-corporal, inerente ao aqui e agora no teatro.

Vi surfistas com a permissão de praticar seus esportes quando iniciava a flexibilização na Austrália. Eles entravam no mar com distância um do outro na praia.

O jogo teatral permite a tomada de consciência do espaço cênico por meio das inúmeras variantes para caminhar dentro dele, por exemplo. Os jogos sensoriais, a serem praticados com crianças, jovens e leigos são o trampolim para o grande salto no universo da construção física e simbólica em contexto coletivo. A realidade física torna-se agora virtual no processo de aprendizagem.

Brecht faz uma diferença entre a peça épica de espetáculo e a peça didática. Na peça didática não há necessidade de espectadores. Todos são participantes de um ato artístico coletivo. A sala de aula é o espaço mais radicalmente democrático do fazer teatro. Podemos chegar até ele por meio do jogo teatral e da apreciação da obra de arte.

Rodolfo Ward: Eu quero fazer algumas perguntas. Como você vê daqui para frente? Você apresentou algumas perspectivas principalmente do teatro em si, mas, assim, você acha que a tecnologia, a realidade virtual aumentada elas vão incorporar o teatro daqui para frente? Porque como a gente vê na sua fala e no teatro, ele tem muitas práticas corporais e como seria isso daqui para frente utilizando uma realidade virtual?

Ingrid Koudela: Eu gostaria de fazer uma distinção entre teatro e teatro na sala de aula. O espetáculo de teatro feito por profissionais vai se desenvolver e incorporar essa nova linguagem, assim como ele incorpora as novas tecnologias, por exemplo, a iluminação, que hoje é computadorizada. Fala-se hoje em Artes Cênicas, na medida em que o próprio conceito de teatro foi se modificando e extrapolando os seus limites. O teatro, as Artes Cênicas vão se desenvolver porque o teatro se reinventa.

Já o teatro na sala de aula, a questão da educação é diferente. Há uma discussão muito grande na área da educação em como vai se dar essa volta pós-pandemia: distância entre carteiras, diminuição de alunos por turma, por exemplo. A arte, o teatro estão fazendo parte de uma grande transformação, cujas soluções podemos apenas vislumbrar. Há equipes nas secretarias de educação fazendo planejamentos. Este deve ser um pensamento coletivo e não individual. O teatro participa dessa transformação. Os equipamentos são extraordinários e essa tecnologia deve ser utilizada a favor do teatro e do teatro na educação.

É interessante ver que na educação infantil as crianças já estão pulando, se movimentando com o celular na mão, dando pulos, descobrindo a tridimensionalidade no espaço de cada um, no seu quarto. Elas podem pular, se jogar no chão, entrar num universo simbólico, fazer de conta que estão voando, brincando de voar e tudo é possível.

Rodolfo Ward: Tem duas perguntas aqui, Amanda Suterio pergunta: Professora, conta um pouco de como foi o processo dessa experimentação?

Ingrid Koudela: Então, Amanda, no primeiro encontro cada um se situou no seu ambiente, cada um no seu quarto. Caminhamos cada um no seu espaço. Isso gerou uma reação muito interessante nos atuentes porque perceberam aquele espaço de uma forma inusitada. Pedi que escolhessem um objeto no espaço e olhassem para ele como se fosse a primeira vez. E agora deixa que objeto olhe para vocês! A experiência foi que cada um ressignificou seu quarto, era como se dentro desse espaço tudo se tornasse possível. A partir dessa relação física os atuentes estabeleceram também uma relação simbólica com o espaço. As instruções que eu fui dando nessa caminhada foram todas no plano físico concreto. A partir daí lemos um texto. Nessa leitura, procuramos não ler intelectualmente. Os atuentes vão experimentar o texto. Peço que leiam o texto em voz alta, cada um no seu tempo, do início até o final. Então formamos uma roda. E vamos iniciar o jogo com o texto.

Experimentamos várias versões do mesmo texto. Cada vez um atuante faz o papel do aviador, por exemplo. Depois há troca de papel, e assim sucessivamente. Esses procedimentos eu trabalhei com o texto do Brecht, pode-se trabalhar com imagens. Uma obra de arte é sempre um modelo. É modelar no sentido de ser aberta, ter significados infinitos. Na escola, deveríamos trabalhar com modelos que são clássicos. Além do Brecht há uma infinidade de textos de literatura infantil. Esse material pode ser usado como gerador. O professor é o mediador que faz a ponte entre a obra de arte e o jogo teatral.

Rodolfo Ward: E a Luciana Tosta diz: Professora, qual a saída para aula de teatro para infância na escola? Quero dizer, com essa mudança pro virtual?

Ingrid Koudela: Então, eu tinha falado que vejo crianças num espaço aberto com o celular na mão e de repente elas começam a brincar com o celular corporalmente, isso é uma resposta muito importante, porque, na verdade, os professores da educação infantil já estão fazendo isso. Ainda que virtualmente, as crianças brincam. A criança na educação infantil brinca nos jogos de pular corda, bola, ciranda, jogos tradicionais. O principal é que a criança consegue participar do jogo simbólico com a imaginação. Você pode contar uma história e a criança cria um gesto, ritmo, uma fala para um personagem dessa história. Eu tenho um amigo

no Facebook que tem um boneco, o Nhô Lau. Todo dia ele coloca uma história, uma situação. Um dia o boneco resolveu comer toda a pizza que o seu dono encomendou. Quis gulosamente comer um pedaço maior que o dele. Ou o carro enguiçou... como é que nós vamos concertar? É brincar no virtual, jogar jogo.

Rodolfo Ward: Então, professora, o Hugo Rodrigues diz assim: Maravilha! A professora Ingrid Koudela é uma grande referência para nós que estudamos teatro: Curso de Licenciatura em Teatro na Universidade Regional do Cariri – URCA/Ceará.

Ingrid Koudela: Não é louco isso?! De repente eu saí do meu quarto e estou falando com o Cariri. E isso é muito importante, vencer distâncias.

Rodolfo Ward: Então, professora, eu te agradeço, um abraço professora, obrigado.

Ingrid Koudela: Um abraço a todos, aos que estão longe e aos que estão perto. Vamos nos encontrar mais, não nos percamos. Um abraço a todos!

Ingrid Koudella (Teatro/USP) – Escritora, tradutora, encenadora e professora universitária brasileira, uma das figuras centrais no estudo da pedagogia e didática do teatro. Doutora em Artes Cênicas pela USP e é professora associada aposentada pela mesma universidade. Também é tradutora de literatura alemã, com três indicações para o Prêmio Jabuti na categoria de Tradução.

INCERTEZAS DA DEMOCRACIA: O ESPAÇO DA LIVRE EXPRESSÃO E DAS ARTES

Elimar Nascimento

Rodolfo Ward: Boa noite, vamos começando aqui. Vou fazer a apresentação inicial do Projeto, depois a sua apresentação. Hoje, teremos a primeira edição voltando das férias e a décima primeira edição do projeto “Arte e Inovação em Tempos de Pandemia”. Esse projeto é um projeto de extensão aprovado em edital na Universidade de Brasília, e, devido ao rápido avanço da covid-19 em solo brasileiro, as pessoas ficaram mais em casa e, a partir disso, propomos a utilização da transdisciplinaridade do conhecimento para a produção de conteúdo audiovisual por meio de lives com pesquisadores, artistas, membros da comunidade tradicional e da cultura popular. Esse projeto busca gerar conhecimento transdisciplinar e disseminá-lo pela sociedade geral e assim promover democratização do conhecimento. Esse pensamento plural é incentivado e desenvolvido no âmbito da Media LAB/UnB, que integra a rede Media LAB/BR. Nessa edição, nós temos a participação do professor Dr. Elimar Nascimento, que vai tratar do tema “Incertezas da democracia: o espaço da livre expressão e das artes”. Uma breve biografia do professor Elimar: ele é da Universidade de Brasília, do Centro de Desenvolvimento Sustentável da universidade, é sociólogo e trabalhou na França, [em] Moçambique e [no] Uruguai. Fez a graduação na Universidade René Descartes, Paris V e pós-doutorado na Universidade de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris. Professor nas universida-

des Eduardo Mondle em Maputo, Moçambique, na federal da Paraíba, na federal de Pernambuco e na Universidade de Brasília desde 1987. Sua Jornada é longa: foi coordenador em sociologia rural na Paraíba, em sociologia na Universidade de Brasília, foi secretário de ciências e tecnologia do Distrito Federal e diretor do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília. É autor, dentre outros livros, do mais atual, “Um mundo de riscos e desafios”, de 2020. Passamos agora para a nossa conversa com o tema central. Professor Elimar, você quer tomar a palavra e começar?

Elimar Nascimento: Boa noite, Rodolfo, e a todas as pessoas presentes. Vou fazer uma breve exposição para depois começar a conversar entre nós. Será mais uma provocação do que uma palestra, dividida em três partes e baseadas no meu novo livro – Um mundo de riscos e desafios: conquistar a sustentabilidade, reinventar a democracia e eliminar a nova exclusão social – a que o Rodolfo se referiu. Ele é dividido em três partes: sustentabilidade, democracia e as inovações tecnológicas. Vou ressaltar apenas um ponto que vai ser o ponto de partida, os riscos, que serão complementados pelas incertezas para concluir os desafios.

Em relação à primeira parte (a parte dos riscos), o maior risco que o mundo vive hoje é proveniente da crise ecológica, a crise do meio ambiente que pode vir a provocar uma série de mazelas sobre a humanidade. É verdade que existe também riscos de pandemia, mas, no geral, elas estão relacionadas à invasão ou ao uso impropriedade e inconsequente da natureza. Há também o risco da bomba atômica, que hoje é mais afastado. Mas o risco da crise ecológica é o risco mais grave, constante e palpável, porque tem indícios diversos, particularmente dos eventos críticos climático, que significa não apenas temperaturas elevadas – e nesse século nós batemos o recorde em vários momentos no mundo –, como também temos situações de perda de temperatura em outros locais. Afinal, os eventos climáticos são erráticos. Em alguns lugares nós temos tempestades, noutros secas; os furacões tendem a aumentar e a criar situações mais precárias para a humanidade.

Eu abordo esse tema da crise ecológica de uma maneira inovadora. Ao invés de ficar falando do conceito, eu abordo a questão da sustentabilidade como um campo de luta. Sustentabilidade é o resultado da

relação de atores a favor ou contra a preservação da natureza. De um lado, temos atores que destroem, por exemplo, a Amazônia. Por enquanto, nós temos 34% do desmatamento maior do que no ano passado. O desmatamento da Amazônia, evidentemente, terá uma série de impactos, inclusive sobre nós que estamos no Centro-Oeste, porque grande parte das nossas chuvas provém dos rios voadores que nascem na Amazônia. Do ponto de vista geral, na medida em que temos o desaparecimento desses rios voadores, eles tendem a desaparecer, e a seca irá aumentar entre nós de uma maneira extraordinária. Esta é apenas uma das muitas mazelas dessa crise ecológica.

Eu considero que existe um campo de sustentabilidade entre atores que tentam resolver, digamos assim, essa questão. Nesse embate, temos três grandes respostas: a resposta daqueles que acham que é possível vencer a crise ecológica pelo desenvolvimento ecológico, por exemplo; existe uma série de economistas, tecnólogos, cientistas que julgam que é possível vencer a crise dessa forma. Por exemplo, acreditam que é possível enfrentar a escassez hídrica fazendo a dessalinização do oceano e, então, nós teremos água em abundância, afinal, esse é um planeta que deveria se chamar água, porque 74% dele é água e não terra. Os defensores dessa vertente acham que a tecnologia pode resolver o problema dos gases de efeito estufa. É uma crença que eles têm. Não existe ainda nenhuma comprovação, apenas iniciativas nesse campo. É uma aposta, uma aposta inclusive perigosa.

A segunda vertente é a do desenvolvimento sustentável. Seus defensores acreditam que é possível enfrentar o problema criando medidas de articulação entre os países. Essas iniciativas se iniciaram ainda em 1972, lançando-se a ideia do codesenvolvimento. Depois, no Rio, em 1992, esta ideia sob o nome de desenvolvimento sustentável consolidou-se. Basicamente, os seus defensores acreditam que é possível associar desenvolvimento econômico, entendido como crescimento, e preservação da natureza. Acordos internacionais climáticos e de respeito à biodiversidade foram, de fato, acordos muito interessantes. Ocorreu redução de usos de produtos naturais na produção de bens e, também, um esforço na descarbonização da economia, porém os resultados são muito precários, muito tímidos, digamos assim. As condições ambientais

têm, na verdade, piorado nesse meio século, e os cientistas, em geral, esperam que nesse próximo século nós tenhamos um aumento desses eventos com repercussões sobre a economia e a vida humana. Várias partes da Terra se tornarão inviáveis de se viver. Vamos conhecer um processo de migração muito grande, com caráter ecológico, e não simplesmente político, com tensões internacionais muito fortes. A ideia do desenvolvimento sustentável busca resolver tudo isso não apenas do ponto da tecnologia, mas também do mercado, da produção de bens e do consumo de bens. Muitas boas intenções, mas pouco resultados efetivos.

Uma terceira vertente, pouco falada, mas que está crescendo, é aquela do pós-desenvolvimentismo: são pessoas que acreditam que nós não podemos continuar a crescer da forma que nós fazemos, porque nós vivemos num espaço, num mundo finito. E o mundo finito não pode alimentar nossas necessidades sempre de uma maneira contínua e infinita e as necessidades humanas são muito grandes porque nós temos 800 milhões de pessoas que passam fome, cerca da metade da população que vive na pobreza e que demandam o consumo de bens modernos e essenciais, como habitação, transporte, e elementos modernos como eletrodomésticos etc. Então, há uma massa de gente pressionando o mercado com todo direito, com direito igual aos outros. Não há pessoas que nasceram com o direito de consumir e pessoas que nasceram sem este direito. Não existe isso. Somos todos iguais e todos temos direito de ter uma vida minimamente digna e estamos longe de viver assim. Temos dificuldade em permitir que as pessoas vivam uma vida minimamente digna nesse sistema de produção e consumo que nós temos. É preciso uma mudança radical de produção e consumo, para a gente poder permitir que todas as pessoas do planeta tenham uma vida com acesso mínimo aos produtos essenciais para a vida. Essa é a temática do campo da sustentabilidade, que é a primeira parte do livro, e que eu considero o maior risco, o mais importante que nós temos na vida.

Há também um risco muito grande nas inovações tecnológicas, que é um processo de aceleração muito grande que tende a modificar muito as nossas vidas. As maiores empresas do mundo nasceram há 30 anos, as grandes empresas dos anos 50, 60 eram empresas de petróleo, automóveis, empresas dessa natureza. Hoje, são empresas de comunicação,

tecnologia, como Amazon, Apple, Google, Microsoft, Ali Baba. Enfim, tanto do oriente quanto do ocidente. A Zoom, por exemplo, é uma das empresas que mais enriqueceu, o Henrique Owhan, que é o seu dono, era milionário e tornou-se bilionário na pandemia, porque de dois milhões de assinantes do Zoom no mundo, hoje ela já tem três milhões que utilizam esse meio de comunicação. E é um número crescente. Ele tornou-se um bilionário, porque as inovações são muito rápidas. Tanto os EUA quanto a China têm hoje uma corrida tecnológica importante entre eles. Essa questão vai mudar muito nossas vidas, poderá melhorar ou poderá não melhorar as nossas vidas. Ela tem repercussões tanto positivas quanto negativas, a tecnologia não traz só o bem, mas também não traz só o mal, nós temos essas duas faces. Esse é o espaço do livro referente aos riscos.

Em relação à incerteza, que é outra marca do mundo que nós vivemos, a incerteza provém da democracia. Se vocês consultarem os maiores jornais do Brasil como o Globo, Estado de São Paulo, Valor Econômico, Folha de São Paulo, ou os grandes jornais do mundo como New York Times, Le Monde, El País, vocês vão ver que é uma quantidade enorme de informações sobre os riscos e as incertezas que existem hoje sobre a democracia. Alguns deles citam o crescimento da extrema-direita, ou seja, daquelas forças políticas que não são simpáticas à democracia, embora cheguem ao poder por meio dela, e, chegando ao poder por meio da democracia, começam a cercear a liberdade de expressão, perseguir os opositores, ou seja, a romper com os elementos básicos da democracia que são três ou quatro essenciais para um país ser considerado democrático. O primeiro é haver eleições livres, competitivas e regulares. Em alguns países, isso não está acontecendo: ameaçam os partidos de esquerda para expeli-los da competição do poder no âmbito das eleições, como, por exemplo, Polônia, Hungria, Turquia etc. Um segundo passo para uma sociedade democrática é a livre expressão dos indivíduos, pois é preciso que as pessoas, oposições, os partidos diversos tenham a liberdade de poder exprimir suas opiniões, já que a democracia existe justamente para isso, para resolver os conflitos que existem na sociedade moderna. Não há sociedade humana sem diferenças e sem divergências, mas também convergências, não deixa de ter conflitos, todas as nossas

relações humanas têm a face dos conflitos e de regularização. A democracia existe para poder regularizar esses conflitos, ou seja, fazendo prevalecer a vontade da maioria, mas, ao mesmo tempo, o respeito da vontade da minoria, porque é preciso que exista uma alternância de poder, para que, amanhã ou depois, a minoria possa vir a ser governo como ocorreu no Brasil. Bolsonaro, que era oposição ao PT, à Dilma, hoje é governo. A alternância de poder marca a democracia. O terceiro é a independência dos poderes: nós temos a tendência, um pouco pela nossa história, de julgar que o governo é o Executivo. Não, o governo não é apenas o Executivo, ele inclui também o Legislativo e o Judiciário. São três poderes que têm atribuições diferentes, pois quem produz as leis é o Congresso, quem executa as políticas públicas é o Executivo, mas quem diz se as leis estão sendo respeitadas pelo Executivo é o Judiciário. O Judiciário tem esse papel. Na democracia é preciso respeitar o papel de cada um desses poderes, pois são elementos essenciais. Existe um quarto e último que, evidentemente, é um elemento social: a liberdade que as pessoas têm de ter acesso a informações do governo. Existe, inclusive no Brasil e em outros países democratas, uma legislação específica que me permite acessar informações do governo que interessam aos cidadãos e contribuintes do governo, aqueles que pagam os impostos. E todos nós pagamos imposto, direta ou indiretamente. O imposto não se reduz ao imposto de renda. Quem tem renda paga imposto e quem não tem renda paga imposto quando compra um pacote de arroz. Todos nós somos cidadãos, eleitores e contribuintes.

O crescimento das forças de extrema-direita é uma tendência fascista, pois eles querem uma democracia sem oposição. É um contrassenso, porque numa democracia tem que ter oposição. Tem crescido muito, nos últimos anos, a crise da democracia. Existe uma incerteza muito grande neste campo, mas os sinais empíricos mostram que o crescimento dessas forças políticas antidemocráticas é menor do que a gente imagina. Por exemplo, dentro da União Europeia existem 27 países, mas apenas seis países dos 27 têm força de extrema-direita no governo; dos 197 países do mundo, apenas 20 têm essas forças crescendo dentro dos países democráticos. Portanto, os dados empíricos não mostram essa crise da democracia. Existe uma incerteza sobre como a democracia vai se de-

envolver, e os últimos sinais são até desfavoráveis à extrema-esquerda. Por exemplo, na Polônia, o André Duda venceu as eleições com muita dificuldade, quase que perde. A extrema-direita na França com Le Pen perdeu fragorosamente as eleições municipais. A França tem 35 mil municipalidades (nós temos 3.655) e, dentre essas, apenas uma de expressão média foi ganha pelo grupo de Le Pen, foi a cidade de Perpignan. O grupo de extrema-direita da Itália, dirigida por Salvini, por exemplo, perdeu as eleições na região de Emília Renana e, com isso, ficou sem condições de ascender ao governo. Nos EUA, por exemplo, Trump, uma dessas expressões de extrema-direita, perdeu as eleições. Enfrentou mal a pandemia e os americanos perceberam que ele a minimizou, e isso gerou uma mortandade imensa nos americanos, que ficaram horrorizados com isso. Também com relação às manifestações antirracistas, houve um alto índice de repressão brutal sobre os manifestantes. E aqui, no Brasil, a força mais antidemocrática é a do bolsonarismo. Alguns, inclusive, pregam a volta da ditadura militar. No entanto, o bolsonarismo está perdendo apoio junto à população. Perde esta compensada por uma atitude populista, que foi também utilizada pelo PT, que é a distribuição de benefícios para os mais pobres, que faz com que a população fique em dívida e, conseqüentemente, vote por esses benefícios, o que é uma prática muito populista e que é muito comum. Claro que medidas são necessárias, trata-se de uma necessidade real em tempo de pandemia, afinal muitos estão perdendo seus empregos, suas rendas, fechando seu comércio. E todos têm o mínimo de direito de comer, sobreviver, enfrentar e se preparar para uma situação melhor

A democracia tem suas incertezas. Quem é democrata ama a incerteza, diz Adam Przewosky em um artigo publicado em 74. Porque apenas aqueles que gostam de certezas e acham que são donos da verdade é que são antidemocratas.

O último ponto é o desafio. Em situações de incertezas da democracia, a cultura e a arte vêm ocupar uma posição extraordinária como manifestações do espírito humano, democrático das pessoas, que é justamente demonstrar visões, manifestações, opiniões diferentes, porque a arte é uma das vertentes desse conhecimento. Todas as pessoas normalmente – e eu estou na academia e sou forçado a dizer isso – valo-

rizam muito a esfera da ciência, que, sem dúvida, é uma esfera muito importante, mas a esfera da ética, filosofia, espiritualidade e a da arte também são muito importantes.

A esfera da arte é uma esfera do conhecimento. Ela permite aos humanos conhecerem sobre a vida, quem é, onde está e com quem interage. De certa maneira, os artistas são descobridores de coisas que estão por vir, de percepções que estão nascendo, de gostos que estão brotando, de visões de mundo que as pessoas estão começando a ter. Muitas coisas são aceleradas pelas obras de arte, esculturas e música; formas extremamente ricas de manifestações e percepções que a ciência não tem. A ciência é incapaz de prever e intuir determinadas coisas que estão nascendo e que o artista, com sua sensibilidade, consegue fazer. O artista é uma espécie de profeta da Idade Moderna, aquele que consegue perceber coisas que vão surgindo e ganhando considerações fortes entre nós todos, e a arte e a cultura só podem se desenvolver dentro de um país democrático, onde haja liberdade das pessoas se expressarem livremente. É claro que essa liberdade tem limites: eu não posso ter o direito de me exprimir de qualquer forma, impedindo os outros de se exprimir. Eu não posso me exprimir simplesmente ofendendo as pessoas, maldizendo, sendo intolerante, ou querendo impedir que elas se expressem. A minha liberdade acaba quando começa a do outro. Eu tenho que ter o direito de me exprimir e o artista tem que ter essa liberdade de expressão, mas isso não significa que tem o direito de fazê-lo por meio de ofensa, de jeito nenhum. Então, ele tem que ter esse espaço, esse ambiente favorável de desenvolvimento da criatividade, sem o qual não há desenvolvimento da cultura e o espaço da criatividade é fundamental porque engloba a parte da arte, da cultura em geral e engloba parte da ciência. Por exemplo, na corrida tecnológica entre chineses e americanos, os chineses têm uma vantagem, eles têm um exército enorme de engenheiros e de empreendedores gladiadores, pessoas com gana vinte e quatro horas de ganhar dinheiro, que se dedicam extraordinariamente. Os chineses têm uma quantidade enorme de informações, mas não têm o ambiente e a criatividade que tem os EUA. Ou seja, na operacionalização os chineses tendem a vencer. Na criatividade, são os americanos, os ocidentais, que têm mais possibilidades de vencer.

Por exemplo, a criação do átomo da energia pela fusão tem muito mais chances de ocorrer em países ocidentais do que em países de autoritarismo, mesmo no caso da China que é um autoritarismo responsivo e que tem um projeto de nação muito grande, investe muito no combate à pobreza e no desenvolvimento econômico, na qualidade de vida dos habitantes como um todo, mas tem esse lado que impede um pouco a inovação. Então, os desafios grandes do mundo demandam criatividade dos artistas e cientistas. E termino por aqui. Estou à disposição para as questões do Rodolfo e de todas as pessoas.

Rodolfo Ward: É sempre bom a gente ter a visão de um analista, você traz os dois lados, a visão de um cientista político, uma fala fantástica, a gente agradece. Tem uma pergunta aqui do Lucas Monteiro, ele fala assim: “Os últimos dias Belarus foi um exemplo claro disso”. Teve também uma pergunta, enquanto você estava falando da política e de como Bolsonaro ofereceu um novo, que, na verdade, a gente está vendo que não é um novo, é o Rubio Dorneles de Besa, que diz assim: “A ‘Velha Política’ nunca cai de moda, apenas nos discursos de mudanças, quais mudanças e para quem?” E eu queria acrescentar algo nessa fala, concordando também com você, eu acho que existe uma grande deficiência que tem de ser trabalhada um pouco mais dentro das instituições. A UnB é uma universidade diferente porque ela foi pensada para ser transdisciplinar, inclusive eu, que sou do curso de Artes, curso disciplina na Sociologia, Antropologia e saio andando por aí, isso me acrescenta muito na minha construção como artista, porque não fico na coisa rasa de debates sobre uma máxima, então a transdisciplinaridade é interessante e trazer esse seu conhecimento pro campo da Arte torna a criação artística mais politizada e consistente. Só que dentro das instituições de ensino, a gente vê que elas são pautadas pela economia de mercado, né, que quer um cidadão super, hiper especializado, como diria o Boran, o que traz uma cegueira para outros campos. Eu não “tô” falando que a hiperespecialização é ruim, eu não quero que me entendam dessa forma, acho que você ser hiper especialista em algo que você queira, eu vejo que é importante, mas a partir desse momento você também esquece de outras coisas, outras disciplinas, então, assim, uma fala do Boran é da reforma das escolas,

ele fala assim: “Temos a necessidade de reformar rapidamente o modelo de instituições de ensino e escolas secundárias, por quê? Porque atualmente o conhecimento está desintegrado em fragmentos e juntos no interior das disciplinas que não estão interligadas entre si, entre as quais não existe diálogo”. E aí eu já acho que a arte é uma interseção entre todos esses campos, ela proporciona caminhos leves e poéticos para se viver a vida. Eu acho que a arte tem que ter esse papel e, na década de 70, um outro filósofo francês, o Eli Ota, ele estudou as nações desenvolvidas e como elas fomentavam a ciência e a tecnologia. E ele afirmou: “O poder legitima a ciência”, então eu vou citar aqui um caso e você me corrige se eu estiver errado. Temos um caso de política pública do PRONATEC, que foi aquele projeto de capacitar as pessoas, em que teve aquela fase do apagão da mão de obra no Brasil, só que teve uma grande falha nessa política pública, não sei se foi na gestão, na execução, mas eu acredito que tenha sido no planejamento. Eu vou falar do Tocantins, porque eu conheço Tocantins, colocaram lá e falaram “vamos colocar o pessoal para aprender química”, não perguntaram se a comunidade queria aquilo ou não, foi colocado para mover aquele mercado, então o poder legitima a ciência. Tem uma outra colocação, que é uma frase do Vilan Fruse: “a cultura moderna burguesa, fez uma separação brusca entre o mundo das Artes e o mundo da técnica e das máquinas, de modo que a cultura se dividiu em dois ramos estranhos entre si, por um lado, o ramo científico, qualificador duro e por outro lado o ramo estético, qualificador brando. Essa separação desastrosa começou a se tornar insustentável no século XIX”. Então eu acho bem interessante ter esse pensamento e a direita tenta atacar de diversas formas esse campo das artes, cultura e inovação. Eu penso que justamente por isso, porque se você cria novas realidade e você tenta fugir desse mecanismo que a gente está vivendo é danoso para essa extrema-direita. Então eu só trouxe essas colocações para gente discutir.

Elimar Nascimento: O meu papel é um pouco esse, Rodolfo, eu sou atraído para entender os comportamentos humanos e suas motivações. Já vivi muito, já passei dos 70, e sei que as certezas são muito infantis. Tive muitas certezas na minha vida e a maioria estava errada. Então, a gente aprende a saber que o mundo é muito incerto e você tem que

tentar descobrir. Isso é um desafio bem maior, porque a aceleração das mudanças é muito grande e muitas vezes não dá para perceber imediatamente. Por exemplo, a questão da autocratização ou da extrema-direita, eu não gosto muito da palavra extrema-direita, esquerda, não gosto muito. Os movimentos de autocracia começam nos anos 90 e os três sinais desse movimento ocorrem na Armênia, Bielorrússia e Rússia. Uma pessoa, inclusive, citou como país que persegue os opositores. A segunda coisa que eu queria comentar é que esse movimento de autocratização começa a se esboçar nos anos 90, mas ele ganha força em 2005, 2006, até lá desde a Segunda Guerra Mundial até hoje o que nós temos visto é uma expansão cada vez maior das democracias, inclusive com o fim da U.R.S.S, em 1989, que ampliou a democracia: também contribuiu para o fim das ditaduras na América Latina; o fim das ditaduras no sul da Europa – Grécia, Espanha e Portugal. Porém, a partir de 2005, esse movimento de expansão começou a perder força e o movimento de autocracia ganhou força, principalmente com a crise econômica de 2008/2009. O que tem de mais perigoso é que as forças antidemocráticas utilizam a democracia para depois recorrer contra a democracia. Primeiro, elas utilizam que a noção de inimigo, tanto da nação quanto da pátria. Em democracia não existe inimigo, inimigo é questão de guerra, nas democracias existem pessoas que pensam de um jeito e pessoas que pensam de outro, pessoas que estão no poder, mas que amanhã poderão deixar de estar no poder, e outras não oposição. Na democracia nós temos adversários. Portanto, a primeira característica autoritária destas forças extremistas é considerar o adversário como inimigo, e o inimigo deve ser destruído. Daí o uso da violência sobre a oposição. O segundo, é tentar desmoralizar e destruir os Poderes Constituintes, exceto o Executivo, onde a força extremista está exercendo o poder. Começam a querer destruir o Poder Judiciário, dizendo, inclusive, que eles estão tirando a liberdade dos indivíduos. Ora, o Judiciário não é o único Poder, é um dos Poderes, tem que existir Congresso. Todos os Poderes. O Congresso é malvisto no Brasil? É. Mas é melhor com ele do que sem ele e somos nós que os elegemos, eles não caem do céu, nem vem de um país estrangeiro. Somos nós, eleitores, que temos que mudar essa cultura política para eleger pessoas com mais capacidade.

E por que nós não mudamos? Em grande parte, nós deveríamos ter um projeto de educação de qualidade para todos os brasileiros, a elite, que é extremamente perversa, não tem um projeto nacional para a educação. Ao contrário dos chineses que são autocratas, mas têm um projeto nacional, a nossa elite é cada um por si e Deus por ninguém, não é Deus acima de tudo, é eu acima de tudo e cada um tentando puxar para si. Por isso não se investe na educação? Porque um povo mais educado, mais instruído, informado, tenderá a expulsar esse tipo de pessoa da política. Não é que essas pessoas não vão errar, elas vão errar, mas dentro do espírito democrático. A democracia permite que nós erremos e consertemos o nosso erro. Agora mesmo o orçamento da nação cortou 18% da verba de educação, nós estamos entrando numa sociedade de conhecimento, mas o que vai decidir o futuro não é a soja, é a tecnologia e a tecnologia implica ter educação de qualidade e investimentos para pesquisa, e nós não conseguimos fazer isso. Esse governo repete o que outros fizeram. Alguém disse que se fala muito em nova política, mas se pratica a velha política, e é verdade. Esse governo começou dizendo que não fazia negociações com partidos políticos e está começando a fazer. Quem é que está entrando no governo? O Centrão. E com uma única razão: impedir o impeachment e assegurar a reeleição. Os presidentes brasileiros chegam ao poder pensando na reeleição. Hoje eu vejo que a reeleição não é uma boa coisa, nós devíamos ter um governo um pouquinho mais longo, de cinco anos, mas sem reeleição, porque, no segundo ano, o Presidente está pensando em ser reeleito, como agora, como foi antes. Temos que entender um pouquinho mais o mecanismo político e nos juntarmos para mudá-lo gradativamente. Somos nós que temos que mudar, não é ninguém. O governo que nós temos fomos nós que elegemos. Agora, só para terminar: O casamento da tecnologia com a arte, um exemplo simples, sem tecnologia não tinha cinema. Pronto, mais nada.

Rodolfo Ward: A Lecivania Rodrigues disse assim: “Notamos um retrocesso no campo político, nem só no Brasil, será que podemos ter esperança de melhoras?”

Elimar Nascimento: De certa maneira, já respondi a Lecivania. Desde a Segunda Guerra Mundial, o mundo conheceu uma expansão de

democracia a partir de 2005, naquele momento estagnou, e forças antidemocráticas começaram a crescer, e a gente ficou muito apavorado com isso. No entanto, esse crescimento das forças antidemocráticas é menor do que a gente imagina. A pandemia fez com que o Le Pen perdesse na França, fez com que o Trump perdesse, fez com que o Duda quase não vencesse na Polônia, e está desgastando o governo Bolsonaro. Ainda persistem os riscos, mas a batalha está longe de ser perdida, ao contrário, estamos começando a reverter a tendência.

Rodolfo Ward: O Lucas Monteiro fala assim: “Boa noite, professor! Como o senhor enxerga as manifestações artísticas atuais que confrontam os governos em outros países da América Latina que também passaram pelo processo de uma ditadura militar?”

Elimar Nascimento: Veja, uma das funções da arte é justamente fazer a crítica. Veja, arte é falar o novo e, ao mesmo tempo, revelar, mostrar o erro do governante, por exemplo, imagine a gente viver sem humor, sem fazer piada com político, a gente morre de tristeza, então a arte tem essa função, não é a única, e o governante que é inteligente percebe na arte uma crítica que pode melhorar a sua política, melhorar sua imagem e ganhar mais eleitores. O despótico vai perseguir, mas o democrático não vai perseguir, ele vai perceber, pode até discordar, mas se aquilo está se manifestando é porque sua política tem algum erro.

Rodolfo Ward: Eu comecei a ler um texto interessante sobre como a extrema direita tem utilizado, por exemplo, os memes. Por exemplo, o caso do Ministro da Educação que utilizou o personagem Cebolinha, característico por trocar o R pelo L, para ofender a China. É intencional e logo após eles pedem desculpas. É uma jogada política para criar caos e mexer com imaginário dos seus eleitores e seguidores. Mas é só para fazer um adendo a sua fala. Tem outra questão, professor, disciplinas consideradas não importantes estão sendo retiradas do currículo da educação básica, tais como: Educação Física, Arte, Filosofia. Em sua opinião, quais os riscos dessa tendência?

Elimar Nascimento: Primeiro, essa tendência é muito ruim, muito pobre, porque as coisas mais importantes que as crianças e [os] jovens têm que aprender na escola são linguagens, porque o conteúdo está no Google. Quando vou perguntar alguma coisa de TI para meu neto, ele

diz: “Vovô, já olhou no Google?”, porque está lá a resposta. Então, eu tenho que ter linguagens, primeiro a linguagem do meu país, a língua da minha nacionalidade, que é o português, eu tenho que saber falar, escrever e ler. Isso é fundamental que a escola ensine. Segundo, existe uma língua internacional, inclusive da ciência, que é o inglês. É claro que se eu aprender para além dela, por exemplo, o chinês ou o árabe, é excelente, e o castelhano que está aqui do nosso lado, são línguas essenciais. Em terceiro lugar, eu tenho que aprender a linguagem do corpo que é a Educação Física, todos nós vivemos dentro de um corpo e precisamos conhecê-lo e deixá-lo bem e, se eu não faço nenhum exercício, evidentemente que a probabilidade de adquirir alguma doença é real, estou me arriscando. É preciso aprender a linguagem da lógica, que é a matemática, ainda mais agora nesse momento que tudo vai passar por algoritmos. E, finalmente, mas não menos importante, é a linguagem da criatividade. Esta é uma sociedade do conhecimento, significa da criatividade. Por que o dono da Zoom ficou bilionário? Porque ele foi criativo, ele foi um chinês que tentou entrar oito vezes nos EUA e na nona conseguiu, porque ele queria trabalhar no Vale do Silício onde estava a inteligência e a criatividade, então é uma pessoa persistente. Na empresa onde ele estava, ele fez a proposta do Zoom e a empresa disse que não tinha chance porque já tem muitos concorrentes. Ele saiu da empresa, e com ajuda de amigos e parentes, e esforço próprio, vendeu o carro, tudo o que podia, e montou a empresa dele. A empresa foi crescendo, e, aí, ele foi descobrindo qual a diferença da empresa dele: a linguagem que ele tinha era muito mais fácil, que é o que nós estamos usando. O Zoom, tem riscos? Tem, e aí ele foi tentando corrigir os riscos que iam surgindo e passou de dois milhões de pessoas para 300 milhões de clientes e virou bilionário com criatividade. Os coreanos começaram a percorrer o mundo inteiro para estudar o sistema escolar mais criativo, porque eles tinham um sistema escolar muito bom, mas não era criativo e eles sabiam e sabem que a criatividade é essencial, e a criatividade está aí, a ciência, o que é a ciência? Os cientistas são criativos, o que é a ciência? É a brincadeira de lego dos adultos, você monta um castelinho o cara vai lá e derruba. A finalidade da crítica científica é essa, dizer o que está bem, o que é bom cientificamente. Afinal, como dizia Popper sobre

a ciência: aquilo que não é falseável, não é científico. A ciência não é o espaço da verdade, é o espaço da veracidade e o experimento da ciência é a demonstração. Há algumas centenas de anos, a verdade era que o sol girava em torno da Terra, de todos os astros. E o que aconteceu? Mostrou-se que é falsa. É claro que tem aqueles terraplanistas, sempre existiram no mundo, não vou chamá-los de idiotas para não ofender.

Rodolfo Ward: O pessoal gostou dessa fala (risos). Uliana Duarte diz assim: “Me interessou o trecho da sua fala que considera o artista como descobridor de coisas que estão por vir. Gostaria de saber se pode citar algum exemplo recente de arte no Brasil que ilustre esse pensamento.”

Elimar Nascimento: Bom, no Brasil eu não sou muito conhecedor de arte, quem é conhecedora de arte é minha mulher, que é uma artista, eu leio algumas coisas e aprendo com ela, vou dar um exemplo não do Brasil, mas do mundo. A segunda fase de internacionalização da economia ocorre entre o final do século XIX e o início do século XX. Como é que isso se expressa na arte pictórica, ou seja, nas pinturas? Ela se expressa na ruptura do figuracionismo, a pintura deixa de estar presa à representação quase que a retratar pessoas e coisas, como era na Idade Média até o renascimento, e passa a predominar as linhas, volumes e cores, próprias da arte moderna. Por que? A figura é sempre um desenho particular, eu faço um desenho de um homem em cima da jangada e isso me diz alguma coisa porque eu sou nordestino, mas para alguém que não é, diz pouco. Então, a linguagem universal, não é da figura, é das cores, massas, volumes, linhas, a pintura deixa de ser figuracionista e passa a ter essa veste nova. Hoje, a globalização e a inovação tecnológica se aceleraram de tal maneira que as pessoas começaram a ter medo, insegurança e o figuracionismo começa a voltar. Veja os regionalismos das línguas locais, como o catalão de Barcelona. O figuracionismo começa a voltar porque as pessoas precisam de mais segurança, precisam de âncora para se segurarem nessa tempestade de insegurança que deixa todos ansiosos, depressivos. A depressão e a ansiedade são coisas modernas no seu crescimento, dentre outras. Então, a pintura vai dizendo, antecipando, mostrando coisas que estão surgindo, mesmo que o artista não perceba. Não importa. Uma vez, um autor de quem li o livro, e fiz uma resenha e ele gostou, me telefonou. Disse-lhe: “Não sei como se

passa, mas eu acho interessante os movimentos. Como você concebe isso”? Ele disse: “Eu não concebo, quando eu começo a escrever esqueço de mim, tenho a impressão de que é outra pessoa que escreve, não sou eu que escrevo, então várias coisas que vocês veem nos meus livros eu não tinha percebido”. O artista é um ser especial. Música, como alguém consegue construir uma música? A música é uma coisa abstrata, antes de começar a conversar com vocês eu ouvi Bob Dylan e terminei com Beatles, é uma coisa maravilhosa, uma coisa deslumbrante, ao ponto que mandei para uns amigos, e disse: “No domingo à tarde, quando for bater aquela fossa, escuta isso” (risos). É uma coisa que eu não sei explicar. Eu sou de uma família de artistas, minha mulher é pintora, meu é filho cineasta, o outro é músico, eu sou o único incapaz, que não tem muita arte (risos). Verdade que fiz teatro, mas não pude avançar, mas até que tinha potencial porque fui eleito ator revelação na minha cidade, Recife. Mas abandonei e fui para política, fui lutar contra a ditadura. Não me arrependo, às vezes eu fico pensando: “Porque não voltei ao teatro, caiu a ditadura, eu podia voltar ao teatro” (risos).

Rodolfo Ward: A Bruna Monteiro de Oliveira diz assim: “Um retrato do que estamos passando agora”. O Rubio Dornelas de Besa diz assim: “A crise da educação no Brasil não é uma crise; é um projeto” (Darcy Ribeiro). Eu acho que ele está fazendo uma crítica ao projeto de Darcy Ribeiro, projeto de educação.

Elimar Nascimento: O importante não é projeto A, B ou C, o importante é a gente se convencer, o ex-senador Cristovam Buarque defendia isso muito: é preciso dar a cada criança brasileira o direito de frequentar uma escola de qualidade, o Brasil será melhor no dia que os filhos de ricos e pobres frequentarem a mesma escola, como acontece na França. O senador usava muito essa declaração que lhe veio do jogador Ray, que foi para o PSG. Ele disse que levou uma senhora como empregada doméstica que tinha um filho com idade próxima à idade do seu filho e os dois foram para mesma escola. Não tinha uma escola para um e uma escola para outro. No dia em que isso acontecer nós teremos um país diferente.

Rodolfo Ward: Essencial essa fala. Patrícia Marque diz: “Arte e inovação são essenciais para conceber novas tecnologias neste momento

de pandemia. A tecnologia atual do mundo se mostrou ineficaz nesta busca pela vacina do coronavírus?”

Elimar Nascimento: Apesar de várias pessoas falarem que a pandemia era possível, veja, o Edgar Moran falou sobre isso, Obama falou sobre isso, eu, no meu livro, página 77, eu falo da pandemia. Capítulo que escrevi em outubro de 2019 e a pandemia apareceu em dezembro, ou seja, a pandemia estava no ar, mas nenhum governo tomou conta disso e, como se diz no popular, “fomos pegos de calças curtas”. Mas o que é ao mesmo tempo interessante é a irresponsabilidade dos humanos e sua capacidade. Há pouco, li que nós tínhamos 133 laboratórios trabalhando na vacina e remédios que devem resolver a pandemia, e 6 laboratórios já estão em testes avançados. Os russos, inclusive, prometem ter uma vacina em outubro, mas ninguém sabe, porque, como a Rússia é um país autocrático e não democrático, a gente não tem certeza se as informações são fiáveis, mas eles falam isso. Entre os chineses, britânicos, americanos, tem mais de 40 laboratórios trabalhando nos EUA, cerca de 20 na China e se espalham pelo mundo inteiro. A capacidade, a velocidade em que estão trabalhando, a troca de informações, é uma coisa fantástica. Não só a tecnologia permite que nós estejamos conversando, há quinze anos não poderíamos fazer o que estamos fazendo, mas essa troca de informações faz com que a gente acelere a troca de conhecimento para poder criar coisas novas. Enfim, de um lado tem a irresponsabilidade e, do outro, a capacidade de mobilização. Todo mundo sabe que essa não é a primeira nem [será] a última pandemia, mas de onde pode vir a próxima? Pode vir, por exemplo, da Amazônia, que está sendo destruída, porque a natureza é uma caixa secreta e que, ao abri-la, você pode ter uma surpresa boa ou ruim. Veja o aquecimento global que está causando o degelo. As pessoas não raciocinam que o polo é um museu e lá está guardada toda a história da vida do planeta está lá, e, na medida em que isso acontece, vírus que não existiam mais, vírus que percorrem a humanidade há 400, 500, 1000 anos, porque são muitos, comecem a circular, podem ser libertados e você ter uma pandemia inesperada. O vírus da febre espanhola, que nunca foi espanhola, ela tem origem nos Estados Unidos, ela pode vir de novo, agora claro que nós já temos várias possibilidades de resposta graças à inovação tecnológica. A febre

amarela matou cerca de 15 a 20 milhões de pessoas, isso no século XX, há um século quando nós éramos três, ou quatro vezes menos. É como se hoje morressem 500 milhões de pessoas, nós estamos assustados porque tem um milhão de pessoas morrendo, imagina se nós não tivéssemos o conhecimento, o desenvolvimento tecnológico que a gente tem, o que é o isolamento social? É o primeiro elemento emergencial que se tem que tomar, isso todos os especialistas em pandemia dizem, em seguida, você vai flexibilizando o isolamento na medida das informações que você tem sobre o coronavírus. São coisas simples, mas, muitas vezes, as pessoas não acham que são, por exemplo, a cloroquina tem gente que diz que é bom, outros que não é bom, mas a gente não sabe. Eu, que não sou médico, não digo nada, eu só repito o que as revistas científicas dizem e sigo as orientações do meu médico. Por vezes a questão é de bom senso. A visão que o Edgar Moran nos ensina é essencial, não existe só coisa ruim, ou boa, as coisas são boas e ruins, e a gente tem que ir tocando num e noutro.

Rodolfo Ward: Tem mais uma pergunta aqui. O Rubio traz mais uma vez uma questão política, ele diz assim: “Reeleições são herança de FHC, que queria mandato de 5 anos e não conseguiu, criou este instituto da reeleição, herança maldita, dentre outras.”

Elimar Nascimento: Ele tem razão, eu inclusive achei muito ruim quando ele inventou a questão da reeleição, na época até escrevi alguma coisa, dizendo que se houver reeleição, não pode valer para o presidente atual, porque ele está legislando em benefício próprio e, de fato, ele tem razão, é uma coisa muito ruim entre nós.

Rodolfo Ward: Ele tem uma outra questão assim, onde ele fala: “Ministério da Justiça/Presidência produzindo dossiê contra os antifascistas, exercício que assume sua vertente contra a democracia de forma escancarada.”

Elimar Nascimento: É mais uma constatação do que eu falei, o novo populismo autocrático. O que é a autocracia? É um sistema político onde um homem tem todo o poder e representa o povo. Isso é uma ilusão, evidentemente, nenhum homem representa a vontade de todo o povo. O presidente Bolsonaro teve a maioria dos votos, mas não teve a maioria das pessoas, porque, se você contar, ele teve 51, 52 ou 54% dos

votos, eu não me lembro bem, mas se você for contar, isso representa cerca de 38% dos cidadãos, porque eu tenho que contar que tem eleitor que não votou, que votou nulo, branco, como uma forma de protestar. E, então, ele recebeu 38%. E que o elegeu. Só que não é o mesmo público, ele perdeu um grande público, especialmente os mais escolarizados e ganhou um público mais empobrecido no Nordeste com a mesma política que o Lula usou. O Lula ampliou a renda por meio do Bolsa Família. E ele está agora com a história do Renda Brasil, que rende voto, mas não necessariamente rende a vitória nas eleições. Mas essa ação típica de quem quer acabar com a democracia, usando das regras da própria democracia. Eliminar os opositores, exterminar os opositores. Eu tenho um colega que não faz mais live para falar mal dos opositores, porque amanhã, se a democracia morrer, o governo vai prendê-lo, persegui-lo, matá-lo. Eu não posso ter medo, se eu tivesse medo eu não teria a vida, o pensamento que eu tenho hoje, porque eu não teria enfrentado a ditadura, o exílio, a prisão da minha mulher, a morte dos meus colegas, e não é com 73 anos que eu vou recuar, mas eu não vou xingar porque eu acho que isso não é necessário, tem que se discutir com ideias, motivações. Claro que, quando tem uma coisa errada tem que ser apontada, não posso aparelhar o Estado como se fosse coisa minha, entendeu? O Estado é público, é do povo brasileiro e quem está no poder é mandatário por um determinado tempo, depois disso ele vai embora, ele não encarna o poder, ele está no poder e amanhã pode não estar mais, nem ser reeleito em 22 nem ser eleito na outra eleição. O poder é um lugar, o poder tornou-se impessoal, não está nas mãos de uma família ou [de] uma pessoa, como era no tempo de Luiz XV.

Rodolfo Ward: A Juliana Passos diz: “Educação do sensível, dos sentidos e da sensibilidade... formação integral do indivíduo, inteligências múltiplas, as artes são imprescindíveis na educação básica”. A Juliana Passos é professora do Instituto Federal de Brasília, é coordenadora do curso de dança. O Lucas Monteiro diz: “Finlândia foi um exemplo desse fenômeno, todas as escolas são públicas e de qualidade”. O Rubio diz: Não é crítica ao Darcy, ele faz essa crítica em relação às elites.”

Elimar Nascimento: O Darcy não tem um projeto ruim para os pobres, acho que estamos fazendo um pouquinho de confusão. Esse antropólogo,

político e criador da UnB, da nossa universidade, não tinha um projeto de fazer escola ruim para os pobres, ao contrário, tinha um projeto de fazer escola boa para todos, inclusive para os pobres.

Rodolfo Ward: A própria UnB é um projeto, assim, com uma proposta transdisciplinar para que realmente se possa melhorar a universidade; é porque está todo mundo falando de Darcy e talvez tenha tido um tipo de desentendimento aqui. Então, o Badu fala assim: “Arte em tempos de crise sempre impactante, como guerras, ditaduras por exemplo, ou no século XIX com tantas reviravoltas políticas e sociais. Podemos esperar novas perspectivas assim nos próximos anos?”

Elimar Nascimento: A arte, em geral, quando é perseguida, torna-se mais viva. Ela tem o poder de resiliência, um poder de, sendo atacada, se recompor, eu diria até que ela é mais que resiliente. Nassim Talebet, que é um escritor norte-americano de origem libanesa, escreveu um livro chamado *Antifrágil*, e ele diz que antifrágil é quando se é mais que resiliente, a resiliência implica que um organismo, é da natureza do ser humano, ao sofrer um ataque, um trauma, ao sofrer um ataque ele é capaz de se recompor ao nível que estava anteriormente. E ele diz: “mas as coisas que são antifrágeis se recompõem a um nível superior”. O exemplo mais simples que eu conheço é o exercício físico, quando você faz o exercício físico, as fibras, [os] músculos rompem e se reconstróem de uma maneira mais forte e aí vai ficando musculoso porque vai ganhando força, volume, se recompõe num nível superior do que era anteriormente. E a arte é um pouco antifrágil, por mais que ela seja perseguida, ela consegue dar a volta por cima e se manifestar de maneira brilhante.

Rodolfo Ward: Eu acho que não tem mais perguntas agora, professor, se você quiser usar a palavra e fazer uma finalização da sua fala...

Elimar Nascimento: Eu só quero agradecer as pessoas que dispuseram seu tempo para virem ouvir a gente, para mim é muito salutar, porque é assim que eu consigo desenvolver e executar o meu pensamento. Boa noite.

Rodolfo Ward: Eu te agradeço, é muito bom te escutar, você é um cientista político imparcial, analista, que faz uma discussão que realmente se precisa fazer, então eu te agradeço.

Elimar Nascimento (CDS/UnB) – Sociólogo e trabalhou na França, em Moçambique, no Equador, no Uruguai. Doutorado na Universidade René Descartes, Paris V e pós-doutorado na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, Paris. Professor nas Universidades Eduardo Mondlane, em Maputo/Moçambique; Federal da Paraíba; Federal de Pernambuco e UnB, desde, 1987.

Foi coordenador da pós-graduação em sociologia rural/UFPB (1980/1981) e em sociologia/UnB (1990/1991); secretário de Ciência e Tecnologia do DF (1996/1997) e diretor do CDS/UnB (2007/2011). Autor do livro – Um Mundo de riscos e desafios. Brasília: FAP, 2020.

POESIA E ISOLAMENTO: NINGUÉM ESTÁ SÓ, QUANDO SE RECONHECE

Francisco Perna Filho

Rodolfo Ward: Estamos começando mais uma edição, a décima, do Projeto Arte e Inovação em Tempos de Pandemia, e hoje está aqui conosco o professor doutor Francisco Perna Filho (Chico perna). Chico (vou chamá-lo assim, considerando a nossa amizade), a gente sabe que você é da área de Letras e que tem um grande conhecimento sobre Literatura: poesia, conto; que tem mestrado e doutorado nessa área, com inúmeras publicações, até participa de uma das minhas publicações. É doutor e mestre pela Universidade Federal de Goiás. Para começarmos, eu queria fazer uma pergunta sobre o título da temática proposta por você – para o nosso debate de hoje – quando a gente conversou. Você falou queria debater aqui hoje. O que quer dizer “Ninguém está só quando se reconhece?”

Francisco Perna (Chico Perna): Boa noite a todos(as)! Eu queria agradecer imensamente a todos(as) que estão aqui. Dizer que a tecnologia é o grande barato dessa história toda, considerando que as distâncias foram eliminadas. Em vez de nos limitarmos a um espaço único, ganha-se muito com a tecnologia, que nos permite eliminar as distâncias e possibilita que a comunicação se dê entre várias pessoas ao mesmo tempo, como esta experiência, agora: estou aqui em Goiânia e você aí em Brasília, e isso me alegra muito! O título, por mim proposto, vem bem a calhar, pelo momento que estamos vivendo, pois traz uma reflexão sobre o quanto nós somos importantes, desde que tenhamos a capacidade, a condição primeira, de

nos voltarmos para nós mesmos como ser, pessoa, artista, como profissional, em cada área do conhecimento, no momento em que fomos tomados, arrastados por essa pandemia, que nos trouxe muita dor, desolação, afastamento. Considerando todos esses aspectos, o fato de nos voltarmos para nós mesmos, nos reconhecermos como pessoa, é algo bastante positivo. Não podemos nos esquecer que somos seres históricos, estamos no mundo, fazemos parte dele, e, muitas vezes, nos esquecemos de nós mesmos, de quem somos; arrebatados que estamos pela sobrevivência, terminamos nos esquecendo de alguns pontos que são basilares, que são material de existência, sobrevivência. Nos esquecendo das nossas origens, famílias, daquilo que gostamos, isso vai sendo atropelado pelo que é mais premente na sobrevivência, aí eu digo “nós” ao me colocar como poeta, escritor, professor. Às vezes, há uma preocupação em atender a um outro lado, o mercado, a condição do outro, e terminamos por nos perdermos, porque o primeiro ponto para essa descoberta é valorizarmos o que somos, o espaço em que estamos, valorizar as nossas origens, o lugar de onde viemos, e tudo isso nos dá a potencialidade de sermos de fato, nos redescobrirmos como pessoas capazes, dentro daquilo que fazemos, por isso a consciência de que, quando descobrirmos o que somos, nunca estaremos sós.

Rodolfo Ward: Foi fantástico esse tema, tem tudo a ver com o que a gente está vivendo, porque, quando chegou essa pandemia, as pessoas deixaram de ser o ser social e encarar quem são elas mesmas, as pessoas não estavam preparadas para isso. O Adorno (Theodor W. Adorno) traz essa pegada de como lidar com as imagens que o sistema da propaganda, por exemplo, emprega no nosso dia a dia. Mas voltando para o o nosso debate, Chico, você que está há muito tempo na caminhada da poesia, fale para gente, para que serve a poesia?

Francisco Perna (Chico Perna): Boa pergunta. Eu acho que a poesia, como toda arte, serve para nos tirar da estupidez, para nos levar à reflexão, matéria de sobrevivência. Não pudemos viver somente da dureza daquilo que nos acostumamos a chamar de real, boa parte do nosso dia, fabulamos, como bem nos fala Antonio Candido (Sociólogo e Crítico Literário, Professor Aposentado da USP, já falecido). Se não fabulássemos, a vida seria estagnante, então a Arte vem justamente para transformar, para fazer o homem se encontrar consigo mesmo, para nos dar a dimensão

do humano, independentemente da modalidade, se artes plásticas, teatro, literatura, o que importa é que ela, a arte, é de fundamental importância, mas, infelizmente, nem todos têm o poder da fruição estética, por não ter mesmo acesso aos bens culturais, e, agora, nós estamos vivendo um tempo, principalmente aqui no nosso país, de total negação, de execração dos artistas, dos professores, da ciência, são muitos os absurdos, principalmente nestes últimos dois anos. Como se não bastasse tamanha desconstrução, vieram com a ideia de “taxar livros, em 12%,” o que é um absurdo, taxar algo que é fundamental para formação, crescimento. Aqui falamos não somente de livros de arte, seriam todos os livros. Então, caro Ward, voltemos a falar da importância da arte, principalmente da literatura, que nos ajuda a sair da inércia de seres conduzidos e nos cria possibilidades críticas e de reflexão, de cidadania. A arte, sem sombra de dúvidas, contribui para humanização do indivíduo. Veja bem, quando a gente passa por momentos como o que estamos vivendo, dá um dó danado ver tantos absurdos, repito, em pleno século XXI. A Arte foi relegada a segundo plano. Falo mais particularmente da poesia, como poeta que sou, da literatura que não é muito valorizada neste nosso país. Não vou falar das artes plásticas, que são mais valorizadas, enfeitam uma casa, uma sala, têm valor no mercado. Mas nem tudo está perdido, pelo menos no campo das inovações tecnológicas, temos um certo alento, é o que está nos salvando agora, como os recursos advindos da Internet, capazes de proporcionar, ainda que precariamente (temos problemas sérios de acesso à Internet, democratização digital), divertimento, como a leitura digital, que pode ser feita de várias maneiras. Existe muito material disponível, textos jornalísticos; tem de tudo, mas que, se bem direcionado, pode fazer a diferença. Esse é um ponto positivo. A superficialidade das redes sociais, a concorrência dos meios de comunicação termina por rivalizar com a poesia, literatura; os livros ficaram em segundo plano, principalmente com um governo que não lê e que desvaloriza tudo isso. É aí que a Arte entra, principalmente agora, neste momento que estamos vivendo o isolamento social, cumprindo uma quarentena, em casa, com a nossa família, tomados de medo, muitas vezes a arte, é ela que nos salva: num filme que a gente vê, num poema que a gente declama, são nesses momentos que nos redescobrimos, quando ampliamos a voz do outro, na perspectiva

de comunhão, de reunião, de usufruir, de fazer fluir todo os nossos sentimentos por meio da arte que se nos apresenta. A Arte nos liberta, nos leva à reflexão, nos emancipa. Estou sendo repetitivo, tenho consciência, mas é uma repetição proposital, para deixar bem claro a importância que dou a ela e a importância que ela tem para muitos de nós, foi por isso que aceitei o debate, participar deste momento aqui, hoje. Caro Ward, neste momento de pandemia, tirando as aulas remotas que a gente fez com os alunos, aqui em Goiânia, no curso de Direito, e as reuniões de família, é na arte que nos refugiamos. Este momento é muito importante porque é o momento que a gente tem para falar da gente, para refletir, se expressar por meio da música, da literatura, do cinema, do teatro. Cada um com aquilo que tem acesso. A pessoa não pode morrer à mingua porque não pode se expressar, a expressão é algo muito caro a todos nós e cada um se expressa à sua maneira. Este país precisa incentivar a leitura, a arte, as pessoas precisam ter acesso aos bens culturais, pois só assim poderão fazer escolhas.

Rodolfo Ward – Então, eu ia te perguntar quais são os poetas em que você se referencia e pedir para você recitar uma poesia para nós.

Francisco Perna (Chico Perna): São grandes da literatura universal, são vários poetas, contistas, romancistas. É muito interessante que se diga: quando a gente fala de poesia nós não estamos falando de poema, da forma, estamos, sim, dizendo que a poesia é essência, pode estar no poema, no romance, no conto, no teatro. Isso mostra que não é a forma poética que faz com que uma composição seja poética, tenha valor estético. Existe muito poema que não contém poesia. Como dizia Ezra Pound (poeta e crítico literário americano) “Literatura é linguagem carregada de significado”, e vai além “A grande literatura é linguagem carregada de significado até o último grau”, portanto, poesia para se estabelecer independe do aspecto formal, se em prosa ou verso. Em 2005, participei com um poema numa antologia de poesia de UBE-GO (União Brasileira de Escritores em Goiás), com o poema “Estado”, fruto de uma experiência pessoal, que relato a seguir: um certo dia, acordei de madrugada (eu gosto de acordar bem cedo) para escrever, mas antes das primeiras palavras, fui fazer o café, quando me peguei refletindo sobre a poesia. Eu percebi que a água que estava fervendo na chaleira tomava forma do recipiente, da vasilha, na qual estava colocada,

quando falei para mim mesmo: poxa! Está aqui a teoria da poesia. Peguei a caneta e o papel e compus este poema “Estado”:

Embora presa,
a água borbulha solta na chaleira
efervescente.
É de fora
a sua natureza líquida.
Não a fôrma que a aprisione,
não a temperatura que a molde.

Embora verso,
embora prosa,
A poesia sabe-se leve,
sabe-se solta.
Amorfa,
não se prende ao vocábulo.

Falar sobre arte, sobre Literatura: prosa, poesia, é, para mim, libertador. Para ampliar ilustrar bem o tema “nós nunca estamos só, quando nós nos reconhecemos” sobre o qual discorreremos – esta noite – quero declamar o poema chamado “isso e aquilo”, do poeta maranhense Ferreira Gullar. Todos nós precisamos nos reconhecer, saber que antes do mercado, de qualquer outra possibilidade, nós temos uma família, uma cultura, uma vida. Ferreira Gullar diz assim:

Você é
seu corpo
sua voz seu osso

você é seu cheiro
e o cheiro do outro

o prazer do beijo
você é seu gozo

o que vai morrer
quando o corpo morra
mas também aquela
alegria (verso
melodia)
que intangível, adeja
acima
do que a morte beija.

E é interessante tudo isso, inclusive, eu cunhei esta máxima: “quando eu me contenho, me tenho, quando me solto, sou óbvio”, isso que eu pensei há muito tempo. É a questão de conhecer-se, de reconhecer-se. O que eu disse nessa frase, que chamei de “máxima” casa bem com o momento atual, pelo menos para nós aqui em casa, já gostamos muito de sair, de ir a bares e restaurantes, somos muito alegres, mas tivemos de nos fechar, claro que e a gente sente muito, porque você não tem o contato com o outro, não pode abraçar, visitar parentes, é tudo muito para si, então quando eu me contenho, eu me volto para mim mesmo, para minha alma, espírito.

Rodolfo Ward: E como faço para ser um poeta, eu sou das Artes Visuais, o que eu poderia fazer para migrar para poesia? E quando você trouxe essa proposta para esta live eu me inspirei. Eu não tenho nada de poeta, de poesia, mas arrisquei-me! Eu queria que você me dissesse quais as qualidades para ser um poeta?

Francisco Perna (Chico Perna): Eu fico feliz que você tenha escrito um poema, não fez mais do que a sua obrigação (risos). Então, o que a gente faz para ser um poeta? O melhor exercício é a observação, o nosso material é o mundo, a natureza e suas manifestações e potencialidades. A poesia está nas coisas, qualquer um pode ser um poeta, desenvolver esse olhar. Estamos falando do diletante, daquele que quer apenas se expressar, não tem pretensões maiores. Agora, se você quer buscar outros campos, alçar voos maiores na escrita, o primeiro passo é ler muito, ter acesso a livros, ler boas obras, dominar a língua portuguesa (sua língua), exercitar-se. Não nascemos prontos, ninguém cria nada do nada, nós nos abastecemos de boas leituras, de grandes poetas, grandes prosadores. Às vezes a gente fala:

estou inspirado! Preciso escrever! O que faz com que as pessoas imaginem que a poesia é um dom celeste, que o poeta é um médium. Não, não é, um poeta se faz com muito trabalho, com muita leitura e observação. Claro que às vezes estamos mais sensíveis, mais inspirados, você acorda com uma ideia, um tema na cabeça, aí é preciso trabalhar, estudar, pesquisar. Você vai trabalhar com aqueles temas... isso casa com aquilo que eu já falei há algum tempo. O segundo passo é trabalhar a leitura, o seu texto, incansavelmente, ler os grandes escritores. Agora, respondendo à sua pergunta sobre os poetas que me inspiram, respondo: eles são muitos e vários, citaria alguns: Raul Bopp, Gerardo Melo Mourão, Luiz de Miranda, Lêdo Ivo, Ferreira Gullar, Valdivino Braz, Heleno Godoy e tantos outros grandes nomes. Mas voltando à sua fala, fiquei curioso para conhecer o seu poema.

Rodolfo Ward: É um poema que eu não sei em qual área ele se enquadraria... então, vamos lá... Depois você poderia falar em que tipo se poderia identificá-la, se é poesia, prosa... eu não tenho esse conhecimento. Vamos lá! O título é “Autorretrato pandêmico”:

Minutos de Felicidade em meio a uma eternidade de incertezas

O caos prevalece
 A lógica totalizante é caótica
 O abismo entre o coração e o estômago se aprofunda
 A mente acelerada não para e o corpo precisa de repouso
 Mais uma dose. Não sei se devo
 A liberdade, libertina, efêmera, preenche os vazios. Vazios sempre futuros
 Avatares digitais seduzem minha mente
 Imagens quiméricas criam a realidade coletiva
 Alienação, biombos para realidade
 Qual a bola da vez para julgarmos, descarregarmos nosso ódio, culpa, frustrações?
 Quem iremos idolatrar?
 Novos sonhos. Preciso de novos sonhos
 O tempo é uma parede de concreto europeu que me empurra para frente.
 Rumo ao desconhecido
 Pedras da África, água da América do Sul, areia da Indonésia, Argila da Ásia

Preciso ajudar as pessoas. Preciso de ajuda. Mas não quero
Só queria resolver tudo de uma vez. Ganhar o jogo com uma única carta
A vida me olha e sorri. Murmura, “pobre garoto”
Uma vida de alta performance e desempenho frente a brisa e o som de
um mar calmo
A natureza reivindica seu lugar
Nós somos a natureza
Ela está dentro de nós
Nós a machucamos
Não vemos mas sentimos
Um bloco de sensações e sentimentos
Movimentos circulares de eterno retorno criam o tempo da magia
As cenas representam, mapeiam, orientam minha percepção de mundo
Precisamos magicizar a vida
Precisamos de poesia na vida.

É isso aí.

Francisco Perna (Chico Perna): E como você se sentiu depois de escrever o poema?

Rodolfo Ward: Eu me senti muito bem, eu inspirei sentimento e saiu essa coisa, me senti mais leve, me senti bem, muito bem.

Francisco Perna (Chico Perna): Olha que coisa bacana! Quando eu escrevi a minha dissertação de mestrado, cujo estudo foram dois poetas: Manuel de Barros e Raul Bopp, eu abri com uma epígrafe, uma passagem do Ferreira Gullar, que reflete muito bem esta nossa conversa, a essencialidade da arte, tanto que temos aí o seu poema, na verdade, uma prosa poética, no qual você traduziu todo o sentimento acumulado ao longo da pandemia, a sua visão, seu entendimento; por isso trago, agora, a fala do poeta Ferreira Gullar. Ele diz assim: “excesso de felicidade é uma maravilha, torna a poesia e a filosofia totalmente dispensáveis, quem vai pensar nos problemas da vida num meio de um beijo?” O problema é que não existe felicidade permanente, por isso, a arte é necessária. Olha a precisão das palavras de Gullar; ele vai na veia, nos convida a pensar na importância de se valorizar a arte, principalmente como luz em momentos tão difíceis como o

Avô” (Prosa), de 2012, e, por último, no ano passado, 2019, “Toda Noite Amanhece”, ele reflete justamente o que estamos vivendo, talvez uma antecipação disso tudo. Fora esses livros, participo de muitas obras coletivas, destaco, aqui, a minha participação na revista Poesia Sempre, Nº 31, da Biblioteca Nacional, em 2009. Em 2014, fui um dos vencedores do Prêmio Off Flip de Literatura, em Parati – RJ. Dando uma pausa nos meus livros, voltemos um pouquinho à pergunta anterior, quando você fala do seu poema. Eu gostaria de enfatizar que a poesia vai muito da percepção, da visão de mundo do poeta, como você muito bem colocou, Ward, ao falar da sua composição. É assim mesmo, as coisas não nascem prontas, às vezes, você escreve um poema, deixa-o de lado, e, mais tarde, volta a ele, vai burilando, reescrevendo, comparando com os de outros poetas. Inicialmente é assim, até encontrarmos o nosso caminho, o nosso estilo. É assim que a gente faz. Na quarentena, o João Pedro, meu filho, me apresentou um poema, que pode muito bem ilustrar esta nossa discussão, que traz a sua visão de mundo, a sua percepção social, que é muito bacana, apresentarei aqui, agora, mas também poderá ser lido na Antologia “Parem as Máquinas”, do Selo Off Flip:

Contemplação

Assisto ao mundo como a mim mesmo.
Percebo-me observador de nossa história,
feito garoto acanhado que se aconchega em si próprio,
repousando a face sobre os joelhos,
meio que escondido,
mas atento para que nada escape aos olhos.

Atordoado pela imprecisão de minha visão míope,
tento compreender o confuso caminho dos fios
que se embaraçam
compondo a trama desordenada do tecido de nossos destinos,
e suponho presentes a tremedeira e o cansaço
nas mãos que manuseiam o tear do tempo.
Vejo a pressa dos homens que,

sem tempo para miudezas,
 ignoram não saber para que correm
 e esvaem-se na convicção do que desconhecem.

Assim como eu,
 que carrego a impaciência como o que de mais intenso tenho em mim
 nela mergulho e me afogo,
 restando imóvel diante da intranquila espera do que está por vir.

Também faço parte dessa antologia. Além dos livros, a minha poesia está presente, também, no projeto criado pelo teatrólogo e diretor Danilo Alencar, que é professor de teatro da PUC Goiás. O projeto junta atores e autores, estes têm os seus poemas interpretados por aqueles. Um trabalho muito bonito! Agradeço ao Danilo Alencar e ao Danilo Martins, que fez uma bela interpretação do meu poema “Flor Digital”. Então, caro Ward, uma coisa é certa, a poesia, a literatura em geral, as artes são fundamentais. Muitos dizem que a gente não sobrevive de poesia, mas a poesia nos permite viver de forma mais digna, humanizada, amorosa, dedicada, nos dá a dimensão do que somos, a percepção de que há no outro muito da gente. Então, como já havíamos dito, poderíamos fazer a leitura de alguns poemas. O que você acha?

Rodolfo Ward: Acho que pode ser uma boa, para acalantar nossa noite.

Francisco Perna (Chico Perna): Então, tem um poema do meu livro “Refeição”, que se chama “Cafarnaum”. Antes de eu começar a declamá-lo, gostaria de registrar os nossos sentimentos pela perda de Dom Pedro Casaldáliga, um grande defensor dos pobres, dos índios, dos marginalizados. Dom Pedro escreveu missas grandiosas, tendo como parceiro o poeta tocantinense Pedro Tierra e Milton Nascimento. Vamos, então, ao poema “Cafarnaum”:

velhos armários,
 guardando nas suas gavetas
 o cheiro aveludado de tantos invernos,
 esculpido em retratos sonâmbulos,
 carpido no ranger de redes

e no murmúrio oblongo de potes de barro.
Nada há de velho que não enterneça.
Nem o mofo,
nem o lodo,
nem os anos embotados no imaginário humano.
Nada passa que não nos faça avançar para antes,
para uma anterioridade lírica,
sob a luz das lamparinas
talhadas em ausências e muita solidão.
Nada há de novo que não nos mostre o velho,
o passado,
o que fomos nós,
nos passos tênues dos nossos avós,
no lastimoso grito memorial
dos nossos corpos na dança secular;
dos nossos corações empedernidos
pelas inúmeras cicatrizes
que clamam refeição.
O que há em nós
é um imenso desejo de reconstituição
de refazimento.
Um desejo
de saciar a nossa fome ancestral,
agora, no presente futuro.

Então, esse é um poema de um livro que eu gosto muito. Um outro poema, agora do meu mais recente livro, “Toda noite amanhece”, chama-se “Tempos Difíceis”:

Já é noite,
não vejo estrelas,
nenhuma centelha de luz,
talvez não amanheçamos,
continuaremos no breu,
ad aeternum,

indiferentes.
 Não tardarão a fome,
 o inverno, o inferno,
 a indiferença.
 Seremos tão iguais,
 tão famintos, famélicos,
 pura servidão.
 Em passos rotos estaremos,
 sacrificaremos a última
 árvore de nós,
 sem nunca sabermos da sombra.
 Seremos velhos e culpados,
 tão velhos e culpados,
 tão frágeis e imprevidentes
 Imprevidentes!
 Dirão.

E aí temos mais um poema, dessa vez quero contrariar alguns que dizem que não se faz poesia de ocasião, eu discordo totalmente. O poeta e crítico literário americano Ezra Pound, que já mencionei nesta live, diz que “os poetas são as antenas da raça”, eu concordo com ele, pois eles, os poetas, antecipam realidades e se manifestam também para dar voz aos excluídos, aos alijados. Aqui em Goiânia, nós tivemos um jovem estudante que levou uma paulada, uma lança na testa, desferida por um policial, quando ele participava, pacificamente, de uma manifestação. O rapaz quase morreu. Numa outra ocasião, professores da Rede Municipal de Ensino apanharam da guarda municipal, e eu juntei esses dois fatos para tentar traduzir a minha indignação e cheguei ao poema “Oh Captain! My Captain!”:

Móvel, a vespa parada espera.
 Os olhos naturalmente cerram,
 o bode berra,
 o olho sem saber, espera
 a madeira explodir na testa.
 “É terrorista!”, dirão,

na ilusão da vista,
no ângulo autista das corporações.

Captain! My Captain!”
José atirado no poço,
Tanto esforço,
tanta força
pra calar João:
“John, o tempo andou mexendo
com a gente sim”.

Captain! My Captain!”,
A ordem é um latido,
O partícipio de ter:
tido,
de estar lá:
Sentido!

Captain! My Captain!”,
Era certo que aconteceria,
Sim, já era certo!
Uma semana antes,
Ouvi passo e gritos
Eram professores aflitos
fugindo da guilhotina.

Ward, fale um pouquinho de você. Você editou dois livros muito bacanas dos quais eu tive a honra de participar. Um foi editado pela Editora do Senado Federal, por ocasião da visita do sociólogo Edgar Morin; o outro sobre comunicação, editado pela UFT. Fale um pouquinho sobre esses livros, sobre esses projetos e sobre qual projeto você está pensando, pois eu sei que você é um empreendedor, além de ser um excelente fotógrafo. Já fizemos alguns trabalhos juntos, eu na escrita e você nas fotografias, numa exposição, em Palmas-Tocantins.

Rodolfo Ward: Bom, Chico, eu sou mais um fazedor de coisas, eu me vejo como um fazedor, eu pego uma coisa e vou lá e faço, a gente teve aquela publicação que você participou, que foi a primeira publicação de comunicação pela editora da Universidade Federal do Tocantins, “Narrativas e Representatividades: a interdisciplinaridade na Comunicação” pela EDUFT. Foi bem legal porque foi o meu segundo livro, e eu não tinha feito nem o mestrado ainda, e publicar junto com meus professores que já tinham me dado aula, foi uma jogada de emancipação, para mim foi um salto bem legal. E o primeiro livro que você participou, que é esse aqui (Wawekrurê – Distintos Olhares), que foi publicado pela Editora do Senado, com Edgar Morin que é o grande nome, quando fizemos uma visita aos quilombolas, aos povos Xerente, que foi bem interessante, além do próprio evento, e teve a segunda edição que é uma edição de bolso, de 2019. São publicações transdisciplinares, essa última demorou uns quatro anos para sair e aí a gente conseguiu publicar, tem você, tem o Elimar, nessa última edição a gente incrementou e colocou o Marcos Terena (e ele, o livro, é trilingue) e também entrou a Marina Silva, a grande Marina candidata a presidente, e também tem o Cristóvão Buarque que foi Reitor aqui da Universidade de Brasília, foi governador do Distrito Federal e também Ministro da Educação, então o livro está bem forte, e a gente conseguiu isso por pensar “fora da casinha”, eu lembro que o pessoal me perguntava o que eu ia ganhar botando a cara e fazer, eu ganho a história, muito mais do que o dinheiro, é estar na história participando e construindo. Então eu sou um fazedor de coisa, Chico. Você disse que eu sou um empreendedor, eu sou um fazedor.

Francisco Perna (Chico Perna): E conta um pouquinho sobre o seu doutorado aí na UNB.

Rodolfo Ward: Eu estou na área de humanidades digitais, então eu estou pesquisando essa cultura digital e como os povos Ameríndios se inserem nessa cultura, então agora. Com essa pandemia que está tudo digital, como a gente está aqui, vai ter muita coisa para eu estudar, vai haver uma reviravolta muito grande, estamos aí fazendo as coisas acontecerem, como este projeto aqui, e também tem alguns outros planejamentos acontecendo. Eu vou ter uma reunião com o pessoal de Cavalcante para elaborarmos um plano de cultura aqui em Goiás, na Chapada dos Veadeiros, eu estou em

movimento total. É isso que eu tinha para falar, você é o convidado. Bom, a Maria Julia Perna pergunta: “Você disse que ninguém está só quando se reconhece, há autorreconhecimento pela arte?”

Francisco Perna (Chico Perna): Maria Julia (minha filha), também pela arte, porque, às vezes, você na sua expressão se reconhece, então eu acho que é um ponto a ser considerado, aquilo que você gosta, que é inerente a você, a carga cultural trazida, claro, dos seus ancestrais. Nós estamos aqui, somos alma, para quem acredita, estamos de passagem neste plano, temos muitas vidas, então essas almas se comungam, elas se buscam, se encontram e quando se encontram se reconhecem, não estão sós. É o que penso. Para encerrar, lerei um poema que se chama “Em um tempo qualquer”, que nasceu de uma história bem engraçada. Quando eu era novo, um dia saí correndo de uma loja, sempre apressado, e esbarrei em uma cigana, que ficou muito enraivecida, xingando-me com todos os nomes do seu repertório. Falou-me que eu não cruzaria o mar, que morreria cedo, coisa e tal, e aquilo, num primeiro momento, encabulou-me, mas esqueci. Em 2014, quando havíamos programado uma viagem para Paris, essa lembrança me veio à mente, eu comecei a ficar com medo. Mas mesmo assim encarei a viagem. Quando chegamos ao aeroporto de Lisboa, a minha esposa, Rosana, disse: e aí, Chico, você cruzou o mar! E eu falei, mas ainda tem a volta! (risos), foi quando fiz esse poema:

Em um tempo qualquer

[Ouvindo a Sinfonia nº 5ª de Gustav Mahler]

Eu vi o Mar
e a face líquida de Deus.
Um transbordamento
desta longa avenida,
no misterioso das águas.
São plenas,
e, daqui de cima,
sob o rumor dos motores a cortar
a carne líquida do Atlântico,

Contemplo os azulegos corcéis
desta aventura,
e precipito-me no desconhecido.

Os rios são como os cavalos selvagens,
rumam em desatino, florescem a seu tempo,
investem no que acreditam. Não respondem a ordens, seguem.

Não estou só,
além de mim,
em um tempo qualquer,
Braços fortes conduzem o trirreme,
mortos de saudades
desferem suas lanças
e se tornam prisioneiro dessas águas.

Países, cidades, praias,
Ilhas de absoluta beleza,
vales, montanhas,
e não lhes ouço o rumor,
apenas sinto a pele tênue de cada canto
a roçar-me o sonho de aventura.

Ali vivem homens que se desdobram em trabalho e contemplação,
A dominar séculos e séculos de incertezas,
De idas e vindas, a compor um tecido de sobrevivência.
Assim como eles,
precipito-me na vastidão dessas águas,
para vencê-las, a despeito de qualquer melífluo canto,
miragem, previsão.
Há, no outro lado dessa textura,
uma sereia à qual me rendo
que nessa longa ausência,
Incansavelmente, tece a minha volta,
Contrariando as previsões da cigana

de que eu jamais cruzaria o mar.

São léguas e léguas,
e os caminhos intensos desta minha navegação
Recobram o menino
de rios e ribeirões,
de grotas e cachoeiras,
desavisado dos trovões da madureza.

Falésias, arrecifes, restingas

Daqui a pouco,
e não tardará,
estarei com ela,
e nos saciaremos de nós
Sentar-nos-emos
Em um barco no Sena
Entre um vinho e outro,
solfejaremos velhas canções.

Prossigo na tessitura.
Acima de mim, as estrelas.
É preciso senti-las,
sem descuidar-me das águas,
lá embaixo.

Sagittarius, Ursa Maior, Cruzeiro do Sul

Deuses comentam a minha volta:
Ecce Homo!
Assim como Aquiles,
Que se encantou com Polixena
e sucumbiu à seta de Páris,
morro também de saudade,
mas logo refaço-me

na armadura do herói
que volta para casa.

O mar morrendo em força, o ar se desvanecendo.
Terra à vista: Serras, pastos, gado, homens, muitas vozes.

Vencido o cansaço,
os épicos saltos da embarcação,
Deixo para trás Gigantes e tormentas,
e o mormaço do meu coração.
Vejo, agora, a alva do meu destino,
Sinto o atrito das rodas no chão,
A leveza de quem volta para casa
Desejoso do beijo da mulher amada.

[Poema publicado na Antologia Goyaz-2015. Organização de Adalberto De Queiroz. Goiânia: Livre Pensadores, 2015, p.51-3.]

Esse gosto muito desse poema, ele é intenso. Leituras eu tenho feito algumas, alguns livros bem interessantes, que gostaria de destacar: “Levantando do chão” um romance de José Saramago, faz crítica social bem intensa. Os dois novos livros do Milton Hatoum, volumes 1 e 2: “A noite da espera” e “Ponto de fuga”, inclusive, neste ele fala de Goiânia. “Os Mortos”, de James Joyce, maravilhoso! Também me permiti ler todos os contos de Clarisse Lispector. Além dos citados, li um livro muito interessante “Memórias do isolamento”, de Henrique Autran Dourado, ele é de uma cultura vastíssima, professor aposentado da USP. No livro dele, passeiam todos os grandes músicos, até os anos 80. E voltei à obra do Waldomiro Autran Dourado, sobre quem escrevi a minha tese de doutorado. Então, são muitos livros, muitas leituras. Eu quero agradecer a todos que estão participando desta live e a você, caro Ward, pela oportunidade, pela iniciativa, por este projeto tão interessante e por tentar aproximar as pessoas. Sinto-me honrado em ter participado e me coloco às ordens. Muito obrigado a todos(as)!

Rodolfo Ward: Eu que agradeço.

Chico Perna (Poeta/UFG) – Poeta e contista, Francisco Perna Filho é Mestre e Doutor em Letras e Linguística: Estudos Literários-UFG. Professor Universitário, crítico literário, pertence à Academia Palmense de Letras. Em 2014, foi um dos vencedores do Prêmio Off FLIP de Literatura (Poesia), e, em 2017, finalista deste mesmo Prêmio, na mesma categoria. É autor de vários livros e artigos.

SESSÃO 2 -
ENSAIOS VISUAIS

PREFÁCIO 2

TRISTES SONHOS, OU O INCONSCIENTE POLÍTICO DA PANDEMIA

Ian Erickson-Kery

*Durham, Carolina do Norte, EUA
28 de fevereiro 2021*

Nos meses após o começo do isolamento em 2020, apareciam reportagens – primeiramente, especulações na esfera do Twitter, e logo depois estudos científicos – que afirmavam uma mudança coletiva na lembrança e no conteúdo dos sonhos. A psiquiatra e neurocientista Natália Mota, por exemplo, observou as narrações dos sonhos de 67 sujeitos brasileiros antes e depois da eclosão da pandemia, e achou um aumento marcado de expressões de raiva e tristeza, além de referências à contaminação e limpeza.¹⁸ Um estudo assinado por Elizaveta Solomonova e Rebecca Robillard sugeriu que mais de um terço da população norte-americana

18 Mota, Natália Bezerra, et. al. “Dreaming during the Covid-19 pandemic: Computational assessment of dream reports reveals mental suffering related to fear of contagion.” *PLoS ONE* 15, no. 11 (Nov. 2020), <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0242903>.

tinha os chamados “sonhos pandêmicos” durante o período de distanciamento social, e que muitos desses sonhos exibiam o medo de ataques físicos ou psicológicos, ou, notavelmente, de não cumprir as tarefas cotidianas.¹⁹ Essa última ansiedade parece corroborar a hipótese do psicanalista Gabriel Tupinambá, de que o trabalho remoto aumenta o poder simbólico do chefe, que se aloja no inconsciente enquanto não monitora o trabalhador fisicamente.²⁰

O conjunto desses estudos e reflexões, apesar de tirar conclusões distintas, desenha uma imagem de uma sociedade global chocada não apenas em relação ao habitus da prática cotidiana, mas também, e talvez mais profundamente, no nível do inconsciente. Essa imagem – que de certa forma corresponde à imagem do “*home office*” pequeno-burguês, e das ruas vazias, salvo os movimentos dos *motoboys* e trabalhadores precários – corre o risco de impor um idealismo que ignora a materialidade brutal da pandemia. Trata-se da crítica feita por Fredric Jameson a Sigmund Freud, para quem os sonhos sempre têm raiz na *Wunscherfüllung* (satisfação do anseio) dentro do sujeito.²¹ Para Jameson, não é possível delimitar o inconsciente nem o desejo dentro de um indivíduo, pois o sujeito em si sempre resulta de um processo histórico: aparece só com a consolidação de uma sociedade na qual o valor alcance abstração suficiente. Por isso, segundo Jameson, “não se pode falar de satisfação do anseio ou desejo exceto por meio de uma poderosa abstração realizada a partir de uma infinidade de vontades ou desejos concretos e irredutíveis... só podemos estudar o mundo de forma abstraída até o ponto em que o próprio mundo já se tornou abstrato.”²² O materialismo de Jameson

19 Nielsen, Tore. “*The COVID-19 Pandemic Is Changing Our Dreams*,” *Scientific American*, 1 Oct. 2020, <https://www.scientificamerican.com/article/the-covid-19-pandemic-is-changing-our-dreams/>.

20 Žižek, Slavoj. “*Slavoj Žižek’s Covid-19 lockdown survival guide*,” RT, 28 Mar. 2020, <https://www.rt.com/op-ed/484270-covid-zizek-survival-guide/>.

21 Sigmund Freud, *A interpretação dos sonhos*, trad. Walderedo Ismael de Oliveira, 20a ed. (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018).

22 Fredric Jameson, *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*, trad. Valter Lellis Siqueira (São Paulo: Ática, 1992), 60.

insiste que o inconsciente político sempre ultrapassa o inconsciente privado, e no final das contas, “a História é o que fere, o que recusa o desejo e impõe limites inexoráveis ao indivíduo e à práxis coletiva.”²³ O vírus se torna matéria bruta da história, no qual o inconsciente e a política se tornam indistinguíveis.

Em um gesto teórico curioso, Jameson contrapõe o inconsciente Freudiano com o inconsciente dos Kadiwéu do Mato Grosso do Sul, ou pelo menos sua mediação em *Tristes Trópicos* de Claude Lévi-Strauss. Na leitura de Lévi-Strauss, a requintada iconografia na pintura de rosto dos Kadiwéu funciona como uma espécie de *Wunscherfüllung*: resolve as contradições sociais latentes na sociedade, que no caso dos Kadiwéu é altamente hierárquica, por meio do “sonho” e a “projeção no imaginário.”²⁴ Essa satisfação do anseio toma forma diferente do qual assume em Freud; para o neurologista austríaco, o sonho individual lê como texto coerente. A pintura Kadiwéu, ao contrário, é um texto que abre para o sistema social no seu conjunto. Uma leitura jamesoniana dos “sonhos da pandemia,” atravessando Lévi-Strauss e os Kadiwéu, assim iria além do lar privado, e na última análise carregaria traços das contradições de sociedade na sua totalidade.

Mas qual é essa totalidade? Em Jameson de *O Inconsciente Político* (1981), o motor da história é a “causa ausente”, em termos althusserianos, que determina como estrutura-se a totalidade. Ela mantém nesse texto uma forma progressista, de estágios sequenciais, no qual a pintura Kadiwéu pode revelar a estrutura ideológica do capitalismo avançado por ser sua versão primitiva, ou *pensée sauvage*. Essa teleologia linear nunca desaparece em Jameson, mas ultimamente tem assumido uma forma mais calamitosa. Afirma, no artigo “Cidade do Futuro” (2003), que “é mais fácil imaginar o fim do mundo do que imaginar o fim do capitalismo”, um sentimento também atribuído a Slavoj Žižek e ao qual

23 Jameson, *O inconsciente político*, 93.

24 Jameson, *O inconsciente político*, 71.

Mark Fischer conecta à noção do “realismo capitalista.”²⁵ Os “sonhos de pandemia,” mais do que satisfações de anseios, são ilustrações desse realismo capitalista. Enquanto o habitus do trabalho dissolve quase de um dia para o outro, pelo menos para as pessoas mais privilegiadas, é mais provável que elas sonhem com uma tarefa perdida ou um erro em frente ao chefe do que com o esfacelamento do sistema no seu conjunto, mesmo se isso acontece no outro lado de suas janelas. Trata-se de uma repressão: em vez de enfrentar o fim do mundo, contenta-se ansiosamente com uma “nova normalidade.”

Voltando a Lévi-Strauss: *Tristes Trópicos* (1955) é obra monumental na disciplina de Antropologia, em parte, por narrar, em primeira pessoa, os deslocamentos que compõem os ritos de trabalho em campo. O antropólogo francês se desloca de uma cansada capital imperial, Paris, para uma nova capital na periferia do capitalismo, São Paulo, que passa por um período de expansão e modernização no período Vargas. Em vez do ufanismo que acompanha o crescimento da “cidade que não pode parar”, lá também Lévi-Strauss encontra um cansaço difuso, uma qualidade compartilhada com outros capitais do novo mundo: “não foi pois a novidade que primeiramente me espantou, mas a precocidade dos estragos do tempo... os únicos atavios a que [os bairros da cidade] poderiam pretender seriam os da juventude, fugitiva para eles como para os vivos.”²⁶ O que impressiona nesse trecho é o sentido que o “novo” dentro da produção capitalista sempre nasce já morto, que a novidade sempre é uma velhice. Lévi-Strauss continua para dentro do campo mais profundo, o interior brasileiro, onde a novidade, ou pelo menos a diferença cultural, também sempre se subordina à estrutura do mito.

Nas últimas décadas, o campo antropológico tem reconhecido, de certa maneira, os limites do olhar etnográfico, inclusive com o alto grau

25 Jameson, “Cidade do Futuro,” *Libertas* 10, no. 1 (Jan. – Jul. 2010), 195; Mark Fischer, *Realismo Capitalista*, trad. Rodrigo Gonsalves, et. al. São Paulo: Autonomia Literaria, 2020.

26 Claude Lévi-Strauss, *Tristes Trópicos*, trad. Wilson Martins (São Paulo: Anhembi, 1957), 97.

de reflexividade que exibem as etnografias acadêmicas mais recentes. Uma resposta, tanto na produção textual como na audiovisual, é a etnografia reversa: consideramos, por exemplo, os esforços dos cineastas Vincent Carelli e Mari Corrêa, entre outros, para colocar ferramentas audiovisuais nas mãos de povos indígenas no Brasil. Em 2010, o xamã ianomâmi Davi Kopenowa publicou sua obra *A Queda do Céu*, primeiro em francês e cinco anos depois em português. Kopenowa, como Lévi-Strauss, narra seus deslocamentos, no seu caso entre o território ianomâmi, os postos avançados da expansão capitalista e estatal na Amazônia, e as capitais ocidentais no sudeste do Brasil, na Europa, e nos Estados Unidos. A observação reiterada ao longo de *A Queda do Céu* é mais alarmante do que o que podemos tirar do estruturalismo melancólico de Lévi-Strauss: Kopenowa nos ensina que se o povo ianomâmi já sofreu o fim do mundo pelas armas, economias e epidemias ocidentais, dessa vez o mundo branco, o mundo do Capital, também vai colapsar com a queda do céu da floresta amazônica.

Se o destino do mundo capitalista e os territórios indígenas é agora plenamente interligado – inclusive em relação à circulação de imagens, notícias e vacinas – Kopenowa não deixa ambíguo que o sonho permanece um campo de diferenciação. Ele primeiro distingue o sonho dos xamãs com o dos índios comuns: enquanto os xamãs recebem as imagens dos *xapiri* (os espíritos) no sonho, ao resto do povo falta a sabedoria que essas imagens trazem. Por isso, não enxergam a floresta no seu conjunto vivo, que é, ao mesmo tempo, seu limite. Os xamãs, através do sonho, apreendem a floresta como totalidade precária, que já acabou no passado e está propensa a acabar num futuro próximo. A floresta, arriscamos dizer, tem uma força parecida a o que Jameson entende como a História – é o limite do desejo na sua forma reduzida no indivíduo. Kopenowa afirma, quanto ao branco: “seu sono é ruim e seu sonho tarda a vir. E quando afinal chega, nunca vai longe e acaba muito depressa. Não há dúvida de que eles têm muitas antenas e rádios em suas cidades, mas estes servem apenas para escutar a si mesmos. Seu saber não vai além das palavras que dirigem uns aos outros em todos os lugares onde vivem... Os brancos, quando dormem, só devem ver suas esposas, seus filhos e suas mercadorias. Devem pensar com preocupação

em seu trabalho e em suas viagens.”²⁷ As palavras de Kopenowa reforçam a hipótese de Jonathan Crary em *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*: que a intensificação da obsessão tecnológica é uma sentença de morte às capacidades regenerativas do sono.²⁸ A tecnologia não é, contudo, “a causa ausente” dessa mazela; essa causa tem a ver com a forma do desejo em si.

A produção artística é um termômetro das lógicas de visibilidade e opacidade dentro de uma conjuntura histórica. Além disso, carrega traços, muitas vezes quase imperceptíveis, do que temos chamado o inconsciente político. Quase imperceptíveis porque a figura do artista, pelo menos dentro de capitalismo avançado e seus sistemas de produção burgueses, é chamado para expressar o desejo na sua forma proclamada “autônoma” ou individual. O confinamento, no entanto, produz algumas mutações inesperadas nesse regime de produção: a psique, enfrentado com um choque tão súbito no ritmo e no horizonte da vida, exhibe sintomas anteriormente não reconhecidos e ainda mal definidos: as vezes resultam numa letargia ou depressão, outras vezes numa explosão coletiva que resiste o enquadramento da palavra – um pânico ou, como vimos em cidades como Minneapolis em junho de 2020, o fogo de rebelião.

Os ensaios visuais nesse dossiê formam uma constelação – em diversas mídias – que mapeia as tensões de um período de anseio aumentado e em vários sentidos reinventado. Mostram o esforço – bem-vindo ou não – de fazer arte sem o respaldo de espaços coletivos e os afetos comunicados na sociabilidade corporal. As fotografias de Duda Bentes, Luisa Günther e Rodolfo Ward enfrentam espaços – domésticos, vegetais e urbanos – quase sempre vazados de corpos humanos, ou presentes apenas na efemeridade da sombra, da reflexão no espelho, ou do espectro produzido pelo longo tempo de exposição. Se o primeiro aparato de

27 Davi Kopenowa e Bruce Albert, *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*, trans. Beatriz Perrone-Moisés (São Paulo: Companhia das Letras, 2015).

28 Jonathan Crary, *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*, trad. Joaquim Toledo Jr. (São Paulo: Ubu, 2016).

mediação é a câmara, o segundo é a janela da casa, cujas vidraças ameaçam tanto quanto fornecem os únicos vislumbres do espanto do mundo de fora. Em outros ensaios, como os de Christus Nóbrega e Gilberto Prado, a materialidade da obra tanto quanto seu conteúdo comunica a situação de confinamento. Prado faz uma série de raiografias matizadas com cores pastéis suavizadas; elas homenageiam, com suas camadas e dobras delicadas, um relicário de objetos domésticos – entre eles, máscaras e outros produtos higiênicos espalhados pelo espaço onírico do lar.

Nóbrega, por sua vez, apresenta uma foto-performance minimalista com profundos subtextos alegóricos. Utiliza um mineral doméstico comum, o sal, para encurrular um caramujo africano, espécie “invasora” na terra sul-americana, num círculo no chão. Uma condenação à morte num cercado solitário que repercute as macabras histórias de extração salina e do tráfico negreiro. Há, em obras como a foto-performance de Nóbrega, um recuso ao inconsciente ensimesmado que há prevalecido em momentos anteriores à pandemia e pode aparecer como a solução mais imediata às angústias de um choque como o distanciamento social. Outras obras no dossiê também empregam técnicas adequadas à produção em casa para entrar em espaços oníricos da coletividade. As pinturas de hidrocor e jenipapo de Daidara Tukano evocam a memória contida nos padrões geométricos, o sonho profundo e o contato com a terra (ver *bela adormecida*). As xilogravuras de Nireuda Longobardi homenageia diversas figuras, na sua maioria mulheres, por meio da técnica estilística e narrativa do cordel. Jaider Esbell pinta com geometrias de abstração complexa, quase fractal, que mergulham de modo onírico na plenitude vibrante, mas frágil, da floresta e do cosmos.

O conjunto de imagens nesse dossiê resiste, sem dúvida, às fáceis distinções entre realismo e invenção, e entre figuração e abstração. Ao mesmo tempo, buscam entrar na complexidade do momento histórico que atravessamos sem fugir das desigualdades monumentais que o define. O modo documentário permanece indispensável nessa conjuntura, tanto na sua forma metacrítica quanto na sua forma humanitária. Na primeira categoria, cabem a colagens digitais de Susana Dobral, que imitam o bombardeamento de notícias na televisão, e de LABFRONT, que resultam de processos algorítmicos – aquelas construções virtuais

que se inserem de forma cada vez mais profunda na realidade cotidiana. Atos simples como a lavagem de mãos viram, ao mesmo tempo, marcadores de uma temporalidade mecânica, fontes potenciais para a extração de data, e nos tempos pandêmicos, cenas primordiais de anseio (“navega quintessência escatológica”, o poema nos diz). O código acossa nossos desejos, e a pandemia representa um auge nessa perseguição. Os projetos de LABFRONT evidenciam a força da tela na constituição de nós, como sujeitos. Suas imagens de chamuscas e células virais nos aterrorizam, tanto quanto a tela em si nos seduz. O pesadelo e o sonho se confundem nessa superfície plana e refletiva, e no delírio retratado em código nos projetos do coletivo.

Mas a imagem não reflete apenas o desejo captado nas redes tecnológicas, como nos lembram as imagens produzidas por fotografos indígenas sob os auspícios técnicos da Mídia Índia. Nelas, enxergamos a devastação intensificada do interior brasileiro sob o atual regime da acumulação e gestão política, e ao mesmo tempo os esforços que se opõem às ameaças do fogo e do vírus dentro dos territórios indígenas. A pandemia explicitou o fato que o sistema respiratório não é apenas um órgão dentro de um ser individual, mas também é uma totalidade compartilhada entre todos. Com sorte, essa pandemia também nos ensinará, como é evidente nas palavras de Kopenowa, que o sonho também ultrapassa nossos desejos isolados, mesmo enquanto vivemos em isolamento.

Ian Erickson-Kery

Durham, Carolina do Norte, EUA, 28 de fevereiro 2021

Ian Erickson-Kery é doutorando no departamento de Romance Studies na Duke University (EUA). Sua tese, *Contested Territories: The Aesthetics and Politics of Urban Design in Mexico City and São Paulo, 1967-88*, examina os contatos entre arquitetos, diretores de cinema e artistas visuais trabalhando em zonas periféricas na passagem de projetos de planejamento modernistas. Atualmente, é bolsista Fulbright-García Robles na Universidad Nacional Autónoma de México, e sua investigação conta com o apoio anterior da Henry Luce Foundation, a Kenan Institute for Ethics, a Mellon Humanities Unbounded Initiative, e a bolsa James B. Duke.

SOBRE UM MÓVEL DE CASA OU NATUREZA MORTA, TENDU, BONECAS E MÁSCARAS

1. Tendu: Neste movimento uma das pernas fica esticada ao lado, à frente ou atrás do corpo. Afasta-se a perna na direção pretendida, arrastando também o respectivo pé. Levanta-se primeiro o calcanhar e, em seguida a planta do pé, mantendo a ponta do pé apoiada no chão.

2. Bonecas: As bonecas, e suas variantes masculinas, diferenciam-se de outros tipos de bonecos que representam outras formas de vida, como animais do mundo real, do mundo da fantasia, da literatura, do cinema ou do imaginário popular.

3. Natureza morta: Faz referência ao efeito terminal que resulta da extinção do processo homeostático em um ser vivo, e com ele o fim da vida dos seres que habitam no mundo.

4. Máscaras: A história do equipamento de proteção respiratória pode ser rastreada até o século 16, quando Leonardo da Vinci sugeriu que um pano de um fino tecido embebido em água poderia proteger os marinheiros de uma arma tóxica feita de pó que ele havia projetado.

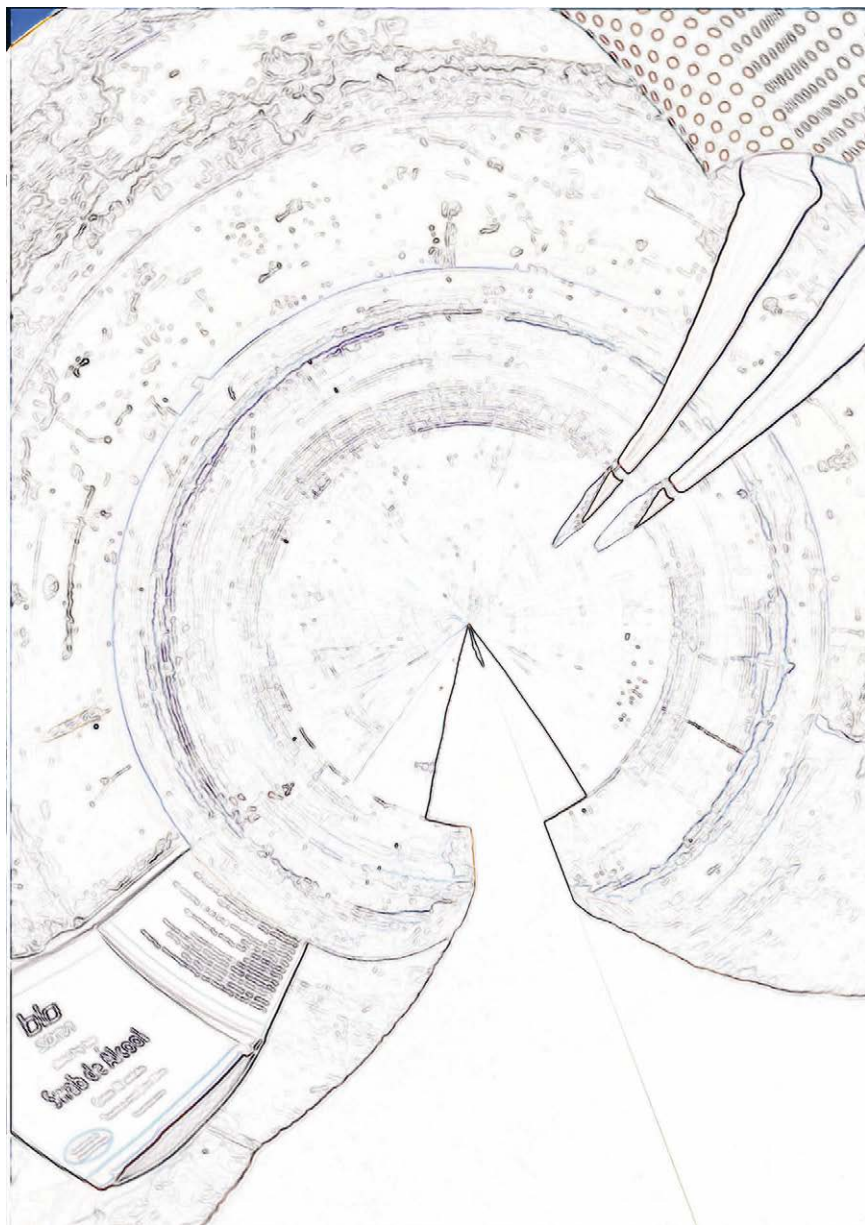
Gilberto Prado (ECA-USP/UAM) - Gilberto Prado, artista multimídia e professor do Departamento de Artes Plásticas da ECA-USP é coordenador do Grupo Poéticas Digitais. Estudou Engenharia e Artes Plásticas na Unicamp e em 1994 obteve seu Doutorado em Artes na Universidade Paris I – Panthéon-Sorbonne. Foi professor do Instituto de Artes da Unicamp e professor convidado da Universidade Paris 8. Tem realizado e participado de inúmeras exposições no Brasil e no exterior. Recebeu o 9º Prix Möbius International des Multimédias, Beijin, 2001 (Menção Especial) e o 6º Prêmio Sergio Motta de Arte e Tecnologia, 2006, entre outros. Publicou em 2003 o livro *Arte Telemática*, pelo Itaú Cultural. Trabalha com arte em rede e instalações interativas.



Sobre um móvel de casa ou Natureza Morta, tendu, bonecas e máscaras

- 1. Tendu.** Neste movimento uma das pernas fica esticada ao lado, à frente ou atrás do corpo. Afasta-se a perna na direção pretendida, arrastando também o respectivo pé. Levanta-se primeiro o calcanhar e, em seguida a planta do pé, mantendo a ponta do pé apoiada no chão.
- 2. Bonecas.** As bonecas, e suas variantes masculinas, diferenciam-se de outros tipos de bonecos que representam outras formas de vida, como animais do mundo real, do mundo da fantasia, da literatura, do cinema ou do imaginário popular.
- 3. Natureza morta** faz referência ao efeito terminal que resulta da extinção do processo homeostático em um ser vivo; e com ele o fim da vida dos seres que habitam no mundo.
- 4. Máscaras.** A história do equipamento de proteção respiratória pode ser rastreada até o século 16, quando Leonardo da Vinci sugeriu que um pano de um fino tecido embebido em água poderia proteger os marinheiros de uma arma tóxica feita de pó que ele havia projetado.











MÍDIA ÍNDIA

A Mídia Índia é projeto de formação de uma rede de comunicação descentralizada que produz e difunde conteúdos e pautas inerentes à questão indígena no Brasil, respeitando as especificidades de cada povo. Parte da lógica colaborativa de compartilhamento e de comunicação, conectando e empoderando jovens indígenas de todo o país. Possibilita a troca de tecnologias, experiências e principalmente a representatividade indígena nos meios de comunicação com a difusão de suas lutas e como mais uma ferramenta de exigência de direitos. A ideia surgiu em 2015, depois de um curso de formação em Audiovisual na terra indígena Arariboia. Três dos participantes decidiram formar a rede Mídia Índia, para ser um ponto focal do movimento indígena, dando visibilidade usando a comunicação como ferramenta de luta.

O projeto é lançado oficialmente em abril de 2017 na maior mobilização anual de indígena do Brasil, o Acampamento Terra Livre. A partir dali, somado ao apoio de coletivos e redes de comunicação ativistas já existentes, forma-se um grupo de 10 jovens que começa seu processo de formação e empoderamento das ferramentas de mídia e comunicação.



A proposta do projeto é fortalecer a Mídia Índia como um veículo de comunicação oficial da causa indígena, ampliar a difusão e visibilidade da luta dos povos, da sua busca por direitos e por terras. É um dos únicos veículos de comunicação formado por indígenas, coordenado por indígenas e com foco da luta indígena. O projeto também pretende qualificar sua equipe por meio de capacitação e formação com oficinas e encontros durante o ano em parceria com organizações indígenas como Coiab e Apib e mídias livres como a Mídia NINJA, o projeto Coisa de Índio e outros.

















ARTE INDÍGENA CONTEMPORÂNEA

Arte Indígena Contemporânea

Jaider Esbell

(1979-2021)

In Memoriam

Jaider Esbell foi um escritor, artista, arte-educador, geógrafo, produtor cultural, curador brasileiro e ativista dos direitos indígenas. Foi um dos destaques da 34ª Bienal de São Paulo e um dos artistas macuxis mais renomados de Roraima, trabalhando com a arte a vivência indígena. Nasceu em Normandia, estado de Roraima, onde viveu até aos 18 anos, que hoje é a Terra Indígena Raposa – Serra do Sol (TI Raposa – Serra do Sol).

















MITOS E LENDAS DO BRASIL EM CORDEL

Nireuda Longobardi é potiguar, mora com a família em São Paulo. Estudou educação artística e habilitação em artes plásticas, na Faculdade de Belas Artes de São Paulo, especialização em gestão, planejamento e educação ambiental pela UNISA.

Ilustra e escreve livros infantis e juvenis para diversas editoras. Começou a ilustrar livros em 2002. Em 2009 lançou o seu primeiro livro, texto e imagens “Mitos e lendas do Brasil em cordel” (Paulus). Vários dos seus livros foram selecionados pela FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil) para catálogos de Bologna, Frankfurt, representando o Brasil. As xilogravuras que ilustram o livro “A canção do tio Dito” (Paulus) foram selecionadas pela FNLIJ – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil para participar da BIB – Bienal de Ilustração de Bratislava, Eslováquia, 2017; o seu novo livro “O homem sem alma” (Editora do Brasil), 2019, recebeu o selo Seleção da Cátedra UNESCO de Leitura PUC - Rio 2019 e o Altamente Recomendável 2020. Atualmente trabalha em seu ateliê como professora de artes, xilogradora, ilustrando, escrevendo novas histórias e desenvolvendo capas de CDs e cordéis.

Ministra oficinas, bate-papos em diversas instituições como: SESIs, SESCOs, SENACs, casas de cultura, bibliotecas, livrarias, universidades, escolas e espaços culturais.

Contatos: e-mail: nireuda@gmail.com

Instagram: [@nireudalongobardi](https://www.instagram.com/nireudalongobardi)

Facebook: Nireuda Longobardi Blog: <http://nireuda.blogspot.com>

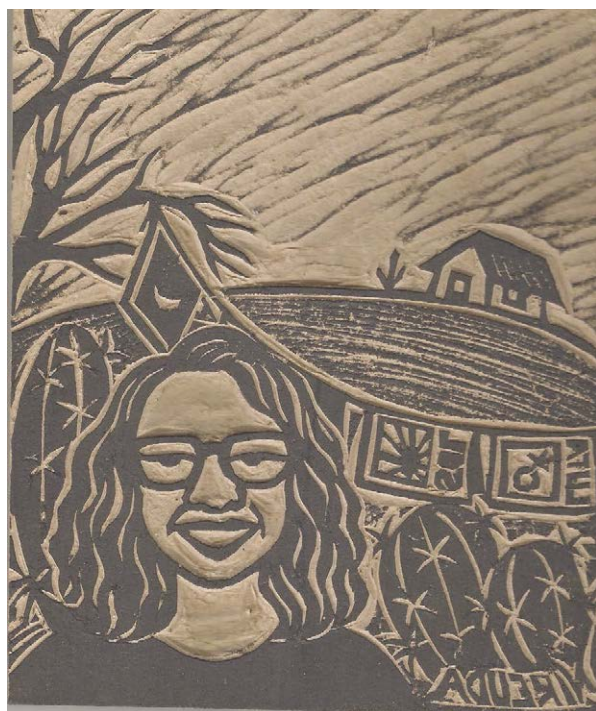
55 (11) 99249.3423



























NARRATIVA VERBO-VISUAL PANDÊMICA

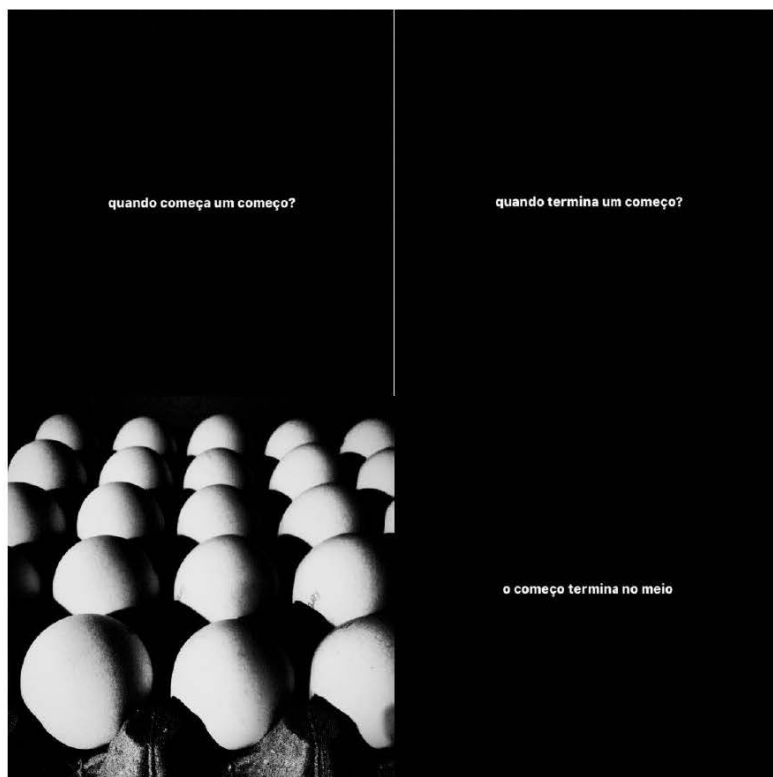
Luisa Gunther

A prioridade neste ensaio foi criar uma narrativa verbo-visual dedicada a apresentar a produção realizada durante a pandemia, fazendo uma mistura entre os conteúdos de dois perfis do Instagram: @luisagunther e @geomitica. As fotos são do cotidiano conturbado de uma mulher envolvida com as demandas óbvias do dia a dia. Já os verbetes e afirmações profiláticas são do @geomitica, perfil criado durante a pandemia na doce ilusão de ser possível realizar pesquisa visual propositiva e colaborativa em/para rede social.

Bio

Professora do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília, atua como pesquisadora no PPG-Arte, na linha de pesquisa Deslocamentos e Espacialidades. Por entre diferentes e distintos interesses, desenvolve considerações verbo-visuais em desenho, grafismo, ilustração; metodologias para o ensino de artes; escritos de artista, livro-objeto, intermídia; métodos de pesquisa em artes; performance, fotodança, dança contemporânea; panfletagem e mecanismos de circulação; sociologia da arte e crítica cultural.

notas sobre o silêncio (ou) sou o apego que rasga as entranhas do mundo como se houvesse outra camada de sentido para a voracidade entediada que me seduz.



geo.mí.ti.ca [verbo]

- 1. proposta de ação colaborativa;**
- 2. toda ação é um pensamento;**
- 3. nem todo pensamento é ação, mesmo que
movimente forças, energias e espectros;**
- 4. intuição é luxo cósmico;**
- 5. sentir é demanda;**
- 6. fugir para dentro é regalia;**
- 7. o lado de fora é o único absoluto;**
- 8. somos nosso próprio exterior;**
- 9. o eu é um outro (Artaud)**

des.lo.cá.LOGOS [substantivo abstrato]

- 1. devaneio;**
- 2. invenção;**
- 3. intenção;**
- 4. mentiras sinceras;**
- 5. poética profilática;**
- 5. precisão onírica**



mun.do.LOGiA [adjetivo]

- 1. variação puritana de "mundORGiA";**
- 2. desejo de ocupar os quatro cantos;**
- 3. impossível regresso;**
- 4. ausência de fronteiras;**
- 5. viagem astral -ou- transporte**

todo lugar começa como espaço

todo lugar é tempo



todo lugar contém uma ausência



au.sên.cia [substantivo próprio]

1. uma falta presente;
2. oportunidade de introspecção;
3. abismo do íntimo;
4. oráculo.

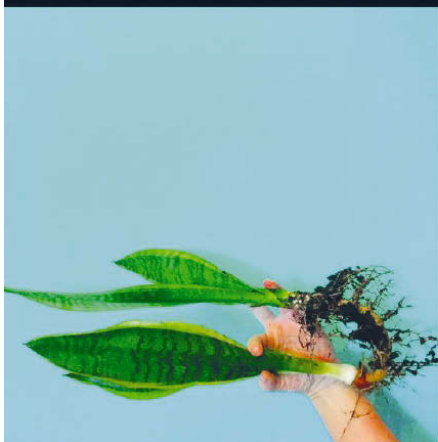


pre.sen.ça [substantivo abstrato]

- 1. digressão sobre o estar;**
- 2. não há garantia de coisa alguma;**
- 3. afirmação de alteridade;**
- 4. efêmero.**

todo fim é um começo

todo fim foi um começo



todo fim será um começo?

aqui.e.agora [adjetivo]

- 1. mantra universal;**
- 2. demanda existencial;**
- 3. simplicidade encarnada;**
- 4. anti-futurismo;**
- 5. oráculo.**

DIÁSPORA AFRICANA

Ensaio Visual

Por Christus Nóbrega

DIÁSPORA AFRICANA, 2020

Foto-performance

Mão branca, sal e caramujo africano trazidos ilegalmente ao brasil.

O Caramujo-Africano, também conhecido como Rainha-da-África, é um molusco oriundo do continente que dá origem a seu nome. Ele pode pesar cerca de 200 gramas e medir até 20 centímetros de altura. Por seu excesso de peso, o animal foi introduzido ilegalmente no Brasil na década de 80, no Paraná, com o objetivo de gerar lucro ao substituir a iguaria europeia escargot.

Levado para outras regiões do Brasil, também de forma clandestina, o Caramujo-Africano acabou não sendo bem aceito pelo paladar dos consumidores locais. Para agravar a situação de exclusão, o cultivo do animal também foi proibido pelo IBAMA, fazendo com que muitos de seus traficantes/fazendeiros soltassem o animal na natureza de forma irresponsável.

Sem predadores naturais e com uma grande resistência e excelente capacidade de reprodução, o Caramujo-Africano se adaptou bem em todo território nacional. Por serem exógeno ao ecossistema local, viraram hospedeiros de duas espécies de vermes capazes de provocar graves doenças em humanos.

Por isso, são percebidos hoje como uma praga, pelos órgãos reguladores nacionais, os quais orientam seu extermínio com uso de sal marinho. O sal, em contato com o animal, desidrata-o, matando-o em segundos. É importante lembrar que o sal é extraído do mar, por sistema simples de evaporação da água.

Bio

Artista e professor do Departamento de Artes Visuais (VIS) da Universidade de Brasília (UnB). Doutor e Mestre em Arte Contemporânea pela UnB. Leciona e orienta nos cursos de Pós-Graduação em Artes da UnB. Sua pesquisa poética parte das teorias do território e da viagem, atravessadas por ideias de ficção e memória, história social e individual. Utiliza a residência artística e a alteridade como métodos. Vem participando regularmente de exposições nacionais e internacionais.









O QUE O VENTO AINDA NÃO LEVOU

Susana Dobal

O QUE O VENTO AINDA NÃO LEVOU

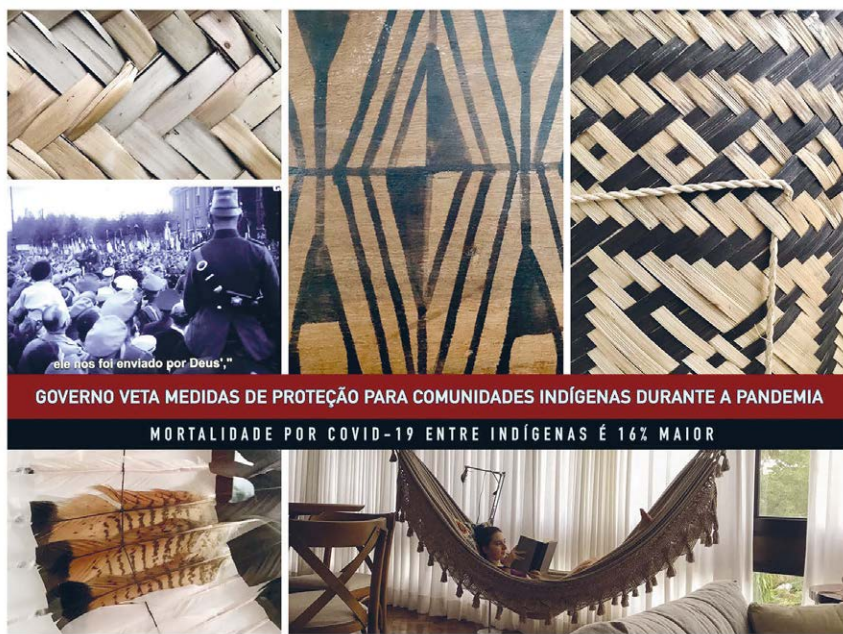
As portas estão fechadas e o mundo arde ao redor, arde tanto que as labaredas entram pelas telas do computador e do celular e terminam inflamando também o lar, os objetos, os livros, a papelada, as plantas, as tigelas, os alimentos, tudo amalgamado com as notícias, marinando em uma fusão que une intimidade e ultraje. Vozes e imagens externas povoam os rituais cotidianos: ardem as florestas, flexibiliza-se o porte de armas, nega-se a ciência. Os fatos aparecem como peças dispersas que uma vez reunidas ganham uma incômoda coerência. Menosprezando a pandemia, a necropolítica reinante inventa paliativos inúteis, opõe-se ao uso de máscaras onde elas eram obrigatórias, veta ajuda para prevenção à covid-19 aos indígenas e aos presidiários. Enquanto isso, filmes sobre a época do nazismo trazem um burburinho de eterno retorno. A pandemia vai afetando o cenário doméstico do confinamento: se antes eram as vidas privadas que se expunham na rede, agora é a vida pública que se imiscui na vida privada. Reuniões profissionais físgam a intimidade do lar; o movimento contrário, porém, é ainda mais intenso. O mundo virou do avesso e não foi só porque o absurdo vigora nas situações mais diversas: quando o lado de fora veio para dentro, uma onda de espanto trouxe um sabor infame para dentro das painéis.

Bio

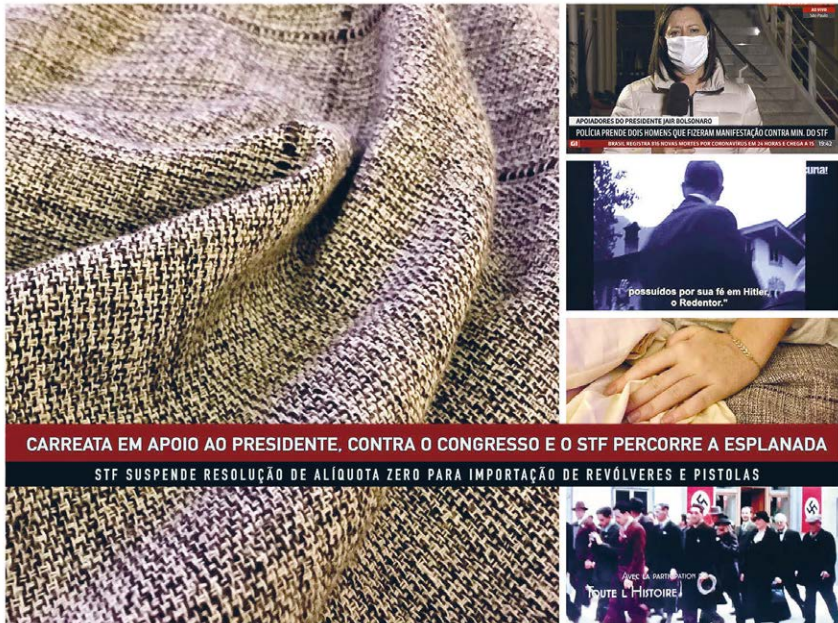
Susana Dobal é fotógrafa e professora na Universidade de Brasília. Participou de diversas exposições e esteve entre os finalistas premiados do Prêmio Mestre d'Armas (Planaltina, 2016) e Prêmio Nacional de Fotografia Pierre Verger (2019) – categoria Inovação e Experimentação. Coordena um grupo de pesquisa sobre Narrativas Visuais registrado no CNPq.

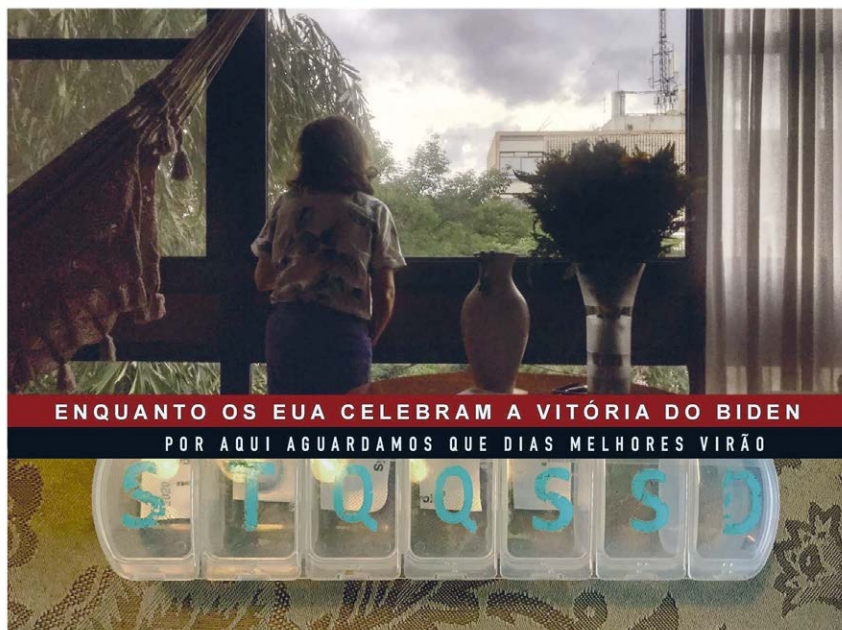












FOTOGRAFIA, FANTASIA: IMAGINAÇÃO DOS EXTRAQUADROS

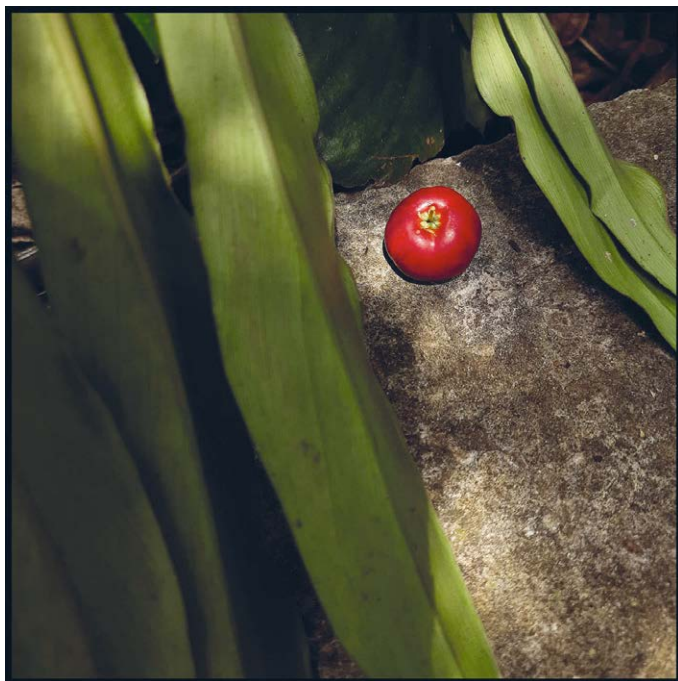
Duda Bentes

Já faz bastante tempo que venho me dedicando aos mesmos temas: paisagens, eventos e retratos. No meio disso, gosto de observar a luz como algo natural e a partir dela ir ao encontro de uma expressão realista. Mas gosto também de ir ao encontro das abstrações e, em alguns momentos, me deixar levar pela fantasia vendo seres que habitam a matéria que ganham vida na imaginação dos extraquadros. De fato, a pandemia me levou a praticar montagens e intervenções nas imagens com a pós-produção, mas isso eu já fazia no laboratório de fotografia experimentando as possibilidades criativas da relação físico-química da fotografia. O estado pandêmico recolocou isso no horizonte de possibilidades, principalmente, quando nos voltamos para o estoque de imagens arquivadas que esperam o momento de vir à luz novamente. Temos também a descoberta das mídias sociais, a fotografia como elemento comunicacional para o compartilhamento e os encontros e reencontros com pessoas queridas que, por motivos vários, estão distantes. Enfim, tudo isso serve para amainar o isolamento até que uma vacina e o bom senso se faça presente e possamos voltar aos momentos dos encontros de fato.

Bio

Com trânsito no mundo das Artes, Duda Bentes é Doutor em Comunicação pela Universidade de Brasília (2020). Já fotógrafo, graduou-se como Bacharel em Ciências Sociais (1990) e recebeu o título de Mestre em Comunicação (1997), diplomas outorgados pela UnB. Atualmente é professor adjunto lotado no Departamento de Audiovisuais e Publicidade da Faculdade de Comunicação da UnB.











NOVO MODERNISMO: COR E ESPIRITUALIDADE PÓS- HUMANA

Rodolfo Ward

Este ensaio tem início no Parque da Cidade, em Brasília-DF, considerado o maior parque urbano da América Latina. Era março de 2020 e a pandemia estava iniciando no Brasil. Não sabíamos muita coisa sobre ela e nem a levávamos a sério. Depois de caminhar e refletir sobre a vida, resolvi fotografar o Parque de Diversões, tirei uma fotografia com meu celular da roda gigante utilizando a técnica de baixa velocidade. Nuvens de chuva estavam se formando e o céu estava lindo, o contraste e intensidade das cores, as pessoas se divertindo... Nem parecia que viria uma tempestade. A continuação do ensaio é sobre os meses que se seguiram. As nuvens se fecharam mais, e uma tempestade repentina atingiu Brasília. Ninguém estava preparado. O caos logo tomou conta e a sociedade enfrentou o colapso por falta de abastecimento. Fronteiras foram fechadas. Os indivíduos passaram a não pensar mais na coletividade, o antigo ditado popular reflete bem isso: “se o angú é pouco, meu pirão primeiro”. Entramos no período de isolamento e caos social. Ninguém estava preparado para ficar só consigo mesmo e ser separado de sua função social.

Este ensaio pandêmico marca minha renovação estética como produtor de imagens, de narrativas visuais e criador de novas realidades fantásticas. Utilizo a cor como elemento chave para compor minhas imagens, a saturação como atrativo visual e a composição dinâmica da imagem para fazer o olhar do observador circular em pontos diversos

da imagem. As cores das imagens não são as cores captadas pelo olho humano e nem estão presentes neste plano. São cores de uma realidade digital, do ciberespaço e do mundo virtual acessível pela utilização da Ayuhasca. As imagens produzidas por dispositivo celular e editadas em aplicativos de edição do próprio celular também marcam essa transmutação pós-humanística ao mesmo tempo que conversa com a fotografia modernista que tinha como "objetivo dotar a fotografia de um projeto artístico autônomo alinhado às aspirações remodeladoras da arte moderna e redefinir as bases estéticas por meio de experimentações técnicas próprias ao médium" (Itaú Cultural²⁹, 2022). O celular se torna co-autor se formos pensar contemporaneamente. O celular é hoje uma extensão do corpo, dos olhos, do cérebro, da memória... É uma prótese que faz parte do corpo. As fotografias trazem essas questões que vão além da estética visual, adentram na estética filosófica do nosso tempo. Hoje o homem está mais próximo da máquina ou da natureza? A inteligência artificial dos big datas prevê o futuro ou apenas escuta tudo o que dizemos e propõe novas metanarrativas de vida com base em cálculos?

Queremos refletir para além da arquitetura. Esse momento que ficamos enclausurados em casa foi para mim um momento de grande reflexão. Queremos questionar e trazer ao público a imprescindibilidade de se buscar novos tipos de relação entre tecnologia, arte, sociedade e natureza que superem a atual polarização; progresso versus preservação e tecnologia versus natureza. Humano, Natureza, Tecnologia, Arte, Registro... Apreciem...

Bio

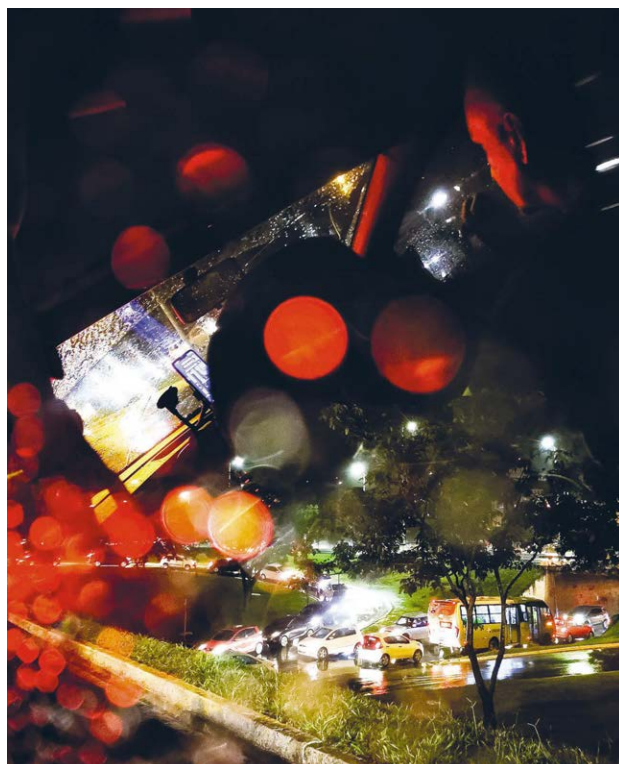
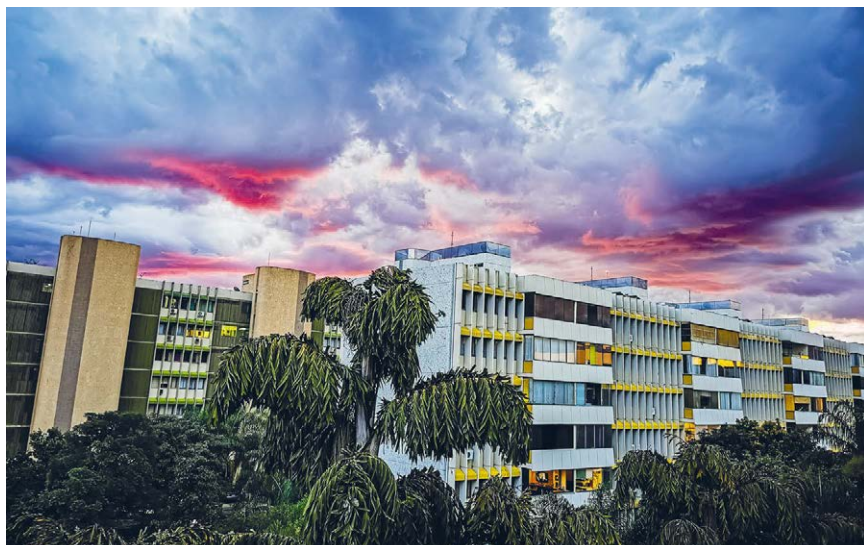
Rodolfo "The South American Sensation" Ward

Produtor cultural, curador, artista e pesquisador transdisciplinar. Doutorando em Artes Visuais e Mestre em Arte Contemporânea pela linha de pesquisa, Arte e Tecnologia, da Universidade de Brasília- - UnB (2019). Pós-Graduado em Relações Internacionais pelo Instituto de Relações Internacionais IREL/UnB (2020). Pós-Graduado em Análise Política e Políticas Públicas

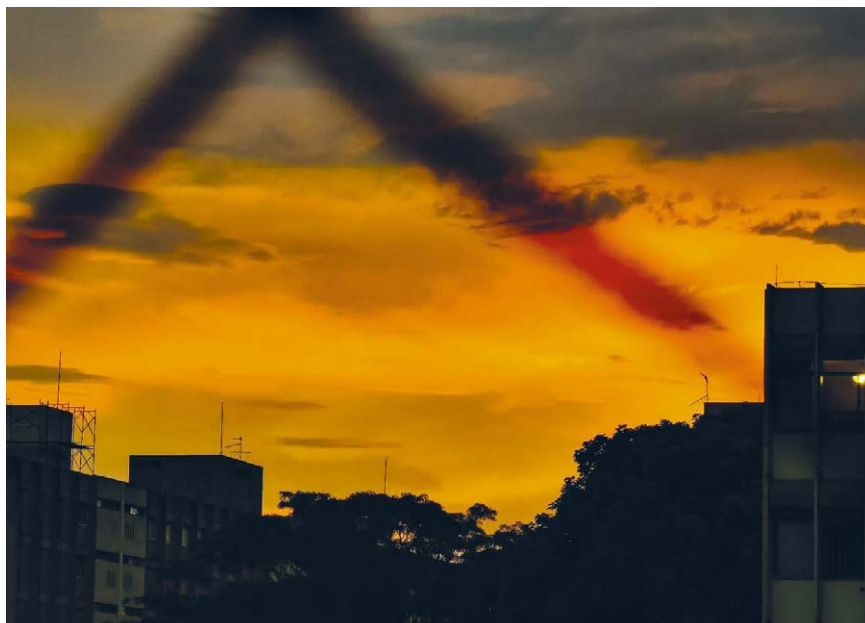
29 Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo14341/fotografia-modernista>> Acesso: 12/01/2022.

pele Instituto de Ciência Política–IPOL/UnB (2018). Programador Visual da UnB. Idealizador e Coordenador do Projeto Arte e Inovação em Tempos de Pandemia. Autor da obra Wawekrurê: distintos olhares, editado pela editora do Senado Federal (1ª edição em 2015 e 2ª edição em 2019) e do livro Narrativas e Representatividades: a interdisciplinaridade na comunicação editado pela Editora da Universidade Federal do Tocantins – EDUFT (2017).











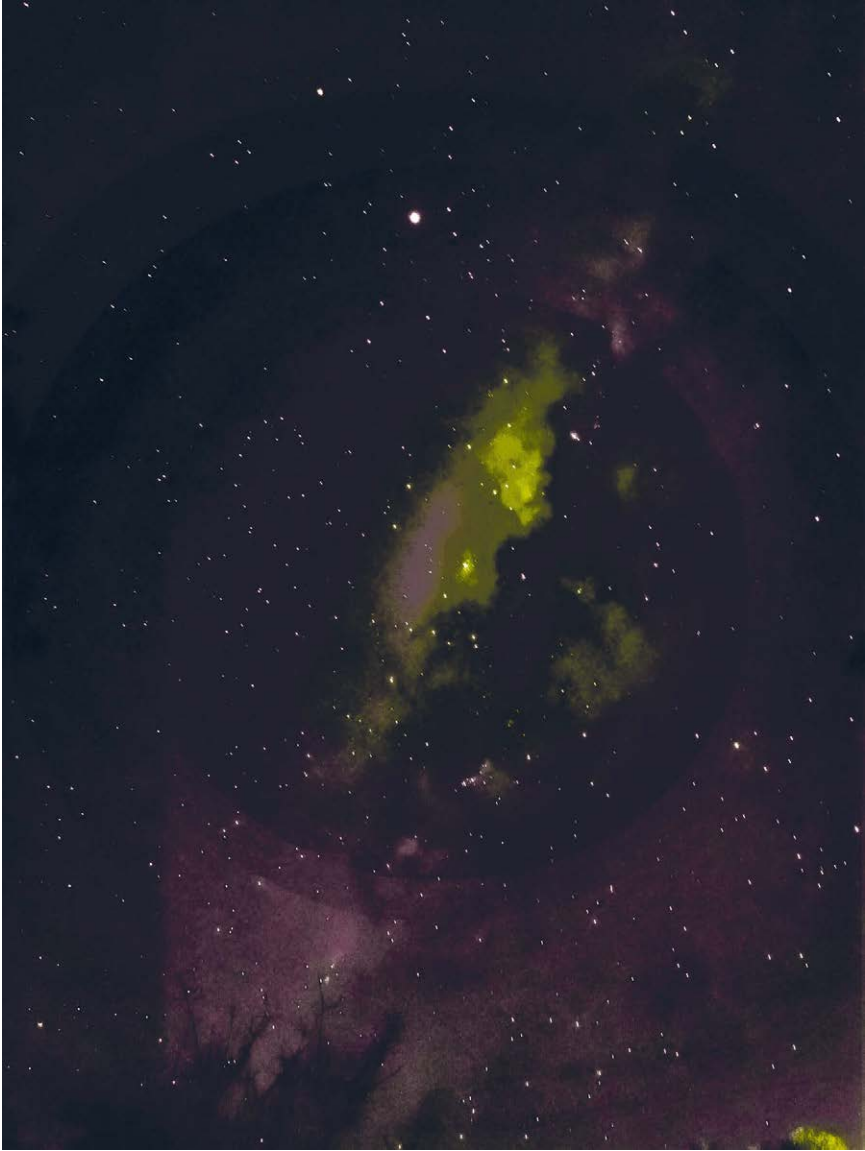












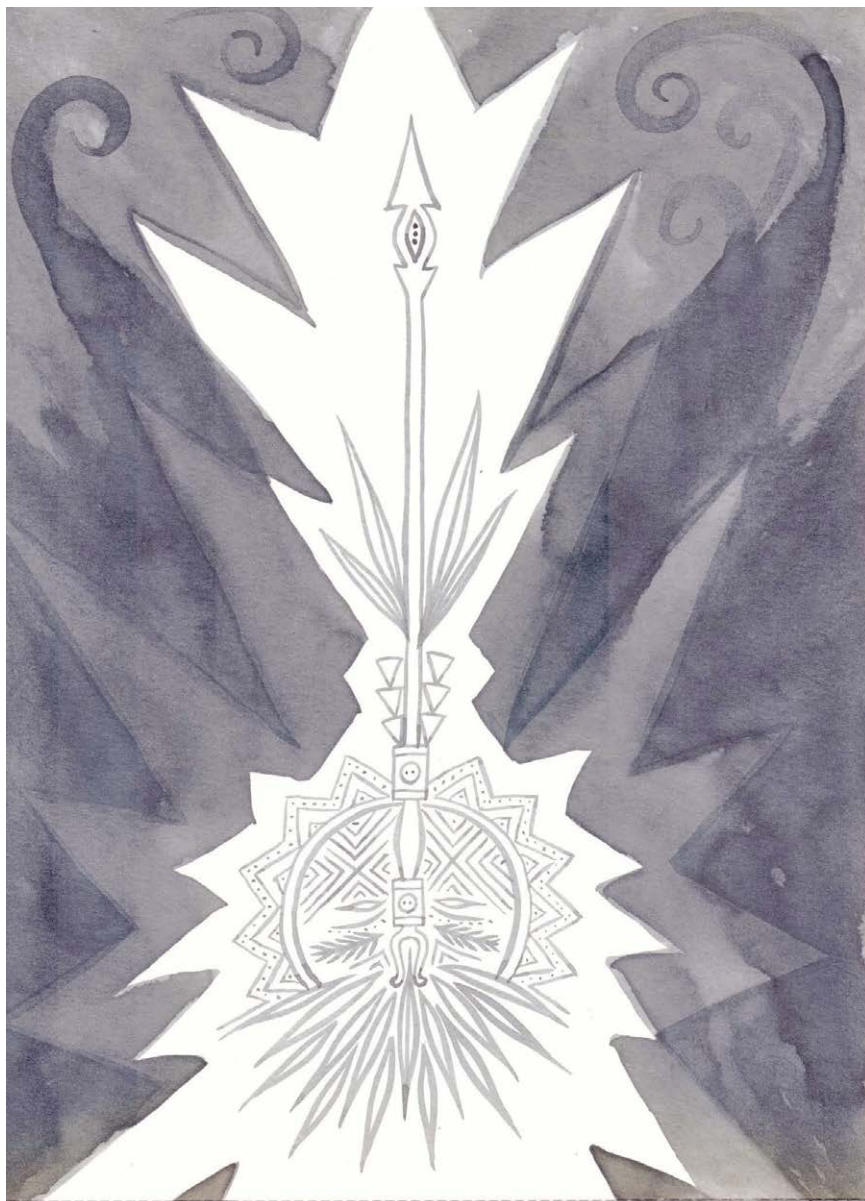
ARTE INDÍGENA CONTEMPORÂNEA

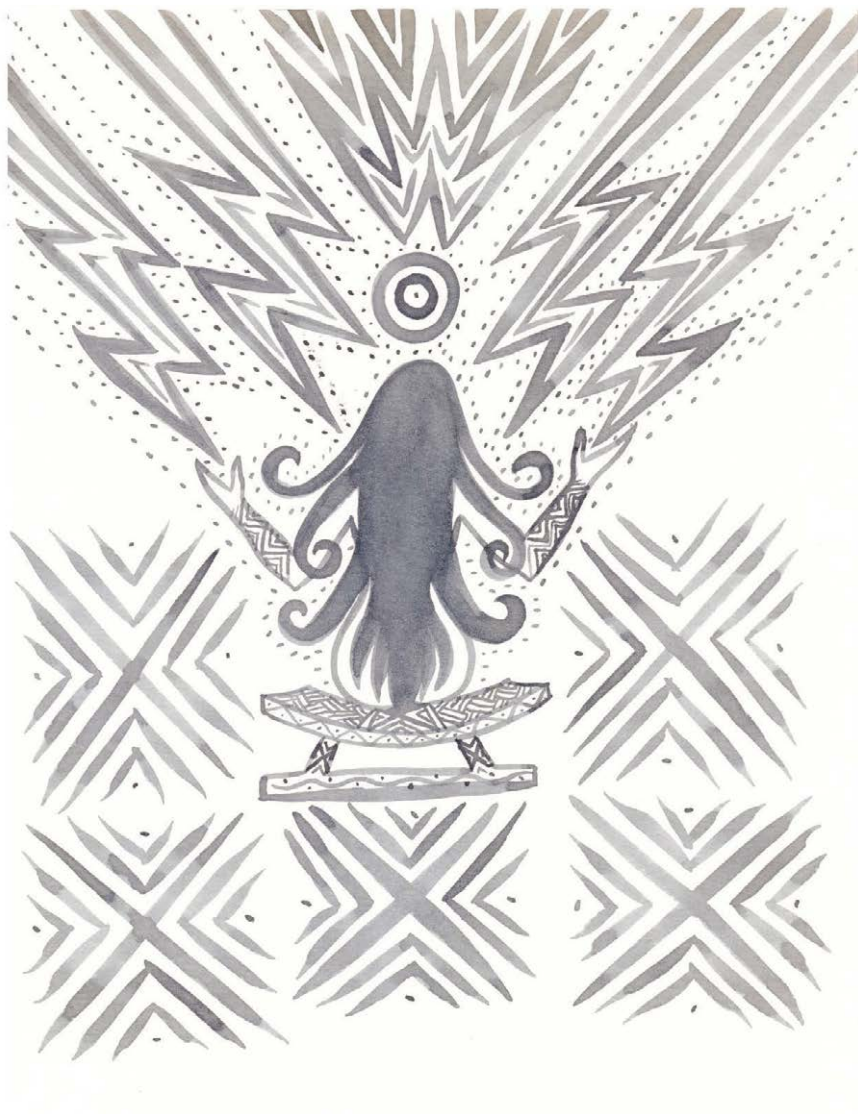
Daiara Tukano

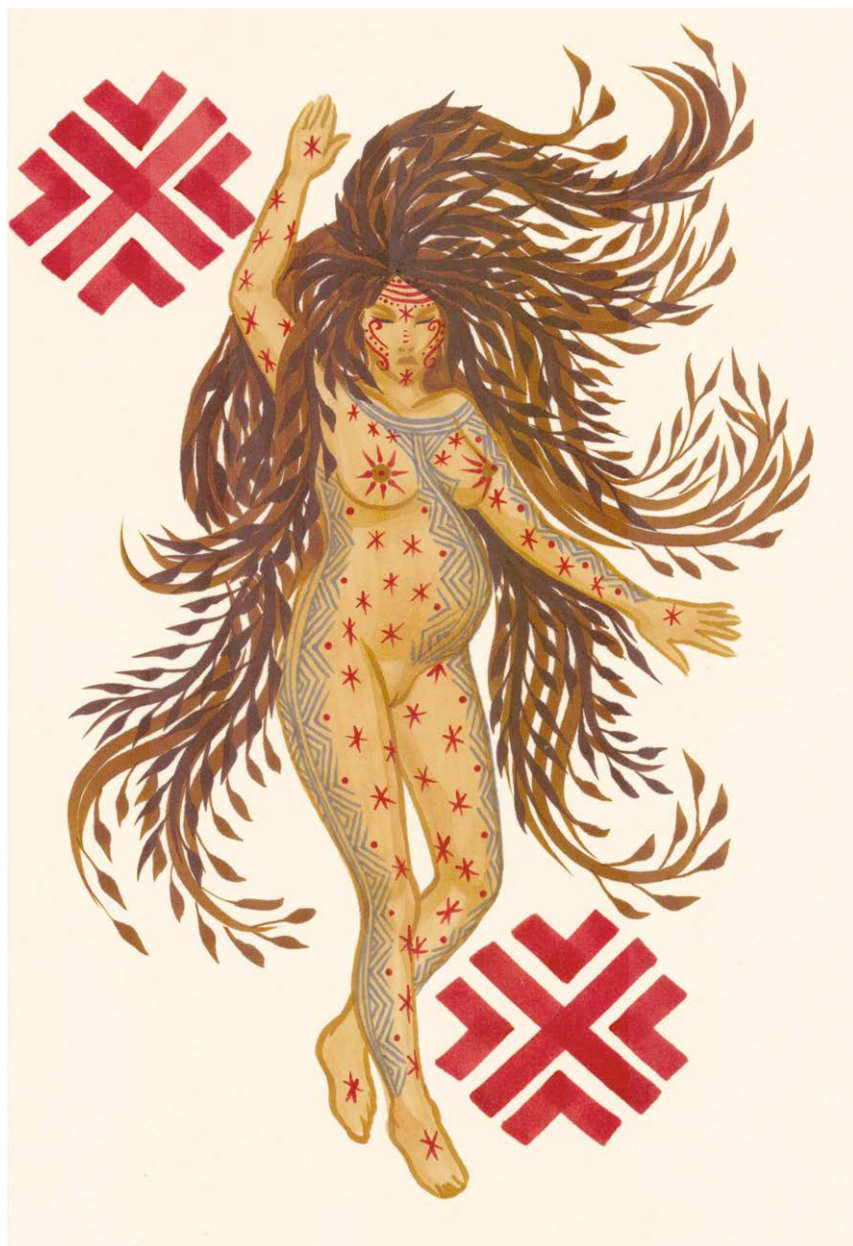
- > A criação do sol (2020), 21 x 29.7 cm, jenipapo em papel
- > A grande avó cria o mundo e nascem os cinco trovões na maloca do universo (2020), 21 x 29.7 cm, jenipapo em papel
- > Bela adormecida (2020), 21 x 29.7 cm, hidrocor em papel
- > Dinari e o Jacamim (2020), 21 x 29.7 cm, hidrocor em papel
- > Mani, minha raiz é mandioca (2020), 21 x 29.7 cm, hidrocor em papel
- > Semente encantada (2020), 21 x 29.7 cm, hidrocor em papel
- > A mãe universal se banha no Lago de Leite (2020), 21 x 29.7 cm, hidrocor em papel

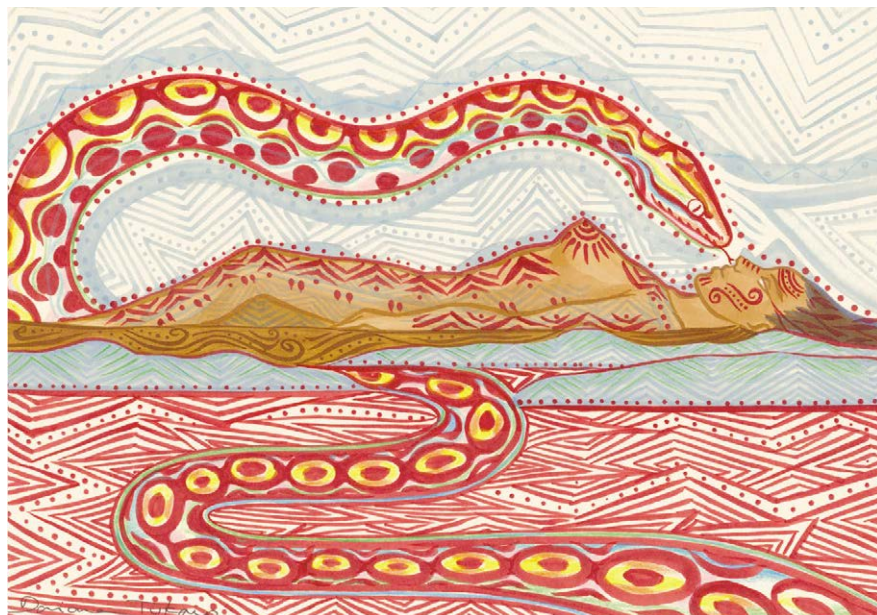
Bio

Daiara Hori Figueroa Sampaio - Duhigô, do povo indígena Tukano – Yé'pá Mahsã, clã Eremiri Hãusiro Parameri do Alto Rio Negro na amazônia brasileira, nascida em São Paulo. Artista, ativista, educadora e comunicadora. Mestre em Direitos Humanos pela Universidade de Brasília - UnB; pesquisa o direito à memória e à verdade dos povos indígenas; Coordenadora da Rádio Yandê, primeira web-rádio indígena do Brasil - www.radioyande.com. Estuda a cultura, história e espiritualidade tradicional de seu povo junto à sua família. Reside em Brasília, DF.













MÁSCARAS PARA RITUAIS DO MUNDO EM CRISE

Denilson Baniwa

Os mais velhos dizem que o Senhor das Doenças³⁰ tem uma pelagem parecida com a do bicho-preguiça e quando encontra um espírito doente o abraça e sufoca até o luto, tal como um bicho-preguiça agarra numa embaubeira. Se nada for feito e o pajé não for forte o suficiente para negociar com o Senhor das Doenças, o espírito do doente se vai para sempre. Dizem que o mundo em que vivemos é decorrente das grandes guerras entre os seres humanos e o mundo natural. Tornamos este planeta um contraste do mundo dos cosmos, por isso precisamos dos pajés, benzedores e todos aqueles que fazem a comunicação com o Universo, tornando assim a nossa vida segura neste planeta.

Porém, muitas vezes esquecemos que vivemos num lugar finito e que precisa de cuidados, negamos o bem viver e lidamos por muito tempo com a emancipação de sistemas de poder. Caímos em desventura e chegam até nós os sinais do Senhor das Doenças.

Com a chegada de nossos “descobridores”, vieram novos desafios, doenças que não estávamos acostumados a ver. Mundos acabaram, povos foram extintos, aldeias que acabaram para sempre. Tivemos que aprender novos rituais e métodos para acalmar o Senhor das Doenças.

30 “Senhor das Doenças” é uma tradução para português que uso aqui como proteção espiritual, não quero que Ele saiba que estou falando seu nome por aí sem permissão.

Antibióticos, vacinas, remédios em embalagens de plástico ou vidro pareceram boas pussangas. Mas, não o acalmaram. Este é o momento em que revivemos a crise pujante da dor. A covid-19, por ser algo nunca visto, nos leva a criar novos rituais de cura e cuidados para que possamos acalmar novamente o Senhor das Doenças.

As máscaras sagradas que aprendemos com nossos Avós-Universo feitas de madeira, fibras, argila, cuias, penas de pássaros, que serviram como lembrança do tempo da gênese e de respeito aos nossos criadores, são senhas de acesso para o cosmos, o invisível, o sagrado, o sobrenatural, tão importantes para manter a ordem do caos, com o que alegamos e acalmamos o Universo, passam hoje por uma atualização nos vários povos indígenas. Fomos obrigados a usar máscaras cirúrgicas ou feitas de tecidos costurados, até então desconhecidas por nós, para nos proteger do espírito da covid-19, e, claro, junto com as máscaras vieram as regras de como usá-las com eficiência, pois não basta colocar a máscara no rosto, é preciso saber as senhas de acesso aos modos de proteção. Uma atualização de firmware que o Senhor das Doenças nos disponibilizou.

Estes rituais hoje não vieram pelas bocas de nossos Avós. No mundo moderno, chegam impressos em folhetos ou pela televisão, que também mostram como os rituais devem ser feitos passo-a-passo, que também mostram o que acontece se não cumprirmos os rituais corretamente não mais com metáforas e figuras de linguagem, mas com os vídeos dos mortos sendo enterrados em covas abertas às pressas. Aterrador. Um horror! Não estávamos preparados. Mas, ainda há tempo para sobrevivermos.

Embora os rituais agora sejam quase como entregas de fé, temos chances. Lavar as mãos metodicamente, higienizar-se com álcool em gel 70%, entre outros pequenos rituais que fazem parte de uma regra a ser seguida obrigatoriamente.

Uma quarentena, nada de encontros sociais nem saídas de casa. Se não é casado e não mora junto, nada de sexo. Sem visitas aos parentes para o almoço de domingo, muito menos barzinho às sextas com o pessoal do trabalho. Mantenha uma alimentação saudável, beba água, faça exercícios. Mantenha sua imunidade boa. Para uma proteção maior, usem máscaras sempre. Máscaras de rituais do mundo em crise.

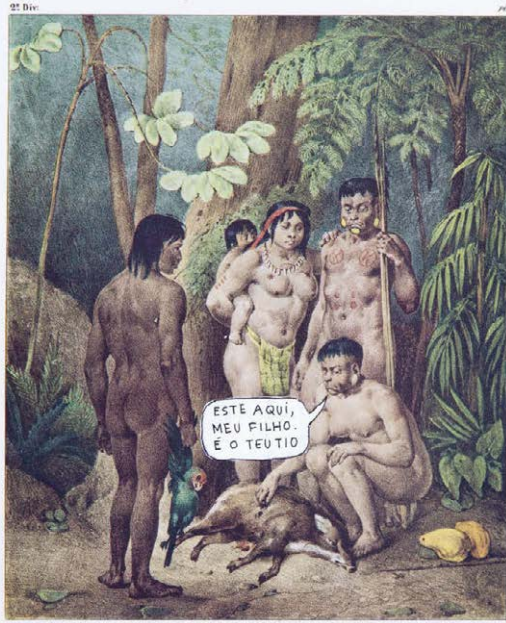
Que o Senhor das Doenças veja que estamos cumprindo todos os rituais e possa se acalmar logo. E nosso povo sobreviverá a mais este fim de mundo.

Bio

Denilson Baniwa nasceu em Mariuá, Rio Negro, Amazonas. É indígena, comunicador e artista parido no Movimento Indígena Amazônico. Em trânsito pelos mundos, experimenta seus processos artísticos e a partir da antropofagia e autofagia da arte busca o entendimento do outro, seja ele humano ou não.

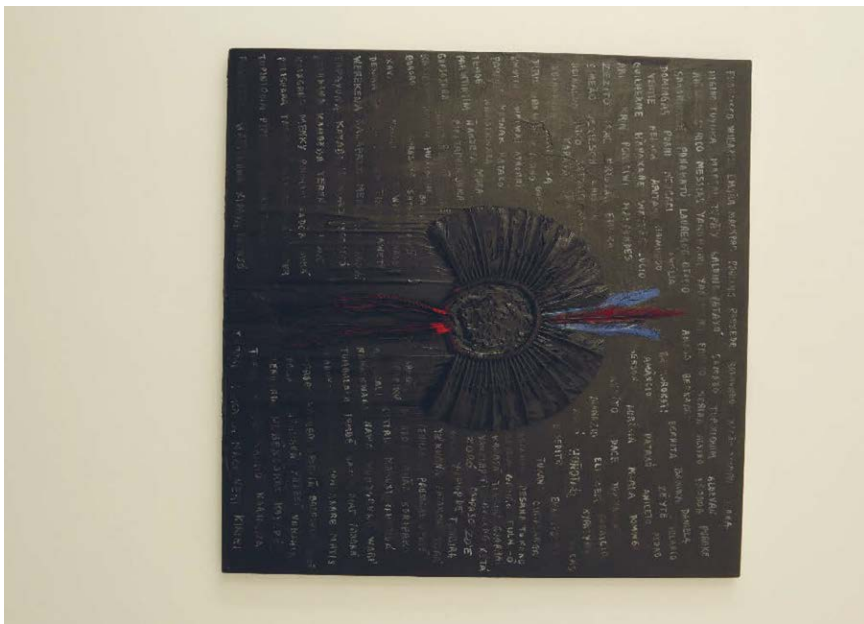






FAMILLE INDIENNE.
Botocudos.

DENILSON BANIMA
3/21
1/2







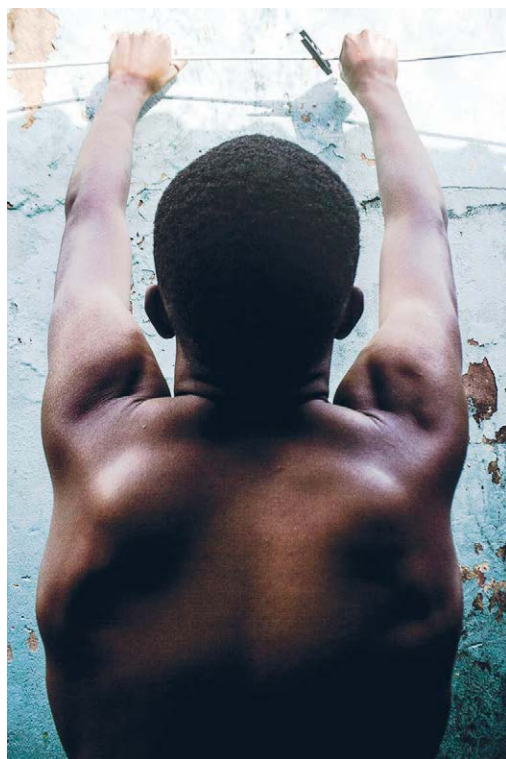


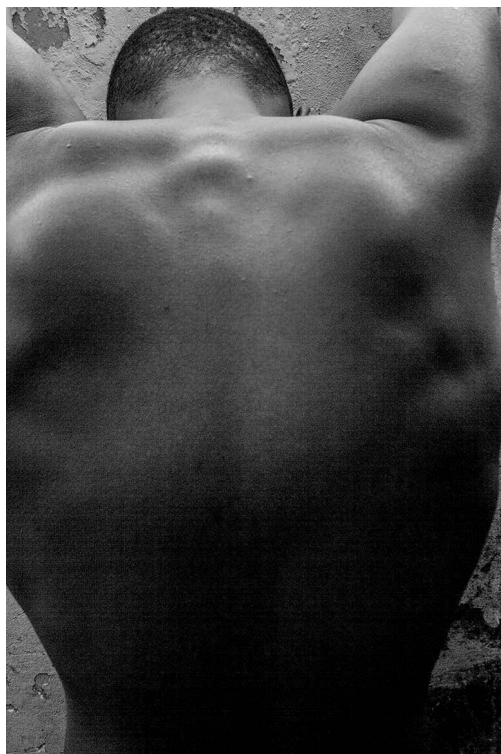
“DESGASTE”

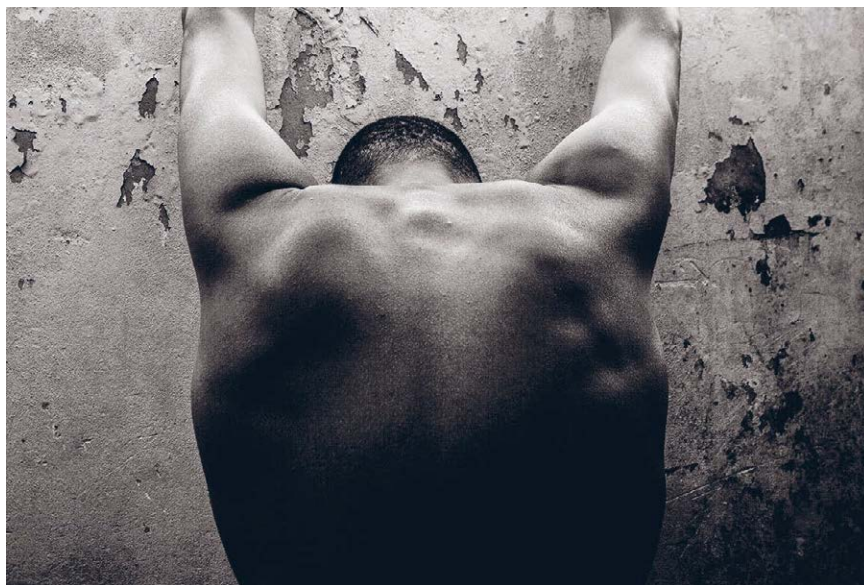
Ester Cruz

Ester Cruz, nascida em 1998, é fotógrafa, diretora de fotografia, produtora e web designer que reside em Brasília. Formada em Fotografia no Instituto Iesb, tem seu trabalho focado na estética negra. Seus retratos são usados como uma busca para desenvolver um novo olhar ao negro, de uma forma além dos estereótipos e com ênfase aos detalhes de cada especificidade da pele negra.











FOLCLORE AFROAMERINDIO E A VIDA COTIDIANA

Jackeline Romio

Jackeline Romio é pintora, escritora e doutora em Demografia. No campo das artes, expressa através de desenhos em tela e grafite em muros a suas memórias de mulher afro-brasileira. É apaixonada pelo folclore afroamerindio e pela vida cotidiana.

Foto 1. *Laços de família (2021)*

Apresenta o bordado de mãe e filha.

Acrílico, folha de ouro e verniz, 30x40.

Foto 2. *Altar dos mortos brasileiros por COVID-19 (2021)*

Em homenagem às 600 mil vítimas de Covid-19 no Brasil.

Acrílico, folha de ouro e verniz, 30x40.

Foto 3. *Mandala (2021)*

Corpo feminino nas suas simetrias.

Acrílico, 30x40.

Foto 4. *Vacina e Jacaré (2021)*

Reflexão sobre a vacina no Brasil.

Acrílico, 30x40.

Foto 5. *Iniciação (2020)*

Nascimento do yahô de Shango.

Acrílico, 30x40.

Foto 6. *Afrolatino-americanas* (2020)

Meninas e mulheres Afro-Latinoamericanas
Acrílico, 30x40.

Foto 7. *Dias de veraneio* (2021)

Felicidade na praia quando acabar a COVID-19.
Acrílico, 30x40.

Foto 8. *Love computation S2* (2021)

Amor em tempos cibernéticos.
Acrílico, 30x40.

Foto 9. *One love* (2021)

Amor na praia deserta.
Acrílico, 30x40

Foto 10. *Chinelo vermelho* (2021)

Retrato do príncipe da altivez.
Acrílico, 30x40.

Foto 11. *Indígena urbano* (2021)

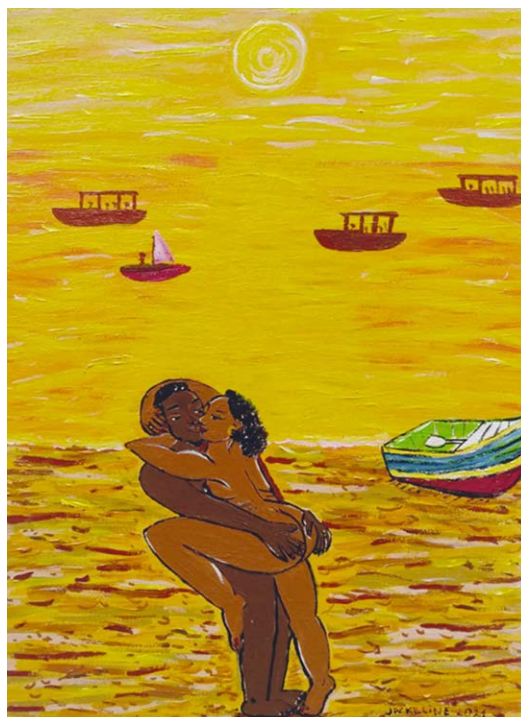
Retrato do homem de origem indígena da cidade.
Acrílico, 30x40.

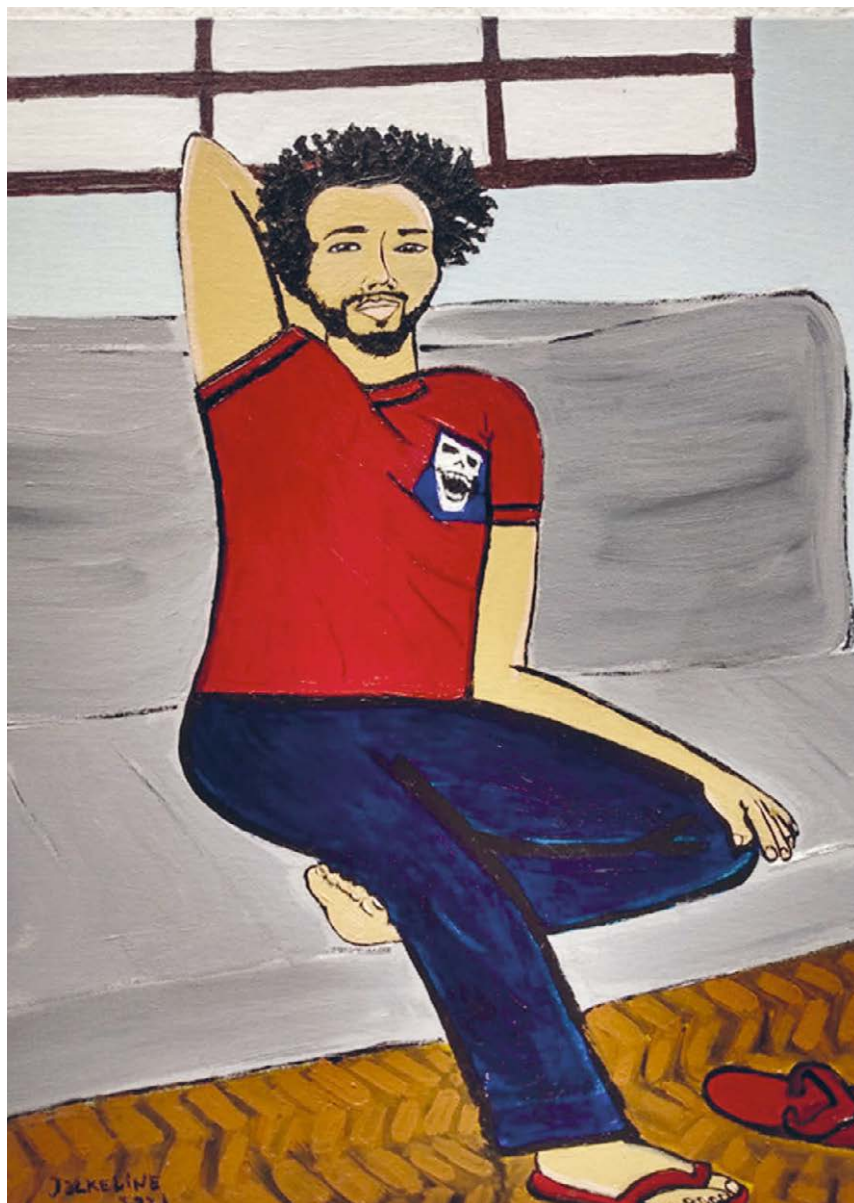


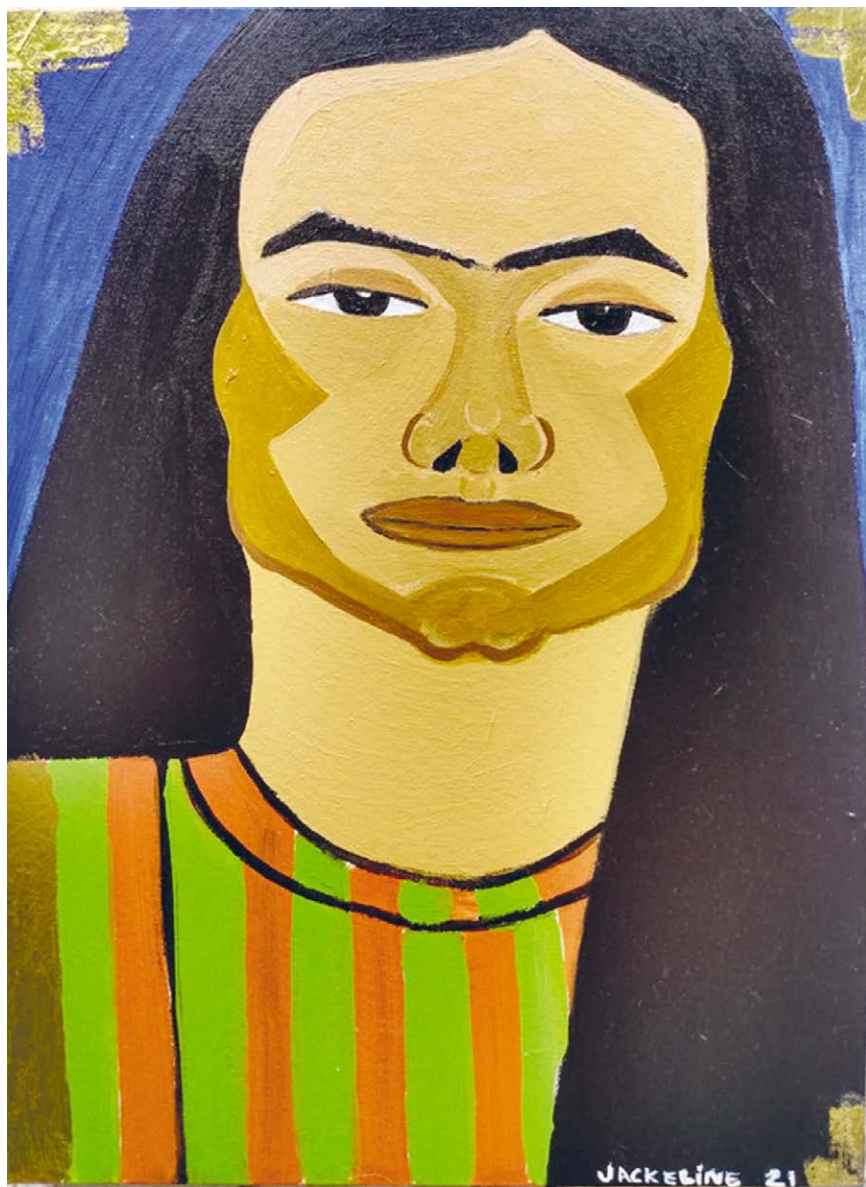












LABFRONT

Curadoria: Pablo Gobira

Assistência de curadoria e criação visual: Priscila Rezende Portugal

A partir de obras de membros do LabFront:

Pablo Gobira

Antônio Mozelli

Emanuelle Silva

Ítalo Travenzoli

Priscila Rezende Portugal

Luiz Carlos de Oliveira Ferreira

Obras:

Instalação em realidade virtual imersiva “MUSEU EM CHAMAS” (2021)

PoemApp “COVID-19” (2020)

PoemApp “LAVE AS MÃOS” (2020)

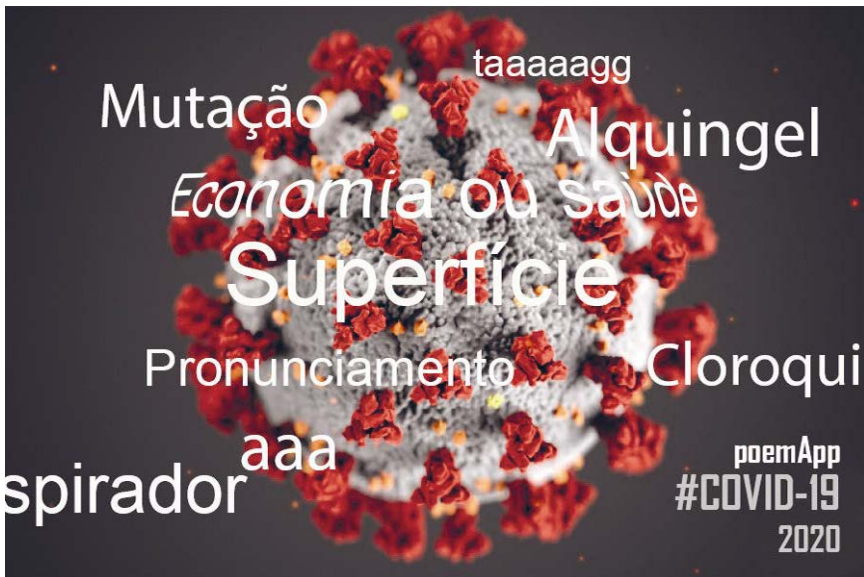
Colagem digital “ENTRE O MUSEU E AS CHAMAS” (2020)

Jogo digital “SAD DEFENSE” (2019)

Descrição:

Este ensaio visual foi criado no ano de 2021 a partir de 5 obras produzidas no grupo de pesquisa, desenvolvimento e inovação Laboratório de Poéticas Fronteiriças (CNPq/UEMG). As obras nas quais ele se baseia foram compostas enquanto parte de projetos desenvolvidos entre os anos de 2018 e 2021. Esses projetos tiveram a participação de diversos outros membros do grupo, além das equipes envolvidas diretamente com a criação das obras. Além de serem realizadas de modo colaborativo, tais obras são operadores conceituais em discussões teórico-práticas desenvolvidas nos projetos. Caso queiram saber mais sobre o LabFront, nossas pesquisas, curadorias, outras obras e aplicações ou bibliografias disponíveis gratuitamente, recomendamos o acesso ao website do grupo de pesquisa: <http://labfront.tk>









SESSÃO 3 - ARTIGOS

PREFÁCIO 3

ARTIGOS

Walescka Pino-Ojeda

Universidade de Auckland, Nova Zelândia

Pensar na pandemia em cursnsciência do caráter agônico da vida e da sociedade humana. Agonismo, desde a perspectiva filosófica de Nietzsche, até chegar às leituras de teoria política de Chantal Mouffe, e que não significa outra coisa que exercer o ato de estar vivo (em solidão ou em sociedade); desde o mais evidente sofrimento e certeza de finitude, para esse lugar transitório e instável; reexaminar os valores, a ordem que não só nos rege, mas, sobretudo, nos modela e determina. Tal encontro com o terminal e incompleto, porém, longe de expor desânimo ou desespero, neste volume, se propõe desde a criatividade e o compromisso com um futuro em comunidade, a mesma que há de ser gestora, partícipe e/ou beneficiária dessa arte e inovação.

Nesta seção do volume, do que se trata é de aproximar-se da pandemia desde a análise crítica pois, evocando o pensamento de Hannah Arendt, comunga implicitamente com a sua proposta de que a reflexão exercida de modo responsável é, em si mesma, uma ferramenta para corrigir ou influenciar positivamente o público compartilhado. Referir a autoridade filosófico-política de Arendt é, portanto, de toda a pertinência na encruzilhada atual: enfrentamos hoje uma soma de circunstâncias

que, como há 70 anos, torna evidente a nossa atual passagem para outros ciclos, mas diferentemente do período analisado por Arendt, nossa transformação não é tão somente social, política, ou epistemológica, senão que é também planetária e ontológica e, por isso, seu impacto em nossa existência íntima, em nossa concepção do humano e do coletivo e o profundo impacto no macro ambiental é algo ainda não totalmente perceptível aos olhos.

No entanto, é evidente que a era que hoje nos molda é o resultado direto daquela analisada por Arendt, sobretudo no que diz respeito à experiência que a Europa viveu com diversas formas de totalitarismo, e cuja resolução, no fim da Segunda Guerra Mundial, desencadeou rivalidades ainda vigentes. Mais ainda, os acordos que definiram o encerramento do conflito mundial foram os que deram forma à liderança político-militar-econômica ganha pelo bloco ocidental euro-norte-americano, a conseqüente Guerra Fria que dividiu o planeta, e na qual a América Latina (junto à Ásia e África) ficou em posição de fogo cruzado.

É dentro dessa genealogia que se localizam as múltiplas ditaduras instaladas em nossa região desde meados de 1940; muitas delas contracorrentes dos próprios processos democráticos internos. Ditaduras postas para servir à voracidade das indústrias transnacionais norte-americanas, como a United Fruit Company na América Central e no Caribe, ou a Anaconda Corp. Company, assentada no vasto deserto do Atacama. Regimes e empresas apoiados desde A Casa Branca com a desculpa de proteger os investimentos norte-americanos, e utilizando também convenientemente o discurso de prevenir o comunismo em nossa região. Ditaduras de corte fascista que importam diretamente a linguagem das metrópoles hegemônicas para autorizar e normalizar a figura do terrorista e do inimigo interno, tudo isso estruturado na década de 1970 em nossa região sob inovadoras e eficientes tecnologias de terror: Operação Condor e desaparecimento forçado de pessoas. Surge, deste modo, a ominosa e sempre presente figura de “o desaparecido”. Esses momentos de “choque” (citando Naomi Klein) são aproveitados, além disso, para abrir as economias e privatizar os recursos naturais e a infraestrutura pública estratégica: o recordado neoliberalismo, o que permitirá que as multinacionais e os recursos estratégicos, que até

a década de 1970 estiveram sobretudo em mãos estrangeiras, passem também a patrimônios privados locais, criando assim as plutocracias nacionais que hoje nos regem; fortunas descomunais que representam um verdadeiro artifício sem sentido frente à pobreza abjecta que ainda prevalece em nossa região, hoje incrementada pelos efeitos da pandemia. Esse processo privatizador é selado a nível financeiro internacional no início de 1990 com a abominável lista de preceitos contidos em “O Consenso de Washington”, que de consenso só tem o nome, pois mediante ele se reafirma com êxito, por meio do endividamento, a dependência econômico-cultural da América Latina em relação às metrópoles capitalistas do Norte.

O leitor terá que desculpar essa espessa e pouco grata lista de eventos. Apesar disso, é imperativo recordar que todos esses fatos, na sua maioria empurrados das agendas metropolitanas acima referidas, e com a cumplicidade e servidão das minoritárias elites econômicas e étnicas da nossa região, contaram desde a sua própria imposição com uma resistência exercida, precisamente, desde a vereda tanto artístico-criativa como crítica. Com efeito, atrevo-me a afirmar que, em muitos aspectos, e mesmo na precariedade que atualmente nos aflige, encontramos no meio de um impulso descolonizador semelhante àquele iniciado nos anos 60, quando, na nossa região, prolifera o Terceiro Cinema, A Nova Canção e Nova Literatura Latino-americana, a Pedagogia do oprimido, a Filosofia da libertação, entre outros movimentos continentais artístico-reflexivos de então. É claro que a força descolonial atual que vive a América Latina está inevitavelmente ultrapassada pelas revoluções, as guerras civis alimentadas desde o norte mediante o subsídio de “os contra” e as experiências ditatoriais entre a década de 60 a 90, com suas múltiplas sequelas e aprendizagens.

A energia descolorida em curso está construída também sobre o colapso dos grandes relatos que tinham sustentado e dado legitimidade à modernidade ocidental, do nosso lugar periférico em relação ao capitalismo que a acompanhou, como bem o descreveu o economista argentino Raúl Prebisch na década de 1930 – a nós chegou enviesado, regido por um “intercâmbio desigual”. Um descrédito que depois é acusado pelas próprias metrópoles, o que, no final dos anos 70, leva

Lyotard a descrever esse póstumo momento como “a condição pós-moderna”. Esse colapso tinha sido antecipado por Arendt pelo menos uma década antes ao afirmar que o totalitarismo europeu não é uma forma de governo alheia à arquitetura do pensamento moderno ocidental, prova definitiva do que tem sido a grande empresa imperialista-colonial europeia, em todas as suas etapas, e sempre fazendo uso de trucados princípios éticos para autojustificar-se. Adorno, também, tinha chegado a uma conclusão semelhante em 1951 em seu volume *Mínima moralia: reflexões sobre/da vida danificada*, sua aposta filosófico-ética para enfrentar o dano sofrido em seu tempo, e que oferece ecos eloquentes para aproximar-nos das feridas do nosso. Recordemos por certo que, com tom desolador, e só uns anos antes, Adorno tinha declarado a morte da poesia, isto é, do pensamento sublime-criativo, e isso a partir das atrocidades expostas em Auschwitz, para ele, sinédoque da utilização macabra que o nascimento fez da inteligência humana e dos avanços científicos e tecnológicos para ontrem-los ao serviço do extermínio, e não do progresso e do enobrecimento humano.

É considerando todos esses pontos que tendo a entender os trabalhos desta seção como participantes de uma sorte de mínima Ética, com o atenuante do já dito de que “nós, os de então, já não somos os mesmos”, como nos recordava Neruda, pois muita água passou debaixo da ponte. Ou como o expressa de modo ilustrativo Fito Páez “[já há] tanto sangue que levou o rio!”. Desde aqui, uma das principais tarefas legadas pelas experiências ditatoriais latino-americanas recentes foi nomear esse sangue, nomear a dor, visibilizar o dano, começando talvez com a ferida colonial, aludida por Walter Mignolo, e todos seus derivados: a ferida neocolonial, a ditadura, a neoliberal. Tenho a firme convicção de que o empenho em dar uma presença ao inominável, ao caráter abjeto da tortura, do exílio e do desaparecimento, é o que tem animado os intensos trabalhos de memória desde a arte, a reflexão crítica e o ativismo cívico que temos observado na nossa região nos últimos 40 anos, e que nos assistiram mais recentemente para nomear o dano aos povos originários, às identidades de gênero não binárias, à condição da mulher, quem, neste momento, ajuda nos a enfrentar a pandemia. Quer dizer que longe de descrever da poesia, do pensamento crítico-sublime, foi esse o meio

escolhido, o idôneo, para nos ajudar a transitar a dor. E isso apesar da máquina alienante e hedonista instalada pelo raciocínio consumista do livre mercado. Nesse sentido, a pandemia da COVID-19 se nos apresenta como a força monstruosa natural-ambiental que veio interromper o até agora pouco desafiado poderio neoliberal. Ressoa em minha memória a canção que Carlos Puebla dedicara a Fidel Castro para destacar sua força política e estratégica na tarefa de devolver a dignidade a Cuba e restaurar seu destino: “E se acabou a diversão, chegou o comandante e mandou parar!”. Infelizmente, a COVID-19 não foi capaz de frear a festa neoliberal, pois contribuiu para aguçar os abismos sociais, a ganância de alguns diante da miséria de outros. No entanto, e tal como o totalitarismo europeu expôs as falhas ético-estruturais intrínsecas do pensamento moderno ocidental, o caráter totalizante da pandemia abriu hoje a possibilidade, não só de nos situarmos a partir de uma mínima Moralía, mas também de tornar possível alargar o estreito e marginal caminho pelo qual transitaram os saberes, os atores e as perspectivas até agora vistos como mínimos; os que têm expressado sua dissidência, e articulando sua dor desde a experiência colonial mesmo até hoje.

Dentro desse cenário, vejo dois eixos centrais interligados que ordenam as análises críticas aqui incluídas. Por um lado, torna-se evidente que estamos diante do colapso ético, social e lógico-estrutural da ordem que organiza nossas instituições, lideranças e comportamentos íntimos e cívicos. Assim, o aumento dos crimes de feminicídio durante a pandemia, que é analisado pela Dra. Lourdes M. Bandeira, além de deixar claro que se trata de “um crime de ódio”, dá conta do que ela eloquentemente descreve como uma conjuntura em que “matar ou morrer se torna mais fácil, seja pela pandemia ou pelo delito de feminicídio”. Essa aproximação dialoga de modo estreito com a análise que Zanello, Richwin e de Baére fazem dos memes trocados em redes sociais masculinas durante a pandemia e que, em suas palavras, são um sintoma de “masculinidades doentes”. Isso não é difícil de compreender, tendo em conta a sinopse anteriormente apresentada, sobretudo se tivermos em conta que as campanhas cívicas feministas que têm proliferado nos últimos anos na América Latina, identificam o sistema patriarcal moderno ocidental como a matriz que estrutura a exclusão e o ódio à mulher.

O comportamento machista atual expõe, portanto, o evidente impasse entre um relato de poder em crise, e o peso histórico de ontologias já irrefreáveis, com o qual a violência não é senão a penosa reação ante uma impotência.

A violência de gênero acima referida, que se exprime de modo físico ou discursivo, encontra o seu equivalente na discursividade pública, mediática e social quotidiana que é analisada por Viviane Vieira. Seu esforço para destacar a contribuição dos Estudos Críticos do Discurso se sustenta na necessidade de contar com instrumentos analíticos que ajudem a desnormalizar as aberrações éticas implícitas em figuras de discurso de alto alcance e impacto. Estas têm aumentado seu poder no que ela descreve como “tempos de pandemia e fascismo” no Brasil, onde o que priva é “a hipocrisia como encobrimento [e que consiste] na prática de ignorar uma realidade existente e conhecida para continuar ações perversas nas quais o sujeito sabe, mas finge não saber”. Pelo mesmo motivo, e em relação a esta arrogância e duplicidade éticas que atentam contra os princípios básicos de convivência cívica, é que Alves Cruz e Garcia Filice propõem a necessidade de contar com lideranças que atuem de uma posição epistemológica interseccional, a qual é sobretudo possível de exercer desde subjetividades marginalizadas do poder clássico moderno ocidental. Em suas palavras, “a interseccionalidade [é vista] como uma metodologia de pesquisa que contribua para o estudo das políticas públicas e a gestão, [e] a assume como ferramenta e prática descoordenada”.

O chamado a pôr em prática metodologias de alcance público com perspectiva descolonial evidencia o avanço que se tem dado desde o âmbito das meras subjetividades, ao da práxis analítica e de influência política direta. Ou seja, estamos já – e usando a linguagem de Adorno – frente à *ética* que se fala desde uma identidade até agora considerada *mínima*, em rigor já não se encontra na marginalidade acostumada. As Dras. Favaro e Chaves privilegiam desde outro âmbito a aproximação descolonial, desta vez ao analisar o modo em que os meios digitais estão alterando a maneira em que se produzem, transmitem e leem as mensagens, sobretudo as imagens. No centro de sua reflexão se encontra o que enunciam como “a economia simbólica moderna”, e isto para estabelecer que as estruturas que comandam o mundo midiático digital

desafiam as raízes de autoria individual e as hierárquicas implícitas na economia de conhecimento moderna.

“Pensar no futuro tornou-se ainda mais urgente”, afirma Lidia Zuin. Daí que sua análise passe revista a diferentes autores que analisam formas de imaginar o amanhã, o que já não deve ser pensado desde a utopia ou distopia, mas talvez desde a protopia, que não é outra coisa que encarar o futuro a partir do que a realidade dita, e não o que o desejo ou o medo impõem. Vislumbrar um futuro possível pode acontecer também a partir da prudência, desde as necessidades, e que envolve, portanto, tomar conta dos efeitos da ciência e da tecnologia. É interessante notar que esta aproximação se apresenta oferecendo um campo aberto, fora de todo determinismo criativo ou reflexivo, o qual dá conta da pluralidade de saberes e de perspectivas etiológicas que dão forma a esta análise, vencendo assim o monolito epistemológico que até agora nos ordenou.

Esse olhar epistemológico descentrado atinge um ponto culminante no artigo de Valentim, “Pandemia e vingança”. Sua atenção ao pensamento xamânico de Davi Kopenawa expõe uma dupla admissão: a absoluta relevância e coerência dos saberes indígenas para aproximar-nos de modo integral de problemáticas que o saber moderno ocidental só pode avaliar de modo parcial, interessado e compartimentado, e o caráter multidimensional e de fatura intrínseca e intimamente humana que explica a gestação e distribuição da COVID-19, e que o autor resume como um exemplar “socioambiental”. A perspectiva de Kopenawa serve a Valentim para trazer à luz uma degradação primordial que, nas culturas do Pacífico Sul, ocorre quando se transgride o *tapu* de uma forma de vida ou existência. *Tapu*, antecedente do conceito mais moderno *tabu*, descreve um espaço sagrado, de valor espiritual, tal que não deve ser tocado, intervindo, muito menos violentado. Assim, a vingança referida por Valentim descreve o ato das forças vitais da natureza, as que frente a seu *tapu* violentado reagem gestando a figura aberrante da pandemia. Neste quadro, o que se percebe é que o saber humano deslocou a natureza ao mesmo lugar mínimo que ocupam alguns congêneres seus marginalizados, subalternizados. O absurdo desses atos não é senão

o resultado da dissociação que o pensamento moderno ocidental tem gestado entre a condição humana e o ambiente natural do qual provém e ao qual pertence. Tal distanciamento afetivo e racional representa sem dúvida o ato de maior arrogância possível, um dano primordial para o outro e para si mesmo, e cujo resultado não pode ser senão a autodestruição. No entanto, o fato de esse monstruoso desenvolvimento se expor desde um saber até agora inacessível para nós, alimenta-nos a cautelosa esperança de que “outro mundo é possível”, como nos propôs o Primeiro Fórum Mundial realizado em Porto Alegre há já 20 anos.

Bio

Professora Associada da Universidade de Auckland, Nova Zelândia. Sua pesquisa se preocupa com as maneiras pelas quais as artes apresentam e contestam o poder hegemônico. Ao analisar os desenvolvimentos sociais e políticos latino-americanos na era pós-autoritária (1980-presente), estudou o papel da literatura, mas agora examina principalmente a música popular, o cinema e o ativismo cívico no contexto do neoliberalismo e do trauma social. Está concluindo um volume sobre o papel da cultura na consolidação dos processos de redemocratização no Chile pós-autoritário.

TRAJETÓRIAS CULTURAIS EM FLUXOS, LAÇOS E NÓS

*Profa. Dra. Daniela Favaro Garrossini (Universidade de Brasília) e
Prof. Dr. Gabriel Lyra Chaves (Universidade de Brasília)*

Resumo: Ano 2020, modificamos vários aspectos da vida, baseados em Tecnologias da Informação e Comunicação, transformamos a nossa rotina, a nossa forma de comunicação, de produção e difusão de conhecimentos. Não saímos mais por portas, existimos em janelas. É inegável que o tempo vivido possibilita transformações, destaca-se a coexistência, como talvez nunca vista, entre os meios digitais, virtuais e presenciais, além de maior interação e colaboração. Em concordância com Brea (2009), talvez estejamos vivendo o que nunca olhamos com tanto cuidado, que é “olhar menos ao passado (para assegurar sua recuperabilidade, sua transmissão) e mais ao presente e seu processamento”. E com essa afirmação, compreender que a conservação garantida da cultura, considerando suas instituições, acervos, história, pode converter-se em uma possibilidade de se construir, a partir de interações de muitos sujeitos, outras formas de viver, com graus de diferença, complexidade e interações (Brea, 2009, p.13).

Espera-se, a partir do contexto colocado acima, contribuir a partir de uma reflexão sobre as camadas da cultura que compõem o “físico/digital” e suas consequências para as formas de produção e distribuição baseadas em rede, dando luz à memória tradicional de registro e à memória que podemos chamar de “memória processamento”, que desafia as instituições tradicionais, mas apresenta a possibilidade de sua expansão

em rede e suas consequências para as formas de produção, (re)produção, inovações e modificações baseadas em uma trama que se amplia, se modifica, se constrói e reconstrói, a partir de uma multiplicidade de fluxos e de trocas em todas as direções.

REFLEXÕES SOBRE O CONTEXTO

Ao longo dos últimos anos, percebe-se que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) vêm modificando vários aspectos da vida cotidiana: as formas de consumo e de comunicação, a política, o trabalho, a administração pública, a pesquisa, o lazer, e, acima de tudo, a produção e difusão de novos conhecimentos. As TICs vêm possibilitando também a transformação do papel das pessoas na sociedade, que passam a poder interagir e participar mais na gestão pública, nos processos de aprendizagem e nos processos de produção artística, cultural e tecnológica, em que as pessoas não são mais apenas consumidores e observadores passivos, mas sim, coautores. Percebe-se, então, que no campo artístico-cultural, a convergência das TICs propiciou também a junção e a coexistência entre os meios digitais, virtuais e presenciais, além de maior interação e colaboração entre os (co)autores.

(...) a cultura olha neste momento menos ao passado (para assegurar sua recuperabilidade, sua transmissão) e mais ao presente e seu “processamento”. Menos à conservação garantida dos patrimônios e saberes acumulados no decorrer do tempo, da história, e mais à gestão heurística de um “novo conhecimento”; a isso e à otimização das condições de viver em comunidade, da interação entre a conjunção dos sujeitos de conhecimento – submetidas a graus crescentes de diversificação, diferença e complexidade (BREA, 2009, p. 13).

Nesse sentido, José Luis Brea (2009) destaca ainda a transição da memória cultural de arquivo e armazenamento para a memória de processamento e distribuição, na qual há uma interconexão ativa e produtiva, o que ele nomeia de memória-constelação: uma rede que reúne

múltiplos fluxos virais que se (re)produzem e se (re)distribuem em todas as direções e em tempo real. A memória deixa de ter apenas a função de reter e conservar o momento perdido. Passa a ser dinâmica, antecipando “o futuro do sistema que liga e sistematiza toda a constelação dos conhecimentos possíveis, efetivos, em uma arquitetura expansiva que, a cada momento, atualiza sua competência, ou sua potência visual” (BREA, 2009, p. 5).

O que antes era uma reflexão, sobre essa transição e suas consequências para as formas de produção e distribuição baseadas em rede, hoje se torna mais próximo de nossas realidades. Nossa reflexão se inicia a partir da comparação entre sistemas de armazenamento ROM (*read ont memory*) e RAM (*random access memory*) feita por Brea, analisa procedimentos socioculturais que se cristalizaram ao longo de nosso tempo e avança nas transformações que atravessam o campo da produção e utilização imagética na cultura ocidental, transpondo a separação ROM/RAM em imagem/e-imagem.

Finalmente, compartilhamos inquietações/perguntas/reflexões voltadas para as novas possibilidades de fabulação, imaginação e ação trazidas ao contexto presente e ao uso das tecnologias da informação e comunicação nos dias atuais.

ARMAZENAMENTO, ARQUIVO, ACERVO: A LÓGICA DE ACÚMULO E COMPETIÇÃO EM CONTEXTOS DE ESCASSEZ

Em um experimento de simulação computacional para avaliação de comportamentos sociais emergentes (LEIBO et al, 2017), agentes computacionais com capacidade de aprendizagem e adaptação foram expostos a dois cenários distintos. No primeiro, chamado de Gathering, duas entidades dividiam um tabuleiro, no qual deveriam coletar pontos. Além de se locomoverem para coletá-los, as entidades podiam se prejudicar por meio do disparo de um feixe, que desabilitava temporariamente a outra entidade sem penalidades para o agressor. No segundo tabuleiro, chamado Wolfpack, duas entidades de classe semelhante deveriam se alimentar de uma terceira. Neste caso específico,

quando o caçador coletava a presa enquanto estivesse próximo ao seu semelhante, ambos recebiam o benefício da caça, e quando caçava sozinho, não precisava dividir, mas corria o risco de ter a caça subtraída por outros caçadores ou animais carniceiros. O primeiro modelo foi desenhado para emular situações competitivas, o segundo para simular situações de colaboração. Depois de rodar milhões de simulações desses cenários, foram mapeados alguns comportamentos previstos. Deste experimento, coletaremos um indício: parâmetros ambientais (tamanho do tabuleiro e disponibilidade de recursos) influenciaram diretamente a emergência e aprendizagem de determinados comportamentos. Em contextos de abundância de recursos e espaço, atitudes menos agressivas e maior isolamento foram observadas nos tabuleiros Gathering, mostrando que a disputa pela disputa foi substituída pela preocupação com o exercício da atividade recompensadora: coletar pontos. Enquanto isso, em situação semelhante de espaço e recursos, a caça coordenada foi reforçada nos tabuleiros Wolfpack. Em cenários menores e com escassez de recursos, foi observada uma ascensão de comportamentos agressivos, competitivos e individualistas nos agentes computacionais (LEIBO, 2017).

Dentro do modelo moderno e industrial de produção, a ideia de autoria ganha papel central, tal qual ocorre no universo da arte. Aquele que se denomina autor, no modelo moderno de economia, detém a ideia da inovação e de seus possíveis benefícios, estabelecendo com sua criação uma relação de propriedade e tendo esse direito estendido, também, ao uso que terceiros possam fazer de sua criação. Se esse comportamento já pode ser observado na Veneza do século XV (o Estatuto Veneziano de Patente data de 1474), é possível constatar como ele se consolida no contexto industrial. A materialidade dos objetos – sejam eles bens de consumo ou ferramentas que criam bens de consumo – é uma referência fundamental para a organização desse sistema. A reprodutibilidade técnica, tema recorrente de reflexões desde que foi abordada por Walter Benjamin (1994), marca o rompimento com a aura de unicidade do objeto, mas ainda é pautada na existência material e na ideia de originalidade, já que as reproduções nascem de uma fonte ou obra única, icônica, que guarda ou mantém algo que ainda a relacione com as ideias

de originalidade e unicidade. E, mesmo que aquilo que se reproduz/ consome não seja exatamente uma obra de arte, se apóia sobre preceitos estéticos e sobre os discursos de originalidade e, quando não no de unicidade, provavelmente no de diferenciação.

Se o papel do autor é central nesse processo, a instituição dos museus e dos arquivos é fundamental para a sua manutenção. De acordo com Brea (2009), caberia ao museu registrar e armazenar o trajeto da história humana sobre o mundo, definindo ou modulando, nesse processo, as relações de sentido possíveis entre o presente e o passado. Nessa forma de organização, fundamentalmente moderna,

[...] história, arquivo e museu estão efetivamente projetados sob o modelo do princípio da recuperabilidade, da recordação, com o formato das memórias ROM, dos discos duros de armazenamento e resgate [...], a arte não somente como mnemotécnica da beleza, senão também como o grande “memorial do ser”, ou pelo menos da passagem do humano por ele, pela existência. (BREA, 2009, p. 52).

Esse formato de memória exige a articulação de duas instâncias: a materialidade e a permanência. Groys (2005) recorda que a construção e organização da memória cultural, hoje materializada pelas bibliotecas, museus e todas as formas de arquivos, é feita de maneira hierárquica. Essas instituições, que também possuem uma organização hierárquica, se responsabilizam tanto pela tutela, sistematização e manutenção, para que essa memória cultural permaneça em perfeito estado, quanto pela seleção e incorporação de novos arquivos que estejam de acordo com o modelo que julgam ser digno de ser conservado. E toda a produção que fica fora desses arquivos, considerados de valor cultural, se localiza no que Groys (2005) chama de espaço profano.

O espaço profano é extremamente heterogêneo, porque está constituído pelas coisas mais diversas e pelas mais diversas formas de relacionar-se com elas. As coisas do espaço profano não se conservam de propósito. (...) O espaço profano está constituído por tudo aquilo que não tem valor, pelo insignificante, o que não tem interesse, o que está fora da cultu-

ra, o irrelevante: em uma palavra, por tudo que é passageiro. (GROYS, 2005, p. 76).

E se as instituições, museu e arquivo, conservaram acervos para recuperar e construir discursos específicos, em diálogo com a história, durante muito tempo também conservaram os próprios discursos que construíram, fornecendo modelos pretensamente universais e únicos, adotando uma forma de organização e produção de sentido hierárquica, reflexo de uma práxis social bastante específica, assumida pela classe intelectual que ascendeu socialmente no final da idade média e se firmou ao longo do processo de consolidação da modernidade (BAUMAN, 2012). Para se referir a esse grupo e à auto-atribuída responsabilidade de organizar e modular o mundo civilizado, Edgar Morin resgata o termo “intelligentsia”, cunhado na Rússia do século XIX, e que originalmente “designa o conjunto das pessoas instruídas, cultivadas, por oposição à massa rural ou urbana que não teve acesso à escola ou mesmo à escrita” (MORIN, 1998, p. 64). Ainda de acordo com o autor,

definimos a intelligentsia em função do caráter intelectual/espiritual dos produtos da atividade social de seus membros (saber, ideia, coisas do espírito) e não pela atividade intelectual/espiritual em si mesma. (As práticas manuais, como o artesanato, a caça, a pesca, demandam uma inteligência constantemente desperta, de que são desprovidos muitos membros da intelligentsia.) (MORIN, 1998, p. 80).

A produção de discursos pretensamente universais, relacionada por Brea (2009) à trindade “arquivo-história-museu”, é uma atividade intimamente ligada à categoria intelligentsia, conforme desenhada por Morin. Seus discursos refletem uma economia do conhecimento prioritariamente pensada dentro de um modelo de escassez, e dentro da qual se constrói a falsa dicotomia objetividade-subjetividade.

Ao fazer um levantamento contextual dos significados assumidos pelo termo “cultura” dentro da história do ocidente, Terry Eagleton (2011) levanta três eixos de significação herdados do latim: “cultivo, plantio”;

“ocupação, colonização”; e “culto, adoração”. No contexto moderno europeu, essa última definição implica na conservação e reprodução de um tipo específico de cultura: a alta-cultura, adequada ao modelo estético iluminista e à ideia europeia de civilização. Essa seria preferível frente às outras formas manifestações, tanto as observadas para além das fronteiras nacionais, quanto as que se dão para além do velho mundo. Contudo, Terry Eagleton (2011, p. 29-34) destaca que essa preferência surge não somente para diferenciar o que é civilizado e o que pertence ao mundo selvagem; acarreta, antes disso, no cultivo de práticas específicas do próprio mundo civilizado, em detrimento de outras de mesma origem. Assim, o gosto pelas artes e pelo refinamento estético não pode ser substituído pelas distrações banais da incipiente cultura de massas, seja no século XIX, seja no XXI. E, em certo sentido, nem mesmo por outras atividades que demandam erudição, como a própria atividade intelectual.

Mesmo aqui o significado da palavra pode ser restringido ou expandido, já que cultura, neste sentido, pode incluir atividade intelectual em geral (Ciência, Filosofia, Erudição etc.), ou ser ainda mais limitada a atividades supostamente mais “imaginativas”, como a Música, a Pintura e a Literatura. Pessoas “cultas” são pessoas que têm cultura nesse sentido. Também esse sentido da palavra sinaliza um dramático desenvolvimento histórico. Sugere, em primeiro lugar, que a Ciência, a Filosofia, a Política e a Economia já não podem ser vistas como criativas ou imaginativas. Sugere também – olhando a coisa por seu lado mais desanimador – que valores “civilizados” só podem agora ser encontrados na fantasia. E isso é, claramente, um comentário mordaz a respeito da realidade social. Se a criatividade agora podia ser encontrada na arte, era porque não podia ser encontrada em nenhum outro lugar? Tão logo a cultura venha a significar erudição e artes, atividades restritas a uma pequena porção de homens e mulheres, a ideia é ao mesmo tempo intensificada e empobrecida. (EAGLETON, 2011, p. 29).

Se o paradigma moderno desenha a distinção entre eruditos e incultos, estabelecendo uma tutela do primeiro grupo sobre o segundo

(BAUMAN, 2012), toda essa relação já decadente é abalada de maneira ainda mais intensa com o surgimento e a disseminação das TICs.

Enquanto a economia simbólica moderna produziu tradicionais, mas escassos ícones, cânones, referências (espaço relacional onde se encaixam centros de excelência, museus, universidades etc.), as economias coletivas, características das sociedades hiper conectadas, diferenciam-se. Nos processos coletivos de produção e circulação cultural, surgidos com a abertura e a facilitação do acesso à informação e uma maior distribuição do conhecimento, emergem novas formas de organização e produção, em que o trabalho intelectual se despreza da figura da intelligentsia e se orienta num sentido mais coletivo, distribuído, descentralizado. Um contexto de abundância de informação e acesso, em que seria possível observar a queda dos comportamentos competitivos e o aumento dos colaborativos. A imagem, em suas diferentes formas de construção, será o elemento que utilizaremos para descrever esse processo.

A IMAGEM TRADICIONAL: DOCUMENTAL, ESTÁTICA, AUTORAL

Para tratar dessa categoria um tanto complexa, e para compreender melhor a ponte entre sua produção, distribuição e a nova economia de conhecimento levantada por Brea, tomaremos como ponto de partida alguns ensaios e proposições de Vilém Flusser (1985, 2007). Em diálogo, depreendemos que a forma como nos relacionamos com as imagens é um reflexo do grau de afastamento que estabelecemos entre nossas construções simbólicas e a realidade objetiva. Enquanto as imagens pictóricas implicam na abstração de duas das quatro dimensões espaço-temporais (saem profundidade e tempo, ficam largura e altura), o surgimento da escrita incrementa em mais um grau o afastamento entre nossa representação simbólica e a realidade (abstrai-se a altura, e os textos são representações unidimensionais ou lineares da realidade). A articulação de textos científicos cria a imagem técnica, que estaria outro passo mais distante da realidade, pois representa textos articu-

lados em forma de imagens. Flusser (1985) cria essa análise a partir da fotografia, mas a categoria serve para descrever vários aspectos do universo digital: imagens vetoriais e de raster, interfaces gráficas e a própria representação textual estão carregadas de metadados invisíveis aos usuários padrão. Poderíamos desenhar três períodos da história de acordo com a construção de imagens: a pré-história, tempo da idolatria, do domínio da imagem de superfície e do pensamento circular; a história, tempo da textolatria, da imagem técnica e do pensamento linear, histórico e processual; a pós-história, tempo dos aparelhos e jogos, da consciência pós-histórica e pós-processual. Cada uma dessas formas de abstração ajudariam a modelar o comportamento humano frente à realidade, gerando posturas específicas (programas), o que teria reflexo na nossa forma de produzir cultura e de imprimi-la sobre os objetos e ferramentas humanas, e a partir das quais é possível perceber uma aproximação entre a pós-história de Flusser e a cultura RAM de Brea.

A obra de arte, objeto da história da arte europeia, é uma imagem enquadada na lógica autoral, armazenada como registro útil e necessário de um processo que se desejava preservar em detrimento de outros. Algo que se aproxima dos perigos de uma única narrativa, como retratado por Chimamanda Adichie (2009). Esse discurso modular e pretensamente universal elimina outras formas de ver, narrar e (re)significar eventos, comportamentos, culturas.

Não apenas, insisto, que a arte é a mnemotécnica da beleza. Mais além, a modernidade pensa a arte, a imagem, como a mais potente ferramenta de retenção e memória do ser: contra a efemeridade do acontecimento e sua condição contingente e passageira, a arte é concebida como o grande dispositivo capaz de retenção atemporalizada. “Detente instante, sois tão belo”, dizia Goethe, e com ele todo um programa cultural imprimia sua força maior como promessa de eternidade e esperança de retorno, como potência de resgate do passado no presente. (BREA, 2009, p. 51).

Se a imagem guarda em seu núcleo as instâncias de materialidade, posse, registro e autoralidade, elementos da economia simbólica

moderna, mesmo a reprodução comunicacional dessas imagens em contextos controlados, como ocorria no período da reprodutibilidade técnica de Benjamin e ao longo do século XX, é insuficiente para ressignificar este núcleo relacional. Mas, nos contextos de hiperconexão trazidos pelas redes informacionais, essas relações nucleares não se sustentam. Nesses regimes de abundância, marcados por mais acesso e liberdade de circulação, vemos emergir novos comportamentos, reinvenções, confabulações: outras narrativas, potencialmente mais coletivas e descentralizadas.

A E-IMAGEM: DESCENTRALIZADA, COLETIVA, CONECTADA

Percebe-se então que a imagem tradicional vem cedendo o lugar para uma imagem eletrônica, volátil, passageira, dinâmica: a e-imagem. Brea (2009) destaca que a força mnemônica da imagem tradicional se materializa na memória docu-monumental, ou memória de recuperação em um dispositivo estável e conservado por meio do tempo, enquanto a força da e-imagem é de ordem relacional, distribuída e conectada. É a força de constelação, que irradia a potência na rede, a força de processamento e interconexão.

Dessa forma, percebe-se uma gradativa substituição da economia de troca para uma economia de distribuição, uma economia em rede, na qual o foco é o acesso aos fluxos de informação e conteúdo:

é uma economia RAM, que constantemente executa a memória de constelação, o status relacional do hipotético conhecimento global circulante em cuja coprodução participa a multitude inúmera dos agentes que se comunicam ilimitadamente entre si, em tempo real, no tempo-agora. (BREA, 2009, p. 11).

É, também, uma economia do conhecimento, da coletividade, na qual não há recepção passiva. Toda informação recebida é reproduzida, mas não de forma idêntica. É reinterpretada, recriada, refletida em um fluxo contínuo de circulações organizadas em rede. Um modelo

de produção cada vez mais comunitário e coletivo. Nesse cenário, as imagens possuem uma significação heurística, efêmera, vinculada mais ao seu contexto de uso do que a uma construção discursiva perene.

Harvey (2010) aponta que esse modelo, apesar da aparência, não é tão livre e espontâneo. Existem dominação e intervenção na produção da informação, que envolvem a manipulação do gosto e da opinião para fins comerciais ou políticos. São reproduções de programas específicos, tais quais definidos por Flusser (1985), em que as possibilidades de ação são pré-determinadas por um conjunto complexo de sistemas interligados. E essas formas imediatas de produção e acesso provocam a acentuação da “volatilidade e efemeridade de modas, produtos, técnicas de produção, processos de trabalho, ideias e ideologias, valores e práticas estabelecidas”, o que faz com que as pessoas sejam “forçadas a lidar com descartabilidade, a novidade e as perspectivas de obsolescência instantânea” (HARVEY, 2010, p. 258).

Harvey afirma ainda que as imagens se tornaram mercadorias e acrescenta que o capitalismo agora volta sua atenção para a produção de signos, imagens e sistemas de signos, uma descrição de certa forma isonômica à perspectiva de Flusser (1985, 2007) de que, na era pós-industrial, os homens são cercados e existem em função dos aparelhos de produção de informação, estabelecendo com eles uma atividade mais próxima do jogo do que do trabalho. Este novo sistema de produção e comercialização de imagens apresenta características especiais, como a rapidez no giro de consumo, onde a “efemeridade e a comunicabilidade instantânea no espaço tornam-se virtudes a serem exploradas e apropriadas pelos capitalistas para os seus próprios fins” (HARVEY, 2010, p. 260).

Harvey (2010), entretanto, aponta que essa efemeridade das imagens pode também ser interpretada como uma representação da luta de grupos oprimidos em geral para estabelecer sua própria identidade cultural, com produções criadas por eles e para eles mesmos. Podemos exemplificar pelas estéticas do brega paraense e do funk dos morros cariocas, criadas e fruídas por grupos sociais específicos e tratadas com desdém até a segunda década do século XXI, quando foram incorporadas en-

quanto manifestações culturais aceitáveis, ganhando acesso e circulação dentro dos meios de comunicação de massa, fenômeno semelhante ao que passaram outras manifestações estéticas, como o samba, o tango e o jazz, para ficar em alguns exemplos.

Continuando a refletir sobre a questão da imagem, Harvey afirma que

os materiais de produção e reprodução dessas imagens [...] tornaram-se eles mesmos o foco da inovação – quanto melhor a réplica da imagem, tanto maior o mercado de massas da construção da imagem pode tornar-se (HARVEY, 2010, p. 261).

A disponibilidade de recursos trazida por programas de edição de imagem, sejam estáticas ou fílmicas, representa bem esse avanço rumo ao aprimoramento técnico. Esse processo tem se refinado a tal ponto que grande parte da produção cinematográfica de Hollywood se apoia sobre cenários computacionais, e não mais sobre a construção de estruturas físicas. O uso do simulacro torna-se mais comum que o uso do real. Se esse processo causa estranhamento a quem nasceu num mundo prioritariamente analógico, a separação entre realidade e simulacro tende a não ser tão clara – ou tão necessária – para os nativos digitais, os filhos da pós-história de Flusser, acostumados a outra forma de significar o mundo.

Brea (2009, p. 51) define as visualidades enquanto “o lugar em que se deposita a função de memorizar ao ser”. Se, para Harvey (2010), essa disseminação do simulacro reduz a importância do real, no contexto da cultura RAM de Brea, a dissolução da fronteira entre realidade e simulacro atinge um nível mais profundo e extenso. O vínculo com a materialidade torna-se cada vez menos necessário à atividade de construção de sentido, e as imagens e as relações que estabelecemos com elas são indícios desse processo.

Na realidade coletiva e descentralizada da cultura RAM, Brea (2009) afirma que surge um novo sujeito, multitudinário e coletivo, que deixa de ser receptor e se torna protagonista, gestor de sua criação. O autor ressalta ainda que a noção de autoria e propriedade intelectual se dilui nesse processo, questionando até que ponto as TICs possibilitam

a transformação das necessidades da memória ROM para a RAM. Ele defende que os museus devem rever seu papel nesta transição:

Não tanto como uma ferramenta de recordações, mas como uma máquina de multiplicação de interpretações, no sentido de um saber que necessariamente haverá agora de se produzir como uma malha aberta, como matriz pública, na intersecção e conectividade das interpretações. (BREA, 2009, p. 57).

Acrescenta, ainda, que os museus se transformariam em nós irradiadores e refletores da memória-constelação, responsáveis pela gestão do conhecimento, e por promover a conectividade, interação, criticidade, refletividade e sentimento de comunidade e cidadania entre os usuários.

CONSIDERAÇÕES PROSPECTIVAS

Consideremos que as premissas construídas até agora sejam coerentes, e que presenciemos a transição de uma organização social baseada na memória de arquivo para outra, fundamentada na memória de processo. As articulações sociais construídas a partir da memória estariam, portanto, sujeitas a reinterpretções, releituras, ressignificações.

Nesse campo fértil, tanto Brea quanto Flusser enxergam o papel central que desempenham os atores do campo criativo. Caberia a eles a função de construir pontes, trilhas, redes, (re)conectando procedimentos, grupos e/ou tradições que não necessitam mais de uma existência apartada. Agentes integradores em um mundo que tende à polarização.

Se a arte e tecnologia, com seus procedimentos coletivos e transdisciplinares, ganha destaque de Brea, o design e a fotografia são levantados por Flusser pelos mesmos motivos: desses campos abertos caberia tecer novamente as redes que conectam objetividade e subjetividade, superando a suposta fratura epistemológica que dissocia a cultura científica

da humanística. Essa ação favoreceria aqueles que veem a abordagem analítica enquanto verdade absoluta, de um lado, e aqueles que carecem dos procedimentos metódicos para atingir metas subjetivas, na outra ponta. Nesse exercício de (re)união e (re)aproximação, residiria a potencialidade de construção de novas narrativas, confabulações e tramas de sentido. Esperançosamente melhores. Necessariamente diferentes. Se nos cabe essa função, que a joguemos unindo de responsabilidade e prazer.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda. The danger of a single story. Palestra de 2009. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story. Acesso em: 06 abr. 2016.
- BAUMAN, Zygmunt. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica, p. 165-196. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BREA, José Luis. *Cultura_RAM: mutaciones de la cultura en la era de su distribución electrónica*. Barcelona: GEDISA, 2009.
- BRUNER, Jerome. The narrative construction of reality. In: *Critical Inquiry*. Vol. 18, p. 1-21. Chicago: Chicago Journals, 1991.
- BRUNER, Jerome. Life as narrative. In: *Social Research: An International Quarterly*, Vol. 71, Issue 3, p. 691-710, 2004.
- CARDOSO, Rafael. *Design para um mundo complexo*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- EAGLETON, Terry. Versões de cultura. In: *A ideia de cultura*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 9-50.
- FLUSSER, Vilém. *A filosofia da caixa preta*. São Paulo: HUCITEC, 1985.
- FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- GROYS, Boris. *Sobre Lo Nuevo: Ensayo de una economía cultural*. Valencia: Pre-Textos, 2005.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- LEIBO, J. et al. Multi-agent Reinforcement Learning in Sequential Social Dilemmas. In: *Proceedings of the 16th International Conference on Autonomous Agents and Multiagent Systems (AA-MAS 2017)*. S. Das, E. Durfee, K. Larson, M. Winikoff (eds.), São Paulo: 2017. Disponível em: <https://storage.googleapis.com/deepmind-media/papers/multi-agent-rl-in-ssd.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2017.
- MORIN, Edgar. *O Método 4 - As ideias*. Porto Alegre: Editora Sulina, 1998.

Daniela Garrossini (IDA/UnB) [Trajetórias Culturais em Fluxos] - Possui graduação em Desenho Industrial pela Universidade de Brasília (2000), mestrado em Engenharia Elétrica pela Universidade de Brasília (2003) e doutorado em Comunicação pela Universidade de Brasília (2009) e pós-doutorado no Centro de Estudos Superiores de Comunicación para América Latina (CIESPAL). É Professora adjunta da Universidade de Brasília, do Instituto de Artes, Departamento de Design. Atualmente é professora visitante do Instituto de Altos Estudios Nacionales (IAEN) do Equador, participante de grupo de pesquisa Compolíticas da Universidad de Sevilla, Professora visitante - Universidad de Sevilla (Espanha), Pesquisadora - representante do Brasil da Rede Internacional "Tecnopolítica: Redes, Poder e Ação Coletiva", Coordenadora de Cátedra de Tecnopolítica Julian Assange e Cátedra Luiz Ramiro Beltran e Professora visitante do Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina (CIESPAL), Vocal de comunicação da União Latina de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura (ULEPICC FEDERAL).

Gabriel Lyra (IDA/UnB) [Trajetórias Culturais em Fluxos] - Possui doutorado em Artes pela Universidade de Brasília, com área de concentração em Arte & Tecnologia (2018), mestrado em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás, com área de concentração em Processos e Sistemas Visuais (2011), graduação em História pela Universidade Federal de Goiás (2003). É Professor Adjunto I do Departamento de Design da Universidade de Brasília e Coordenador de Graduação no mesmo Departamento. Atua no campo do Design, pesquisando fenômenos de produção cultural com enfoque em sua complexidade, partindo do ferramental dos estudos culturais e das abordagens sistêmicas. Também pesquisa a relação entre representação e atividade projetual, com foco no desenho de objetos. Coordena o Protip, laboratório de prototipagem digital do Departamento de Design da Universidade de Brasília, onde desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão voltadas para os processos de fabricação e prototipagem digital.

PROSPECTIVA EM
PERSPECTIVA: POR QUE
PENSAR O FUTURO SE TORNOU
AINDA MAIS URGENTE

Lidia Zuin

Resumo: O presente artigo oferece um panorama histórico sobre as narrativas e os agentes de “previsão” do futuro ao longo da história do Ocidente, deslocando-se do esoterismo para a ficção científica e para o campo dos estudos do futuro, no qual encontramos a contemporaneidade descrita a partir da “virada californiana”. Aqui abordamos a importância e a contínua relevância (ou urgência) de se pensar o futuro por meio de metodologias prospectivas como uma maneira de organizar a realidade a partir da estrutura linguística e, assim, promover contexto em tempos de crises como a pandemia de covid-19.

Palavras-chave: futurologia, futuro, ficção científica, prospectiva, previsão

Quando grandes eventos históricos acontecem, nem sempre os contemporâneos se dão conta deles e, por consequência, não são capazes de nomeá-los no momento em que ocorrem. Não é como se, de um dia para o outro, a Inglaterra tivesse despertado para o início da Primeira Revolução Industrial, do mesmo modo que também só começamos a vivenciar a crise da covid-19 em sua verdadeira dimensão quando a Organização Mundial da Saúde declarou pandemia no dia 11 de março de 2020. Apesar de estudos epidemiológicos estarem sempre tentando

decifrar possíveis crises, não é possível prever o futuro com tanta exatidão, por mais que, ao longo da história do Ocidente, tenhamos visto tantos esforços nesse sentido.

Ao escrever um comentário sobre o livro *Admirável Mundo Novo* (1924), a autora de ficção científica Margaret Atwood comenta que:

Sozinhos entre os animais, nós sofremos do tempo futuro perfeito. Rover, o cão, não consegue imaginar um futuro mundo canino em que as pulgas foram eliminadas e a ‘cachorridade’ foi finalmente atingida em seu máximo potencial glorioso. Mas graças às suas línguas unicamente estruturadas, seres humanos podem imaginar tais estados avançados para si mesmos, apesar de eles também poderem questionar a grandiosidade de suas próprias construções. São essas habilidades imaginativas ambíguas que produzem obras primas da especulação como *Admirável Mundo Novo* (ATWOOD, 2017, tradução nossa).

Em “História do Futuro” (2016), o historiador Georges Minois faz uma retrospectiva do papel de agentes como o vidente, o oráculo, o astrólogo, o tarólogo e todos os praticantes de “mancias” (quiromancia, piro-mancia, necromancia etc.) na formação da cultura ocidental dos povos mesopotâmicos até o fim do século 20. Exploramos templos antigos onde oráculos, como os de Delfos, eram visitados e pagos para prever o futuro, em especial no caso de guerras e demais arbitragens políticas. Da Grécia Antiga às Guerras Napoleônicas, Minois mostra que sempre houve a figura do clarividente como alguém capaz de orientar e organizar o raciocínio de grandes líderes, inclusive do próprio Napoleão, que contava com o apoio de uma vidente pessoal, assim como também visto no caso de escritores como Robespierre e do jornalista Marat. Afinal, como defende Minois (2016), “prever um acontecimento já é favorecer sua realização, graças ao impacto psicológico produzido desse modo”.

Minois (2016) comenta como as ciências ocultas, o misticismo e, em especial, a astrologia sempre estiveram pairando pela cultura ocidental, mesmo em momentos de soberania da Igreja Católica ou com a chegada do Iluminismo. Se, em determinados momentos, esse tipo de serviço era acessado e acreditado apenas pela plebe, em outros, videntes e as-

trólogos se tornaram celebridades e atração nas festas da elite. Minois conta que, mesmo durante os momentos de proibição e de prisão desses profissionais, eles continuavam atuando clandestinamente em países como a França.

Mas, assim como destaca o historiador, esses serviços esotéricos pouco serviam à sua cientificidade ou capacidade comprovada de previsão do futuro. Na realidade, a grande sacada desses profissionais era saber criar narrativas atraentes e que fossem lidas por meio do baralho de tarô ou então na borra de café. Minois (2016) argumenta que, muitas vezes, os consulentes sequer procuravam saber seu verdadeiro destino, mas sim, encontrar um alento antes de a psicanálise e a psicologia se desenvolverem enquanto campos do conhecimento. Videntes, tarólogos e astrólogos eram, na verdade, “médicos da alma, e seus consulentes, doentes. De certa forma, fingir predizer é curar”. O exame de consciência e o aspecto confessional outrora exercidos pela Igreja passaram, então, a ficar a cargo desses oráculos, como descreve Minois (2016):

Como o padre, o astrólogo é um confidente, ao qual revelamos nossos segredos, e que em troca desvenda nosso futuro pessoal. Existem profundas semelhanças entre o psicanalista e o astrólogo, e as videntes do século 19 já haviam compreendido esse papel de psicólogas e consoladoras que foram conduzidas a interpretar. Os consulentes dos astrólogos e dos videntes são doentes, aflitos, desequilibrados, que vêm procurar consolo e segurança, e atrair atenção para a sua pessoa. Os astrólogos sabem bem disso, basta ler suas predições estereotipadas: afagar o ego é muito mais importante do que predizer o futuro (MINOIS, 2016, s.p.).

Com a chegada da Revolução Francesa e a instauração da “era das massas”, tornou-se ainda mais necessário ter uma narrativa que movimentasse esses milhões de cidadãos com novos ideais como nação, pátria, liberdade, democracia, e a mobilidade que advinha desse momento de mudança. Apesar de parecer contraditório, Minois defende que a ascensão do liberalismo dessa época, na verdade, trouxe um elemento individualista complementar, porque esse era um momento em que a vida já não era mais engessada pela ordem monárquica e hereditária,

mas marcada por uma relativa flexibilidade que precisava ser canalizada por especialistas – videntes e astrólogos, por exemplo.

Minois (2016) argumenta que, quando essas narrativas grandiosas traziam inspirações ao povo, elas não apenas sugeriam visões do futuro, mas criações de utopias que, em última instância, poderiam até se tornar ideologias – ou não seriam elas mesmas, as ideologias, tipos de utopias propositivas que tentam convencer as pessoas de que é possível conquistar determinado objetivo? No fim do século XIX, diferentes comunidades libertárias e anarquistas foram criadas ao redor do mundo, inclusive no Brasil. Mas o que se percebe na virada para o século XX é que a utopia só é boa enquanto permanece como sonho, porque, quando concretizada, transforma-se no que o Minois chama de *contrautopia*, ou o que hoje mais popularmente conhecemos como *distopia*. Essa mudança fica clara quando observamos os trabalhos de autores de ficção científica desse período, como é o caso da extrapolação otimista de Júlio Verne e uma especulação mais reflexiva vista em H. G. Wells, até finalmente chegarmos no pessimismo escancarado dos romances “Nós” (1924), de Yevgeny Zamyatin, “Admirável Mundo Novo” (1932), de Aldous Huxley, e “1984” (1949), de George Orwell.

Enquanto essas narrativas abordavam a conquista de uma sociedade em equilíbrio (portanto, uma utopia), nós acabamos descobrindo que, na realidade, acabamos nos enveredando em caminhos *contrautópicos*, o que significa que autores como Zamyatin, Huxley e Orwell estavam antes fazendo um alerta especulativo sobre as narrativas grandiosas que nos inspiram e que podem, afinal, ser armadilhas. Todas essas distopias eram, portanto, um reflexo do presente de seus autores e, de forma similar ao próprio pensamento histórico, trata-se de uma tentativa de construção de modelos explicativos que, eventualmente, podem ser arruinados de acordo com revisões do passado (como aquelas feitas por autores como Lévi-Strauss, que é abordada por Minois em seu livro).

Segundo Minois (2016), mesmo autores como Joaquim de Flora a Hegel e Marx, em suas tentativas de criar instrumentos de predição, na verdade, acabavam aplicando ao futuro estruturas que são do passado e, por isso, a previsão perde totalmente o seu valor objetivo conforme Daniel Bell argumentou, em 1971, durante o colóquio *Lhistorien* entre

Vethnologue et le futurologue, que é impossível estabelecer um modelo para previsões políticas:

Tudo que podemos prever, dizia [Bell], são os eventuais problemas que ameaçam se apresentar e o leque de soluções possíveis: “Podemos definir situações ou problemas que uma sociedade será chamada a resolver, mas, como ela poderá fazer isso de diferentes maneiras, o curso real das coisas não é previsível por natureza.”

A predição que se baseia na história é reduzida de certa forma ao princípio da incerteza, como a física fundamental: admitindo-se que as condições sejam tais, então pode acontecer tal ou tal coisa; mas nada nos permite afirmar que as condições serão um dia tais como as supomos. A “predição” resume-se a um catálogo de potencialidades (MINOIS, 2016, s.p.).

Contudo, desde quando Mary Shelley escreveu *Frankenstein* (1818) como uma reflexão de um momento de passagem histórica às vésperas da Primeira Revolução Industrial, a ficção científica enquanto gênero artístico se propôs justamente a especular e refletir sobre os impactos dos desenvolvimentos tecnológicos e científicos na sociedade. Ao formular o conceito de science fiction, Hugo Gernsback vislumbrou no gênero “um meio popular de educação sobre ciência, tecnologia e mudança, insistindo-se na acurácia científica e encorajando a leitura crítica dos detalhes científicos” (WAYNE, 2000, tradução nossa), porém, com o passar dos anos, tornou-se mais difundida a ideia de que a ficção científica, por se tratar de um gênero artístico, não tem obrigação de ser completamente cientificamente correta nem de prever o futuro, apesar de essas coincidências ocorrerem³¹ e de autores como Isaac Asimov se utilizarem do ambiente especulativo da ficção para propor disciplinas como a psichistória, que aparece na série *Foundation* (1942-1993) como um campo de estudos que combina dados históricos, sociológicos e es-

31 Sugiro a visita ao site [Technovelgy](http://technovelgy.com) para quem tiver interesse em ver um mapeamento de tecnologias e suas primeiras aparições na ficção científica. <http://technovelgy.com>

tatísticos para se formular uma previsão probabilística de ocorrências futuras.

Minois (2016) afirma que essa pretensão prospectiva aparece já nos Estados Unidos, em 1929, quando o presidente Hoover planejava realizar reformas sociais e, assim, criou uma comissão chefiada por Wesley Mitchell para estudar as tendências de evolução nesse campo, tendo como pressuposto, justamente,

...a teoria do determinismo sobre a qual repousa a ciência, a maneira mais sensata de preparar a ação baseia-se não na força da vontade humana unicamente, mas num conhecimento do que vai verossimilmente vai acontecer, seguido de um plano de ação que se empenhará para modificar esses acontecimentos prováveis (apud MINOIS, 2016).

Isso se concretiza ainda mais, de um ponto de vista burocrático, quando, em 1933, Roosevelt encarrega W. E. Ogburn de escrever um relatório acerca de *As tendências tecnológicas e a política governamental*, assim influenciando diretamente o setor militar nos anos 1944-1948 no que diz respeito às estratégias da Segunda Guerra Mundial para a Guerra Fria. Em outras palavras, a prospectiva sempre esteve muito aliada às demandas do poder e da economia, como também aparece na série *Foundation* de Asimov. No entanto, nos anos 1940, Ossip K. Flechtheim propôs de um modo mais abrangente o conceito de futurologia como uma disciplina que

...aborda o destino da humanidade, o futuro da sociedade e o amanhã da nossa cultura. Ela lida não apenas com uma perspectiva biológica e psicológica da evolução, mas também com uma vasta gama de futuras atividades culturais. Além disso, ela [a futurologia] também inclui todos os fatores naturais (físicos, geográficos etc.) e processos que influenciarão a humanidade e sua cultura no porvir. Nas ciências exatas, a maioria das pesquisas está preocupada com uma determinação quantitativa de um infinito número de recorrências e, nesse sentido, fenômenos “atemporais”. A futurologia pode abordar hipóteses de longo prazo e teorias sobre os prospectos do universo, o futuro da evolução na Terra, o amanhã do clima, da flora e da fauna (TOFFLER, 1972, p. 264, tradução nossa).

Desde então, instituições como a World Futures Studies Federation e pesquisadores como o Alvin Toffler passaram a propor a futurologia³² como uma disciplina que busca equilibrar os referenciais quantitativos com uma leitura subjetiva de possíveis desdobramentos do futuro a partir da análise de dados disponíveis no presente. Mas, como reforça Minois (2016), não há aqui nenhuma pretensão de se dizer uma disciplina capaz de prever, mas sim de fazer aproximações e, portanto, está muito mais próxima de projeções matemáticas e econômicas do que do esoterismo da astrologia e da clarividência, por exemplo. Na realidade, o historiador francês prefere até usar o termo prospecção em vez de previsão, assim como também descrito por A. C. Decouflé em *O ano 2000*, no qual seis maneiras de se falar do futuro foram elencadas, a saber:

...a adivinhação tradicional, da qual recensear mais de 230 tipos; a profecia, que continua prosperando, graças à sua regra de ouro, a obscuridade; a ficção científica, que se limita ao campo do imaginário racional; a utopia, cujo papel ainda pode ser instigador, mas sofre um eclipse significativo no século XX em benefício da contrautopia. Restam dois métodos recentes e irmãos inimigos: a futurologia e a prospectiva.

A prospectiva (...) caracteriza-se por uma institucionalização e uma profissionalização da atividade da previsão, com o intuito de agir e preparar a opinião pública. Em sua concepção, portanto, ela retoma o papel que era desempenhado pelos oráculos oficiais no mundo greco-romano, utilizando meios modernos, estatísticas, probabilidades, elaboração de modelos, pesquisas e outros. Trata-se, na verdade, de um instrumento a serviço dos poderes políticos, econômicos, tecnocráticos. Mais do que nunca, governar é prever, num mundo instável, em que a tecnologia avança a uma velocidade cada vez maior. É preciso antecipar para ser eficaz. Também é preciso preparar os espíritos e aqui encontramos a ideia de manipulação do futuro a

32 Alguns autores podem usar o termo “futurismo” em vez de futurologia, mas aqui priorizamos “futurologia” de modo a fazer distinção com o movimento artístico do começo do século XX iniciado por Filippo Marinetti.

serviço do presente, tão comum na Antiguidade. Nada como uma pesquisa prospectiva para justificar uma reforma desejada pelo poder (MINOIS, 2016).

Sendo assim, ao observarmos o surgimento da cibernética e o desenvolvimento dos computadores e da robótica ao longo da década de 1940, acompanhamos também o desdobramento de uma Terceira Revolução Industrial que culminaria nas décadas de 1970 e 1980 com a chegada de novas tecnologias cibernéticas e da ascensão da internet. É a partir daí que o Vale do Silício se torna um polo de inovação tecnológica, onde se estabelecem grandes empresas como a Apple, Microsoft e, mais tarde, Google, Facebook e Amazon. Hoje, conhecidas como big tech, essas empresas não só concentram grande valor de mercado como também monopolizam as interfaces pelas quais nos comunicamos e utilizamos serviços.

Vemos, portanto, na virada do século XXI, o que Vaccari (2020) chama de “virada californiana”. Em seu artigo “Por que não sou transumanista”, o autor apresenta brevemente o deslocamento do transumanismo “leve” e humanista para um transumanismo corporativista que muda sua narrativa do argumento da beneficência (todos os seres humanos têm o direito e irão se beneficiar pelos processos de melhoramento) para o argumento da inevitabilidade (a singularidade está próxima e irá acontecer quer queira ou não, seja ela boa para todos ou apenas para alguns). Para Vaccari, essa mudança ocorre justamente porque a própria versão leve e humanista do transumanismo dos anos 1990 não se sustentava e na própria defesa ao transumanismo feita por Nick Bostrom à época, já haviam sido denunciadas as suas falhas que, por fim, fizeram com que o movimento se desembocasse na lógica de mercado do Vale do Silício.

A ideologia californiana faz uso rotineiro de narrativas instrumentalistas, nas quais o usuário se posiciona como um indivíduo livre e capacitado que utiliza tecnologias na busca de objetivos pessoais, ampliando o horizonte de possibilidades de sua agência. A singularidade, de maneira muito curiosa, se adapta ao instrumentalismo em uma estrutura cósmica. A tecnologia se torna o veículo para a transcendência espiritual dos seres

humanos, que agora são um pequeno grupo de eleitos. As reivindicações universalistas do Argumento da Beneficência são abandonadas em benefício de uma narrativa meritocrática mais alinhada com o temperamento empreendedor.

A evolução tecnológica e a evolução espiritual convergem na singularidade, ponto em que a natureza humana é finalmente realizada e consumida. Assim, o ponto final lógico da evolução autônoma da tecnologia coincide com a consumação do destino cósmico da humanidade. A tecnologia não é apenas um mediador, mas também materializa a união da humanidade e do Universo em uma espécie de Santíssima Trindade (homem-máquina-cosmos). Para esse fim, Kurzweil afirma que os descendentes nanobóticos da humanidade preservaram sua essência humana, na verdade eles a perceberão. Aqui vemos a reintrodução do humanismo (em seu modo terapêutico e tranquilizador), no contexto da trajetória não humana dos sistemas tecnológicos (VACCARI, 2020, p. 203).

Tentar “adivinhar” ou “prever” o futuro tornou-se, portanto, não apenas uma necessidade de sobrevivência econômica como, na verdade, uma profecia autorrealizável conforme o discurso mudou de sua abordagem propositiva para a descritiva ou mesmo premonitória. É nesse ponto que o filósofo alemão Hans Jonas aborda a futurologia, na realidade, como um exercício de projeções hipotéticas que se situa

...entre dois saberes (ideal e prático; emocional e teórico), ela seria uma espécie de elo na busca por uma ética da responsabilidade em longo prazo, elo este que, a partir da previsão de uma deformação do homem, ou seja, de modo heurístico, revela o objeto a ser preservado na imagem e no conceito de homem (MORETTO, 2013, p.89).

A diferença é que Jonas propõe que se projete probabilidades negativas para que, desse modo, saibamos o que deve ser evitado ou como devemos nos preparar para responder a determinado cenário. Jonas, então, sugere o termo “futurologia comparativa” ou “futurologia da advertência” de modo a diferenciar seu ponto de vista da “futurologia do

desejo imaginado”, a qual estaria mais presente nas éticas tradicionais ou mesmo corporativas.

Moretto (2013) argumenta que a futurologia comparativa, ao ser pessimista, serviria antes como um “freio voluntário” do excesso de poder. Se empresas e governos estão tentando especular cenários futuros nos quais eles ainda permaneçam lucrativos, relevantes e dominantes, na futurologia comparativa, há uma maior preocupação em se pensar o caráter ético e não técnico. A partir da ética de Jonas, questiona-se menos o que é possível de ser feito (tecnológica e cientificamente) do que aquilo que é desejável de ser feito.

Nesse ponto, o autor não advoga nem pela distopia ou pela utopia, vendo nesses dois arquétipos narrativos extremos riscos semelhantes. A crítica de Jonas, então, não é escatológica, mas sim antiutópica ao argumentar que o contrário da esperança não é o medo (distopia), mas sim a prudência. Entre escolher a utopia ou a distopia, o autor prefere a prudência, uma vez que esta geraria uma urgência em se repensar as expectativas e os riscos concretos do desenvolvimento de alguma tecnologia ou conhecimento científico. Apesar de muitas vezes ter sido interpretado erroneamente como um ludita, Jonas, na realidade, como descreve Moretto (2013, p. 121), apenas faz um alerta “para o perigo decorrente do progresso técnico”, tal como ocorre no caso de tecnologias como a fusão nuclear: “nas mãos da avidez e da mesquinha humana, ele [Jonas] lembra apenas que é necessário usar o presente de forma sábia e moderada, assumindo um ponto de vista de responsabilidade global.”

Foi em busca de um meio-termo entre a extrema danação e a eterna bênção (que, no fim das contas, desenrola-se em uma contrautopia como vimos em Minois [2016]), que o autor Kevin Kelly propôs o conceito de Protopia em seu livro *The Inevitable* (2016), cuja definição mais simples indica que se trata de um estado em que “não estamos mais lutando pela sobrevivência (distopia), nem aceitamos a perfeição (utopia). Nós nos tornamos responsáveis pelas nossas necessidades, desejos e sempre buscando pelo melhor” (WONG, 2018, tradução nossa).

Nesse sentido, a ocorrência da pandemia da covid-19 em 2020 se deu alinhada a esse espírito do tempo da “virada californiana” em que pensar o futuro é uma decisão de estratégia comercial e política (ou militar).

Ao mesmo tempo, pelo menos desde 2016, observamos a ascensão de teorias da conspiração e informações falsas sendo replicadas pelas redes sociais, o que se intensificou durante a pandemia como já outrora foi observado ao longo da história ocidental (PERYER, 2020).

Para Minois (2019), nós nos deslocamos da sociedade de massa e de seus grandes ideais já abordados anteriormente neste artigo para adentrar em uma sociedade da autonomia: migramos de um modelo imposto por um sistema (religião, moral) para um modelo de “projeto pessoal”, no qual o próprio indivíduo é responsável pelo seu sucesso e culpado pelo seu fracasso. Entre o narcisismo e o consumismo, a sociedade contemporânea acaba se enveredando em um contexto no qual “tudo é possível” e por onde pipocam os *coaches*, o mercado de autoajuda e *wellbeing*, a mentalidade do “*self-made man*” e a angústia por narrativas organizadoras da realidade tal como as videntes e os oraculistas ofereciam nos séculos passados. Vivemos o que Byung-Chul Han (2015) chama de “sociedade do desempenho” e, conseqüentemente, do cansaço, devido à urgência de todas as demandas e a velocidade com a qual tudo muda com base na lógica da internet e das novas tecnologias emergentes (inteligência artificial, tecnologias imersivas, impressão 3D etc.).

Mas foi o próprio Byung-Chul Han um dos primeiros autores a se manifestar assim que a epidemia da covid-19 explodiu³³, junto a Slavoj Žižek (2020) que, por outro lado, acreditou que esse incidente seria capaz de aferir um golpe fatal no capitalismo e reavivar o comunismo. Para o autor da famosa frase “é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo”, a covid-19 pareceu ter funcionado como uma injeção de otimismo, enquanto Han defendeu que as medidas de vigilância da população exercidas na China, por exemplo, foram mais eficientes no controle da pandemia do que as estratégias utilizadas no Ocidente, que sofre ainda com novas ondas, mutações e mortes.

Quando Minois (2016) argumenta que videntes e escritores de ficção científica ou mesmo autores de manifestos ideológicos, que outrora

33 Mais em: <<https://brasil.elpais.com/ideas/2020-03-22/o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha-segundo-o-filosofo-byung-chul-han.html>>

buscaram organizar, de forma narrativa, uma proposta de cenário futuro e um possível afago emocional (no caso dos agentes esotéricos), vemos essa mesma demanda no mercado empresarial e comunicacional quando assistimos à proliferação de *lives*, ensaios e projetos de tentativa de prospecção do futuro em meio à crise que fez surgir o conceito do “novo normal” durante 2020.

Portanto, ao resgatar o comentário de Atwood com o qual iniciamos o artigo indicando que somos os únicos seres vivos capazes de imaginar, estruturar (por meio da língua) e até mesmo criticar visões de futuro, entendemos que se tornou ainda mais urgente, no último ano, a busca por uma narrativa que organizasse o futuro. Diferentes títulos, como o documentário brasileiro *Narrativas do Pós* (2020), servem de exemplo de projetos de digestão desse fenômeno histórico que estamos vivenciando e que, por ora, ainda não sabemos muito bem como decifrar, descrever ou sequer viver.

No país mais ansioso do mundo³⁴, não é surpreendente ter tantos brasileiros aflitos em busca de alguém ou alguma ideia que sirva de farol nessa tempestade. Assim como o retorno ao esoterismo e à pseudociência não se provou mais útil do que um rápido afago emocional, defendemos que tanto a divulgação científica (materializada por meio da futurologia ou da prospectiva) quanto a arte (no formato da ficção científica) podem servir de alento muito mais eficaz para o momento pelo qual ainda estamos passando, aflitos por adivinhar a data do fim que estará nos futuros livros de história.

34 Mais em: <https://istoe.com.br/brasil-e-o-pais-mais-ansioso-do-mundo-segundo-aos/#:~:text=O%20Brasil%20sofre%20uma%20epidemia,medicamentos%2C%20entretanto%2C%20ainda%20permanece.>

REFERÊNCIAS

- ATWOOD, Margaret. *Margaret Atwood on why we should all read Brave New World*. Penguin Books Website, 8 fev. 2017. Disponível em: <https://www.penguin.co.uk/articles/2017/margaret-atwood-introduces-a-brand-new-world.html>. Acesso em: 26 jan. 2021.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. São Paulo: Vozes, 2015.
- MINOIS, Georges. *História do Futuro*. São Paulo: Editora Unesp, 2016.
- MINOIS, Georges. *História da solidão e dos solitários*. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- MORETTO, Geovani Viola Mendes. *Hans Jonas e a questão da técnica: entre a utopia do progresso e a heurística do temor*. Dissertação de mestrado pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2013.
- Narrativas do Pós*. Direção e roteiro: Graubi Garcia e Jairo Neto. Produção: Tralha. Documentário. 2020.
- PERYER, Marisa. *Desinformação e politicagem sempre acompanham epidemias*. In: Revista Questão de Ciência. Publicado em 13 de abril de 2020. Disponível em: <https://revistaquestaodeciencia.com.br/artigo/2020/04/13/desinformacao-e-politicagem-sempre-acompanham-epidemias> Acesso em: 28 jan. 2021.
- TOFFLER, Alvin. *The Futurists*. Estados Unidos: Random House, 1972.
- VACCARI, Andrés. Por que não sou transumanista. In: Transumanismo: o que é, quem vamos ser. Org. Jelson Oliveira, Wendell E. S. Lopes. Caxias do Sul: Educus, 2020.
- WAYNE, Johnny. *Hugo Gernsback*. In: MIT. Media in Transition, 2000. Disponível em: http://web.mit.edu/m-i-t/science_fiction/jenkins/jenkins_3.html#:~:text=Soon%2C%20he%20would%20spin%20off,critical%20reading%20of%20scientific%20details. Acesso em: 26 jan. 2021.
- WONG, Marcus W K. *Solved: What is Protopia?* Publicado em 5 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://marcuswkwong.com/the-concept-of-protopia/> Acesso em: 28 jan. 2021.
- ZIZEK, Slavoj. *Pandemia COVID-19 e a reinvenção do comunismo*. São Paulo: Boitempo, 2020.

Lidia Zuin é jornalista graduada em Comunicação Social pela Faculdade Cásper Líbero, mestre em semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e doutoranda em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Campinas. Atua como pesquisadora em futurologia, escritora de ficção científica, professora do curso de pós-graduação em Design Estratégico do Istituto Europeo di Design, colunista do Tab UOL e do site O Futuro das Coisas, além de ser colaboradora de empresas como Envisioning, Disruptive Futures Institute e UP Lab.

IN MEMORIAM

CRIMES DE FEMINICÍDIO E A COVID-19: 2020 – UM ANO DE MÚLTIPLAS DORES³⁵

Dra. Lourdes M. Bandeira
Profa. Titular do Depto. de Sociologia

Universidade de Brasília-UnB

RESUMO

A pandemia iniciada nos primeiros meses do século 2020 assola o país, causando a morte de mais de 220 mil pessoas. Trata-se de um fato social total que convulsiona todas as relações sociais no mundo ocidental. Por sua vez, o crime de feminicídio tipifica a morte violenta da mulher por sua condição de sexo/gênero. Ambas as tragédias fazem história na sociedade brasileira. Ocorrem com persistência e visibilidade. Apenas no ano de 2020, já foram assassinadas 1.890 mulheres, sendo que, desses crimes, 648 foram tipificados como feminicídio. Trata-se de crime de ódio voltado à condição feminina. O que aproximam essas duas tragédias? Guardando algumas de suas singularidades, ambas são fenômenos sociais totais; ocorrem nas inter-relações pessoais privadas e nos espaços públicos,

35 Texto encaminhado a publicação no livro *on-line: Arte e Inovação em Tempos de Pandemia*. Organização de Rodolfo Ward do Centro de Estudos Avançados Multi-disciplinares – CEAM da Universidade de Brasília – UnB (fev. 2011).

deixando um rastro traumático em todas as pessoas. Aumentam cada vez mais as condições deletérias, assim como a exacerbação da vulnerabilidade feminina. Assemelham-se no agravamento das desigualdades, para além da ordem econômica-material, mas acentuadamente pela sociocultural. As duas reiteram os lugares de gênero, suas iniquidades e estigmatizações. A partir desse contexto, pretende-se discutir: i) por que as mulheres continuam sendo mortas com violência extrema?; ii) crimes de feminicídios: um continuum de violência com mortes anunciadas; iii) quando duas tragédias se encontram: desafios postos às políticas públicas.

Palavras-chave: crime de feminicídio, morte, violência, pandemia e políticas públicas.

INTRODUÇÃO

Último dia do ano, 31 de dezembro de 2020, sinto que não é possível fazer a passagem para 2021 sem mencionar a profunda tristeza e sofrimento que me envolvem, como mulher brasileira, os quais vêm assolando o Brasil com a presença de uma dupla pandemia, que significa uma dupla tragédia. A mais recente emergida desde o início de 2020, a covid-19, que até o momento atinge o patamar de mais de duzentas e trinta mil mortes, com 9 milhões de pessoas infectadas. A outra é histórica e configura a contínua morte violenta de mulheres, que ocorre com persistência desde meados do século passado, aumentando seu quantitativo em aproximadamente 30%, em tempos de pandemia. Em outras palavras, o crime de feminicídio vem alcançando proporções massivas, atingindo todos os segmentos sociais de mulheres. Ambas as pandemias são perversas e provocam danos profundos, mortes irreversíveis, sobretudo às mulheres.

De acordo com o Monitor da Violência³⁶, constatou-se que, nos primeiros seis meses de 2020, foram mortas, de forma violenta, 1.890

36 Fonte: *Assassinatos de mulheres sobem no 1º semestre no Brasil, mas agressões e estupros caem; especialistas apontam subnotificação durante pandemia*. Reportagem de: Por Clara Velasco, Felipe Grandin, Gabriela Caesar e Thiago Reis. Disponível em: <https://>

mulheres, muitas em decorrência do contexto de isolamento social compulsório provocado pela pandemia do novo coronavírus. Esses crimes representam um aumento em torno de 12% em relação ao mesmo período de 2019. Do total desses homicídios femininos, segundo o IBDFAM³⁷, ao menos 648 mulheres foram mortas no Brasil por motivação relacionada à sua condição de sexo ao gênero no primeiro semestre de 2020, o que caracteriza crime de feminicídio. Portanto, trata-se de crimes de ódio contra as mulheres voltado à sua condição de sexo/gênero.

Vale esclarecer que a tipificação do crime de feminicídio (Lei 13.104/mar. 2015) caracteriza a morte violenta de mulheres pelo fato de ser mulher; já o crime de homicídio [assassinato] de mulheres indica mortes não ligadas às questões de sexo/gênero, como as mortes que podem ocorrer durante assaltos, brigas de trânsito ou outras formas de violência.

Na mesma direção, o relatório produzido pelo Atlas da Violência³⁸ (2019) indica que foram contabilizados 13 crimes de homicídios femininos diários no país. Estimativas gerais indicam que 137 mulheres são mortas diariamente por um membro da própria família, segundo dados relativos aos países ocidentais (*United Nations Office on Drugs and Crime*, 2019)³⁹. Como visto, as duas tragédias configuram pandemias que atingem não apenas o Brasil, mas também a maioria dos países ditos civilizados. Apenas para exemplificar a magnitude do fenômeno: *Uma mulher foi vítima de feminicídio a cada 3 dias na Itália*. Dados foram di-

g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/09/16/assassinatos-de-mulheres-sobem-no-1o-semester-no-brasil-mas-agressoes-e-estupros-caem-especialistas-apontam-subnotificacao-durante-pandemia.ghtml (16/09/2020).

37 Instituto Brasileiro de Direito da Família-IBDFEM. Disponível em: <https://www.ibdfam.org.br/noticias/7853/Brasil+teve+648+casos+de+feminic%C3%ADdio+no+primeiro+semester+de+2020>

38 Consultar: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada & Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019

39 Dados disponíveis: ESTUDO GLOBAL SOBRE HOMICÍDIO 2019.(GLOBAL STUDY ON HOMICIDE Gender-related killing of women and girls) Disponível em: <https://www.unodc.org/unodc/en/data-and-analysis/global-study-on-homicide.html> Acesso em: 18/01/2021

vulgados pelo Instituto de Pesquisa Eures⁴⁰. Outra manchete: *Número de feminicídios cresceu 50% durante lockdown na Itália*.⁴¹ Tristemente para muitos entre nós que perdemos alguém da família ou conhecido, seja para a covid-19, seja pela morte violenta de uma mulher. Em outras palavras, todos estamos vivendo em um mundo onde predomina a doença e a morte, onde as vidas estão sendo roubadas.

O crime de morte violenta de mulheres foi tipificado como crime de feminicídio no Brasil, a partir da Lei 13.104/mar. 2015; embora já tenham passado quase cinco anos da efetividade da lei, ainda se encontram muitas resistências à sua nomeação pelo corpus jurídico, o que caracteriza um paradoxo, no sentido de que o Brasil apresenta uma das melhores leis à proteção da mulher, a “uma vida sem violência” – é o caso da Lei 11.340, de 7 agosto de 2006, Lei Maria da Penha e a Lei do Feminicídio –, e é, ao mesmo tempo, um dos países mais perigosos para as mulheres viverem, em especial nos espaços familiares-privados. O que indica que permanece ainda uma grande desproporção entre a efetividade do emprego da lei com a realidade, considerando maiormente o que foi também publicado em abril de 2016: *Diretrizes Nacionais Feminicídios. Investigar, Processar e Julgar – com perspectiva de gênero as mortes violentas de mulheres*⁴². Tem se observado resistências ao emprego das Diretrizes, sobretudo porque demanda mais recursos humanos e econômicos; em nosso entendimento, a maior resistência está em incorporar o olhar e a sensibilidade de gênero na atuação por parte de agentes públicos.

40 Disponível em: http://ansabrasil.com.br/brasil/noticias/italia/noticias/2020/11/24/uma-mulher-foi-vitima-de-feminicidio-a-cada-3-dias-na-italia-em-2020_ebfaac-66-81cf-47a4-a5f8-ed9519185280.html (08/02/2021).

41 Fonte: uol.com.br – Univera (Relatório divulgado pelo Instituto Nacional de Estatística [ISTAT]) (07/02/2021).

42 Realização da Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres – ONU e Secretaria de Políticas para Mulheres/Ministério da Mulher, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos Mulheres. Coordenação de Wânia Pasinato. Brasília, 2016.

Segundo a pesquisa realizada pelo Instituto Patrícia Galvão, sua Diretora executiva conclui que:⁴³

Há uma ampla compreensão da sociedade sobre a gravidade da violência contra as mulheres e de que o contexto da pandemia impactou de forma severa o cenário da violência doméstica. Enquanto para 88% da população o isolamento social e a quarentena fizeram com que a violência contra a mulher aumentasse, para 95% os homens que estão agredindo mulheres já faziam isso antes da pandemia”.

Portanto, observa-se uma “estreita” similitude articulada entre a potencialidade e a dinâmica dessas duas epidemias, sobretudo, acarretada pelo “poder coercitivo” que apresentam, cada uma a seu modo: a covid-19 obriga ao isolamento social compulsório e acaba acentuando as desigualdades sociais e políticas; em detrimento das mulheres, o crime de feminicídio se fortalece no rastro e no controle:

[...] do machismo estrutural sedimentado na ideia de pertencimento da mulher ao homem, que uma mulher ao pertencer ao homem, está disponível para satisfazer sua vontade. Essa coisificação da mulher e sua negação como pessoa dotada de vontade é uma das bases estruturais do feminicídio, a forma mais brutal de violência contra as mulheres (FERNANDES, 2020, s/p).

Assim, ao realizar este breve ensaio, a pretensão é de instigar reflexões sociológicas que possam vir, de antemão, a contribuir com os desafios impostos quando a dupla tragédia-pandêmica se entrecruza. Pois cabe destacar que não há elementos excepcionais, causais ou descobertas mirabolantes que caracterizam os crimes de feminicídio. Certamente, por serem tão absurdamente comuns é que muitas vezes são “vistos”

43 Relatório da pesquisa disponível em: https://assets-institucional-ipg.sfo2.cdn.digitaloceanspaces.com/2020/11/LocomotivaIPG_ViolenciaDomesticanaPandemiaFinal.pdf Acesso em: 27/01/2021.

como banais ou passam quase “despercebidos”, e apenas acabam por engrossar as estatísticas policiais.

No geral, os organismos públicos e privados que acompanham a notificação dos crimes de morte violenta de mulheres – homicídios e feminicídios – o fazem por meio da representatividade [ou contagem] estatística e pouco aprofundam em relação às causas que acabam por “determinar” o crime de feminicídio. O mesmo ocorre com as mortes causadas pela covid-19. São situações que parecem banalmente cotidianas, mas nem sempre são perceptíveis em suas causas, pois o agressor convive com a vítima, isto é, mora dentro da mesma casa, cuja “obrigatoriedade” de convívio acaba por estimular a violência. Todas as pesquisas, independentemente de seus recortes teórico metodológicos, apontam para o agravamento da violência contra as mulheres durante a pandemia. Portanto, crime cometido por um agressor que mantém ou manteve algum tipo de relação com a vítima se exacerba e acaba por agravar a situação.

Por sua vez, a mídia tem [deveria ter] um desempenho importante, no relato das duas tragédias; de modo geral, passa a nominá-las ou reconhecê-las, o que não deixa de ser um avanço. No entanto, resta perguntar de que maneira isso é realizado! No caso do Brasil, as tragédias têm sido negadas, sobretudo, quando a autoridade não se recusa, de maneira generalizada, ao reconhecimento da gravidade e da perda de vidas, pois, matar ou morrer torna-se, certamente, mais fácil, seja pela pandemia, seja pelo crime de feminicídio. Como afirma Butler (2021, s/p): “Estas vidas não são totalmente consideradas enquanto tais, e sua perda não é verdadeiramente tida como significativa, ao fazer referência aos últimos dias do governo Trump, incluindo o assalto ao Capitólio, são uma réplica violenta ao movimento – *Black Lives Matter*⁴⁴”. Aqui me apropriei da semelhança do raciocínio de Butler.

44 Texto disponível no site: A Terra é redonda (29/01/2021). Por JUDITH BUTLER: Por que Donald Trump recusou-se a admitir sua derrota. Disponível em: https://aterraerredonda.com.br/itinerariodestrutivo/?utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=itinerario-destrutivo&utm_term=2021-01-30

O texto desenvolve os seguintes pontos: i) por que as mulheres continuam sendo mortas com violência extrema? ii) crimes de feminicídio: um continuum de violência com mortes anunciadas; e iii) quando duas tragédias se encontram: desafios postos às políticas públicas.

POR QUE AS MULHERES CONTINUAM SENDO MORTAS COM VIOLÊNCIA EXTREMA?

Na conjuntura perversa caracterizada pelo avanço da covid-19, a imprensa noticiou a ocorrência da morte violenta de seis mulheres durante o período natalino, isto é, estas foram vítimas de crime de feminicídio no país. O registro aumentou para a sétima morte violenta no dia 29 de dezembro de 2020, antevéspera da passagem de ano. Todas essas sofreram mortes violentas perpetradas por seus respectivos (ex) maridos, (ex) companheiros e (ex) namorados.

Quem eram essas mulheres mencionadas pela mídia? O maior destaque foi dado ao crime da morte violenta da juíza, uma vez que se tratava de uma autoridade, assim como pelas características do crime ocorrido com muita violência na presença das três filhas menores do casal. Observa-se que, ao noticiar, a mídia alardeia mais quando se trata do envolvimento de mulher(es) com algum destaque socioprofissional: foi o caso da juíza, morta pelo ex-marido engenheiro. Na maioria dos demais crimes de feminicídio ocorridos com mulheres sem projeção social, assim como os seus respectivos criminosos, sem identificar alguma profissão ou qualificação de vítimas e agressores, a mídia passa a noticiar, de maneira despercebida, as identidades e/ou características das vítimas, pois a nomeação é feita sempre pelo genérico: mulher, esposa, companheira, namorada e mãe. Essa naturalização de nomeação indica o descaso em relação a um sujeito feminino, que é apenas identificado por sua condição bio-reprodutiva. Portanto, acentua-se o “estigma” do desempenho pela ordem da natureza, e não pela ordem do sujeito político – mulher.

Ainda, chamou a atenção que a morte violenta da juíza provocou diversas manifestações e tributos: de autoridades, de feministas e da

própria mídia, enquanto as demais vítimas apenas foram noticiadas ao engrossar as estatísticas. Com certeza são necessárias as manifestações, mas até essas informam os diferentes e desiguais marcadores sociais que as vítimas ocupavam na sociedade.

Embora arbitrário, pode-se “traçar” uma espécie de “perfil” em relação a algumas características relativas àquelas que foram vitimadas pela violência neste período, pois se aproximam, infelizmente, daquelas que acabarão sofrendo violência e/ou morte violenta.

O quadro abaixo explicita as características das mulheres que foram vítimas por morte violenta, localizadas nos estados de ocorrência do crime, por data e fonte da publicação, usando-se a nomenclatura relativa à encontrada na notícia.

Quadro nº 1. Relação das mulheres mortas por crime de feminicídio
na última semana de dezembro, 2020.

Brasil, 2020.

Juíza/RJ (45 anos) ⁴⁵	Senhora/RS (74 anos) ⁴⁶	(ex)Companheira/SC (38 anos) ⁴⁷	Namorada/ PR (29 anos) ⁴⁸	Mulher/PE (45 anos)	Mulher/ SP(34anos) ⁴⁹	Esposa/ MG (32 anos) ⁵⁰
Morta pelo ex-marido com 16 facadas de ferias na frente das três filhas menores do casal. Morreu na rua. Era magistrada	Morta com um tiro na cabeça dado pelo ex-marido. Morreu em casa. Na sequência, ele teria cometido o suicídio. Dona de casa.	Morta a tiros pelo ex-companheiro. O crime ocorreu pouco depois da virada de ano. Morta em casa. Dona de casa.	Baleada com um tiro na cabeça pelo namorado durante a ceia de Natal. Morta na residencia Profissão não especificada	Assassinada dentro de casa pelo ex-marido, na frente de sua filha de 12 anos. Companheira e mãe.	Morta na tarde do Natal pelo marido com 20 facadas. O filho da mulher morta correu para pedir ajuda ao ver a mãe ser agredida. Ela era ajudante geral.	Esposa foi morta pelo marido na frente das 4 filhas. Esposa e mãe

Fonte: elaboração da autora a partir de publicações na mídia, conforme indicado em nota.

45 Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2021/01/05/para-pesquisadoras-femicidio-no-fim-do-ano-nao-e-pontual-e-sim-questao-estrutural> (05/01/2021).

46 Ibid.

47 Ibid.

48 Fonte: <https://www.metropoles.com/violencia-contr-a-mulher/familia-de-mulher-morta-na-ceia-de-natal-pede-ajuda-para-sepultar-o-corpo> (28/12/2020)

49 <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/12/29/corpo-de-mulher-assassinada-pelo-marido-com-20-facadas-em-leme-sao-paulo-e-sepultado-no-ceara.ghtml> (29/12/2020).

50 Fonte: <https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2020/12/28/mulher-e-morta-a-facadas-pelo-companheiro-na-frente-das-quatro-filhas-em-tres-coracoes-mg.ghtml> (28/12/2020).

Nenhuma teve sua condição de raça/cor/etnia mencionada, assim como a escolaridade ou outros marcadores sociais, salvo no caso da juíza. Em apenas cinco dias do atual período de festas de fim de ano no Brasil (24 a 29/12/2020), ocorrem as sete mortes violentas de mulheres, tipificadas como crimes de feminicídio. A maioria desses crimes ocorreu no interior das respectivas residências, ocasionada por homens que mantinham [ou mantiveram] algum tipo de vínculo afetivo (maridos, companheiros, namorados e ex). Filhos/as menores assistiram à morte violenta da mãe, causada pelo pai, pois, dos sete crimes, três foram cometidos na presença de filhos/as. As mortes violentas ocorreram em: Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina [mais de uma], Paraná, Pernambuco, São Paulo e Minas Gerais. Crimes presentes em quatro das cinco regiões brasileiras, com exceção feita à Região Norte, onde não foi encontrado registro na mídia.

Segundo a coordenadora do Núcleo de Gênero junto ao Centro de Apoio Operacional Criminal do Ministério Público de São Paulo (MPSP), a promotora de Justiça Valéria Scarance avaliou que:

Período de festa, Natal e Ano Novo, é para nós no mundo ocidental um período de reflexão, de análise da vida, de rever as decisões, as frustrações; é um período muito simbólico. Então homens autores de violência não lidam bem com as suas frustrações, suas perdas, não aceitam que a mulher muitas vezes os contrarie ou mesmo coloque fim ao relacionamento — explicou. — Nesses momentos, esses homens tendem a fazer também essa reavaliação. Se eles não lidam bem com as suas questões, seus sentimentos, se eles já são violentos e não conseguem racionalizar essa dor, eles podem, sim, intensificar essa violência, e isso pode levar à ocorrência de um feminicídio⁵¹.

51 <https://extra.globo.com/casos-de-policia/no-periodo-de-natal-pelo-menos-seis-mulheres-foam-vitimas-de-femicidio-no-pais-24813436.html> (Publicado em: 27/12/2020).

O que chama atenção nesses crimes violentos? Inicialmente, observa-se que não são fatos isolados, como de resto; ocorrem similarmente às mortes causadas também pela pandemia, que obrigam a mulher a conviver com o agressor. Sobretudo, predominam nas mulheres mais vulneráveis, das periferias ou de regiões consideradas marginais, cujas dificuldades de manutenção do isolamento social são enormes e similares ao escasso acesso a qualquer equipamento social. Nesses dois fenômenos totais, as mulheres podem ser consideradas como os “alvos preferenciais”, na medida em que tanto o confinamento social como situações de desemprego acabam por agravar o convívio com o homem agressor-violento, ou companheiro abusivo e similares, na própria casa, favorecendo, no contexto familiar e emocional, a exacerbação demasiada de relações de poder, isto é, as desigualdades de gênero, que podem levar ao crime de feminicídio. Obviamente que o crime de morte violenta da mulher tem precedência histórica sobre a covid-19, embora ambos venham sendo noticiados como “episódios” próprios, desconectados e negligenciados.

Aponta-se ainda a ferocidade do *modus operandi* empregado: não bastasse ocorrer durante o período festivo – simbolicamente – de comemorações do nascimento e da vida, o uso de muitas facadas, de muitos tiros na cabeça, indica o tamanho da violência diretamente vinculada à potencialidade do ódio, da misoginia, da condição de abjeção que é atribuída não só a essas, como também às demais mulheres, desencadeando uma alta morbidade, sobretudo, nas mulheres pretas.

Em texto recente (2019), fiz uso da categoria de aniquilamento simbólico ao me referir à extrema destruição e silenciamento feito contra o corpo feminino. Embora não esteja presente nos crimes mencionados, a maioria das pesquisas indica que outras formas cruéis ocorrem como os estrangulamentos, decapitações, mortes por queimaduras e afogamentos; todas são manifestações de *aniquilamento*. Essas são extensivas à contaminação pandêmica ao “condenar” a população a não viver pela destruição da respiração ou sufocamento; é uma expressividade do *aniquilamento*. Há outro que é extensivo, na medida em que, além das mulheres serem destruídas [abatidas] com crueldade pela morte violenta [similar aos animais], ou por morrer pela sufocação, a mídia,

por sua vez, ao noticiá-las, acaba por espelhar as iniquidades de gênero presentes por meio da condição de desumanização de seus corpos, mas, sobretudo, como destaca Segato (2014, s/p), ao explicitar o exercício de uma “pedagogia da crueldade”:

(...) Por outro lado, a truculência é a única garantia do controle sobre territórios e corpos, e de corpos como territórios, e pelo outro, a pedagogia da crueldade é a estratégia de reprodução do sistema de dominação sobre os corpos das mulheres (SEGATO, 2014, s/p).

A “pedagogia da crueldade” também diz respeito às manifestações de “negacionismo” pelas autoridades ao não reconhecer o custo humanitário volumoso da morte da população brasileira pela covid-19, sobretudo da população mais pobre, embora seja uma pandemia “democrática”. Associada à morte violenta de mulheres, a mídia não tem registrado o quanto as duas tragédias atingem as mulheres pretas. Ao não registrar a cor/raça/etnia das vítimas, deixa de instigar a reflexão sobre a ausência de relações sociais envolvendo raça e racismo no Brasil, sobretudo, nos episódios de violência de gênero. Nesse sentido, vale apontar as duas teses propostas no estimulante livro do filósofo paulista – Sílvio Almeida, intitulado: *O que é racismo estrutural?* (2019)⁵². Trata-se de um texto que contempla da perspectiva sociológica dois eixos importantes, ao propor: i) *não se pode compreender a sociedade contemporânea sem considerar as categorias de raça e de racismo*; ii) *o racismo está entranhado no conjunto de nossa sociedade, e é sempre estrutural, isto é, trata-se de um elemento que estrutura a organização política, econômica e todas as dinâmicas socioculturais*. Portanto, a mídia, como qualquer outra instituição ou “aparato” do Estado, não tem contemplado essas categorias, ao ponto de algumas autoridades terem mesmo “desdenhado” dessa questão ao afirmarem que não existe racismo no Brasil.

52 Consultar: Sílvio Almeida. “O que é racismo estrutural?” da coleção *Feminismos Plurais*, coordenada por Djamilia Ribeiro. Cia das Letras (2019).

Na mesma direção, Thruler (2017, s/p) acentua o descaso da mídia ao “ensinar à sociedade a não ter empatia com a vítima”. Quando as mulheres “aparecem”, isto é, têm presença na mídia, no geral, o têm porque foram objeto da violência, de outras formas de estereotipação ou de desumanização, provocando o sentimento de que os crimes de feminicídios são fatos isolados. Todavia, estão sustentados por:

Estruturas históricas baseadas no patriarcado, predomínio de valores masculinos hegemônicos que tendem a ‘denegrir a imagem feminina, ao mostrá-la ou apresentá-la de modo estigmatizado (SIMÕES, 2007, p. 92).

Por um lado, as duas autoras indicam que se deve pensar o fenômeno da violência de gênero como um problema que se manifesta nas dissimetrias de gênero e que se estruturam nas relações sociais mais amplas, pois, por meio dos lugares de gênero na sociedade, é possível revisitar as condições históricas de iniquidades às quais as mulheres foram submetidas; por outro, o lugar hegemônico que as masculinidades ocupam nas relações de poder. Portanto, nas relações afetivas, a violência se impõe aos poucos. Normalmente, homens violentos praticam condutas de controle, isolamento, opressão e rebaixamento que minam a resistência da esposa/companheira/namorada. Antes da violência física, pois, trata-se de violência simbólica. E o cometimento do crime de feminicídio representa o capítulo final deste continuum de violência.

Ainda, segundo Thuler (2017, s/p) se faz urgente que:

(...) os discursos midiáticos precisam adotar perspectivas de gênero, e, registrar os processos vivenciados pelas mulheres na direção de maior protagonismo (...), pois, somente uma postura crítica da mídia diante desses crimes hediondos poderá contribuir para reduzi-los, para ocorrer mudança em comportamentos coletivos e individuais, para a sociedade exigir a aplicação da Lei do Feminicídio.

Pois a mídia tornou-se espaço de produção de reconhecimento que pode vir a contribuir [ou não] para reafirmar ou contestar as estratificações de gênero, movendo-as na vida social.

CRIMES DE FEMINICÍDIOS: UM CONTINUUM DE VIOLÊNCIA
COM MORTES ANUNCIADAS

Quando se trata de tipificar os crimes de feminicídio, vale destacar o pioneirismo da antropóloga feminista mexicana Marcela Lagarde de los Ríos (2005, 2006) ao criar o neologismo – *feminicídio* – que, além de caracterizar a morte violenta de mulheres pela sua condição de sexo/gênero, acrescenta outra dimensão extensiva ao tratar da (escassa) responsabilidade política do Estado por “omissão”, ou melhor, por não garantir uma vida sem violência às mulheres, seja nos espaços privados, seja nos públicos. Para Lagarde (2005), o feminicídio nomina um crime contra a condição de humanidade das mulheres que pode envolver sequestros, estupro, desaparecimentos, violência sexual, maus-tratos, abusos, humilhações e danos emocionais contínuos contra mulheres por conhecidos e desconhecidos, por violadores, estupradores, criminosos e assassinos individuais e coletivos. Ocorre com meninas e mulheres de quaisquer condições socioeconômicas e culturais, embora a maior incidência tenha ocorrido com as mulheres mais vulneráveis – mulheres pretas e periféricas, cujos agressores são parte da convivência de suas relações interpessoais (BANDEIRA, 2019).

O crime de feminicídio representa uma relação desigual entre as condições de gênero, caracterizada como “uma força social plena de significados dotada de uma capacidade de estruturação da realidade que modela culturalmente o corpo das vítimas e dos agressores, denominada violência modernista” (CORRADI, 2009, p. 1)⁵³.

53 Corradi utiliza esta expressão – modernista – em vez de moderno, porque o fenômeno contém um resumo de características (até paradoxais) da modernidade: de forma sintética, o elo entre razão e emoção, a invenção de um inimigo, o corpo da vítima transformado em material a ser modelado, a espetacular divulgação das atrocidades na mídia, o protagonista do agressor e, ao mesmo tempo, seu desaparecimento em um projeto que vai além dele. Texto explicativo presente no artigo: *Violência, identidade e poder Por uma sociologia da violência no contexto da modernidade*. Disponível em: <https://journals.openedition.org/socio-logos/2296> Acesso em: 05/02/2021

Pois essa “relação social” destacada por Corradi é que estrutura as relações de poder e o controle que os homens exercem sobre as mulheres, assim como o controle de suas trajetórias (pai > irmão > marido > filho > chefe) e os atos violentos que são exercidos no/sobre o corpo da vítima. No geral, esses atos ocorrem nas relações afetivas, de parentesco e também de trabalho, entre a vítima e agressor e/ou criminoso, podendo incluir a violência sistemática e generalizada ao nível interpessoal e profissional no dia a dia. Tais comportamentos são reflexos das raízes centradas em desigualdades sociais, políticas, econômicas e culturais e, portanto, das arbitrariedades e desumanidades de gênero ou, dito de outra forma, das assimetrias de gênero que não são levadas em consideração, embora existam – historicamente –, de maneira flagrante.

O crime de feminicídio é praticado, geralmente, em sociedade com forte estrutura patriarcal e desigual, como é o caso da nossa, em que as mortes femininas ocorrem pelas mãos de homens conhecidos, em relações interpessoais. Esse crime tem diversas motivações: possessão, ódio, prazer, erotismo etc. Nessa direção, a antropóloga Rita Segato (2008, 2016) acrescenta características significativas e inovadoras ao estabelecer profundas relações entre a equação: gênero (+) patriarcado (+) dominação (+) campo simbólico (=) fornecem o substrato material e simbólico para a base da violência fundante ou fundadora, que pode envolver – inclusive – o castigo físico a uma mulher, como, por exemplo, o “encarceramento doméstico”, mais conhecido como cárcere privado. Destaca ainda que há “novas” relações descobertas, a propósito de não salvaguardar o corpo feminino. Daí que articula outra equação: corpo e território. Dois espaços de conquistas nas guerras modernas, pois ambos têm equivalência semântica [linguística] na nominação da violência de gênero e política no seu duplo enfretamento: crime de feminicídio configurado no corpo-território feminino.

Otro elemento que distingui en mi análisis (...), son las afinidades entre cuerpo femenino y territorio. Éstas quedan claras en la asociación permanente entre conquista territorial y violación, tanto en la guerras premodernas como en las modernas, en todas las civilizaciones (...). La significación territorial de la corporalidad femenina - equivalencia y continuidad semántica entre cuerpo de mujer y territorio – son el fundamento de una cantidad de normas que se presentan como pertenecientes al orden moral. Por ejemplo, la preocupación obsesiva creciente con el control de la capacidad de gestación de vida del cuerpo de las mujeres y una vigilancia activa contra el aborto por parte de quienes nada tienen que ver con la vida particular o la adhesión religiosa de la persona que pretende interrumpir un embarazo son parte del fenómeno de la publicización en el cuerpo de la mujer de la extensión, el poder y la cohesión de comunidades de fe religiosa (op.cit. (SEGATO: 2005, p. 4 e 6).

Portanto, a partir do destacado pela autora, infere-se que há articulações sociais entre as categorias de corpo e de território, por um lado; mas, ao mesmo tempo, a afinidade ocorre com os fenômenos da covid-19, em que a presença da violência como força social se impõe caracterizada de acordo com a razão e com as emoções, localizadas em territórios corporais, emocionais e físicos (CORRADI, 2009). Ademais, a dimensão política destas duas tragédias deve-se principalmente ao componente do negacionismo, do descaso, da impunidade e da escassa responsabilidade do Estado no cometimento desses crimes: grave é a crise pandêmica evidenciada no que vem ocorrendo em Manaus, por exemplo. Crimes de feminicídio tiveram um aumento de um terço durante o ano de 2020, segundo o Mapa da Violência (2020). Na pandemia e no feminicídio, identificam-se os pilares semelhantes que “sustentam” estes fenômenos: falta de prioridade humanitária e civilizatória que acabam por perpetrar a dimensão deletéria de mortes violentas de mulheres. Para Corradi (2009), o corpo feminino representa o recipiente da violência, no sentido de que se trata de corpos manipulados, mutilados, que levam ao crime contra a vida. A autora exemplifica: “Na Bósnia, provavelmente pela primeira vez na história humana o corpo feminino se tornou o local da guerra”. Relacionando a autora ao pensamento de Segato – corpo e território –, tem-se aí um exemplo contundente da condição abjeta do corpo feminino.

Não se pode afirmar que a violência de gênero se constituir em um instrumento a serviço de um projeto sociopolítico; no entanto, há uma racionalidade posta, na medida em que a estrutura patriarcal da sociedade luta para preservar seus poderes e privilégios, o que implica em desconsiderar o que não seja de seu interesse. Práticas de violência feminicida tem ocorrido – de forma espetacular – como foi o caso do “estupro coletivo” ocorrido na cidade de Queimadas, Agreste da Paraíba. O crime aconteceu em 12/02/2012, durante a comemoração de uma festa de aniversário, quando um irmão oferece ao outro como presente o estupro das mulheres. As cinco mulheres presentes foram estupradas e duas delas foram assassinadas. Na casa, havia a presença de dez homens.⁵⁴ Portanto,

(...) estupros em massa, contra “inimigos inventados” como as mulheres. Essas ações contêm “um excesso de raiva, um excesso de ódio que produz formas sem precedentes de degradação e violência, tanto contra o corpo físico quanto contra a dignidade espiritual da vítima (CORRADI, 2009, p. 20).

A violência extrema contra as mulheres presente nos contextos pandêmicos envolvem condições e pilares que transversalizam as diversas sociedades, a saber:

- i) Ocorrem em diferentes contextos sociais [culturas] com “significados” patriarcais, nos quais as manifestações de misoginia, de poder e de controle se exibem sobre os corpos femininos com expressividades muito intensa;
- ii) As mulheres são mortas violentamente, por sua condição de serem mulheres;
- iii) Os crimes de feminicídio demandam enfrentamentos jurídicos, isto é, um tipo penal específico; no caso do Brasil, a existência Lei 13.104 (mar/2015), que infelizmente, por si só, não assegura a efetividade de redução do crime;

54 Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/acusado-por-estupro-coletivo-em-queimadas-e-liberado-para-o-semiaberto.ghtml>. Acesso em: 07/02/2021.

- iv) O crime de feminicídio pode envolver numerosas formas cruéis e sobrepostas de mortes violentas de mulheres: violência física, estupros em massa, tortura, mortalidade materna, aborto, prostituição, entre outras, além de assassinatos;
- v) Significado da motivação do agressor é o desprezo, o ódio, o sentimento de misoginia, o sentido de propriedade em relação ao corpo, à sexualidade e aos afetos femininos;
- vi) Os crimes de feminicídio transcendem qualquer fronteira: de classe, território, raça/cor, etnia, religião, geração, entre outras;
- vii) O corpo da mulher-vítima como alvo de extrema violência é o fato central.

É irreversível a necessidade de enfrentar e reprimir o crime de feminicídio, pois exige um conhecimento específico, diferenciado, um novo olhar com perspectiva de gênero para que se possa compreender a razão pela qual homens “acima de qualquer suspeita” são capazes de matar brutalmente suas parceiras, impondo-lhes uma sentença de morte.

Portanto, se bem observado, pode-se afirmar que – entre diferentes países e contextos pandêmicos – se favorecem mais as convergências para o cometimento do crime. Ademais, quando ocorrem nos estratos sociais mais desiguais, tem como principais “motivações” término de relacionamento, ciúmes e traição estritamente associadas à suspeita de adultério e do sentimento de posse daquela mulher [daquele corpo, daquela sexualidade]. Também são mortas simplesmente por ser mulher daquele homem e não lhe render obediência aos padrões de controle heteronormativos, ao qual são impostos, e acabam por serem assassinadas. Outras fazem parte de um circuito de “morte anunciada”, uma vez que existe, na sua trajetória pessoal-familiar, a convivência com agressões e violências repetidas e continuadas, constituindo as relações no cotidiano. Muitas, ao não suportar mais situações de violência, resolvem denunciar o parceiro. Infelizmente, ainda nem todas o fazem. Daí a “morte anunciada”, pois, em diversas situações, a vítima não toma qualquer atitude contra o agressor, sente-se culpada pela violência sofrida, daí a expectativa de que ele possa mudar, ou pela dependência da condição econômica, ou por temer pela sua integridade física. No entanto, com

o passar do tempo, a situação se agrava e, em muitos casos, culmina no feminicídio. Segundo aponta profa. Lia Z. Machado (UnB): “O número de feminicídios logo depois que a mulher se separa é enorme. Ela não se separa antes porque sabe que se sair de casa vai ser morta” (...) “A última coisa que deve acontecer é a mulher ficar envergonhada, sem pedir ajuda. O ideal é que ela mostre a gravidade da situação. Silenciar é a pior coisa, porque assim ficam totalmente desprotegidas”⁵⁵.

QUANDO DUAS TRAGÉDIAS SE ENCONTRAM: DESAFIOS POSTOS ÀS POLÍTICAS PÚBLICAS

Com certeza são inúmeros os entrecruzamentos entre essas duas tragédias. Todavia, as mais contundentes são evidenciadas pelas situações de desigualdades sociais e da violência fundadora que estrutura a sociedade patriarcal com sua materialidade e simbolização capitalista. O professor Sergio Adorno, pesquisador do Núcleo Estudos da Violência da USP, em entrevista sobre “As raízes da Violência no Brasil” (2017) afirmou que é possível escrever a História Social do Brasil partindo da história da violência. Pois trata-se de um traço que singulariza a sociedade brasileira⁵⁶. Entender o enraizamento social da violência para analisar a dimensão das desigualdades sociais seria fundamental, pois a violência nos divide e acentua a atuação diferenciada ou desigual das instituições, ao atuar para brancos e para negros, por exemplo, evidenciando uma raiva destrutiva e um racismo histórico e sistêmico. Ou nas palavras de Machado (2021, op. cit): “a ideia de desigualdade se manifesta na atuação do corpus jurídico”.

55 Entrevista realizada por Jéssica Cardoso com a Profa. Lia Zanotta Machado (UnB): *Machismo, confinamento e desemprego favorecem feminicídio*, diz Lia Zanotta. Correio Braziliense: Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2021/01/4898398-machismo-confinamento-e-desemprego-favorecem-feminicidio-diz-lia-zanotta.html> (05/01/2021).

56 Entrevista – Sergio Adorno: A violência no Brasil (12/01/2017). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Gj2odAHhPA4>

A marca da segregação social explodiu com a covid-19, expondo todas as contradições e paradoxos contidos na sociedade brasileira. Fica bem explicitada com a ascensão das diferenças presentes na população, sobretudo entre homens, mulheres, gays, trans, população urbana e interiorana, branca e preta, entre outras tantas identidades; desde a escola, o local de moradia, o saneamento, o transporte, acesso aos equipamentos públicos, ao sistema de saúde, a segurança pública, acesso à justiça, propriedade e uso de tecnologias, etc. inviabilizam e expõem os muitos que são pobres diante dos poucos que são ricos.

A Nadine Gasman,⁵⁷ que foi representante da ONU Mulheres no Brasil, em palestra, afirmava que:

A violência contra as mulheres é uma manifestação perversa, fruto da discriminação e da desigualdade de gênero. Para além das consequências humanas imensuráveis que ela traz, tal violência impacta em elevados custos para os serviços de atendimento – incluindo a saúde, a segurança e a justiça. Investir na prevenção e na erradicação da violência contra as mulheres e meninas é muito menos custoso do que tem nos custado a falta de ação.

Indireta e sutilmente, percebe-se que a autora se refere aos crimes de feminicídio como fenômeno sócio-político, no sentido de que o(s) Estado(s) Nacional(is) têm se mostrado ineficiente(s) para priorizar e enfrentar o problema, em uma conjuntura na qual tem-se observado extensivamente a existência de práticas corruptas e de abuso de autoridade entre os representantes da lei, endossada, muitas vezes, pelas altas esferas do poder político, deixando à vista as contradições pertinentes à sua atuação.

Ademais, destaco que, mesmo antes da tragédia da invasão da covid-19 se instalar, talvez um dos mais expressivos desafios já dissesse respeito à saúde pública, derivado de certas escolhas políticas feitas,

57 Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/onu-alerta-para-os-custos-da-violencia-contra-as-mulheres-no-mundo/> (24/05/2017).

a exemplo do que é relativo a um Estado que pouco se interessou em investir na gestão de recursos públicos, de acordo com as prioridades demandadas por programas de democratização e de inclusão social. Exemplifico: o Sistema Único de Saúde (SUS). Os recursos sempre foram considerados escassos para atender a determinados grupos sociais: mulheres periféricas, vulneráveis, negras e pretas, desempregadas, faveladas, indígenas, ribeirinhas, grávidas, idosas, deficientes, mulheres em situação de violência, pobres e outras pessoas em situação de risco, que, historicamente foram [são?] invisibilizadas na nossa sociedade, em suas múltiplas carências. Nessa direção, nega-se a perspectiva da bioética quando são estabelecidos [ou impostos] “critérios” para a “escolha” daquelas e daqueles que serão atendidos ou admitidos em leitos de UTI, recebendo tratamentos mais prolongados ou recebendo vacina e similares: trata-se de negar o(s) princípio(s) da bioética ao estabelecer “escolhas sobre quem deve viver e quem deve morrer” (BANDEIRA, 2020). As consequências concretas têm sido nefastas, cuja “mortalidade obscena no Amazonas, por asfixia e sufocação, nestes primeiros idos de 2021 fala por si...” (PAULANIÉ, 2021, s/p)⁵⁸.

Tal raciocínio é equivalente ou similar ao observado na atuação do Estado por meio do funcionamento do sistema de segurança e de justiça, na medida em que são estabelecidos “critérios” para qual(is) crime(s) deve(m) ser examinado(s) como prioritário(s), assim como o(s) recurso(s) a ele(s) destinado(s). Se, por um lado, praticamente todo dia a mídia informa sobre homens que cometeram crime de feminicídio que não têm sido devidamente investigados, seja pela extrema burocracia e formalismo da prática do direito, que “inviabiliza” desde a celeridade até a dinâmica do campo processual, seja pela “resistência”, que ainda desparte esses crimes de feminicídio ao demandar um olhar e sensibilidade de gênero em sua investigação; por outro, geralmente a violência contra a mulher

58 Artigo de Leda Maria Paulanié: Dois anos de desgoverno – três vezes destruição (20/01/2021). Disponível em: https://aterraeredonda.com.br/dois-anos-de-desgoverno-tres-vezes-destruicao/?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=dois_anos_de_desgoverno&utm_term=2021-02-09

nem sempre tem sido priorizada, e o exemplo vem de cima, haja vista a manchete: *Pasta de Damares esvazia verbas para combate à violência contra mulher. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos usou apenas metade da verba deste ano para ações de proteção e igualdade de direitos (...)* A pasta da Damares Alves, ainda terá, em 2021, um corte de 25% dos recursos da área: combate à violência doméstica, políticas de igualdade e ligue 180, Casa da mulher brasileira, entre outras⁵⁹. No entanto, o alerta do aumento da violência contra as mulheres a partir da presença da covid-19 já era feito nos primeiros seis meses de 2020. As perspectivas para 2021 não são boas. Outra manchete reafirma: *Orçamento para mulheres tem queda em 2021. A proposta de orçamento para 2021 da Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres, vinculada ao Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, é 19% menor em relação ao proposto inicialmente para 2020. O dado foi apresentado em reunião do grupo técnico Mulher e Economia da Secretaria da Mulher da Câmara na última sexta-feira*⁶⁰

Assim, fica evidente que nem a pandemia se sobrepõe ao crime de feminicídio e vice-versa, pois o funesto encontro dessas duas tragédias acarreta desesperança, resignação e morte de parte da população, sobretudo diante do negacionismo presidencial, que busca aceleradamente desqualificar [e destruir] o valor fundamental da vida e da ciência, como enfatiza Pasulinié (2021).

Por fim, tudo indica que a presença dessas duas tragédias, verdadeiras “máquinas de destruição”, ou “máquinas de morte”, demandará robustas ações – políticas e econômicas – no âmbito das políticas públicas, que ainda não têm se colocado no horizonte do governo, neste momento. Também criará outras formas de agir, pois “tamanha batalha não se ganha sem solidariedade, consciência coletiva, ciência presente e atuante, sistema público de saúde [de segurança e de justiça] Estado

59 Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/09/pasta-de-damares-esvazia-verbas-para-combate-a-violencia-contra-mulher.shtml\(20/09/2020\)](https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/09/pasta-de-damares-esvazia-verbas-para-combate-a-violencia-contra-mulher.shtml(20/09/2020)).

60 Disponível em: [https://www.camara.leg.br/noticias/696379-orcamento-para-mulheres-tem-queda-em-2021/\(28/09/2020\)](https://www.camara.leg.br/noticias/696379-orcamento-para-mulheres-tem-queda-em-2021/(28/09/2020)).

grande e forte” (PAULANIÉ, 2021, op. cit). Essa seria a recomendação “ideal” nesta conjuntura.

Ademais, caberia ao Estado, por meio da proposição e eficácia de políticas públicas, se comprometer com uma tarefa insana, isto é, não se trataria apenas de transferir recursos, mas também de acelerar o investimento público maciço em prevenção ao envolver – educação, cultura e tecnologia – não como mercadorias, mas como direito e justiça social. Assim, talvez se possa acenar para um horizonte menos sombrio, reduzindo as desigualdades e iniquidades produzidas por essas duas tragédias.

Como dito, ambas as tragédias são vitimizadoras não só das mulheres, como também da população; ambas demandam mudanças estruturais na sociedade; ambas se assemelham na falta de priorização, investimento, investigação e da aplicação da justiça pelos aparatos do Estado, de sua responsabilidade e cumplicidade para assegurar o acesso aos equipamentos para continuar a viver. Ao concluir, concordo e uso do “benefício” da afirmação da profa. Paulanié (2021, op. Cit), ao enfatizar que:

Os fundamentos constitutivos do país como nação, como se sabe, nunca foram muito firmes por aqui, a começar da longa escravidão que nos marca até hoje histórica e politicamente. A normalização das mortes da desigualdade social abissal e da normalização do racismo estrutural – tudo isso se combinando em favor da política genocida e racista.

Tal assertiva é validada para as duas tragédias: a covid-19 e o crime de feminicídio.

REFERÊNCIAS

- A violência no Brasil explicada por Sergio Adorno | Entrevista Completa.* [S. l.: s. n.] 1 vídeo (33 min). Publicado pelo canal Nexo Jornal. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Gj2odaHhPA4> Acesso em: 12 jan. 2017.
- AYRAL, Sylvie; RAIBAUD, Yves. *Le genre, variable centrale de la violence sociale?* Disponível em: https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00555534/file/Le_genre_variable_centrale_AyralRaibaud.pdf Acesso em: 13 jan. 2011
- BANDEIRA, Lourdes M. *A Covid-19 e os desafios para a sociologia.* Brasília: 2020 (entrevista dada ao Prof. Andre Bittencourt (UFRJ), editor do Blog da BVPS. Publicada no Simpósio 10: MUNDO SOCIAL E PANDEMIA, pelo Blog da biblioteca virtual do pensamento social - BVPS (11 de julho/2020).
- BANDEIRA, Lourdes M. *Desigualdades de gênero e raça/cor no contexto da Covid-19, na perspectiva da bioética.* Palestra realizada no “IV CONGRESSO BAIANO DE BIOÉTICA E BIODIREITO: “Desigualdades sociais em decorrência da pandemia: novos olhares a partir da Bioética” de 22 e 23 de outubro de 2020^a, em Salvador. (online).
- BANDEIRA, Lourdes M. MAGALHÃES, Maria José. *A transversalidade dos crimes de femicídio/feminicídio no Brasil e em Portugal.* In: Revista da Defensoria Pública do Distrito Federal, maio, 2019.
- BANDEIRA, Lourdes M. *O crime de feminicídio como construção política e a responsabilidade do Estado.* Apresentação na sessão da CPMIVCM, Congresso Nacional, Brasília, abril, 2013.
- CORRADI, Consuelo. *Violência, identidade e poder. Por uma sociologia da violência no contexto da modernidade.* In: Socio-logos. Paris, no. 4, 2009. Disponível em: <https://journals.openedition.org/socio-logos/2296>
- FERNANDES, Valéria Diez Scarance. *Feminicídio: uma carta marcada pelo gênero.* Tomo Direito Penal, Edição 1, agosto de 2020. Disponível em: <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/437/edicao-1/feminicidio:-uma-carta-marcada-pelo-genero>

- INSTITUTO PATRICIA GALVÃO et al: *Violência doméstica contra a mulher na pandemia*. São Paulo, out. 2020. Fonte: https://assets-institucional.ipg.sfo2.cdn.digitaloceanspaces.com/2020/11/LocomotivaIPG_ViolenciaDomesticanaPandemiaFinal.pdf.
- LAGARDE y de los Ríos, Marcela. *El ontemporân, delito contra la ontemporâ*. En: *Feminicidio, Justicia y Derecho*. México: Comisión Especial para Conocer y dar Seguimiento a las Investigaciones Relacionadas con los Feminicidios en la República Mexicana, 2005.
- LAGARDE y de los Ríos, Marcela. *Antropología, Feminismo y Política: Violencia Feminicida Y Derechos Humanos de Las Mujeres*. In: RETOS TEÓRICOS Y NUEVAS PRÁCTICAS. Bullen, Margaret; Mintegui, Carmen Diez (coordinadoras). Retos Teóricos Y Nuevas Prácticas, Madrid, 2006.
- LAGARDE y de los Ríos, Marcela. *Feminicidio*. Conferência publicada con la autorización de la autora. Madrid, 12 de mayo de 2006.
- MACHADO, Lia Zanotta. Entrevista realizada por Jéssica Cardoso: *Machismo, confinamento e desemprego favorecem feminicídio*. In: *Correio Braziliense: Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2021/01/4898398-machismo-confinamento-e-desemprego-favorecem-feminicidio-diz-lia-zanotta.html> (05/01/2021)*.
- SEGATO, Rita L. *Femigenocidio como crimen en el fuero internacional de los Derechos Humanos. La lucha por el derecho como ontempo en el campo discursivo*. In SEGATO, SEGATO, Rita Laura. *La guerra contra las mujeres*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2016, p. 127-152.
- SEGATO, Rita Laura. *¿Que és un feminicídio? Notas para un debate emergente*. In: *Fronteras, ontempor, justicia: nuevos discursos*. PUEG/UNIFEM: Cidade do México, 2008.
- SEGATO, Rita Laura. *Nuevas formas de la guerra y el cuerpo de las mujeres*. In: *Sociedade e Estado. Revista do Depto. De Sociologia*, Vol. 29, no. 2. Brasília, mai/agos 2014.
- SEGATO, Rita Laura. *Território, soberania e crimes de soberania e crimes de segundo Estado: a escritura segundo Estado: a escritura nos corpos das mulheres nos corpos das mulheres de Ciudad Juarez*. In: *Revista Estudos Feministas, Florianópolis*, 13(2): 256, maio-agosto/2005.

SIMÕES, Rita Joana B. de. *A violência contra as mulheres nos médias. Lutas de gênero no discurso das notícias (1975-2002)*. Coimbra, Coimbra Editora, 2007.

THURLER, Ana Liési. *Feminicídio. Vida das mulheres imoladas no altar do patriarcado*. Simpósio Temático 32, Feminicídio e violência. 11º Fazendo Gênero. Florianópolis, 30.07 a 04.08.2017.

THURLER, Ana Liési. *Feminicídios na mídia e desumanização das mulheres*. In: Revista Observatório. Palmas, Vol. 3, n. 6, outubro-dezembro. 2017. Disponível: <file:///D:/Usuario/Downloads/4249-Texto%20do%20artigo-19849-1-10-20171002.pdf> (acesso: 08/01/2021).

Lourdes Bandeira (SOL/UnB) [Crimes de Feminicídio] – Professora titular de Sociologia da UnB. Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS (1970-1973), mestrado em Sociologia pela Universidade de Brasília-UnB (1975-1978) e doutorado em Antropologia – Université René Descartes – de Paris V (1979-1984). Realizou pós-doutorado na área de Sociologia do Conflito com o Prof. Michel Wieviorka, na École des Hautes Études en Sciences Sociales-EHESS (2001-2002). A partir de 2005, é professora titular no Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília. Tem experiência acadêmica e docente, além de publicações e orientações na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia Urbana e da Cultura – Gênero, Feminismo, Violência de Gênero, e Políticas Públicas. Atua principalmente nos seguintes temas: Conflito e violência nas relações de gênero, cidadania, mulheres, feminismo e políticas públicas.

PANDEMIA E VINGANÇA

Marco Antonio Valentim

*Departamento de Filosofia/UFPR
species – núcleo de antropologia especulativa
mavalentim@gmail.com*

Em abril de 2020, Judith Butler comentou a duplicidade paradoxal entre freagem e aceleração do Capital, decisiva para a configuração do assim chamado “mundo pós-pandemia”, o qual, não obstante, poderá se revelar como um mundo hiperpandêmico:

Na superfície, por assim dizer, a transmissão do vírus por meio de objetos não tem nada que ver com a transmissão do valor do trabalho para o valor de troca. Afinal de contas, o vírus parece trazer o mercado e as finanças a um impasse. O mercado de ações despenca, os salários e as poupanças são perdidos, os postos de trabalho subtraídos. Ao mesmo tempo, entretanto, surge rapidamente um outro mercado para lucrar com a pandemia. [...] Está em jogo saber se o capitalismo se aproveitará da pandemia como uma nova oportunidade para a acumulação de riqueza para aqueles que têm capital, ou se a pandemia vai pôr em xeque o capitalismo desenfreado, lembrando-nos da condição global que agora toca nossas vidas. [...] Fato é que nós não sabemos. Quando o discurso público se volta para essa questão de como o mundo recomeçará, podemos imaginar que o mundo será o mesmo (mas cujas desigualdades se intensificação) ou que será um mundo novo (no qual reconheceremos nossa radical igualdade e interdependência). A minha aposta é que o conflito entre essas duas visões se tornará mais pronunciado. (2020: 8-9).

Quase simultaneamente, o mesmo ponto foi comentado de maneiras distintas por Ailton Krenak e Kay Sara, em termos que, lidos em sequência, evidenciam que o mundo só parou para continuar ainda mais rápido, para tomar fôlego em meio à “grande asfixia” (Mbembe, 2020). Ressaltando a fragilidade ecossistêmica (bem como a contingência metafísica) do mundo dominado pelo Capital, afirma Ailton Krenak:

Faz algum tempo que nós na aldeia Krenak já estávamos de luto pelo nosso rio Doce. Não imaginava que o mundo nos traria esse outro luto. Está todo mundo parado. Quando engenheiros me disseram que iriam usar a tecnologia para recuperar o rio Doce, perguntaram a minha opinião. Eu respondi: “A minha sugestão é muito difícil de colocar em prática. Pois teríamos de parar todas as atividades humanas que incidem sobre o corpo do rio, a cem quilômetros nas margens direita e esquerda, até que ele voltasse a ter vida”. Então um deles me disse: “Mas isso é impossível”. O mundo não pode parar. E o mundo parou (2020: 78-79).

E diz Kay Sara, denunciando a face creôntica da capitalização genocida da pandemia:

Há poucas semanas chegou até nós mais uma doença vinda do exterior. O novo coronavírus. Já devem ter ouvido falar que em Manaus, a capital do estado do Amazonas, a doença está matando de forma particularmente terrível. Não há tempo para funerais adequados. As pessoas são enterradas em valas comuns que são cobertas de terra por tratores. Também há corpos nas ruas e que não são enterrados, como o irmão de Antígona. [...] Os brancos aproveitam agora o caos para penetrar ainda mais profundamente nas florestas. As florestas estão sendo queimadas. O desmatamento aumentou brutalmente. Quem está fazendo isso? [...] Desde que o vírus surgiu, ele [o presidente] instruiu a sua equipe a ignorar os povos indígenas. Isso é um apelo para nos matar. Ele quer finalizar este genocídio dos indígenas que vem ocorrendo há mais de quinhentos anos (2020: 4).

De fato, passado quase um ano desde a emergência desses discursos, com o Brasil contando cerca de 250 mil mortes, mais de 10 milhões de

casos, e ainda mais pessoas lançadas à pobreza extrema – e tudo isso em meio a uma devastação ambiental sem precedentes –, não seria nenhum exagero concluir, entre outras coisas, que a “variante brasileira” do atual coronavírus (Serrano, 2021) foi nada menos que gestada pela “negligência intencional” (Butler, 2020:9) de autoridades e cidadãos para nada menos ominoso que a eliminação biológica de pessoas, populações e povos por eles indesejados e, sobretudo, dispensáveis pelo Capital. A existência mesma da variante é prova material cabal do múltiplo genocídio em curso.

Diante de tais considerações, testemunhos e fatos, gostaria de considerar o pensamento xamânico de Davi Kopenawa, assim como exposto em *A queda do céu*, na medida em que, por meio de uma epidemiologia que examina o vínculo cósmico entre economia capitalista e patogênese sobrenatural, lança luz sobre a presente catástrofe pandêmica, exemplarmente socioambiental.

Segundo Kopenawa, é devido ao “desejo da mercadoria” – indisciplinável da força dos xawarari, “seres maléficis da epidemia”, que seguem os rastros destrutivos dos napë, os “brancos”, enquanto “povo da mercadoria” – que urihi a, a “terra-floresta”, corre agora mesmo o risco de sucumbir à cidade enquanto epicentro do colapso capitalogênico do sistema céu-terra:

A epidemia xawara prospera onde os brancos fabricam seus objetos e onde os armazenam. Sua fumaça surge deles e das fábricas em que cozem os minérios de que são feitos. É por isso que a doença e a morte golpeiam os habitantes da floresta assim que estes começam a desejar as mercadorias. O fato de acumular com sofreguidão roupas, painéis, facões, espelhos e redes atrai o olhar dos seres da epidemia, que então pensam: “Essa gente gosta de nossas mercadorias? Ficaram nossos amigos? Vamos lhes fazer uma visita!”. Chegam logo seguindo os brancos em suas canoas, aviões e carros, sem que se possa vê-los. Os grandes rios, as estradas e as pistas de pouso são seus caminhos e portas de entrada na floresta. É acompanhando os objetos dos brancos que acabam vindo se instalar em nossas casas, como convidados invisíveis. De modo que, para nós, as mercadorias têm valor de epidemia xawara. É por isso que as doenças sempre as seguem. É com peças de metal que esses males nos dilaceram a garganta ou nos furam os olhos e o crânio.

Acontece sempre do mesmo modo. Os seres maléficos *xawarari* não tiram os olhos das mercadorias, para onde quer que elas vão, mesmo muito longe das cidades. Quando um avião carregado voa para nossa floresta, eles seguem atentamente o seu trajeto. Depois, nem bem ele aterrissa, começam a buscar humanos para devorar nos arredores. Contudo, suas vítimas não podem vê-los chegar. Só os *xapiri* conseguem (Kopenawa & Albert 2015: 367-368).

Embora Kopenawa vincule a *xawara* a causas e eventos antrópicos advindos do mundo dos *napë*, a *xawara* não encontra origem nem situação exclusivamente aí. *Xawarari* são também habitantes da floresta, ao lado dos *xapiri*. *Xawara*, dono dos *xawarari*, faz parte da sua complexa ecologia como membro constituinte. Xamãs e feiticeiros podem, inclusive, aliar-se aos *xawarari*, invocando-os como auxiliares, para consecução de ataques e vinganças por meio da deflagração de doenças “canibais” em suas vítimas. Dito de outro modo, ainda que o povo da mercadoria seja por natureza doente e patogênico, a doença epidêmica não é sua prerrogativa exclusiva. A *xawara* pode irromper na cidade e na floresta, ou, ainda, entre elas, dependendo de como suas respectivas dinâmicas político-cósmicas se encontram uma com a outra em *urihi a-hutukara*, a terra enquanto céu, o céu enquanto terra (Kopenawa & Albert 2015: 85-86, 176, 191, 202, 230-231, 245-246, 266, 363-371).

Caberia então investigar como a covid-19 e seu “dono”, o Sars-CoV-2 – “rei da fúria e da morte”, segundo o antropólogo indígena Sílvio Barreto (2020: 1) –, se caracterizam a partir de tal complexidade epidemiológica, na qual fatores políticos e ambientais se acham inseparavelmente ligados. Em particular, a epidemiologia xamânica de Kopenawa pode elucidar um traço da atual pandemia global tão inegável quanto, por vezes, negligenciado ou mesmo denegado devido à propagação e fragmentação, elas mesmas virais dos corpos e das perspectivas: a confluência catastrófica entre a “vingança dos animais” contra a sua extinção massiva (Fausto, 2020) e o “desejo [fascista] de extermínio e morte” (Danowski, 2018), ou, ainda, entre a “intrusão de Gaia” no mundo moderno (Sengés, 2015) e o colapso ambiental instaurado pelo capitalismo (Marques, 2016).

Tudo indica que, assim como a *xaxará*, a covid-19 é “multinatural” (Viveiros de Castro, 2015:66-67), implicando uma superposição máxima-

mente tensa de mundos ao mesmo tempo naturais e culturais, como o são a cidade e a floresta. Não fosse assim, não haveria dúvida – decorrente de uma polêmica entre mundos divergentes – sobre quem é o agente pandêmico por excelência: o vírus, os animais, os humanos, os espíritos, o Capital, a Terra?! Como agentes tão diversos, em certos casos radicalmente antagônicos, podem compor o mesmo acontecimento? Quais são a natureza e a escala do acontecimento pandêmico considerado a partir dessa composição tensa de agências que chegam a ser incompatíveis?

Visto que, desde a perspectiva xamânica de Kopenawa, política e ecologia não se distinguem, a suposta diferença entre capitalismo e fascismo – ainda sustentada entre nós, povo da mercadoria – simplesmente não faz sentido. Aquela complexidade epidemiológica acha-se ligada a uma duplicidade etiológica que atravessa o discurso de Davi sobre a queda do céu enquanto evento cataclísmico. Se, por exemplo, compararmos as teses centrais dos capítulos 16, “O ouro canibal” (Kopenawa & Albert, 2015:356-372), e 24, “A morte dos xamãs” (2015:488-498), percebemos um concurso ou mesmo uma concorrência entre duas causas principais distintas: respectivamente, o desejo dos napë e a vingança dos xapiri. Sem dúvida, a queda do céu resulta(rá) da destruição da terra floresta; contudo, paradoxalmente, não são os napë que fazem de imediato com que o céu caia sobre suas próprias cabeças, bem como sobre tudo e todos na Terra. O desejo da mercadoria – fundamento espiritual da sua economia política tanto quanto motivo conjurador dos xawarari – constitui o primeiro elo de uma rede de causalidades recíprocas que culmina com o ato de vingança dos xapiri pela morte dos xamãs, morte que resulta diretamente do envenenamento e da destruição da terra-floresta e seus habitantes pelos napë.

Todavia, qual é o lugar virtual do vírus nessa cadeia reticular de causas? Cabe postular, a despeito de toda diferença de mundo, uma simples equivalência entre o Sars-CoV-2 e os xawarari? Ou é preciso admitir que o atual coronavírus compartilha do mesmo designio vingativo dos espíritos da floresta? Como situá-lo, ainda que especulativamente, ante a polaridade xamânica entre xawarari e xapiri?

Tal complexidade cosmológica fica tão ou mais explícita, por exemplo, na seguinte explicação do povo Maxakali para a necessidade imprescindível de tratar dos espíritos a fim de explicar a natureza das doenças:

Por que abrir este livro com “Espíritos”? Porque os espíritos vão ensinar. Porque aprendemos primeiro com os espíritos, aprendemos as histórias de nossos antepassados. Porque os espíritos acompanham, ajudam os homens. Porque todos os tipos de espírito dão força para os Maxakali. Porque os espíritos são muito fortes, a gente não esquece. Porque onde o Maxakali estiver, os espíritos estão junto, dentro do cabelo. O cabelo, para o Maxakali, é muito importante, porque é onde ficam todos os espíritos, yãmĩyxop. Porque na cura é importante ouvir os cantos dos espíritos. Porque o pajé é o “Pai dos Espíritos”. Porque os espíritos não diferem dos micróbios (Maxakali, 2008: 23).

Poderíamos dizer também que os espíritos não diferem dos vírus? Na condição de “força de metamorfose” com “papel essencial na evolução” das espécies vivas, o vírus talvez não seja, diferente do que propõe o filósofo Emanuele Coccia, tão “livre” e “anárquico” assim (2020:2), desvinculado de toda e qualquer intencionalidade que não seja a da continuidade “natural” da vida. Afinal, na pandemia que afeta sobretudo a espécie humana, também estão em jogo, direta e indiretamente, os desígnios de inumeráveis outras espécies e biomas, povos e mundos, com suas próprias razões e interesses. Ora, isso implica, por mais incompreensível que soe para nós, que também os vírus possuem espírito (e não, bem entendido, que os espíritos se reduzam aos vírus).

Segundo a antropóloga Els Lagrou, Ibã Sales Huni Kuin, líder do canto do cipó, afirma algo assim, ao caracterizar o acontecimento pandêmico como nisun: vingança dos morcegos enquanto seres dotados de yuxin, “o poder de transformar a forma”, ou seja, operar metamorfoses catastróficas em retaliação à agressividade movida contra sua espécie e ambiente. Conta-nos Lagrou:

Quando a quarentena foi anunciada no Brasil, meu amigo se despediu por telefone: “Vamos nos retirar na floresta, vamos ficar quietos e não vamos deixar mais ninguém entrar, porque tudo isso é nisun”. Nada sabia, ainda, sobre as hipóteses de causa do novo vírus, que apontam de fato para o nisun de outras florestas. E apesar do nome dado aos Huni Kuin pelos seus inimigos ser Kaxinawá, povo morcego, não consomem estes animais

porque os consideram seres que possuem yuxin, o poder de transformar a forma. O que pode um vírus, no entanto, Ibãe seus parentes indígenas sabem muito bem. Pois vírus importados, como a influenza e a varíola, causaram, no passado, mais mortes na sua população do que as guerras travadas contra eles na época de invasão de suas terras (2020: 2).

E Ailton Krenak alerta expressamente para a intencionalidade da própria Terra junto à humanidade por meio do vírus-xawarari, vírus-nisun:

Esse vírus está discriminando a humanidade. Basta olhar em volta. O melão-de-são-caetano continua a crescer aqui do lado de casa. A natureza segue. O vírus não mata pássaros, ursos, nenhum outro ser, apenas humanos. Quem está em pânico são os povos humanos e seu mundo artificial, seu modo de funcionamento que entrou em crise. É terrível o que está acontecendo, mas a sociedade precisa entender que não somos o sal da terra. Temos que abandonar o antropocentrismo; há muita vida além da gente, não fazemos falta na biodiversidade (2020: 81).

Finalmente, não é outra coisa que Davi Kopenawa anuncia, no último capítulo de *A queda do céu*, explicando como, em virtude da ação predatória do povo da mercadoria contra os povos da floresta, a desencadear a voracidade dos *xawarari*, os xamãs mortos e seus espíritos auxiliares já empreendem uma vingança avassaladora, de proporções cósmicas – vingança que os poucos xamãs ainda vivos tentam conter em benefício de todos os povos terrestres, humanos e extra-humanos (e inclusive dos *napë*):

Os fantasmas dos antigos xamãs e seus espíritos maléficos já começaram a se vingar em terras distantes, provocando secas e inundações constantes. Os espíritos do céu, *Hutukarari*, do vendaval, *Yariporari*, do sol, *Mothokari*, da chuva, *Maari*, dos raios, *Yāpirari*, dos trovões, *Yārimari*, e do caos, *Xiwāripo*, estão furiosos com os brancos que maltratam a floresta. Assim é. A floresta é inteligente, ela tem um pensamento igual ao nosso. Por isso ela sabe como se defender, com seus xapiri e seus seres maléficos. Ela só não retorna ao caos porque alguns xamãs ainda fazem dançar seus

espíritos para ontemp-la. Mas hoje em dia, como eu disse, há nela cada vez mais xapiri furiosos, conforme seus pais vão sendo devorados pela epidemia xawara. Por enquanto, os espíritos dos xamãs vivos ainda estão conseguindo contê-los. Mas, sem o trabalho deles, a floresta e o céu não vão mais conseguir ficar muito tempo no lugar e continuar silenciosos e tranquilos como estamos vendo agora! (Kopenawa & Albert 2015: 496-497).

Em suma, o povo da mercadoria ignora e negligência os perigos invisíveis que são despertados pelo seu modo insustentável de vida. O atual coronavírus é apenas um deles. A cosmologia xamânica de Davi Kopenawa demonstra sua exorbitante dimensão, inabarcável tanto pela economia quanto pela ecologia demasiada humanas dos *napẽ*, permitindo ver que, enquanto houver mercadorias – ou seja, exploração da Terra pelo Capital –, esses perigos jamais cessarão. Somos sempre assombrados: não somente por nossos próprios fantasmas, mas também pelos espectros de outras formas de vida.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Sílvio. “Um começo de conversa dos Baserã sem meio e sem fim”. Reflexões ameríndias em tempos de pandemia. Disponível em: <https://www.neai.ufam.edu.br/mapa-da-pandemia-local/94-reflexoes-ameri.html>. Acesso em: 20/02/2021.
- BUTLER, Judith. “Traços humanos sobre as superfícies do mundo”. Tradução de André Arias e Clara Barzaghi. Coleção Pandemia Crítica. São Paulo: n-1 edições, 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/75>. Acesso em: 20/02/2021.
- COCCIA, Emanuele. “O vírus é uma força anárquica de metamorfose”. Tradução de Damian Kraus. Coleção Pandemia Crítica. São Paulo: n-1 edições, 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/54>. Acesso em: 20/02/2021.
- DANOWSKI, Déborah. *Negacionismos*. Coleção Pandemia. São Paulo: n-1 edições, 2018. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/cordeis/NEGACIONISMOS-8>. Acesso em: 20/02/2021.
- FAUSTO, Juliana. “Contra quem se vingam os animais?”. Coleção Pandemia Crítica. São Paulo: n-1 edições, 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/73>. Acesso em: 20/02/2021.
- KOPENAWA, Davi & ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LAGROU, Els. “Nisun: a vingança do povo morcego e o que ele pode nos ensinar sobre o novo coronavírus”. Blog da Biblioteca Virtual do Pensamento Social, 13/04/2020. Disponível em: <https://ds.saudeindigena.icict.fiocruz.br/handle/bvs/1963>. Acesso em: 20/02/2021.
- MARQUES, Luiz. *Capitalismo e colapso ambiental*. Campinas: Editora Unicamp, 2016.

- MAXAKALI, Isael, Mamey, Pinheiro, Rafael, Suely e Totó. *Hitupmã'ax: curar*. Coordenação de Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Literaterras/UFGM, 2008.
- MBEMBE, Achille. “O direito universal à respiração”. Tradução de Ana Luiza Braga. Coleção Pandemia Crítica. São Paulo: n-1 edições, 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/53>. Acesso em: 20/02/2021.
- SARA, Kay. “Esta loucura tem que acabar”. Coleção Pandemia Crítica. São Paulo: n-1 edições, 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/103>. Acesso em: 20/02/2021.
- SERRANO, Filipe. “O que é a variante brasileira P1 e por que ela é mais contagiosa”. *Exame/Ciência*, 16/02/2021. Disponível em: <https://exame.com/ciencia/o-que-e-a-variante-brasileira-p1-e-por-que-ela-e-mais-contagiosa/>. Acesso em: 20/02/2021.
- STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima*. Tradução de Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

Marco Antônio Valentim (UFPR) [Ideias ameríndias transmitidas pela etnografia e pela antropologia contemporânea] – Professor do Departamento de Filosofia (2006-) e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Paraná (2007-). Bacharel em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (2000). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002). Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007). Fez estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional do Rio de Janeiro (2012-2013) e no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2017-2018).

INTERSECCIONALIDADE NAS AÇÕES DESCOLONIAIS DE MULHERES NEGRAS: NOTAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Thânisia Marcella Alves Cruz
Renísia C. Garcia Filice

RESUMO

Este artigo busca abordar a Interseccionalidade como ferramenta política importante de estudo no campo das políticas públicas. Baseia-se numa dissertação de mestrado⁶¹ que partiu do seguinte questionamento: em que medida as experiências de uma mulher negra – Matilde Ribeiro –, em cargo de gestão na SEPPIR/PR, singularizaram a ação pública em atendimento à pauta negra, no que se refere às políticas públicas para a educação, de 2003 a 2008, até os dias atuais (2021)? A pesquisa de caráter qualitativo contou com o acesso a documentos públicos (atas, jornais, instrumentos de legislação, normativos), documentos privados (registros, diários, cartas), discussões via e-mail (CRESWELL, 2007), entrevista narrativa (GARCIA-FILICE & CARNAÚBA, 2019), entre outros.

61 Parte da dissertação intitulada “Sankofa, Políticas Públicas e Interseccionalidade: um estudo sobre Matilde Ribeiro, uma mulher negra na gestão da SEPPIR (2003 A 2008)”, defendida no contexto do ao Mestrado Profissional em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, da Faculdade de Educação – FE, da Universidade de Brasília – UnB, em 24 de novembro de 2020, sob a orientação da Profa Renísia C, Garcia Filice.

Adotou-se a Interseccionalidade como aporte de pesquisa antirracista, antissexista e descolonial (GARCIA-FILICE & CARNAÚBA, 2019; MALDONADO-TORRES, 2018). Já este artigo busca revelar, de forma resumida, como uma abordagem interseccional de raça e gênero voltada para espaços de gestão são reveladores da atuação dessa mulher no órgão e no período problematizado. Como suas experiências e trajetória enquanto mulher negra, acadêmica e ativista foram mobilizadas para compor as políticas educacionais para a população negra, quilombola, indígena e outras atendidas pela SEPPIR. Este texto problematiza como por meio de um percurso teórico-metodológico que imprimiu a visão interseccional e descolonial à ação pública de Matilde Ribeiro revelou-se como opera uma perspectiva coletiva e de comprometimento que extrapola o cargo de gestora, que integra as ações públicas às ações políticas e impulsiona a atuação de outras mulheres negras ao redor do Brasil. Ou seja, concluiu-se que, devido à Interseccionalidade, compor a crítica ao patriarcado e ser um conceito que prevê informar, desconfigurar e reconfigurar como os “sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras” (CRENSHAW, 2002), ela está ligada aos objetivos da “analítica da descolonialidade” de Maldonado-Torres (2018). A descolonialidade informa/forma o poder e o saber, levando-nos a compreender como se dá a descolonialidade do Ser, e que não podemos mais estar submissos(as) às violências que nos são impostas. E temos arcabouço teórico e prático para isto – descolonizarmo-nos.

Palavras-chave: Interseccionalidade. Gênero. Raça. Movimento de mulheres negras. Políticas educacionais.

INTRODUÇÃO

O Movimento Negro (MN) e o Movimento de Mulheres Negras (MMN) possuem o hábito de registrar o percurso de cada ação realizada. É dessa forma que, em 2021, jovens como as que escrevem esse texto têm acesso ao que começou a acontecer na década de 40 e que reverbera até os dias

atuais. Pesquisadoras-ativistas negras como Ângela Figueredo⁶² (2018), Joselina Silva (2014) e Lélia Gonzalez (1982) são algumas das guardiãs da memória do que o MN e o MMN fizeram e fazem. Na escrita delas e de outras mulheres negras, nós encontramos a prática, o passo a passo de cada encontro, reunião ou conferência pertinentes para etapas profundas de construção do que conhecemos atualmente como ação afirmativa.

De antemão, podemos declarar que o que elas revelam se chama Ação Pública e que se conectam à elaboração de Políticas Públicas, em particular, políticas educacionais e políticas afirmativas. Ora, se essas autoras evidenciam o sentido da Ação Pública e de Políticas Públicas, importa saber o que é considerado cada conceito antes de apresentar alguns fatos. Por estarmos comprometidas com a noção de Ação Pública e Políticas Públicas ligadas ao MN e ao MMN, evocamos a Interseccionalidade a partir do pulsar da atuação de Matilde Ribeiro, a primeira gestora da SEPPIR, sendo ela mulher negra.

Com isso, este artigo busca apresentar componentes que demonstram o percurso teórico-metodológico do estudo via Interseccionalidade com

62 Enquanto “provocação feminista na escritura acadêmica que se crê neutra” (p. 76), a Profa. Dra. Debora Diniz (2013) propõe que as autoras sejam reconhecidas em seus escritos (p.76-77). Assim, para ela, “importa saber se são mulheres ou homens que respondem pelos textos” que a interessam de algum modo (p.77); dessa forma, ao “citar pela primeira vez uma fonte” (p.77) em seu texto, ela a referencia pelo nome e sobrenome. Adotando a mesma perspectiva, adicionando uma provocação feminista antirracista, descolonial e transnacional, participantes da edição de 2018 da Escola Internacional de Feminismo Negro, Descolonial e Transnacional (Universidade Federal do Recôncavo Baiano/UFRB-Cachoeira-BA), propuseram, na presença da autora Kimberlé Crenshaw e na fala da Profa. Dra. Ângela Figueiredo, que autores negros e autoras negras tenham, além do nome e sobrenome inserido na citação, seus nomes assinalados em negrito para que possamos saber a efetividade de nossa prática descolonial, como um “projeto de intervenção sobre a realidade” (BERNARDINO-COSTA, MALDONADO-TORRES, GROSGOUEL, 2018, p. 10) evidenciando a nossa presença na produção de conhecimento. Para Diniz, “a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), não reconhece a regra da transparência de gênero, mas essa é uma violação compartilhada e aceita por autoras feministas” (2013, p.77) e, no contexto desse trabalho, acredita-se que essa transparência, ao ser estendida ao contexto de raça, é uma violação a ser compartilhada por autores negros e autoras negras.

base na perspectiva “sociológica da ação pública”, defendida por Pierre Lascoumes e Patrick le Galès (2012, p. 48-49) e nas “interações entre os atores múltiplos no seio dos quais imerge a política” (2012, p. 49). Nesse sentido, as perspectivas da atriz tanto são múltiplas por fazer emergir várias interações com o coletivo quanto por ser negra. Adota-se a Interseccionalidade como aporte de pesquisa antirracista, antissexista e descolonial (GARCIA-FILICE & CARNAÚBA, 2019, p. 109-132; MALDONADO-TORRES, 2018), eixo adotado nesse texto. O estudo como um todo trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo (CRESWELL, 2007) com acesso a documentos públicos (atas, jornais, instrumentos de legislação, normativos), documentos privados (registros, diários, cartas), discussões via e-mail (CRESWELL, 2007, p. 185-193), entrevista narrativa (GARCIA-FILICE & CARNAÚBA, 2019, p. 109-132), entre outros.

Nesses termos, ao assumir a Interseccionalidade como uma metodologia de pesquisa que contribui para o estudo das políticas públicas e da gestão, a assume como uma ferramenta e prática descolonial. Para tanto, este artigo, além desta Introdução e das Considerações finais, está dividido em duas seções: 1) Os encontros e reuniões de mulheres negras como pulsar científico e 2) O ato de desconstruir a colonialidade e abandoná-la na teoria e na prática.

A INTERSECCIONALIDADE COMO METODOLOGIA DE PESQUISA PARA UMA PRÁTICA DESCOLONIAL

1. OS ENCONTROS E REUNIÕES DE MULHERES NEGRAS COMO PULSAR CIENTÍFICO

Em decorrência das vivências compartilhadas entre as mulheres negras ativistas, reconhece-se que as inúmeras teorias científicas criadas por meio da produção de conhecimento dessas mulheres tenham um histórico anterior à publicação de livros ou apresentação ao público. São nas vivências e nas práticas que as mulheres negras, tragicamente, têm a experiência do racismo e do sexismo. Assim, é nesse mesmo campo que elas projetam epistemologias, metodologias, métodos e práticas

para combatê-los em suas diferentes formas. Há na prática das mulheres negras o experimento do que, posteriormente, foi/é visto como teoria. Essas mulheres estão em linhas de frente e possuem vivências antes de serem teorizadas. É nesse sentido que a Teoria da Interseccionalidade foi cunhada, com base nesse modo de existir das mulheres negras. No III Encontro Feminista Latino-americano e Caribenho, entre 31 de julho e 04 de agosto de 1985, em Bertioga, São Paulo (ALMEIDA, 2014), Luiza Helena Bairros chama atenção para a relevância do feminismo e para o interesse em pensar “questões sociais, políticas, econômicas” (CULTNE DOC, 2011) de forma articulada.

Pela contribuição de Bairros, é compreensível que a universalidade do viver/ser/sentir mulher empregada ao feminismo deveria ser rompida. Entende-se que ela pontua que as mulheres, compartilhando a vivência enquanto mulher, além do gênero, possuem outros marcadores que são, socialmente, utilizados como ferramentas para opressão e não como ferramentas para fortalecimento de subjetividades e identidades, sendo eles: o racismo, a LGBTfobia, o classismo, dentre outros.

Naquele momento, em 1985, o termo e teoria Interseccionalidade ainda era desconhecido. Segundo Carla Akotirene (2018), Kimberlé Crenshaw apresenta o termo em 1991. Muitos dos encontros feministas são compostos de mulheres de diferentes países e, primeiro pela própria realidade, segundo pelas trocas feitas dentro dos encontros⁶³, as mulheres acabam por serem partícipes em processos criativos, sejam de atividades, sejam de conhecimento científico.

63 Tanto a segunda autora quanto a mestra que desenvolve a pesquisa que fundamenta esse texto têm uma larga experiência na temática racial, ambas participaram da articulação política de coletivos de mulheres negras brasileiras que visam a elaboração e acompanhamento da operacionalização de políticas de ação afirmativa. Thanísia, igualmente, atua em meio à coletivos representativos da juventude negra brasileira. Renísia C. Garcia-Filice é pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) e líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e de Gênero (GEPHERG), ambos da Universidade de Brasília (UnB), no qual Thânisia Cruz é investigadora, além de articuladora na Articulação Nacional de Negras Jovens Feministas (ANJF).

Mulheres como Angela Davis, Kimberlé Crenshaw e Patricia Hill Collins estão constantemente no Brasil; a exemplo, a participação na Escola Internacional de Feminismo Negro Descolonial, da Universidade Federal do Recôncavo Baiano/UFRB-Cachoeira-BA, coordenada pelo Coletivo Angela Davis em colaboração com organizações como o Instituto Odara. Nessa escola⁶⁴, cada uma delas deu formações durante uma semana, nos anos de 2017, 2018 e 2019, respectivamente.

Anteriormente a esses momentos, essas mulheres estiveram junto a ativistas brasileiras e, por isso, pode-se conjecturar que as reflexões para a criação da teoria da Interseccionalidade, muito associada a autoras norte-americanas, possam ter tido influências das ideias das mulheres negras brasileiras, e vice-versa, e não só. Há de se ampliar o debate, embora não seja possível fazê-lo aqui o mesmo exercício com mulheres latino-americanas, ameríndias e outras. É justamente por esse histórico de trocas que se tornou legítimo assumir a teoria da Interseccionalidade como eixo epistemológico e perspectiva teórica tanto da dissertação mencionada como desse artigo. Assim, esses são pontos de partida para uma reflexão que se deu de forma mais aprofundada e que levaram a gestora, Matilde Ribeiro, ao cargo de gestão. Buscou-se também tentar compreender como essa gestão foi realizada em conexão comum com a forma de ser e estar no mundo dessa intelectual negra e com esse pulsar coletivo e interseccional que busca perceber como as diferentes identidades conectam ações políticas, coletivas, e as ações públicas, institucionais, no caso, no âmbito da SEPPIR. Certamente, para uma

64 Thânisia Cruz participou dessa escola. Primeiramente, em 2017, na presença de Angela Davis e Gina Dent. Na segunda ocasião, em 2018, na presença de Isis Conceição, Kimberlé Crenshaw e outras professoras negras que escrevem a história descolonial global. Além disso, realizou diálogos com Paulina Chiziane, quando esteve a trabalho no Festival Latinidades (DF), em 2014, e com Patrícia Hill Collins em reunião com estudantes negros na Universidade de Brasília (UnB), em novembro de 2016. O que nos aponta que esse texto é resultado do que acontece, é tomado como ponto de construção científica e, aos poucos, vai sendo registrado. Esse contato entre mulheres negras ao redor do mundo revisa o passado e constrói novas possibilidades, como vamos ler nos próximos parágrafos. Assim, não é presunção dizer que somos nós que construímos a história agora.

compreensão mais acurada, será importante ler a dissertação; não temos a pretensão de dar conta da potência do conceito nestas poucas linhas. Fica como sendo uma sugestão de leitura.

Feitas essas considerações sobre a interseccionalidade e sua potencialidade para lançar luz sobre percursos e práticas de segmentos e demandantes de políticas públicas em termos de gênero, raça, classe, geração e outros marcadores sociais, e que compõem problemas públicos de grande complexidade, posto que se comprometerem com a redução das desigualdades sociais, raciais e de gênero; sentimos a necessidade de situar, no âmbito da colonialidade, alguns impeditivos no contexto do reconhecimento dessas assimetrias, seja no campo das públicas, ou não.

2. O ATO DE DESCONSTRUIR A COLONIALIDADE E ABANDONÁ-LA, NA TEORIA E NA PRÁTICA

Por outro lado, a partir de uma reflexão descolonial, ainda em conexão com a Interseccionalidade, Nelson Maldonado-Torres (2018) nos informa que existe uma metodologia⁶⁵ para avaliar os impactos da colonialidade em nossas vivências, bem como a possibilidade de proceder de forma descolonial quando se toma consciência dos efeitos da colonialidade. Para Maldonado Torres (2018), a criação da civilização moderna ocidental tem relação com a colonialidade. A base da modernidade foi/é a criação “de marcadores de civilização com ideias que postulam outros povos como primitivos e selvagens” (p. 30). Apresentando o projeto descolonial, o autor nos mostra dez processos que ele chama de teses.⁶⁶

65 Essa perspectiva foi sistematizada, pelo autor, em esquemas de imagens que podem ser acessadas nas páginas MALDONADO-TORRES, 2018, p. 43 e 50. Na dissertação “Sankofa, Políticas Públicas e Interseccionalidade: um estudo sobre Matilde Ribeiro, uma mulher negra na gestão da SEPPIR (2003 A 2008)”, a reprodução das imagens é realizada, considerando que o trabalho é extenso e permite maiores delongas sobre apresentações de contextos. Aqui, manteremos o teor, porém sem apresentar os quadros.

66 Ver as teses em MALDONADO-TORRES, 2018, p. 27-53.

E, por estarmos dialogando com autoras que apresentam reflexões sobre descolonialidade, sinalizamos que o conjunto das teses não serão esmiuçadas aqui. Para a nossa reflexão, apenas a segunda, a quinta, a sétima, a nona e a décima tese serão explicitadas de modo a dar substância à nossa tentativa de evidenciar a Interseccionalidade como uma metodologia importante para o campo das públicas. De acordo com a segunda tese, é necessário sinalizar que o:

[...] colonialismo pode ser compreendido como a formação histórica dos territórios coloniais; o colonialismo moderno pode ser entendido como os modos específicos pelos quais os impérios ocidentais colonizaram a maior parte do mundo desde a “descoberta”; e a colonialidade pode ser compreendida como uma lógica global de desumanização que é capaz de existir até mesmo na ausência de colônias formais. (...) Desse modo, se a *descolonização refere-se aos momentos históricos em que os sujeitos coloniais se insurgiram contra os ex-impérios e reivindicaram a independência, a descolonialidade refere-se à luta contra a lógica da colonialidade e seus efeitos materiais, epistêmicos e simbólicos* (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 35-36, grifo nosso)

Mignolo (2014, p. 10) afirmou que o patriarcado é impulsor e resultado do colonialismo e da colonialidade; logo, estes definiram quem teria acesso ao saber e quem teria o saber produzido e considerado relevante. Portanto, nos cabe apresentar que Maldonado-Torres (2018) complementa essa ideia, fazendo com que compreendamos que, para além de determinar quem faz o conhecimento, a colonialidade determinou o formato do conhecimento. Vide as reflexões desenvolvidas na nossa dissertação, é factível apontar o racismo e o sexismo como engrenagens dessa mesma proposta do colonialismo e da colonialidade. A partir do racismo, também houve a determinação de quem poderia ter acesso aos saberes, quem poderia produzir esses saberes e quais seriam esses formatos, desconsiderando as possíveis diversidades vindas de povos negros, indígenas, dentre outros. Novamente, refletindo sobre Interseccionalidade, o atravessamento entre patriarcado e racismo pode ser compreendido com alto nível de rigor para frear a atuação de mulheres

negras – sobretudo da gestora Matilde Ribeiro, independentemente de suas atuações, se no campo privado ou público.

Na quinta tese, Maldonado-Torres (2018) faz um quadro de como as dinâmicas da vida, sobretudo do conhecimento, emergiram/emergem na colonialidade.

Avaliando o quadro Analítica da Colonialidade (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 43), é possível perceber que a colonialidade atinge diretamente a subjetividade dos seres e que influencia na forma como as pessoas se enxergam realizando, sofrendo ou reproduzindo “exploração, dominação, expropriação, extermínio, naturalização da morte, tortura e estupro” (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 43). Essa ordem colocada pelo autor também produz conhecimento, determina quem terá acesso ao conhecimento e o formato desse conhecimento. Todos esses itens – e de forma objetiva, a morte, a tortura e o estupro – são aspectos, inclusive, de violência. Sabendo que o colonialismo e a colonialidade nos moldou e pensando em como eles funcionam em nossas vivências, somados especificamente à educação, nota-se que existe um longo caminho de atuação pública, pesquisa e decolonização de práticas nocivas na forma de transmitir conhecimento e de (re)produzi-lo.

Pensar a violência enquanto sistema perpassa nossa escrita, mas a teoria em torno desse fenômeno não será esmiuçada aqui por limite de espaço. Porém, é importante salientar que tais aspectos se mostram em larga escala como instrumentos de políticas públicas produzidas pelo Estado e por governos brasileiros ao longo dos anos, e são fontes históricas importantes reveladoras da responsabilidade do aparelho governamental e da sociedade, para a extrema desigualdade racial que se vive hoje (2021) no Brasil. Como, por exemplo, o Decreto nº 1.331 A – de 17 de fevereiro de 1854 (BRASIL, 1854), que regia a educação no município da corte, sem a permissão de acesso a escravizados e não vacinados, que gerou impactos duradouros na vida da população negra e de mulheres negras brasileiras. O objetivo era fornecer educação a um determinado grupo, fortalecendo o que chamamos de privilégio branco (que não será possível aprofundar). Delimitou-se o que mulheres (brancas) deveriam estudar (às negras não foi destinado esse direito), aspectos do sexismo potencializado pelo racismo, que excluiu qualquer possibilidade de aces-

so à educação para população negra, o que nos atinge, profundamente, no campo do trabalho, limita o acesso à moradia, afeta nossa saúde sexual e reprodutiva, além de nossa segurança alimentar e nutricional. A complexidade dessas conexões entre interseccionalidade, colonialidade, desigualdade e políticas públicas pouco é considerada nas universidades, daí nossa preocupação com este registro e o compromisso com pesquisas socialmente referenciadas e com rigor teórico metodológico.

O projeto da descolonialidade para a vida de oprimidos (as) aponta que podemos reverter essa ordem. A “descolonialidade envolve um giro epistêmico descolonial, por meio do qual o condenado emerge como questionador, pensador, teórico e escritor/comunicador” (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 46), como pode ser visto no quadro Analítica da Descolonialidade (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 50) e atestado nas vivências das mulheres negras, registrado no estudo sobre Matilde Ribeiro e outras. Nesse sentido, Ângela Figueredo (2018), Joselina Silva (2014) e Lélia Gonzalez (1982) retornam como necessárias a essa escrita, pois fazem com que mais mulheres negras falem sobre si e escrevam memórias sobre suas histórias, envolvendo as atrocidades do Estado brasileiro e a insensibilidade, quando não privilégio, de parte da sociedade brasileira, inclusive, acadêmicos/as que se omitem ao não enfrentarem o racismo e o sexismo, para além da classe; com isso se contrapõem ao tão necessário giro epistêmico proposto por Maldonado-Torres (2018). Optam por reproduzirem teorias euro norte americano centradas, numa condição de subserviência intelectual e de descompromisso com seu próprio povo, de maioria negra, diga-se de passagem.

Ou seja, devido à Interseccionalidade compor a crítica ao patriarcado e ser um conceito que prevê informar, desconfigurar e reconfigurar como os “sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras” (CRENSHAW, 2002, p. 177), ela está ligada aos objetivos da “analítica da descolonialidade” de Maldonado-Torres (2018).

A descolonialidade informa/forma o poder e o saber, nos levando a como se dá a descolonialidade do ser, pois não podemos mais estar submissos(as) às violências que nos são impostas. Uma dessas violências é a retirada do nosso poder de criação, compartilhamento e expansão

de nossos conhecimentos e práticas. Por essa razão, nesse processo de pesquisa e produção de conhecimento, somos duas investigadoras, mulheres e negras, que estamos voltadas a apresentar, ouvir, falar e analisar a gestão de políticas públicas antirracistas compartilhada com movimentos sociais, especialmente o movimento negro brasileiro e o movimento de mulheres negras. Considera-se suas protagonistas fazendo uso da Interseccionalidade como ferramenta para a prática da descolonialidade. Uma epistemologia e prática de “inovação social” (DOWBOR, CARLOS, ALBUQUERQUE, 2018, p. 51-52). Nesse sentido, convidamos pessoas pesquisadoras/es brasileiros/as, latino-americanos/as, ontemporâ, como diria Lélia Gonzales (1992), a continuarem contribuindo tanto com a memória do legado de mulheres negras quanto com os conjuntos científicos gerados ao longo dessas trajetórias no âmbito acadêmico-prático.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS...

Este trabalho é a continuidade das vivências e interações acadêmicas dessas autoras e de outras mulheres negras ao redor do território brasileiro e da diáspora. A sua elaboração e entrega tem relação com as profundas reflexões feitas em torno das possibilidades de novo pacto civilizatório – defendido pelo Movimento de Mulheres Negras, especialmente, em 2015, na realização da Marcha das Mulheres Negras contra o Racismo, a Violência e pelo Bem Viver – que conta com a participação de povos originários como indígenas e população negra, considerando que esses dois grupos estão alijados de direitos na sociedade brasileira. Ao notar que parte desta sociedade ainda atua para ter acesso a direitos básicos, informa-se que a sociedade como um todo ainda tem um longo caminho a avançar no que se julga igualitária, libertária e fraterna, além de democrática.

A metodologia interseccional e descolonial, em teoria e prática, como um ciclo em interação, são relevantes e nos leva a concluir que, para construir esse novo pacto civilizatório, as nossas formas de elaborar, implementar e operacionalizar políticas públicas devem considerar

que a colonização e a colonialidade moldaram nossas relações, nossas profissões e nossas visões teórico-científicas, excluindo mulheres, povos indígenas, população negra, entre outros grupos. Assim, o que está sendo proposto é a maior presença desses grupos, como mulheres negras, em ações públicas, considerando suas experiências enquanto participantes da sociedade e como profissionais de áreas diversas, na produção de políticas públicas.

Esta proposta considera e reafirma a metodologia interseccional sempre que possível como relevante para a manutenção desse projeto democrático e amplo. Portanto, o que foi brevemente apresentado faz parte de uma breve demonstração de como a interseccionalidade é projetada junto à descolonialidade – para o objetivo final: continuidade de políticas públicas de ações afirmativas com a participação do público alvo, em particular das mulheres negras. O segmento mais violentado da sociedade brasileira, junto com jovens negros, indígenas, LGBTQs, enfim, coletivos de pessoas que não se articulam junto ao modelo colonial que ainda opera no Brasil.

REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS

- AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade?* Coleção Feminismos Plurais. Editora: Letramento, 2018.
- ALMEIDA, Lady Christina de. Autonomia e Protagonismo: a experiência de intelectuais/ativistas negras brasileiras. 2014, p. 107-122. In: SILVA, Joselina; PEREIRA, Amauri Mendes (orgs.). *O Movimento de Mulheres Negras: escritos de democracia e justiça social no Brasil*. Belo Horizonte: Nandyala, 2014, 224p.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONATO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (org.). *Descolonialidade e Pensamento Afro-Diaspórico*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2018.
- BRASIL, Decreto nº 1.331 A – de 17 de Fevereiro de 1854. Portal da Legislação. Poder Executivo Federal, 1984. Disponível em: <<https://www.diariodasleis.com.br/legislacao/federal/196781-approva-o-regulamento-para-a-reforma-do-ensino-primario-e-secundario-do-municipio-da-curte.html>> Acesso em: ago de 2019.
- COLLINS, Patricia Hill. Epistemologia feminista negra. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONATO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (org.). *Descolonialidade e Pensamento Afro-Diaspórico*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2018, p. 139-170.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, Jan. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>>
- CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV.AA. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem, 2004. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>>.
- CRESWELL, John W. *Projeto de Pesquisa: métodos qualitativos, quantitativo e misto*. Tradução: Luciana de Oliveira da Rocha. 2ª Edição. Porto Alegre, Artmed, 2007.

- CULTNE DOC – VIII Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe. In: CULTNE ACERVO. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UTMntN2jOVs>>.
- DAVIS, Angela, 1944-. *Mulheres, raça e classe* [recurso eletrônico] / Angela Davis ; tradução Heci Regina Candiani. – 1. Ed. -. São Paulo : Boitempo, 2016.
- DINIZ, Debora. *Carta de uma orientadora: o primeiro projeto de pesquisa*. 2 Ed. Rev. Brasília: LetrasLivres, 2013, 108p.
- DOWBOR, Monika; CARLOS, Euzeneia; ALBUQUERQUE, Maria do Carmo. As origens movimentistas de políticas públicas: proposta analítica aplicada às áreas de criança e adolescente, direitos humanos e saúde. *Lua Nova* [online]. 2018, n.105, pp. 47-80. ISSN 0102-6445. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0102-047080/105>>.
- FIGUEREDO, Ângela. Perspectivas e contribuições das organizações de mulheres negras e feministas negras contra o racismo e o sexismo na sociedade brasileira. In: *Rev. Direito e Práx.*, Rio de Janeiro, Vol. 9, N. 2, 2018, p. 1080-1099.
- GARCIA, Renísia Cristina. *Raça e classe na gestão da educação básica brasileira*. Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2010. Renísia Cristina. Políticas educacionais, cultura e relações étnico-raciais: a implementação do artigo 26-a da lei de diretrizes e bases da educação nacional no 9.394/1996. In: SILVA, Tatiana Dias; LIRA, Fernanda (org.) *Igualdade racial no Brasil: reflexões no Ano Internacional dos Afrodescendentes – Brasília: Ipea*, 2013. Renísia Cristina; CARNAÚBA, Rayssa Araújo. Metodologia interativa na gestão de políticas públicas: métodos combinados numa abordagem antissexista e antirracista, p. 109-132. In: OLIVA, Anderson Ribeiro (org.) [et al.]. *Tecendo redes antirracistas: Áfricas, Brasis, Portugal*. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019 (Coleção Cultura Negra e Identidades)
- GONZALEZ, Lélia. O Movimento Negro na Última Década, p. 9-66. In: GONZALEZ, Lélia e HASENBALG, Carlos. *Lugar de Negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.
- LASCOURMES, Pierre; LE GALÈS, Patrick. *Sociologia da Ação Pública*. EDUFAL, Maceió, 2012.

- LUGONES, María. Colonialidade y género: hacia un feminismo descolonial. In: MIGNOLO, Walter ... [et.al.]. *Género y descolonialidad*. 2ª Edição. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014, p. 94.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da descolonialidade: algumas dimensões básicas. 2018, p. 27-53 In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón (org.). *Descolonialidade e Pensamento Afro-Diaspórico*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2018.
- MIGNOLO, Walter ... [et.al.]. *Género y descolonialidad*. 2ª Edição. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014, p. 94.
- SILVA, Joselina. I Encontro Nacional de Mulheres Negras: o pensamento das feministas negras na década de 1980. 2014, p. 13-39. In: SILVA, Joselina; PEREIRA, Amauri Mendes (orgs.). *O Movimento de Mulheres Negras: escritos de democracia e justiça social no Brasil*. Belo Horizonte: Nandyala, 2014, 224p.

Renisia Garcia (FE/UnB) [Decolonialismo] - interseccionalidade nas ações decoloniais de mulheres negras: notas teórico-metodológicas] - Prof^a associada da Faculdade de Educação/Universidade de Brasília- UnB. Pós-doutora em Sociologia pelo Centro de Investigação em Ciências Sociais (CICS) Universidade do Minho (UMinho) (Braga/Portugal, 2016/2017). Doutora em Educação (UnB-2010), historiadora (UFU-2002); especialista em Filosofia (UFU-2004) e mestre em História Social (PUC/SP-2007). Atuou como conselheira no Conselho Nacional para a Promoção de Políticas de Igualdade Racial - Cnpir (2015/2016). Conselheira do Conselho de Direitos Humanos - CDH/UnB. Diretora acadêmica da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as - ABPN (2014/2016). Coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros - NEAB/UnB (desde 2014). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Públicas, História, Educação das relações raciais e gênero (Geppherg). Investigadora do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos - PPGDH/UnB.

Thânisia Marcella (FE/UnB) [Decolonialismo] interseccionalidade nas ações decoloniais de mulheres negras: notas teórico-metodológicas] -

MEMES MACHISTAS EM TEMPOS DE COVID-19: SINTOMA DAS MASCULINIDADES ADOECIDAS*

*Valeska Zanello,
Iara Flor Richwin e
Felipe de Baére*

A pandemia da covid-19 marcou o ano de 2020 e o seu impacto gerou sérios problemas sociais, tais como decréscimo econômico, desemprego e aumento das desigualdades sociais já existentes em nosso país. Além disso, o cenário pandêmico exigiu a reorganização social de nossos hábitos em que, dentre eles, destaca-se a reconfiguração dos laços e a necessidade de isolamento social, com a ampliação da convivência diária entre a família e o núcleo conjugal, em muitos casos, sem a separação entre espaço doméstico e de trabalho. Nesse contexto, também se intensificou um fenômeno infelizmente já muito presente na vida das mulheres brasileiras: a violência doméstica e os casos de feminicídio (FBSP, 2020; IPEA, 2020; ONU-MULHERES, 2020).

Os levantamentos do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2020) mostram que, nos meses de março e abril de 2020, início da pandemia no Brasil, houve um crescimento de 22,2% no número de femini-

* A íntegra deste artigo, com as imagens mencionadas, encontra-se disponível em <https://repositorio.unb.br/handle/10482/44434>.

cídios em diferentes estados, em comparação com o mesmo período de 2019. A partir do mesmo cotejamento (março/abril 2019 versus março/abril 2020), os dados do FBSP também revelam um crescimento importante do número de ocorrências de violência doméstica registradas pelo canal telefônico 190 da polícia militar e de denúncias de violência contra a mulher acolhidas pelo canal Ligue 180, Central de Atendimento à Mulher em Situação de Violência.

É necessário destacar que, embora o contexto da pandemia e o consequente isolamento social exacerbem a violência contra as mulheres no Brasil, eles não podem ser tomados como causa do fenômeno. Ao contrário, essa causalidade histórica e estrutural, relacionada às desigualdades sociais engendradas entre homens e mulheres (IPEA, 2020; ONU-MULHERES, 2020) e, mais especificamente, à cultura patriarcal e misógina presente em nosso país. Nesse sentido, para tratarmos do tema da violência contra as mulheres no Brasil, fenômeno este de proporção epidêmica, é necessário ir além da abordagem da mulher vitimizada e questionarmos seu vetor proativo: os homens e as masculinidades. Em outras palavras, da mesma maneira que não se nasce mulher, mas se torna; tampouco se nasce homem, torna-se. É preciso, então, se perguntar sobre que tipo de masculinidade tem sido configurada e interpelada em nossa cultura.

Impulsionados pelos estudos feministas a partir de 1970, os estudos das masculinidades têm ganhado ocada vez mais espaço e relevância em diferentes campos do conhecimento (BARRAL; ZANELLO, prelo; CECCHETTO, 2004). No âmbito do presente capítulo, apoiamos-nos nas perspectivas teóricas desses estudos que buscam romper com paradigmas essencialistas que abordam as masculinidades como configurações de práticas, representações e valores, conformadas por dimensões históricas e socioculturais e pelo entrelaçamento de diferentes fatores, como classe, raça e etnia, idade e orientação sexual (CECCHETTO, 2004; CONNELL; MESSERSCHIMIDT, 2013). Nesse sentido, destaca-se que os significados das masculinidades não são estáticos e universais, mas variam de acordo com as diferentes culturas, com os diferentes períodos históricos e com os variados segmentos sociais (CECCHETTO, 2004; CONNELL; MESSERSCHIMIDT, 2013; ZANELLO, 2018).

Em cada contexto social específico, entre os vários modelos de masculinidades disponíveis, existe uma masculinidade hegemônica local, que prescreve o padrão ideal, mais valorizado e reconhecido, e que tem ascendência sobre outras masculinidades subalternizadas (CECCHETTO, 2004; CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013; ZANELLO, 2018). Para compreender essa masculinidade hegemônica na contemporaneidade brasileira, contra a qual as outras masculinidades são avaliadas, Zanello (2018) propõe a categoria analítica de dispositivo da eficácia, que configura os caminhos privilegiados de subjetivação para os homens em nossa cultura, prescrevendo performances e configurando afetos e emocionalidades. Esse dispositivo se fundamenta em dois pilares principais: a virilidade laborativa e a virilidade sexual.

A virilidade laborativa, tal como configurada no atual contexto brasileiro, constituiu-se a partir do processo histórico de crescimento do capitalismo e da urbanização, que conferiu centralidade às dimensões do trabalho, do dinheiro e do consumo. A dignidade, a honra e o mérito dos homens passaram a ter como parâmetro de julgamento o trabalho, o sucesso profissional, o acúmulo financeiro e o acesso a bens de consumo (ZANELLO, 2018). Como aponta Welzer-Lang (2013), o processo de socialização dos homens ensina-os que seu investimento deve recair prioritariamente no trabalho externo remunerado, espaço privilegiado de exercício da virilidade, de reconhecimento, poder e realização. Já a vida familiar e doméstica é o espaço em que eles vão usufruindo medalhas e coroações obtidas com o sucesso profissional e financeiro, tendo um lugar residual em sua hierarquização de dedicação e investimentos.

A virilidade sexual, o outro pilar do dispositivo da eficácia, prescreve que um “verdadeiro homem” precisa penetrar e provar que penetra. Ou seja, ele deve apresentar alta performance e excelência tanto em seu desempenho sexual quanto na comprovação e exibição da potência sexual (BADINTER, 1992; BOURDIEU, 1998; ZANELLO, 2018). Além dessa injunção positiva do “fodedor” e “comedor sexual ativo”, a virilidade sexual também impõe uma injunção negativa, que se expressa na proibição de “ser penetrado” e na aversão à passividade e ao prazer sexual anal (ZANELLO, 2018). É importante sublinhar que essas valên-

cias dicotômicas que atravessam a sexualidade masculina – atividade e passividade, penetrar e ser penetrado – têm correspondência com outras performances e valores, constituindo atribuições de dominação, força, poder e prestígio (atividade, penetrar); ou, ao contrário, de submissão, perda do poder, fraqueza e estigma (passividade, ser penetrado) (CECCHETTO, 2004; ZANELLO, 2018).

Portanto, sucintamente, a masculinidade hegemônica no Brasil tem como imperativos de um “verdadeiro homem” ser um trabalhador e um “fodedor”. As performances e valores prescritos são: trabalho e sucesso profissional e financeiro; função de provedor; potência e desempenho sexual; ser produtivo e sua exibição; provas e comprovações; força, dominação, poder e violência (BADINTER, 1992; BOURDIEU, 1998; WELZER LANG, 2008; ZANELLO, 2018). Além disso, também está implicada a injunção de não ser uma “mulherzinha” (ZANELLO, 2018, p. 270). Ou seja, a misoginia também constitui um predicado central e organizador dos processos de subjetivação dos homens e da afirmação das masculinidades no Brasil (ZANELLO, 2018; 2020). Desde pequenos, os meninos e rapazes são ensinados a repudiar toda e qualquer performance ou atributo que possa aproximá-los das posições e características das mulheres ou “meninhas”. Assim, eles são interpelados ao enrijecimento de si e de seus afetos nas relações com as mulheres e com outros homens, não deixando transparecer sentimentos, fragilidades ou qualquer qualidade considerada feminina (ZANELLO, 2018).

É importante observar que essa misoginia, embora constitua o fulcro da masculinidade hegemônica no Brasil, nem sempre é nitidamente reconhecível. O repúdio às mulheres assume diversos arranjos e feições: algumas mais abertas e evidentes, como os discursos antifeministas ou os discursos pejorativos sobre o que é considerado feminino; outras mais escamoteadas e disfarçadas, como a objetificação sexual das mulheres. Segundo Zanello (2020), a objetificação sexual, embora possa ser confundida com certo enaltecimento dos corpos ou da beleza das mulheres, expressa um olhar, uma relação (dos homens) que, a partir de uma posição de domínio, controle e subjugação, reduz as mulheres (mas não só elas) a “coisas sexuais”, a corpos ou “pedaços de corpos” (ZANELLO, 2020, p. 84). Trata-se mais de uma emocionalidade configurada

culturalmente no processo de tornar-se homem, do que relacionado ao objeto (principal, mas não único) das mulheres. Nesse sentido, objetos distantes, tais como a relação dos homens com a política e o meio ambiente, também podem ser mediados por essa emocionalidade.

É importante ressaltar ainda que, além das configurações e feições diversas, a misoginia também se constitui em diferentes níveis e se manifesta em variados fenômenos sociais e culturais, como na pornografia, nas publicidades ou, ainda, nas interações em redes sociais. A pesquisa de Zanello (2020), por exemplo, encontrou acentuada reprodução da objetificação sexual em grupos de WhatsApp masculinos, além de posts e memes que transformavam em objeto de chacota temas de violência contra a mulher e mesmo do feminicídio.

A emergência sanitária e social provocada pelo novo coronavírus aplica uma lente de aumento sobre graves problemas sociais, como o sexismo, o racismo e o classicismo existentes em nosso país. Nesse sentido, assim como a pandemia exacerbou a violência contra as mulheres, consideramos que, por meio de reedições ou potencializações, os atuais fenômenos sociais e culturais podem revelar, com maior visibilidade e nitidez, as linhas de estruturação e funcionamento das masculinidades e da misoginia em nosso país.

Diante do exposto, o presente capítulo tem como objetivo analisar como se expressa a masculinidade e a misoginia nos grupos masculinos de WhatsApp no atual contexto da crise provocada pelo novo coronavírus, buscando identificar reedições ou novas manifestações nas imagens e memes que passaram a circular a partir do início da pandemia e das medidas de isolamento social.

MÉTODOS

Foi solicitado nas redes sociais de uma das pesquisadoras (com mais de 30 mil seguidores em todo país, no Instagram e Facebook) que as pessoas enviassem os memes machistas recebidos em grupos de WhatsApp. Privilegiaram-se aqueles que estavam circulando em grupos masculinos, desde que o novo coronavírus se tornou um problema de saúde pública e

o isolamento social passou a ser adotado em vários estados brasileiros. Ou seja, desde o fim do mês de março de 2020.

Foram recebidos 126 memes nos dois primeiros meses e meio de isolamento social, entre 25 de março e 15 junho de 2020. O material foi enviado tanto por mulheres quanto por homens. Muitas mulheres enviaram memes que estavam circulando nos grupos de WhatsApp masculinos, dos quais seus companheiros participavam.

Os memes coletados foram analisados e agrupados de acordo com a temática envolvida. Foram selecionadas para o presente artigo as 3 categorias mais frequentes entre os memes considerados como machistas pelas pessoas que os enviaram. Nos resultados, serão apresentados literalmente apenas alguns memes (em função do tamanho restrito do artigo), cujas imagens foram consideradas como as mais críticas para a compreensão de certas ideias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As três categorias mais recorrentes foram: 1) “Estar em casa (com a esposa) é uma penitência”; 2) “Homem não vive sem sexo”; e 3) “Chacota do universo compreendido como feminino”.

Na primeira categoria, “Estar em casa (com a esposa) é uma penitência”, foram englobados todos os memes que apontavam para um suposto sofrimento dos homens por terem que estar trancafiados durante o período do isolamento social com suas esposas. Os motivos apontados para esse sofrimento eram, de um lado, ter que conviver com a própria esposa e, de outro, ter que deixar de ir ao bar com os amigos ou aos jogos de futebol. Como exemplo, podemos citar o post amplamente compartilhado com os seguintes dizeres: “Óbvio que o coronavírus foi inventado por uma mulher. Tudo calculado: conseguiu cancelar o futebol, fechar os bares e fazer com que os homens não saiam de casa”. O casamento, nesse sentido, foi retratado como um péssimo negócio, tal como apontado em um post, no qual havia um convite de casamento de Sérgio e Fátima, com um aviso acima, em letras maiúsculas: “ADIADO” (por conta da pandemia). O comentá-

rio colado sobre o post dizia em destaque: “Olha aí a vida dando uma segunda chance para o Sérgio”.

A categoria “Estar em casa (com a esposa) é uma penitência” foi composta de quatro temas, a saber: a) mulher fala, cobra e reclama demais; b) se homem e mulher ficam juntos em casa, vai ter briga; c) por suportar suas mulheres, os homens merecem ser enaltecidos; d) vontade de exterminar a esposa.

No primeiro tema, “mulher fala, cobra e reclama demais”, apareceram memes que retratavam um cansaço por parte dos homens em ter que conviver e ouvir as próprias mulheres. Um dos posts de grande circulação e que recebemos repetidamente trazia a imagem de um homem com orelhas bem grandes e com a seguinte frase sobre a foto: “Terceiro dia confinado e escutando a mulher”.

Muitas das cobranças retratadas, feitas por mulheres, e exageradas, e sem limites, na ótica dos homens, dizia respeito às atividades domésticas e de cuidados dos filhos. Por exemplo, um vídeo que circulou em vários grupos (e que recebemos de várias fontes) mostrava um homem em uma bicicleta indo atrás de policiais, pedindo para ser detido e levado para a delegacia, pois não suportava mais as solicitações que sua esposa estava lhe fazendo, tais como lavar a louça e varrer a casa.

Por ser difícil a convivência e, agora, compulsória por conta do isolamento social da pandemia, a briga entre o casal seria quase inevitável. Nesse sentido, memes que apontavam, ainda que em tom jocoso, um aumento exacerbado das brigas, foram amplamente compartilhados, como esse com os seguintes dizeres: “Informação da polícia nas últimas 24 horas na cidade de monte aprazível: Roubo – 0; Assalto – 0; Violência – 0; Acidentes – 0; Roubos a Carro – 0; Saidinha do banco – 0; Briga de casal – 31.597”. Nesse sentido, outro vídeo, também bastante compartilhado, apresentava um monólogo de um homem que aparecia com um olho roxo, como se tivesse sido espancado pela esposa. Em seu relato, ele dava a entender, de forma chorosa, que estava apanhando de sua mulher e aconselhava os homens a não irritarem suas esposas e a fazer o que elas estavam solicitando.

O terceiro tema, “por suportar suas mulheres, os homens merecem ser enaltecidos”, foi bastante presente na penúltima semana de março,

na qual o post abaixo teve ampla circulação. Trata-se de uma paródia a um movimento popular que ocorreu nas redes para se homenagear os profissionais de saúde que estavam na linha de frente do combate à covid-19. Aponta-se que homens casados também mereceriam uma hora de aplausos por estarem em quarentena suportando conviver com suas esposas em casa. Os posts compartilhados nesse tema apresentavam o seguinte texto (com poucas variações): “Amigos! Hoje (22/03/2020), às 20:00, vamos aplaudir os MARIDOS, que bravamente estão aturando suas esposas, em face das restrições impostas pelo coronavírus. Inclusive, muitos estão há mais de 24h em quase regime de internato em suas respectivas casas. Portanto, hoje, 22/03/2020, às 20:00h, vamos aplaudir esses bravos guerreiros de nossas janelas, portões, por tamanho ato de bravura”.

O último tema, “vontade de exterminar a esposa”, foi bastante recorrente e apareceu, em todas as suas expressões, como uma “brincadeira”, em tom jocoso, provocando riso. A primeira imagem abaixo faz uma paródia ao Big Brother Brasil e sublinha a vontade de “exterminar” da convivência a esposa, enviando-lhe para o “paredão”. Na segunda imagem, temos uma mulher querendo secar seu cabelo e pedindo ao esposo que lhe passe o secador. Porém, ele lhe passa um revólver. A terceira imagem é um print de um vídeo que obteve ampla circulação. O vídeo começa com o foco sobre um rapaz sentado tranquilamente no sofá, assistindo à televisão. O foco vai se ampliando e muda de direção, mostrando cachorros felizes no sofá, crianças brincando no tapete da sala, em frente à TV, quando, no fundo, atrás do sofá, aparece uma mulher, supostamente a esposa, toda amarrada e com uma mordaca na boca. A ideia que se quer passar é que só existe paz nessa situação porque ela foi paralisada e calada.

Na segunda categoria, “*homem não vive sem sexo x objetificação sexual das mulheres*”, encontramos uma reedição, adaptada, de categorias previamente encontradas nos grupos de WhatsApp masculinos (ZANELLO, 2020). Nessa categoria, aponta-se o suposto sofrimento masculino que seria imposto pelo isolamento social da pandemia, pela não obtenção de sexo em casa e a dificuldade, também, de obtê-lo fora. Essa categoria foi composta por quatro temas, a saber: a) no casamento o sexo não aconte-

ce; b) homem faz qualquer coisa para conseguir transar (mentir, expor-se ao vírus, etc.); c) se fica sem sexo, o homem começa a enlouquecer; d) sexo é um serviço essencial (comparação de mulheres com alimento).

No primeiro tema, “no casamento o sexo não acontece”, apareceram memes que apontavam a inexistência do sexo na relação matrimonial. Em um dos posts, por exemplo, isso se deu de forma jocosa, comparando a vida do homem, em isolamento social por conta da pandemia, com aquela já muito conhecida por homens casados. O texto do post dizia: “Não pode beijar... Não pode abraçar... Não pode ter contato físico... Basicamente para quem é casado a vida segue normal... Quem é solteiro tá fudido!”.

No segundo tema, “homem faz qualquer coisa para conseguir transar (mentir, expor-se ao vírus, etc.)”, apareceram vários posts que retratavam o que os homens são capazes de fazer (ou ao que se submeter) para garantir o acesso ao sexo. Na primeira imagem, aponta-se o uso da mentira (falar qualquer coisa para agradar à mulher), tendo como objetivo “comê-la”. A segunda, com grande circulação em um momento de falta de álcool gel nos comércios brasileiros, aponta o uso da mentira e da vulnerabilidade (medo de contaminação do vírus) para obter sexo. A terceira imagem mostra uma mulher italiana, com seios bem salientes, que supostamente teria chegado ao Brasil e não teria onde ficar. Nesse momento, a Itália era um grande foco da pandemia e estava em uma situação calamitosa. Circulavam na TV várias imagens de corpos mortos enfileirados, aguardando a possibilidade de serem enterrados. Na imagem abaixo, o que se “vende” é que não seria difícil encontrar homens dispostos a “ajudar” a moça, por puro interesse sexual, ainda que correndo o risco de contaminação. Na quarta imagem, mostra-se o cuidado no distanciamento social para não ser contaminado por amigos, mas o esquecimento dessas regras quando o que está em xeque é a possibilidade de fazer sexo com uma mulher que se conheceu há meia hora. Nesse momento, o autocuidado é completamente esquecido.

No terceiro tema, “se fica sem sexo, o homem começa a enlouquecer”, foram selecionados posts que apontavam para o “enlouquecimento” masculino devido à dificuldade de acesso ao ato sexual. Abaixo, podemos ver uma imagem na qual, em uma situação simples, cotidiana, ocorre

uma ilusão, ou seja, uma imagem é distorcida e percebida de forma diferente. No caso, um corredor é percebido como uma virilha. O post vinha acompanhado do compartilhamento de frases como “Quinto dia da quarentena, começaram as alucinações”.

No último tema dessa categoria, “sexo é um serviço essencial (comparação de mulheres com alimento)”, foram elencados diversos posts que apontavam a necessidade de se manter o acesso ao consumo de corpos de mulheres como serviços “essenciais”. No primeiro post, temos a imagem que se supõe de um prostíbulo, com profissionais do sexo usando máscaras contra o novo coronavírus. O título do post é “serviços essenciais seguirão funcionando”. Na segunda imagem, temos uma vagina, cheia de cadeados seguida da frase “mais um comércio fechado”, com um *emoji* de choro. Na terceira imagem selecionada, temos várias mulheres amarradas e penduradas no teto, com a frase “vamos estocar comida pessoal... já comecei”. Esse meme teve ampla circulação, em um momento em que houve uma corrida massiva da população aos supermercados para estocar alimentos, com medo de que eles faltassem durante a pandemia. Na última imagem, temos um famoso jogador de futebol, rodeado de duas fotos de mulheres consideradas dentro do padrão ideal de beleza, e acompanhada da seguinte frase: “Neymar chamando comida pelo aplicativo do Aifode”. A objetificação sexual como principal emocionalidade interpelada na masculinidade, a ideia de que homem não vive sem sexo, bem como a proximidade representativa e metonímica entre mulheres e comida, também foi consistentemente encontrada na pesquisa anterior à pandemia, realizada durante seis meses, em grupos de WhatsApp masculinos no Brasil (ZANELLO, 2020).

Por fim, a terceira categoria, “chacota do universo compreendido como feminino”, englobou os memes que apontavam os truques usados pelas mulheres para se produzirem e, sobretudo, o quanto seus cabelos ficariam brancos e engordariam na quarentena. Faz-se mister destacar que o ideal estético se constitui como um pilar essencial na constituição identitária das mulheres, no dispositivo amoroso (ZANELLO, 2018). Como exemplos, podemos citar os posts com os seguintes dizeres: “Com os salões fechados e as mulheres dentro de casa, teremos em breve uma

legião de senhoras com cabelos brancos”; outro que dizia “Faltam 3 semanas para a gente descobrir como é o cabelo original da mulherada!”. Também foram frequentes os posts que apresentavam duas imagens da mesma mulher (em alguns casos de bonecas como a Barbie), em um antes (com o corpo magro, “em forma”) e o depois da quarentena, com o corpo gordo.

CONCLUSÕES

No cenário brasileiro de 2020, pesquisas apontaram que o isolamento social suscitado pela pandemia da covid-19, ao ampliar o convívio familiar e conjugal, sem a separação do espaço doméstico e o de trabalho, teve como uma de suas consequências a intensificação da violência contra a mulher e dos casos de feminicídio. De todo modo, o aumento da convivência no espaço privado não pode ser tomado como a causa principal desse fenômeno. Isso porque essa causalidade é histórica e estrutural, sendo que as assimetrias sociais entre homens e mulheres em nosso país são reflexos da cultura patriarcal e misógina.

O contexto pandêmico aplicou uma lente de aumento no funcionamento das masculinidades, trazendo novas configurações de temas anteriores à covid-19 e bastante recorrentes em grupos masculinos de WhatsApp (ZANELLO, 2020), tais como a objetificação sexual e a ideia de que homem não vive sem sexo, bem como novos conteúdos, tais como uma intensa problematização das relações conjugais e das supostas dificuldades dos homens em terem que conviver com/suportar suas mulheres. No decorrer da pandemia, o índice de casos de violência conjugal contra mulheres só aumentou, o que nos leva a pensar nessas representações – “brincadeiras” (sérias) de WhatsApp – manifestadas no começo da pandemia como verdadeiros sintomas prodrômicos, ou seja, como sinais que antecederam o grave quadro de intensificação da violência que se consolidou.

Tendo em vista a maneira como os homens interagem entre si nos grupos das redes sociais, nota-se que as masculinidades se encontram adoecidas e que a sua construção social se perfaz de forma danosa, so-

bretudo para as mulheres. Desse modo, é necessário maior investimento em pesquisas no campo das masculinidades, a partir da perspectiva dos estudos de gênero, para que se possa construir de forma mais efetiva estratégias preventivas na área de saúde pública relativa ao combate à violência contra as mulheres.

REFERÊNCIAS

- BADINTER, E. XY: *sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- BARRAL, D.; ZANELLO, V. (no prelo). Os estudos das masculinidades na psicologia brasileira: da invisibilidade da crítica a crítica da invisibilidade. *Revista Psicologia Política*. Manuscrito aceito.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- CECCHETTO, F. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- CONNEL, R.; MESSERSCHIMIDT, J. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista de Estudos Feministas*, 21(1), pp. 241-282, 2013.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Violência Doméstica durante a Pandemia de Covid-19*. Ed. 2. Disponível em https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/. Acesso em 30/01/2021.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). *Políticas públicas e violência baseada no gênero durante a pandemia da Covid-19: ações presentes, ausentes e recomendadas*. Brasília: IPEA, 2020.
- ONUMULHERES. *Diretrizes para atendimentos em casos de violência de gênero contra meninas e mulheres em tempos da pandemia da Covid-19*. Brasília : ONU Mulheres, 2020.
- WELZER-LANG, D. *Les hommes et le masculin*. Paris : Éd. Payot & Rivages, 2008.
- WELZER-LANG, D. *Nous, les mecs : essai sur le trouble actuel des hommes*. Paris: Éd. Payot & Rivages, 2013.
- ZANELLO, V. *Saúde mental, gênero e dispositivos: Cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris, 2018.
- ZANELLO, V. Masculinidades, cumplicidade e misoginia na “casa dos homens”: um estudo sobre os grupos de whatsapp masculinos no Brasil. In: FERREIRA, L. (Org.), *Gênero em perspectiva*. Curitiba: CRV, p. 79-102, 2020.

Valeska Zanello (IP/UnB) [Mensagens de WhatsApp masculinas na pandemia] - Possui graduação em Filosofia pela Universidade de Brasília (2005), graduação em Psicologia pela Universidade de Brasília (1997), e doutorado em Psicologia pela Universidade de Brasília (2005) com período sanduíche de um ano na Université Catholique de Louvain (Bélgica). Professora Associada 2 do departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília. Foi coordenadora do programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPGPSICC)/UnB de agosto de 2019 a março de 2021. Orientadora de mestrado e doutorado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PSICC). Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em SAÚDE MENTAL e GÊNERO. Coordena o grupo de pesquisa "Saúde Mental e Gênero" (foco em mulheres) no CNPq, o qual realiza uma leitura do campo da saúde mental sob um viés feminista das relações de gênero (e interseccionalidades com raça e etnia) no que diz respeito à epistemologia, semiologia, diagnóstico psiquiátrico e prática profissional. Blog do grupo SAÚDE MENTAL E GÊNERO: <https://saudementalegenero.wordpress.com/>.

Iara Flor Richwin (IP/UnB) [Mensagens de WhatsApp masculinas na pandemia] - Psicóloga com experiência e atuação clínicas no campo da atenção e cuidado a usuários de drogas (CAPS-AD/GDF de 2011 a 2016), no sistema socioeducativo para adolescentes em conflito com a lei do Distrito Federal (2008 - atual) e em consultório particular. Pesquisadora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da UnB, no qual realiza atualmente pesquisa de pós-doutorado sobre saúde mental de mulheres que estão em situação de rua e de mulheres que fazem uso de crack.

Felipe de Baére (IP/UnB) [Mensagens de WhatsApp masculinas na pandemia] - Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPG-PsiCC/UnB). Especialista em Teoria Psicanalítica pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Mestre em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC), com projeto no campo da suicidologia, com enfoque em gênero e sexualidade. Graduado em Jornalismo pelo Instituto de Educação Superior de Brasília (2009). Graduado em Psicologia pela Universidade de Brasília, com tripla habilitação - Licenciatura em Psicologia; Bacharelado em Psicologia e Habilitação Psicólogo - (2016).

ARTIGO 7

LEITURA CRÍTICA DO DISCURSO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Viviane Vieira
Universidade de Brasília

Neste texto busco apresentar algumas ideias centrais que vêm sendo debatidas no projeto “Discurso e sistema colonial-moderno de gênero: letramentos Críticos”, desenvolvido no Laboratório de Estudos Críticos do Discurso (LabEC-CNPq), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e ao Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade da Universidade de Brasília.

Traço um breve histórico das contribuições científicas dos Estudos Críticos do Discurso para a Linguística e para a formação leitora e, então, passo a debater alguns padrões discursivos identificados nos estudos realizados no contexto social da pandemia COVID-19. O objetivo é lançar um debate inicial sobre as contribuições dos estudos Críticos do discurso para práticas de leitura mais crítica e conscientes do papel da linguagem na instauração e manutenção de relações assimétricas de poder nas sociedades.

Desde meados de 1990, a área da Linguística-Letras na Universidade de Brasília vem recebendo notáveis contribuições científicas do campo dos Estudos Críticos do Discurso, inicialmente pela via da abordagem

teórico-metodológica transdisciplinar da Análise de Discurso Crítica (Vieira e Resende, 2016; Resende, 2019; Vieira, 2019). Desde então, os Estudos Críticos do Discurso têm mostrado seu potencial para renovar a compreensão acerca das relações entre linguagem e poder, extrapolando, assim, a noção (também necessária) de língua como estrutura.

A compreensão central é a de linguagem/semiose como prática social (Fairclough, 2003), ou seja, como parte indissociável da vida em sociedades, incluídas as relações interpessoais, subjetivas, geopolíticas, históricas, culturais, artísticas etc. Busca, assim, abarcar amplamente as dinâmicas de usos sociais de sons; imagens; cores; expressões faciais e corporais; negociações de uso de técnicas, objetos e do espaço físico etc., para além da noção de linguagem verbal e suas estruturas léxico-gramaticais, frasais, oracionais.

Entende-se que tais dinâmicas semióticas são tanto recursos para interagir, para representar e para identificar(-se) quanto resultantes desses três principais modos dialéticos como produzimos, organizamos e consumimos potenciais de significado na vida social: como forma de ação e relação social (poder), como forma de representação (saber) e como forma de identificação subjetiva (ser) (Vieira, 2019).

Para essa abordagem crítica, agimos e interagimos na vida social por meio de gêneros discursivos, nas relações de poder que nos constituem como agentes atuando com pessoas e sobre elas nas sociedades; também representamos e projetamos realidades possíveis por meio de discursos particulares, nas representações/saberes que nos constituem como agentes de conhecimento; e, por fim, nos identificamos e identificamos a outrem e a aspectos do mundo por meio de estilos, nas relações que nos constituem como sujeitos sociais.

Os Estudos Críticos do Discurso trouxeram para a Linguística uma práxis crítica problematizadora de processos socio-discursivos ideológicos, isto é, de significados com potencial para sustentar relações de exploração/dominação características do sistema mundial colonial-moderno hegemônico, de hierarquização de valor de raça, espécie, etnia, territorialidade, gênero social, sexo, classe econômica, capacidades físicas e intelectuais, idade/geração etc.

Por outro lado, também possibilitou pesquisarmos processos socio-discursivos de tensão contra-ideológica, que, partindo da problematização dos primeiros, avançam na direção de processos de conscientização semiótica crítica, potencialmente capazes de ajudar a responder a demandas sociais locais pela crítica relacionada à desigualdades e às relações de exploração que sustentam o atual sistema de exploração colonial-moderno também por meio do acesso, do controle, da produção e da circulação de discursos particulares.

Ressalte-se, aqui, o discurso (a linguagem como prática social) não só como um recurso simbólico de dominação que opera por meio de consensos ideológicos, mas como o próprio objeto pelo qual se luta (Foucault, 2003 [1971]), dado “o potencial dos sistemas semânticos pré-construídos para gerar visões particulares de mundo à sua imagem” (Fairclough, 2003, p. 130). Como pontua van Dijk (2010), o poder discursivo é exercido por meio do controle, do acesso e do abuso de poder que favorecem a construção e sustentação de supostas “verdades” por meio da relativa permanência de um discurso hegemônico tomado como legítimo.

Como exemplos de sustentação ideológica do sistema mundial hegemônico de exploração em tempos de pandemia e de fascismo, podemos citar aspectos discursivos da chamada “sociedade da informação” ou “sociedade em rede”, organizada em torno de dinâmicas, tais como da “globalização”; da “uniformização rítmica e política” (Ward, 2020: 6); da justificativa colonial racional-legal instrumentalista de opressão e exploração de humanos, de corpos, da natureza, dos territórios (Cabnal, 2010:15); da cultura visual orientada por “padrões e regimes de visibilidade” (Ward, 2020:1) e, o que mais nos interessa debater aqui, uma “sociedade da informação” ou “sociedade em rede” forjada em torno da *desinformação*.

Se, por um lado, a noção de “sociedade da informação” ou “sociedade em rede” implica principalmente acesso e centralização de informação por parte do poderio econômico-político do eixo euro-norte-americano, por outro, à periferia do capitalismo parece ter sido imposta a desinformação como parte da estratégia de luta de poder político, parcial-

mente constituída com base no que denominamos de hipocrisia como dissimulação.

Próximo ao “cinismo” debatido por Zizek (1996) e Venera (2020), a hipocrisia como dissimulação parece consistir na prática de ignorar uma realidade existente e conhecida para dar continuidade a ações perversas em que o sujeito sabe, mas finge não saber. Um discurso recorrente, disseminado e naturalizado, que dissimula fatos e constrói falsas verdades, em que a narrativa dissimuladora em si passa a constituir o ‘regime de verdade’ ideológico em favor do poder assimétrico, ignorando relações e processos sociopolíticos, culturais e históricos envolvidos (Santos e Vieira, 2016).

Como debatemos em Gomes e Vieira (prelo), a *hipocrisia como dissimulação* sustenta o ethos (a construção discursiva da figura pública) dos anti-heróis políticos em tempos de pandemia e legitima perversidades que provavelmente não encontrariam espaço fora do “absurdo” que a figura pública do anti-herói permite construir, a exemplo da postura necropolítica do atual presidente do Brasil na pandemia COVID-19 de “deixar alguns morrerem”, já que “não fazer é fazer”, como bem observa Djamila Ribeiro⁶⁷.

No Brasil, a desinformação, ou a perturbação da informação, tem se propagado na pandemia em redes por meio de estratégias discursivas ideológicas (ou seja, a serviço da assimetria de poder) construídas em torno da figura pública do anti-herói Bolsonaro: do conservador branco, cristão, machista, racista, homofóbico declarado, com sua imagem constantemente reafirmada de “virilidade”, que tende a alcançar identificação popular. Tais estratégias passam pela construção retórica e discursiva de:

- ironias/negação de fatos geopolíticos e pesquisas científicas;
- normalização do genocídio e da necropolítica (Triana, 2014);
- eufemismo dos processos da doença;
- imprecisão semântica;

67 *Maria Homem e Djamila Ribeiro: individual x coletivo num contexto de pandemia.* CBN. 15 set 2020. https://www.youtube.com/watch?v=ZBOYuS_2C2Q.

- avaliações afetivas com itens lexicais no diminutivo (“gripezinha”);
- lexicalizações que ativam presunções valorativas (como “histeria”);
- metáforas que desqualificam o potencial de letalidade do vírus (“é teatro”),

em construções adversativas verbais e em imagens que opõem um discurso principal político-científico e o discurso pessoal “carismático cristão” do anti-herói burlesco, associado a sua imagem e performances populistas, como andar pelas ruas do país sem uso de máscara e em meio às pessoas, para citar um exemplo – tudo com potencial para gerar desinformação e incertezas, no mínimo (Gomes e Vieira, 2020; prelo), dado o amplo alcance do acesso, do controle e da repetibilidade de tal discurso.

Trata-se, é certo, de um discurso ideológico que depende de uma recepção mais passiva e condescendente por parte de quem lê para poder lograr seu potencial de “verdade”, o que, afinal, uma leitura mais crítica do discurso poderia desafiar.

Tal capacidade leitora depende também, ainda que não só disso, de uma educação formal fundamentada numa perspectiva mais crítica de ensino-aprendizagem da língua materna, e se estende a demais práticas sociais de leitura-escrita-escuta-oralidade crítica que consideram o aspecto social e ideológico dos discursos e dos variados textos que usamos na vida social para construir: significados interacionais em gêneros discursivos; significados representacionais por meio de discursos particulares e significados identificacionais em estilos particulares, sócio-histórico, intersubjetivo e culturalmente situados (Fairclough, 2003; Ramalho, 2012; Rojo, 2009).

Resumidamente, tal postura acadêmica-científica-escolar considera não só o sistema semiótico como estrutura discursiva em que se operam escolhas imagéticas, lexicogramaticais etc. (mais ou menos constringidas) para construir significados, mas também considera o funcionamento do sistema de redes de ordens do discurso socialmente organizadas (a exemplo da articulação entre as ordens de discurso da saúde, da política, da vida cotidiana, da igreja cristã conservadora etc.), em que

escolhas semióticas dizem respeito também a lutas de poder por meio das diferentes maneiras como usamos a linguagem para inter-agir na sociedade exercendo poder, assim como para construir representações estabilizando saberes e, por fim, para nos constituirmos como sujeitos de identidade no mundo construindo subjetividades e relações éticas na vida social.

REFERÊNCIAS

- CABNAL, Lorena. Acercamiento a la construcción de la propuesta de pensamiento epistémico de las mujeres indígenas feministas comunitarias de Abya Yala. In: *Feminismos diversos: el feminismo comunitario*. Asociación para la cooperación con el Sur, ACSUR, Las Segovias, 2010, p. 11-25.
- DIJK, Teun. A. van. *Discurso e poder*. Judith Hoffnagel, Karina Falkone (Org.). São Paulo: Contexto, 2010.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse*. Textual analysis for social research. Londres; Routledge, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Ed. Marcos Jost Marcionilo. São Paulo: Loyola, 1996[1971].
- GOMES, Maria Carmen; VIEIRA, Viviane. Estudos Discursivos Críticos: análise crítica de problemas sociais discursivamente manifestos In: Emediato. W. MACHADO, Ida Lúcia; LARA, Gláucia P. (Org.). *Teorias Discursivas – novas práticas e formas discursivas*. Campinas: Pontes, 2020, p. 173-200.
- GOMES, Maria Carmen; VIEIRA, Viviane. *O discurso do político e a negação da pandemia COVID-19: o discurso público da crise no contexto brasileiro*, prelo.
- RAMALHO, Viviane. Ensino de língua materna e Análise de Discurso Crítica. *Bakhtiniana, Revista de Estudos do Discurso*, v. 7, n. 1, p. 178-198, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-45732012000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 Ag. 2020.
- RESENDE, Viviane de Melo. *Decolonizar os estudos Críticos do discurso*. Campinas: Pontes, 2019.
- ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.
- SANTOS, Thaiza de C.; VIEIRA, Viviane. Representações da Presidenta Dilma Rousseff pelo “Movimento Brasil Livre”. *Discurso & Sociedad*, vol.10 (4), 2016, p. 603.

- TRIANA, Sayak Valencia. Teoría transfeminista para el análisis de la violencia machista y la reconstrucción no-violenta del tejido social en el México contemporáneo. *Universitas humanística*, n. 78, 2014, p. 65-88.
- VENERA, José Isaías. Em busca do gozo sem limites. Žižek e o cinismo do Messias. *Le Monde Diplomatique*. Brasil. 18 de mai. 2020. <https://diplomatique.org.br/zizek-e-o-cinismo-do-messias/>. Acesso 07 jun. 2020.
- VIEIRA, Viviane. Perspectivas decoloniais feministas do discurso na pesquisa sobre educação e gênero-sexualidade. In: RESENDE, Viviane de Melo. *Decolonizar os estudos Críticos do discurso*. Campinas: Pontes, 2019, p. 83-115.
- VIEIRA, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes, 2016.
- WARD, Rodolfo. *Estudos Culturais e Cultura Visual*. 16 dez. 2020. <https://noticias.unb.br/artigos-main/4648-estudos-culturais-e-cultura-visual>. Acesso 02 fev. 2021.
- WARD, Rodolfo. *Você sabe o que é estética? O Belo, a arte e a antropologia*. 11 dez. 2020. <https://noticias.unb.br/artigos-main/4635-voce-sabe-o-que-e-estetica-o-belo-a-arte-e-a-antropologia-o-inicio-da-disciplina-estetica>. Acesso 02 fev. 2021.
- ŽIŽEK, Slavoj. *Como Marx inventou o sintoma?* In: Slavoj, Žižek (Org.). *Um mapa da ideologia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p.297-332.

Viviane Vieira (LIT/UnB) [Leitura Crítica do Discurso em Tempos de Pandemia]
 - Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília. Doutora e Mestra em Linguística/Linguagem e Sociedade pela Universidade de Brasília. Realizou estágio pós-doutoral no Programa de Estudos Pós-graduados em Língua Portuguesa da PUC-SP. Editora dos Cadernos de Linguagem e Sociedade (<https://periodicos.unb.br/index.php/les>). Vice-Coordenadora do Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade (NELiS) e do Laboratório de Estudos Críticos do Discurso (LabEC-CNPq). Desenvolve o projeto Discurso e sistema colonial-moderno de gênero: letramentos Críticos, na linha de pesquisa Discurso e Recursos Sociosemióticos em uma Perspectiva Crítica. vivi@UnB.br. <http://lattes.cnpq.br/4387078593030203>.

CURADORIA E EXPOGRAFIA
EM TEMPOS DE PANDEMIA:
A EXPOSIÇÃO “FACES DA
PANDEMIA: MEMÓRIAS
AFETIVAS”

*Denise Moraes Cavalcante (Professora Doutora em
Comunicação Social pela FAC-UnB),
Jéssica Mendes de Souza (Doutoranda em Biologia pelo IB-UnB),
Arthur Cunha Muma (Graduando em Audiovisual pela FAC-UnB) e
Rafael Cardim Bernardes (Graduado em Audiovisual pela FAC-UnB)*

O presente artigo discorre sobre a exposição fotográfica virtual “Faces da Pandemia: memórias afetivas”, um projeto que uniu docentes e discentes da Faculdade de Comunicação (FAC) e do Instituto de Ciências Biológicas (IB) da Universidade de Brasília. A proposta artística teve como objetivo produzir, preservar e disseminar memórias individuais e coletivas de experiências do confinamento causadas pela pandemia da covid-19 por meio de fotografias e relatos diversos, ressaltando o potencial da arte fotográfica no enfrentamento do isolamento social. Para tanto, retoma-se o desenvolvimento do projeto expográfico por meio de suas estratégias processuais e expositivas com o intuito de problematizar a tecnologia digital enquanto possibilidade de preservação e disseminação de imagens fotográficas no campo da arte.

O universo digital e sua onipresença remodelam tempo e espaço, amplificando as dinâmicas sociais no ciberespaço, definido por Pierre

Lévy como um meio de comunicação fruto da interconexão mundial de computadores e suas memórias. Segundo Lévy, o crescimento do ciberespaço nos leva ao processo de universalização da cultura na medida em que imergimos em novas práticas comunicativas e relações de produção de conhecimento. A cibercultura expressa o surgimento de um novo universo, inventando uma “outra forma de fazer advir a presença virtual do humano frente a si mesmo que não pela imposição da unidade de sentido” (LÉVY, 1999:248).

A presença do virtual vem invadindo numerosas tecnologias, em particular as relacionadas à produção e difusão da informação e do entretenimento. Quase tudo que é produzido no espaço da cultura é propagado de forma universal no ciberespaço. As novas tecnologias se impõem como agentes transformadores da cultura, não apenas pela possibilidade em preservar e disseminar a memória individual e coletiva da nossa sociedade, mas também principalmente pelo que oferecem enquanto espaço público de mediação e trocas culturais.

No campo da arte fotográfica, as mudanças provocadas pelas tecnologias digitais atingiram desde a realização e conservação das imagens até sua exibição e proliferação no ciberespaço: as imagens se fixam em novos suportes, transitam em novas plataformas, proliferam em todos os lugares. Se, por um lado, os aparatos técnicos digitais colaboraram em novos modos de produção e preservação de imagens fotográficas, por outro, são agentes transformadores da cultura ao possibilitar redes de interações múltiplas e dinâmicas entre aqueles que produzem, expõem e acessam as imagens, muitas vezes invertendo tais posições.

A tríade fotografia-exposição-público no ciberespaço sugere caminhos diversos para refletir sobre metodologias de planejamento e organização de exposições para ambientes virtuais e na valorização da fotografia digital como expressão subjetiva e comunicativa dos tempos atuais. A partir da realização de uma exposição fotográfica virtual sobre experiências diversas na pandemia da covid-19, no caso, a exposição “FACES da pandemia: memórias afetivas”, reconhece-se o valor da curadoria na produção e preservação de nossas histórias, bem como enquanto lugar de inter-relações das memórias sociais.

A exposição fotográfica “FACES da Pandemia: memórias afetivas” foi concebida mediante colaboração coletiva entre estudantes universitários na disciplina Tópicos Especiais em Comunicação do curso de Audiovisual da Universidade de Brasília (UnB). A equipe organizadora, composta por estudantes de graduação, uma estudante de doutorado e uma professora, contribuiu com experiências e perspectivas individuais para a constituição temática da exposição, bem como para o desenvolvimento do projeto de curadoria e de expografia.

Na percepção museológica, “o termo exposição significa tanto o resultado da ação de expor, quanto o conjunto daquilo que é exposto e o lugar onde se expõe” (DESVALLÉES, MAIRESSE, 2013:42). As exposições artísticas são concebidas em torno de aspectos comuns desde sua criação até sua organização e realização: “a definição de um tema ou conteúdo conceitual; o roteiro ou a estrutura conceitual; a seleção dos objetos e suas associações; a elaboração de informações complementares; o desenho espacial da exposição e sua montagem” (BLANCO, 1999 apud RUPP, 2011:133).

O conteúdo conceitual é o ponto de partida, pois determina a sua intencionalidade. Nessa fase inicial, as escolhas devem ser conscientes, direcionando o trabalho de maneira adequada ao resultado esperado. A definição do tema da exposição “FACES da pandemia: memórias afetivas” teve influência inicial do projeto de iniciação científica desenvolvido por parte dos integrantes da equipe organizadora que tinha como objetivo a construção de um banco de imagens de faces brasileiras para o estudo das expressões faciais. O projeto buscou registrar, por meio de retratos fotográficos, diferentes expressões faciais provocadas por memórias afetivas e emocionais. Diante do isolamento social imposto pela pandemia da covid-19 e de seu impacto nos vínculos afetivos e emoções motivadas por experiências de confinamento, foi considerada a intenção de registrar, organizar e disseminar memórias individuais e coletivas deste período.

As mudanças ocasionadas pela pandemia da covid-19 impactaram de maneira drástica nas práticas cotidianas individuais e coletivas. Para além dos protocolos de segurança, o isolamento social provocou reflexões acerca da noção de individualidade, ao mesmo tempo em que re-

forçou o exercício diário da alteridade. A comunicação entre as pessoas tornou-se majoritariamente virtual, mediada pela tecnologia digital no ciberespaço, alterando as interações socioafetivas, trocando toques por likes, átomos por bits.

As medidas de confinamento geraram diversas consequências sociais e psicológicas como um aumento mundial no alto nível de desemprego e de casos de doenças como a depressão e a ansiedade. Setores do entretenimento foram seriamente afetados, influenciando a exibição, comercialização e distribuição de produtos artísticos durante o período. Artistas se reinventaram, museus e galerias atualizaram suas linguagens com o intuito de se aproximar, cada vez mais, do ambiente digital a fim de reforçar a fluidez na comunicação com seu público e facilitar a acessibilidade de suas obras no ciberespaço.

Diante dessa realidade, o projeto da exposição “FACES DA PANDEMIA: MEMÓRIAS AFETIVAS” surge como lugar de interlocução entre sociedade, arte e ciberespaço. A exposição procurou conectar diferentes histórias de vida, vivências e subjetividades do período da pandemia por meio de expressões artísticas diversas como registros fotográficos e audiovisuais, expandindo o tempo suspenso no confinamento entre quatro paredes em uma infinidade de janelas no mundo virtual. Como prática artística, se dispôs como um caminho de aproximação entre as pessoas por meio das artes visuais diante das incertezas de uma nova realidade.

A partir da definição do tema, questionamentos foram apresentados em torno do porquê da criação de uma exposição fotográfica e do registro de relatos de vivências pessoais e coletivas no contexto da pandemia. A construção do sentido conceitual da exposição deu segmento a discussões sobre quais memórias registrar e preservar, o porquê da necessidade de resgatá-las e qual a finalidade em construir uma história em torno dessas memórias delimitadas como objetos artísticos a serem expostos e compartilhados no ciberespaço.

O termo “faces” adquiriu um novo sentido, associado à necessidade de se registrar diferentes aspectos do período de isolamento social e as consequentes transformações subjetivas impostas pela pandemia. Fez-se necessário organizar e estruturar conceitualmente a temática principal, criando assim três categorias fotográficas: (In)visibilidade,

Figura 1. Categorias da exposição



Fonte: <https://facespandemia.wixsite.com/facesdapandemia>

(Des)encontros e (Dis)simulações (Figura 1). Os prefixos sugeridos nas nomenclaturas dos ensaios visaram reforçar e reconhecer o regime de dúvida, incertezas e inconstâncias com referência aos sentimentos e emoções gerados diante da situação pandêmica. O projeto proposto

pressupôs expandir, simbolicamente e virtualmente, o espaço restrito imposto pela quarentena. Cada ambiente ou categoria da exposição teve como objetivo resgatar perspectivas diversas do período do confinamento expostas em espaços de reflexão, de afetos e ressignificação.

Na primeira categoria, (In)visibilidade, buscou-se retratar a história individual e social de trabalhadores e profissionais de diversas áreas (saúde, educação, cultura etc.) atingidas diretamente pela pandemia da covid-19. Os ensaios fotográficos apresentaram uma roupagem de registro documental, tendo por intuito dar visibilidade às pessoas, articulando suas vivências pessoais e atividades profissionais. O ensaio coletivo nasceu da necessidade de chamar a atenção para a questão da desigualdade social e econômica que se tornou ainda mais discrepante durante o período de confinamento, marginalizando narrativas tão ricas e importantes nesse contexto. Esse ambiente se concretizou como um espaço de homenagem e agradecimento a todos aqueles que estiveram mais suscetíveis ou até mesmo se mantiveram na linha de frente do combate à covid-19. A categoria expõe 15 retratos e relatos, homenageando professores, profissionais da saúde, serviços básicos, estudantes e artistas.

A categoria (Des)encontros se fundamentou na valorização de vivências compartilhadas no ambiente familiar. As imagens expostas se debruçam sobre os elos afetivos reforçados pela convivência intensa durante o isolamento social. A proposta estética para a realização das

Figura 2. Fotografias da exposição.



Fonte: <https://facespandemia.wixsite.com/facesdapandemia>

fotografias sugeriu resgatar memórias de experiências domésticas deste período, semeando novas possibilidades de encontros afetivos por meio do fazer artístico. Fotógrafos foram convidados a aproximar suas câmeras de pessoas que estão coabitando, ressignificando os afetos em razão do simples ato de fotografar. O ensaio conta com 30 fotografias realizadas por 10 fotógrafos, acompanhadas de pequenas narrativas textuais sobre experiências cotidianas da pandemia.

A categoria (Dis)simulações procurou promover o potencial da arte fotográfica no enfrentamento do isolamento social em torno do uso criativo e artístico das máscaras faciais. É um testemunho do tempo presente. Os ensaios fotográficos propostos trazem imagens de pessoas usando máscaras de modos diferenciados. Esse objeto é um elemento simbólico no combate ao coronavírus, um vestígio de uma nova realidade diante do perigo e insegurança causada pela pandemia. Além de barreira protetora, a máscara dissimula emoções e limita as demonstrações faciais de afeto. A concepção artística da categoria explora perspectivas outras para se apreender esse acessório imprescindível na sobrevivência do novo mundo. Esse ensaio apresenta 16 imagens fotográficas complementadas por relatos pessoais.

Além das imagens fotográficas (Figura 2), a exposição apresentou a mostra audiovisual “Quatro paredes e uma janela” com a exibição de filmes de curta metragem realizados por estudantes do curso de Audiovisual da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília sobre experiências subjetivas do isolamento social. As narrativas audiovisuais produzidas tiveram como premissa a relação entre o espaço confinado do quarto e o mundo exterior. Os filmes exploram não somente as janelas presentes nos espaços domésticos, mas também as possíveis aberturas para o ciberespaço. A mostra disponibiliza 10 filmes de curtas metragens, entre narrativas documentais e ficcionais.

Após a concepção e estrutura conceitual, foi organizado o projeto de curadoria envolvendo a elaboração de um planejamento com o intuito de dispor visual e conceitualmente a mostra fotográfica proposta. Originado do latim *curator*, curador designa aquele que “possui a guarda, encarregado de cuidar e zelar”. Nas artes, o curador é a pessoa responsável pela análise, seleção, organização e manutenção das obras

de arte em museus ou galerias. Esse profissional segue critérios rígidos na organização de exposições de arte, sempre “comprometido com a história e a cronologia dos fatos que os objetos da coleção representam” (RUPP, 2011:136).

O projeto da exposição “FACES DA PANDEMIA” se edificou a partir de uma abordagem de curadoria mais próxima ao contexto contemporâneo caracterizado por aspectos distintos como a possibilidade de criação e a abordagem temática (RUPP, 2011:137). Por meio da criação artística, a “curadoria contemporânea tem a sutil capacidade de propor aos artistas elaborarem e executarem obras inéditas para as exposições, adequando-as ou não aos temas oferecidos” (ibidem). A partir desse entendimento, a equipe de curadoria fez a seleção e proposta à criação artística como uma forma de abordagem para a busca de objetos que pudessem comunicar a temática da exposição. Na categoria (In)visibilidades, primeiramente foram selecionadas as profissões a serem valorizadas, e, em seguida, as pessoas e histórias a serem registradas. Nas demais categorias, as curadoras realizaram o convite a artistas que vinham se utilizando de registros fotográficos para documentar suas vivências da pandemia. A maioria das fotografias foi selecionada de acordo com a abordagem temática, no entanto, alguns registros foram criados exclusivamente para as temáticas propostas.

Para a pesquisa e seleção das fotografias, foi realizada uma curadoria online que consiste em buscar fontes de informação e dados na internet, selecionando conteúdos direcionados para a proposta temática. Desse modo, portfólios em sites pessoais e perfis nas redes sociais foram um facilitador na escolha e seleção dos fotógrafos. Dentre as redes sociais, o Instagram foi a plataforma mais investigada pois trata-se, atualmente, do principal meio de divulgação de trabalhos fotográficos de artistas profissionais e amadores.

Para a montagem do projeto expográfico, foram convidados 26 artistas e selecionadas e/ou produzidas 60 fotografias, além dos relatos textuais e dos 10 filmes de curta metragem. Uma vez determinado o conteúdo temático e o material que comunicaria a intencionalidade conceitual, fez-se necessário ressaltar as conexões entre as obras escolhidas

por meio da organização e a concepção da montagem da exposição. A expografia proposta se apresentou como uma importante ferramenta de comunicação entre os criadores do conteúdo da exposição e o público pretendido.

Segundo a pesquisadora Ana Albani de Carvalho (2012), a intencionalidade da exposição somente se efetiva mediante a experiência e contato direto do público com a obra e com o espaço de exibição, ou seja, por meio da percepção das especificidades da composição criada, da espacialização adotada e dos elementos expográficos utilizados pelos curadores da exposição. A partir desse entendimento, o projeto de expografia da exposição “Faces da pandemia” foi efetivado a partir da definição do espaço de sua realização: o ciberespaço. A internet vem revolucionando a forma como as pessoas se relacionam com os espaços museológicos. Os museus e galerias estão presentes na rede mundial de computadores de diferentes formas, seja como divulgação de parte de seu acervo, seja estabelecendo novas perspectivas de apresentação de suas obras, seja por meio de formas criativas e inovadoras de interatividade com seu público.

Uma vez definido o domínio e servidor que hospedaria a exposição, a equipe organizadora privilegiou a criação da identidade visual do projeto com o intuito de comunicar e refletir a intenção da proposta conceitual. O desenho espacial da exposição levou em conta o tema central, a proposta conceitual de cada categoria, bem como a estrutura proposta pelo projeto curatorial. Por se tratar de uma exposição virtual disponibilizada em um sítio eletrônico específico, o estudo do desenho gráfico, cores e logomarca se revelaram como uma excelente ferramenta para facilitar a navegabilidade, possibilitando a visita do usuário de forma mais fluida e intuitiva.

A exposição se apresenta disponibilizada no site <https://facespandemia.wixsite.com/facesdapandemia> e compartilhada na rede social Instagram, no perfil @facespandemia. Assim, a mostra foi pensada e desenvolvida para plataformas no ciberespaço que possibilitassem interação acessível e diversa com seu público. O site e seu projeto expográfico foi um ato de criação coletiva, um recorte do tempo presente que possibilitou reunir a pluralidade de histórias, a vontade de comunicar

e a urgência de ressignificar os espaços de afeto nesse conturbado momento de pandemia.

O resgate das memórias individuais e coletivas é de suma importância para a construção do processo histórico, uma vez que, “mais do que lembrar o que foi vivido, a narrativa histórica transmite valores e visões de mundo e ajuda a compreender o que se vive hoje e o futuro que se deseja” (LOPEZ, 2008: 16). Esse caráter de manutenção e reafirmação da memória é necessário, uma vez que entendemos que a memória não é estática ou permanente, ela é construída mediante experiências e espaços de interação.

A proposta artística da exposição “FACES DA PANDEMIA: MEMÓRIAS AFETIVAS” atuou na construção e preservação de memórias e experiências do contexto pandêmico, por meio da socialização de fotografias, filmes e relatos de diferentes artistas, ressaltando o potencial das artes visuais no enfrentamento do isolamento social. A exposição em si possibilitou a expressão dessas histórias em diferentes formatos e linguagens, a fim de proporcionar diferentes modos de visualizar e pensar a arte, bem como interpretar essas memórias coletivas do ponto de vista artístico e social.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, A. M. A. *A exposição como dispositivo na arte contemporânea: conexões entre o técnico e o simbólico*. *Museologia & Interdisciplinaridade*, Brasília, v.1, n°2, p. 47-58, jul./dez. 2012.
- DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. (Eds). *Conceitos-chave de museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: ED.34, 1999.
- LOPEZ, Immaculada. *Memória social: uma metodologia que conta histórias de vida e o desenvolvimento local*. São Paulo: Museu da Pessoa: Senac São Paulo, 2008.
- OLIVEIRA, E. D. G. *O museu no Instagram: arte, exposição e a visibilidade de práticas museológicas*. *Museologia & Interdisciplinaridade*, Brasília, v. 9, n° Especial, p. 103-131, dez. 2020.
- RUPP, B. *O curador como autor de exposições*. *Revista-Valise*, Porto Alegre, v.1, n° 1, p. 131-143, jul. 2011.

Profa. Denise Moraes Faces da Pandemia: memórias afetivas (FAC/UnB) – Possui doutorado (2015) e mestrado (2005) em Comunicação pela Universidade de Brasília, graduação em Cinema e Audiovisual pela Universidade Paris VIII (1996), e graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília (1992). É professora doutora no curso de Audiovisual da Faculdade de Comunicação, na Universidade de Brasília, onde também desenvolveu sua tese de doutorado "Cinema de ficção contemporâneo e modos de habitar transitórios". Sua pesquisa se centraliza em modos de habitar representados em filmes de ficção de diferentes nacionalidades inseridos em um contexto de imaginário diante das problemáticas do mundo urbano, buscando estabelecer um diálogo entre Cinema e Arquitetura.

A IMPORTÂNCIA DO NITCDT/ UNB: CIÊNCIA, ÉTICA E INOVAÇÃO NA PANDEMIA DA COVID-19

*Autores: Tânia Cristina Cruz
Marileusa D. Chiarello*

ÉTICA, CIÊNCIA E INOVAÇÃO

DA ÉTICA

La ética, no es otra coisa que la reverencia por la vida.

Albert Schweitzer (1965)

A ética é compreendida como o estudo dos efeitos das ações humanas na vida em comunidade. A forma como nos relacionamos com os outros⁶⁸, a forma como trabalhamos no nosso ambiente de trabalho, as indagações

68 Segundo Cortella (2009:102), a ética é o que marca a fronteira da nossa convivência. [...] é aquela perspectiva para olharmos os nossos princípios e os nossos valores para existirmos juntos [...] é o conjunto de seus princípios e valores que orientam a minha conduta.

que lançamos em um projeto político para o país. É no âmbito da ética que analisamos os procedimentos e descobertas científico-acadêmicas e para qual fim destinar essa produção e como usaremos esse conhecimento e as validações científicas, pois os seus desdobramentos, quer sejam positivos ou deletérios, tem consequências na nossa vida em sociedade.

Desde meados do século 18 que vimos na relação ciência e tecnologia (esta como um componente aplicado da ciência) a construção de um mundo em que os limites humanos seriam todos supridos e caminharíamos com justiça social, igualdade e liberdade para todos. Todavia, a ciência em si não é imparcial e não é isenta de ideologia na concepção de um produto ou saber. Boaventura de Sousa Santos (2002:70) sugere o nome de pós-modernidade para caracterizar o período de transição decorrente da crise do paradigma cultural da modernidade, por não ter cumprido parte das suas promessas ou tê-las executado sem diálogos multiculturais, o que nos fez herdar vários problemas sociais contemporâneos, em escala local e global (crise energética, crise hídrica, esgotamento de vários recursos naturais, agravamento da fome no mundo, colapso climático etc.). É por isso que Boaventura se dedicou a falar nos últimos anos sobre conhecimento prudente e vida decente e que ambos são indissociáveis do campo epistemológico e político⁶⁹.

Por isso, a ciência, ao fazer uma descoberta (ou melhorar uma cadeia produtiva, inovar em uma prestação de serviço ou remodelar um produto), necessita que suas aplicações e desdobramentos sejam levantadas e

69 Boaventura defende, em diferentes escritos, esta indissociabilidade, a partir da premissa de que não há e não haverá justiça social sem justiça cognitiva. Nesse sentido, desenvolve uma argumentação importante para a reflexão curricular e ao enfrentamento dos problemas relacionados às formas perversas de exclusão promovidas por uma estrutura (científica e escolar monocultural), classista e sexista, na qual são cognitiva e socialmente “injustiçados” alunos (povos, comunidades) e conhecimentos destoantes do padrão dominante. A crítica a essa escola oficial – que sabemos um modelo jamais encontrado em realidades cotidianas, mas cuja força reside em se erigir como regra, tornando desvio aquilo que não lhe corresponde – precisa, portanto, não dissociar o político do epistemológico. Um novo paradigma não pode ser apenas científico, precisa ser, também, social. Ou seja, o paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente (OLIVEIRA, 2012:15).

alinhadas ao horizonte moral que as sustenta. Enquanto a ética levanta, por exemplo, questões relativas às aplicações e consequências oriundas da ciência para a sociedade, a moral avalia por meio de filtros sociais as ações e decisões tomadas por um ente consciente que as concebeu para um determinado fim. Em linhas gerais, refere-se às regras de conduta que são aplicados a determinado grupo, em determinada cultura⁷⁰.

A relação ciência e ética é antiga e complexa e perpassa todos os seus campos disciplinares. Por exemplo, os avanços no campo da genética, no último século, foram um dos grandes passos que as ciências biológicas e biomédicas alcançaram, mas muitas questões são levantadas em relação a esse procedimento: quais as consequências dessa técnica nesses seres vivos? Ao manipular material genético de outros animais, não estaríamos ultrapassando uma fronteira ética? Em se tratando de formas de vida, que demandaram milhares de anos para naturalmente serem desenvolvidas, quais os limites da ação científica?

70 Entende-se como moral a escala de valores de cada pessoa, voltada ao direcionamento daquilo que é certo ou errado (justo ou injusto), de acordo com seu conhecimento adquirido, de modo a orientar as suas deliberações. Tal abordagem da moralidade é amplamente subjetiva e, assim, variável no espaço e no tempo, porquanto diz respeito às opiniões de determinada pessoa acerca do que é correto ou incorreto de se fazer, de acordo com a carga axiológica que adquiriu até o momento. [...] Nessa linha de raciocínio, os dois institutos (ética e moral) dizem respeito ao direcionamento do que deve ou não ser feito, de acordo com a aferição axiológica daquilo que é correto e incorreto (justo ou injusto), com vistas a limitar a capacidade de deliberação, na medida que tendem a restringir certas condutas ao classificá-las como negativas, indignas, indevidas ou inadequadas. Porém, enquanto a Moral revela uma apreciação individual acerca do que é certo ou errado, a ética representa a convergência de tais parâmetros de correção para um determinado grupo, maior ou menor, mediante um diálogo consensual construído ao longo do tempo, ou mesmo por meio da imposição de alguma força social prevalecte no respectivo agrupamento.

ÉTICA NAS ORGANIZAÇÕES E NA SOCIEDADE: A FUNÇÃO SOCIAL DAS UNIVERSIDADES E DA CIÊNCIA.

As universidades e os centros de pesquisa são os principais lugares onde a ciência se encontra em franco desenvolvimento. Compartimentada em cursos de graduação, pós-graduação (cursos lato sensu – especializações, mestrados e doutorados), é onde grandes pesquisas são conduzidas, professores são treinados para a docência e estudantes são preparados para o mercado de trabalho.

No século XXI, a humanidade enfrenta um dos seus maiores desafios sanitários que é a pandemia da covid-19⁷¹. Em poucos meses, um arsenal

71 Apresentada ao mundo no final de 2019, a covid-19 é a uma nova variação do coronavírus, uma família de vírus que causa infecções respiratórias. Originada na cidade de Wuhan, na China, a doença se espalhou rapidamente por várias regiões do país por seu rápido contágio. Em questão de dias, o país entrou em estágio de atenção por conta do número crescente de doentes, chegando a parar a produção de fábricas e colocando cidades inteiras em quarentena — algo até então inimaginável de se acontecer na industrial China, um país famoso por exportar toda a sorte de produtos e equipamentos - Passado um ano, o Brasil tem mais de 275 mil mortos e de 13 milhões de casos de covid-19 e vê seus números continuarem a crescer - apesar de estarem desacelerando em algumas outras partes do mundo. Ao mesmo tempo, porém, médicos e cientistas coletaram uma enorme quantidade de evidências a respeito do novo coronavírus, como ele se transmite e como podemos enfrentá-lo com mais eficácia (Trecho extraído na íntegra de: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56201178>. Acesso em: 10 mar. 2021).

Curiosamente, no Brasil, apesar de todo o trabalho das cientistas e dos cientistas, enfrentamos uma fase de “negacionismo” dos feitos da ciência corroborados pelo atual governo do presidente Jair Bolsonaro (Sem Partido). Este governo (hoje sem partido, mas eleito pela legenda do PSL em outubro de 2018) está pautado por questões que colidem com toda a prática científica ética e racionalmente estruturada: sabemos que biólogos, infectologistas e outros pesquisadores estão dedicados a entender a ecologia e a ação patogênica do coronavírus, a achar uma medicação eficaz e a descobrir uma vacina para controlar a pandemia da covid-19. Porém, até esse momento, o isolamento social, aliado a outras medidas como aumento de leitos, UTI e respiradores nos hospitais, aumento de testes, medidas de higiene e saneamento constituem-se no melhor modo de prevenção contra a pandemia. Com quase a metade da população vivendo na informalidade, desemprego e precariedade, não parece fácil impor o isolamento sem criar, ao mesmo tempo, redes socioeconô-

de pesquisas e trabalhos conjugados simultaneamente nos permitiu, em pouquíssimo tempo, saber sobre os possíveis tratamentos para os casos mais graves, como é o desenvolvimento da doença, quais as faixas etárias com maior predisposição, quais os grupos de morbidades com maior incidência, como é a transmissão e os melhores meio de prevenção num fluxo contínuo de compartilhamento de conhecimento com pesquisadores do mundo inteiro. Com vários pesquisadores debruçados em pesquisas, com seus primos SARS⁷² e MERS⁷³, o trabalho se encontrava em estágio avançado e num prazo curto temos a única solução funcional contra a COV1D9: uma vacina. Com a parceria de universidades e iniciativa privada conseguimos inovar nessa tecnologia e entregar para a sociedade uma solução para nos retirar da situação crítica da saúde mundial.

O compromisso da ciência é com o desenvolvimento da humanidade. Dados publicados nas mais diversas revistas especializadas eletrônicas atestam a eficácia e segurança das vacinas apresentadas ao mundo nos últimos meses. Em um contexto de desinformação, de descrença nas instituições, de descrédito político e de lideranças incompetentes é crucial um alinhamento das informações certificadas para um engajamento coletivo nessa empreitada. Ninguém é uma ilha. Vivemos em grupo e em uma cadeia de longa transmissão, ou seja, ao se imunizar coletivamente o contágio dos grupamentos humanos diminui.

micas de proteção compensatórias. Mesmo que governadores de diferentes estados de Brasil tenham tentado adotar medidas de isolamento, a falta de coordenação do governo federal, a falta de diretrizes comuns, o jogo de informações cruzadas e contraditórias serviram de estímulo para desistir do isolamento e restringiram as possibilidades de controle. Existem imensas dificuldades que devemos enfrentar hoje, particularmente no Brasil, para construir uma política de gestão da pandemia que respeite os direitos humanos aceitando as necessárias restrições impostas pelo isolamento (Trecho extraído na íntegra de: CAPONI, SANDRA. Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. *Estud. av.* [online]. 2020, vol. 34, n. 99. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em 02 mar. 2021.

72 Síndrome Respiratória Aguda Grave

73 Síndrome Respiratória do Oriente Médio

ÉTICA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

As células HeLa⁷⁴ fizeram parte de pesquisas sobre os genes que causam câncer e daqueles que o suprimem. Ajudaram a desenvolver remédios para tratamento de herpes, leucemia, gripe, hemofilia e mal

74 As linhagens de células são muitas vezes nomeadas em homenagem às pessoas de quem elas foram originalmente derivadas. HeLa vem das duas primeiras letras do nome e sobrenome Henrietta Lacks. Henrietta era uma mulher negra americana, mãe de 5 filhos, que aos 31 anos foi diagnosticada com um tumor maligno no útero. O ano era 1951, naquela época não havia muitos tratamentos eficientes para a doença e os hospitais diferenciavam as alas para atendimento a brancos e negros. Ela recebeu tratamento médico, mas pouco tempo depois faleceu em decorrência da doença. Durante o tratamento de Henrietta, uma amostra de suas células cancerosas foi retirada durante uma biópsia. Essas células foram então enviadas ao laboratório de tecidos do Dr. George Gey. Durante anos, o Dr. Gey, um pesquisador de câncer e vírus, coletava células de diversos pacientes que eram atendidos no hospital Johns Hopkins, mas as amostras morriam rapidamente no laboratório. No entanto, ele descobriu que as células de Henrietta eram diferentes das outras. Ao invés de morrer, as células se multiplicavam e seu número dobrava a cada 24 horas. As células HeLa foram as primeiras células humanas a sobreviver in vitro. Para desenvolver novos medicamentos sem arriscar a vida de pacientes é preciso entender como a doença se desenvolve e de que maneira isso pode afetar as células. Assim, para repetir experimentos e comparar o resultado dos estudos é necessário criar grupos enormes de células idênticas, capazes de se duplicar fidedignamente por anos. Como as células normais têm uma morte rápida fora do organismo, os resultados precisariam ficar prontos antes que a cultura de células morresse. Antes das células HeLa isso não era possível, as pesquisas eram trabalhosas e demoravam muito mais tempo para serem concretizadas. Diversos pesquisadores trabalhavam para encontrar uma forma de fazer com que as células permanecessem vivas por tempo suficiente para realizar os experimentos. Afinal, passava-se muito mais tempo tentando manter as células vivas do que efetivamente realizando os procedimentos. Este era o objetivo do Dr. George Gey naquela época. Apesar de serem cancerosas, as células HeLa ainda compartilham muitas características básicas com células normais. Elas produzem proteínas, expressam e regulam genes, comunicam entre si e são suscetíveis a infecções. Assim, é possível utilizá-las para estudar não apenas o câncer, mas também as funções básicas desempenhadas por todas as células humanas. Desde a sua criação, a linha de células HeLa foi usada de diversas formas e até ajudou a encontrar campos inteiros de estudo. Trecho extraído na íntegra de: <https://kasvi.com.br/hela-celulas-imortais-legado-ciencia/>. Acesso em: 20 fev. 2021.

de Parkinson e têm sido usadas, desde meados de 1950, para estudar a digestão da lactose, infecções sexualmente transmissíveis, apendicite, longevidade humana, acasalamento dos mosquitos e os efeitos celulares negativos de trabalhar em esgotos. Seus cromossomos e proteínas foram estudados com tamanho detalhe e precisão que os cientistas conhecem cada uma das suas peculiaridades e as chamam de células infinitas (SKLOOT, 2011).

Outras conquistas com essas células também foram permitidas, como a exposição à radiação nuclear para estudar os seus efeitos e como seria possível uma reversão após os danos causados. As células Hela também foram usadas em testes de produtos cosméticos, de modo que se pudesse evitar testes em animais.

Com a descoberta dessas células e o seu cultivo em larga escala, a ciência conseguiu dar saltos qualitativos imensos, como a ida do homem ao espaço:

Quando os primeiros seres humanos entraram em órbita, as células de Henrietta foram junto, para que os pesquisadores pudessem estudar os efeitos das viagens espaciais bem como as necessidades nutricionais das células no espaço e o modo como células cancerosas cresceriam normalmente em órbita. As células Hela tornavam-se mais poderosas, dividindo-se mais depressa em cada viagem (SKLOOT, 2011:181).

Apesar dos ganhos humanitários e científicos no cultivo das células Hela *in vitro* (com pesquisas que iam desde tratamentos estéticos a monitoramento dos efeitos de bombas nucleares no organismo humano, passando pelo monitoramento de como as células Hela reagiriam em um ambiente de gravidade zero [elas foram utilizadas para se entender o impacto da gravidade zero no corpo humano]), em nenhum momento foi formalizado com Henrietta Lacks (que também era negra) e sua família sobre os usos das células retiradas do tumor que sucumbiu com a vida de Henrietta, ainda que para fins científicos. Significa dizer que os prestígios dos pesquisadores, as conquistas medicinais, bem como o reconhecimento do mercado e dos consumidores da saúde nunca foram partilhadas com a família de Henrietta Lacks. O médico que tomou a

decisão de retirar partes do câncer cervical, o fez sem o consentimento da sua paciente ou da sua família: "As células de Henrietta continuavam vivas e foram extraídas, compradas, vendidas e usadas em pesquisas sem conhecimento da própria Henrietta ou da família" (SKLOOT, 2011:145).

Atualmente, nos projetos de pesquisa e nos experimentos científicos, há a necessidade de consensualidade entre o objeto de pesquisa e o pesquisador, ou seja, o participante precisa estar ciente do uso daquela informação que ele está concedendo e quais as implicações para si mesmo. Se o paciente ou voluntário da pesquisa não concede as informações, então seus dados não devem/não podem ser publicados em meios digitais ou impressos e sua identidade deve ser preservada.

Para além dos ativos inovadores que as células Hela propiciaram para toda a humanidade, a postura do médico e de toda a cadeia daqueles que se beneficiaram indiscriminadamente delas, colocou-se em xeque a ética científica e como esta deveria ter se colocado naquele momento, mesmo com todos os ganhos científicos (que até então eram incalculáveis)⁷⁵.

Não há dúvidas de que a inovação dá suporte a novas formas de agir, de decidir e de produzir valores. Gebler (2007) apud Passos (2017: 64-65) nos aponta que há uma forte relação entre empresas inovadoras e empresas éticas:

75 Situação parecida e totalmente reprovável se repetiu em 1954, em um hospital com uma paciente (SKLOOT, 2011, p. 169): um pesquisador encheu uma seringa de solução salina misturada com células Hela. Inseriu agulha no antebraço de uma mulher que recentemente havia sido hospitalizada com leucemia, depois pressionou o êmbolo, injetando cerca de 5 milhões de células de Henrietta Lack em seu braço. Usando uma segunda agulha, o pesquisador tatuou um ponto minúsculo de tinta nanquim perto do pequeno inchaço que se formou no local da injeção. Assim saberia onde olhar quando reexaminasse a mulher dias, semanas e meses depois, para ver se o câncer de Henrietta estava crescendo no braço dela. Repetiu o processo com cerca de uma dúzia de outros pacientes com câncer. Informou-lhes que estava testando seus sistemas imunológicos. Não revelou que estava injetando células malignas de outra pessoa. Em termos morais a atitude do pesquisador, em não revelar qual substância estava sendo injetada no organismo do paciente, revela a falta de empatia, transparência e humanidade, já que as consequências no corpo dos seus pacientes poderiam ser imprevisíveis e até mesmo deixar sequelas (por mais patriótico e cientificamente promissor que esse experimento fosse).

Empresas que procuram um, muito provavelmente procurarão outro. Porque os valores Críticos de respeito, transparência e confiança são protegidos encorajados e recompensados. Estas organizações são flexíveis e dispostas a tomar riscos, elas consideram as ideias e opiniões dos empregados e procuram criar um clima onde todos sintam que a sua voz é ouvida. Para poder fazer florescer valores como respeito e confiança os líderes devem prestar contas, a eles próprios e aos outros (Gebler, 2007). Segundo este autor, os comportamentos específicos que ligam a ética a inovação e produtividade, devem ser encorajados, pois levam à confiança dentro da organização. [...] A inovação e produtividade só podem ser alcançadas quando as pessoas criativas se sentem seguras num ambiente de trabalho ético onde as suas ideias são ouvidas e respeitadas. Seja encorajando um novo design de produto ou novos processos para fazer o workflow mais eficiente. As pessoas criativas precisam de sentir que as suas contribuições valem a pena e que são valorizadas por isso (PASSOS, 2017:61).

Em linhas gerais, o que queremos frisar é o seguinte: a inovação, baseada em princípios éticos, é o grande motor de qualquer empresa e sociedade, porque agrega em só um modelo organizacional a criatividade, a geração/entrega de valor e o reconhecimento dos seus colaboradores.

A IMPORTÂNCIA DO NITCDT/UNB: INOVAÇÃO COM ÉTICA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

No Brasil as políticas de gestão e incentivo à inovação vêm sendo implementadas por meio de ambientes de inovação, entre eles, os Núcleos de Inovação Tecnológica (NITs), que têm como missão garantir que os conhecimentos desenvolvidos nas ICTs sejam geridos de forma adequada para que ocorra a transferência de tecnologia entre agentes, empresas e universidades (SOUZA, 2011; FERREIRA; TEIXEIRA, 2018)⁷⁶. A crise

76 Os chamados Núcleos de Inovação Tecnológica (NITs) são estruturas instituídas por uma ou mais Instituição Científica, Tecnológica e de Inovação (ICTs), com ou

causada pela pandemia da covid-19 trouxe à tona a importância do estoque de conhecimento científico e tecnológico e de empresas e redes de pesquisa pública e privada mobilizáveis, como elementos estratégicos para a solução rápida de problemas do país.

Na UnB, a promoção da inovação conta com a estrutura do NITCDT/UnB (Núcleo de Inovação Tecnológica do Centro de Desenvolvimento Tecnológico da Universidade de Brasília), que é uma unidade do Decanato de Pesquisa e Inovação - DPI da Universidade de Brasília. Tem 34 anos de atuação em PD&I e desde 2007 é o Núcleo de Inovação Tecnológica da UnB (Ato da Reitoria nº 882/2007), instância responsável pela proteção da propriedade intelectual, pela transferência de tecnologia e pelo empreendedorismo, conforme prevê a Lei de Inovação (Lei 13.243/2016).

O NITCDT/UnB é um grande incentivador da inovação tecnológica no Brasil. Apoiar a pesquisa e o desenvolvimento do empreendedorismo, além de fortalecer os laços existentes entre a Sociedade, Empresas e o Governo. As atividades são estabelecidas a partir de quatro eixos de atuação: Ensino, Pesquisa e Difusão do Empreendedorismo; Transferência e Comercialização de Tecnologias; Desenvolvimento Empresarial; e Cooperação Institucional: Universidade – Empresa – Governo – Sociedade⁷⁷.

Um Centro tão antigo para a Universidade guarda histórias marcantes e passou por diversas transformações ao longo dos seus anos de existência. Sua fundação se deu em 1986. Na época o Centro não era de

sem personalidade jurídica própria, que tenha por finalidade a gestão de política institucional de inovação e por competências específicas previstas na Lei nº 13.243, de 11 de janeiro de 2016. São setores que tem como finalidade gerar as políticas de inovação e empreendedorismo, auxiliando na promoção, a utilização do conhecimento e o uso de novas tecnologias oriundas de universidades e institutos de pesquisa (COSTA, 2013; BRASIL, 2016; FERREIRA; TEIXEIRA, 2016).

77 Vale ressaltar que o NITCDT se denominava, antes da publicação do Ato da Reitoria nº 0546/2020 (o qual alterou a estrutura organizacional do DPI), Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico (CDT). Como permaneceu como CDT por muitos anos, grande parte da comunidade acadêmica e externa prefere essa sigla. Apesar disso, com o advento da norma outros passaram a chamá-lo simplesmente de “NIT”.



fato um “Centro”, mas um sonho que se tornava realidade pouco a pouco em pequenas salas da Faculdade de Tecnologia (FT).

Quando de sua fundação evidentemente o CDT não era o NIT da UnB, até porque a Lei de Inovação, que determina a criação dos NITs no âmbito das Instituições Científica, Tecnológica e de Inovação (ICTs), ainda não havia sido publicada. Apesar disso, dada a necessidade de integrar o meio acadêmico com o empresarial e a existência de um setor que fizesse a proteção e gestão dos ativos de propriedade intelectual, bem como realizasse a transferência dessas tecnologias para o mercado/sociedade, as atividades iniciais do CDT já contemplavam esses eixos de atuação.

O CDT contou com cinco diretores ao longo da sua história, promoveu e participou de eventos anuais como a Feira de Negócios e Inovação, a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia e a Campus Party. Criou o Programa Multincubadora de Empresas (1989), o Programa Empresa Júnior (1993), o serviço Disque Tecnologia (1994), a Escola de Empreendedores (1995), o Núcleo de Propriedade Intelectual - Nupitec (1999), o Laboratório de Inovações Tecnológicas para Ambientes de Experiência - ITAE (2005), dentre outros programas. O



Figura 4 – Stand da UnB na Semana Nacional de
Ciência e Tecnologia (SNCT) - 2020
Fonte: Arquivo PCTec

Centro também ganhou o prêmio incubadora do ano (1999), o prêmio IEL de Interação Universidade (2000), o prêmio FINEP de Inovação Tecnológica (2006), o prêmio FINEP de Inovação Tecnológica Centro-Oeste (2009), o prêmio Programa de Incubação e Aceleração de Impacto (2018), entre outros.

Sendo o CDT o NIT que também atua como um Centro multidisciplinar nas áreas de ensino, pesquisa, extensão, proteção da propriedade intelectual, transferência de tecnologia e empreendedorismo, é essencial para a Universidade, sobretudo na pandemia da covid-19, a valorização do Centro e a divulgação de suas atividades.

Durante a pandemia, o CDT continuou executando suas atividades remotamente e promoveu eventos virtuais como a Semana Universitária CDT 2020 e cursos de extensão, tais como “Educação Empreendedora na formação docente”, “Educação Empreendedora e Modelos de Negócio:

Projetos de Inovação para promover o desenvolvimento sustentável do território” e “Conexões entre Tecnologia Social e Objetivo de Desenvolvimento Sustentável/ODS no apoio a Empreendimentos Econômicos Solidários”.

Já neste ano de 2021, a Multincubadora de Empresas do NITCDT/UnB, inovou na qualificação técnica empreendedora para o desenvolvimento da modelagem de ideias de negócios socioambientais em estágio inicial dos participantes no Programa IDEIAZ, uma parceria entre o Sebrae e a Anprotec. Em seleção nacional, o Programa credenciou a Multincubadora como um dos quinze mecanismos de promoção de inovação com impacto socioambiental. A qualificação empreendedora, totalmente desenvolvida em sistema remoto, para atender às normas sanitárias ditadas pela pandemia da covid 19, contou com três passos importantes: a) primeiramente a estruturação da equipe com perfil multidisciplinar que entendeu a importância do acompanhamento do processo evolutivo do programa, que adotou a abordagem de acolhimento afetivo, ou seja, transformando os atendimentos em espaços personalizados por meio da escuta qualificada. A tomada de decisão veio no atendimento do momento pandêmico, no qual foi percebida a necessidade de aproximação para o empoderamento do empreendedor social, que é o perfil que se veste das causas de seu território em busca da solução, que se transforma numa oportunidade de negócios, diante de um cenário incerto; b) segundo a adoção de “Trilha Metodológica” composta de ferramentas, métodos e processos convencionais de incubação não presencial, porém numa adaptação de linguagens para os perfis atendidos, onde a utilização do “Modelo C” traz uma nova abordagem para o campo dos Negócios de Impacto Socioambiental no Brasil; c) e terceiro a aproximação da questão da Propriedade Intelectual envolvida na construção da modelagem, trazendo a importância da transformação dos ativos intangíveis em ativos e a devida forma de proteção.

Com o intuito de contribuir para a animação do Ecossistema de Inovação do Distrito Federal e contribuir para a superação dos desafios impostos pela pandemia, o NITCDT/UnB, ancorado pelo seu núcleo CEDES/CDT-UnB (Coordenação de Empreendedorismo, Desenvolvimento Empresarial e Social) por meio da célula Multincubadora de Empresas

(NME/UnB) participa das atividades do Cocreation Labs DF. O projeto Cocreation Lab DF surge como um modelo pioneiro de integração e incentivo ao empreendedorismo do Distrito Federal. Composto pela Metodologia TXM, a proposta de implementação foi destaque no Edital 03/2019 da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF), compondo o ranking de propostas vencedoras no Chamamento Público para Celebração de Termos de Fomento com Organizações da Sociedade Civil. No contexto supracitado, a iniciativa foi selecionada para receber recursos e efetivar ações na região. Nessa conjuntura, estão sendo instalados quatro laboratórios criativos de ideação e pré-incubação, no Distrito Federal, em seu conjunto nomeados como “quadrilátero da inovação”. A localização das estações de cocriação foi pensada de modo estratégico, no Plano Piloto, no Gama, em Samambaia e em São Sebastião. Um dos polos do Cocreation Labs DF está instalado no espaço do NITCDT. Em função do quadro pandêmico, as atividades dos polos também são não presenciais, até o momento. O projeto é uma parceria entre a Universidade de Brasília (UnB), o Instituto Federal de Brasília (IFB) e a Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos - Finatec.

Uma outra contribuição muito importante do NIT/UnB foi a participação no *COPEI - Comitê de Pesquisa, Inovação e Extensão de combate à covid-19* da UnB. Criado pelo Ato da Reitoria n. 1068/2020, tem o objetivo de planejar, sistematizar e buscar viabilizar a execução de ações institucionais de pesquisa, inovação e extensão visando ao enfrentamento, no Distrito Federal e no Brasil, da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus. O Comitê atua por meio da indução de projetos e a partir da análise de propostas provenientes das unidades acadêmicas e administrativas da Universidade de Brasília. Também busca parcerias entre a Universidade e instituições públicas e privadas, e demais interessados, para auxiliar a viabilização das propostas aprovadas nas Chamadas Prospectivas. As ações do Copei estão em consonância com as orientações do Comitê Gestor do Plano de Contingência da Covid-19 da UnB (Coes). Além da participação direta nos processos prospectivos do COPEI, o NITCDT também apoiou pesquisadores envolvidos com

a temática da covid-19, fazendo a proteção da propriedade intelectual de seus produtos tecnológicos por meio do NUPITEC (Núcleo de Propriedade Intelectual) da CITT/NITCDT (Coordenação de Inovação e Transferência de Tecnologia).

Importante frisar que o NITCDT/UnB vem produzindo – como respostas aos desafios implantados pela pandemia da covid-19 – tanto inovação tecnológica como inovação social. Além da inovação em produto, processo, marketing ou serviço, utilizada pela maioria das empresas, a “inovação social” (que, na prática, já ocorre há muito tempo, mas o uso do conceito é mais recente) tem se tornado cada vez mais relevante à medida que os desafios socioambientais ficam mais complexos (vis-à-vis a Agenda 2030 e os 17ODS). Inovação social é uma nova solução para um problema social. Uma solução mais efetiva, eficiente, sustentável ou justa do que as soluções já existentes, e que, prioritariamente, gere valor para a sociedade como um todo ao invés de beneficiar apenas alguns indivíduos. (Stanford Social Innovation Review apud BUSSACOS; 2021)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um momento em que uma crise global se instalou e a pandemia tornou-se realidade pujante, é preciso dizer que a universidade brasileira não parou e também tomou para si o desafio de pensar as necessidades e consequências da crise em saúde coletiva que estamos vivendo.

A função ética e social da universidade ficou clara e esta não se furtou a responder às demandas que nos foram postas. As universidades também se viram obrigadas a repensar suas atividades: suspendendo ações, numa primeira fase, revendo sua relação com as suas múltiplas atividades e a educação presencial, num segundo momento; viram a demanda pelo uso e pelo suporte da educação não presencial aumentar de forma para a qual não estavam preparadas (HODGES et al., 2020). As instituições que responderam mais rapidamente e que conseguiram instituir, de forma massiva, práticas teórico-metodológicas de e-learning, de ensino remoto – nos níveis de graduação e pós-graduação – foram as que já haviam, anteriormente, instituído tais práticas. Neste cenário

a UnB já era pioneira, vindo de uma atuação com mais de 50 polos de educação EaD/remota espalhados por todo país.

Fato é que o papel das universidades se mostrou mais relevante do que nunca. A nós coube reconectar ciência, a tecnologia e a inovação às entregas sociais e de ordem ética da sociedade brasileira. Em um primeiro momento, as aulas foram interrompidas, mas as agendas de pesquisa e extensão seguiram aguerridas, pois o país não podia esperar. Vivemos em um lastro social extremamente desigual e um dos papéis da universidade brasileira é contribuir para diminuir essa condição.

Por fim, destacamos que a Universidade de Brasília, por meio do seu NITCDT, contribuiu com três importantes ativos, no quadro de ações e reações à crise da covid-19: i) trabalhou pela divulgação correta de informações e conteúdo (formou conselhos e colegiados específicos para atuação na pandemia – como o COPEI/UnB); ii) buscou integrar as atividades remotas às demandas da comunidade (atendimento aos alunos que não possuíam internet e computador; monitoramento de novos negócios de impacto social e ambiental;) e, por fim, iii) uma nova forma de apresentar seus produtos à sociedade, busca de novos públicos e novos focos de atuação.

Tudo isso, para firmar que a tríade ciência, inovação e ética (ou inovação universitária) existe para promover a justa relação entre desenvolvimento humano e tecnologia, de modo que se garanta o lugar fundamental da pessoa como centro da ação universitária. Os valores humanos e a formação integral das pessoas são princípios fundamentais da ação formativa da universidade.

REFERÊNCIAS

- BIRCHAL, Telma de Souza. *Ciência, Ética e Sociedade: Regulação da prática científica*. Caderno CRH, Salvador, V.25, n.spe 02, p.161-167, 2012;
- BONDARIK, Roberto; PILATTI, Luis Alberto; DE FRANCISCO, Antonio Carlos. *Ética managerial: a ética nas organizações empresariais*. Journal of Technology Management & Innovation, v. 1, n. 5, p. 69-75, 2006;
- BUSSACOS, H. Impact HUB, Disponível em: <http://brasilia.impacthub.net/>, Acesso em: 01 set.2021;
- COSTA, Carolina O. Martins. *Transferência de Tecnologia Universidade-Indústria no Brasil e a Atuação de Núcleos de Inovação Tecnológica*. 2013. 51 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Escola Politécnica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- CORTELLA, M. S. *Qual é a tua obra? Inquietações, propositivas sobre gestão, liderança e ética*. Petrópolis: Vozes, 2009;
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *Contribuições de Boaventura de Sousa Santos para a reflexão curricular: princípios emancipatórios e currículos pensados praticados*. Revista e-curriculum, v. 8, n. 2, p. 1-22, 2012;
- HAICKEL, Graças Mariel. S, VELOSO, Ronaldo; *S.CRISPR e embriões: um crime molecular*. Boletim PETbio UFMA/nº 47/ Março de 2019;
- HODGES, C. et al. The difference between emergency remote teaching and online learning. Educase Review, Boulder, 27 mar. 2020;
- IKEDA, J.C; SMOLAREK, B; (2015) *O uso de animais em experimentos com fins científicos ou estéticos e a tutela jurídica dos animais*. Disponível em: <https://www.fag.edu.br/upload/contemporaneidade/anais/55954b-537f1d4.pdf>; Acesso em: fev. 2021;
- LI, Jing-ru et al. *Experiments that led to the first gene-edited babies: the ethical failings and the urgent need for better governance*. Journal of Zhejiang University-SCIENCE B, v. 20, n. 1, p. 32-38, 2019;
- MATOS, O. C. F. *A escola de Frankfurt: luzes e sombras do iluminismo*. São Paulo: Editora Moderna, 1993 (Coleção Logos).

- MINEIRO, A. A. da C. et al. *Da hélice tríplice a quántupla: uma revisão sistemática*. Revista Economia & Gestão, Belo Horizonte, v. 18, n. 51, p. 77-93, set./dez. 2018. p. 78-79;
- PAI, Leocir Dal. *Governança corporativa & ética nas organizações*. Saber Acadêmico, São Paulo, n. 06, p. 90-102, 2008.
- PASSOS, C. *A ética como motor da inovação empresarial e da sustentabilidade organizacional*. Gestão e Desenvolvimento, n. 25, p. 55-73, 1 jan. 2017;
- PROFNIT. www.unb.br ; 2021;
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências*. Revista crítica de ciências sociais, n. 63, p. 237-280, 2002;
- SCHERWITZ, Débora Perilo. *As visões antropocêntrica, biocêntrica e ecocêntrica do direito dos animais no Direito Ambiental*. Revista Direito e Sociedade, v. 3, n. 1, 2015;
- SKLOOT, Rebecca. *A vida imortal de Henrietta Lacks*. Editora Companhia das Letras, 2011;
- UFF. www.universidadefederalfluminense.br ; 2021;
- ZANON JUNIOR, O. L.; Moral, *Ética e Direito*, Revista da Esmesc, v. 21, n. 27, p. 14- 17, 2014;

Tânia Cristina - Coordenadora do Núcleo de Empreendedorismo, Desenvolvimento Empresarial e Social do NITCDT/UnB (CEDES); Coordenadora da Multincubadora de Empresas do NITCDT/UnB; Membro permanente do Mestrado em Propriedade Intelectual, Transferência de Tecnologia para Inovação (PROFNIT-UnB); Professora do Curso de Bacharelado em Gestão Ambiental – Divisão de Ciências Sociais e Humanas (GAM/CSH/UnB). Colaboraram para este artigo: Jonathas Felipe Aires (Mestre em Desenvolvimento Rural Sustentável (MADER/UnB); Bolsista PI&D NITCDT/UnB); Ana Claudia Oliveira (Mestre em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação-PROFNIT/Um; Coordenadora Cerne da Multincubadora UnB (NME/CEDES/UnB); Ana Clara Pova (Servidora Técnico-Administrativa do NITCDT/UnB. Discente do Programa de Pós-graduação em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação (PROFNIT).

Marileuza Chiarello - Diretora do Núcleo de Inovação Tecnológica da UnB (NITCDT/UnB); Professora do curso de Bacharelado em Farmácia; Membro permanente do Mestrado em Propriedade Intelectual, Transferência de Tecnologia para Inovação (PROFNIT-UnB);

REFLEXÕES SOBRE A
EDUCAÇÃO PARA A INOVAÇÃO
E O EMPREENDEDORISMO:
CRIAÇÃO, FLEXIBILIDADE E
AUTONOMIA COMO MOTORES
DA TRANSFORMAÇÃO
DAS ORGANIZAÇÕES
CONTEMPORÂNEAS

*Autoras: Prof. Dra. Sônia Marise Salles Carvalho⁷⁸ e
Prof. Dra. Tânia Cristina Cruz⁷⁹*

A motivação para a escrita desse texto partiu da necessidade de parar e refletir sobre um conjunto de informações que serve de avalanche à sociedade do conhecimento, marcada pela síndrome do pensamento acelerado e por mudanças tecnológicas que alteram as formas de sociabilidades e de cosmovisão de mundo.

78 Professora do Núcleo de Inovação Tecnológica da Universidade de Brasília (NITCDT/UnB); Membro permanente do Mestrado Profissional em Propriedade Intelectual, Transferência de Tecnologia e Inovação (PROFNIT); Coordenadora da Escola de Empreendedores do NITCDT/UnB e coordenadora da Incubadora de Tecnologia Social.

79 Coordenadora do Núcleo de Empreendedorismo, Desenvolvimento Empresarial e Social do NITCDT/UnB (CEDES); Coordenadora da Multincubadora de Empresas do NITCDT/UnB; Membro permanente do PROFNIT-UnB; Professora do Curso de Bacharelado em Gestão Ambiental – Divisão de Ciências Sociais e Humanas (GAM/CSH/UnB).

Há um encontro de paradoxos (sociais, econômicos e políticos) que, no fundo, se entrelaçam entre as necessidades primeiras dos seres humanos – que é o direito a existir e a ser feliz – de base e as necessidades geridas pela cultura. Entre essas duas primeiras necessidades, há um caminho permeado de promessas impulsionadas pela sociedade do consumo que utiliza de narrativas individualistas, utilitaristas e a-históricas para fundamentar as crenças e os valores e pavimentar o sentido da ação social moderna⁸⁰. Dessa forma, a questão é: como as narrativas presentes no século XXI, em que palavras como empreendedorismo, tecnologia e inovação adquirem novos significados e a que plano político e socioeconômico essas palavras ganham vida e movimentam as relações sociais e políticas capazes de orientar a vida?

Essas narrativas são produzidas para reforçar uma noção binária de sociedade, mesmo que falsa, parecendo que sempre estamos entre dois lados: ter ou ser? Trabalhar ou praticar o ócio? Competir ou colaborar? Pertencer ou ser excluído? Para onde nos levam essas indagações?

Partindo de uma existência caracterizada por dores no corpo, por resiliências, pela intimidade com a melancolia e pelo desejo de viver, há que se perguntar: como simplificar sem ser simplista, de improvisar na escassez, de ser criativo nos ambientes de pensamento-padrão e de viver na era de muitas confusões sem enlouquecer? Há muitas respostas para tais questões, mas todas elas nos levam para uma consideração à dinâmica da vida que também é premiada por traços humanos mais nobres como a reciprocidade, a solidariedade e a generosidade. Sentimentos que remetem a condição humana. Diferente da abordagem do ser humano movido pelo interesse próprio e pelo princípio do utilitarismo.

Partindo da vivência com a cultura ocidental e estando refletida por ela e, ao mesmo tempo, com possibilidade de compreender os limites e possibilidades de escolhas, nos comportamos como se fôssemos indi-

80 Falamos aqui da ação social definida por Max Weber (1999), entendida como qualquer ação realizada por um sujeito em um meio social que, no entanto, possui um sentido determinado por seu autor. Ou seja, o conceito de ação social baseia-se no processo comunicativo entre sujeitos, tomando como ponto de partida o sentido dado pelo autor de uma ação e seu objetivo.

víduos livres da obrigação da interdependência, da corresponsabilidade sobre nosso lugar neste mundo, e os últimos dez anos acelerou essa percepção⁸¹, de modo a nos induzir à crença de que a eficiência é a principal medida de valor e que controle e imposição são mecanismos necessários para lidar com ambientes de incerteza; a hierarquia e a burocracia têm sido a melhor forma de se organizar e o trabalho rende mediante restrições e regulamentos. Precisamos recuar um pouco e assim enxergar que as experiências com comando e controle não conseguiram criar ambientes de inovação, que precisamos de flexibilidade, relações de empatia, incorporar a arte na vida e não apenas viver a vida, mas fazer a história.

Na oportunidade de atuar em ambiente que se propõe a ser inovador e a inserir a educação para empreender na vida e nos negócios e mediante a tantas indagações, nos propomos a ser um agente vitalizador, que em conexão humana, possa conquistar mobilidade suficiente para lidar com um ambiente educacional complexo e turbulento.

Apresentando os resultados de vários pontos de inflexão entre trajetórias pessoais, que nos constituiu como sujeitos históricos e uma trajetória profissional como professoras em diferentes níveis e modalidades de ensino e compartilhando os sonhos e motivações com equipes de trabalho na diversidade e na adversidade, apresentamos algumas ins-

81 Os tempos são “líquidos” porque tudo muda tão rapidamente. Nada é feito para durar, para ser “sólido”. Disso resultariam, entre outras questões, a obsessão pelo corpo ideal, o culto às celebridades, o endividamento geral, a paranóia com segurança e até a instabilidade dos relacionamentos amorosos. É um mundo de incertezas. E cada um por si. Nossos ancestrais eram esperançosos: quando falavam de ‘progresso’, se referiam à perspectiva de cada dia ser melhor do que o anterior. Nós estamos assustados: ‘progresso’, para nós, significa uma constante ameaça de ser chutado para fora de um carro em aceleração”, afirma Bauman (2017). Eu desejo que os jovens percebam razoavelmente cedo que há tanto significado na vida quando eles conseguem adicionar isso a ela por meio do de esforço e dedicação. Que a árdua tarefa de compor uma vida não pode ser reduzida a adicionar episódios agradáveis. A vida é maior que a soma de seus momentos (Extraído de: https://istoe.com.br/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR> Acesso em: 01 set. 2021).

pirações que, em ambientes políticos mais integradores e motivadores, pode ser promotor da mudança. Três literaturas foram importantes – inspiraram muitas das provocações aqui lançadas – e nos permitiram ensaiar algumas ideias sobre o tripé educação, inovação e empreendedorismo em tempos de pandemia. Trata-se da leitura de três livros que nos permite compreender o mundo da inovação e da criação e nosso agir sobre ele (tal qual nos orienta Paulo Freire [2007] em suas ideias de educação como prática da liberdade).

O primeiro livro fala sobre a Filosofia nos Negócios, escrito por Christian Madsbjerg e Mikkel B. Rasmussen (2014). A obra resgata a importância da formação em ciências humanas e eleva ainda mais a percepção da centralidade do diálogo entre as ciências e torna nítida a abordagem trazida pelas ciências humanas como agregadora de valor aos ambientes de inovação. Um exemplo disso, é o papel do gestor ao aderir à sua liderança a capacidade de mediar conflitos, incentivar e motivar para a ação, aprender com os erros, expandir energia e promover motivação à sua equipe de trabalho, ampliando o seu olhar para estimular competências administrativas (capacidade de gerir processos), comportamentais (auto-organização, autocriação e autocorreção) e sociais (habilidades de fazer conexões e redes). Os autores apresentam a abordagem do *sensemaking*, que é um método de resolução de problemas por um processo que estrutura o desconhecido para entendê-lo e assim compreender bem as pessoas. Essa abordagem se referênciava nas ciências humanas porque a preocupação é como as pessoas vivenciam o mundo e entender os negócios a partir de categorias de análise como preferência, percepções e desejos dos clientes.

Mediante uma sociedade caracterizada pelo pensamento-padrão, o *sensemaking* esclarece comportamentos e atitudes e envolve pesquisa exploratória, fenomenológica, lida com problemas mais altos de incerteza, propõe evidência qualitativa e procura a resposta do porquê fenômenos, processos e coisas são como são⁸².

82 O *Sensemaking* tem por definição fazer-se entender, criar um sentido, dar significado a coisas para que se possa compreender com maior facilidade uma situação ou um

Ao gerenciar ambientes de negócio com inovação é preciso compreender a criatividade como um processo por meio do compartilhamento de ideias incomuns e combinar as ideias uns dos outros ligados ao bem-comum, isso para favorecer um ambiente revolucionário de ideias. Aqui a experiência de cada um da equipe ajuda a multiplicar oportunidades.

Por conseguinte, ambientes de educação para a inovação somente poderão ocorrer se o líder inserir os ensinamentos das ciências humanas na resolução dos problemas da gestão. Equipes multidisciplinares são pontes importantes para promover ambientes criativos⁸³.

conceito. O que está acontecendo lá fora? Como podemos entender e mapear esses acontecimentos? Podemos usá-los a nosso favor? Essas são as perguntas básicas que idealizam o conceito do sensemaking. É ele que nos possibilita transformar a complexidade dos diversos assuntos emergentes no mundo, em uma situação que pode ser entendida de maneira mais simples. Karl Weick (1969-1973) explica que o Sensemaking pode ser entendido, simplesmente, como forma de "dar sentido a alguma coisa", ou ainda, como estruturamos o desconhecido para podermos agir nele. (Trecho extraído de: <<https://www.voitto.com.br/blog/artigo/sense-making>> Acesso em: 01 set. 2021)

- 83 Um dos princípios de trabalho de grupos multidisciplinares está na triangulação comunicação/criatividade/autossuficiência. Com este tripé, as funções e processos tem seu bom funcionamento garantidos, uma vez que a comunicação integrada e aberta é um dos pontos que marcam as equipes multidisciplinares. Por virem de contextos distintos e enxergarem pontos de vista diferentes, as discussões e construções tendem a ser mais ricas. Ademais, a colaboração é outro ponto importante. Uma vez que haja perfis diferentes e conhecimentos técnicos variados, tal junção exige que esses profissionais interajam mais na hora de executar qualquer plano ou tarefa. Com isso pretende-se que cada um se faça entender pelos demais e possibilite a construção de novas ideias. Cabe ressaltar, que Inovação significa mudar a forma de resolver problemas, ao propor soluções melhores e inéditas, em diferentes graus (completamente nova ou acrescentando atributos), que agreguem um valor perceptível (facilidade, otimização de tempo e tantos outros) para o cotidiano do público ao qual é destinado. Assim, empresas que desejam inovar, devem favorecer a um ambiente de trabalho que permite o constante fluxo de inputs e outputs abertos (elementos externos ou internos que mobilizam a atenção da organização), a comunicação horizontal e a gestão por competência, habilidades e talentos, regidos por um time multidisciplinar. Como a multidisciplinaridade traz pontos de vistas e experiências distintas, a busca por soluções inovadoras já começa mais favorável

O segundo livro que destacamos como importante contribuição ao aprofundamento do conhecimento sobre empreendedorismo foi organizado por Margaret J. Wheatley (2006), denominado “Liderança para Tempos de Incerteza”, no qual o capítulo que trata sobre o futuro irresistível da organização, escrito por Myron Rogers, resume sua ideia em um parágrafo:

Queremos que as organizações sejam flexíveis, inteligentes, adaptáveis, capazes de se recuperar, de se renovar e de aprender- atributos encontrados apenas em sistemas vivos. Só que queremos que as organizações se comportem como os sistemas vivos, mas só sabemos tratá-las como máquinas. Essa é a tensão da nossa época. (WHEATLEY, 2006: 55).

Para lidar com essa tensão, é necessário a auto-organização que pressupõe entender a mudança como força propulsora da inovação e onde o envolvimento e a participação acontecem e criam respostas efetivas para ambiente em movimento contínuo, como deve ser um ambiente de inovação e em inovação.

O interessante é promover a auto-organização por meio da capacidade geradora de sentido da organização (lembre-se que a abordagem sensemaking também reforça essa ideia), por isso é preciso uma individualidade que se organiza por uma convicção ou objetivo comum e assim sensibilizar a equipe para o trabalho. Esse princípio de acolhimento aos membros da equipe, em que todos são chamados a serem ouvidos e a praticar a escuta sensível, são condições para criar empatia e confiança entre todos. Afirmamos que é improvável que uma equipe mantenha vínculos de trabalho duradouros sem esse pressuposto.

Outra forma importante de promover a auto-organização é por meio da informação, que deve fluir abertamente, pois é o nutriente da

– pessoas diferentes contribuindo para uma solução conseguem pensar e enxergar situações de forma mais ampla. (Extraído de: <<https://escoladesignthinking.echos.cc/blog/2018/12/equipe-multidisciplinar>>. Acesso em: 01 set.2021).

organização. Segundo Beer (1985), quando um sistema atribui sentido a dados, quando ele os informa, os dados se transformam em informação. Isso quer dizer que quando a informação pertence a todos as pessoas podem se organizar de forma mais rápida e eficaz. Para completar os meios de uma organização se auto-organizar, é necessário promover relações saudáveis entre as pessoas. Sem conexão nada acontece. Sem vínculos e sentido no agir, corre-se o grande risco da perda de engajamento dos sujeitos em suas instituições⁸⁴. As pessoas precisam ter liberdade para alcançar qualquer lugar da organização. Há maior engajamento e sentimento de pertencimento à equipe de trabalho, porque as pessoas se juntam para realizar mais e não menos (ROSENBLATT et al, 1998; ROGERS, 1983), mesmo convivendo com líderes que preferem o poder à produtividade. E este é o grande desafio das organizações: criar ou produzir repetidamente até a exaustão e perda dos sentidos, talentos e engajamentos criativos? O que sabemos é que, para inovar, é preciso enfrentar esse desafio de integrar as várias percepções sobre um mesmo objeto.

Em vista disso, afeto, coerência e competência socio comunicacional (elementos da *soft skills*) são estratégias inteligentes para caracterizar uma educação para a inovação e impulsiona o líder a manter diálogo contínuo sobre a identidade da organização. O senso de sociabilidade, empatia e o feedback somente emergem em equipes comprometidas e sensibilizadas para o trabalho e quando se sentem cocriadoras e reconhecidas em suas habilidades técnico-científicas (*hard skills*)⁸⁵.

84 Palavra muito difundida hoje nas redes sociais, mídias e marketing 4.0, o significado de engajamento é “empenho em uma causa”. Ela é a junção do verbo engajar + mento. Sua origem etimológica vem do francês engager, que no português significa comprometer-se, empenhar ou contratar. No mundo empresarial, engajamento é um conceito de marketing que indica o grau de participação e proximidade da relação entre uma empresa e quem já é consumidor dela, assim como seus clientes em potencial. (Extraído de: <<https://vaipe.com.br/blog/engajamento/>> Acesso em: 01 set. 2021).

85 Soft skills são habilidades comportamentais (socioemocionais) relacionadas a maneira como o profissional lida com o outro e consigo mesmo em diferentes situações. As soft skills, diferentemente das hard skills, são habilidades subjetivas, e quanto

Para finalizar a contribuição importante da leitura deste livro, destacamos a ideia de mudar as técnicas e modelos por princípios. Os princípios são guias, padrões e condução dos experimentos e processos em meio a interesses compartilhados e plenos de significados. Nenhum ambiente educacional e inovador deve prescindir desse pensamento.

A terceira e última leitura que nos motivou a escrever esse texto foi “A inovação do Improviso”, escrito por Ahuja et al (2012), que apresenta o espírito empreendedor do Jugaad, cuja palavra coloquial em hindu significa “um conserto inovador, uma solução improvisada, nascida da engenhosidade e da inteligência”, ou seja, o pensar e o agir em resposta ao desafio, identificar oportunidade em circunstâncias adversas e improvisar soluções com meios simples.

Ahuja et al (2012) explica que o século XX deixou limitações para criar ambientes de inovação por causa de orçamento oneroso e consumidor de recursos, pouca flexibilidade para mudanças e acesso à inovação de forma não inclusiva. Apresenta seis princípios da jugaad e os benefícios para ser implementado no ocidente, são eles: busca de oportunidades na adversidade, ser flexível, simplificar, dar chance aos excluídos, seguir o seu coração e fazer mais com menos.

Uma das constatações que os autores fizeram ao pesquisar as empresas no ocidente foi que o modelo de inovação é caracterizado de cima para baixo, não é flexível e é conduzido por funcionários de nível hierárquico superior. Esse padrão não funciona mais no século XXI, pois é necessário inovar de baixo para cima, de forma colaborativa e fluida. Estamos diante de ambientes organizacionais de intensa mudança tecnológica.

mais positivamente o profissional consegue lidar com essas situações ambientais e psicológicas, maiores são suas soft skills. As hard skills são habilidades técnicas e, de modo geral, são facilmente mensuráveis e possíveis de desenvolver por meio de treinamentos e cursos, por exemplo. Durante muito tempo, essa competência foi a principal e mais relevante profissionalmente, mas esse cenário tem se transformado e atualmente as soft skills aparecem com muito mais relevância e destaque. (Extraído de: < <https://www.gupy.io/blog/soft-skills>>. Acesso em 01 set. 2021).

As principais estratégias do espírito *jugaad* são: não ter apenas o ponto-de-vista, mas a vista do ponto; transformar as restrições a seu favor; agir rapidamente; transformar oportunidade em oportunidade empreendedora; construir capital psicológico para aumentar a resiliência confiante; ter mentalidade de crescimento e aproveitar o poder das redes para enfrentar o mercado competitivo.

O pensamento primordial desse livro foi mostrar que a escassez é suporte principal para a invenção e apresenta muitas experiências do espírito *jugaad* na Índia. Em ambiente de poucos recursos econômicos, financeiros e de infraestrutura é preciso aprender a reutilizar e recombinar; permanecer com ativos básicos; aproveitar as redes de distribuição; produzir mais valor à sociedade com menos recursos; estabelecer desempenho com propósito e fazer simples e não simplista.

Esse conjunto de considerações para estabelecer o espírito *jugaad* pode ser associado às competências empreendedoras que integram a abordagem no campo da administração, psicologia e sociologia. Também pode ser complementado pela abordagem do *sensemaking*.

As reflexões e boas práticas apresentadas por esses livros e seus autores estabeleceram parâmetros em relação à educação para a inovação e para o empreendedorismo no Brasil. Ao embarcarmos em uma imaginação sociológica⁸⁶, algumas reflexões e práticas apresentadas

86 A imaginação sociológica é um termo criado por C. Wright Mills (1972) para designar aquilo que o pensador acredita ser a melhor maneira para se “fazer” Sociologia. A imaginação sociológica representa a conexão entre os fenômenos para além da experiência individual com as instituições com as quais as pessoas convivem. Ela representa a capacidade que o intelectual tem de analisar aquilo que “vai por trás” em simples acontecimentos da vida cotidiana e que trazem complexas tramas sociais subjacentes. Para conseguir [...] estabelecer essas conexões mais amplas entre indivíduo e sociedade é preciso analisar a sociedade que vivemos de maneira externa, com o maior distanciamento possível. Precisamos diminuir ao máximo as tendências particulares que influenciarão nosso olhar e olharmos as coisas de maneira diferente a que estamos habituados. A imaginação sociológica é uma prática criativa, uma tomada de consciência sobre as relações entre os indivíduos e a sociedade de que são membros. Com ela podemos enxergar que a sociedade não é fruto do acaso. Essa tomada de consciência não é exclusiva aos sociólogos, mas a todos que entrem em contato com a imaginação sociológica, permitindo que compreendamos as ligações

serviram de inspiração para definirmos qual educação seria necessária para promover a inovação e o empreendedorismo no país? Nossa resposta seria relacionar a abordagem sensemaking ao espírito jogaad tendo como referência a educação empreendedora.

Nesse sentido, apresentamos algumas recomendações para estabelecer uma educação para a inovação e o empreendedorismo:

Recomendação 1: Introduzir os princípios da educação empreendedora, que compreende métodos, técnicas e ferramentas de aprendizagem utilizadas para ministrar conteúdo, que proporcionam ao estudante mudanças significativas no nível cognitivo, afetivo e comportamental, de modo a desenvolver a criatividade, flexibilidade, autonomia e capacidade rápida de responder aos desafios.

Recomendação 2: Inserir currículo por competência no curso. Segundo Perrenoud (1999, p. 30): “Competência é a faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações etc.) a fim de solucionar, com pertinência e eficácia, uma série de situações”. Pensando nisso, os conteúdos trabalhados de maneira isolada e desconectada entre si não dão conta de desenvolver competências.

Recomendação 3: Incorporar as ciências humanas na formação do professor e do estudante. Diante das diversas concepções acerca da necessidade de uma educação superior que forme professores críticos e reflexivos, capazes de interagir com a realidade, transformando-a, hoje têm-se uma clareza maior da importância das disciplinas relacionadas às Ciências Humanas e Sociais na formação acadêmica de estudantes, professoras e professores, de modo a formamos alunos e docentes que compreendem o seu tempo histórico, as relações econômicas e toda a estrutura social e cultural que permeia a cosmovisão desses agentes do conhecimento.

entre a esfera individual e o mundo social que nos rodeia. (Extraído de: <https://descomplica.com.br/d/vs/aula/imaginacao-sociologica>. Acesso em: 01 set. 2021).

Recomendação 4: Aprimorar as competências empreendedoras propostas pelos princípios do espírito *jugaad*: transformar a oportunidade em oportunidade empreendedora, flexibilidade em espaço de cocriação, simplicidade e diligência nas tomadas de decisões, fazer mais com menos e pensar com o coração.

Recomendação 5: Criar estratégias pedagógicas para desenvolver o espírito *jugaad* e assim gerar comprometimento com a região e a comunidade no aumento da competitividade regional e nacional.

Recomendação 6: Organizar uma metodologia de gestão do conhecimento, dialógica e horizontal, que priorize as competências, que dê espaço crítico permanente para a inovação e que permita às organizações uma autoaprendizagem sobre como liderar sua equipe para potencializar as transformações e entregas de valores, ativos e soluções que as sociedades demandam.

PALAVRAS FINAIS...

Os avanços tecnológicos impactam a vida na sociedade em todas as dimensões e geram situações que requerem um tipo de sujeito com perfil diferenciado, próprio da era digital. Por outro lado, a crise humanitária como a instalada pela pandemia do novo coronavírus nos obriga a reinventar processos e estabelecer novos paradigmas de gestão social. A título de exemplo, os processos educacionais, de modo geral, não têm respondido suficientemente com programas de formação que atendam às tendências atuais. Uma das questões mais polêmicas é a questão do empreendedorismo, um dos requisitos da dinâmica sociocultural e econômica atual. Neste período da pandemia da covid-19, deparamo-nos com a urgência de reestruturar conteúdos, didática, planos... urgência em ressignificar práticas pedagógicas carentes de comunicação, estimuladoras da criatividade docente e discente. Em tempos de pandemia, a Arte nos salva e não podemos prescindir de criar com poucos recursos, divulgar conhecimento válido e útil para todas e todos, e, o mais importante, não esquecermos que todo o sentido da criação humana está

em superar obstáculos e incluir o maior número possível de pessoas nesse processo.

Em suma, uma agenda global e local para a educação com inovação e empreendedorismo deve:

a) Estimular a criatividade. As metodologias da educação empreendedora têm como objetivo estimular a criatividade dos alunos. A proposta é a de que eles busquem soluções para os desafios do cotidiano e enxerguem como oportunidade aquilo que, à primeira vista, parece problema.

b) Desenvolver a autonomia. Empreendedor é aquele que realiza! Por isso, outro benefício da educação empreendedora é que a autonomia é uma característica desenvolvida desde cedo, dentro da sala de aula, levando os sujeitos a se posicionarem em suas realidades, em seus territórios.

c) Aprimorar as soft-skills. Mais do que o conhecimento técnico, o empreendedorismo requer soft-skills, que são habilidades comportamentais. Boa comunicação interpessoal, liderança, autenticidade e empatia são algumas delas.

d) Criar uma cultura empreendedora. Esse tipo de educação fomenta a criação de uma cultura empreendedora, sobretudo entre as gerações mais novas. E quanto mais empreendedorismo e inovação, mais benefícios são gerados para a economia e a sociedade.

e) Gerar oportunidades. É preciso que governo/mercado/sociedade civil/universidades assumam seus papéis no campo das políticas públicas e ofereçam oportunidades com respeito à diversidade, estimulando habilidades para a vida, lastreados pelo cuidado à natureza, pautados pelos direitos humanos e com expressivo combate às desigualdades sociais.

Em tempos de crise, é a nossa capacidade de reagir e criar, criar com a beleza caracteristicamente humana (aquela que supera crises e produz novas oportunidades), que nos permite reafirmar que empreender com arte nos fez e faz mais humanos e com maior capacidade de “fazer acontecer” a nossa dança neste planeta chamado Terra.

REFERÊNCIAS

- BEER, Stafford. Diagnosing the system for organizations. Stafford Beer Classic Library, 1985. 152p.
- FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 30ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- MADSBJERG, Chritian & Mikkel B. Rasmussen. A filosofia nos Negócios: como as ciências humanas podem resolver os problemas mais complexos da gestão. Rio de Janeiro, Elsevier, 2014.
- NAVI, Radjou & AHUJA, Simone & PRABHU, Jaideep. A inovação do Improviso: por que menos é mais na construção de riquezas e resultados. Rio de Janeiro, Elsevier, 2012.
- PERRENOUD, Ph. Construir as competências desde a escola. Porto Alegre, Artmed. 1999.
- Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas, Porto Alegre, Artmed, 1999.
- ROGERS, Myron. Rogers, C. R. (1983). *Um jeito de ser*. São Paulo: EPU (Original publicado em 1980).
- RUVIO, A., & ROSENBLATT, Z. Sectoral differences in the experience of job insecurity: The Case of Israeli schoolteachers. Recuperado de <https://eric.ed.gov/?id=ED42469>, 1998.
- WEBER, Max. Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: UnB. 2v. 1999.
- _____. A política como vocação. A ciência como vocação. In: GERTH, H. H.; WRIGHT MILLS, C. Ensaios de sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1974. WHEATLEY, Margaret. J. Liderança para Tempos de Incerteza: a descoberta de um novo caminho. São Paulo, Cultrix, 2006.
- WEICK, K. E. A Psicologia Social da Organização. São Paulo: Edgar Blucher: EDUSP. 1973. 120 p.
- _____. An Introduction to Organizing. In: Corman, S. R., et al. (Ed.).

_____. Sensemaking in organizations. Thousand Oaks: Sage Publications. 1995. xii, 231 p.

Sônia Marise (SOL/UnB) [Reflexões sobre a Educação para a Inovação e o Empreendedorismo: criação, flexibilidade e autonomia como motores da transformação das organizações contemporâneas] - Professora do Núcleo de Inovação Tecnológica da Universidade de Brasília (NITCDT/UnB); Membro permanente do Mestrado Profissional em Propriedade Intelectual, Transferência de Tecnologia e Inovação (PROFNIT); Coordenadora da Escola de Empreendedores do NITCDT/UnB e coordenadora da Incubadora de Tecnologia Social.

PESQUISA E INOVAÇÃO NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA E OS PROJETOS DE COMBATE À PANDEMIA DE COVID-19

*Maria Emília Machado Telles Walter (Decana do DPI),
Cláudia Naves David Amorim (Diretora de Pesquisa/DPI e
Presidente do Copei)*

O Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação (DPI) da Universidade de Brasília (UnB) teve sua criação aprovada em 2016 (<http://dpo.unb.br/images/phocadownload/dpr/estruturaorganizacional/unidadesadministrativas/DECANATO-DPI-CONSUNI-0001.2017.pdf>), com a responsabilidade de promover, coordenar e supervisionar as políticas relativas à pesquisa e à inovação na universidade. O objetivo de estimular e fomentar o crescimento, a disseminação e a internacionalização da pesquisa e da inovação na UnB foi pautado pela qualidade e relevância do cumprimento do seu papel na geração de conhecimento e na formação de recursos humanos de alto nível, de modo a assegurar melhorias na qualidade de vida das pessoas. O DPI foi organizado a partir de três Diretorias: a Diretoria de Pesquisa (DIRPE), o Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico (CDT) e a Diretoria de Apoio a Projetos Acadêmicos (DPA), de modo a integrar a gestão da pesquisa e da inovação com o apoio administrativo mais eficiente à formalização e ao acompanhamento de projetos na UnB (<https://dpi.unb.br/>).

Desde o início das suas atividades, o DPI, sobretudo por meio da DIRPE e da DPA, vem qualificando as centenas de projetos em parceria com os governos federal e distrital e com empresas públicas e privadas, induzindo políticas para aprimorar a proposição desses projetos, caracterizando-os como sendo de pesquisa e desenvolvimento. Por um lado, seus resultados vêm beneficiando as instituições públicas, com melhorias de processos e apoiando formulação de políticas, em áreas distintas do Poder Executivo, por exemplo, saúde, educação e economia, e áreas do Judiciário, com técnicas inovadoras para tratar processos jurídicos. Além disso, os projetos permitem desenvolver produtos que interessam ao setor produtivo, incorporando a eles qualidade e atualizações, com base no rigor da metodologia científica.

Um outro foco de atuação do DPI, executado pela DIRPE, é relativo à coleta de informações de pesquisa, que divulgam para a comunidade, interna à UnB e externa, os pesquisadores e suas competências, os laboratórios e seus serviços, além das áreas de atuação acadêmica da UnB. Esses dados de pesquisa buscam ainda consolidar e ampliar a internacionalização, considerando não apenas os países do hemisfério norte, mas também os da América Latina, África e Ásia.

Ainda, outro eixo de ação do Decanato é o de apoio à produção do conhecimento acadêmico, em duas linhas principais. A primeira é relativa à ampliação da comunicação dos resultados produzidos pelos projetos de pesquisas, sobretudo com o lançamento de editais de apoio à publicação em periódicos de alto nível e de editais para a execução de projetos nas diferentes áreas do conhecimento. A segunda linha é relativa à construção de projetos institucionais e multidisciplinares, a partir dos grupos de pesquisa de excelência da universidade, com o objetivo de ampliar as colaborações internas e permitir a participação da UnB em projetos para solução de problemas reais, que exigem soluções construídas por equipes multidisciplinares, que afetam a região do Distrito Federal e entorno e o país.

Por outro lado, o DPI, por meio do CDT, vem buscando promover debates quanto à necessidade de transferir o conhecimento de excelência produzido no ensino de graduação e de pós-graduação, na extensão e na pesquisa, para a sociedade, utilizando as diferentes

formas preconizadas pela Lei de Inovação de 2004, revisitada em 2016 e regulamentada em 2018. As reflexões incluíram uma reorganização forte da gestão da inovação na UnB. O CDT, ampliando seu escopo como Núcleo de Inovação Tecnológica (NIT) de toda a comunidade da UnB, foi renomeado para NITCDT e vem construindo formas de internalizar conceitos de inovação, de forma ampla e inclusiva, considerando todas as áreas do conhecimento, e as particularidades da região do Distrito Federal e entorno. Além disso, deve-se notar que o Parque Científico e Tecnológico da UnB (PCTec/UnB) foi vinculado à Reitoria como órgão complementar, tornando-o mais independente e visando fortalecer suas ações.

Neste contexto, a Política de Inovação foi aprovada pelo Consuni em janeiro de 2020 (https://www.noticias.unb.br/images/Noticias/2021/Documentos/20210415_ResolucaoCADn0006_2021_6493046.pdf), após debates nas unidades acadêmicas. A política estruturou o ambiente de inovação da UnB de forma descentralizada, considerando os órgãos gestores da Política – o DPI, sobretudo a DIRPE e o NITCDT, e o PCTec/UnB, além dos órgãos executores da política - unidades acadêmicas, centros vinculados à reitoria e órgãos complementares. Além disso, os debates para a proposição da Política de Inovação ampliaram o conceito tradicional de ecossistema de inovação, baseado na hélice de três pás (academia, governo e setor privado), incluindo duas outras dimensões (tecnologias sociais e meio-ambiente), essenciais para a UnB, pois estão vinculadas às bases históricas sobre as quais a UnB foi criada, por Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. Dessa forma, a UnB entende o ecossistema de inovação como uma hélice de cinco pás – academia, governo, setor privado (indústria, comércio e serviços), tecnologias sociais (sociedade) e meio-ambiente.

A criação do DPI fortaleceu a gestão da pesquisa e da inovação na UnB e, ao mesmo tempo, permitiu que o Decanato de Pós-Graduação (DPG) ficasse concentrado nas políticas de pós-graduação, o que melhorou e aprofundou as atividades dos dois decanatos. Claramente, ambos têm muitas áreas de interseção na gestão e nas ações, por isso foi mantido o colegiado decisório em comum, a Câmara de Pesquisa e Pós-Graduação. Ressaltamos que as ações estratégicas do DPI, além da

pós-graduação, vêm fortalecendo os aspectos de pesquisa e inovação em projetos de graduação e de extensão, com o objetivo de reposicionar e valorizar a indissociabilidade das atividades finalísticas da universidade, o tripé ensino, pesquisa e extensão.

O lançamento da Política de Inovação, em janeiro de 2020, aconteceu um pouco antes da primeira onda da pandemia da covid-19 afetar o Brasil, em março daquele ano. Desde o primeiro momento, os esforços institucionais e da comunidade científica da UnB se uniram para criar condições de amenizar os problemas relacionados à pandemia, direta e indiretamente. Dentre as várias ações empreendidas pela universidade, de forma solidária a Brasília, Distrito Federal e Brasil, uma das primeiras foi a criação do Comitê de Pesquisa, Inovação e Extensão de Combate à Covid-19 (COPEI UnB), ainda em março de 2020. Composto por mais de 30 integrantes de várias áreas do conhecimento, o comitê tinha como objetivo “planejar, sistematizar e buscar viabilizar a execução de ações institucionais de pesquisa, inovação e extensão visando ao enfrentamento, no Distrito Federal e no Brasil, da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus”.

As ações de pesquisa, tanto básica quanto aplicada, vêm produzindo conhecimento imprescindível para momentos de crise, a curto, médio e longo prazo. Junto às ações de pesquisa, a inovação surge em forma de produtos, derivados do conhecimento gerado por pesquisas aplicadas aos desafios, que podem ser utilizados junto à sociedade, na forma de ações de extensão. A convergência e sinergia entre pesquisadores, desenvolvedores e extensionistas cria enorme capacidade de resposta e ação aos desafios que se impõem diante da covid-19. O desafio do combate ao vírus e às consequências da pandemia, de quaisquer tipos e modalidades, pode e deve agregar as diversas áreas de conhecimento, em vários tipos de ação, construindo respostas adequadas a situações complexas, e reais.

O escopo de atuação do COPEI UnB foi organizado em quatro eixos: (I) Eixo 1: planejar, sistematizar e buscar viabilizar a execução de ações institucionais de pesquisa e inovação, visando o enfrentamento, no Distrito Federal e no Brasil, da emergência de saúde pública de

importância internacional decorrente do coronavírus (covid-19); (II) Eixo 2: atuar junto à Administração Superior no sentido de viabilizar, no menor tempo possível, a execução das propostas aprovadas pelo COPEI, inclusive por meio de destinação de orçamento próprio; (III) Eixo 3: atuar por meio de indução de projetos e a partir da análise de propostas provenientes das unidades acadêmicas e administrativas da UnB; (IV) Eixo 4: buscar parcerias entre a UnB e instituições públicas e privadas, e demais interessados, para auxiliar a viabilização das propostas aprovadas. Ao longo do exercício de 2020, o COPEI UnB atuou fortemente em todas as frentes, desenvolvendo ações específicas para cada eixo.

A primeira ação do Comitê, em caráter emergencial, foi a realização de uma chamada prospectiva de Projetos e Ações de Pesquisa, Inovação e Extensão para o combate à covid-19. A chamada foi lançada no dia 25 de março e teve seu resultado publicado em 03 de abril. A quantidade e qualidade dos projetos aportados foi surpreendente, em um curto espaço de tempo, mostrando que a universidade estava preparada para o desafio, a partir das suas competências instaladas e, de certa forma, a chamada aglutinou e deu visibilidade e institucionalidade aos esforços. Foram submetidos 121 projetos, tendo sido 115 aprovados. A segunda chamada, de fluxo contínuo, buscou atender à grande oferta ainda existente de projetos da Universidade, tendo viabilizado, por meio de financiamento interno e/ou externo, a execução desses projetos. Os mais de 200 projetos provenientes de ambas as chamadas foram organizados em 14 categorias, e deles participam 1.700 pesquisadores, de 35 diferentes áreas de conhecimento (<http://repositoriocovid19.unb.br/projetos/>).

A riqueza e a diversidade dos projetos evidenciam a importância da contribuição da ciência, em forma de pesquisa e ações de extensão, em um momento dramático do país. As categorias de projetos vão desde a pesquisa epidemiológica, testes clínicos, aplicativos e plataformas, observatórios, saúde mental e EPIs, até iniciativas ambientais, de educação, de comunicação, ações junto a populações vulneráveis e, certamente, também iniciativas culturais e projetos ligados à arte, essenciais neste contexto de pandemia.

Há que se ressaltar o papel da arte em momentos de grande mobilização na resolução de problemas. A arte tem o poder de proporcionar distração, enlevo e alegria, tão profundamente transformadores para o ser humano em momentos de crise. São exemplos disso projetos como o “Casa Niemeyer Digital – ações educativas”, que propõe o desenvolvimento de atividades associadas à sua atual exposição “Triangular; arte deste século”, de forma virtual; os elementos que constituem a abordagem triangular – contextualização histórica; fazer artístico e apreciação artística (saber ler uma obra de arte) – são ponto de partida para as ações propostas pelo projeto. Outro bom exemplo é o projeto “Lives – Arte e Inovação em Tempos de Pandemia” que, combinando Artes e Comunicação, propõe “a utilização da transdisciplinaridade do conhecimento para produção de conteúdo audiovisual por meio de lives com pesquisadores, artistas e membros de comunidades tradicionais”, a serem disponibilizadas no canal da UnBTV. O projeto menciona, em uma de suas premissas, “levar arte, entretenimento, conhecimento e novas formas de pensar”, reforçando a ideia da enorme contribuição da arte em tempos de emergências e dificuldade.

Os resultados parciais e propostas de alguns projetos aprovados foram divulgados no Webinário do Comitê de Pesquisa, Inovação e Extensão no combate à covid-19, juntamente com o DPI e o Decanato de Extensão (DEX). O evento ocorreu nos dias 12 e 13 de agosto de 2020, pelo Canal da UnBTV no YouTube. A iniciativa teve como objetivo dar visibilidade ao esforço coletivo da Universidade de Brasília (UnB) em mitigar os efeitos da pandemia da covid-19, tanto para a comunidade interna quanto para a sociedade em geral.

As centenas de projetos de combate à pandemia permitiram à sociedade compreender de forma mais clara o papel essencial das universidades públicas brasileiras no desenvolvimento do país e no enfrentamento de grandes problemas nacionais. Apesar da tragédia sanitária, as instituições de ensino superior, ciência e tecnologia, públicas, puderam tornar clara a importância que têm, sobretudo em países como o Brasil, de tantas desigualdades e injustiça social. A ciência produzida com excelência nessas instituições mostra caminhos possíveis para a superação da pandemia da covid-19 e de outros problemas nacionais e mundiais,

como as crises oriundas das mudanças climáticas, da questão da crise hídrica, da pobreza, da violência, das migrações em massa e da nova ordem mundial advinda das TICs.

No caso da pandemia da covid-19, o projeto deste livro traz a arte como instrumento poderoso para ajudar no combate à pandemia que gerou a maior crise sanitária já vivida pelo país. As artes, nas suas diversas formas de manifestação, em que o Brasil tanto se destaca no âmbito internacional, se alinha à ciência e à inovação como apoio fundamental, para ajudar o país a superar a tragédia de centenas de milhares de vidas perdidas e de milhares de pessoas que vêm sofrendo efeitos físicos e psíquicos, mesmo após superação dos sintomas. Além da crise da saúde, o país vem sofrendo com a falta de gestão em nível federal para proteger a saúde das pessoas, com a ruptura de valores humanos essenciais de respeito, tolerância, empatia e solidariedade e com o empobrecimento e carestia de milhões de pessoas em todas as regiões do país.

A comunidade de docentes, técnicos e estudantes da Universidade de Brasília, por meio das suas competências instaladas de pesquisa e da inovação, vem propondo centenas de projetos multidisciplinares para o combate à covid-19, juntando-se a outras universidades públicas brasileiras. A UnB constitui-se assim em local de luta pela recuperação da saúde, da generosidade, do afeto, do cuidado e da empatia, oferecendo novos tempos de esperança e alegria, de superação. Em particular, a inovação e a arte em tempos de pandemia representam um símbolo de resistência e coragem e certamente serão alicerces para o renascimento e a reconstrução de um Brasil mais fraterno, menos injusto e desigual.

Maria Emilia Machado Telles Walter [Pesquisa e inovação na Universidade de Brasília e os projetos de combate à pandemia de Covid-19] - Decana de Pesquisa e Inovação da Universidade de Brasília – (DPI/UnB). Possui graduação em Matemática pela Universidade de Brasília (1980), mestrado em Matemática pela Universidade de Brasília (1986) e doutorado em Ciência da Computação pela Universidade Estadual de Campinas (1999). Atualmente é professora adjunta da Universidade de Brasília.

Cláudia Naves (DPI/UnB) [Pesquisa e inovação na Universidade de Brasília e os projetos de combate à pandemia de Covid-19] - Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília (1987), mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília (1997) e doutorado em Tecnologias Energéticas e Ambientais na Università degli Studi di Roma "La Sapienza" (2001), com tese desenvolvida no Politecnico di Milano (Italia) e ZAE Bayern - Wuerzburg (Alemanha). Atualmente é Professora Associada da Universidade de Brasília (UnB), Coordenadora do Laboratório de Controle Ambiental (LACAM). Foi vice-diretora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de 2011 a 2015 e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação da FAU de 2011 a 2013. Atual coordenadora da Divisão 3 do CIE-Brasil (Comission Internationale del`Eclairage) e pesquisadora da Task 50 da IEA (International Energy Agency).

SESSÃO 4 - POESIA

NATALIA CASTRO PICÓN

(PRINCETON UNIVERSITY)

Entre as inúmeras consequências da pandemia da COVID-19, esta profunda crise sociosanitária deixou uma paisagem emocional abrupta em todo o mundo. Os corpos e espíritos nada mais podiam deixar de fazer senão ajustar-se às trágicas circunstâncias e às tremendas transformações sociais e políticas por ela acarretadas. Nesse esforço, a cultura e, principalmente, as práticas culturais intimamente vinculadas à vida cotidiana desempenharam um papel fundamental, sendo o espaço de encontro e contato em que se explorava tanto o alcance da crise no âmbito pessoal e coletivo quanto as formas alternativas de se continuar vivenciando a vida em comunidade, apesar das limitações políticas e da exigência ética de cuidarmos uns dos outros.

Jonathan Echeverri Álvarez, seguindo a linha de pensamento aberta por uma certa tradição da ética, definiu um modelo de resolução e decisão em contextos de crise a partir do que denominou de “sabedoria prática”. Esta forma de especialização (fruto da experiência acumulada e da capacidade de aprendizagem) é particularmente operativa e deve ser valorizada em tempos de incerteza e urgência como a pandemia, quando nos vemos constantemente desafiados a tomar decisões que dificilmente podem ser formalizadas em qualquer conjunto de leis morais pré-estabelecidas, devendo, porém, ser constantemente renovadas com base na especificidade instável do contexto provisório. Ademais, a sabedoria prática, como o próprio nome indica, é mobilizada a partir de uma concepção de ética ligada às “artes de viver”, como um “processo formativo que se manifesta como um cuidado por si” (e pelos demais) que “só é possível por meio das práticas” (p. 89-90).

Echeverri explica que, para desenvolver esse tipo de sabedoria prática, contamos com uma série de recursos de caráter cultural (entendo a cultura em seu sentido mais amplo e, por isso mesmo, poderoso): “A confiança, a cooperação, as crenças religiosas e tradições espirituais,

até mesmo a arte, ciência e sabedoria acumuladas pela espécie humana na aprendizagem moral e cultural” (p. 87).

A partir desta perspectiva, os sentidos profundos são iluminados sobre os numerosos e improvisados fenômenos culturais que a pandemia e sua tormenta social e emocional desencadeou: poetas, narradores e artistas compartilhando suas experiências e representações em recitais e conversas em *streaming*, diários, blogs e colunas; apresentações virtuais improvisadas ou no espaço público-privado das varandas; a implementação de saberes cotidianos e ancestrais como cozinhar, o exercitar ou observar a natureza, formas de cuidar do corpo e do espírito, conexão com a terra e a comunidade que, de repente, revelou sua essencialidade para sustentar-se e sustentar a vida, além de reconfigurar os marcos de sentido quebrantados pela emergência, tornando esta um território habitável e inteligível.

Esta essencialidade da cultura e, em particular, da palavra falada ou escrita se manifesta nas páginas que se seguem, onde a incerteza, mas também a reflexão serena e a esperança encontram sua linguagem em meio a uma emergência, cujo choque parecia impor-nos o risco de que ficassem mudas. Aqui, a poesia mostra seu poder de construir e reconstruir um mundo a partir da palavra. Uma palavra que encontra máxima expressão e força na conversa tecida entre as diferentes vozes aqui reunidas, as quais, muitas vezes, nos desafiam diretamente, como na canção sororo, de Potiguara: “Vem, irmã / liberta tua alma aflita / liberta teu coração amante”, “pois tua dor não é primeira / um novo dia sempre começa”. Palavras lançadas com o desejo de construir pontes que, ao juntarmos, mesmo à distância, nos salvem; uma pequena amostra poética de um diálogo muito mais amplo entre as vidas feridas pela pandemia, que se buscam entre si, reatualizando o sentido da cultura, não como um mercado, mas como um lugar comum e um espaço de contato.

Na ausência dos abraços
Abracei a poesia
E depois da Pandemia
Hei de renovar os laços
Fiz dos meus versos dois braços

Dando e recebendo alento
 Pois afeto é no momento
 O melhor contribuinte
 (Isabel Nascimento)

Esta pandemia, apesar do que possa parecer, dissolve as fronteiras entre o privado e o público, pois deixa claro que dificilmente exista algo como a saúde individual (visto vivemos em ecossistemas interdependentes) e que as transferências entre o íntimo e o privado não apenas são inevitáveis, mas traçam a continuidade que reproduz esse mesmo equilíbrio necessário do natural à escala do social.

A natureza se destaca como um dos grandes protagonistas desses poemas. Neles, em particular, são as poetisas indígenas que compartilham os saberes que só se pode aprender a partir da dissolução definitiva das divisões artificiais ocidentais entre cultura e natureza – ideologia que este vírus também pôs em xeque; nas palavras de Marcia Wayna Kambeba, “A pandemia talvez seja um sinal / De que somos seres mortais / Animais racionais” – e de uma comunhão íntima da Pachamama (“A natureza cooperar sem cobrar”).

Aline Pachamama (que em seu nome encarna essa identificação) mobiliza esse diálogo por meio do sagrado, em forma de oração. Diante da linguagem católica do apocalipse dos meios de comunicação, são ativadas cosmologias não verticais e teologias nas quais não cabe o castigo divino: a “Mãe Terra” é mãe, irmã, amiga e professora e, talvez mais importante do que isso, somente por meio dela seja consumada a plenitude de uma subjetividade compartilhada entre tudo que é vivo: “Aonde eu for / Por onde eu andar / No que eu sonhar / Ama-me a seiva do ser”; “Afaste-me da arrogância / Da inveja que consome / Da singularidade / E aproxime-me de quem eu amo / Em reciprocidade”.

A oração também se mistura com a conversa no segundo poema de Wayna Kambeba (um dos poucos, aliás, em que o espaço público ainda mantém seu atributo de local de contato recíproco):

O pajé cantou, rezou
 Mas não conseguiu com o maracá espantar

O mal que o “branco” causou
No país que também é seu lar.

O pajé prepara seu sagrado
Caiçuma, tabaco e rapé
Pedindo a cura em todo lugar.
No rezo que diz: indá iuiria, indá uni!
Vamos valorizar o ar que respiramos
Sendo amigos da natureza.

Natureza e tradição cultural voltam a erguer-se, também na pandemia, como espaço de resistência não colonial, uma vez que o vírus atualiza antigas opressões – memórias de antigos vírus transatlânticos (biológicos, políticos e simbólicos), “morte viral - genocida - etnocida” – e a seus regimes de excepcionalidade também são somados antigos confinamentos. Julie Dorrico lembra que “Já são 520 anos que nos tiraram a terra / e nos confinaram nesse mapa / nos confinaram nessa língua / nos confinaram nessa igreja / nessa história”. E na frente viral da ofensiva neocolonial do capitalismo globalizado, as práticas criativas também são utilizadas como armas de contra-ataque: “por isso lutamos - escrevemos - cantamos - pintamos”.

As mulheres, o outro grande grupo mais afetado pela pandemia, também falam em legítima defesa. A poetisa cordelista Julie Oliveira ativa esse artefato da cultura popular como instrumento da luta feminista, em que a alegria confabula com a revolução:

De luta e de alegria
É feita a minha jornada.
Lutando por equidade
Sigo bem acompanhada.
Nossos versos representam
Artilharia pesada!

Sou do Cordel de Mulher,
Uma nova geração

Que com verso e competência,
 Rima, métrica e oração
 Conquistamos nosso espaço,
 Seguimos em união!

Muitas vezes, durante esses meses, na intimidade forçada de nossos quartos, redescobrimos o mundo (“Quartinha cheia, vida próspera”), o poder criador do ritual sagrado do corpo (“Meu quarto é um xirê!”), o *lar* (a fogueira em torno da qual nos sentamos) que nutre a palavra (“Alicerce mágico dos meus poemas”) e que protege a vida, expressão transbordante de tudo o que não é contemplado pelos princípios biomédicos e suas máquinas de contabilizar os “sinais vitais” (mas em cujo signo continua batendo): “espíritos ancestrais”, “sabedorias”, “amores”, “memórias”, “pensamentos”, “sonos” (Elizandra Souza). Se nos hospitais a vida foi laboriosamente arrancada das mãos da morte – evidenciando aí uma profunda convergência entre cuidados, ciência e sabedoria prática (Lafuente) –, em casa, todos se esforçaram para apreender o mundo do perfil frágil de seus limites.

Na solidão e no tempo detido de uma rara emergência – que dificilmente se assemelha ao caos apocalíptico prefigurado pelo “realismo capitalista” de Hollywood (Fisher; Álvarez Blanco) –, em vez de fugir confuso na direção de um duvidoso “salve-se quem puder”, a ansiedade e o assombro ainda nos deixam alguns momentos para a contemplação pausada, para a exploração cuidadosa de como habitar o presente:

Aperfeiçoar alguma habilidade com os erros. Repito e busco outra coisa na repetição. Nisso, encontro-me com as flores. Belas e terríveis ao mesmo tempo. Apresentam o esplendor fugaz de uma mudança. Materializam o transitório de forma pungente. São símbolos do amor. São símbolos do erro e da capacidade de aperfeiçoar o erro. Nem sempre dá certo.

Nessas cartas-poema que Carlos Lin escreve às suas filhas, são misturados os aspectos práticos (“Já acumulei um pequeno acervo de máscaras de proteção facial... Essa se ajusta muito bem à anatomia da face”), ético (“Damo-nos possível de nós mesmos. Sem mais nem menos” “O aprendizado da vida exige certos compromissos”) e o lírico (“Bolha de sabão que estoura no ar, nem deixou de existir. Sua presença se edita

na memória de uma inscrição passageira”), numa bela pedagogia sentimental, por meio da qual tenta-se ensinar (enquanto se aprende) a arte de habitar o impensável cotidiano imposto pela catástrofe.

No conjunto desses poemas, tanto a intimidade do lar quanto a natureza parecem surgir como espaços de proteção, amparo e refúgio contra o choque viral da incerteza e do medo. Não é o caso das cidades, um espaço múltiplo “na riqueza da diversidade cultural, racial, étnica, regional e internacional, e na pobreza da desigualdade e exclusão social e econômica perversamente crescentes”; onde a vida na escala humana foi substituída em favor da circulação, violência e velocidade (Benny).

Há décadas, os estudos urbanos e sociais indicaram relações reciprocamente afetadas entre o planejamento das cidades (segundo os sistemas socioeconômicos em que se desenvolvem) e as epidemias (Engelmann, Lukas et. al.; Contente). Como era de se esperar, esta relação foi novamente atualizada com a covid-19 (Sprangue e Farjami). A atual aceleração e intensificação das lógicas neoliberais, de seus fluxos de mercadorias e suas formas de segregação social deixaram clara a forma como a doença avança conforme os desenhos urbanos por onde circula, acentuando os traços de uma radiografia social pré-existente e já, então, selvagemmente injusta. Em sua prosa poética, o professor de arquitetura e urbanismo da UnB observa em Brasília “todos os preconceitos e autoritarismos vigentes no caldeirão metropolitano, ampliados em tempos obscuros atuais”. Porque, como aqueles que observam esta crise com olhar político não se cansaram de apontar, tendo o professor expressado, no seu segundo texto, a partir da poesia do compromisso: “Vírus vem, aprofunda o estrago que já estava em andamento pré-vírus... / Da insana desigualdade social!”

Também os espaços da “cultura oficial” na cidade são espaços de segregação e distância – lugares onde uma cultura que se perde como espaço de práticas comunitárias, coletivas e democráticas é sequestrada – onde alguns corpos se reviram, como mostra Kaká Werá, simplesmente invisíveis:

A roupa da minha descendência me torna invisível,
caminho transparente pelas salas das universidades, dos congressos, câmaras.

Pelos parlamentos em que se negociam venenos, armas e a próxima montanha

[dinamitada.

A roupa da invisibilidade me permite participar como um fantasma nas instancias municipais, na metrópole da mais valia, nas negociatas federais, nas novelas globais, nos teatros da burguesia.

Diante do sequestro da cultura nos limites conspicuosamente “civilizatórios” dos mercados de valores morais e econômicos de uma burguesia ocidental, o poeta se volta (novamente) para a memória e a natureza que batem sob a cidade letrada:

Há milênios de pés descalços que acariciaram esta sagrada Terra. Há passos dançando a música da gratidão pelo plantio, pela colheita.

Há saias de palha girando ritmos de sons que invocam chuvas, agradecendo ao sol, amando a lua em seu silêncio noturno.

Há, enfim, uma sensibilidade temporal particular em todos os poemas. Duas temporalidades podem ser reconhecidas aqui e ambas se opõem ao otimismo cruel e acelerado que subjaz à ideia de progresso da modernidade capitalista. Por um lado, o tempo da memória que vivencia e reconhece continuamente o ciclo ancestral da vida. Por outro, o tempo concreto do presente como experiência do ser autoconsciente, materializado por meio dos sentidos. O músico Oswaldo Montenegro diz em seu poema: “Vento presente, vem cá / Sei que o segredo é você / Vem acertar nossa hora / O que importa é agora, me ajuda a viver”.

Em seu livro “Futurabilidad”, Berardi usa a concepção de Bergson do tempo como total indeterminação para falar do presente, de todo presente, como potência extrema em que se conjuga um grande repertório de futuros possíveis. Nisso, a imaginação serve para prefigurar essas portas e lutar a batalha contra o determinismo. Talvez essa seja a chave da centralidade do tempo para essas poetisas brasileiras: a temporalidade viral como um momento de experiência radical do possível, por meio da prática viva do corpo e da palavra.

OBRAS CITADAS

Álvarez Blanco, Palmar. “¿De qué apocalipsis estamos hablando?”. *La Vorágine. Cultura crítica* 31 de março de 2020, lavoragine.net/de-que-apocalipsis-estamos-hablando/ Consultada em 15 de maio de 2020.

Berardi, Franco “Bifo”. *Futurabilidad. La era de la impotencia y el horizonte de posibilidad*. Caja negra, 2019.

Contente, Claudia: “Cómo las epidemias transformaron las ciudades”. *La Vanguardia*, 10 octubre 2020, <https://www.lavanguardia.com/historiayvida/historia-contemporanea/20201010/33539/como-epidemias-transformaron-ciudades.html>. Consultada em 27 de fevereiro de 2021.

Echeverri Álvarez, Jonathan. “Sabiduría práctica en tiempos de crisis”. *Pensar la crisis. Perplejidad, emergencia y un nuevo nosotros*. Adolfo Eslava Gómez, Jorge Giraldo Ramírez eds., Editorial EAFIT, 2020.

Engelmann, Lukas et. al. *Plague and the city*. Routledge, 2018

Fisher, Mark. *Realismo capitalista. ¿No hay alternativa?* Caja Negra, 2016

Jafari, Mais y Teresa Sprangue. “COVID-19 and its impact on public life and use of public space”. *Conversa com Mais Jafari. Urban Political Podcast. The Podcast on Urban Theory, Research, and Activism*, 14 de setembro de 2020, <https://urbanpolitical.podigee.io/33-publiclife>. Consultada em 27 de fevereiro de 2021.

Lafuente, Antonio. “Los cuidados como fuente de conocimiento”. *Contexto*, 29 de julho de 2020, <https://ctxt.es/es/20200701/Firmas/32870/critica-cuidados-ciencia-coronavirus-antonio-lafuente.htm#:~:text=Cuidar%20es%20una%20forma%20de,en%20la%20que%20se%20producen>. Consultada em 27 de fevereiro de 2021.

Natalia Castro Picón (Princeton University) - Natalia Castro Picón terminou seu doutorado no The Graduate Center (City University of New York) e seu B.A. na Universidade Complutense de Madrid. Os seus principais campos de estudo são a literatura e cultura ibérica moderna e contemporânea, bem como as relações transatlânticas ibéricas no contexto neoliberal. Ela combina em suas pesquisas e aulas ferramentas e métodos dos Estudos Culturais com uma perspectiva glotopolítica, que se concentra na condição política da linguagem e do discurso.

OSWALDO MONTENEGRO

“SE PUDER, ENVELHEÇA”

A pergunta é: Que dia a gente fica velho?

Não vem dizer que é aos poucos, colega! Faz cinco minutos que eu tinha dezessete anos e fui embora de Brasília. Pra mim, meu primeiro show foi ontem e hoje eu estou na fila preferencial pra embarcar no avião. Tem um garoto dentro de mim que não foi avisado de que o tempo passou e está louco pra ter um filho. E eu já tenho netos! Aconteceu de repente. O personagem do Kafka acordou incerto, eu acordei idoso. E olha que eu ando, corro, subo escadas e sonho como antes.

Então, o quê que mudou? Minha saúde e minha energia são as mesmas, então o quê que mudou?

Bom, a única coisa que eu sei que mudou mesmo foi o tal do ego. A gente vai descobrindo que não é nada e que não está com aquela bola toda que a gente achava que estava.

A gente vai sacando que não tem importância e que pouca coisa no mundo tem importância. Isso primeiro frustra, depois vai dando alívio e liberdade. Então eu acho que descobri! É isso que muda: ficar velho é sacar a nossa própria ‘desimportância’ e ficar mais solto por isso. Então vou te falar uma coisa: Vale a pena! Se puder, envelheça!

VENTO FUTURO

Vento futuro, olha aí
Olha o que trazes pra mim
Trata-me com gentileza
A comida na mesa ainda está por servir

Vento passado, olha lá
Deixa o presente viver
Faça pra mim a fineza
Da nossa beleza guardar com você

Vento presente, vem cá
Sei que o segredo é você
Vem acertar nossa hora
O que importa é agora, me ajuda a viver

Oswaldo Montenegro – Músico, cineasta, diretor, compositor, escritor, roteirista. Vencedor de prêmios nacionais e internacionais. No cinema “Léo e Bia”, lançado em 2010, é consagrado pela crítica e recebe os prêmios de Melhor Trilha Sonora (Oswaldo Montenegro) e Melhor Atriz (Paloma Duarte), no Festival de Cinema Cine PE. É exibido em Los Angeles, no LABRFF, e em NY, no Brazilian Endowment for the Arts Film Society. “O Perfume da Memória”. Este recebe os prêmios de Melhor Som e Música no “Open World Toronto Film Festival”, Melhor Filme Estrangeiro no “California Film Awards” e é classificado para o “Richmond International Film Festival”. Como cantor 1979 - 3º lugar no festival da extinta TV Tupi, com “Bandolins”. 1980 - 1º lugar e Melhor Intérprete no festival da Globo MPB 80, com “Agonia”, de Mongol. 2005 - Prêmio Austregésilo de Athaíde, na categoria de melhor cantor.

ELIANE POTIGUARA

MULHER

Vem, irmã
bebe dessa fonte que te espera
minhas palavras doces e ternas.
Grita ao mundo
a tua história
Vá em frente, não desespera.

Vem irmã
Bebe da fonte verdadeira
que faço erguer tua cabeça
pois tua dor não é primeira
um novo dia sempre começa

Vem irmã,
lava tua dor na beira-rio
chama pelos passarinhos
e canta como eles, mesmo sozinha
e vê teu corpo forte florescer.

Vem irmã
despe toda a roupa suja
fica nua pelas matas
vomita o teu silêncio
e corre criança_ feito garça

Vem irmã
liberta tua alma aflita
liberta teu coração amante
procura a ti mesma e grita:
sou uma mulher guerreira!
sou uma mulher consciente!

ATO DE AMOR ENTRE POVOS

BOCA VERMELHA, guerreiro das cordilheiras
cansado... Repousava adormecido sob o orvalho.
Abriram-lhe os olhos rubros raios solares,
aromas silvestres, canções da mata.

Era Cunhataí - trêmula - errante das águas,
Envolta em folhagens, flores, mas sem abrigo...
Cantou-lhe em voz alta e compassada,
uma canção de amor... Mas sem destino:
(porém ele nada dizia e tudo entendia)

— Desperta JURUPIRANGA !
Vem me ver que hoje acordei suada.
Benzo
com o sumo de minha rosa aberta, enamorada,
as manhãs de delírio, completamente cansada

Vem, que te sonhei a noite toda:
Puro, te revelando nas águas do Orenoco,
Sorrateiro, espreitando o massacre de Potosi
Vem, que te sonhei na noite pela PAZ
E teus dedos velozes, a guarânia, tocavam
as vitórias felizes do Império Inca.
Teu rosto estranhava a luz que me envolvia,
porque - recuperado - todo o estanho eu trazia.

Vem, que vou me pintar com urucum
Vou me encher de mil colares
pra te esperar pro ritual

Tenso
está meu corpo ofegante e
penso
no teu cheiro de homem,
no teu corpo de homem,
que me assanha e me esquentá.

Me senta a teu lado,
me toca c'os mãos
poéticas, tão grandes e musicais

Me espera na hermosa Ponta Porã
E faz tua amante se sentir cunhã

Me roça
Me faz a palhoça
pra eu morar.

Me afoga em teus beijos,
teus quentes desejos
pra que eu veja
um pituã pra nos cantar

Me traz os teus cânticos
Me grita aos ouvidos
compõe a cantiga
que me faz tua AMIGA...
E te deitas em meu colo
que eu toda me enrolo
em teus cabelos românticos

Me aponta teus ventos brabos
de um país roubado,
de tanto sangue derramado,
chamando um xaxado
pro gozo de amar
Que vou bebendo
com muita cadência

o fogo que expele do teu olhar
E nesse momento teus beijos ardentes
explodem contentes
queimando meus lábios,
meus tão fartos lábios
que te fazem delirar

Ah!... Me traz teus quenachos
Pra que eu te dê meus penachos
Assim... Vou-te levando aos Tabajaras

Lá, dormiremos ao som das araras
testemunhando o amor, a oiticica sagrada.
E ungiremos com óleo todas as nossas feridas

Então, tomaremos o mel da manhã
pra que todos os antepassados renasçam
E olharemos pro céu do amanhã
pra que nossos filhos se elevem
e beberemos a água do carimã
pra suportar a dor da Nação acabada

E os POTIGUARAS, comedores de camarão
que HOJE - carentes
nos recomendarão a Tupã.
E te darão o anel do guerreiro - parceiro

E a mim?
Me darão a honra do Nome
A ESPERANÇA - meu homem!
De uma pátria sem fim

agora, chamego!
me cheira,
me faz um churrasco,
me dá chimarrão,
uma saia de chita,
mais um chocalho bonito
pra Zamacueca dos Andes
pro Toré do Sertão

Reparte essa carne-de-sol,
esse baião temperado
que eu tô danada assim...
de amor por esse diabo.
Me dá açaí geladinho
uma rede quentinha
pra nos sonhar agarrados
nas libertas Ilhas Galápagos

Mas Zanzo,
zozna,
ao som do zabumba
ao som das zamponhas,
sob o azul do Amazonas
Benzendo teu coração

Mas chora teu charango latino
tua lhama andina, pelos cantos da cidade,
pelas cidades sem flor
Chora meu ximango sofrido
Porque estou triste aqui.

E juntos, num só instante,
depois de tanto amor incessante
perceberemos INQUIETOS aqui,
o JURUPARIPINDÁ
a separar a todos os loucos Amantes.

Eliane Potiguara - Eliane Potiguara, considerada a primeira escritora indígena do Brasil, recebeu em dezembro de 2021 o título de doutora “*honoris causa*”, do Conselho Universitário (Consuni), órgão máximo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É Embaixadora Universal da Paz em Genebra (Cercle Universel des Ambassadeurs de la Paix – Genebra – Suíça). Eliane teve seu nome indicado após a reunião do Círculo Universal dos Embaixador da Paz, entidade ligada a ONU (Organização das Nações Unidas) para trabalhar a favor da paz no mundo.

ELIZANDRA SOUZA

REPOUSO DO MEU ORI

Meu quarto é um xirê!
Dentro dele tenho proteção
Dos espíritos ancestrais que me cuidam
Objetos sagrados e sambados
É minha quitanda que vendo a mim mesma
Quartinha cheia, vida próspera
Mandinga, ebó e cura

Meu quarto é um templo!
Residência permanente de Abayomis
Têm espelhos, têm borboletas
Discos, bolsas e afins
Montei altar para a Deusa que sou eu
Culto dos meus múltiplos sorrisos
Alicerce mágico dos meus poemas

Meu quarto é um santuário!
Morada de Sangô e Mano Brown
Poster de Miles Davis e Erykah Badu
Minha Padilha cubana e Nossa Senhora Aparecida
Imagens por todos os lados
Fotografias, estátuas e premiações
Mil colares, mil sapatos, mil livros

Meu quarto é um relicário!
Assentamento de sabedorias

Cafuné dos meus amores
Guardador das minhas memórias
Fuzuê dos meus pensamentos
Calunga dos meus sonhos
Repouso do meu Ori.

RENASCIMENTO

Antes do fim do começo
Volto para dentro do ventre
Nada será como antes
Estiagem depois do temporal
Agarro-me no amanhã do depois
Renasço dos estilhaços do vidro
Estanco o sangue do dedo furado nos cacos
Embrulho as angústias em papel jornal
Para que ao ser jogada no lixo
a garrafa que atirei sobre a parede
Não corte mais ninguém
Meus pés desaprenderam os velhos caminhos
Reaprendo passos novos e respiro!

Elizandra Souza - Escritora, poeta, editora, jornalista e ativista cultural, é integrante do Sarau das Pretas. Escreveu *Filha do fogo – 12 contos de amor e cura* (2020), *Águas da cabaça* (2012) e *Punga* (2007). Foi editora da Agenda Cultural da Periferia na Ação Educativa e atualmente é Educadora de Comunicação na Associação Bloco do Beco. Instagram/literaturanegra-feminina

MÁRCIA KAMBEBA

NOITES TRISTES

O mundo pede saúde
As pessoas aflitas sem ar
Respirar é necessário
A natureza cooperar sem cobrar.

Confinados em nosso quarto
Em casa sem poder transitar
A rua ficou um deserto
Os carros sem sair do lugar.

Refletir é necessário
Nossa ação humana no planeta
A pandemia talvez seja um sinal
De que somos seres mortais
Animais racionais.

O mundo sentiu a dor
Perdas chocaram o país
Cuidar de si é cuidar do outro
Espirrar sem expor o nariz.

O Covid 19 nos fez mais responsáveis
Com o que trazemos para nosso lar
Com o alimento que pomos na mesa
Com a forma de nos comunicar.

Viver a vida com alegria e amor
Olhar o outro como se fosse seu irmão
Sentir a dor de cada coração
Que bate pedindo oxigênio e proteção.
Que chegue a cura desse mal vitimou a nação.

AR PARA VIVER

Sentar na calçada para conversar
Andar pelas praças
Correr, abraçar e beijar
Cumprimentos que o Covid nos fez evitar.

Máscaras que escondem os rostos
Olhos que sorriem,
Diálogos num olhar
Aperto de mãos negados
O Covid pode estar em todo lugar.

Mentes estressadas
Pelas horas de confinamento
Prédios, casas, cantinho de apartamento.
Aprender a conviver um dia de cada vez
Reinventar sua rotina
Sem perder a sensatez.

Na aldeia onde a partilha já é comum
Conviver não foi difícil
Todos somos um
No ensino do bem viver

Mas até lá o covid não perdoou
Vitimou, reduziu o que já está reduzido
Pelo contato com o “branco”

Várias epidemias passaram
A aldeia se segurou.

O pajé cantou, rezou
Mas não conseguiu com o maracá espantar
O mal que o “branco” causou
No país que também é seu lar.
O pajé prepara seu sagrado
Caiçuma, tabaco e rapé
Pedindo a cura em todo lugar.
No rezo que diz: indá iuiria, indá uni!
Vamos valorizar o ar que respiramos
Sendo amigos da natureza.

Indá iuiria, indá uni! = Tradução: canto de mata, canto de rio.

Marcia Wayna Kambeba - De etnia Omágua/Kambeba, nasceu numa aldeia ticuna, onde viveu até os oito anos de idade, quando se mudou com a família para São Paulo de Olivença. Gradou-se em Geografia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Fez o mestrado na Universidade Federal do Amazonas e pesquisa o território e identidade da sua etnia. Como poeta, adotou o nome indígena Wayna. Sua poesia mostra semelhanças com a literatura de cordel e reflete a violência contra os povos indígenas e os conflitos trazidos pela vida na cidade.

ALINE ROCHEDO PACHAMAMA
(CHURIAH PURI)

INHÃ UCHÔ
MãeTiqueira
A TERRA DOS PURI

INHÃ UCHÔ

Pachamama, Mãe Terra
Universo e Ancestrais,
Falem comigo
Espiritualidade Originária
Fica comigo
Comungue meus sonhos
Transpire-me confiança
Pulse em mim o Amor
Energize-me luz.
Aonde eu for
Por onde eu andar
No que eu sonhar
Ama-me a seiva do ser.
Proteja-me com tua Amizade
Dai-me a sabedoria dos sensíveis
A ternura das crianças
A coragem dos bondosos
A força do raio e o frescor da chuva
Afasto-me da arrogância
Da inveja que consome

Da singularidade
E aproxime-me de quem eu amo
Em reciprocidade
Quero estar ao lado de quem eu possa ser parte
E de quem deseja a presença.
De quem se felicite com o som do riso
De quem gosta dos mistérios da noite

Tsatêh Ponan,
Onça que em mim habita
nessa reza, ao Tsatêh que lê.
Ouve e sonha comigo
Seja seu caminho tranquilo
Cuide de quem está longe
Seja bonança a tua presença
A brisa um abraço
Onça do sagrado feminino
Da observação astuta e palavra certa
Do caminhar preciso e terno
Amo-te em mim, ouça-me nessa reza

Eu convido a força da terra
Abya Yala Pachamama
Para estar Presente
Para Ser Presente
Que Você, Tsatêh, fixe-se
A olhar estrelas e respirar possibilidades
Para que seja feliz nos lugares em que estiver
Assim como eu
Eu na onça, na flor e na árvore
Gratidão sempre.
Mygutyara Jombeah

Escrevi o rezo de onça para você , Tsatêh, pois foi a indicação que senti
agora em meu coração,

A MÃETIQUEIRA

A Serra da Mantiqueira é o espaço da prática da escuta, de pessoas e também de toda a biodiversidade que nela habita. “Mantiqueira” é um nome de origem do tronco tupi, que significa “gota de chuva”, por meio da junção dos termos amana (chuva) e tykyra (gota), conhecida também como a serra que chora chuva. Para nosso povo Puri, teria o nome de “Predyóta Inhã Nhãmã” - “Serra Mãe das Águas”. Ambos significados se referem à importância da serra como manancial de formação de rios, que abastecem grande número de cidades da Região Sudeste do Brasil, como o rio Paraíba do Sul, no qual, em trechos de seu percurso, há registro da presença do Povo Puri. A Mantiqueira foi protegida por séculos pelo nosso povo e, por isso, ainda nela podemos encontrar trechos da Mata Atlântica nativa. Trata-se de um conjunto de montanhas que se estende por três estados brasileiros: Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

A sua formação geológica data, aproximadamente, entre 3,85 bilhões de anos e 2,5 bilhões de anos - uma anciã cheia de vida e sabedoria. Um maciço rochoso, que possui grande área de terras altas, entre mil e quase três mil metros de altitude, ao longo das divisas dos estados supracitados. Na serra da Mantiqueira, existem diversas unidades de preservação, como a área de proteção ambiental Serra da Mantiqueira, dividida entre os três estados; o PEPS-RJ (Parque Estadual da Pedra Selada); o Parque Nacional do Itatiaia, dividido entre Minas e Rio; e os parques estaduais da serra do Brigadeiro, da serra do Papagaio (Minas) e Campos do Jordão (São Paulo). Araucária, árvore sagrada da Mantiqueira A Serra da Mantiqueira é também um dos templos das Araucárias brasileiras, árvore de grande importância para os Povos originários Guarani, Kaingangue (da região sul do país) e o Povo Puri da Região Sudeste.

A araucária, tão antiga quanto a Mantiqueira, tem coração raiz que guarda memórias milenares. Ao tocar sua casca grossa e rachada; ao ver seus galhos pontiagudos e escamosos; seu tronco longo, que pode atingir 50 metros de altura, sentimos seu pulsar. Sua história genética remonta a 240 milhões de anos, o que nos permite, ao caminhar por suas florestas, uma experiência de ancestralidade. Há um trabalho de grande importância desenvolvido na região pelo PEPS (Parque Estadual da

Pedra Selada) que objetiva, dentre outras iniciativas, o reflorestamento, o conhecimento e a valorização da Araucária.

Na Mantiqueira, a forma de uso do pinhão (semente da araucária que não se encerra em fruto) sinaliza a presença do Povo Puri, a partir do modo como se processa a farinha de pinhão.

TSATÊH, O POVO PURI É O GUARDIÃO DA FLORESTA.

Tsatêh é palavra tão bonita do Puri que significa irmã, irmão, pessoa querida, parente. Tornou-se uma palavra presente no meu vocabulário. Espero que seja parte do teu também.

Nós somos plurais porque estamos ligados à imensa teia da vida na Mantiqueira. Também por esse motivo, tudo que é relacionado a ela nos interessa, pois dela fazemos parte. Cada inseto que transmuta e se refaz em nova cor; a folha, que cai da árvore e agora é raiz; a flor, que cumpriu seu percurso e amanheceu fruto; a formiga, que ultrapassa as expectativas da física e carrega algo cem vezes mais pesado que ela mesma; o tutù (tatu), que abre caminhos; o màru (gavião terra), com seu voo decidido e preciso; a shahmûm (cobra) e o sagrado feminino; chindêda (beija-flor), que encanta com seu voo mágico, o qual nos estimula a encontrar a doçura e a alegria de cada situação; as águas da Mantiqueira, de que tanto precisamos; todos fazem parte dessa teia. A vida é para o Encontro. E estamos interligados por meio de sementes, raízes, folhas, flores e frutos. Companhia tanto para a alimentação quanto para o uso medicinal e espiritualidade.

POVO PURI É TEMPO PRESENTE

No decorrer dos séculos, tanto na literatura quanto em registros históricos, as narrativas generalizam a participação do originário como o “índio”, colaborando para afirmar a sua não-contemporaneidade como se fossem um todo homogêneo, iguais entre si e fazendo parte apenas do passado. As abordagens, feitas a partir desses materiais, levaram a

concluir que os Povos Originários não fazem parte da sociedade e que essas relações só se efetivaram na época da chegada dos colonizadores ao Brasil. Diante dessas realidades, atualmente, a voz originária ecoa forte e lúcida. E sua escrita torna-se a possibilidade de legitimação de sua narrativa ancestral. A oralidade se mantém como a forma de preservação das línguas e culturas dos Povos Originários e tem a capacidade de revelar a identidade de uma etnia, seus rituais e o *modus operandi* de cada grupo. Hoje, a escrita realizada pelo próprio originário se faz igualmente importante. Estamos destacando a oralidade de anciãs e anciãos, trará à luz narrativas contemporâneas, que poderão alterar e desconstruir a hierarquia moldada pela ótica do homem ocidental e colonizador, no processo de registro da história do Povo Originário Puri da Mantiqueira. E a você, pessoa que lê, meu respeito e gratidão por estar ouvindo. *Abya Yala em nós, Tsatêh. Schuteh Poteh. Espero te encontrar no nosso espaço Puri Inhã Uchô, no coração da Mãe TI queira.*

É o som das águas que correm, fontes rios
e cachoeiras...

Som de cantos de passarinhos e de
árvores ancestrais. São esses sons que
movimentam energia, memórias e ancestralidade.

Aline Rochedo Pachamama (Churiah Puri)
alinerochedopachamama@gmail.com

Pertence ao povo Puri da Mantiqueira, seguindo a herança vinda de sua mãe. Historiadora, escritora e ilustradora. Doutora em História Cultural pela UFRRJ. Mestre em História Social pela UFF. Idealizadora da Pachamama Editora (editora formada por mulheres). Participa dos Movimentos dos Povos Originários, elabora e executa ações em prol da valorização e preservação de Línguas dos Povos Originários, bem como divulgação de suas Culturas a partir da História Oral de Mulheres Originárias.

JULIE DORRICO

COVID-19

Ela dança, dança
Na roda
Sem parar
Noite e dia
Noite e dia
Sem parar

Ela dança dança dança
Passeando entre nós,
Das netinhas às avós
Ela dança, dança, dança
Noite e dia
Noite e dia
Na nossa roda da vida.

Já são 520 anos
que nos tiraram a
porque terra
e nos confinaram
por isso lutamos escrevemos cantamos nesse mapa
pintamos
de morte viral genocida etnocida nos confinaram
nessa língua
de sufoco nos confinaram
nessa igreja
de silêncio nessa história
já são 520 anos

Julie Dorrigo - Indígena da nação Macuxi. Doutora em Teoria da Literatura (PUCRS) Pesquisadora e curadora de Literatura Indígena. Bookstagram: @leiamulheresindigenas.

BENNY SCHVARSBURG

O VÍRUS DA MORTE E O NOVO-VELHO NORMAL DA VIDA DESIGUAL: ÀS VÉSPERAS DA VACINAÇÃO!

O vírus vem aí, a morte vem aí, vacina vem aí, o vírus já vai. O vírus já vai aí!
Inesperado, mas possível e especulado...
Imprevisível, mas passível e anunciado...
Impensável, mas alertado e menosprezado...
Imprevisível, mas ameaça aventada...
Vírus vem, aprofunda o estrago que já estava em andamento pré-vírus...
Da insana desigualdade social!
Vírus vai, deixa rastros, mortes e aprendizados...
Genocidas, irresponsáveis, insanos espertos...
Vítimas em massa!
Vacinação em massa!
E depois?
Novo normal, novas anormalidades e velhas novidades...
Alertas, anúncios, especulações e mais...
Da insana desigualdade social!
Genocidas, irresponsáveis e mais vítimas...
Chama a ciência e a chama da consciência para um outro mundo possível...
Menos desigual!

AVIÃO AO LADO DA CARROÇA, DIFERENTES LUGARES, NA
MESMA METRÓPOLE, NO MESMO TEMPO

Brasília sexagenária segue sendo o Avião de seu Plano Piloto, ou a Borboleta de Lúcio, seu inventor, produtor do traço do arquiteto, sensível ao chão e ao céu de Brasília.

Nesse voador planado no planalto estão palácios, setores, superquadras, eixos e muitas vias; cada vez mais obras viárias, para cada vez mais carros do que calçadas, sempre desprezadas, para pedestres.

A cidade sexagenária também é, cada vez mais e metaforicamente, a Carroça ao lado do Avião, se olhamos a sua desrespeitada periferia metropolitana goiana, onde carroceiros puxados à ancestral tração animal, se movem como homens lentos comparados aos cada vez mais velozes automóveis dos homens rápidos da cidade moderna; que olham de soslaio, mas preferem não ver, os homens lentos.

Metrópole formada por pessoas de origens territoriais diversas, cosmopolita e provinciana, que segue sendo múltipla; na riqueza da diversidade cultural, racial, étnica, regional e internacional, e na pobreza da desigualdade e exclusão social e econômica perversamente crescentes. Assim como nas desumanidades do racismo estrutural, da homofobia, da misoginia, do machismo e patriarcalismo, todos preconceitos e autoritarismos vigentes no caldeirão metropolitano, ampliados em tempos obscuros atuais.

Cidade pensada com o humanismo do lúcido Lúcio para organizar a vida, o trabalho, a cultura, a saúde e a educação, que não escapou da conformação de privilégios concentradores das melhores oportunidades no centro. Para os poucos moradores do centro e muitos moradores das periferias, e até para os moradores de rua.

Também há centros outros nas periferias desrespeitadas da metrópole. Há brasilienses de todas as partes, muitos que nunca pisam – ou pisaram-no chão do centro, tanto nas chamadas satélites do Distrito Federal quanto nas cidades, em geral dormitórios, em volta dele.

Demanda muita consciência, sensibilidade, educação, cultura, e política pública, para respeitar e admirar o Avião (e a Borboleta), preservar o patrimônio histórico e cultural; democratizar o centro e romper com

privilégios; entender e respeitar a Carroça, descentralizar as qualidades e oportunidades para humanizar os centros outros espalhados; desculpe o clichê, mas vale lembrar: mais cidades e menos satélites!

Olhar para a metrópole inteira, com todas suas partes, e costurar seu tecido fragmentado; desculpe o clichê, mas vale lembrar: olhar as árvores sem deixar de ver a floresta!

Benny Schvartsberg - Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal Fluminense (1982), mestrado em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1989) e doutorado em Sociologia Urbana pela Universidade de Brasília (1993). Atualmente é professor titular da Universidade de Brasília. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Planejamento e Projeto do Espaço Urbano, atuando principalmente nos seguintes temas: planejamento urbano, política urbana, planejamento e gestão territorial, política regional e urbanismo, legislação urbanística, planos diretores e instrumentos de planejamento e política urbana.

KAKÁ WERÁ

O HOMEM INVISÍVEL

A roupa da minha descendência me torna invisível,
caminho transparente pelas salas das universidades, dos congressos, câ-
maras.

Pelos parlamentos em que se negociam venenos, armas e a próxima mon-
tanha dinamitada.

A roupa da invisibilidade me permite participar como um fantasma
nas instancias municipais, na metrópole da mais valia,
nas negociatas federais, nas novelas globais, nos teatros da burguesia.
Estrangeiro em meu próprio país, sem gravata no pescoço, sem colarinho
branco, sem o discurso pomposo dos black-ties do fórum de Davos.

No vestuário da minha memória ancestral não há sapatos.

Há milênios de pés descalços que acariciaram esta sagrada Terra. Há pas-
sos dançando a música da gratidão pelo plantio, pela colheita.

Há saias de palha girando ritmos de sons que invocam chuvas,
agradecendo ao sol, amando a lua em seu silêncio noturno.

Há risos em banhos de rios.

Não há camisas sujas de passados. Há o peito livre
vestindo as estações, carregando as estrelas da noite nos olhos.

Há uma pintura no rosto

Revelando o sopro que vibra a luz de minha alma ancestral.

A PÁGINA

A página
em branco
nem sempre é o que se imagina

Como a mente
vazia
do silêncio pode ser oficina

A palavra na página
é só uma impressão
que se esboça na retina.

Kaká Werá - Kaká Werá Jecupé (São Paulo, São Paulo, 1964-), escritor, ambientalista e tradutor. É descendente do povo Tapuia e acolhido pelos guarani, junto aos quais desenvolve uma extensa pesquisa histórica, linguística e cultural. Envolvido em processos educativos, atua na valorização, registro e difusão dos saberes ancestrais de povos indígenas.

JULIE OLIVEIRA

SAUDADES

Hoje a saudade bateu
Com sua marreta pesada,
Me lembrando de um tempo
Que andava despreocupada,
Abraçava meus amigos
Sem o temor dos perigos
E esbanjava risada.

Só quem ama a liberdade
Pode me compreender,
Compartilha o sentimento
De não poder percorrer,
A cidade, seus espaços
Apreciando seus traços,
Saboreando o viver!

BABY

Ele adorava comprar escovas.
A cada mês uma nova.
As cerdas macias como seus lábios mentolados.
Eu ria e achava um exagero.
Seu exagero de risadas,
de banhos e dentes limpos
envolvia meus dias.
Mesmo nas minhas caras e bocas ranzinzas sempre,
sempre me permitia ser vencida.

Nessa nossa história vencer não significa nada.

Há dias que apenas flutuo
e
respiro
lentaaaaaamente.
Inspirando para te trazer pra dentro.
Mergulho e do nariz até a garganta o gosto refrescante se mistura na
minha saliva quente.

Quem dera teus dentes
pudessem me mastigar inteira.

Julie Oliveira - poeta cordelista, pedagoga, produtora cultural e editora. Fundou a Ganesha Edições e Produções Culturais e o Coletivo e Selo Editorial “Cordel de Mulher”. Possui 10 livros editados, premiados e distribuídos nacionalmente em programas de educação. Como agente e publisher, possui consolidada trajetória, tendo editado e coeditado cerca de 100 títulos, dentre eles o primeiro livro do global Bráulio Bessa intitulado “Poesia com Rapadura”, obra esta considerada um best-seller com mais de 100.000 mil exemplares vendidos.

IZABEL CRISTINA SANTANA
DO NASCIMENTO

GÊNERO/CATEGORIA:

Poesia (Literatura de Cordel)

O ANO DOIS MIL E VINTE
MUDOU MEU PLANEJAMENTO

Planejei comprar passagem
Para outro Continente
Porém fiz bela viagem
Visitando a minha mente
Programei muitas saídas
Mas me vi noutras medidas
De profundo ensinamento
Todo sábio é bom ouvinte
O Ano Dois Mil e Vinte
Mudou Meu Planejamento.

Meu limite do cartão
Todo mês extrapolava
Muitas coisas eu comprava
Sem a menor precisão
Hoje estando em reclusão
Mudei o procedimento
Limitei meu orçamento

Pensando no mês seguinte
O Ano Dois Mil e Vinte
Mudou Meu Planejamento.
Meu casamento marcado
Para o meio deste ano
Mas na mudança de plano
O noivo ficou zangado
Santo Antônio deu recado
Sobre o meu cancelamento
Afirmou que um casamento
Sem forró é grande acinte
O Ano Dois Mil e Vinte
Mudou Meu Planejamento.

Na ausência dos abraços
Abracei a poesia
E depois da Pandemia
Hei de renovar os laços
Fiz dos meus versos dois braços
Dando e recebendo alento
Pois afeto é no momento
O melhor contribuinte
O Ano Dois Mil e Vinte
Mudou Meu Planejamento.

TEMA I – DEPRESSÃO

I

Minha amiga, meu amigo
Eu abro o meu coração
Pra falar neste cordel
Sobre o mal da Depressão
Se você sofre ou conhece
Quem da doença padece
Pare e ouça a poesia
Que neste estado se alerta
Ela seja a porta aberta
Uma ajuda ou garantia.

II

Parece que de repente
O mundo perdeu a cor
A vida não tem sentido
E o que se sente é dor
Se você se vê culpado
Tudo é tão desanimado
De uma tristeza sem fim
Eu entendo a dor sentida
Mas afirmo, a sua vida
Não precisa ser assim!

III

Desejo que você saiba
Digo com muita certeza
Depressão não é frescura
Não é sinal de fraqueza
Portanto, vá repensando
Deus não está castigando
Numa atuação do mal
Tem cura, tem tratamento

Pra te livrar do tormento
Que é doença cerebral.

IV

Se você é quem convive
Com quem vive em depressão
Não julgue, jamais critique!
Está perto? Estenda a mão!
Não diga “*Fosse comigo!*”
Não compare com amigo
Com vizinho de outro bloco
Pergunte como se sente
Ouça muito atentamente
Mas depois, mude de foco!

V

Toda pessoa precisa
Pra viver saudavelmente
Ter cuidados com o corpo
Zelar também pela mente
Se estiver se atormentando
Não fique só esperando
Achando que um dia muda
Decida que você quer
Da maneira que puder
Reaja! Procure ajuda!

VI

Converse com um amigo
Conheça um belo lugar
Boas músicas, bons livros
Um banho de rio ou mar
Medita, faça oração
É fato que cada ação
Traz algo fundamental

Passo a passo, dia a dia
Busque boa companhia
E ajuda profissional.

VII

Nas estradas desta história
Há pedras pelo caminho
Mas eu insisto em dizer:
Você não está sozinho!
Por mais difícil que seja
O que o mundo lhe deseja
É a vida em plenitude
Pra isso não há demora
O seu momento é agora:
Cuide da sua saúde!

VIII

Depressão não tem idade
Não escolhe Sul ou Centro
Às vezes quem ri por fora
Está chorando por dentro
Busque quem lhe compreenda
Um profissional que atenda
E nova chance se dê
Para alcançar a saída
Ver de volta a cor da vida
Eu acredito em você!

Izabel Nascimento - Pedagoga, radialista, Presidente Fundadora da Academia Sergipana de Cordel e membro do Conselho de Cultura do Estado de Sergipe.

CARLOS LIN

CARTA-POEMA 1

Brasília, 04 de abril de 2020

Queridas filhas!

Que dias temos vivido no decorrer desses meses de distanciamento social! Que continuemos vivos por muitos e muitos anos. Que venham todas as horas, uma de cada vez.

Dias velozes, dias muito velozes. Dão até um arrepio na espinha. Novos protocolos de segurança para aprender e incorporar. Novas rotinas para uma vida melhor.

Os encontros sociais estão restritos, mas a deriva continua. Aperfeiçoamos alguma habilidade com os erros. Repito e busco outra coisa na repetição. Nisso, encontro-me com as flores. Belas e terríveis ao mesmo tempo. Apresentam o esplendor, fugas de uma mudança. Materializam o transitório de forma pungente. São símbolos do amor. São símbolos do erro e da capacidade de aperfeiçoar o erro. Nem sempre dá certo.

Alguns botões não chegam a desabrochar. Permanecem como uma promessa. Dão-se ao tempo em sua potência máxima e logram uma inscrição na esfera do possível. São pura virtualidade consumida num átimo.

Bolha de sabão que estoura no ar, nem por isso deixou de existir. Sua presença se edita na memória de uma inscrição passageira. Tudo é de passagem.

Damo-nos ao possível de nós mesmos. Sem mais nem menos. Na medida de uma destinação para cada um de nós.

Que dias melhores venham para a celebração do encontro, mesmo do vazio ou do cheio que nos habitam. Mesmo do nada e do tudo que enodam cada um dos nossos gestos, todos eles em um único acorde.

Boa vida, aqui e agora. Felicidades sempre. Que a música soe no abraço do tempo e no aconchego do espaço.

Beijos com amor.

De vosso pai, ...

CARTA-POEMA 2

Brasília, 12 de agosto de 2020

Queridas filhas!

Cinco meses de distanciamento social deram já muitos frutos. Aproveito para aprender o que não sei e nisso vivencio transformações. A construção do saber se dá pelo sujeito e só por ele.

Aprendi a cultivar colônias de bactérias e ativá-las de acordo com meus interesses. Produzo massa azeda e com ela faço o pão nosso de cada dia. Um com gergelim, outro com sementes de girassol, outro sem aditivos. É um requinte conquistado.

O sol nessa época é delicioso no planalto central do país. Que as delícias da vida derramem sobre vocês todas as graças.

Já acumulei um pequeno acervo de máscaras de proteção facial. Várias cores, vários formatos, vários ajustes. A mais recente possui um filtro lateral, é feita de neoprene e tem duas alças de elástico, uma para atrás do pescoço e outra para o alto da cabeça. Essa se ajusta muito bem à anatomia da face e cobre totalmente o nariz e a boca sem ficar escorregando para baixo.

No mais, sobreviveremos de uma maneira ou de outra. O aprendizado da vida exige certos compromissos. Que eles qualifiquem todas as nossas dedicações. Que os botões se abram em flores desabrochadas no esplendor de nossas vidas.

Seguimos no fluxo.

Saudades, beijos e abraços com amor.

De vosso pai, ...

Carlos Lin – Artista, Curador, Galerista, Professor de História da Arte e poeta.

AUTORRETRATO PANDÊMICO

Rodolfo Ward

Minutos de Felicidade em meio a uma eternidade de incertezas
O caos prevalece
A lógica totalizante é caótica
O abismo entre o coração e o estômago se aprofunda
A mente acelerada não para e o corpo precisa de repouso
Mais uma dose. Não sei se devo
A liberdade, libertina, efêmera, preenche os vazios. Vazios sempre
Futuros...
Avatares digitais seduzem minha mente
Do Digital para o real... Do gozo para a solidão... Vazio...
O que é real? Quanto tempo dura?
E, tudo se repete...
Liberdade? Não sei lidar... Nem sei o que é...
Imagens quiméricas criam a realidade coletiva
Alienação, conforto. Biombos para realidade
Qual a bola da vez para julgarmos, descarregarmos nosso ódio,
culpa, frustrações?
Quem iremos idolatrar?
Novos sonhos. Preciso de novos sonhos
O tempo é uma parede de concreto europeu que me empurra cada
vez mais rápido para frente. Rumo ao desconhecido. Temos que
ser mais rápidos... Entrar no ritmo do jogo
Pedras da África, água da América do Sul, areia da Indonésia,
Argila da Ásia

Preciso ajudar as pessoas. Preciso de ajuda. Mas não quero
Só queria resolver tudo de uma vez. Ganhar o jogo com uma
única carta
A vida me olha e sorri. Murmura, “Jovem”
Os Deuses nos assistem e querem ver nossa criatividade
Uma vida de alta performance e desempenho frente a brisa e o
som de um mar calmo
A natureza reivindica seu lugar
Nós somos a natureza
Ela está dentro de nós
Nós a machucamos
Não vemos mas sentimos
Um bloco de sensações e sentimentos
Movimentos circulares de eterno retorno criam o tempo da magia
As cenas, a memória, representam, mapeiam, orientam minha
percepção de mundo
Precisamos magicizar a vida...
Precisamos de poesia na vida...

Rodolfo “*The South American Sensation*” Ward

Produtor cultural, curador, artista e pesquisador transdisciplinar. Doutorando em Artes Visuais e Mestre em Arte Contemporânea pela linha de pesquisa, Arte e Tecnologia, da Universidade de Brasília - UnB (2019). Pós-graduado em Relações Internacionais pelo Instituto de Relações Internacionais IREL/UnB (2020). Pós-graduado em Análise Política e Políticas Públicas pelo Instituto de Ciência Política - IPOL/UnB (2018). Programador visual da UnB. Idealizador e Coordenador do Projeto Arte e Inovação em Tempos de Pandemia. Autor da obra *Wawekrurê: distintos olhares*, editado pela editora do Senado Federal (1ª edição em 2015 e 2ª edição em 2019), do livro *Narrativas e Representatividades: a interdisciplinaridade na comunicação* editado pela Editora da Universidade Federal do Tocantins - EDUFT (2017) e Organizador dos *Cadernos do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares - Ceam/UnB eds. 36, 37, 38 e 39* (2022).

Media Lab/UnB

Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares – Ceam/UnB

Universidade de Brasília - UnB

ORGANIZADOR:

Rodolfo Ward (UnB) - Produtor cultural, curador, artista e pesquisador transdisciplinar. Doutorando em Artes Visuais e Mestre em Arte Contemporânea pela linha de pesquisa Arte e Tecnologia, da Universidade de Brasília – UnB (2019). Pós-graduado em Relações Internacionais pelo Instituto de Relações Internacionais IREL/UnB (2020). Pós-graduado em Análise Política e Políticas Públicas pelo Instituto de Ciência Política – IPOL/UnB (2018). Programador visual da UnB. Idealizador e coordenador do Projeto Arte e Inovação em Tempos de Pandemia. Autor da obra *Wawekrurê: distintos olhares*, editado pela editora do Senado Federal (1ª edição em 2015 e 2ª edição em 2019) e do livro *Narrativas e Representatividades: a interdisciplinaridade na comunicação* editado pela Editora da Universidade Federal do Tocantins – EDUFT (2017).

AUTORES:

German Labrador Mendez (Princeton University) - Professor associado do Departamento de Espanhol e Português da Universidade de Princeton desde 2008. Seus interesses abrangem várias áreas e englobam história literária e cultural, estudos de memória, poesia, movimentos sociais e culturas urbanas. Sua principal área de pesquisa é a Espanha Moderna e Contemporânea. Lecionou na Universidade de Salamanca (Espanha) e na Universität Hamburg (Alemanha). É autor de livros, como “Letras arrebatadas, Poesía y química en la transición española” (*Raptured Letters: Chemical Poetry during the Spanish Transition to Democracy*) e “Culpables por la literatura. Imaginación política y contracultura en la transición española” (*Guilty of Literature. Political Imagination and Counter-Culture in the Spanish Transition to Democracy*).

Viviane Resende (Diretora do Ceam) - Diretora do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares – Ceam/UnB. Doutora em Linguística (Linguagem e Sociedade) pela Universidade de Brasília (UnB), Viviane Resende é professora associada do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP/UnB). É pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UnB), orientando na área de Linguagem e Sociedade, especificamente em Estudos Críticos do Discurso. Coordenadora do Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade (NELiS/Ceam/UnB) e do Laboratório de Estudos Críticos do Discurso (LabEC/UnB).

Ami Schiess (Stanford/USA) - Doutora de Culturas Ibéricas e Latino-Americanas da Universidade de Stanford (setembro de 2020) e mestre de Literaturas e Linguística Hispânicas da Universidade de Massachusetts-Amherst. Sua especialização é na literatura, crítica e teoria brasileira moderna e contemporânea, com concentração teórica nos âmbitos dos novos materialismos, a tradução, e a antropologia comparada. Seu projeto atual é uma tradução crítica do poema modernista *Cobra Norato* (1931) de Raul Bopp.

Romina Wainberg (Stanford/USA) - doutoranda em Culturas Ibéricas e Latino-Americanas na Universidade de Stanford. Tem uma Especialização em Escrita Narrativa pela Casa de Letras, uma Licenciatura em Letras pela Universidade de Buenos Aires e um Mestrado em Estudos Hispânicos pela Universidade de Glasgow. Seus interesses de pesquisa incluem a interseção da literatura latino-americana com outros âmbitos do saber, como os estudos de mídia, a filosofia da tecnologia, a estética, a teoria musical, a antropologia comparada e os estudos LGBTQ+.

José Geraldo (Direito/UnB) - Professor Titular da Faculdade de Direito e ex-Reitor da Universidade de Brasília (UNB). Possui graduação em Ciências Jurídicas e Sociais pela Associação de Ensino Unificado do Distrito Federal (1973), mestrado em Direito pela Universidade de Brasília (1981) e doutorado em Direito (Direito, Estado e Constituição) pela Faculdade de Direito da UnB (2008). Atualmente é professor titular da Universidade de Brasília, atuando na Faculdade de Direito (graduação e pós-graduação) e no CEAM- Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (Pós-Gradua-

ção - mestrado e doutorado - em Direitos Humanos e Cidadania). Ensina, faz extensão e pesquisa na área de Direito, com ênfase em Teoria do Direito, principalmente nos seguintes temas: direito achado na rua, direito, cidadania, direitos humanos e justiça.

Suzete Venturelli (UnB/Anhembí Morumbi) - Pesquisadora artista e professora titular do Instituto de Artes da Universidade de Brasília (UnB). Realizou pós-doutorado na Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes (2014); doutorado em Artes e Ciências da Arte, na Universidade Sorbonne Paris I (1988), orientação Bernard Teyssède; Mestrado em Esthétique et Science de l'Art DEA. Université Paris 1 Pantheon Sorbonne, PARIS 1, França (1982) e mestrado (DEA) em Histoire et Civilisations - Université Montpellier III - Paul Valery, França, intitulada Candido Portinari: 1903-1962 (1981). Graduada em Licenciatura em desenho e plástica, Universidade Mackenzie em São Paulo (1978). Desde 1986 atua como professora, artista e pesquisadora da Universidade de Brasília, Instituto de Artes, departamento de Artes Visuais. Atualmente leciona na Universidade Anhembí Morumbi, localizada no estado de São Paulo.

Avelin Buniacá (Líder Indígena Minas Gerais) - Indígena, socióloga e especialista em gênero, raça e ensinamentos religiosos.

Juliana Passos (Dança/IFB) - Docente do Curso de Licenciatura em Dança do Instituto Federal de Brasília desde fev/2018 e Coordenadora do Curso desde dez/2018. Doutora em Artes da Cena do Instituto de Artes da Unicamp em 2016 (bolsa FAPESP 2012/2016). Mestre em Artes da Cena pelo Instituto de Artes da Unicamp em 2012 (bolsa Fapesp 2010/2012). Graduada no Curso de Licenciatura em Dança (2010) e Bacharelado em Dança (2008) pela Unicamp.

Antenor Ferreira (MUS/UnB) - Músico, compositor, percussionista, pesquisador, produtor cultural e professor associado da Universidade de Brasília (UnB). Coordenador do Media Lab/UnB.

Maria Cristina (MUS/UnB) - doutora em Música (2007), área de concentração Educação Musical, pelo Programa de Pós-graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Em 2017/2 realizou estágio pós-doutoral na Suécia pelo programa de cooperação CAPES/STINT - Programa Cooperação CAPES/Swedish Foundation for International Cooperation in Research and Higher Education com apoio financeiro da CAPES. É professora adjunta no Departamento de Música da Universidade de Brasília (MUS/IdA/UnB), onde atua na área de Educação Musical e Formação de Professores de Música. Na pós-graduação, atua no Programa Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES, UnB, sendo vice-coordenadora do programa.

Célia Xakriabá (Líder Indígena Minas Gerais/UFMG) - Professora ativista indígena do povo Xakriabá em Minas Gerais, Brasil. A luta dela centra-se na reestruturação do sistema educacional, no apoio às mulheres e à juventude dentro dos Xakriabá; e na mudança das fronteiras geográficas para manter seu território.

Jaider Esbell (Artista Indígena) - Foi um escritor, artista, arte-educador, geógrafo, produtor cultural e curador brasileiro e um ativista dos direitos indígenas. Foi um dos destaques da 34ª Bienal de São Paulo e um dos artistas macuxis mais renomados de Roraima, trabalhando com a arte a vivência indígena. Nasceu em Normandia, estado de Roraima, e viveu, até aos 18 anos, onde hoje é a Terra Indígena Raposa – Serra do Sol (TI Raposa – Serra do Sol).

GOG (Rapper Distrito Federal/DF) - Rapper, cantor, e escritor brasileiro. É considerado um dos pioneiros do Hip Hop Brasileiro. Desde o início da carreira, ganhou a alcunha de Poeta.

Ingrid Koudella (Teatro/USP) - Escritora, tradutora, encenadora e professora universitária brasileira, uma das figuras centrais no estudo da pedagogia e didática do teatro. Doutora em Artes Cênicas pela USP e é professora associada aposentada pela mesma universidade. Também é tradutora de literatura alemã, com três indicações para o Prêmio Jabuti na categoria de Tradução.

Elimar Nascimento (CDS/UnB) - Sociólogo e trabalhou na França, Moçambique, Equador, Uruguai. Doutorado na Universidade René Descartes, Paris V e pós-doutorado na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, Paris. Professor nas Universidades Eduardo Mondlane, em Maputo/Moçambique; Federal da Paraíba; Federal de Pernambuco e UnB, desde, 1987. Foi coordenador da pós-graduação em sociologia rural / UFPb (1980/1981) e em sociologia/UnB (1990/1991); secretário de Ciência e Tecnologia do DF (1996/1997) e diretor do CDS/UnB (2007/2011). Autor do livro - Um Mundo de riscos e desafios. Brasília: FAP, 2020.

Chico Perna (Poeta/UFG) - Poeta e contista, Francisco Perna Filho é Mestre e Doutor em Letras e Linguística: Estudos Literários-UFG. Professor Universitário, crítico literário, pertence a Academia Palmense de Letras. Em 2014, foi um dos vencedores do Prêmio Off FLIP de Literatura (Poesia), e, em 2017, finalista deste mesmo Prêmio, na mesma categoria. É autor de vários livros e artigos.

Ian Erickson-Kery (Duke University/USA) - Ph.D Candidate in Spanish and Portuguese at Duke University. His dissertation, tentatively titled *Design Thresholds: Aesthetics and the Politics of Planning in Mexico City and São Paulo, 1967-85*, examines the interwoven practices of designers, filmmakers, and visual artists working in marginal or subaltern urban zones in the wake of modernist planning projects. Prior to coming to Duke, he earned his B.A. in Comparative Literature from Columbia University; worked at *e-flux*, a web journal and platform for contemporary art and theory located in New York; and participated in a year-long artistic research residency at Capacete, a cultural center in Rio de Janeiro.

Gilberto Prado (ECA-USP/UAM) - Gilberto Prado, artista multimídia e professor do Departamento de Artes Plásticas da ECA-USP é coordenador do Grupo Poéticas Digitais. Estudou Engenharia e Artes Plásticas na Unicamp e em 1994 obteve seu doutorado em Artes na Universidade Paris I – Panthéon Sorbonne. Foi professor do Instituto de Artes da Unicamp e professor convidado da Universidade Paris 8. Tem realizado e participado de inúmeras exposições no Brasil e no exterior. Recebeu o 9º Prix Möbius

International des Multimédias, Beijin, 2001 (Menção Especial) e o 6º Prêmio Sergio Motta de Arte e Tecnologia, 2006, entre outros. Publicou em 2003 o livro *Arte Telemática*, pelo Itaú Cultural. Trabalha com arte em rede e instalações interativas.

Mídia Índia [Coletivo Fotodocumental] - Mídia Índia é projeto de formação de uma rede de comunicação descentralizada que produz e difunde conteúdos e pautas inerentes a questão indígena no Brasil, respeitando as especificidades de cada povo, partir da lógica colaborativa de compartilhamento e de comunicação, conectando e empoderando jovens indígenas de todo o país. Possibilita a troca de tecnologias, experiências e principalmente a representatividade indígena nos meios de comunicação com a difusão de suas lutas e como mais uma ferramenta de exigência de direitos.

Jaidier Esbell (Artista Indígena/RR) [Pintura] - Foi um escritor, artista, arte-educador, geógrafo, produtor cultural e curador brasileiro e um ativista dos direitos indígenas. Foi um dos destaques da 34ª Bienal de São Paulo e um dos artistas macuxis mais renomados de Roraima, trabalhando com a arte a vivência indígena. Nasceu em Normandia, estado de Roraima, e viveu, até aos 18 anos, onde hoje é a Terra Indígena Raposa – Serra do Sol (TI Raposa – Serra do Sol).

Nireuda Longobardi (SP) [Xilogravura] - Estudou educação artística e habilitação em artes plásticas na Faculdade de Belas Artes de São Paulo, e especialização em gestão, planejamento e educação ambiental pela UNISA. Ilustra e escreve livros infantis e juvenis para diversas editoras.

Luiza Gunther (IDA/UnB) - Professora do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília, atua como pesquisadora no PPG-Arte, na linha de pesquisa -Deslocamentos e Espacialidades-. Por entre diferentes e distintos interesses, desenvolve considerações verbovisuais em: desenho/grafismo/ilustração; metodologias para o ensino de artes; escritos de artista/livroobjeto/intermidia; métodos de pesquisa em artes; performance/fotodança/dança contemporânea; panfletagem e mecanismos de circulação; sociologia da arte e crítica cultural.

Christus Nóbrega (IDA/UnB) - Artista e Professor do Departamento de Artes Visuais (VIS) da Universidade de Brasília (UnB). Doutor e Mestre em Arte Contemporânea pela UnB. Leciona e orienta nos curso de Pós-Graduação em Artes da mesma instituição. Sua pesquisa poética parte das teorias do território e da viagem, atravessadas por ideias de ficção e memória, história social e individual. Utiliza a residência artística e a alteridade como métodos. Vem participando regularmente de exposições nacionais e internacionais.

Susana Dobal (FAC/UnB) [Fotografia] - fotógrafa e professora na Universidade de Brasília. Participou de diversas exposições e esteve entre os finalistas premiados do Prêmio Mestre d'Armas (Planaltina, 2016) e Prêmio Nacional de Fotografia Pierre Verger (2019) – categoria Inovação e Experimentação. Coordena um grupo de pesquisa sobre Narrativas Visuais registrado no CNPq.

Duda Bentes (FAC/UnB) [Fotografia de Celular] - Doutor em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB) em 2020. Possui o grau de Bacharel em Ciências Sociais (1990) e Mestre em Comunicação (1997), ambos os títulos outorgado pela UnB. É professor assistente lotado no Departamento de Audiovisuais e Publicidade da Faculdade de Comunicação da UnB. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Fotografia, atuando principalmente nos seguintes temas: fotografia, comunicação visual, epistemologia da comunicação, informação e novas tecnologias.

Rodolfo Ward (UnB) – Produtor cultural, curador, artista e Pesquisador transdisciplinar. Doutorando em Artes Visuais e Mestre em Arte Contemporânea pela linha de pesquisa, Arte e Tecnologia, da Universidade de Brasília – UnB (2019). Pós-Graduado em Relações Internacionais pelo Instituto de Relações Internacionais IREL/UnB (2020). Pós-Graduado em Análise Política e Políticas Públicas pelo Instituto de Ciência Política–IPOL/UnB (2018). Programador Visual da UnB. Idealizador e Coordenador do Projeto Arte e Inovação em Tempos de Pandemia. Autor da obra *Wawekrurê: distintos olhares*, editado pela editora do Senado Federal (1ª edição em 2015 e 2ª edição em 2019) e do livro *Narrativas e Representatividades: a interdisciplinaridade na comunicação* editado pela Editora da Universidade Federal do Tocantins – EDUFT (2017).

Daiara Tukano (Artista Indígena/Tukano) [Pintura] - Daiara Hori Figueroa Sampaio - Duhigô, do povo indígena Tukano – Yé'pá Mahsã, clã Eremiri Hãusiro Parameri do Alto Rio Negro na Amazônia brasileira, nascida em São Paulo. Artista, ativista, educadora e comunicadora. Mestre em direitos humanos pela Universidade de Brasília - UnB; pesquisa o direito à memória e à verdade dos povos indígenas; Coordenadora da Rádio Yandê, primeira web-rádio indígena do Brasil - www.radioyande.com . Estuda a cultura, história e espiritualidade tradicional de seu povo junto à sua família. Reside em Brasília, DF.

Denilson Baniwa (Artista Indígena/Baniwa) - Denilson Baniwa, nasceu em Mariuá, Rio Negro, Amazonas. É indígena, comunicador e artista parido no Movimento Indígena Amazônico. Em trânsito pelos mundos experimenta seus processos artísticos e a partir da antropofagia e autofagia da arte busca o entendimento do Outro, seja ele humano ou não.

Ester Cruz (Artista-DF) - Ester Cruz (nascida em 1998) é Fotógrafa, Diretora de Fotografia, Produtora e Web designer que reside em Brasília. Formada em Fotografia no Instituto Iesb, tem seu trabalho focado na estética negra, seus retratos são usados como uma busca para desenvolver um novo olhar ao negro, de uma forma além dos estereótipos e dando ênfase aos detalhes de cada especificidade da pele negra.

Lab Front (UEMG) - Grupo de pesquisa, desenvolvimento e inovação Laboratório de Poéticas Fronteiriças (CNPq/UEMG). Caso queiram saber mais sobre o LabFront, nossas pesquisas, curadorias, outras obras e aplicações ou bibliografias disponíveis gratuitamente, recomendamos o acesso ao website do grupo de pesquisa: <http://labfront.tk>

Walescka Pino-Ojeda (Director New Zealand Centre for Latin American Studies - NZCLAS) - Professora Associada da Universidade de Auckland, Nova Zelândia. Sua Pesquisa se preocupa com as maneiras pelas quais as artes apresentam e contestam o poder hegemônico. Ao analisar os desenvolvimentos sociais e políticos latino-americanos na era pós-autoritária (1980-presente), estudou o papel da literatura, mas agora examina principalmente a músi-

ca popular, o cinema e o ativismo cívico no contexto do neoliberalismo e do trauma social. Está concluindo um volume sobre o papel da cultura na consolidação dos processos de redemocratização no Chile pós-autoritário.

Lidia Zuin (Unicamp e UOL TAB) [ficção científica, futurologia e tentativas de prever ou imaginar o futuro] - Jornalista graduada em Comunicação Social pela Faculdade Cásper Líbero, mestre em semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e doutoranda em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Campinas. Atua como pesquisadora em futurologia, escritora de ficção científica, professora do curso de pós-graduação em Design Estratégico do Instituto Europeo di Design, colunista do Tab UOL e do site O Futuro das Coisas, além de ser colaboradora de empresas como Envisioning, Disruptive Futures Institute e UP Lab.

Daniela Garrossini (IDA/UnB) [Trajetórias Culturais em Fluxos] - Possui graduação em Desenho Industrial pela Universidade de Brasília (2000), mestrado em Engenharia Elétrica pela Universidade de Brasília (2003) e doutorado em Comunicação pela Universidade de Brasília (2009) e pós-doutorado no Centro de Estudos Superiores de Comunicación para América Latina (CIESPAL). É Professora adjunta da Universidade de Brasília, do Instituto de Artes, Departamento de Design. Atualmente é professora visitante do Instituto de Altos Estudios Nacionales (IAEN) do Equador, participante de grupo de pesquisa Compolíticas da Universidad de Sevilla, Professora visitante - Universidad de Sevilla (Espanha), Pesquisadora - representante do Brasil da Rede Internacional “Tecnopolítica: Redes, Poder e Ação Coletiva”, Coordenadora de Cátedra de Tecnopolítica Julian Assange e Cátedra Luiz Ramiro Beltran e Professora visitante do Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina (CIESPAL), Vocal de comunicação da União Latina de Economía Política da Informação, da Comunicação e da Cultura (ULEPICC FEDERAL).

Gabriel Lyra (IDA/UnB) [Trajetórias Culturais em Fluxos] - Possui doutorado em Artes pela Universidade de Brasília, com área de concentração em Arte & Tecnologia (2018), mestrado em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás, com área de concentração em Processos e Sistemas Visuais

(2011), graduação em História pela Universidade Federal de Goiás (2003). É Professor Adjunto I do Departamento de Design da Universidade de Brasília e Coordenador de Graduação no mesmo Departamento. Atua no campo do Design, pesquisando fenômenos de produção cultural com enfoque em sua complexidade, partindo do ferramental dos estudos culturais e das abordagens sistêmicas. Também pesquisa a relação entre representação e atividade projetual, com foco no desenho de objetos. Coordena o Protip, laboratório de prototipagem digital do Departamento de Design da Universidade de Brasília, onde desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão voltadas para os processos de fabricação e prototipagem digital.

Valeska Zanello (IP/UnB) [Mensagens de Whats App masculinas na pandemia] - Possui graduação em Filosofia pela Universidade de Brasília (2005), graduação em Psicologia pela Universidade de Brasília (1997), e doutorado em Psicologia pela Universidade de Brasília (2005) com período sanduíche de um ano na Université Catholique de Louvain (Bélgica). Professora Associada 2 do departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília. Foi coordenadora do programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPGPSICC)/UnB de agosto de 2019 a março de 2021. Orientadora de mestrado e doutorado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PSICC). Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em SAÚDE MENTAL e GÊNERO. Coordena o grupo de pesquisa “Saúde Mental e Gênero” (foco em mulheres) no CNPq, o qual realiza uma leitura do campo da saúde mental sob um viés feminista das relações de gênero (e interseccionalidades com raça e etnia) no que diz respeito à epistemologia, semiologia, diagnóstico psiquiátrico e prática profissional. Blog do grupo SAÚDE MENTAL E GÊNERO: <https://saudentalegenero.wordpress.com/>.

Iara Flor Richwin (IP/UnB) [Mensagens de Whats App masculinas na pandemia] - Psicóloga com experiência e atuação clínicas no campo da atenção e cuidado a usuários de drogas (CAPS-AD/GDF de 2011 a 2016), no sistema socioeducativo para adolescentes em conflito com a lei do Distrito Federal (2008 - atual) e em consultório particular. Pesquisadora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da UnB, no

qual realiza atualmente pesquisa de pós-doutorado sobre saúde mental de mulheres que estão em situação de rua e de mulheres que fazem uso de crack.

Felipe de Baére (IP/UnB) [Mensagens de Whats App masculinas na pandemia] - Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPG-PsiCC/UnB). Especialista em Teoria Psicanalítica pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Mestre em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC), com projeto no campo da suicidologia, com enfoque em gênero e sexualidade. Graduado em Jornalismo pelo Instituto de Educação Superior de Brasília (2009). Graduado em Psicologia pela Universidade de Brasília, com tripla habilitação - Licenciatura em Psicologia; Bacharelado em Psicologia e Habilitação Psicólogo - (2016).

Lourdes Bandeira (SOL/UnB) [Crimes de Femicídio] – Professora Titular Sociologia da UnB. Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS (1970 – 73), mestrado em Sociologia pela Universidade de Brasília-UnB (1975-78) e doutorado em Antropologia – Université René Descartes – de Paris V (1979-84). Realizou Pós-Doutorado na área de Sociologia do Conflito com o Prof^o. Michel Wieviorka, na École des Hautes Études en Sciences Sociales-EHESS(2001-2002). A partir de 2005 é Professora Titular no Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília. Tem experiência acadêmica e docente, além de publicações e orientações, na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia Urbana e da Cultura – Gênero, Feminismo, Violência de Gênero, e Políticas Públicas. Atua principalmente nos seguintes temas: Conflito e violência nas relações de gênero, cidadania, mulheres, feminismo e políticas públicas.

Renísia Garcia (FE/UnB) [Decolonialismo] interseccionalidade nas ações decoloniais de mulheres negras: notas teórico-metodológicas] - Prof^{fa} Associada da Faculdade de Educação/Universidade de Brasília- UnB. Pós-doutora em Sociologia pelo Centro de Investigação em Ciências Sociais (CICS) Universidade do Minho (UMinho) (Braga/Portugal, 2016/2017). Doutora em Educação (UnB-2010), Historiadora (UFU-2002); Especialista em Filosofia (UFU-2004) e Mestre em História Social (PUC/SP-2007). Atuou

como Conselheira no Conselho Nacional para a Promoção de Políticas de Igualdade Racial - Cnpir (2015/2016). Conselheira do Conselho de Direitos Humanos - CDH/UnB. Diretora Acadêmica da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as - ABPN (2014/2016). Coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros - NEAB/UnB (desde 2014). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Públicas, História, Educação das relações raciais e gênero (Geppherg). Investigadora do Programa de Pós Graduação em Direitos Humanos - PPGDH/UnB.

Thânisia Marcella (FE/UnB) [Decolonialismo] - interseccionalidade nas ações decoloniais de mulheres negras: notas teórico-metodológicas].

Marco Antônio Valentim (UFPR) [Ideias ameríndias transmitidas pela etnografia e pela antropologia contemporânea] - Professor do Departamento de Filosofia (2006-) e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Paraná (2007-). Bacharel em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (2000). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002). Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007). Fez estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional do Rio de Janeiro (2012-2013) e no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2017-2018).

Viviane Vieira (LIT/UnB) [Leitura Crítica do Discurso em Tempos de Pandemia] - Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília. Doutora e Mestra em Linguística/Linguagem e Sociedade pela Universidade de Brasília. Realizou estágio pós-doutoral no Programa de Estudos Pós-graduados em Língua Portuguesa da PUC-SP. Editora dos Cadernos de Linguagem e Sociedade (<https://periodicos.unb.br/index.php/les>). Vice-Coordenadora do Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade (NELiS) e do Laboratório de Estudos Críticos do Discurso (LabEC-CNPq). Desenvolve o projeto Discurso e sistema colonial-moderno de gênero: letramentos Críticos, na linha de pesquisa Discurso e Recursos Sociossemióticos em uma Perspectiva Crítica. vivi@UnB.br. <http://lattes.cnpq.br/4387078593030203>.

Profa. Denise Moraes [FACES da Pandemia: memórias afetivas (FAC/UnB)] – Pós-graduação em Comunicação pela Universidade de Brasília, graduação em Cinema e Audiovisual pela Universidade Paris VIII (1996), e graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília (1992). É professora doutora no curso de Audiovisual da Faculdade de Comunicação, na Universidade de Brasília, onde também desenvolveu sua tese de doutorado “Cinema de ficção contemporâneo e modos de habitar transitórios”. Sua pesquisa se centraliza em modos de habitar representados em filmes de ficção de diferentes nacionalidades inseridos em um contexto de imaginário diante das problemáticas do mundo urbano, buscando estabelecer um diálogo entre Cinema e Arquitetura.

Tânia Cristina e Marileuza Chiarello (CDT/UnB) [A importância do NITCDT/UnB: ciência, ética e inovação na pandemia do Cov19] - Coordenadora do Núcleo de Empreendedorismo, Desenvolvimento Empresarial e Social do NITCDT/UnB (CEDES); Coordenadora da Multincubadora de Empresas do NITCDT/UnB; Membro permanente do Mestrado em Propriedade Intelectual, Transferência de Tecnologia para Inovação (PROFNIT-UnB); Professora do Curso de Bacharelado em Gestão Ambiental – Divisão de Ciências Sociais e Humanas (GAM/CSH/UnB). Colaboraram para este artigo: Jonathas Felipe Aires (Mestre em Desenvolvimento Rural Sustentável (MADER/UnB); Bolsista PI&D NITCDT/UnB); Ana Claudia Oliveira (Mestre em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação-PROFNIT/Um; Coordenadora Cerne da Multincubadora UnB (NME/CEDES/UnB); Ana Clara Pova (Servidora Técnico-Administrativa do NITCDT/UnB. Discente do Programa de Pós-graduação em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação (PROFNIT).

Sônia Marise (SOL/UnB) [Reflexões sobre a Educação para a Inovação e o Empreendedorismo: criação, flexibilidade e autonomia como motores da transformação das organizações contemporâneas] - Professora do Núcleo de Inovação Tecnológica da Universidade de Brasília (NITCDT/UnB); Membro permanente do Mestrado Profissional em Propriedade Intelectual, Transferência de Tecnologia e Inovação (PROFNIT); Coordenadora da Escola de Empreendedores do NITCDT/UnB e coordenadora da Incubadora de Tecnologia Social.

Maria Emilia Machado Telles Walter [Pesquisa e inovação na Universidade de Brasília e os projetos de combate à pandemia de Covid-19] - Decana de Pesquisa e Inovação da Universidade de Brasília – (DPI/UnB). Possui graduação em Matemática pela Universidade de Brasília (1980), mestrado em Matemática pela Universidade de Brasília (1986) e doutorado em Ciência da Computação pela Universidade Estadual de Campinas (1999). Atualmente é professora adjunta da Universidade de Brasília.

Cláudia Naves (DPI/UnB) [Pesquisa e inovação na Universidade de Brasília e os projetos de combate à pandemia de Covid-19] - Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília (1987), mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília (1997) e doutorado em Tecnologias Energéticas e Ambientais na Università degli Studi di Roma “La Sapienza” (2001), com tese desenvolvida no Politecnico di Milano (Italia) e ZAE Bayern - Wuerzburg (Alemanha). Atualmente é Professora Associada da Universidade de Brasília (UnB), Coordenadora do Laboratório de Controle Ambiental (LACAM). Foi vice Diretora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de 2011 a 2015 e Coordenadora do Programa de Pós Graduação da FAU de 2011 a 2013. Atual coordenadora da Divisão 3 do CIE-Brasil (Commission Internationale del`Eclairage) e pesquisadora da Task 50 da IEA (International Energy Agency).

Natalia Castro Picón (Princeton University) - Natalia Castro Picón terminou seu doutorado no The Graduate Center (City University of New York) e seu B.A. na Universidade Complutense de Madrid. Os seus principais campos de estudo são a literatura e cultura ibérica moderna e contemporânea, bem como as relações transatlânticas ibéricas no contexto neoliberal. Ela combina em suas pesquisas e aulas ferramentas e métodos dos Estudos Culturais com uma perspectiva glotopolítica, que se concentra na condição política da linguagem e do discurso.

Oswaldo Montenegro (Músico Brasileiro - 2 Poesias) – Músico, cineasta, diretor, compositor, escritor, roteirista. Vencedor de prêmios nacionais e internacionais. No cinema “Léo e Bia”, lançado em 2010, é consagrado pela crítica e recebe os prêmios de Melhor Trilha Sonora (Oswaldo Montenegro)

e Melhor Atriz (Paloma Duarte), no Festival de Cinema Cine PE. É exibido em Los Angeles, no LABRFF, e em NY, no Brazilian Endowment for the Arts Film Society. “O Perfume da Memória”. Este recebe os prêmios de Melhor Som e Música no “Open World Toronto Film Festival”, Melhor Filme Estrangeiro no “California Film Awards” e é classificado para o “Richmond International Film Festival”. Como cantor 1979 - 3º lugar no festival da extinta TV Tupi, com “Bandolins”. 1980 - 10 lugar e Melhor Intérprete no festival da Globo MPB 80, com “Agonia”, de Mongol. 2005 - Prêmio Austregésilo de Athaíde, na categoria de melhor cantor.

Eliane Potiguara (Rede Grumin de Mulheres Indígenas - 2 poesias) - Eliane Potiguara, considerada a primeira escritora indígena do Brasil, recebeu em dezembro de 2021 o título de doutora “*honoris causa*”, do Conselho Universitário (Consuni), órgão máximo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É Embaixadora Universal da Paz em Genebra (Cercle Universel des Ambassadeurs de la Paix – Genebra – Suíça). Eliane teve seu nome indicado após a reunião do Círculo Universal dos Embaixador da Paz, entidade ligada a ONU (Organização das Nações Unidas) para trabalhar a favor da paz no mundo.

Elizandra Souza (Coletivo Mjiba em Ação/SP - 2 poesias) - Escritora, poeta, editora, jornalista e ativista cultural, é integrante do Sarau das Pretas. Escreveu *Filha do fogo - 12 contos de amor e cura* (2020), *Águas da cabaça* (2012) e *Punga* (2007). Foi editora da Agenda Cultural da Periferia na Ação Educativa e atualmente é Educadora de Comunicação na Associação Bloco do Beco. Instagram/literaturanegrafeminina

Marcia Wayna Kambeba (Poetisa Indígena/PA - 2 poesias) - De etnia Omáguá/Kambeba, nasceu numa aldeia ticuna, onde viveu até os oito anos de idade, quando se mudou com a família para São Paulo de Olivença. Graduiu-se em Geografia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Fez o mestrado na Universidade Federal do Amazonas e pesquisa o território e identidade da sua etnia. Como poeta, adotou o nome indígena Wayna. Sua poesia mostra semelhanças com a literatura de cordel e reflete a violência contra os povos indígenas e os conflitos trazidos pela vida na cidade.

Aline Pachamama (Poetisa Indígena/UFRRJ) - Aline Rochedo Pachamama-Churiah Puri, indígena da etnia Puri, historiadora, escritora e ilustradora. Doutora em História Cultural pela UFRRJ. Mestre em História Social pela Uff e Doutora em História Cultural pela UFRRJ. Idealizadora da Pachamama Editora, (editora formada por mulheres indígenas). Participa dos Movimentos dos Povos Originários e elabora e executa projetos em prol da divulgação da Cultura Indígena. Lecionou em todas as séries do Ensino Fundamental, Ensino Médio em instituições de renome como o Cap UERJ e formação de professores. Tem experiência no Ensino Superior em Universidades como UVA e UNIMSB.

Julie Dorrico (Poetisa Indígena PUCRS - 2 poesias) - Indígena da nação Mucuxi. Dra. em Teoria da Literatura (PUCRS) Pesquisadora e curadora de Literatura Indígena. Bookstagram: @leiamulheresindigenas.

Carlos Lin (FACDM - DF - 2 poesias) – Carlos Silva é artista visual, historiador da arte, mestre em artes, especialista em psicologia e em educação, curador independente. Produz e publica textos relativos à história da arte e à produção de artistas de Brasília. Foi membro de Conselho de Cultura do DF e professor da UnB. Atualmente, é diretor da Galeria Casa do Shopping Casa Park.

Benny Schvarsberg (FAU/UnB - 2 poesias) - Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal Fluminense (1982), mestrado em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1989) e doutorado em Sociologia Urbana pela Universidade de Brasília (1993). Atualmente é professor titular da Universidade de Brasília. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Planejamento e Projeto do Espaço Urbano, atuando principalmente nos seguintes temas: planejamento urbano, política urbana, planejamento e gestão territorial, política regional e urbanismo, legislação urbanística, planos diretores e instrumentos de planejamento e política urbana. Foi Chefe do Departamento de Urbanismo (1993 - 1994) e Coordenador do Programa de Pós-graduação da FAU/UnB (1993 - 1995). Foi Diretor de Projetos (1995-1998) e Diretor-Presidente (1998) do IPDF - Instituto de Planejamento Territorial e Urbano do DF. Foi Diretor de Planejamento

Urbano (2003 - 2006) e Secretário Nacional de Programas Urbanos (2006 - 2007) do Ministério das Cidades. Foi Secretário Executivo da ANPUR - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (2013 -2014). Foi Conselheiro do CONPLAN - Conselho de Planejamento Territorial e Urbano do DF (2011 -2014). Foi Diretor de Política Urbana do SINARQ-DF - Sindicato dos Arquitetos do DF(1999 - 2000). É pesquisador do Grupo de Pesquisa Paisagem, Projeto e Planejamento do Laboratório de Estudos da Urbe (PPP-LabeUrbe), membro da Câmara Técnica de Revisão do PLANDHIS - Plano de Habitação de Interesse Social do DF, e conselheiro do Instituto dos Arquitetos do Brasil - IAB-DF.

Kaká Werá (Escritor e ambientalista Tapuia - 2 poesias) - Kaká Werá Jecupé (São Paulo, São Paulo, 1964-), escritor, ambientalista e tradutor. É descendente do povo Tapuia e acolhido pelos guarani, junto aos quais desenvolve uma extensa pesquisa histórica, linguística e cultural. Envolvido em processos educativos, atua na valorização, registro e difusão dos saberes ancestrais de povos indígenas.

Julie Oliveira (Cordel Sem Machismo - 2 poesias) - poeta cordelista, pedagoga, produtora cultural e editora. Fundou a Ganesha Edições e Produções Culturais e o Coletivo e Selo Editorial “Cordel de Mulher”. Possui 10 livros editados, premiados e distribuídos nacionalmente em programas de educação. Como agente e publisher, possui consolidada trajetória, tendo editado e coeditado cerca de 100 títulos, dentre eles o primeiro livro do global Bráulio Bessa intitulado “Poesia com Rapadura”, obra esta considerada um best-seller com mais de 100.000 mil exemplares vendidos.

Izabel Nascimento (Cordel Sem Machismo - 2 poesias) - Pedagoga, radialista, Presidente Fundadora da Academia Sergipana de Cordel e membro do Conselho de Cultura do Estado de Sergipe

ARTE E INOVAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

PARCERIA TRANSDISCIPLINAR:



MEDIA
LAB/UNB

MEDIA
LAB/BR

MEDIA
LAB/UFG



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



UnB Decanato de Pesquisa e Inovação



APOIO

Media Lab/UnB e Media Lab/BR

Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares/Ceam/UnB

Editora do Senado Federal

Decanato de Pesquisa e Inovação/DPI/UnB

UnB

PATROCÍNIO

Comitê de Pesquisa, Inovação e Extensão de combate à Covid-19 da UnB (Copei)/UNB

*Secretário de Estado de Cultura e Economia Criativa do DF (SECEC)
Aldir Blanc Distrito Federal*

Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia, Turismo e Cultura do Estado do Tocantins – Adetuc

Aldir Blanc Tocantins

In memoriam

Das mais de 620 mil vítimas da covid-19 no Brasil e dos seus familiares.

Da professora do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares – Ceam/UnB e professora titular de Sociologia – SOL/UnB, Dra. Lourdes Bandeira, referência nos estudos sobre a mulher, que nos deixou seu último artigo nesta publicação (1949-2021).

Do brilhante polímata e artista indígena contemporâneo, Jaider Esbell, referência na arte indígena e brasileira (1979-2021).



BAIXE GRATUITAMENTE
ESTE LIVRO EM SEU CELULAR

Encontre este livro gratuitamente em formato digital acessando: livraria.senado.leg.br

SENADO FEDERAL

